

ATAS/ANNAIS 2014

XXI COLÓQUIO DA LUSOFONIA

TERRACE CAFÉ O MOINHO, PORTO FORMOSO,
S. MIGUEL, AÇORES

ISBN: 978-989-8607-03-4



XXI COLÓQUIO DA LUSOFONIA – AICL

ISBN: 978-989-8607-03-4

A LUSOFONIA ATLÂNTICA

MOINHO TERRACE CAFÉ, PRAIA DOS MOINHOS, PORTO FORMOSO, SÃO MIGUEL, AÇORES

24 – 27 ABRIL 2014



Apoios

RIBEIRA GRANDE
Câmara Municipal

sata
The Atlantic
and You™

BANCO
ESPIRITO SANTO
dos Açores

IPG
Politécnico
da Guarda

Governo dos Açores

AÇORES

ORGANIZAÇÃO AICL

www.lusofonias.net

1. AICL PRINCÍPIOS E OBJETIVOS

1. OS “COLÓQUIOS DA LUSOFONIA – AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA”, são um movimento cultural e cívico que visa mobilizar e representar a sociedade civil de todo o mundo, para pensar e debater amplamente, de forma científica, a nossa fala comum: a Língua Portuguesa.

2. A Associação tem por objeto promover A INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA conducente ao reforço dos laços entre os lusofalantes – no plano linguístico, cultural, social, económico e político - na defesa, preservação, ensino e divulgação da língua portuguesa e todas as suas variantes, em qualquer país, região ou comunidade.

3. Para a consecução destes objetivos compromete-se a

a) Promover encontros científicos, desenvolver estudos universitários e outros, para ensino, divulgação, preservação e tradução da língua portuguesa, procurando o apoio das Instituições nacionais e internacionais;

b) Desenvolver outras ações culturais, tais como colóquios, congressos, encontros, exposições, em estreita ligação com outras entidades;

c) Promover cursos e bolsas de estudo na área da Cultura em parceria com outras instituições universitárias e culturais;

d) Fomentar a divulgação de obras em português com reedições e traduções;

e) Criar grupos científicos ligados aos objetivos da Associação

4. Os valores essenciais da cultura lusófona constituem, com o seu humanismo universalista, uma vocação da luta por uma sociedade mais justa, da defesa dos valores humanos fundamentais e das causas humanitárias.

5. A todos nós incumbe o dever de promover a defesa, a expansão e o prestígio da nossa língua comum, patrocinando a publicação, a tradução e difusão por todo o mundo de obras literárias, científicas e artísticas, de autores de língua portuguesa.

6. Em defesa da Lusofonia, da nossa identidade como pessoas e povos, e em prol da variada língua comum com todas as suas variantes e idiosincrasias, A nossa divisa é “**NÃO PROMETEMOS, FAZEMOS**”

2. HISTORIAL DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA REPRESENTANTES DA SOCIEDADE CIVIL ATUANTE

Aqui se traça em linhas gerais o percurso da AICL. Uma breve resenha do historial dos Colóquios da Lusofonia incluindo a sua ação na divulgação da azerianidade literária ou de como ainda é possível concretizar utopias num esforço coletivo.

Um exemplo da sociedade civil num projeto de Lusofonia sem distinção de credos, nacionalidades ou identidades culturais que depois de Portugal Continental, Açores, Brasil, Macau e Galiza está a negociar idas aos EUA, Canadá, Cabo Verde, Angola, Moçambique, Polónia, Roménia, França e outros países.

Gostaria de começar usando a frase de Martin Luther King, 28 agosto 1963, “*I had a dream...*” para explicar como já realizámos vinte Colóquios da Lusofonia. Criados em 2001, somos uma associação cultural e científica sem fins lucrativos desde 2010 e cremos que podemos fazer a diferença, congregados em torno de uma ideia abstrata e utópica, a união pela mesma Língua. Partindo dela podemos criar pontes entre povos e culturas no seio da grande nação lusofalante, independentemente da nacionalidade, naturalidade ou ponto de residência.

Os colóquios juntam os congressistas no primeiro dia de trabalhos, compartilhando hotéis, refeições, passeios e, no último dia despedem-se como se de amigos/as se tratasse. Não buscam mais uma Conferência para o currículo (quem vem em busca disso cedo parte por se sentir desajustado/a), mas partilham ideias, projetos, criam sinergias, todos irmanados do ideal de “sociedade civil” capaz e atuante, para – juntos – atingirem o que as burocracias e hierarquias não podem ou não querem. É o que nos torna distintos de outros encontros científicos do género. É a informalidade e o contagioso espírito de grupo que nos irmana, que nos tem permitido avançar com ambiciosos projetos.

Aliás, desde a primeira edição abolimos o sistema português de castas que distingue as pessoas pelos títulos apensos aos nomes. Esta pequena revolução tem permitido desenvolver projetos onde não se pretende a autoria mas a partilha do conhecimento. Sabe-se como isso é anátoma nos corredores bafientos e nalgumas instituições educacionais (universidades, politécnicos e liceus para usar a velha designação mais abrangente), mas temos encontrado pessoas capazes de operarem as mudanças. Só assim se explica que depois de José Augusto Seabra, os nossos patronos sejam Malaca Casteleiro, Evanildo Bechara e Concha Rousia.

Desconheço quando, como ou porquê se usou o termo pela primeira vez, mas quando cheguei da Austrália (a Portugal) fui desafiado pelo meu saudoso mentor, José Augusto Seabra, a desenvolver o seu projeto de Lusofalantes na Europa e no Mundo e daí nasceram os Colóquios da Lusofonia. Desde então, ao contrário do mundo ocidental que confunde multiculturalismo com islamismo e outros ismos, temos definido a nossa versão de Lusofonia.

Mas o que entendemos como Lusofonia foi expresso ao longo destes últimos anos, em cada Colóquio. Esta visão é das mais abrangentes possíveis, e visa incluir todos numa Lusofonia que não tem de ser Lusofilia nem Lusografia e muito menos a Lusofolia que por vezes parece emanar da CPLP e outras entidades.

Se aceitarem esta nossa visão muitas pontes se poderão construir onde hoje só existem abismos, má vontade e falsos cognatos.

No 1º Colóquio 2002 afirmou-se

Pretendia-se repensar a Lusofonia, como instrumento de promoção e aproximação de povos e culturas. O Porto foi a cidade escolhida perdida que foi a oportunidade, como Capital Europeia da Cultura, de fazer ouvir a sua voz nos mídias nacionais e internacionais como terra congregadora de esforços e iniciativas em prol da língua de todos nós, da Galiza a Cabinda e Timor, passando pelos países de expressão portuguesa e por todos os outros países onde não sendo língua oficial existem Lusofalantes.

Há algum tempo (2002) o emérito linguista anglófono Professor David Crystal escrevia-nos que

“O Português parece-me, tem um futuro forte, positivo e promissor garantido à partida pela sua população base de mais de 200 milhões, e pela vasta variedade que abrange desde a formalidade parlamentar até às origens de base do samba.

Ao mesmo tempo, os falantes de português têm de reconhecer que a sua língua está sujeita a mudanças – tal como todas as outras – e não se devem opor impensadamente a este processo. Quando estive no Brasil, no ano passado, por exemplo, ouvi falar dum movimento que pretendia extirpar todos os anglicismos. Para banir palavras de empréstimo doutras línguas pode ser prejudicial para o desenvolvimento da língua, dado que a isola de movimentações e tendências internacionais. O inglês, por exemplo, tem empréstimos de 350 línguas – incluindo Português – e o resultado foi ter-se tornado numa língua imensamente rica e de sucesso.

A língua portuguesa tem a capacidade e força para assimilar palavras de inglês e de outras línguas mantendo a sua identidade distinta. Espero também que o desenvolvimento da língua portuguesa seja parte dum atributo multilíngue para os países onde é falada para que as línguas indígenas sejam também faladas e respeitadas, O que é grave no Brasil dado o nível perigoso e crítico de muitas das línguas nativas.”

Posteriormente contactei aquele distinto linguista preocupado com a extinção de tantas línguas e a evolução de outras, manifestando-me preocupado pelo desaparecimento de tantas línguas aborígenes no meu país e espantado pelo desenvolvimento de outras. Mostrava-me apreensivo pelos brasileirismos e anglicismos que encontrara em Portugal após 30 anos de diáspora. Mesmo admitindo que as línguas só têm capacidade de sobrevivência se evoluírem eu alertava para o facto de terem sido acrescentadas ao léxico 600 palavras pela Academia Brasileira (1999) das quais a maioria já tinha equivalente em português.

Sabendo como o inglês destronou línguas (celtas e não só) em pleno solo do Reino Unido, tal como Crystal afirma no caso do Cumbric, Norn e Manx, perguntava ao distinto professor qual o destino da língua portuguesa, sabendo que o nível de ensino e o seu registo linguístico eram cada vez mais baixos, estando a ser dizimados por falantes, escribas, jornalistas e políticos ignorantes, sem que houvesse uma verdadeira política da língua em Portugal. A sua resposta em março 2002 pode-nos apontar um de muitos caminhos. Diz Crystal:

“As palavras de empréstimo mudam, de facto, o carácter duma língua, mas como tal não são a causa da sua deterioração. A melhor evidência disto é sem dúvida a própria língua inglesa que pediu de empréstimo mais palavras do que qualquer outra, e veja-se o que aconteceu ao Inglês. De facto, cerca de 80% do vocabulário inglês não tem origem Anglo-Saxónica, mas sim das línguas Românticas e Clássicas incluindo o Português. É até irónico que algumas dos anglicismos que os Franceses tentam banir atualmente derivem de latim e de Francês na sua origem.

Temos de ver o que se passa quando uma palavra nova penetra numa língua. No caso do Inglês, existem triunviratos interessantes como kingly (Anglo-saxão), royal (Francês), e regal (Latim) mas a realidade é que linguisticamente estamos muito mais ricos tendo três palavras que permitem todas as variedades de estilo que não seriam possíveis doutro modo. Assim, as palavras de empréstimo enriquecem a expressão. Até hoje nenhuma tentativa de impedir a penetração de palavras de empréstimo teve resultados positivos. As línguas não podem ser controladas. Nenhuma Academia impediu a mudança das línguas.

Isto é diferente da situação das línguas em vias de extinção como por exemplo debati no meu livro Language Death. Se as línguas adotam palavras de empréstimo isto demonstra que elas estão vivas para uma mudança social e a tentar manter o ritmo. Trata-se dum sinal saudável desde que as palavras de empréstimo suplementem e não substituam as palavras locais equivalentes. O que é de veras preocupante é quando uma língua dominante começa a ocupar as funções duma língua menos dominante, por exemplo, quando o Inglês substitui o Português como língua de ensino nas instituições de ensino terciário.

É aqui que a legislação pode ajudar e introduzir medidas de proteção, tais como obrigação de transmissões radiofónicas na língua minoritária, etc. existe de facto uma necessidade de haver uma política da língua, em especial num mundo como o nosso em mudança constante e tão rápida, e essa política tem de lidar com os assuntos base, que têm muito a ver com as funções do multilinguismo.

Recordo ainda que não é só o inglês a substituir outras línguas. No Brasil, centenas de línguas foram deslocadas pelo Português, e todas as principais línguas: Espanhol, Chinês, Russo, Árabe afetaram as línguas minoritárias de igual modo.”

Por partilhar a opinião do professor David Crystal espero que possam todos repensar a Lusofonia como instrumento de promoção e aproximação de culturas sem exclusão das línguas minoritárias que com a nossa podem coabitar.

Em 2001, patenteámos que era possível ser-se organizacionalmente **INDEPENDENTE** e descentralizar estes eventos sem subsidiodependências e provou-se, em poucos anos como os Colóquios já se afirmaram como a única realização regular, concreta e relevante - em todo o mundo - sobre esta temática, sem apoios nem dependências. Os Colóquios inovaram nessa sua primeira edição e introduziram o hábito de entregarem as Atas/Anais em DVD/CD no ato de acreditação dos participantes.

No 2º Colóquio 2003 disse-se

Só através de uma política efetiva de língua se poderá defender e promover a expansão do espaço cultural lusófono, contribuindo decisivamente para a sedimentação da língua portuguesa como um dos principais veículos de expressão mundiais. Que ninguém se demita da responsabilidade na defesa do idioma independentemente da pátria.

Hoje como ontem, a língua de todos nós é vítima de banalização e do laxismo. Em Portugal, infelizmente, a população está pouco consciente da importância e do valor do seu património linguístico. Falta-lhe o gosto por falar e escrever bem, e demite-se da responsabilidade que lhe cabe na defesa da língua que fala. Há outros aspetos de que, por serem tão correntes, já mal nos apercebemos: o mau uso das preposições, a falta de coordenação sintática, e a violação das regras de concordância, que, logicamente, afetam a estrutura do pensamento e a expressão. Além dos tratos de polé que a língua falada sofre nos meios de comunicação social portugueses, uma nova frente se está a abrir com o ciberespaço e com as novas redes de comunicação em tempo real.

Urge pois apoiar a formação linguística dos meios de comunicação social, promover uma verdadeira formação dos professores da área, zelar pela dignificação da língua portuguesa nos organismos internacionais, dotando-os com um corpo de tradutores e intérpretes profissionalmente eficazes.

A crise portuguesa não é meramente económica mas reflete uma nação em crise, dos valores à própria identidade. Jamais podemos esquecer que a língua portuguesa mudou através dos tempos, e vai continuar a mudar. A língua não é um fóssil. Também hoje, a mudança está a acontecer. Num país em que falta uma visão estratégica para uma verdadeira POLÍTICA DA LÍNGUA, onde o cinzentismo e a uniformidade são a regra de referência, onde a competição é uma palavra tabu, onde o laxismo e a tolerância substituem a exigência e a disciplina, onde a posse de um diploma superior constitui ainda uma vantagem competitiva, claro que continua a grassar a desresponsabilização. Os cursos su-

periores estão desajustados do mercado de trabalho, as empresas vivem alheadas das instituições académicas, existem cursos a mais que para nada servem, existem professores que mantêm cursos abertos para se manterem empregados. Ao contrário do que muitos dizem Portugal não tem excesso de licenciados mas sim falta de empregos. Mas será que falam Português?

No 3º Colóquio 2004, cujo tema era a Língua Mirandesa, dizia-se

Estamos aqui para juntos fazermos ouvir a nossa voz, para que Bragança seja uma terra onde se congregam esforços e iniciativas em prol da língua de todos nós, da Galiza a Timor, passando pelos países de expressão portuguesa e por todos os outros países onde não sendo língua oficial existem Lusofalantes. Este colóquio como pedrada no charco que pretendia ser visava alertar-nos para a existência duma segunda língua nacional que mal sabemos que existe e cujo progresso é já bem visível em menos duma década de esforço abnegado e voluntarioso duma mão cheia de pessoas que acreditaram.

Visa alertar-nos para a necessidade de sermos competitivos e exigentes, sem esperarmos pelo Estado ou pelo Governo e tomarmos a iniciativa em nossas mãos. Assim como criamos estes Colóquios, também cada um de vós pode criar a sua própria revolução, em casa com os filhos, com os alunos, com os colegas e despertar para a necessidade de manter viva a língua de todos nós. Sob o perigo de soçobramos e passarmos a ser ainda mais irrelevantes neste curto percurso terreno.

Em 2004, lançamos a campanha que salvou da extinção o importante portal Ciberdúvidas.

No 4º Colóquio em 2005 sobre a Língua Portuguesa em Timor-Leste, escrevia-se

"O português faz parte da história timorense. Não a considerar uma língua oficial colocaria em risco a sua identidade", defende o linguista australiano Geoffrey Hull no seu recente livro Timor-Leste. Identidade, língua e política educacional. A língua portuguesa *"tem-se mostrado capaz de se harmonizar com as línguas indígenas"* e é tanto mais plausível porque *"o contacto com Portugal renovou e consolidou a cultura timorense"* e quando Timor-Leste emergiu da fase colonial *"não foi necessário procurar uma identidade nacional, o país era único do ponto de vista linguístico"*.

"O português não é um idioma demasiado difícil para os timorenses pois estes já possuem um relativo conhecimento passivo do português, devido ao facto de que já falam o Tétum-Díli", afirma Hull. *"A juventude deve fazer um esforço coletivo para aprender ou reaprender" a língua Portuguesa'*

Estas eram, de facto, as premissas com que partimos para este 4º Colóquio. Não sabíamos ainda que teríamos entre nós a presença do Prémio Nobel da Paz, D. Carlos Filipe XIMENES BELO, e muito menos imaginávamos que teríamos

a exposição de fotografia do Presidente Kay Rala XANANA GUSMÃO (Rostos da Lusofonia), e que o Colóquio coincidia com o maior eclipse anular do sol desde o início do século passado.

Durante dois dias foi debatido o futuro do português na ex-colónia, além de temas mais genéricos como as tradições, a literatura e a tradução em geral. As razões desta temática orientada para Timor-Leste têm a ver com um dos aspetos que consideramos de certo modo controverso.

Em termos linguísticos é a primeira vez que se faz uma experiência destas no mundo: impor-se uma língua oficial numa nação onde não existe uma língua própria, mas várias línguas: a franca, o tétum e vários dialetos".

O objetivo destas iniciativas é *"aproveitar a experiência profissional e pessoal de cada pessoa dentro da sua especialidade para que os restantes oradores possam depois partir para o terreno e utilizarem instrumentos que já deram resultados noutras comunidades"*.

De acordo com várias fontes, o aumento do número de falantes do português quase que triplicou desde a independência de Timor, há cinco anos. A organização do Colóquio entende que *"foi sobretudo graças à ação da Igreja Católica que a língua portuguesa se manteve em Timor"*, e daí a relevância da presença do bispo resignatário de Díli, D. Carlos Ximenes Belo, no segundo dia de trabalhos.

Dentre os temas debatidos focando aspetos curiosos da Geografia à História de Timor, passando pelo Ensino e Cooperação, é importante realçar que os projetos com melhor e maior acolhimento foram aqueles que saíram das linhas institucionais rígidas. Trata-se de projetos em que os professores e cooperantes adaptaram os programas à realidade timorense e assim conseguiram uma adesão e participação entusiástica dos timorenses, que hoje os substituem já nessas tarefas. Este aspeto é notável, pois colide com a burocracia oficial e rígida que estipula quais os programas a aplicar sem conhecimento da realidade local e suas idiossincrasias.

Em especial dois destes temas foram abordados por cooperantes brasileiros e portugueses, esperando-se que iniciativas semelhantes possam ser reproduzidas no futuro, pois só estes permitem preparar os timorenses para tomarem os seus destinos e os da sua Língua Portuguesa nas suas próprias mãos. A ideia transversal e principal deste colóquio era o futuro do português em Timor. *"O tétum está a ser enriquecido com toda uma terminologia que deriva automaticamente do português, e não do inglês. Enquanto as línguas tradicionais cada vez mais se servem do inglês, o tétum está a servir-se do português para criar palavras que não existem na sua língua franca o que enriquece tanto o português como o tétum"*.

Quanto ao futuro da língua portuguesa no mundo não hesito em afirmar que

“de momento está salvaguardado através do seu enriquecimento pelas línguas autóctones e pelos crioulos, que têm o português como língua de partida. Enquanto a maior parte das línguas tende a desaparecer visto que não há influências novas, o português revela nalguns locais do mundo uma vitalidade fora do normal. A miscigenação com os crioulos e com os idiomas locais vai permitir o desenvolvimento desses crioulos e a preservação do português”. Por isso, “não devemos ter medo do futuro do português no mundo porque ele vai continuar a ser falado. E a crescer nos restantes países”.

Em 2006 no 5º Colóquio

No V Colóquio debateram-se os modelos de normalização linguística na Galiza e a situação presente, onde o genocídio linguístico atingiu uma forma nova e subtil, já não através da perseguição aberta e pública do galego, como em décadas passadas, mas pela promoção social, escolar e política de uma forma oral e escrita deturpada, castelhanizada, a par de uma política ativa de exclusão dos dissidentes lusófonos (os denominados reintegracionistas e lusistas).

Debateu-se uma Galiza que luta pela sua sobrevivência linguística, numa altura em que a UNESCO advertiu do risco de castelhanização total nas próximas décadas. Falou-se de história, dos vários avanços e recuos e de vários movimentos a favor da língua portuguesa na Galiza, teceram-se críticas, comentários e apontaram-se soluções, sendo quase universalmente exigida a reintrodução do Português na Galiza através de várias formas e meios. Existe aqui ampla oportunidade para as televisões portuguesas descobrirem aquele mercado de quase três milhões de pessoas. As oportunidades comerciais de penetração da Galiza podem ser uma porta importante para a consolidação da língua naquela região autónoma.

Foi sobejamente assinalada a quase generalizada apatia e desconhecimento do problema da língua na Galiza por parte dos portugueses e o seu esquecimento por parte das entidades oficiais sempre temerosas de ofenderem o poder central em Madrid. Faltam iniciativas como esta para alertar, um número cada vez maior, as pessoas para este genocídio linguístico, desconhecido e que mora mesmo aqui ao lado.

Por outro lado, constatou-se a necessidade de uma maior concertação e união entre as várias associações em campo que propugnam a língua portuguesa na Galiza. A sua presença regular em eventos semelhantes em Portugal pode alargar o número de académicos preocupados com o tratamento de polé dado à língua nossa antepassada num território que por mercê duma conquista histórica de há 500 anos teima em não perder a sua língua original, que é a nossa. O anúncio por Martinho Montero da criação duma Academia Galega da Língua Portuguesa é simultaneamente arriscado e ousado mas pode ser um passo em frente para a concretização do sonho de muitos galegos.

Os problemas da tradução foram também debatidos como forma de perpetuar e manter a criatividade da língua portuguesa nos quatros cantos do mundo, algo que é importante realçar pois as pessoas não se apercebem muitas vezes desta vertente, sendo a mais surpreendente comunicação (Barbara Juršič), uma referente à tradução de obras portuguesas (de Saramago a Mia Couto) na Eslovénia.

“Enquanto a tradução de obras portuguesas não estiver suficientemente difundida, a língua portuguesa não pode alcandorar-se ao nível de reconhecimento mundial doutras línguas. Começa a haver um certo número de traduções de livros de autores portugueses, mas é altamente deficiente e deficitária. Uma das formas de preservar a língua é através da tradução. Só a tradução de obras permite a divulgação, algo muito importante na preservação da língua.”

Por outro lado, conseguiu-se que os colóquios se tornassem graças à sua persistência na única iniciativa, concreta e regular em Portugal nos últimos cinco anos sobre esta temática.

A intenção destes colóquios é diferente da maioria das realizações congéneres. Pela sua independência permite a participação de um leque alargado de oradores, sem temores nem medo de represálias dos patrocinadores institucionais sejam eles governos, universidades ou meros agentes económicos. Por outro lado, ao contrário de outros encontros e conferências de formato tradicional em que as pessoas se reúnem e no final há uma ata cheia de boas intenções (raramente concretizadas) com as conclusões, estes colóquios visam aproveitar a experiência profissional e pessoal de cada um dentro da sua especialidade e dos temas que estão a ser debatidos, para que os restantes oradores possam depois partir para o terreno, para os seus locais de trabalho e utilizarem instrumentos que já deram resultados noutras comunidades. Ou seja verifica-se a criação de uma rede informal que permite um livre intercâmbio de experiências e vivências, que se prolonga ao longo dos anos, muito para lá do colóquio em que intervieram.

Estes Colóquios podem ser ainda marginais em relação às grandes diretrizes aprovadas nos gabinetes de Lisboa, de Brasília, ou de qualquer outra capital, mas na prática têm servido para inúmeras pessoas aplicarem as experiências doutros colegas à realidade do seu quotidiano de trabalho com resultados surpreendentes e bem acelerados como se acabou de ver na edição de 2005, com a campanha para salvar o Ciberdúvidas da Língua Portuguesa e com o lançamento a nível oficial do Observatório da Língua Portuguesa.

Portugal e Brasil continuam a valorizar o acessório e a subestimar o essencial. Os portugueses e brasileiros não têm uma verdadeira política da Língua, e não conjugam objetivos através duma CPLP adormecida, enquanto franceses e ingleses estão bem ativos.

O atual impacto mundial da língua portuguesa existe sobretudo por ação dos outros. A R. P. da China prepara [em Macau] os seus melhores quadros para dominarem a língua portuguesa e desta forma conquistarem os mercados lusófonos. Irá depender sobretudo do esforço brasileiro em liderar que a Lusofonia poderá avançar, levando a reboque os países africanos ainda cheios de complexos do seu velho e impotente colonizador Portugal. A língua portuguesa é alimentada de forma diferente de acordo com as realidades sociais, económicas, culturais, etc., dos países onde está instituída e os quais estão geograficamente distantes uns dos outros. A Língua Portuguesa pode ser o veículo de aproximação entre os esses países lusófonos e as comunidades lusofalantes.

Os meus compatriotas aborígenes australianos preservaram a sua cultura ao longo de sessenta mil anos, sem terem escrita própria, mas a sua cultura foi mantida até aos dias de hoje, pois assentava na transmissão via oral de lendas e tradições. Este é um dos exemplos mais notáveis de propagação das características culturais de um povo que nunca foi nação. Uma das coisas mais importantes que a Austrália me ensinou foi a tolerância pelas diferenças étnicas e culturais, e o facto de ter aprendido a conviver e a viver com a diferença. Sem aceitarmos estas diferenças jamais poderemos progredir, pois que só da convivência com outras etnias e culturas poderemos aspirar a manter viva a nossa. Devemos aceitar a Lusofonia e todas as suas diversidades culturais sem exclusão, que com a nossa podem coabitar. Essa a mensagem dos 5 colóquios anuais da lusofonia e dos encontros açorianos da lusofonia.

Em 2007 um tema ainda mais polémico e a necessitar de debate: "*O Português no século XXI, a variante brasileira rumo ao futuro. O risco real da separação ou não. Unificação ou diversificação: esta a agenda para as próximas décadas.*" Assim, a verificar-se (e creio ser só uma questão de tempo) a emancipação da variante brasileira, a língua portuguesa europeia estará condenada a uma morte lenta associada a uma rápida diminuição e envelhecimento da população de Portugal que aponta para uns meros 8,7 milhões em 2050 contra os atuais 10,7 milhões.

Quanto a Bagança encontrei aqui formas vernaculares (quase medievais) da língua que perduraram a todos os níveis da população independentemente da sua classe socioeconómica e da sua educação, mas de que constato uma quase vergonha dos seus falantes por entenderem que não falam português correto, o que aliado à desertificação humana desta região tende igualmente a acabar. Tenho um filho de 7 anos que em pouco mais de ano e meio adaptou para seu uso um vernáculo totalmente distinto do que ouve em casa e que faz rir os seus primos do Porto...a própria construção gramatical é diferente. Creio que como cidadão australiano há mais de 25 anos a lutar em prol da preservação da língua e cultura portuguesa de meus antepassados, ninguém está mais

interessado na sua preservação. Creio que ela poderá ser feita numa evolução dinâmica aceitando os desafios e alterações que a própria língua inevitavelmente irá sofrer. Os Portugueses quase sempre alheados destes problemas e sempre temerosos de ofenderem a vizinha Espanha esquecem-se de que a vizinha e irmã é a Galiza e não a Espanha da velha Castela e da unificação à força. Foi nos primeiros dias do ano de 2006 na RTP num telejornal à hora do almoço, que pela primeira vez ouvimos falar os Galegos sobre os seus problemas com a nossa (e deles) língua.

Qual é a nossa responsabilidade como professores, jornalistas, estudiosos da língua em relação a esta guerra silenciosa que aqui ao lado consome tantos e a nós nos deixa indiferentes. Trata-se dum povo que fala a língua da Lusofonia de que tantos falam mas de que tão poucos cuidam. Ou será que a Lusofonia continua a ser entendida por muitos como uma extensão do ex-Império? Esses velhos do Restelo, amantes dum passado que se espera nunca mais volte têm de despertar para a realidade e confrontar-se com ela por mais desagradável que lhes seja. Os desafios que se põem nestes Colóquios são grandes. A divisão na Galiza é enorme entre lusistas, reintegracionistas e todos os outros. Será que vão conseguir finalmente criar uma plataforma abrangente que permita o entendimento entre algumas das várias correntes de pensamento? Ou irão continuar na sua guerrilha contra tudo e todos que não estejam de acordo com as teorias que professam. A importância do debate é enorme como atrás se inferiu. Ou o Galego é Português mesmo que seja uma variante, como o Brasileiro ou então o que é? Se for uma língua própria teremos todos de nos cuidar, porque o Brasil com mais razão e há mais tempo pode igualmente fazê-lo.

Creemos que esse não será o caminho. O Português, ao contrário do que muitos pensam não tem pernas para andar sozinho com uma população entre 9 e 15 milhões se incluirmos os expatriados, e tem de contar sobretudo com o número de falantes no Brasil, na Galiza, em Angola, Moçambique, Timor, Cabo Verde, S. Tomé, Guiné-Bissau e por toda a parte onde haja comunidades de lusofalantes, mesmo nas velhas comunidades esquecidas de Goa, Damão, Diu, Malaca.

São lusofalantes, todos os que têm o Português como língua, seja língua-mãe, língua de trabalho ou língua de estudo, vivam eles no Brasil, em Portugal nos PALOP's, na Galiza, em Macau ou em qualquer outro lugar, sejam ou não nativos, naturais, nacionais ou não de qualquer um dos países lusófonos.

O espaço dos Colóquios da Lusofonia é um espaço privilegiado de diálogo, de aprendizagem, de intercâmbio e partilha de ideias, opiniões, projetos por mais díspares ou antagónicos que possam aparentar. É esta a Lusofonia que defendemos como a única que permitirá que a Língua Portuguesa sobreviva nos próximos duzentos anos sem se fragmentar em pequenos e novos idiomas

e variantes que, isoladamente pouco ou nenhum relevo terão. Se aceitarmos todas as variantes de Português sem as discriminarmos ou menosprezarmos, o Português poderá ser com o Inglês uma língua universal colorida por milhentos matizes da Austrália aos Estados Unidos, dos Açores às Bermudas, à Índia e a Timor. O Inglês para ser língua universal continuou unido com todas as suas variantes.

Ao longo de mais de uma década tivemos colóquios em vários locais. Começámos no Porto, depois tivemos Bragança como base entre 2003 e 2010, Seia em 2013, Brasil (2010), Macau (2011), Galiza (2012), e nos Açores, na Ribeira Grande (2006-7), Lagoa (2008-12), Vila do Porto (2011) e Maia (2013).

Os Colóquios são independentes de forças políticas e institucionais, através do pagamento das quotas dos associados e do pagamento de inscrições dos congressistas. Buscam apoios protocolados especificamente para cada evento, concebido e levado a cabo por uma rede de voluntários. Pautam-se pela participação de um variado leque de oradores, sem temores nem medo de represálias. Ao nível logístico, tentam beneficiar do apoio das entidades com visão para apoiar a realização destes eventos. Estabeleceram várias parcerias e protocolos com universidades, politécnicos, autarquias e outros que permitem embarcar em projetos mais ambiciosos e com a necessária validação científica.

Nos Açores, agregaram académicos, estudiosos e escritores em torno da identidade açoriana, sua escrita, lendas e tradições, numa perspetiva de enriquecimento da LUSOFONIA. Pretendia-se divulgar a *identidade açoriana* não só nas comunidades lusofalantes mas em países como a Roménia, Polónia, Bulgária, Rússia, Eslovénia, Itália, França, e onde têm sido feitas traduções de obras e de excertos de autores açorianos. *Tornaram-se uma enorme tertúlia reforçando a açorianidade e vincando bem a insularidade.*

De referir que em todos os colóquios mantivemos sempre uma sessão dedicada à tradução que é uma importante forma de divulgação da nossa língua e cultura. Veja-se o exemplo de Saramago que vendeu mais de um milhão de livros nos EUA onde é difícil a penetração de obras de autores de outras línguas e culturas. Relembremos agora algumas das nossas conquistas não enunciadas antes

Em 2007 atribuíram o 1º Prémio Literário da Lusofonia e debateram, pela primeira vez em Portugal, o Acordo Ortográfico 1990.

Em 2008 inauguraram a Academia Galega da Língua Portuguesa e o Presidente da Academia de Ciências de Lisboa Professor **Adriano Moreira** deslocou-se propositalmente para dar "**o apoio inequívoco da Academia de Ciências aos Colóquios da Lusofonia**". Na sequência desta vinda, doaria o seu espólio a Bragança onde se encontra na Biblioteca Municipal com o seu nome. Idêntica visita ocorreu em 2009 na Lagoa (Açores).

A partir de 2007 prosseguimos, incansáveis, a nossa campanha pela implementação total do Acordo Ortográfico 1990, com o laborioso apoio de Malaca Casteleiro e Evanildo Bechara na luta pela Língua unificada que propugnamos para as instâncias internacionais.

Em 2009 definimos os projetos do MUSEU DA LUSOFONIA e do MUSEU DA AÇORIANIDADE que infelizmente não tiveram cabimento financeiro. Nesse ano convidámos o escritor Cristóvão de Aguiar para a Homenagem Contra O Esquecimento, que incluía Carolina Michaëlis, Leite De Vasconcellos, Euclides Da Cunha, Agostinho Da Silva, Rosália De Castro. Um protocolo foi estabelecido em 2009 com a Universidade do Minho para ministrar um Curso Breve de Estudos Açorianos que decorreu posteriormente.

Em janeiro de 2010 lançámos os Cadernos de Estudos Açorianos (em formato pdf no nosso portal www.lusofonias.net), que trimestralmente publicámos, estando já disponíveis mais de duas dezenas de cadernos, suplementos e vídeo-homenagens a autores açorianos. Servem de suporte ao curso de Açorianidades e Insularidades que pretendemos levar online para todo o mundo e de iniciação para os que querem ler autores açorianos cujas obras dificilmente se encontram. Também em 2010, os colóquios deslocaram-se ao Brasil, foram recebidos na Academia Brasileira de Letras, onde palestraram Malaca Casteleiro, Concha Rousia e Chrys Chrystello.

Em Bragança nesse ano, na Sessão de Poesia, tivemos poemas de Vasco Pereira da Costa, uma vídeo homenagem ao autor e a declamação ao vivo do poema "Ode ao Boeing 747" em 11 das 14 línguas para que foi traduzido pelos Colóquios (Alemão, Árabe, Búlgaro, Catalão, Castelhana, Chinês, Flamengo, Francês, Inglês, Italiano, Neerlandês, Polaco, Romeno, Russo).

Malaca Casteleiro sugerira no XIII Colóquio que se valorizassem as publicações de trabalhos das Atas através de um ANUÁRIO de comunicações selecionadas e não editadas em papel do 1 ao 13º colóquios, o qual já está no portal, disponível apenas para os associados.

Em 2011 uma numerosa comitiva deslocou-se a Macau com o generoso apoio do Instituto Politécnico local e lá se firmaram novos protocolos que ainda não trouxeram resultados práticos. Nesse ano de 2011 fomos pela primeira vez a Santa Maria, Ilha-Mãe. Em Vila do Porto, além se apresentar a antologia bilingue de autores açorianos, o XVI Colóquio da Lusofonia aprovou uma **DECLARAÇÃO DE REPÚDIO** pela atitude de Portugal que *olvidando séculos de história comum da língua, excluiu a Galiza - representada pela AGLP - do seio das comunidades lusófonas. A Galiza esteve sempre representada desde 1986 em todas as reuniões relativas ao novo acordo ortográfico e o seu léxico foi integrado em vários dicionários e corretores ortográficos. A sua exclusão a posteriori do seio da CPLP*

representa um grave erro histórico, político e linguístico que urge corrigir urgentemente.

Em 2012 na Lagoa, reunimos 9 autores na *HOMENAGEM CONTRA O ESQUECIMENTO*: Eduardo Bettencourt Pinto (Canadá), Caetano Valadão Serpa (EUA); de São Miguel: Eduíno de Jesus, Fernando Aires (representado pela viúva Dra. Idalinda Ruivo e filha Maria João); Daniel de Sá; da ilha Terceira, Vasco Pereira da Costa e Emanuel Félix representado pela filha e poeta Joana Félix; da ilha do Pico, Urbano Bettencourt, e do Brasil, Isaac Nicolau Salum (descendente de açorianos) com a presença da filha Maria Josefina.

Em outubro 2012, levamos os Colóquios a Ourense na Galiza, parcela esquecida da Lusofonia que foi o berço da língua de todos nós que tenta reunir-se com as demais comunidades lusofalantes. Ali houve uma cerimónia especial da Academia Galega em que foram empossados oito novos Académicos Correspondentes. Foi um evento rico em trabalhos científicos e apresentações mas com fraca adesão de público. Na Lagoa e na Galiza (2012) difundimos o **MANIFESTO AICL 2012, a língua como motor económico**, (ver no fim) como contributo para uma futura política da língua no Brasil e em Portugal. Vivemos hoje uma encruzilhada semelhante à da Geração de 1870 e das Conferências do Casino. Embora maioritariamente preocupados com aspetos mais vastos da linguística, literatura, e história, somos um grupo heterogéneo unido pela Língua comum e que configura o mundo, sem esquecer que Wittgenstein disse que o limite da nacionalidade é o limite do alcance linguístico.

Falta dizer que dois importantes projetos dos colóquios viram a luz do dia em 2011 e 2012, a Antologia Bilingue de (15) Autores Açorianos Contemporâneos e a Antologia de (17) Autores Açorianos Contemporâneos (em 2 volumes), editadas pela Calendário de Letras da autoria de Helena Chrystello e Rosário Girão, lançadas em Portugal e Açores (2011-2013), Galiza e Toronto (2012).

Na Maia (2013) lançaram-se vários novos projetos, a antologia no feminino (9 ilhas 9 escritoras), um cancionero, o projeto de musicar poemas, e o novo Prémio Literário AICL Açorianidade.

Em Seia (2013) criou-se um projeto de levantamento do Corpus da Lusofonia pelo Grupo Interdisciplinar, de Pesquisas em Linguística Informática (GIPLI) sob a coordenação da Professora Doutora Zilda Zapparoli, grupo criado em 2002 e certificado pela Universidade de São Paulo e cadastrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa de CNPq – Brasil. O Corpus da Lusofonia será composto de textos em língua portuguesa de diversos países lusófonos. A criação do Corpus da Lusofonia foi proposta por José Lopes Moreira Filho durante a sua comunicação ao 20º colóquio, e pressupõe a disponibilidade de ferramentas computacionais para tratamento e análise de textos.

Iremos continuar com o projeto de musicar poemas de autores açorianos e dos colóquios, como a Ana Paula Andrade demonstrou no 20º colóquio ao apresentar temas de Álamo Oliveira, Luísa Ribeiro, Norberto Ávila, Concha Rousia e Chrys Chrystello. Prosseguiremos com traduções de excertos de autores açorianos. Vamos tentar colocar a Antologia de Autores Açorianos no Plano Nacional de Leitura (ela que já consta do Plano Regional de Leitura dos Açores) e porfiar para lançar no 21º colóquio a Coletânea de Textos Dramáticos de autores açorianos da autoria de Helena Chrystello e Lucília Roxo (Álamo Oliveira, Martins Garcia, Norberto Ávila, Daniel de Sá, e Onésimo Teotónio de Almeida) bem como a *antologia no feminino* “9 ilhas, 9 escritoras”.

Vamos lançar o 2º Prémio Açorianidade (2014 - Brites Araújo), e publicar o 1º Prémio Literário AICL Açorianidade (2013 – Judite Jorge) no 22º colóquio além de tentar criar o Centro de Estudos Virgilianos com apoio do IPG, UBI e outras entidades, sendo o Professor Malaca Casteleiro encarregado de providenciar aos esforços tendentes a conseguir este desiderato.

Muito resumidamente, foi isto que os Colóquios fizeram numa década, provando a vitalidade da sociedade civil quando se congregam vontades e esforços de tantos académicos e investigadores como aqueles que hoje dão vida aos nossos projetos. Esperemos que mais se juntem à AICL – Colóquios da Lusofonia - para fazermos chegar o nosso MANIFESTO a toda a gente e aos governos dos países de expressão portuguesa. Ponto de partida para o futuro que ambicionamos e sonhamos. Com a vossa ajuda e dedicação muito mais podemos conseguir como motor pensante da sociedade civil.

Ao terminar podemos questionar quanto vale um idioma? Se a Língua Portuguesa estivesse numa prateleira de supermercado, estaria num nicho de luxo ou esquecida num canto, para promoção de minimercado? Estamos acostumados a medir o valor económico dos objetos a que um idioma dá nome, e não do idioma em si. Um estudo solicitado pelo Camões ao Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE), em Portugal, encarou o desafio de medir essa grandeza, e revela que 17% do PIB do país equivale a atividades ligadas direta ou indiretamente à Língua Portuguesa.

–“É um percentual interessante, por ter ficado ligeiramente acima do que se apurou na Espanha relativamente ao espanhol (15%)” - analisa Carlos Reis, da Universidade de Coimbra, professor visitante da PUC-RS e um dos fundadores da Universidade Aberta em Portugal, da qual foi reitor até julho 2012. O índice leva em conta a importância relativa da comunicação e da compreensão em campos de atividades económicas. Privilegia relações que exigem uma língua e descarta atividades que podem ser executadas por trabalhadores de outra nacionalidade ou competência linguística. Ramos como ensino, cultura e telecomunicações seriam celeiros automáticos de atividades em que a língua é

fulcral. Além destas "indústrias da língua", há as ligadas a fornecedores de produtos em Português, como a administração pública, o setor de serviços, ou as que induzem maior conteúdo de Língua para a economia como um todo, da indústria de papel à de eletrodomésticos.

A pesquisa indica que o fenómeno se repete em coeficientes aplicáveis aos países lusófonos. Línguas com muitos utilizadores fornecem mercado maior para bens culturais. O crescimento sustentado da última década fez o gigante da Língua Portuguesa saltar aos olhos globais. O Brasil é líder das relações comerciais entre países lusófonos, movimentando um Produto Interno Bruto que passou de US\$ 1,9 mil milhões em 2009 para US\$ 2,3 mil milhões em 2010, diz o Banco Mundial. Já o PIB dos imigrantes de Língua Portuguesa noutros países ronda US\$ 107 mil milhões (2009).

A diferença entre os países pobres e os ricos não é a idade do país. Isto está demonstrado por países como o Egito, que têm mais de 5.000 anos, e são pobres. Por outro lado, o Canadá, a Austrália e a Nova Zelândia, que há 200 anos eram inexpressivos, hoje são países desenvolvidos e ricos. A diferença entre países pobres e ricos também não reside nos recursos naturais disponíveis. O Japão possui um território limitado, 80% montanhoso, inadequado para a agricultura e para a criação de gado, mas é a segunda economia mundial, uma imensa fábrica flutuante, que importa matéria-prima do mundo inteiro e exporta produtos manufacturados. Outro exemplo é a Suíça, que não planta cacau, mas tem o melhor chocolate do mundo no seu pequeno território onde cria animais, e cultiva o solo durante quatro meses ao ano, no entanto, fabrica latifínios da melhor qualidade. É um país pequeno que passa uma imagem de segurança, ordem e trabalho, pelo que se transformou no cofre-forte do mundo. No relacionamento entre gestores dos países ricos e os seus homólogos dos países pobres, fica demonstrado que não há qualquer diferença intelectual.

A raça, ou a cor da pele, também não são importantes: os imigrantes rotulados como preguiçosos nos seus países de origem, são a força produtiva dos países europeus ricos. Onde está então a diferença? Está no nível de consciência do povo, no seu espírito. A evolução da consciência deve constituir o objetivo primordial do Estado, em todos os níveis do poder. Os bens e os serviços são apenas meios... A educação (para a vida) e a cultura ao longo dos anos devem plasmar consciências coletivas, estruturadas nos valores eternos da sociedade: moralidade, espiritualidade, e ética.

SOLUÇÃO – SÍNTESE:

Transformar a consciência do Português. O processo deve começar na comunidade onde vive e convive o cidadão. A comunidade, quando está politicamente organizada em Associação de Moradores, Clube de Mães, Clube de

Idosos, etc., torna-se um micro Estado. As transformações desejadas pela Nação para Portugal serão efetuadas nesses microestados, que são os átomos do organismo nacional – confirma a Física Quântica. Nós confirmamo-lo ao longo de 21 colóquios. Ao analisarmos a conduta das pessoas nos países ricos e desenvolvidos, constatamos que a grande maioria segue o paradigma quântico, isto é, a prevalência do espírito sobre a matéria, ao adotarem os seguintes princípios de vida:

1. A ética, como base;
2. A integridade;
3. A responsabilidade;
4. O respeito às leis e aos regulamentos;
5. O respeito pelos direitos dos outros cidadãos;
6. O amor ao trabalho;
7. O esforço pela poupança e pelo investimento;
8. O desejo de superação;
9. A pontualidade.

Somos como somos, porque vemos os erros e encolhemos os ombros dizendo: "não interessa!" A preocupação de todos deve ser com a sociedade, que é a causa, e não com a classe política, que é o triste efeito. Só assim conseguiremos mudar o Portugal de hoje. Vamos agir! Reffitamos sobre o que disse Martin Luther King: " *O que é mais preocupante, não é o grito dos violentos, dos corruptos, dos desonestos, ou dos sem ética. O que é mais preocupante é o silêncio dos que são bons...*"

Leia o MANIFESTO CONTRA A CRISE 2012: a língua como motor económico
<https://www.lusofonias.net/aicl-projetos/projetos-aicl-2016.html>

3. TEMAS 2014 MOINHOS

TEMA 1 LETRAS AÇORIANAS

- 1.1. A mulher e as letras nos Açores
- 1.2. A mulher nas letras lusófonas no resto do mundo
- 1.3. Literatura de matriz açoriana em geral
- 1.4. Açorianos em Macau e em Timor - D. Arquimínio da Costa, D. Manuel Bernardo de Sousa Enes, D. João Paulino de Azevedo e Castro, D. José da Costa Nunes e D. Paulo José Tavares, (bispos açorianos em Macau), Áureo da Costa Nunes de Castro, João Paulino de Azevedo e Castro, José Machado Lourenço, Silveira Machado
- 1.5. Revisitar a Literatura de Autores estrangeiros sobre os Açores, por exemplo:
 - Ashe, Thomas / Haydn, Joseph (1813): *History of the Azores, or Western Islands, containing an account of the Government, Laws, and Religion, the Manners,*

Ceremonies, and Character of the Inhabitants and demonstrating the importance of these valuable islands to the British Empire, illustrated by Maps and other engravings, London: Printed for Sherwood, Neely, and Jones.

· Bullar, Joseph / Henry (1841): A winter in the Azores: and a summer at the baths of the Furnas, vol. I, London: John van Voorst [vol. II].

· Henriques, Borges de F. (1867) : A trip to the Azores or Western Islands, Boston : Lee and Shepard.

· ORRICO, Maria "Terra de Lídia",

· Petri, Romana "O Baleeiro dos Montes" e "Regresso à ilha",

· Tabucchi, Antonio, "Mulher de Porto Pim"

- Twain Mark (1899): The Innocents Abroad, Volume I, New York; London: Harper & Brothers Publishers. (capítulos sobre os Açores, Faial), CAP. V/VI

· Updike, John. "Azores", Harper's Magazine, March 1964, pp 11-37

TEMA 2 Lusofonia no mundo - Língua, linguística e literatura (lusófonas)

2.1. Língua de Identidade e Criação

2.2. Língua Portuguesa no tempo e no espaço

2.3. Língua Portuguesa nos média e no Ciberespaço

2.4. Ensino e currículos. Corpus da Lusofonia.

2.5 Política da Língua

2.6. Lusofonia na arte e noutras ciências (vulcanologia, arqueologia...)

2.7. Outros temas lusófonos

TEMA 3 Tradutologia.

Literatura lusófona, tradução de e para português

TEMA 4. Homenagem a 9 autoras do Arquipélago da Escrita (Açores)

- Brifês Araújo, Joana Félix, Judite Jorge, Luísa Ribeiro, Luísa Soares, Madalena Férin, Madalena San-Bento, Natália Correia, Renata Correia Botelho

4. SESSÕES CULTURAIS (MÚSICA/ARTE, etc.

■ **DOIS RECITAIS CANCIONEIRO AÇORIANO: DOIS RECITAIS CANCIONEIRO AÇORIANO: RAQUEL MACHADO ATUA COMO MAESTRINA NOS DOIS RECITAIS - SUBSTITUINDO ANA PAULA ANDRADE -** com alunos/as do Conservatório Regional De Ponta Delgada

- no dia 25 às 12h45 - Quarteto vocal: Carina Andrade (soprano), Mariana Rocha (contralto), João Nuno Gonçalo (tenor) e André Fernandes (baixo)

- no dia 27 - Trio instrumental: Ana Maria Ferreira e Bruna Teves (flautas) acompanhadas ao piano pela Raquel Machado.

■ **UM RECITAL DE VIOLA DA TERRA**

por [Rafael Carvalho](#)

■ **MOSTRA DE LIVROS DA AICL**

■ **EXPOSIÇÃO DE ARTE PLÁSTICA DE [ZÉ NUNO DA CÂMARA PEREIRA](#)**

■ **SESSÃO ESPECIAL 40 anos de abril**

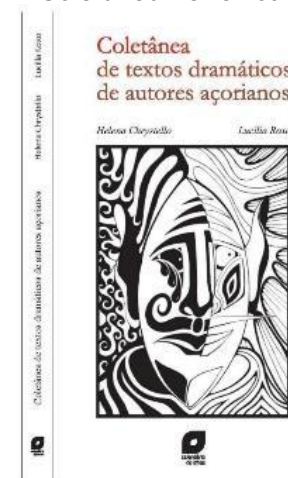
(MÚSICA E POESIA) [ZECA MEDEIROS](#), [ANÍBAL RAPOSO](#), [VÂNIA DILAC](#), [MANINHO](#) E OUTROS E O QUINTETO DA EBI DA MAIA

■ **LANÇAMENTO DE LIVROS:**

· Antologia "[9 Ilhas, 9 Escritoras](#)" Helena Chrystelló E Rosário Girão



· **Coletânea De Textos Dramáticos Açorianos"** Helena Chrystelló E Lucília Roxo



- “Crónica Dos Regressos” José Soares



- “Ouriço Coração De Leão” Barbara Juršič



MARTA DE JESUS DE ÁLAMO OLIVEIRA APRESENTADO POR ROLF KEMMLER



■ **SESSÕES DE POESIA** (Açorianidade e abril)

- CHRYS CHRYSTELLO com LUCIANO PEREIRA
- SUSANA TELES MARGARIDO
- ÁLAMO OLIVEIRA
- EDUARDO BETTENCOURT PINTO

■ **PASSEIO CULTURAL**

- FÁBRICA DE CHÁ DE PORTO FORMOSO (visita à fábrica com uma entronização da Confraria do Chá
- PRAIA DO MOINHO – [LADEIRA DA VELHA - DEPOSIÇÃO DE FLORES NO OBELISCO](#)
- - MIRADOURO DE SANTA IRIA e COROA DA MATA (MIRADOUROS)
- CURTA VISITA À RIBEIRA GRANDE
- VISIONAMENTO DO FILME “[A VIAGEM AUTONÓMICA](#)” DE FILIPE TAVARES

5. LISTA ORADORES/PRESENCIAIS/CONVIDADOS/ORGANIZAÇÃO

1.	AFONSO TEIXEIRA FILHO	KATHOLIEKE UNIVERSITEIT LEUVEN BÉLGICA
2.	ÁLAMO OLIVEIRA	ESCRITOR CONVIDADO, AÇORES
3.	ALEXANDRE BANHOS	FUNDAÇÃO MEENDINHO, GALIZA
4.	ANABELA MIMOSO	CEI-EF ULHT, PORTO, PORTUGAL
5.	ANABELA SARDO	SECRET ^o AICL / POLITÉCNICO GUARDA
6.	ANÍBAL RAPOSO	AUTOR COMPOSITOR AÇORIANO AÇORES
7.	BARBARA JURŠIČ	MINISTÉRIO DO INTERIOR, ESLOVÉNIA
8.	TEREZIJA CVETKA JURŠIČ	ESLOVÉNIA
9.	BRITES ARAÚJO	ESCRITORA, AÇORES
10.	CARLOS MATIAS	PORTUGAL
11.	CHRYS CHRYSTELLO	AICL, AUSTRÁLIA
12.	CÍCERO V SANTOS	BRASIL
13.	CLARICIA EGUTI	UNIV S PAULO BRASIL
14.	CONCEIÇÃO ANDRADE	UNIV HARVARD EUA
15.	CONCEIÇÃO CASTELEIRO	LISBOA PORTUGAL
16.	CONCHA / M^a DOVIGO	AGLP (ACADEMIA GALEGA) GALIZA
17.	DANIELA FREGONESE	UNIV SÃO PAULO, BRASIL
18.	EDSON LUIZ OLIVEIRA	UNIV SÃO PAULO, BRASIL
19.	ED^o BETTENCOURT PINTO	ESCRITOR, CANADÁ
20.	EVANILDO C BECHARA	ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS BRASIL
21.	FRANCISCO F MADRUGA	EDITOR CALENDÁRIO DE LETRAS PORTUGAL
22.	GRAÇA B CASTANHO	UNIV AÇORES
23.	HELENA ANACLETO-MATIAS	SECRET ^o AICL / ISCAP – IPP / PORTO
24.	HELENA CHRYSTELLO	SECRET ^o AICL AÇORES
25.	JOANA FÉLIX	ESCRITORA, AÇORES
26.	JOÃO CHRYSTELLO	SECRET ^o AICL/AÇORES
27.	JOÃO MALACA CASTELEIRO	ACADEMIA CIÊNCIAS DE LISBOA PORTUGAL
28.	JOÃO PEDRO PORTO	ESCRITOR AÇORIANO AÇORES
29.	JOHN J BAKER	UNIV PITTSBURGH, PENNSILVÂNIA EUA
30.	JOSÉ JORGE DE MELO	AUTOR AÇORIANO AÇORES
31.	JOSÉ SOARES	JORNALISTA, AÇORES
32.	JUDITE JORGE	ESCRITORA, AÇORES
33.	KATHARINE BAKER	UNIV PITTSBURGH, PENNSILVÂNIA, EUA
34.	KATIA PESSOA	SECRET ^a ESTADO EDUCAÇÃO S. PAULO BRASIL
35.	LAURA AREIAS	CLEPUL UNIVERSIDADE DE LISBOA PORTUGAL

36.	LOURDES MAGALHÃES	PORTUGAL
37.	LUCIANO PEREIRA	SECRET ^o AICL /I POLITÉCNICO SETÚBAL
38.	LUCÍLIA ROXO	EBI MAIA, AÇORES
39.	MADALENA SAN-BENTO	ESCRITORA AÇORIANA AÇORES
40.	MARA LÚCIA DAVID	SECRET ^a ESTADO EDUCAÇÃO S. PAULO BRASIL
41.	MARCOS FERREIRA	SECRET ^a ESTADO EDUCAÇÃO S. PAULO BRASIL
42.	M^a DE LOURDES MATIAS	PORTUGAL
43.	M^a DE LURDES ALFINETE	AÇORES
44.	M^a LUÍSA RIBEIRO	ESCRITORA AÇORIANA AÇORES
45.	M^a ZÉLIA BORGES	UNIVERSIDADE PRESB. MACKENZIE BRASIL
46.	MÁRIO MOURA	DOUTORANDO EM HISTÓRIA UNIV AÇORES
47.	MARLIT BECHARA	BRASIL
48.	NEIDE FERREIRA GASPAR	UNIV. SÃO PAULO, BRASIL
49.	NORBERTO ÁVILA	ESCRITOR AÇORIANO AÇORES
50.	PATRÍCIA DIAS DE MELO	AÇORES
51.	PATRÍCIA KONDO	UNIV SÃO PAULO, BRASIL/JAPÃO
52.	PAULA LIMÃO	UNIV PERÚGIA, ITÁLIA
53.	PAULO PEIXOTO	EBI MAIA AÇORES MAIS 4 , AÇORES
54.	(ANTÓNIO) PEDRO TEIXEIRA	EBI MAIA AÇORES MAIS 4, AÇORES
55.	PERPÉTUA SANTOS SILVA	SECRET ^o AICL /CIES-IUL Lisboa PORTUGAL
56.	RAFAEL CARVALHO	COMPOSITOR AÇORES
57.	RAQUEL MACHADO	CONSERVATÓRIO REG. PONTA DELGADA
58.	RENATA CORREIA BOTELHO	ESCRITORA AÇORIANA AÇORES
59.	ROLF KEMMLER	SECRET ^o AICL /UTAD (V. REAL) ALEMANHA
60.	ROZELI ALVES	SECRET ^a ESTADO EDUCAÇÃO S. PAULO BRASIL
61.	SÃO MEDEIROS	AÇORES
62.	SUSANA TELES MARGARIDO	ESCRITORA AÇORIANA AÇORES
63.	TIAGO ANACLETO-MATIAS	SECRET ^o AICL /PARLAMENTO EUR. BÉLGICA
64.	VAMBERTO FREITAS	UNIV AÇORES, AÇORES
65.	VÂNIA DILAC	CANTORA MOÇAMBIQUE
66.	ZÉ NUNO CÂMARA PEREIRA	ARTISTA PLÁSTICO AÇORES
67.	ZECA MEDEIROS	COMPOSITOR AÇORIANO AÇORES
68.	ZILDA ZAPPAROLI	UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, BRASIL

6. **HORÁRIO DAS SESSÕES** Cada orador dispõe de 15 minutos para a sua apresentação

24 de abril de 2014 (5ª feira) EBI Maia

15.15 | Lançamento literário: "Coletânea de textos dramáticos açorianos" (Helena Chrystello/Lucília Roxo) por Lurdes Alfinete

Hotel Vista do Vale

18.30 | Assembleia-geral ordinária da AICL (exclusiva para sócios)

19.30 | Secretariado: Acreditação participantes/Venda senhas almoço

| **Mostra de artes plásticas por José Nuno da Câmara Pereira**

20.30 | Jantar de Boas Vindas no Hotel Residencial Vista do Vale

25 de abril de 2014 (6ª feira) Moinho Terrace Café

09.30 | Secretariado: Acreditação participantes/Venda senhas Mostra de Livros da AICL/Mostra Artesanato Porto Formoso

10.00 | Foto de Família + apresentação 2 vídeos Açores e da AICL

10.30 | **Recital 1** Viola da Terra por **Rafael Carvalho** do Conservatório Regional de Ponta Delgada

11.00 | **Assinatura de Protocolo** Câmara Municipal da Ribeira Grande

| **Sessão 1: Abertura Oficial** (representante do Governo Regional, Doutora Pilar Sousa Lima Damião Medeiros, Diretora Regional da Juventude, Secretária Regional da Educação, Ciência e Cultura; Presidente da Câmara da Ribeira Grande; Presidente da Junta de Freguesia de Porto Formoso; Presidente da AICL)

11.45 | **Poesia 1 dos Açores e de abril** por **Luciano Pereira, Susana Teles Margarido e Chrys Chrystello**

12.15 | **Sessão 2:** Vídeo homenagem a **Álamo Oliveira**

12.45 | **Recital 2** Quarteto vocal do **Conservatório Regional de Ponta Delgada** dirigido pela maestrina e Soprano (**Raquel Machado**): Carina Andrade (soprano), Mariana Rocha (contralto), João Nuno Gonçalo (tenor) e André Fernandes (baixo)

13.15 | Almoço nos Moinhos

15.00 | **Sessão 3:** Moderador - **Tiago Anacleto-Matias**

- **Mário Moura:** *Esboço Geográfico de Fábricas, Áreas de Cultivo e de Produtores de Chá de S. Miguel;*
- **José Jorge de Melo:** *José Jorge de Melo, a Pessoa e a Obra;*
- **José Soares:** *Faria e Maia em Porto Formoso;*
- **Rolf Kemmler:** *Notas sobre a percepção dos Açores no mundo*

anglófono novecentista IV: Os irmãos Bullar e A Winter in the Azores and a Summer at the Baths of the Furnas (1841)

16.00 | Debate

16.15 | **Sessão 4:** Moderador – **Mª Zélia Borges**

- **Edson Luiz Oliveira:** *Língua Portuguesa e Identidade Timorense*
- **Perpétua Santos Silva:** *Línguas de Uso e Uso da Língua Portuguesa em Macau*
- **Patrícia Kondo:** *História Social, Política e a Expansão da Língua Portuguesa no Oriente.*
- **Paula Limão:** *Emigração e Identidade linguística: o caso do "Portinglês"*
- **Alexandre Banhos:** *O Português da Galiza segundo o Sexo dos Utentes*

17.30 | Debate e pausa

18.00 | **Sessão 5:** Moderador - **Helena Anacleto-Matias**

- **Zilda Zapparoli:** *Stablex: ferramenta linguístico-computacional para tratamento e análise de corpora;*
- **Daniela Fregonese:** *Análise do discurso das personagens femininas de Machado de Assis: escolhas lexicais rivilegiadas;*

18.30 | Debate

18.45 | **Apresentação Literária 1 José Soares:** "Crónica dos Regressos" prefácio de Carlos César, ex-Presidente do Governo Regional dos Açores. Apresenta **Vamberto Freitas**

19.30 | Jantar nos Moinhos

21.00 | **Sessão comemorativa 25 abril/40 anos de Liberdade de Expressão.** Música (**Zeca Medeiros, Aníbal Raposo, Vânia Dilac, Maninho e Outros, Pedro Teixeira e Paulo Peixoto** (Quinteto da EBI Maia)

26 de abril de 2014 (sábado) Moinho Terrace Café

09.45 | Secretariado: Acreditação participantes/Venda senhas

10.00 | **Sessão 7:** Moderador - **Luciano Pereira**

- **Afonso Teixeira Filho:** *A tradução de "O Paraíso Perdido" de John Milton;*
- **Katharine Baker:** *Drama! Intrigas! Vacas! Dois romances de imigrantes terceirenses no condado Tulare na Califórnia,*

- "Land of Milk and Money" de Anthony Barcellos e "Já Não Gosto de Chocolates" de Álamo Oliveira
- **Barbara Juršič:** *Metamorfozes da identidade nacional em romances portugueses do séc. XIX*
 - **Graça Castanho:** *800 anos de língua portuguesa /UDL – TPW um Projeto Internacional para a Promoção do Português;*
- 11.00 | Debate e pausa
- 11.30 | **Apresentação Literária 2 Barbara Juršič** "Ouriço Coração de Leão" Apresentação pela autora **Barbara Juršič**
- 11.45 | **Poesia 2:** por **Álamo Oliveira**
- 12.00 | **Sessão 8:** Das 3 Academias da Língua Portuguesa - Moderador **Chrys Chrystello**
- **João Malaca Casteleiro**
 - **Evanildo Bechara**
 - **Maria Dovigo**
- 13.00 | Almoço nos Moinhos
- 14.30 | **Passeio Cultural** (incl. cerimónia de entronização da Confraria de Chá em Porto Formoso, Ladeira da Velha, Santa Iria, Coroa da Mata, Ribeira Grande)
- 18.00 | Cineteatro Ribeiragrandense exibição exclusiva **documentário "A Viagem Autónómica"** de **Filipe Tavares**
- 20.00 | Jantar no Hotel Residencial Vista do Vale
- 27 de abril de 2014 (domingo) Moinho Terrace Café**
- 09.45 | Secretariado: Acreditação participantes/Venda senhas
- 10.00 | **Poesia 3:** por **Eduardo Bettencourt Pinto**
- 10.15 | **Sessão 9:** Moderador 6 - **Anabela Sardo**
- **João Pedro Porto:** *O homem da mansarda, preâmbulo de Porta Azul para Macau;*
 - **Laura Areias:** *Murmúrios com Vinho de Missa, de Álamo Oliveira: um grande romance sobre a solidão*
 - **Luciano Pereira:** *A Rosa é Sem Porquê. Homenagem a Maria Eduarda, Poetisa Vulcânica.*
- 11.00 | Debate e Pausa
- 11.30 | **Poesia 4:** de **Concha Rousia** por **Maria Dovigo**
- 11.45 | **Apresentação literária 3** "Marta de Jesus" de **Álamo Oliveira** por **Rolf Kemmler**

- 12.00 | **Sessão 10:** Moderador - **Álamo Oliveira**
- **Anabela Sardo:** *A propósito do texto Os Insuspeitos: as paixões de Ana Teresa Pereira*
 - **Anabela Mimoso:** *Rebello de Bettencourt – Raízes de Basalto*
 - **Eduardo Bettencourt Pinto:** *Rebello de Bettencourt*
 - **Mª Zélia Borges:** *Cristóvão de Aguiar escritor açoriano visceralmente ilhéu*
- 13.00 | Debate e Almoço nos Moinhos
- 15.00 | **Apresentação Literária 4** "Coletânea de Textos Dramáticos (Helena Chrystello/Lucília Roxo) por **Anabela Sardo**
- 15.20 | **Poesia 5:** por **Chrys Chrystello/Luciano Pereira**
- 15.40 | **Apresentação Literária 5** "9 Ilhas, 9 Escritoras" (**Helena Chrystello /Rosário Girão**) por **Lourdes Alfinete**
- 16.00 | **Recital 3** Trio instrumental do **Conservatório Regional de Ponta Delgada** dirigido pela maestrina e Soprano (**Raquel Machado**) com Ana Maria Ferreira e Bruna Teves (flautas)
- 16.30 | **Sessão 11:** Vídeo Homenagem: **Álamo Oliveira + 9 Escritoras**
- 16.45 | **Sessão 12: Homenagem a 9 Escritoras do Arquipélago da Escrita** Moderadora - **Helena Chrystello. Mesa Redonda** com as antologias presentes: 1. **Brites Araújo**, 2. **Joana Félix**, 3. **Judite Jorge**, 4. **Luísa Ribeiro**, 5. **Madalena Férin** [por **Zé Nuno da Câmara Pereira**], 6. **Madalena San-Bento**, 7. **Renata Correia Botelho**
- 18.15 | **Sessão 13: Poesia** dos Açores musicada por **Pedro Teixeira/Paulo Peixoto**
- 18.45 | **Sessão 14:** Encerramento, Conclusões, Entrega de Certificados.
- 20.00 | Jantar De Despedida - Hotel Residencial Vista Do Vale
- Moderadores:**

TIAGO ANACLETO-MATIAS Sessão 3	CHRYS CHRYSTELLO Sessão 8	Norberto Ávila SUPLENTE
Mª ZÉLIA BORGES Sessão 4	ANABELA SARDO Sessão 9	ROLF KEMMLER SUPLENTE
HELENA ANACLETO-MATIAS Sessão 5	ÁLAMO OLIVEIRA Sessão 10	PERPÉTUA SANTOS SILVA SUPLENTE
LUCIANO PEREIRA Sessão 7	HELENA CHRYSTELLO Sessão 12	

7. DISCURSO DO PRESIDENTE DA AICL - DISCURSO DE ABERTURA AICL 21º colóquio 2014 moinhos

Entra quase sem som o vídeo NOVE ILHAS DE BELEZA 15'

Os nossos cumprimentos e agradecimentos às entidades oficiais aqui presentes,
Dra. Pilar Sousa Lima Damião Medeiros, Diretora Regional da Juventude, Secretaria Regional da Educação, Ciência e Cultura em representação do governo regional,
DR ALEXANDRE GAUDÊNCIO PRESIDENTE DA CMRG
DR EMANUEL FURTADO PRESIDENTE DA JUNTA DE FREGUESIA DE PORTO FORMOSO
SENHORES DEPUTADOS DA ALRA
PRESIDENTES DAS JUNTAS DE FREGUESIA
Dra. CLÁUDIA ALBASINI E DR GUSTAVO FRAZÃO DO BES AÇORES
CAROS CONGRESSISTAS, COLEGAS E AMIGOS/AMIGAS
e demais presentes

Nos próximos três dias partilharemos aqui o 21º colóquio da lusofonia, que celebra a maioridade e consagra 40 anos de liberdade de expressão e homenageia a mulher açoriana na escrita. Pretendemos também dividir estes dias com as comunidades imigradas nos Açores numa manifestação da literatura como expressão da alma do povo e lembrar a posição (muitas vezes) subalterna da mulher nesta sociedade.

A presença em ambiente tão inovador resulta de uma nova parceria entre a AICL e a CMRG e a Junta de Freguesia de Porto Formoso.

As imagens que passam em fundo são representativas das nove ilhas dos Açores.

Tal como é costume, farei primeiro uma curta incursão na história. A segunda cidade da ilha do Arcaño, foi fundada em 1507 na "margem direita da foz da ribeira que lhe deu o nome...sufragânea de Vila Franca, onde mais eram os casebres de "pau-a-pique", cobertos de colmo, onde se abrigavam os pobres, do que as casas de pedra e telha onde habitavam já à volta do largo de Santo André, alguns homens mais abastados ou mais nobres. "

Só mais tarde a Ribeira Grande se expande para a margem esquerda, tendo sido seu primeiro habitante João do Outeiro, cuja casa viria a ser comprada uns séculos depois para a construção do Teatro Ribeiragrandense [1920]. Até então, o Recreatório, o Largo Gaspar Frutuoso e o Salão dos Bombeiros, iam representando a realidade cultural do dealbar do séc. XX, adaptados regularmente a locais de exibição de récitas, de concertos musicais e de filmes. De arquitetura eclética, o monumental Teatro inaugurado em 1933, foi remodelado e reaberto em maio de 2000 tendo acolhido o 5º e 7º colóquio em 2006 e 2007 e no qual visionaremos o documentário "A Viagem Autónómica" amanhã ao fim da tarde.

Hoje, a Ribeira Grande é ainda uma urbe com vocação agrária, cujos múltiplos moinhos de ribeira alimentaram com farinha a cidade de Ponta Delgada, durante séculos, envolvida por terrenos de cultivo em todo o seu *hinterland* sul, de costas viradas ao mar, naturalmente orientada de forma a estar protegida dos "ventos e marés" do agreste quadrante norte, de onde surge o vento mata-vacas...

A estrutura urbana da área mais antiga tem uma originalidade em relação às outras urbes açóricas: trata-se da forte presença, a céu aberto, da longa e declivosa ribeira, que deu o nome e marca o seu centro, atravessando-o de lado a lado, de sul para norte. Ao contrário de outros núcleos urbanos, a ribeira não foi encanada, mantendo a sua presença física e visual. A ribeira agora suporta jardins e espaços de água. O centro define-se historicamente pela praça Hintze Ribeiro, de jardim de gosto oitocentista preenchido por 8 metrosíderos, frente ao arco e torre municipal cuja remodelação está em curso na envolvente ao edifício seiscentista ao modelo corrente de "casa de câmara" da ilha, volume prismático simples, de dois pisos principais com escadório duplo, ampliado no séc. XVIII com um corpo lateral e torre. Voltemos à História.

"Em 1507 as terras que tanto haviam custado a desbravar, já se desentranhavam em fartas produções de vários géneros e as águas impetuosas da ribeira, já emprestavam a sua força às pedras dos moinhos. Estavam criadas as condições mínimas para uma efetiva e duradoura sobrevivência. Os heroicos homens que aqui chegaram e se fixaram em obediência às ordens do Infante de Sagres aqui cresceram e se multiplicaram em obediência à lei de Deus. Neles havia uma excecional capacidade de fé e de resignação provindas da Idade Média e uma enorme ânsia de melhor vida gerada pela Renascença que os levou a solicitar ao rei um diploma que lhes abrisse, mais amplamente, as portas do seu destino." A Ribeira Grande foi elevada à categoria de Vila por Foral de El-rei D. Manuel I de 4 de agosto de 1507 com uma área de "uma légua em redor do pelourinho em frente aos Paços do Concelho.

"Em 1526-1527 a peste assolou o povoado, com os homens a arrancarem, o teto das casas e delas se afastando durante um ano. Trinta e poucos anos depois em 23 de junho 1563 tinha 794 fogos com 2 583 almas quando houve a erupção vulcânica da Serra de Água de Pau, que destruiu Vila Franca, e três dias depois houve a erupção do Pico das Berlengas, com inundações torrenciais arrastando para o mar tudo quanto havia ficado de pé, incluindo os moinhos e no Pico das Berlengas surgiu a cratera da Lagoa do Fogo. Por quatro décadas durou a reconstrução, que aqueles homens não se deixavam vencer nem pela doença nem pela natureza.

Sofrendo as inclemências do tempo, reconstruíram tudo, limpando as terras, recompondo os moinhos, refazendo casas e reparando os templos. Nos alvares do séc. XVII a nova vila cresceu, de ruas mais largas e direitas, com casas mais amplas e templos mais vastos e sólidos. Flagelada ao longo dos tempos por calamidades naturais a todas sobreviveu e cresce para as povoações vizinhas. Foi pioneira da indústria têxtil na região e sede da primeira central geotérmica portuguesa sendo elevada a cidade em 29 junho 1981.¹"

Por seu lado, a fundação de Porto Formoso onde estamos, remonta ao início do séc. XVI, atestada pelo testamento do escudeiro Pedro Vaz Pacheco que, em 1509, mandou edificar a Capela do Bom Jesus para servir de jazigo aos seus descendentes. A capela sofreu acrescentos e alterações, tendo hoje uma frontaria com finos labores em basalto e um interior de três naves. Sobre esta localidade, Gaspar Frutuoso, nas suas "Saudades da Terra", refere: "*Se faz uma formosa enseada de praia de areia e no meio dela está o lugar de Porto Formoso pelo que nele tem, que era limpo e o melhor que havia na banda do norte...*"

Na estrada que nos liga à Ribeira Grande fica o Obelisco da Ladeira da Velha, memória de uma renhida batalha aqui travada durante as Lutas Liberais (1829-34) onde existe uma nascente de água mineral, rica em potássio, que brota a uma temperatura de 30 °C. Outrora lá funcionaram umas termas muito frequentadas, com uma pequena casa de repouso para os doentes, hoje em ruínas. Podemos ainda falar do Castelo ou Forte de S. Brás do Porto Formoso ou de N. Sra. da Graça, em posição dominante sobre o litoral, destinado à defesa do ancoradouro contra frequentes ataques de piratas e corsários. A Capitania Geral dos Açores, reporta em 1767: "*Tem 8 canhoneiras e 3 peças de ferro, incapazes; precisa 8.*" Aruinado e desartilhado em 1817 foi reconstruído e novamente artilhado, com quatro peças, em 1820. Na Guerra Civil Portuguesa (1828-1834), com o nome de Forte de N. Sra. da Graça ou Castelo, foi abandonado pela guarnição miguelista, depois de lhe ter encravado a artilharia por ocasião do desembarque das tropas liberais no Pesqueiro da Achadinha (1 de agosto 1831). Em 1909 encontrava-se em ruínas. Mais tarde, as suas dependências foram utilizadas para instalação de um traiol para derreter gordura de baleias. Atualmente em ruínas, subsiste parte da cortina oeste e um vão de porta da cortina sul com vestígios de paredes interiores. Em

contraste, a Praia dos Moinhos sofreu melhoramentos como é o caso do local onde decorre este colóquio, graças à visão do José Soares e da Manuela Pereira que na última década aqui criaram um dos locais mais aprazíveis da ilha. Esta deleitosa praia encravada entre altas arribas e atravessada por um pequeno curso de água doce, tem inúmeras azenhas que deram nome à zonal balnear e recordam a antiga atividade. Amanhã visitaremos a Fábrica de Chá Porto Formoso, com jardins panorâmicos, um espaço museológico, um salão de chá, onde assistiremos a uma entronização da Confraria do Chá depois passearemos por esta costa até à cidade.

A AICL é uma associação cultural e científica, sem fins lucrativos, congregada em torno de uma ideia abstrata e utópica – a união pela mesma Língua. Pretende fortalecer os laços no plano linguístico, cultural, social, económico e político, na defesa, preservação, ensino e divulgação da Língua e da identidade em torno da Língua comum com todas as suas variantes e idiosincrasias. Nos nossos colóquios da lusofonia, ao longo de mais de doze anos e vinte e um encontros temos vindo a acalantar o sonho que inicialmente concebemos de uma Lusofonia, pátria da língua, sem nacionalidades, capaz de englobar todos os que a trabalham, qualquer que seja a sua nacionalidade ou local de nascimento. É com enorme prazer que aqui estamos a partilhar com os presentes este nosso sonho. Muitas foram as vitórias alcançadas e vários os projetos concluídos com o voluntarismo dos nossos associados. Lenta mas seguramente os colóquios foram crescendo, tornaram-se associação, foram uma pedrada no charco, incomodaram muita gente e prosseguiram sem hesitações. Os nossos patronos, primeiro José Augusto Seabra, e depois, Malaca Casteleiro e Evanildo Bechara, a que mais recentemente se juntou Concha Roussia da Academia Galega, foram responsáveis por um enorme salto qualitativo e um enorme aumento da projeção internacional que obtivemos.

Desde 2006 que tem sido possível realizar dois colóquios por ano, um nos Açores e outro fora. Durante 8 anos tivemos como base Bragança e durante 5 a Lagoa (Açores), e esperamos ter o município da Ribeira Grande a servir de anfitrião no período 2015-2017. Posso já anunciar que os 4 próximos colóquios serão em Vila Real, no Fundão, em Vila do Porto e no Instituto Politécnico de Setúbal. Temos negociado patrocínios específicos que nos permitiram ir a Santa Catarina no Brasil, a Macau, a Ourense na Galiza

¹ (Vasconcelos, J. G. op cit e Moreira da Silva, Armindo de Melo) AAVV, *Arquitetura Popular dos Açores*, Ordem dos Arquitetos, [Lisboa], [2000].

e a Vila do Porto em Santa Maria, e com tais apoios trouxemos escritores dos EUA, Canadá e Brasil aos colóquios.

A eterna crise, ora agudizada, serve de desculpa aos governos e municípios para cortarem apoios à cultura, serve de desculpa aos depauperados politécnicos e universidades para não apoiarem a deslocação de professores e investigadores, e continuamos a depender apenas de nós para prosseguir esta Lusofonia utópica. Temos de inventar novos mecanismos, captando novos associados e escritores para o nosso seio, mantendo o rumo da defesa intransigente da língua e a divulgação dos seus autores.

Hoje debatemos a Lusofonia, a Açorianidade, a Tradução e a Homenagem contra o Esquecimento dedicada a Álamo Oliveira e a 9 escritoras do arquipélago da escrita. Haverá 5 sessões de poesia, 3 recitais, 5 apresentações literárias, uma mostra de livros, uma exposição de artes plásticas, uma mostra de artesanato e um passeio cultural regional. Este ano decidimos celebrar o 25 de abril e os 40 anos de liberdade de expressão através de um espetáculo especial multicultural com Zeca Medeiros, Aníbal Raposo, Vânia Dilac, Maninho além de um Quinteto da EBI Maia entre outros.

Dentre mais de seis dezenas de inscritos estão representados os seguintes países e regiões: Açores, Alemanha, Austrália, Bélgica, Brasil, Canadá, EUA, Eslovénia, Galiza, Itália, Japão, Moçambique e Portugal. Para além das atuais antologias, tradução de autores e projeto de musicar poesias incentivaremos o teatro, a música, a fotografia, a pintura e a escultura com maior participação de autores das várias áreas criativas. Nesse contexto anuncio que já estão em linha no nosso portal o 21º Caderno de Estudos Açorianos dedicado às Artes e em especial ao grande artista que aqui está o José Nuno da Câmara Pereira que conosco foi a Santa Maria em 2011 e em 2012 à Galiza. No Caderno nº 22 está o pintor Manuel Polícarpo mais conhecido no mundo das letras como Vasco Pereira da Costa, um dos motores destes colóquios e no Caderno 23 outro expoente da pintura, Tomaz Borba Vieira.

Em minha opinião, a crise do país é mais do que tudo uma crise de ideias, de líderes, de pensadores e intelectuais, aliada ao capitalismo selvagem, dito neoliberal, que desde os anos 90 tomou conta dos meios de produção globais. O país de onde diariamente emigram centenas de jovens letrados precisa de se servir da sua reserva intelectual, a geração grisalha de pensadores, escritores, artistas, outros intelectuais e filósofos para se libertar do clientelismo e das capelinhas políticas que nos conduziram a este triste estado da nação. Com eles podemos vencer a crise e sair da podridão da

partidarite viciada em cunhas, nepotismo e esquemas. Não devemos deixar que Portugal se perca na sua atual insignificância quando grande parte da sua História foi feita de grandes homens que se sobrepuseram, pela sua visão, às inúmeras gerações de Velhos do Restelo que hoje guiam os nossos filhos e netos para uma subserviência ao grande capital internacional sem esperanças de vida melhor. Trata-se de um retrocesso ao pior da Grande Revolução Industrial, rumo à criação de novos servos da gleba, automatizados, controlados e vigiados, mas sobretudo intelectualmente deficientes. A receita universalmente seguida hoje é a da ignorância, aliada a um voyeurismo exacerbado em telenovelas da vida real projetadas nas horas poucas de lazer. Acrescentemos a esta fórmula mágica o entorpecimento futebolístico que ajuda a exacerbar paixões e ventilar frustrações recalçadas e temos o caldo mágico de adormecimento das gerações futuras. Um sistema educacional e cultural forte seria a base para partirmos para o futuro em que ainda acreditamos com professores que ensinam, alunos que aprendem, e o respeito pela História, Geografia, Literatura e Cultura dos nossos antepassados. A minha geração e a dos nossos patronos foram criadas na certeza de que nada era fácil nem havia almoços grátis. Havia trabalho, muito e mal pago, e a réstia de esperança de que fosse reconhecido pois todas as promoções eram a pulso. Assim, essa geração subiu a novos patamares à custa de trabalho, esforço, estudo e aprendizagem contínua. Havia coisas sagradas a que chamávamos princípios e ética. Líamos, debatíamos, estudávamos e continuávamos a aprender toda a vida. Hoje constata-se o que se fez nas últimas décadas para destruir o tecido escolar, com a facilitação para falsificar estatísticas, programas elaborados para ninguém ficar para trás, a redução substancial do conteúdo de matérias a aprender, o lento esquecimento a que a História foi votada porque os nossos antepassados eram politicamente incorretos, a marginalização da Filosofia porque poderia levar os jovens a pensar e os maus tratos dados à Língua Portuguesa. A massificação do ensino fez tábua rasa das vocações e nivelou tudo pelo menor denominador comum em nome do politicamente correto criando professores inculcos, e alunos analfabetos funcionais incapazes de compreender ou debater o que leem.

Os autores que estudamos foram substituídos para que hoje fosse quase impossível criar uma geração filológica-linguística como a do Cenáculo ou compreender esse fenomenal, extraordinária e inexplicável centro de espírito e de estudo, de fantasia, de ideias numa sociedade banal como era

a de Lisboa na época. O Cenáculo era uma reunião permanente de jovens em volta de Antero de Quental. Cada um deles possuía conhecimentos profundos sobre, pelo menos, uma das ciências base que são a matriz do conhecimento: física, química, matemáticas, filosofia, direito, história e linguística. Quando Antero regressa do estrangeiro pleno de ideias e leituras novas é como que a vinda do Rei Artur à Corte de Camelot e daí nasceram as Conferências do Casino, fervilhantes de cultura europeia, fervor revolucionário, romanesca efervescência intelectual e sentimental. Essa geração tentou trazer algo de novo à nossa cultura, debatendo o Estado da Nação e as Conferências do Casino podem considerar-se um manifesto de geração. É disso que hoje precisamos e não sendo nossa função exercer discussão política, entendemos essenciais estas palavras que se prendem não com a política comezinha do quotidiano de miséria em que vivemos, mas com a visão de longo alcance, riqueza intelectual e educação que reputamos de essencial para que os nossos filhos e netos tenham um futuro e possam sonhar como nós fizemos no século passado. A educação para a vida e a cultura ao longo dos anos devem plasmar consciências coletivas, estruturadas em valores eternos da sociedade: moralidade, espiritualidade, e ética. Só um povo educado e culto pode exercer a sua função soberana e justificar a sua existência terrena. Foi também isso que aqui viemos partilhar convosco, para que juntos possamos continuar a acreditar nos nossos sonhos

1.	AFONSO TEIXEIRA FILHO	KATHOLIEKE UNIVERSITEIT LOVAINA, BÉLGICA	AS TRADUÇÃO DE O PARAÍSO PERDIDO DE JOHN MILTON	3
2.	ÁLAMO OLIVEIRA	ESCRITOR AÇORIANO, TERCEIRA, AÇORES	<ul style="list-style-type: none"> • APRESENTAÇÃO PÚBLICA DO SEU LIVRO "MARTA DE JESUS" • PARTICIPA NAS SESSÕES DE POESIA • MODERA A SESSÃO 10 	1.3
3.	ALEXANDRE BANHOS	AICL/FUNDAÇÃO ME-ENDINHO, GALIZA	O PORTUGUÊS DA GALIZA SEGUNDO O SEXO DOS UTENTES	2.1
4.	ANABELA MIMOSO	AICL/CEI-EF ULHT, PORTO, PORTUGAL	REBELLO DE BETTENCOURT: RAÍZES DE BALSALTO	1
5.	ANABELA SARDO	AICL/INST.º POLITÉCNICO GUARDA, PORTUGAL	<ul style="list-style-type: none"> • A PROPÓSITO DO TEXTO 'OS INSUSPEITOS', AS PAIXÕES DE ANA TERESA PEREIRA. • APRESENTA O LIVRO "COLETÂNEA DE TEXTOS DRAMÁTICOS DE 	2.2

			AUTORES AÇORIANOS" DE HELENA_CHRYSTELLO E LUCÍLIA ROXO	
			<ul style="list-style-type: none"> • MODERA A SESSÃO 9 • FAZ PARTE DO SECRETARIADO EXECUTIVO DO XXI COLÓQUIO 	
6.	ANÍBAL RAPOSO	COMPOSITOR AÇORIANO, AÇORES	TOMA PARTE NA SESSÃO 25 ABRIL, 40 ANOS DE LIBERDADE DE EXPRESSÃO	--
7.	BARBARA JURŠIČ	AICL/MINISTÉRIO DO INTERIOR, ESLOVÉNIA	<ul style="list-style-type: none"> • METAMORFOSES DA IDENTIDADE NACIONAL EM ALGUNS DOS ROMANCES PORTUGUESES DO SÉC. XIX • APRESENTA O SEU LIVRO »OURIÇO CORAÇÃO DE LEÃO« 	2.1
8.	BRITES ARÁÚJO	AICL/ESCRITORA, AÇORES	PARTICIPA NA MESA REDONDA 9 ILHAS, 9 ESCRITORAS	1.1
9.	CHRYS CHRYSTELLO	AICL, AUSTRÁLIA	<ul style="list-style-type: none"> • MODERA SESSÃO (8) DAS ACADEMIAS • PARTICIPA NA SESSÃO DE POESIA 	2.2
10.	CONCHA ROUSIA/Mª DOVIGO	AICL/AGLP (ACADEMIA GALEGA), GALIZA	<ul style="list-style-type: none"> • DISCURSA NA SESSÃO DAS ACADEMIAS • PARTICIPA NA SESSÃO DE POESIA 	2.2
11.	DANIELA FREGONESE	AICL/UNIV SÃO PAULO, BRASIL	ANÁLISE DO DISCURSO DAS PERSONAGENS FEMININAS DE MACHADO DE ASSIS: ESCOLHAS LEXICAIS PRIVILEGIADAS	2.4
12.	EDSON LUIZ OLIVEIRA	UNIV SÃO PAULO, BRASIL	LÍNGUA PORTUGUESA E IDENTIDADE TIMORRENSE	2.1
13.	EDUARDO BETTENCOURT PINTO	AICL/ESCRITOR, CANADÁ	<ul style="list-style-type: none"> • REBELLO DE BETTENCOURT • PARTICIPA NAS SESSÕES DE POESIA 	1.3
14.	EVANILDO C BECHARA	AICL/ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, BRASIL	DISCURSA NA SESSÃO DAS ACADEMIAS	2.2
15.	GRAÇA B CASTANHO	AICL/UNIV AÇORES	<ul style="list-style-type: none"> • UDL - TPW, UM PROJETO INTERNACIONAL PARA A PROMOÇÃO DO PORTUGUÊS • CELEBRAR 800 ANOS DE VIDA PORTUGUESA 	2.4
16.	HELENA ANACLETO-MATIAS	AICL/ISCAP/IPP, PORTO PORTUGAL	<ul style="list-style-type: none"> • MODERA A SESSÃO 5 • FAZ PARTE DO SECRETARIADO EXECUTIVO DO XXI COLÓQUIO 	--

ATAS/ANAIS DO XXI COLÓQUIO DA LUSOFONIA. MOINHOS. PORTO FORMOSO. AÇORES 24-27 abril 2014 – Página | 20

17.	HELENA CHRYSTELLO	AICL, AÇORES	<ul style="list-style-type: none"> • APRESENTAÇÃO PÚBLICA DA SUA OBRA “9 ILHAS 9 ESCRITORAS” • APRESENTAÇÃO PÚBLICA DA “COLETÂNEA TEXTOS DRAMÁTICOS AÇORIANOS” • MODERA A SESSÃO 11 • PRESIDE AO SECRETARIADO 	1.1
18.	JOANA FÉLIX	ESCRITORA, AÇORES	PARTICIPA NA MESA REDONDA 9 ILHAS, 9 ESCRITORAS	1.1
19.	JOÃO CHRYS-TELLO	AICL, ESC. SEC RIBEIRA GRANDE, AÇORES	FAZ PARTE DO SECRETARIADO EXECUTIVO DO XXI COLÓQUIO E APOIO TÉCNICO (SONOPLASTIA E IMAGEM)	--
20.	JOÃO MALACA CASTELEIRO	AICL/ACADEMIA CIÊNCIAS DE LISBOA PORTUGAL	SESSÃO DAS ACADEMIAS	2.2
21.	JOÃO PEDRO PORTO	ESCRITOR AÇORIANO AÇORES	APRESENTA NOVO LIVRO DE FIÇÃO	1.3
22.	JOSÉ JORGE DE MELO	AICL/AUTOR AÇORIANO AÇORES	JOSÉ JORGE DE MELO: A PESSOA E A OBRA	1.3
23.	JOSÉ SOARES	AICL/JORNALISTA, AÇORES	<ul style="list-style-type: none"> • FARIA E MAIA EM PORTO FORMOSO • APRESENTAÇÃO PÚBLICA DO SEU LIVRO “A CRÓNICA DOS REGRESSOS” • FAZ PARTE DO SECRETARIADO EXECUTIVO DO XXI COLÓQUIO 	1.3
24.	JUDITE JORGE	ESCRITORA, AÇORES	PARTICIPA NA MESA REDONDA 9 ILHAS, 9 ESCRITORAS	1.1
25.	KATHARINE BAKER	TRADUTORA, EUA	DOIS ROMANCES DE LEITARIAS NO CONDADO DE TULARE NA CALIFÓRNIA: “LAND OF MILK AND MONEY” DE ANTHONY BARCELLOS E “JÁ NÃO GOSTO DE CHOCOLATES” DE ÁLAMO OLIVEIRA.	3
26.	LAURA AREIAS	AICL/CLEPUL UNIVERSIDADE DE LISBOA PORTUGAL	MURMÚRIOS COM VINHO DE MISSA, DE ÁLAMO OLIVEIRA: UM GRANDE ROMANCE SOBRE A SOLIDÃO	1.3
27.	LUCIANO PE-REIRA	AICL/INST.º POLITÉCNICO DE SETÚBAL PORTUGAL	<ul style="list-style-type: none"> • A ROSA É SEM PORQUÊ. HOMENAGEM A Mª EDUARDA, POETIZA VULCÂNICA • PARTICIPA NA SESSÃO DE POESIA • MODERA A SESSÃO 7 	1.1

			<ul style="list-style-type: none"> • FAZ PARTE DO SECRETARIADO EXECUTIVO DO XXI COLÓQUIO 	
28.	LUCÍLIA ROXO	EBI MAIA AÇORES	APRESENTAÇÃO PÚBLICA DA SUA OBRA “COLETÂNEA TEXTOS DRAMÁTICOS DE AUTORES AÇORIANOS”	1.1
29.	MADALENA SAN-BENTO	ESCRITORA, AÇORES	PARTICIPA NA MESA REDONDA 9 ILHAS, 9 ESCRITORAS	1.1
30.	MARIA DE LURDES ALFINETE	EBI MAIA, AÇORES	APRESENTA O LIVRO »9 ILHAS, 9 ESCRITORAS DE HELENA CHRYSTELLO E ROSÁRIO GIRÃO	1.1
31.	MARIA ZÉLIA BORGES	AICL/UNIVERSIDADE PRESB. MACKENZIE BRASIL	<ul style="list-style-type: none"> • CRISTÓVÃO DE AGUIAR, ESCRITOR AÇORIANO, VISCERALMENTE ILHÉU • MODERADORA DE SESSÕES 	1.3
32.	MÁRIO MOURA	DOCTORANDO HISTÓRIA, UNIVERSIDADE AÇORES	ESBOÇO GEOGRÁFICO DE FÁBRICAS, DE ÁREAS DE CULTIVO E DE PRODUTORES DE CHÁ DE SÃO MIGUEL	2.7
33.	PATRÍCIA KONDO	UNIV DE SÃO PAULO, BRASIL	HISTÓRIA SOCIAL, POLÍTICA E A EXPANSÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA NO ORIENTE	2.1.
34.	PAULA LIMÃO	AICL/UNIV DE PERÚGIA, ITÁLIA	EMIGRAÇÃO E IDENTIDADE LINGUÍSTICA: O CASO DO PORTINGLÊS	2.1
35.	PAULO PEIXOTO	EBI MAIA, AÇORES	<ul style="list-style-type: none"> • TOMA PARTE NA SESSÃO 25 ABRIL, 40 ANOS DE LIBERDADE DE EXPRESSÃO • TOMA PARTE NA SESSÃO POESIA DOS AÇORES MUSICADA 	--
36.	PEDRO TEIXEIRA	EBI MAIA, AÇORES	<ul style="list-style-type: none"> • TOMA PARTE NA SESSÃO 25 ABRIL, 40 ANOS DE LIBERDADE DE EXPRESSÃO • TOMA PARTE NA SESSÃO POESIA DOS AÇORES MUSICADA 	--
37.	PERPÉTUA SANTOS SILVA	AICL/CIES-IUL LISBOA PORTUGAL	<ul style="list-style-type: none"> • LÍNGUAS DE USO E USO DA LÍNGUA PORTUGUESA EM MACAU • MODERADORA DE SESSÕES • FAZ PARTE DO SECRETARIADO EXECUTIVO DO XXI COLÓQUIO 	2.1
38.	RAFAEL CARVALHO	COMPOSITOR AÇORIANO, AÇORES	<ul style="list-style-type: none"> • APRESENTA RECITAL DE VIOLA DA TERRA • TOMA PARTE NA SESSÃO 25 ABRIL, 40 ANOS DE LIBERDADE DE EXPRESSÃO 	--

39.	RAQUEL MACHADO	AICL/CONSERVATÓRIO REGIONAL PONTA DELGADA	APRESENTAÇÃO EM DOIS RECITAIS DO <u>CANCIONEIRO AÇORIANO</u>	--
40.	ROLF KEMMLER	AICL/CEL-UTAD, VILA REAL/ALEMANHA	<ul style="list-style-type: none"> NOTAS SOBRE A PERCEÇÃO DOS AÇORES NO MUNDO ANGLÓFONO NOVECENTISTA IV: OS IRMÃOS BULLAR E - <i>A WINTER IN THE AZORES: AND A SUMMER AT THE BATHS OF THE FURNAS</i> (1841) APRESENTA O LIVRO "MARTA DE JESUS" DE ÁLAMO OLIVEIRA FAZ PARTE DO SECRETARIADO EXECUTIVO DO XXI COLÓQUIO MODERADOR DE SESSÕES 	1.5
41.	TIAGO ANACLETO-MATIAS	AICL/PARLAMENTO EUROPEU, BRUXELAS, BÉLGICA	<ul style="list-style-type: none"> MODERA A SESSÃO 3 FAZ PARTE DO SECRETARIADO EXECUTIVO DO XXI COLÓQUIO 	--
42.	VAMBERTO FREITAS	ESCRITOR AÇORIANO, UNIV. DOS AÇORES	APRESENTA O LIVRO "A CRÓNICA DOS REGRESSOS" DE JOSÉ SOARES	1.3
43.	VÂNIA DILAC	CANTORA, MOÇAMBIQUE	TOMA PARTE NA SESSÃO 25 ABRIL, 40 ANOS DE LIBERDADE DE EXPRESSÃO	--
44.	ZÉ NUNO DA CÂMARA PEIREIRA	ARTISTA PLÁSTICO, AÇORES	<ul style="list-style-type: none"> APRESENTA EXPOSIÇÃO DE ARTES PLÁSTICAS A SOLO PARTICIPA NA MESA REDONDA 9 ILHAS, 9 ESCRITORAS REPRESENTANDO MADALENA FÉRIN 	--
45.	ZECA MEDEIROS	AUTOR, COMpositor, REALIZADOR AÇORIANO	TOMA PARTE NA SESSÃO 25 ABRIL, 40 ANOS DE LIBERDADE DE EXPRESSÃO	--
46.	ZILDA ZAPPAROLI	AICL/UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, BRASIL	STABLEX: UMA FERRAMENTA LINGUÍSTICO-COMPUTACIONAL PARA TRATAMENTO E ANÁLISE DE <i>CORPORA</i>	2.4

8. TRABALHOS FINAIS COM SINOPSES, BIODADOS - ORADORES, PRESENCIAIS, CONVIDADOS E ORGANIZAÇÃO

1. AFONSO TEIXEIRA FILHO, KATHOLIEKE UNIVERSITEIT, LEUVEN, BÉLGICA, BRASIL



AFONSO TEIXEIRA FILHO, Brasileiro, casado, 52 anos. Doutor em Estudos da Tradução pela Universidade de São Paulo (USP). Defendeu tese de doutoramento sobre a obra *Finnegans Wake* de James Joyce.

É tradutor profissional, exercendo, atualmente, pesquisa sobre as traduções para o português do poema de John Milton, *Paraíso perdido*, na Katholieke Universiteit de Leuven, Bélgica.

Paralelamente, realiza pesquisa em Filologia Românica, sobre o romance ibérico, com atenção especial para a língua mirandesa.

É SÓCIO DA AICL

JÁ PARTICIPOU NO 18º COLÓQUIO, OURENSE, GALIZA 2012 E 20º EM SEIA 2013

TEMA 3. AS TRADUÇÕES PARA O PORTUGUÊS DO PARAÍSO PERDIDO, DE JOHN MILTON, AFONSO TEIXEIRA FILHO, PROFESSOR DOUTOR, KATHOLIEKE UNIVERSITEIT LEUVEN.

RESUMO

Neste ensaio, trataremos de alguns problemas relacionados com a tradução de poesia. Começaremos por definir o conceito de literalidade e suas limitações. Em seguida, mostraremos em que medida as traduções para o português do *Paraíso Perdido*, de John Milton, se afastam dessa literalidade. Mostraremos também que outras limitações sujeitaram os tradutores do poema.

INTRODUÇÃO

O crítico francês Antoine Berman, em um ensaio intitulado “Chateaubriand, tradutor de Milton”, faz uma distinção entre tradução à letra e tradução palavra por palavra. A tradução palavra por palavra seria, para ele, aquela apegada aos aspectos semânticos do texto. A tradução à letra, aquela apegada aos aspectos poéticos do texto. A esta última ele denomina tradução literal.

A tradução literal deve repor o maior número possível de características do original: o ritmo, os jogos de palavra, a estrutura, o núcleo prosaico do poema, etc. Mas deve ser “a expressão de uma certa relação com a *língua materna* (a qual, obrigatoriamente, violenta)”².

Mas a tradução literal é também uma retradução. As primeiras traduções de uma obra costumam reproduzir em outra língua as ideias contidas no texto original. As segundas traduções, ou retraduições, procurarão servir de contraponto às primeiras traduções, trazendo para a língua de chegada uma nova relação com o texto original e estabelecendo, por sua vez, uma nova relação entre as duas línguas. A retradução ocorre numa relação bastante íntima com o original, intimidade essa que as primeiras traduções não têm. Mas a retradução relaciona-se, também de maneira íntima, com as traduções existentes, ao criticá-las, ao oporem-se a elas.

Berman dá como exemplo de retraduições, *Antígona* e *Édipo* de Sófocles, feitas por Hölderlin; a tradução do *Paradise Lost* de John Milton, por Chateaubriand; e a *Eneida* de Virgílio, feita por Pierre Klossowski.

Para traduzir Milton, François-René Chateaubriand, mestre incontestável da prosa francesa, decidiu renunciar aos “imensos recursos dessa prova que ele dominava com maestria”.

O poema original é uma obra que recorre à literalidade em diversas passagens. Milton cita literalmente escritores latinos, como Virgílio e Sêneca; italianos como Dante e Ariosto; cita a Bíblia, quer em sua versão latina, a *Vulgata*, como em sua versão inglesa, a *Authorized Version*. Além de traduzir literalmente esses poetas, Milton usa uma sintaxe bastante estranha à língua inglesa, dando ao texto a aparência de ser uma tradução literal de algum poema latino. Chateaubriand traduzirá Milton da mesma forma: literalmente.

No entanto, Chateaubriand, mesmo recorrendo à literalidade, não traduz Milton em versos, mas em prosa. Em primeiro lugar, porque Chateaubriand era o mestre da prosa; em segundo lugar, porque a épica tem uma proximidade muito grande com a prosa, por ser um poema narrativo. E o resultado será um texto em francês que, a todo instante, violenta as regras de prosódia da língua francesa; um texto que força para dentro da língua estruturas estranhas à ela. É uma tradução que se opõe a todas as outras feitas até então. Chateaubriand dirá: “Até agora as traduções dessa obra-prima foram menos verdadeiras traduções que *epítomes* ou *amplificações parafraseadas*, nas quais o sentido geral é apenas perceptível.

As críticas a essas traduções promovem aquilo que Berman chama de retradução. Para ele, é no âmbito das retraduições que surgem as obras-primas da tradução. Pois as primeiras traduções servem para introduzir obras estrangeiras na cultura de um povo. Os primeiros contatos são de apresentação, de explicação. Quando a obra já não é mais estranha à língua é que se pode traduzi-la com mais perfeição. E isso é feito com os olhos voltados para o original e para as traduções existentes.

Por exemplo. Milton escreve:

Rocks, caves, lakes, fens, bogs, dens, and shades of death

O que Chateaubriand traduz da seguinte maneira:

rocs, grottes, lacs, mares, gouffres, antres et ombres de mort

Ao passo que outro tradutor francês, ao qual Chateaubriand se refere, havia traduzido a passagem desta forma:

des rochers, des fondrières, des lacs, des précipices et des marais empestés, elles retrouvaient d'épouvantables ténèbres, les ombres de la mort

² BERMAN, 2012, p. 138.

Chateaubriand afirma que procurou traduzir os monossílabos de Milton por monossílabos, para manter o ritmo do original, enquanto o outro tradutor francês, Dupré de Saint-Maur, não se importava com isso, pois estava mais preocupado em compor um texto dentro das normas estilísticas de sua época, seguindo todas as regras da gramática. O texto de Chateaubriand é uma tradução literal do poema de Milton: "rochas, grutas, lagos, mares, abismos, antros e sombras da morte." O texto de Saint-Maur é uma paráfrase emolpada: " [por] rochedos, poços, lagos, precipícios e pântanos empestados, encontravam trevas aterrorizantes, sombras da morte."

Chateaubriand critica também o fato de que outros tradutores omitiram ou acrescentaram passagens e que a melhor forma de traduzir Milton é palavra por palavra, mesmo que, para isso, tivesse ele de desobedecer o regime dos verbos franceses.

O PARAÍSO PERDIDO

A primeira tradução do *Paradise Lost* para o português foi feita no século XVIII e, até hoje, existem apenas seis traduções completas do poema para essa língua. Nenhuma dela, contudo, pode ser considerada uma retradução. Nenhuma delas se debruça sobre as outras de maneira crítica. A única delas a fazer menção a outras traduções é, justamente, a última, publicada em 2006.

O poema foi traduzido pela primeira vez por um padre, José Amaro da Silva, e foi publicada em 1789. A tradução era em prosa. A segunda é obra de Francisco Bento Maria Targini. Feita em versos, foi publicada em 1823. A terceira, também em versos, foi realizada por um médico, em 1840, e é aquela que conta com o maior número de edições no Brasil. Posteriormente, apareceram outras duas traduções em prosa: a primeira, de uma brasileira, Conceição Sotto Maior (1946); e a segunda, feita por dois portugueses, Fernando da Costa Soares e Raul Domingos Mateus da Silva (2002)³. Por fim, em 2006, veio à luz uma nova tradução em versos, em edição bilíngue, até há pouco esgotada, realizada pelo dramaturgo Daniel Jonas. Há ainda uma edição brasileira, cujo título é *Paraíso Perdido*, mas se trata de uma tradução de uma paráfrase do texto.

Os tradutores deram pouco atenção às traduções existentes. E, quando o fizeram, trataram de desdenhá-las apenas. No prefácio de sua tradução, Targini discorre sobre uma série de traduções feitas para outras línguas, como o italiano, o castelhano e o alemão. Mas a crítica não tem coerência com o resultado apresentado por Targini em seu *Paraíso Perdido*. Ele critica, sobretudo, aqueles que traduziram Milton em prosa.

A tradução de Targini é obra de um literato competente, mas seu texto parece mais Camões do que Milton. Daniel Jonas, por sua vez, menciona todas as traduções que foram feitas, até então, do poema. Mas não as critica de fato.⁴ No entanto, realiza uma tradução não apenas eficiente, mas, em certo sentido inovadora. Consegue verter os decassílabos de Milton em decassílabos portugueses, perdendo pouco ou não perdendo nada, em termos semânticos. Em seguida, trataremos de cada uma das traduções mencionadas.

OS TRADUTORES JOSÉ AMARO DA SILVA

A primeira tradução do *Paradise Lost* em língua portuguesa surgiu em 1789 e teve como autor o Padre José Amaro da Silva, presbítero vimaranense. Na mesma edição, está o *Paraíso restaurado*, do mesmo Milton. De seu tradutor não há notícia. Não se encontram registros de sua vida nem de sua obra. A única coisa que se sabe dele é que foi presbítero e tradutor de Milton.

Quanto aos critérios utilizados por ele em sua tradução, podemos inferir-los, antes de analisar o poema, pelo que diz o editor no prefácio ao livro:

estando eu persuadido de que esta nação taõ gloriosa, como sábia, me tem honrado com acceitação, que tem feito de todas as Obras, que ou a instruaõ, ou a deleitem, me animei a mandar traduzir o célebre, e douto poema de JOAO MILTON, intitulado o Paraíso Perdido, com muitas Notas Historicas, Mythologicas, e Geograficas, e as observações de Mr. Addison; como também o Paraíso restaurado, outro poema do mesmo Author.

³ Trata-se, aparentemente, de uma reedição, embora seja a única a constar do catálogo da Biblioteca Nacional de Portugal.

⁴ Daniel Jonas confessa que só teve acesso a duas traduções existente: a de António Leitão e a de Soares e Mateus (esta última, em prosa). Faz, contudo algumas

observações sobre a tradução de António Leitão, mostrando-se mais interessado em um prefácio laudatório a essa tradução do que à tradução em si.

O editor, no entanto, ressalta que Milton era bom poeta e mau político e que servia a um tirano; mas que seu poema estava bem ao gosto da época. Entretanto, o poeta não podia ser censurado a não ser por “*algumas pinturas, e descrições, ou frouxas, ou dilatadas; porém comparadas com as bellezas, que tem, estas fazem esquecer o que não hé taõ bom*”.

E, por fim, conclui seu prefácio com esta nota: “*Da minha parte concorri, para que a Traducção fosse fiel, e tudo ajudasse ao asseio, e bondade da Obra; e assim irei continuando em patentear ao Público tudo quanto achar util, ou deleitoso.*”

Não cabe ver nessas palavras nenhuma interferência do editor, e sim um cuidado em relação à censura e ao Ofício. Seja como for, será preciso ater-se a uma ou outra deformação ao texto provocada pelo caráter ideológico do autor e de sua época.

Amaro da Silva inicia o texto com a frase “eu canto”. O verbo cantar só vai aparecer no verso 6 do original, mas, aqui, quem canta é a Musa Celestial.

A escolha do tradutor se deu por uma tentativa de imitar Homero e Virgílio que iniciam seus épicos desta forma:

Canta-me, ó deusa, do Peleio Aquiles / A ira tenaz... (Homero, Ilíada, v. 1)

Canta, ó Musa, o varão que astucioso... (Homero, Odisseia, v. 1)
... as horríveis / Armas canto, e o varão... (Virgílio, Eneida, vv. 5, 6)

Essa fórmula aparece também em Ariosto e Camões, bem como em diversos poetas épicos menores. O tradutor do *Paradise Lost* obedeceu a uma fórmula que o próprio Milton não seguiu; e não o fez por motivos religiosos. Como cristão, Milton sabe que os textos sagrados eram inspirados pelo Espírito Santo de Deus; os autores bíblicos, portanto, não cantavam nada, apenas reproduziam em linguagem própria o que lhes inspirava o Espírito Santo. Milton não canta pois reivindica a inspiração do Espírito, como se pode ver nos versos 17-19 do poema: “*O Spirit... / Instruct me...*”

Em seguida, vemos que Amaro da Silva substitui “gosto mortal” por “funestos efeitos”. Não cremos que o fizesse por implicações estéticas, ou seja, por manter as aliterações, pois a aliteração era considerada efeito de mau-gosto para os clássicos e era usada com muita parcimônia.

Pouco depois, o tradutor verte “morte e males” por “mal da morte”; substitui “Éden” por “Paraíso”; escreve “Deus, feito homem” em vez de “homem superior”; acrescenta “julgar as Nações”. O segundo parágrafo da tradução, por sua vez, mantém-se mais fiel ao original.

Não é difícil de perceber que os acréscimos e desvios feitos pelo tradutor são de caráter ideológicos. Atentemos para o fato de ser ele um padre católico.

TARGINI

Francisco Bento Maria Targini talvez tenha sido aquele que melhor verteu para o português o poema de Milton. No prólogo de sua tradução, publicada em 1823, afirma ele que “*a maior parte das naçoens cultas da Europa procuraram então traduzir em prosa, ou em verso o Poema Épico do Paraíso Perdido; porém todas té o presente o tem mal vertido*”.

A primeira crítica que faz às traduções é o fato de muitas delas terem sido feitas em prosa, o que seria o mesmo que tocar Haydn ou Mozart “*fóra de compasso em hum órgão desaffinado*”. Em seguida, critica também os que traduziram em versos o poema, pois não fizeram outra coisa que “*paraphrasear o seu texto, omittindo episodios, sentenças, e versos...*”

Targini repudia também as traduções em versos rimados do poema, alegando que as rimas prejudicam a força e a concisão e diminuem a grandeza do poema.

Embora Targini se refira à tradução francesa de Delille, podemos dizer que força e grandeza são fatores que não podem ser medidos objetivamente, muito menos pela régua da rima. Quanto à concisão, as línguas românicas certamente não possuem a concisão do inglês e, nesse sentido, a concisão estaria prejudicada antes mesmo de o poema ser traduzido.

A melhor tradução do poema de Milton, segundo o mesmo Targini, era a de um italiano chamado Paolo Rolli (1735), que, não obstante, emitiu muitas passagens do original, por não estarem de acordo com a disciplina católica, e substituiu-as por versos de cunho próprio. Tradução mais fiel fez Felix Mariottini (1813), ainda que inferior a de Rolli.

As mesmas adulterações foram feitas em alemão. A primeira saiu em 1706, de autoria de Samuel Grootner, em caracteres góticos e versos rimados. O tradutor omite dois episódios inteiros e diversos versos, o que teria ocorrido ou por falta de entendimento ou por motivos ideológicos.

Em 1812, surge uma tradução espanhola, feita pelo Arcediago de Alcaraz, D. J. de Escoiquiz. Essa tradução também é rimada e escora-se na de Delille. Targini afirma, ainda, que, até à sua época, não havia tradução portuguesa que fizesse juz ao poema de Milton, apesar de ser a língua portuguesa a mais adequada para reproduzir o *Paraíso perdido*, segundo ele. Targini pensava na epopeia camoniana. Mas pensava também que traduzir o *Paradise Lost* seria uma forma de não deixar morrer a língua portuguesa.

O critério utilizado por ele para a sua tradução pode ser resumido em suas próprias palavras:

O merecimento de hum autor, e a sublimidade da sua obra somente se faz recommendavel traduzindo-se com exactidão as suas ideas, pensamentos, sentenças, desinencias, figuras, e todos os artificios, e rasgos de imaginação, e linguagem por outras iguaes e correspondentes bellezas do idioma em que devem ser vertidas, guardando-se sempre a harmonia, metro, elegancia das phrases, e idiotismos de ambas as línguas, em quanto for compatível com a nobreza e decora dellas: de outra forma toda a veí são seria infiel, e desacreditàra o autor, e o seu traductor. Esta foi a norma que segui na presente translação do Paraíso Perdido. (Targini, p. xxxij)

Por fim, Targini afirma que preferira a clareza épica (do português) à concisão (do inglês) e que, por isso, optara por não obedecer o mesmo número de versos do original ainda que mantivesse quase o mesmo número de vocábulos. Quanto ao verso, optou pelo endecassílabo (decassílabo terminado em palavra paroxítona) solto (versos brancos).

Essa tradução foi baseada na edição de 1749 e é densamente anotada. O tradutor adverte, contudo, para que o leitor não estranhe determinadas ideias do autor que possam vir a chocar o leitor, referindo-se à fé presbiteriana de Milton e às ideias republicanas do autor.

Como sabemos, Milton serviu ao governo de Cromwell, o qual, na época de Targini, era considerado governo de um usurpador, visto que depusera o rei e o enviara para o patíbulo. Portugal e o restante da Europa consideravam esse acontecimento como uma monstruosidade, por serem governados por reis, tidos como legítimos representantes de Deus na terra.

No entanto, quando analisamos os versos de Targini, não vimos neles desvios acentuados. A tradução é quase literal.

LIMA LEITÃO

António José de Lima Leitão era médico e serviu no Alto Comando Imperial de Napoleão, depois que Junot invadiu Portugal. Como médico, Lima Leitão, viajou para o Rio de Janeiro, onde se encontrava a família real portuguesa, que o nomeou cirurgião em Moçambique e, depois, nas Índias. Participou das Cortes de Lisboa como deputado e é tido como o introdutor da homeopatia em Portugal.

Como literato, traduziu Virgílio, Lucrecio, Horácio, Racine, Boileau, Milton e outros.

A tradução do *Paradise Lost*, feita por Lima Leitão, foi publicada em 1840, durante o reinado de Fernando II. Ela também foi feita em versos endecassílabos soltos.

Lima Leitão utiliza, como Targini, o hipérbato. No entanto, esse recurso é quase obrigatório na confecção de versos em português, devido ao tamanho das palavras e ao deslocamento delas para a composição do ritmo. Não podemos, portanto, atribuir o uso do hipérbato apenas à manutenção da fidelidade do texto. Milton utilizou o hipérbato para imitar o latim; seus tradutores portugueses o fizeram pelas razões mencionadas acima. Verificamos isso facilmente: basta ver que os hipérbatos do original não são reproduzidos na tradução, e que os hipérbatos da tradução não se encontram no original.

Uma das características do *Paradise Lost* é a forma com que Milton trata a sintaxe e o léxico da língua inglesa. Sempre que sente necessidade, o poeta desobedece as regras gerais para impor as suas próprias. O texto de Milton é repleto de latinismos, italianismos, hebraísmos e *pastiches* da *Vulgata*, da *Versão Autorizada* da Bíblia (1602) e de passagens dos clássicos latinos e italianos.

O texto de Lima Leitão não tem nada disso. É, no entanto, o que mais se utiliza. Quase toda edição contemporânea do *Paraíso perdido* reproduz essa tradução.

Quando a vemos, fica-nos a impressão de ser algo bem literal, mas há muitos desvios. Primeiro, ao deslocar o verso 6 para o começo, como fez Amaro da Silva; depois, por verter *heavenly* por “empíria”, em vez de usar o termo mais comum “celestial” ou “celeste”. Depois, usará “fruto vedado” em vez de “fruto proibido”, o que não nos pareceu uma boa escolha. Usará também “dita celestial” em vez de “ditoso acento” ou “ditoso repouso”; “com voo inteiro” em vez de “sem voo medíocre”; etc.

Percebe-se, nessa tradução, que foi preciso interpolar alguns termos, alguns apostos para completar a medida do verso. Mas ele, em geral, é bastante fiel ao texto original.

CONCEIÇÃO G. SOTTO MAIOR

Essa tradução é a que nos parece hoje mais legível e mais atualizada. Feita em prosa, reproduz com bastante fidelidade o texto de Milton. Recebeu a seguinte nota do *Jornal do Comercio*, do Rio de Janeiro:

O Sr. Manoel Bandeira ofereceu à Academia, em nome da autora, uma tradução do "Paraíso Perdido", dizendo que "quem já leu no original a obra de Milton, sabe que traduzi-la é tarefa de amedrontas um gigante. Mas a Sra. Conceição Sotto Maior não se amedrontou, e durante três anos batalhou com coragem e paciência nessa "selva selvagem" de dificuldades, apresentando-nos agora o resultado dos seus esforços – a tradução em prosa excelente e vigorosa da obra-prima da epopeia religiosa. O trabalho honra a inteligência feminina brasileira, e é com desvanecimento que o transmito à Academia".

O juízo de Manoel Bandeira não é exagerado. A tradução de Sotto Maior é bastante fiel ao sentido do texto original, embora careça de todos os elementos estéticos contidos no poema de Milton. Da tradutora, pouco sabemos. Em visita que fizemos à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, só encontramos um livro traduzido por ele: *Afinidades eletivas*, de Goethe, publicado pela mesma editora de seu *Paraíso Perdido*, a Ediouro do Rio de Janeiro.

PAULO MATOS PEIXOTO

Essa tradução é a mais curiosa de todas e merece uma análise mais extensa. Começamos pelo tradutor.

Paulo Matos Peixoto era dono da editora Matos Peixoto, que funcionou na década de 1960. Vinte anos depois, fundou a Paumape, um acrônimo de seu próprio nome. Por meio delas, publicou obras e traduções de sua própria autoria, traduções de obras da Literatura Universal e livros jurídicos.

O *paraíso perdido* parece ser uma tradução de uma adaptação feita em inglês do poema de Milton.

Essa adaptação é, na verdade, uma imitação. Poderíamos considerá-la uma paráfrase, mas esse termo deve ser tomado com cuidado quando se trata de tradução. A paráfrase é, de acordo com Dryden, uma tradução com latitude, na qual o tradutor toma a ideia do texto e a reconstrói com palavras dele próprio. Mas, o que vemos na adaptação que

Matos Peixoto traduziu é aquilo que Dryden chama de imitação, um texto em que já não se abandona apenas as palavras do original, mas, em muitas passagens o sentido. Do original é mantida apenas a ideia central.

O texto que Matos Peixoto traduziu é, em primeiro lugar, muito mais conciso do que o poema de Milton, com um terço do tamanho. É também dividido em doze livros, mas acrescenta a eles uma "Invocação" (retirada do Livro I). Essa Invocação contém elementos inexistentes no original: "Ó Verdade, única Musa digna do meu canto!" Milton não invoca a Verdade como musa. Milton apenas diz que sua musa é celestial. Trata-se de um acréscimo. Outros acréscimos podem ser vistos ao longo de toda a adaptação e, sobre eles, discorreremos em tempo oportuno. Por enquanto, basta-nos classificar esse texto como uma imitação do poema de Milton. E não poderemos dizer quase nada acerca da tradução, uma vez que não temos em mãos a obra na qual se baseou a tradução.

DANIEL JONAS

A tradução de Daniel Jonas foi publicada pela Editora Cotovia, de Portugal e lançada em 2006. No mesmo ano, saiu a segunda edição. Até há pouco estava esgotada e a terceira edição saiu apenas em 2013. Trata-se, sem dúvida, de uma grade tradução.

Daniel Jonas teve o cuidado de traduzir o poema de forma interlinear, procurando encaixar cada verso inglês dentro de um verso português, evitando, quando pôde, que uma parte do verso caísse no verso seguinte; e fazendo com que a tradução tivesse o mesmo número de versos que o original. Dessa forma, pôde lançar uma edição bilingue com correspondência simétrica. O primeiro verso da tradução indica, falsamente, de que se tratará de uma paráfrase:

Of man's first disobedience

será traduzido por:

Da rebeldia adâmica

É uma interpretação. Sabemos que Adão comeu o fruto proibido, mas a mulher também o fez. Nesse caso, a palavra *man* do original deve referir-se a toda a espécie humana. O pecado de Adão é o pecado de toda a humanidade, o qual será redimido apenas pela chegada do "greater man" (v. 4), ou seja, Cristo, o qual tirará o pecado do mundo. De qualquer forma, a palavra hebraica para homem é *adam*. O termo "Adão", como nome próprio, foi usado, pela primeira vez, na tradução grega do

Antigo Testamento, conhecida como *Septuaginta* ou Tradução dos LXX. Todas as traduções posteriores a acompanharam.

Daniel Jonas, no entanto, não precisava ter utilizado o termo “adâmica”, uma vez que “do homem” se encaixava perfeitamente ao verso de dez sílabas. Mas sua tradução segue de maneira bastante literal. Um grande problema para ele seria a versão daquilo que já era versão em Milton:

profundo Inferno / Recebe o novo dono, o que traz / Mente por tempo ou espaço não trocável. / A mente é em si mesma o seu lugar, / Faz do inferno Céu, faz do Céu inferno.” (I, vv. 251-5);

Melhor reinar no inferno que no Céu / Servir” (I, vv. 263-4); quem irá / Leva o peso que sobra da esperança.” (II, vv. 415-6);

Do bem e do mal muito então falaram, / De ventura e angústia derradeira” (II, vv. 562-3);

com consciência má me ralam / Que repouso ou descanso não encontro.” (II, vv. 801-2);

Turbam-no horror, dúvida, / Nos seus encapelados pensamentos, / E em baixo o inferno nele, que nele o inferno / Ele traz” (IV, vv. 18-21);

em ponderação funda suspira” (IV, v. 31).

Esses versos são os mesmos mencionados por Chateaubriand na introdução a seu *Paradis Perdue*. São citações de Homero, Virgílio, Dante, etc. Por exemplo, Aquiles diz a Ulisses, na *Odisseia*; “É melhor ser um escravo na terra do que reinar no inferno”. Milton inverteu o sentido: “Better to reign in hell, than serve in heaven.” Daniel Jonas conserva o sentido dado por Milton e faz com que o leitor ainda se lembre de Aquiles.

Além disso, nessa tradução, encontramos musicalidade, ritmo e sonoridade. Faltou a ela, porém, aquilo que sobrava em Chateaubriand: audácia, inovação e um diálogo promíscuo entre as duas línguas envolvidas na tradução.

OS LIMITES DA LITERALIDADE

O que se perde e o que se ganha numa tradução é justamente aquilo que ela tem de mais importante. Metáforas, imagens e sons perdem-se na tradução. Um tradutor habilidoso, na maioria dos casos, dará novas cores às metáforas, novos brilhos às imagens e produzirá novos sons. Por mais literal que seja a tradução, determinadas características do texto não poderão ser traduzidas, mas apenas parafraseadas.

A literalidade limita-se a determinadas operações. É possível reproduzir o sentido e, com um pouco mais de dificuldade, o ritmo. Mas a reprodução

da sonoridade revela alguns problemas incontornáveis. Quando determinados sons, que no original cumprem uma função ligada ao sentido, deixam de ser traduzidos, prejudicam o entendimento e a estética do texto. Por outro lado, se esses sons forem reproduzidos na tradução, poderão destoar da sonoridade do texto traduzido resultando numa falta de harmonia.

São também problemáticas a reprodução das metáforas e a reprodução das imagens. Muitas imagens, se reproduzidas literalmente, não serão percebidas no universo linguístico do texto traduzido. O mesmo ocorre com as metáforas, com os provérbios e com os jogos de palavras. Tudo isso pode, e deve, ser reproduzido, mas, para que o texto tenha uma coerência interna, essa reprodução se dará como paráfrase.

A literalidade depende, sobretudo, da visão do tradutor. O tradutor deve, antes de mais nada, ser um profundo analista do texto; deve lê-lo, entendê-lo, analisá-lo e interpretá-lo. Isso impõe uma nova fronteira para a literalidade. Muitas vezes o tradutor negligencia determinados aspectos do texto porque não percebeu a importância que esses aspectos tinham. Vamos dar um exemplo. O exemplo será uma passagem do Canto IV do *Paraíso Perdido*, vv. 639-658). Nessa passagem, Eva descreve as maravilhas do Éden. É uma passagem cheia de musicalidade, e que procura reproduzir os sons da natureza, o balanço das folhas, o sussurro do vento entre as árvores, o barulho da chuva sobre a relva e a delicadeza do orvalho da manhã. No entanto, nenhuma dessas belezas se compara à beleza de seu homem. Veremos como os tradutores para o português verteram essa passagem.

With thee conversing I forget all time, [SLIDE]

All seasons and thir change, all please alike.

Sweet is the breath of morn, her rising sweet,

With charm of earliest Birds; pleasant the Sun

When first on this delightful Land he spreads

His orient Beams, on herb, tree, fruit, and flour,

Glistring with dew; fragrant the fertile earth

After soft showers; and sweet the coming on

Of grateful Eevning milde, then silent Night

With this her solemn Bird and this fair Moon,

And these the Gemms of Heav'n, her starrie train:

But neither breath of Morn when she ascends

With charm of earliest Birds, nor rising Sun

On this delightful land, nor herb, fruit, floure,

*Glistening with dew, nor fragrance after showers,
Nor grateful Eevning mild, nor silent Night
With this her solemn Bird, nor walk by Moon,
Or glittering Starr-light without thee is sweet.
But wherfore all night long shine these, for whom
This glorious sight, when sleep hath shut all eyes?*

Como se pode perceber, essa passagem é bastante musical, repleta de assonâncias e aliterações, repleta de recursos poéticos. Não é apenas um discurso laudatório, mas também uma fala pessimista, uma vez que Eva, tentada pela serpente, sentia que ela e seu homem estavam prestes a perder o Paraíso. Isso está indicado no último verso da passagem: "when sleep hath shut all eyes". Todavia, Milton faz uso de um outro recurso, algo que nenhum dos tradutores percebeu. Milton usa duas vezes a palavra "evening", para representar tanto o declínio do dia como a queda iminente do homem.

*Of grateful Eevning milde, then silent Night (v. 647)
Nor grateful Eevning mild, nor silent Night (v. 654)*

Apesar de a palavra *evening* ser corriqueira em inglês, não é fácil traduzi-la em português. Encontramos essa palavra traduzida em português ora por "noite", ora por "tarde", "tardinha", "entardecer". E "noite", em inglês pode ser traduzida como *night*, também. Os versos mencionados apresentaram um problema para os tradutores, pois *evening* e *night* aparecem juntas.

Amaro, o primeiro a traduzir o poema, verte os versos da seguinte forma: *nem a fresca, e agradável entrada da noite, nem a mesma noite.*

O segundo tradutor do poema, Targini, escreve:

Ou da tarde a frescura deleitável, / e da noite o silencio.

E Leitão, o terceiro tradutor, verte a passagem desta forma:

Nem da agradável tarde a perspectiva, / Nem da noite o silêncio...

Deixando de lado as recentes traduções em prosa, vemos que Daniel Jonas, o mais recente tradutor de Milton, consegue um belo resultado:

Nem branda a tarde, nem a noite muda.

Todas as traduções mostradas acima reproduzem os versos com precisão semântica. Mas nenhuma delas conseguiu resolver dois problemas importantes.

1. Os tradutores não viram que a palavra "night" forma uma rima interna com a palavra "sight", encontrada ao final da passagem citada. E isso é muito importante, porque o cair da noite assemelha-se aos olhos fechados

de Adão, toldando-lhe a visão. É uma imagem que não pode ser desprezada.

2. Tampouco os tradutores conseguiram ver que o termo "evening" contém o nome "Eve", a forma inglesa de Eva. Um problema adicional era: Tivessem eles percebido tudo isso, poderiam traduzir?

CONCLUSÃO

Depois de ler muitas traduções de *Paradise Lost*, pudemos perceber que os tradutores não tinham a mesma sensibilidade musical que Milton. Embora a prosódia latinizada de Milton nos pareça, hoje, ridícula, até mesmo os críticos modernos elogiaram a musicalidade do poema. T. S. Eliot, por exemplo, depois de fazer as observações mais finas a respeito do verso de Milton -- dizendo que Milton escrevia inglês como se o inglês fosse uma língua estrangeira --, observa que talvez o *Paradise Lost* seja o poema mais musical da língua inglesa. E atribui isso ao fato de Milton estar cego quando compôs o *Paradise Lost*, o que lhe teria favorecido o sentido da audição e lhe prejudicado a capacidade de criar imagens. Milton era um músico, um músico da palavra. A palavra era seu instrumento, a coisa mais importante para ele. Na obra *Areopagética*, pode-se ver o quanto era cara para ele a liberdade de expressão.

Em um discurso no Parlamento, ele diz:

Give me the liberty to know, to utter, and to argue freely according to conscience, above all liberties.

No fim da vida, o poeta estava cego e compôs o *Paradise Lost* ditando-o para as filhas. Era um poema para ser recitado, lido em voz alta. Tão importantes eram para ele as palavras que o poema todo é sobre palavras. A palavra de Deus a criar o universo. A palavra de Satanás, um grande orador. A palavra do mesmo Satanás para tentar Eva. A palavra de Eva, para convencer Adão a comer o fruto proibido. A palavra empenhada de Adão, de que não comeria o fruto. E, por fim, a palavra do próprio Milton.

Todas essas vozes e mais as vozes dos tradutores cumprem um papel no poema, como atores ou como intérpretes. E nenhuma delas pode ser calada.

BIBLIOGRAFIA GERAL

- BASTOS DA SILVA, Jorge Miguel. "Milton e Pope em Portugal (séculos XVIII e XIX): as traduções de F. B. M. Targini e o contexto da crítica" in *Cadernos de tradução*, ISSN 2175-7968. Florianópolis: UFSC, s/d.
- BENJAMIN, Walter. "The Task of the Translator", in *Illuminations*. London: FontanaPress, 1992.
- BERMAN, Antoine. *A tradução e a letra – ou o albergue do longínquo*. Rio de Janeiro: 7letras, 2007.
- CAMPOS, Haroldo. *Deus e o diabo no Fausto de Goethe*. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- _____. "Da tradução como criação e como crítica" in *Metalinguagem & outras metáforas*. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- FALEIRO, ÁLVARO. "A crítica da retradução poética", in *Itinerários*, nº 28. Araraquara: UNESP, 2009.
- FATEMEH, M-E-T. "Retraduire", in *Plume – Revue d'AILLF*. Teerã: Université de Téhéran, 2010.
- MARZ, Louis L. *Milton – Paradise Lost: A Collection of Critical Essays*. New Jersey: Prentice-Hall, 1986.
- MILTON, John. *Paradise Lost*. Longman Annotated English Poets. London: Longman, 1987.

TRADUÇÕES DO PARADISE LOST

- MILTON, João. *O paraíso perdido*. Dois tomos. Trad. Francisco Bento Maria Targini. Pariz: Typographia de Firmino Didot, 1823.
- MILTON, John. *Le Paradis perdu de Milton*. Traduction de François-René Chateaubriand. Document électronique. Gallica
- _____. *O paraíso perdido*. Trad. Paulo Matos Peixoto. São Paulo: Paumape, 1995.
- _____. *O paraíso perdido*. Trad. Conceição G. Sotto Maior. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.
- _____. *Paraíso Perdido*. Trad. António José de Lima Leitão. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1956.
- _____. *Paraíso perdido, poema heroico de J. Milton*. Trad. Pe. José Amaro da Silva. Lisboa: Typographia Rollandiana, 1830.
- _____. *Paraíso Perdido*. Tradução, introdução e notas de Daniel Jonas. 3ª edição. Lisboa: Cotovia, 2006.

2. ÁLAMO OLIVEIRA, ESCRITOR CONVIDADO, AÇORES



ÁLAMO OLIVEIRA (José Henrique do) nasceu na Freguesia do Raminho – Terceira, Açores – maio de 1945. Fez o Curso de Filosofia no Seminário de Angra e o serviço militar na Guiné-Bissau (1967/69).

Foi catalogador na Biblioteca Pública e Arquivo de Angra (1970/71); Funcionário Administrativo no Departamento Regional de Estudos e Planeamento.

Em 1982, foi transferido para a Direção Regional da Cultura e, após a aposentação, foi convidado a colaborar, até 2010, na Direção Regional das Comunidades.

É sócio fundador do Alpendre - grupo de teatro (1976), onde tem sido diretor artístico e encenador.

Tem 36 livros com poesia, romance, conto, teatro e ensaio. Está representado em mais de uma dezena de antologias de poesia e de ficção narrativa.

O seu romance *Até Hoje Memórias de Cão*, em 3ª edição, recebeu, em 1985, o prémio «Maré Viva», da Câmara Municipal do Seixal.

Em 1999, recebeu o prémio «Almeida Garrett/Teatro» com a peça *A Solidão da Casa do Regalo*.

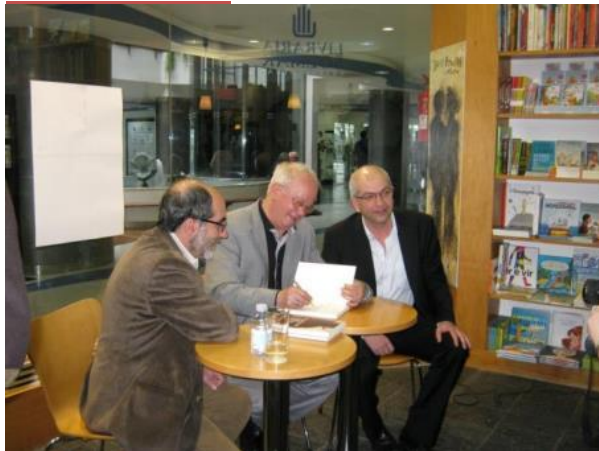
Tem poesia e prosa traduzidas para inglês, francês, espanhol, italiano, esloveno e croata. O seu romance *Já Não Gosto de Chocolates* está traduzido e publicado em inglês e em japonês.

Em abril de 2002, o Programa de Estudos Portugueses / Portuguese Studies Program, da Universidade da Califórnia em Berkeley, convidou-o, na qualidade de «escritor do semestre», para lecionar a sua própria obra aos estudantes de Língua Portuguesa, sendo o primeiro português a receber tal distinção.

Com algumas incursões na área das artes plásticas (exposições individuais e coletivas em Angra, Ponta Delgada, Lisboa, Porto e Guiné-Bissau, nas décadas de 60 a 80), criou mais de uma centena de capas para livros.

Em 2010, foram-lhe conferidas as seguintes distinções: Insignia Autónoma de Reconhecimento do Governo Regional dos Açores e Grau de Comendador da Ordem de Mérito da Presidência da República.

É SÓCIO DA AICL.



OBRAS PUBLICADAS

POESIA

A Minha Mão Aberta (opúsculo), 1968
Pão Verde, 1971 (esgotado)
Poemas de(s) Amor, 1973 (esgotado)
Fábulas, 1974 (esgotado)
Os Quinze Misteriosos Mistérios, 1976 (esgotado)
Cantar o Corpo, 1979 (esgotado)
Eu Fui ao Pico Piquei-me, 1980 (esgotado)
Itinerário das Gaivotas, 1982 – ed. DRAC (esgotado)

Nem Mais Amor que Fogo (em parceria com Emanuel Jorge Botelho), 1983

Triste Vida Leva a Garça (antologia 1967/81), 1984 – ed. Ulmeiro

Textos Inocentes, 1986 (esgotado)

Erva-Azeda, 1987 (esgotado)

Impressões de Boca, 1992 – ed. DRAC (esgotado)

António, Porta-te como uma Flor, 1998 – ed. Salamandra

Memórias de Ilha em Sonhos de História (poemas sobre aguarelas de Álvaro Mendes), 2000

Cantigas do Fogo e da Água (quadras sobre aguarelas de Álvaro Mendes), 2001

Andanças de Pedra e Cal 2010

TEATRO

Um Quixote – 2ª edição, 1974 (esgotado)

Morte ou Vida do Poeta, 1974 (esgotado)

Manuel, Seis Vezes Pensei em Ti, 2ª edição, 1994 – ed. Jornal de Cultura (esgotado)

Uma Hortênsia para Brianda, 1981 – sep. Revista «Atlântida» (esgotado)

Sabeis quem É este João? 1984 – sep. Revista «Atlântida» (esgotado)

Missa Terra Lavrada, 1984 – ed. DRAC (esgotado)

Os Sonhos do Infante, 2ª edição, 1995 – ed. Jornal de Cultura (esgotado)

Morte que Mataste Lira (musical com Carlos Alberto Moniz) – ed. CD, 1999

A Solidão da Casa do Regalo e Almeida Garrett - Ninguém, 2000 – ed. Salamandra

Quatro Prisões Debaixo de Armas e o Quadrado, 2012. Ed. Autor.

ROMANCE

Burra Preta com uma Lágrima – 2ª edição, 1995 – ed. Salamandra

Até Hoje Memórias de Cão, 1986 – ed. Ulmeiro; 1988 – ed. Signo; 2003 – ed. Salamandra

Pátio d'Alfândega Meia-Noite, 1992 – ed. Vega

Já não Gosto de Chocolates, 1999 – ed. Salamandra; versão inglesa, 2006 – ed. Portuguese Heritage Publications of California, Inc.; versão japonesa, 2008 – ed. Random House Kodansha

2013 - Murmúrios com vinhos de missa ed Letras Lavadas, PDL, Açores

CONTO

Contos com Desconto, 1991 – ed. Instituto Açoriano de Cultura (esgotado)

Com Perfume e com Veneno, 1997 – ed. Salamandra

Caneta de Tinta Permanente na Poesia Popular" 2012, homenagem ao cantor popular terceirense Manuel Caetano Dias, mais conhecido por "caneta".

ENSAIO

Almeida Firmino / Poeta dos Açores, 1978 – ed. DRAC (esgotado)

Olá, Pobreza! 1996 – ed. Jornal de Cultura (esgotado)

Antologias entre outras mais antigas

In Antologia (Bilingue) Autores Açorianos Contemporâneos, ed. Calendário de Letras/AICL, VN de Gaia, 2011

In Antologia (Monolingue) Autores Açorianos Contemporâneos, ed. Calendário de Letras/AICL, VN de Gaia, 2012.

COLETÂNEA DE TEXTOS DRAMÁTICOS AÇORIANOS ed. Calendário de Letras/AICL, VN de Gaia, 2013



VÍDEOS DO AUTOR EM

• <http://www2.camara.gov.br/camaranoticias/tv/materias/PAPO-LITERARIO/207902-PAPO-LITERARIO-MOSTRA-BIOGRAFIA-E-OBRAS-DO-ESCRITOR-ALAMO-OLIVEIRA.html>

• [HTTP://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=YG5KN9D0IX4](http://www.youtube.com/watch?v=YG5KN9D0IX4)

• [HTTP://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=ZUTHTRKXOIG](http://www.youtube.com/watch?v=ZUTHTRKXOIG)

A TRACEIRA DE JASUS ESTÁ EM <https://youtu.be/c8fCNBi81c>

VER CADERNO AÇORIANO

<https://www.lusofonias.net/acorianidade/cadernos-acorianos-suplementos.html#>

VER A VÍDEO HOMENAGEM EM

<https://www.lusofonias.net/documentos/video-homenagens-aicl/2679-homenagem-%C3%A1lamoliveira-2-2013-maia.html>

PRESENTE NA GALIZA 2012, MAIA E SEIA 2013, MOINHOS 2014 COMO CONVIDADO ESPECIAL NA HOMENAGEM CONTRA O ESQUECIMENTO

INTERVÉM NA SESSÃO DE POESIA

TOMA PARTE NA APRESENTAÇÃO DA COLETÂNEA NA EBI DA MAIA DIA 24

LANÇA O LIVRO “MARTA DE JESUS, A VERDADEIRA” APRESENTADO POR ROLF KEMMLER



PRÉ-LEITURA:

«O mundo configurado em «Marta de Jesus (a verdadeira)» é fundamentalmente o das Flores, um mundo rural em «queda», social, económica, sem sinais de redenção à vista, e a utopia de transformação do país a partir desse espaço remoto e graças à acção de um pequeno grupo como o de Emanuel Salvador e seus seguidores, essa utopia, dizia eu, não passa disso mesmo e acabará por tropeçar nas contingências do próprio tempo, sem que tenha qualquer efeito prático o papel de mentor ideológico desempenhado a partir de Lisboa por Pedro (o intelectual saído das Flores tempos antes).»

3. ALEXANDRE BANHOS, FUNDAÇÃO MEENDINHO, GALIZA



ALEXANDRE BANHOS CAMPO nasceu na cidade da Crunha no ano 54, é Licenciado em Ciências Políticas e em Sociologia (especialidade de Demografia e População) pela Universidade Complutense de Madrid. É membro da AGAL, da que foi Presidente, e com anterioridade ocupara já postos no seu Conselho diretivo.

Pertence a diversas organizações da Galiza e da Faixa-Leste da Galiza que são de referência, merecendo destaque especial a Associação Pró-Academia Galega. Foi pessoa envolvida no impulsionamento da constituição da Academia Galega de Língua Portuguesa.

É também membro do coletivo Fórum Carvalho Calero, cujo objetivo é pensar e trabalhar sobre assuntos concretos de interesse público e social, e acompanhar a correspondente proposta.

É o presidente da Fundação Meendinho (declarada de interesse galego), única fundação da Galiza onde quase a metade do seu órgão de governo, são portugueses.

Está ligado ao mundo editor, responsabilizando-se por diversas publicações, como diretor editorial.

Tem participado em múltiplos encontros e congressos a ver com a língua, em muitos deles como relator. Desde há 40 anos, está comprometido com o ativismo cultural.

Tem publicado centos de artigos sobre todo tipo de temáticas, entre eles os de conteúdo linguístico, e foi colaborador habitual e ocasional (ainda é ocasional) de diversos jornais da Galiza.

É master em Gestom da Formação de Qualidade pela UNED, e especialista em Gestom Económico-financeiro pela USC. Nos anos 2000 a 2005 formou parte da Comissom Geral de Formação Continuada para os Empregados Públicos em todas as administrações e áreas do estado espanhol e da Permanente de dita Comissom, bem como dos órgãos diretivos neste campo da Federação Espanhola de Municípios e Províncias (FEMP).

É membro do Comité Latino-americano de Administração para o Desenvolvimento (CLAD), tendo participado em vários dos seus congressos, e de outros eventos e organismos. Ocupou também postos de responsabilidade no sindicato CIG.

Nos últimos anos tem centrado o seu campo de pesquisa, em pensar o futuro da Galiza desde um hipotético projeto de estatalidade, que bem se pode resumir nos seus contributos ao projeto coletivo ANDA GZ.

Tem publicado sobre temas de direito político e constitucional e sobre a organização dos espaços territoriais desde o ponto de vista da eficácia administrativa e social.

Além disso anda a trabalhar nos problemas económicos no quadro da crise sistémica, e a construção des/construção do euro, e Europa.

Tem publicado trabalhos sobre o tema da configuração política europeia e peninsular.

SÓCIO DA AICL.

PARTICIPA DESDE 2006 NOS COLÓQUIOS BRAGANCA 2006, 2007, 2009, 2010, GALIZA 2012

TEMA 2.1 O PORTUGUÊS DA GALIZA SEGUNDO O GÉNERO DOS UTENTES ALEXANDRE BANHOS CAMPO. FUNDAÇÃO MEENDINHO

1. As mulheres como elemento fulcral na socialização de comportamentos, incluídos os linguísticos.

1.1 As mulheres e o seu papel na permanência na Galiza do português

1.2 A modernização, e o papel da escola e meios na socialização de comportamentos

2. A urbanização e modernização da sociedade galega e efeitos no comportamento linguístico dos sexos.

2.1 O dimorfismo linguístico segundo o sexo do utente

2.2 O efeito da pressão ambiental nos modelos linguísticos

3. Consideração final

1. AS MULHERES COMO ELEMENTO FULCRAL NA SOCIALIZAÇÃO DE COMPORTAMENTOS, INCLUÍDOS ENTRE ELES, DE JEITO PRIVILEGIADO, OS LINGUÍSTICOS.

A transmissão normal das línguas produz-se na contorna familiar e no espaço geográfico humano no que essa contorna familiar está inserida. Ao serem as famílias tradicionais realidades muito alargadas nas que convivem pessoas de gerações muito distintas, isso faz que a língua que se socializa e transmite venha resultar relativamente estável e pouco inovadora.

No processo socializador da língua -que é o instrumento privilegiado para todas as socializações, incluída a conceção do mundo, o como ele é percebido e como nos enfrentamos com ele, tem nas mulheres o role fulcral. Atribui-se a doutora da Igreja, Teresa de Ávila, a seguinte recomendação às suas freiras: “Ponde muito cuidado na educação e formação das meninas, pois formando-as a elas formais povos”.

O que ela exprime, e que confirma a moderna sociologia e psicologia social, é que os povos eram (são) basicamente o que forem as suas mulheres, os modelos que as mulheres socializarem são os que iam deixar marcação, é dizer, a pegada mais destacada nas conceções de esses povos e o jeito em como eles se exprimem e apreijam o mundo.

Nas mulheres, o fato da sua condição de minorizadas e submetidas na sociedade patriarcal, faz que elas tendam sempre a ocupar a centralidade do sistema, pois é muito complicado estar na condição de desenvolver roles subalternos e a vez manterem posturas que não se correspondem a centralidade social.

A língua feminina sendo a mesma que a masculina, é a vez diferente e peculiar, pois toda mulher é educada para guia de crianças, cuidadosa da contorna, socializador de padrões de comportamento; e o seu uso linguístico reproduz esses roles.

Nos homens há uma grande importância para o progredimento na hierarquia social, e por tanto para valorizar essas hierarquias, frente às mulheres que valorizam mais serem elemento de conciliar, de consenso, com o seu papel ativo -muitas vezes não consciente - como criadoras de comunidade.

Para as mulheres, pela sua situação social, é muito mas difícil romper as normas que respondem a centralidade, que para os homens. A prática

⁵ Chamo Crunha, porque é o nome autêntico e original da cidade, é o único que recolhem os textos medievais (escrito nas seguintes formas crunha, crunna e cruña), é o único que se recolhe em castelhano antes de Filipe II, é o único que se conhece em Portugal antes de 1580. E é a forma que seguem dizendo os nativos primários. O nome foi mudado em tempos de Filipe II ao assimilá-lo com a localidade castelhana

social da mulher tende sempre a centrá-la no que é a *norma central* da sua comunidade, o que chamaríamos as estratégias que se correspondem ao seu role de elemento chave socializador e de criadoras de comunidade.

Por isso se percebem as mulheres – tradicionalmente - como mais conservadoras. Só que estamos ante esse mesmo comportamento de procura da centralidade, que faz também que resultem as mulheres às mais inovadoras, e que adotem mais rapidamente as inovações que são de prestígio e que se correspondem a uma nova centralidade social. Essa inovação vai fortemente unida a seu papel como mulheres, o estarem sempre na procura da centralidade social.

Na Galiza tradicional, o sucesso do português da Galiza, foi o de se converter durante todo o longo período de cultura ágrafa, consequência derivada “naturalmente” do submetimento militar à luva de ferro de Castela, designado pelo cronista do reino de Isabel e Fernando, Jerónimo Zurita, como: *-Doma e castração do reino da Galiza*.

O português era a língua do modo de vida tradicional, termo que não se limitava a abranger simplesmente a sociedade agrária rural, pois de feito, a qualquer morador nessa Galiza era impossível realizar unha vida plena e normal sem fazê-lo em português da Galiza.

A sociedade da Galiza a norte do Minho, fazia necessária e imprescindível a nossa língua, tanto nos espaços rurais como nos urbanizados. O castelhano era a língua do poder e do aparato -formado por castelhanos - estrangeiros, na Galiza.

Na década final do s. XIX dizia Manuel Murguia que se revelava chocante achar algum morador indígena na Crunha⁵ que não falasse galego, e que, salvo algum que chamaríamos hoje *snob*, no galego vivia toda a população, reduzindo-se o seu contacto com o castelhano às relações formais administrativas e aos processos de formação regrados, aos que, nos níveis mais altos, só acessava uma exígua minoria.

○ AS MULHERES E O SEU PAPEL NA PERMANÊNCIA NA GALIZA DO PORTUGUÊS

de *Coruña Del Conde* (antiga Clunia romana, e que nada tem a ver com o antigo topônimo originário pré romano de Crunh – que vem a ser algo assim em céltico como o *presqu-ile* francês atual). Em português gasta-se Corunha porque toda a toponímia peninsular portuguesa após 1640 manteve os nomes que gostavam os castelhanos, que já foram incutidos nas elites.

O role das mulheres foi fulcral no mantimento da língua na Galiza, pois enquanto os homens emigravam, elas ficavam na terra com as crianças, a sua emigração era mais lenta, e só para acompanharem muito depois a homens assentados nos novos destinos. Os homens eram incluídos nos exércitos, poderosa arma de horizontalização linguística, os homens conseguiam vagas subalternas (só contínuos) na administração castelhana na Galiza⁶. Podiam alcançar postos mais importantes nessa mesma administração, porém isso sempre era fora da terra nacional.

A língua das mulheres era diferente da dos homens, era de mais qualidade com mais riqueza vocabular⁷, pois tinham elas um menor contacto que os homens com o castelhano, que neles chegava muito mais fortemente pela via militar, -o serviço nos exércitos -, e pela emigração, especialmente a emigração de baixo percurso e temporeira por terras de Castela. Os homens aceitavam sem problema as inovações castelhanas e o palavreio castelhano, que incorporavam a sua linguagem, porém as mulheres mantinham uma língua portuguesa muito mais fiel a ela própria.

Esse role social das mulheres era fulcral na ocupação absoluta do espaço social central pelo português da Galiza, do que não estavam excluídas, nessa Galiza tradicional⁸, nenhuma camada social. Essas mulheres eram o motor da pressão social que se fazia na Galiza (ao norte do Minho), para afeiar e fazer impossível a existência na sua contorna de pessoas que não se inserirem na língua e na cultura tradicionais.

É bem certo que um role fulcral da castelhanização da Galiza foi o realizado pela Igreja Católica. Toda ela passou durante quatrocentos anos (e segue), não só a dependerem todas as ordens - desaparecida a província eclesiástica da Galiza - de Valhadolid, não só isso, se não que todos os postos hierarquicamente chaves na estrutura da Igreja, passou com eles, como se passou com a administração e a justiça, estavam todos ocupados por homens e mulheres (abadessas) de Castela.

Com certeza que houve galegos que alcançaram grande poder nas escalas eclesiásticas, do que é bom exemplo Manuel Figueroa, porém todo

o seu poder foi alcançado na medida em que foram poderosos agentes da Igreja e do estado, mas em territórios longe da sua terra berço.

Porém a Igreja funcionava em latim, e o castelhano na Igreja não ia além de ser percebida por essa sua clientela principal, que no cristianismo, são as mulheres, mas como um outro latim, algo que ia unido a ritualização religiosa, que lhe dava um ar escuro e de mistério mas que a vez tinha pouco a ver com o falar do povo. Isso sim a palavra *Dios (Deus) Iglesia (Igreja)* foram das primeiras castelhanas em fazer-se universais no mundo tradicional da Galiza.

○ A MODERNIZAÇÃO, E O PAPEL DA ESCOLA, PODER E MEIOS NA SOCIALIZAÇÃO DE COMPORTAMENTOS

Após a revolução francesa, nasceu uma nova concepção da escola e da formação, que pouco a pouco se foi estendendo por toda a parte.

A formação da escola, era a capacidade de garantirem aos destinatários o saber-ler e escrever (na língua nacional). Convertendo isso, em algo que já não é coisa duma minoria, como, aliás, era antes. Pois os ilustrados resultavam bastante indiferentes com o que quer que fosse que falava o povo. Mas agora ler e escrever, são rudimentos básicos e necessários para o desenvolvimento burguês, e essas capacidades, tenta-se alargá-las a toda a população.

Com a revolução, nasce uma nova ideia da escola, unida a uma nova ideia do que é ser nação, e a escola converte-se em *escola nacional* e em elemento privilegiado da nacionalização.

Estamos no quadro do nascimento do que são os modernos estados nacionais. A nação aparece como *cousa de todos*, já não é *cousa limitada* a aristocracia e os possuidores do poder⁹. Além disso, o progredimento económico, o desenvolvimento científico técnico, e o comércio vão gerar capas burguesas crescentemente poderosas e desligadas dos poderes

⁶ Houve de sempre uma forte emigração temporeira e fixa a Portugal, que permitiu que muitas inovações de vocábulos que se faziam nesse reino, chagassem ao português da Galiza, onde se incorporavam com toda naturalidade. Portugal e o seu modelo de língua nunca deixaram de estar influenciando nas falas populares da Galiza.

⁷ Na Tese de doutoramento do lexicógrafo galego professor Isaac Alonso Estraviz, na recolha de material de campo, no seu trabalho para o dicionário, as informadoras populares e as que são fonte de informação são quase todas mulheres.

⁸ Uma das cousas que negam, como palavra de ordem, os defensores da subalternidade do português da Galiza a respeito do castelhano e a dialetização das falas da Galiza pelo castelhano.

⁹ É muito interessante a origem da palavra nação, e o fato que esta fosse gerada nas universidades, em primeiro lugar na de Paris, onde aos estudantes que procediam de distintos territórios e falas, chamava-se de *nationes*. Sobre a origem da palavra nação, e a construção de modelos literários, Alexandre Banhos pronunciou

anteriores e tradicionais do antigo regime, que vão reclamar para si a fatia que lhes corresponde nas nações. Não só isso, as novas concepções do nacional e da nação vão-se ajustar muito bem às demandas da burguesia que aspira ao controle dum fatia, o mais alargada possível dessa riqueza, da produção e do mercado, que quer guardada para si dentro dos limites bem balizados do espaço nacional.

O fracasso do modelo espanhol de modernização, as continuas guerras civis do século XIX, com o enfretamento entre liberais e conservadores, cousa nada simples no quadro peninsular, pois teve aspetos muito complexos, pois liberal jungia-se quase sempre com maior centralização, e conservador com o mantimento do mundo tradicional¹⁰.

O liberalismo batia forte contra a diferença, e nesse quadro é que aparecem identidades nacionais, novas que se afirmam como tais e que se contrapõem a “espanhola”, identidades originadas política e socialmente no século XIX, no século de nascença dos modelos burgueses “nacionais”, e que como tais no modelo espanhol, afirmam-se das suas nações frente ao modelo uniformizador que impulsionava o poder central castelhano.

Após a primeira república espanhola e o seu projeto federal, imos assistir ao processo de restauração, onde liberais e conservadores castelhanos se combinam na construção dum estado e dum *Espanha* uniforme.

A fim do século XIX o analfabetismo fora reduzido substancialmente e a escola “nacional” converte-se em elemento privilegiado de estender o castelhano como única língua da modernidade e do progresso por toda parte. Porém a pegada do mundo tradicional, **e das mulheres**, que curiosamente além de representar a centralidade estavam menos escolarizadas, faz que o português da Galiza permaneça com incrível força.

Ao chegar o segundo período republicano, (*república federável* que dizia o artigo 1º da constituição), abrolham com força as demandas nacionais, dos não castelhanos. Rodrigues Lapa, esse galego da Anadía, vai ser testemunha privilegiada do processo na Galiza.

Esse período vai ruir pelas concepções da centralização castelhana, que é a que a vai botar a terra, com *lume* e *sangue*¹¹ (Umás duas-centas mil

pessoas vão morrer na luta nos frentes de batalha, e umas 270000 vão morrer assassinadas na repressão na retaguarda franquista (e 45000 na república), assassinatos (os seus) para os que o *franquismo* negociou a imunidade -na transição política, sob a ameaça da bota militar.

No período da segunda república, da correlação entre urbanização, estrutura de classes e trabalho (pensei que já com o período da Restauração antes citado, se colocaram os alicerces de uma moderna administração, e o Supremo Tribunal de Justiça adota esse nome, pois até fins do século XIX esse órgão era chamado *Consejo de Castilla*). Nesse processo de modernização um empregado público perdia o seu emprego por usarem -no seu trabalho- uma segunda vez o português da Galiza.

Pois bem, ainda assim, temos que o 95% por cento da população no 1935 vivia plenamente e exclusivamente no português da Galiza.

2. A URBANIZAÇÃO E MODERNIZAÇÃO DA SOCIEDADE GALEGA, E EFEITOS NO COMPORTAMENTO LINGÜÍSTICO DOS GÉNEROS.

Um efeito da noite de pedra do franquismo, foi inicialmente travar o processo de urbanização e modernização da Galiza, que sob a segunda república teve um grande crescimento económico.

O estado espanhol não recuperou o PIB, - a produção económica - do ano 1935, até o ano 1953 e no caso galego, até o ano 1954. Na Galiza, as cidades despovoam-se, a gente foge para o rural e com ele a língua ganha centralidade social. A pressão social era tão forte que as palavras de ordem nas escolas do franquismo de “*no sea animal, hable la lengua del imperio*”. O “*hable cristiano*”. O desprezo e menorização e as continuas loas e vivas à língua do império, o castelhano, não permeabilizavam por baixo da pele o corpo social, entanto se manteve a força do viver tradicional.

Nos anos 50 a escola chegou a todo lado, era absolutamente universal, começa um período de crescimento económico unido a uma forte emigração do rural da Galiza, que se acentuará nos anos sessenta. -Primeiro

uma palestra organizada pelo Facho da Crunha, no Centro Cultural de Caixa Galicia nos Cantões o ano 2006.

¹⁰ No convulso século XIX espanhol, as vezes também se produzia que conservador fosse centralizador e liberal uma posição contrária. A biografia do general catalão Prim, até o seu assassinato, servem para olharmos ai muito matiz.

¹¹ Não esqueçamos que a palavra de ordem de esse movimento integralista castelhano, era “Espanha antes **roja** (vermelha) que rota”

foi América 55-61, logo Europa e resto do espaço peninsular, -e internamente para as cidades.

A população urbana da Galiza, que não chegava ao dez por cento do total, começa a crescer inabalável, não só nas cidades se não também em todas as vilas. Hoje anda por volta do 75/80 por cento da população.

Além disso, a modernização -e o progresso científico-técnico - faz que o castelhano - rádio e televisão - penetre na intimidade do lar. Foi o ministro Fraga o que fez nos anos sessenta, que em todas as aldeias existisse a televisão, criando espaços públicos - “*tele-club*”. E colocando televisões comunitárias para garantir o seu acesso a todos, independentemente da capacidade económica para a sua aquisição - muito cara naquela altura.

Todo isso faz, que independentemente do seu assentamento na sua própria língua nacional, o português da Galiza, galegos e sobre todo galegas, forem a cada passo mais capacitadas para usarem com qualidade e fluidez o castelhano.

A final dos anos 50, o estado espanhol apontara-se ao *planejamento económico centralizado*; criaram-se os planos plurianuais de desenvolvimento económico, com um ministério de planejamento económico¹². Criavam-se empresas públicas onde faltava a iniciativa privada ou essa era muito fraca, planificavam-se as exportações e importações, travando tudo o que for competitivo com a planificação desenvolvida internamente, e submetendo as importações a quotas muito limitativas, planificava-se a centralização económica e a reestruturação espacial do poder económico no estado, estamos ante o *potenciamento de Madrid*¹³, e não era alheio a isso, uma planificação e intervenção linguística.

Os estados sempre fazem política linguística ainda quando não o afirmarem, e em matéria de planificação apontam principalmente à planeamento do status das línguas (função ideológica muito poderosa).

A diferença entre a planificação do corpus e a do status é basicamente metodológica; de feito, toda ação sobre uma língua que tenha como objetivo mudar o seu status implica sempre uma manipulação do corpus,

assim como todo processo de standardização tem como objetivo habilitar a variedade em questão, -variedade que na Galiza (sob Espanha) não é o *lixboês*, se não o castelhano - para cumprir determinadas funções dentro da sociedade.

O conceito de planificação linguística fundamenta-se em dois conceitos básicos, o da variação e câmbio em função de eleição explícita entre alternativas (variantes, em sentido alargado, incluindo línguas - entre as variantes. Sempre em função dos objetivos propostos, o poder escolhe a variável que julga mais conveniente, ou melhor, aquela que se ajusta ao que é o *projeto nacional* do estado.

No estado espanhol incluía o acesso dos moradores do estado a todas as variantes e sotaques internas (internas no estado) e externas do castelhano, pondo de relevo como a função primordial e seu valor fulcral a ideia de *universalidade*; ao contrário do caso português de Portugal, e aceitando os distintos sotaques como formas perfeitamente validas de exprimir-se a *superioridade* do castelhano. Nas televisões era, e é para um português, muito curioso reparar nos distintos tipos de sotaque dos locutores, ou ver que a publicidade podia recorrer até a sotaques muito particulares e locais¹⁴.

Todo processo de planejamento linguístico supõe câmbios linguísticos deliberados, levados avante por organizações que se estabelecem com o fim de cumprirem esse fim; como em qualquer outro tipo de planejamento, orientado para o futuro. As estratégias de ação são especificadas com anterioridade.

Todavia que é certo, que todo planejamento linguístico está sustentada por uma política linguística, não sempre esta última é aplicada de jeito efetivo e a médio desse planejamento e acorde com ele.

Dão-se casos de eleições de línguas que são meramente formuladas, mas não chegam nunca a instrumentar-se realmente, é o caso do português da Galiza. Na Galiza há uma secretaria-geral do governo que se

¹² Após a guerra houve o sistema autárquico, no que já se desenvolveram modelos de planificação, seguindo um modelo que tentava imitar a feito na Itália mussoliniana e na Alemanha de Hitler.

¹³http://pqlingua.org/opiniom/index.php?option=com_content&view=article&catid=3&id=5735&Itemid=81

¹⁴ Num encontro - agalico - com o professor Ernesto Guerra da Cal em Lisboa em 1994 / recolhido in Agalia num. 39, comentou: Em 1964 com motivo do falecimento da minha mãe desloquei-me dos Estados Unidos ao estado espanhol. A cousa que mais me surpreendeu ao chegar, foi que Madrid mudara o seu jeito de falar, o seu castelhano era muito distinto do que se falava antes de 1936, antes era uma língua como a que está recolhida nas comédias de Arniches, agora falava tão distinto,

chama de **Política linguística**, é o *planejamento* que o poder chama “normalização do galego (Lei 1/1983 de normalização)” e a *atividade privilegiada que realiza o poder a respeito dela*, nunca é neutro.

As políticas linguísticas, como todas as políticas, baseiam-se na existência de relações de poder de uns, os aparatos estatais, sobre outros, os utentes das línguas. Por essa razão é que as políticas da linguagem existiram “desde sempre”. A imposição do castelhano no estado espanhol como *língua nacional pela escola nacional* é um exemplo dessa política.

Como dizíamos, o sistema educativo é, sem dúvida, a ferramenta mais usada e eficaz que empregam os governos para levar avante as suas políticas linguísticas: Habilita o falante e impõe modelo e status. Se uma variedade foi selecionada como língua nacional¹⁵, o governo pode ordenar que seja ensinada como matéria na escola, e que seja o médio de instrução para ensinar outras matérias¹⁶.

Dentro do sistema educativo, o mestre erige-se como o executor por excelência do planejamento, controlando, premiando ou reprimindo as atitudes linguísticas dos alunos, (por isso é escola nacional).

A função unificadora consiste em reforçar os sentimentos de adscrição grupal, a través da pose duma língua comum, nisso temem um role fulcral os meios e a sua criação de modelos e de sentimentos “nacionais”.

Manter o comportamento privado dos falantes, *alheio à planificação linguística estatal (é dizer indiferente)*, não sempre é possível, pois cumpre grande força interna de coesão social. É dizer, ao se estar ante um processo de desestruturação planificada da língua nacional, e já que logo, isso chega a influir nas escolhas linguísticas dos indivíduos em situações comunicativas informais.

Isso ocorre quando as políticas linguísticas, ao elevar o status duma língua está a estigmatizar a outra (não é o caso suíço ou canadiano), e fomentar atitudes particularmente positivas para a primeira e negativas para a segunda, de modo tal que os falantes consideram que a língua estigmatizada é um obstáculo para as possibilidades de ascensão social.

Os falantes são agentes que secundam o planejamento dos estados, convertendo-se em verdadeiros micro-agentes planejadores, dentro do

seu próprio lar, quando o espaço social que fai(zia) à língua necessária afunde-se.

Para logramos que a gente mude os seus hábitos linguísticos nos estilos menos formais e mais identitários, a política linguística da imposição, tem que lograr dalgum jeito, a mudança nos modelos socioculturais, a desagregação das componentes identitárias, e na resposta e interiorização de aspetos a ver com a sensação de progresso social, a que são mui sensíveis componentes a ver com o género e os roles, a jogar no âmbito da socialização de comportamentos linguísticos, é dizer com a centralidade social e a posição dos géneros respeito a essa centralidade

Isso também é um bom instrumento para o pesquisador, medir o grau de compactação -coerência interna - que leve a que no desenvolvimento informal se faça absolutamente necessária a língua estigmatizada. O uso duma determinada variedade linguística nos domínios informais, está sempre muito achegado as questões identitárias dos falantes, e se estas forem fortes, temos aí uma poderosa alavanca para fazer uma planificação linguística de sucesso de essa diferente “comunidade nacional” submetida.

Poderia ser possível a continuidade indefinida de uma Galiza diglósica? (todavia que a diglossia não for universal no sentido Fergusoniano, só dos que se mantiverem como falantes de português da Galiza?)

Sim pode manter-se estável em tanto se conserva a divisão funcional linguística e a necessidade dos modelos. É dizer quando o modelo de *language Planning* – é um modelo de diglossia universal – de todas as camadas sociais, e estável. (alemão da Suíça, francês do Québeque, guarani de Paraguai).

Porém, desestruturado a trama social, só poderia haver mudança e recuperação, se a língua nacional for projetada como verdadeira língua “nacional” e por tanto língua A, aproveitando todas as ferramentas de que se dispõe -no caso galego, do português no âmbito internacional, porém isso implica um alto grau de controlo do poder político (e o deslocamento da outra língua) e dos seus instrumentos. Se isso não existir, manter-se-á, se for quem nessa sociedade, de construir um *apartheid* linguístico,

¹⁵ Selecionar uma significa que a outra língua (é) foi estigmatizada socialmente igualando-a a miséria e atraso. (a variante dos índios, com força cultural e linguística enquanto manterem a sua comunidade tradicional. Tenho uma anedota curiosa falando com um nativo americano, que me contava que os seus pais eram índios,

porém ele já não era, pois usava a língua nacional do estado, a língua era que o fazia índio).

¹⁶ É muito interessante o modelo do Bahasa indonésio, como língua planificada e artificial, de enorme sucesso.

reforçado por elementos poderosos, como pode ser, uma religião diferenciada.

2.1 O DISMORFISMO LINGUÍSTICO SEGUNDO O GÉNERO DO UTENTE

Falava no princípio, de *o feito de as mulheres*, pela sua situação na sociedade patriarcal, tenderem sempre a ocupar a centralidade no sistema. A elas, estarem fora da centralidade social, produz-lhes insegurança vital.

A Galiza é uma sociedade desestruturada, onde as conceções sociais que igualam o castelhano como língua de progresso e o português da Galiza como elemento de atraso, não foram removidas, estão (seguem) profundamente inseridas na alma do povo.

Produziu-se uma modernização económica e uma forte urbanização. As atividades produtivas primárias ocupam menos dos 5 por cento da população e o mundo tradicional que sustinha a língua esvaeceu.

Na Galiza há um planeamento linguístico, que trata com absoluta normalidade e inamovibilidade o castelhano; nem há nenhum objetivo de deslocá-lo do seu espaço de privilégio, -nem o poder espanhol o consente¹⁷. O castelhano não é discutível como língua da Galiza, diria mais, como a verdadeira língua “*nacional (da nação espanhola)*” da Galiza. O castelhano representa a centralidade social, e as mulheres, mais inovadoras para avançarem sempre para a centralidade, assumem o castelhano

¹⁷ É muito elucidativo o seguinte feito: Que língua adota um emigrante estabelecido na Galiza, o português da Galiza ou o castelhano? Os imigrantes também tendem a centralidade social. A resposta é óbvia, o castelhano. Porém passa-se o mesmo na Catalunha, que jogador do **Barça** imigrado adota o catalão...nenhum por isso os catalães sabem perfeitamente claro que se querem sobreviver como povo, isso só se pode conseguir criando uns espaços de normalidade que se chamam estados, e dispõem da força social para o fazerem.

Do ponto de vista sociológico é muito interessante o tema da imigração e a língua. Os emigrantes raramente modificam pautas de conduta linguísticas, salvo que na sociedade em que se instalem ocupem os papéis dominantes. Na Galiza sempre se destacou o papel da emigração, e só agora começam a fazer-se estudos que ponham de manifesto, que desde o século XV até praticamente muito recentemente, dentro dos elementos dirigentes, os imigrantes castelhanos tiveram um papel dominante e maioritário. Todavia nos anos 90 do século passado, um estudo da CI, mostrava que nas administrações públicas (todas) no ano 90 nos cargos relevantes e nos postos de funcionários de mais responsabilidade os não nados na Galiza chegavam até case 40 % no conjunto, e nalguns casos e grupos ultrapassava a incrível

dum jeito mais firme que os homens, para os que, essa centralidade tem menos importância.

O planeamento linguístico chamado na Galiza “*normalização*” (impossível dados os entraves em que se assenta), desenha uma defesa do galego, que de feito é um verdadeiro programa de substituição linguística firme e sem paragem, uma substituição que objetivamente há que chamar de estupefaciente¹⁸. Não é casual que os textos em galego para as escolas sejam adaptações dos textos em castelhano que transluzem o castelhano por toda parte, fazendo, ó ironia, *castelhano em galego*.

Desapareceu a pressão social a prol da língua, resta só o remorso identitário, quiçá mais forte do que aparentemente posa parecer, mas até no campo informal avança com força o castelhano.

2.2 O EFEITO DA PRESSÃO AMBIENTAL NOS MODELOS LINGUÍSTICOS

Resultado de tudo isso, é um acrescentamento muito forte da pressão ambiental a prol do castelhano e contra o português da Galiza, que é língua de idosos que a levam com eles à terra.

As mulheres são o elemento que sofre com mais força essa pressão social. A transmissão da língua entre as gerações quebrou; escassamente o 10 por cento das crianças crescem parcialmente no português da Galiza, e submersas numa imensidão de castelhano, além disso, está bem travado

cifra de 80% por exemplo engenheiros agrícolas e de montes das administrações públicas na Galiza 7 num total de 275. Nos postos baixos nunca se dava esta situação). Um caso exemplar disto é o Alguer (alghero) na Sardenha. Em 1776 a população de língua catalã, após unha duríssima peste e reduzida a só 168 pessoas (SilvioSalviLa *Lingue tagliate*). Cedo chegam muitos sardos a ocupar o vazio, mas adotam a língua catalã que era a da classe dominante. Também os ingleses na Índia nunca passaram do 0,1 % mas a sua intervenção culturalmente marcou decisivamente, pois desenhava os modelos dominantes. Os imigrantes são sempre pessoas que independentemente da sua origem integram-se na centralidade social de quem os acolhe.

¹⁸ Sempre comento que na Galiza, essa Secretaria-geral de Política linguística chamar-se-ia de **Política linguística para garantir os direitos do castelhano e do galego**. E que deveria aplicar a planificação normalizadora que vivemos, ao castelhano, e com **normalizadores linguísticos** do castelhano contratados em todas as instituições.

e impossibilitado o acesso ao português de Portugal e da Lusofonia toda, salvo minorias ativas e privilegiadas. Deu-se uma perda de qualidade linguística e vocabular, os falantes, fora de atividades informais são a cada passo mais inseguros na língua do país, que resulta a cada passo mais e mais degradada.

Se isto está reforçado por pretensas elites galeguizadoras com o seu modelo absolutamente deturpado, dum jeito tal como nunca se atreveriam a fazer com o castelhano...está mais que clara a mensagem que recebe o nosso povo¹⁹

Nas novas gerações onde o português é já língua minoritária, e que são as que curiosamente passaram por uma escola onde tiveram em teoria umas quantas matérias, além da língua "em galego, essa escola funcionou, como demonstram todos os estudos, como uma verdadeira força de empobrecimento da língua e de *normalização* (esta sim) bem certinha do castelhano,²⁰além de difundir e estabelecer um modelo de língua que é um canto subliminal permanente ao castelhano.

O modelo de língua galega que o poder impõe e difunde, numa sociedade avançada como a nossa, insiste nos clichês mais estereotipados e ruralizantes, mais acaídos a idosos criados sob o franquismo, como jeito de travar processos verdadeiros de criação de espaços de normalidade real para a língua²¹.

E é impossível constituir um projeto galego de normalidade e como tal inserido na lusofonia, é dizer, é impossível a recuperação do português da

Galiza, se não se incutir esse modelo em elites dominantes e referenciadoras, que *per se* são urbanas, ocupando a centralidade, e convertendo já que logo às mulheres em verdadeiros agentes de essa nova centralidade.

CONSIDERAÇÃO FINAL

Pode-se fazer isso se a Galiza não conseguir a independência, é dizer, a construção da sua estatalidade, -jeito privilegiado de garantirem-se uns mínimos os povos, ou uma absorção – confederação-federação por/com Portugal²²?- Ou acham que poderia dar-se uma impossível miragem de nova configuração do estado espanhol, onde o relacionamento da Galiza com Portugal esteja assente em novas pautas e o espaço central e de referência para a Galiza for o poderoso espaço urbano do norte português, Porto. Acho que sem o sim as duas hipótese formuladas, a resposta noutro caso é fácil de suster, não. **Não é possível um futuro duma Galiza sob Espanha, na sua língua portuguesa. Todavia que no país das meigas, as vezes produzem-se surpreendentes milagres para os que não pareçam fazer nada a sério os seus moradores.**

BIBLIOGRAFIA

Jornadas organizadas pela AGAL sobre língua e género 2008

Qual língua qual género de Raquel Miragaia

Construindo modelos de língua e políticas de género de Alexandre Banhos

¹⁹ O acratismo e despreocupação com o idioma nacional das novas elites políticas, de muitos cargos relevantes ligados ao nacionalismo, os quais têm que funcionar como **elites sociais**, fazem muito mal à língua, tanto ou mais que a política e os políticos espanhóis, pois ainda que não se for consciente está-se enviando unha mensagem subliminal e muito efetiva de qual é a importância da língua.

²⁰ É de muito interesse esta entrevista com Xurxo Souto na que põe um magnífico exemplo do labor da escola com falantes nativos.

<http://palingua.org/especiais/novas-da-galiza/1392-xurxo-souto-la-musica-e-emo-com-portanto-a-musica-cantada-em-portugues-e-musica-nossa-e-parte-das-nossas-emoconsr>

²¹ Para além do role fundamental que tem a escola como elemento de socialização do modelo linguístico, teríamos que criar uma rede escolar própria e arredada da escola espanhola, seguindo o modelo vasco das ikastolas, é dizer o modelo **Se-mente** que se tenta desde o reintegracionismo, mas com escassos meios e sobre todo carentes de recursos económicos. E fazer políticas de construção de espaços

sócios de exclusividade da língua nacional e compactadores sociais. Seria fundamental na Galiza fazermos-nos de uma igreja que fosse nacional, pois a força de esse elemento é um poderoso catalisador. É fulcral incidir nos aspetos informais do sucesso linguístico o estabelecer políticas de língua acaídas aos roles a e a percepção da língua que tem os distintos géneros e a maior ou menor resistência social, criando espaços de normalidade.

Porém, além do trabalho incansável do reintegracionismo...eu só percebo muito pouco, e a consolidação abençoada por todo lado do modelo estupefaciente de substituição linguística.

²² Tal e como foi o projeto nacional português desde 1230 até 1476, batalha de Toro, onde Afonso V perde a integração da Galiza a norte do Minho em Portugal (onde era palavra de ordem da monarquia reclamar o que juridicamente lhes correspondia de acordo ao testamento de Afonso VIII da Galiza-Leão.. Porém se Portugal cala sobre Olivença –ocupada ilicitamente-, não percebo eu, no espaço europeu, Portugal com uma política proativa, do tipo do que gastam os húngaros a respeito das suas minorias noutros estados....por nenhures.

O papel da mulher na transmissão da língua de Pilar Garcia Negro
Introducción a la Sociolingüística de Ronald Wardhaugh Servizo Publica-
ções da Universidade de Santiago de Compostela
Sociolingüística a l'aula de Bernat Joan i Marí La Busca edicions
Estandardització i Establiment De Les Llengües de Xavier Lamuela, edicions 62
Sociologia da Família, Teorias e debates de Anália Maria Cardoso Torres
<http://www.analiatorres.com/pdf/agregacao/RelatoriodaJCSociologiaFamiliaTeoriasedebates.pdf>

4. ANABELA FREITAS (MIMOSO), CEI-EF ULHT, GAIA, PORTUGAL



ANABELA BRITO FREITAS MIMOSO, Cei-EF ULHT, nasceu em Lisboa, licenciou-se em História na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde também obteve os graus de mestre e de doutora em Cultura.

É investigadora do Cei-EF da Universidade Lusófona de Humanidade e Tecnologia onde terminou este ano um projeto financiado pela FCT, no campo do associativismo docente. Tem também desenvolvido estudos na área da literatura, sobretudo da tradicional e da literatura infantil, bem como da história do pensamento pedagógico e da história do corpo. Publicou ainda, sobre essas mesmas temáticas, vários artigos em revistas e capítulos de obras. Faz regularmente comunicações em congressos, nacionais e internacionais e conferências.

Tem uma vasta obra escrita que vai desde a ficção infantojuvenil (obras como: *D. Bruxa Gorducha*, *Foz Coa – entre céu e rio*; *As férias do caracol*; *Aquela palavra mar...*), mas também para adultos (*A vida pela metade*, *Quando nos matam os sonhos*, *A sagração do amor*), à literatura tradicional (*Contos tradicionais do povo açoriano de Teófilo Braga*: introdução, seleção e notas), passando por estudos sobre a Geração de 70 (*S. Cristóvão de Eça de Queirós* – introdução), e por estudos sobre autores de matriz açoriana. Foi ainda autora de manuais para o ensino da Língua Portuguesa para os 2º e 3º ciclos.

É SÓCIO FUNDADOR DA AICL E VICE-PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA-GERAL

TEMA 1.3. REBELO DE BETTENCOURT – RAÍZES DE BASALTO

[Ver powerpoint aqui antes de ler artigo](#)

No ano em que se comemora o 120º aniversário do nascimento de José Rebelo de Bettencourt, é de inteira justiça divulgar a sua obra. Nascido a 30 de agosto de 1894 em Ponta Delgada e falecido a 4 de setembro de 1969, também em Ponta Delgada, José Rebelo Bettencourt, ou Rebelo de Bettencourt, como assinava frequentemente, foi poeta, ensaísta, tradutor e um marcante jornalista.

Conheceu muitas figuras do panorama literário e artístico da época, como Antero de Figueiredo, João de Barros, de quem foi amigo pessoal, Dias de Melo, Eduíno de Jesus, Domingos Rebelo, Artur Duarte, Stuart Carvalhais (que apresentou a Columbano e a quem homenageia por ocasião da sua morte).

Conheceu também Almada Negreiros, numa exposição no salão Bobone de quadros que escandalizaram os burgueses de então. Em 1917, Carlos Filipe Porfírio, prestes a lançar o *Portugal Futurista*, apresentou-o, no Martinho da Arcada, a Santa-Rita Pintor.

Esses conhecimentos valeram-lhe o convite para colaborar no número único do *Portugal Futurista*. Mas apesar de dedicar algumas páginas de admiração aos poetas de *Orfeu*, de facto o seu pensamento estava bem mais de acordo como nacionalismo literário de um Afonso Lopes Vieira, que tanto admirava, ou de Correia de Oliveira, como está bem patente na sua obra poética. Embora com as raízes de basalto, R.B. tem um lugar importante no panorama literário e intelectual português da primeira metade do século XX.

REBELO DE BETTENCOURT: RAÍZES DE BASALTO

1. INTRODUÇÃO

Foi através da leitura de um artigo de Vasco Rosa, inserido na revista *Pessoa Plural* da Brown University que, pela primeira vez, tive conhecimento da obra de Rebelo de Bettencourt. O artigo apresentava um texto crítico deste sobre Fernando Pessoa, extraído do *Diário dos Açores* (1930).

Na verdade, o texto tinha sido publicado pela primeira vez no livro *O Mundo das Imagens* (1928: 75-78). Surpreendeu-me a capacidade crítica,

a abertura de pensamento, a receção elogiosa de Fernando Pessoa, não só por concordar com o seu teor, mas sobretudo pela coragem de a ter encetado numa altura em que este era ainda um escritor ignorado por parte do público ou depreciado por outra parte. Foi essa a razão fundamental que me levou a decidir estudar a vida e obra deste crítico, ensaísta, jornalista e poeta açoriano. Mais tarde, já durante este estudo, descobriria outra razão que me aproximaria Rebelo de Bettencourt: a admiração mútua por Teófilo Braga.

Apesar da importância da sua obra, não há muita informação publicada sobre ela nem sobre o seu autor. Eduíno de Jesus, seu confratão e amigo pessoal, é o crítico que melhor o conhece e quem mais sobre ele sabe, tendo publicado dois verbetes a seu respeito: um na *Enciclopédia Luso-brasileira* (1986), outro no *Dicionário Cronológico* (1994).

Ruy Galvão de Carvalho, também micalense, incluí-lo-ia na *Antologia Poética dos Açores*, esboçando aí uma breve nota biobibliográfica. O mesmo já tinha sido feito por Pedro da Silveira, em 1977, juntamente com a transcrição de dois poemas da antologia *Vozes do Mar e do Vento*. Numa outra antologia (*12 Poetas Açorianos*), António Manuel Couto Viana publicava excertos de poemas e um artigo sobre R. B. que, embora não acrescentasse nada à sua biografia, é altamente elogiosa em relação à sua poesia.

Recentemente (2008), Fernando Cabral Martins também incluiu no *Dicionário de Fernando Pessoa* um verbe sobre o autor que ora trazemos à colação.

As informações repetem-se: data de nascimento e morte, alguma bibliografia, principais revistas e jornais em que colaborou, referência ao contacto com o modernismo, à defesa do nacionalismo. E é tudo. Urgia, pois, fazer um estudo mais aprofundado sobre a sua vida e obra.

Partindo, assim, da análise documental de textos de Rebelo de Bettencourt de várias tipologias, confrontando-os, quando necessário, com o pensamento da época, apoiando-nos ainda em informação fornecida pela família e pelas sugestões de Eduíno de Jesus, intentamos sacudir da poeira do tempo a sua memória, dando a conhecer o autor e o seu ideário intelectual.

2. A VIDA

José Rebelo Bettencourt é filho de José Inácio Rebelo e de Maria da Purificação Bettencourt. Nasceu a 30 de agosto de 1894 na freguesia de S.

Sebastião, em Ponta Delgada. Seria batizado na igreja paroquial do mosteiro de S. Sebastião. Casaria com Irene Teresa de Lima de quem teve dois filhos: Maria Eduarda Lima Rebelo de Bettencourt e José Inácio Lima Rebelo de Bettencourt. Teve ainda outro filho – João Bettencourt – fruto de uma ligação anterior.

Viria a falecer em Ponta Delgada, na freguesia de S. José, vítima de «doença arteriosclerótica degenerativa do coração», em 4 de setembro de 1969, segundo reza a certidão de óbito.

Começaria por usar o nome literário de José Rebelo na revista *Alma Nova* – 1916 – e nos primeiros livros: *Ode a Camões* (1913) e *Cantigas* (1917). No entanto, no *Portugal Futurista* (1917), assinaria Bettencourt-Rebelo, o que, segundo Silveira (1977), seria devido a erro de Santa Rita. Posteriormente, e ainda na revista *Alma Nova*, assinaria Rebelo de Bettencourt, forma mais comum de assinar os seus artigos e livros. Também, esporadicamente, usou as iniciais R.B. e B^t. R.^o (estas últimas no *Portugal Futurista*), daí terem surgido dúvidas sobre qual seria o seu verdadeiro nome. As dúvidas foram inicialmente levantadas por Eduíno de Jesus (1994), e, depois, na sua esteira, por Cabral Martins (2008). De facto, o nome oficial é José Rebelo Bettencourt, atestado pela certidão de óbito, e não de Bettencourt, como o autor mais gostava de assinar e como registou nos assentos de batismo de dois dos filhos.

Frequentou a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde, em 1916, frequentava o 3º ano. Não terminou, no entanto, o curso. Viria ainda a estudar no University College (Londres), segundo refere Silveira (p. 230), mas também não concluiria aí nenhum curso.

O seu nacionalismo ativo levou-o ao debate de ideias, nas páginas de livros, jornais ou revistas, mas também à defesa mais direta de causas. A sua preocupação na luta pelo engrandecimento do país levou-o a manifestar uma visão algo ingénuo em relação ao colonialismo e ao racismo, mas é também testemunha dos seus elevados padrões morais e éticos.

Espírito inquieto, aberto, diletante e cosmopolita, era um apaixonado pelas viagens. Observador atento, pôs esses dons ao serviço do jornalismo, assinando vários textos sobre cidades portuguesas, mas também algumas estrangeiras que visitou, como Londres e Hamburgo, e sobre as praias e a excelência do turismo português. Correr mundo – a vocação de um ilhéu: «Nasci numa cidade, à beira-mar, numa ilha atlântica. Depois, nas minhas veias, ainda corre um pouco de sangue de antigos navegadores e de velhos emigrantes. Um navio representa sempre para mim o mistério e o deslumbramento de outras terras distantes e desconhecidas, de outras ilhas,

de outros povos. O mar! A volúpia das viagens!» (*Gazeta*, nº 1289, de 1 de setembro de 1941).

Dotado de uma fina ironia, não hesitou em incluir nos seus artigos, nomeadamente na rubrica “Panorama” da *Gazeta*, alguns episódios anedóticos. A sua sensibilidade social fê-lo, várias vezes, assumir a defesa dos mais fracos.

Conheceu muitas figuras do panorama literário e artístico da época, como Antero de Figueiredo, João de Barros (de quem foi amigo pessoal), Dias de Melo, Eduíno de Jesus, Domingos Rebelo, Artur Duarte, Stuart Carvalhais... Conheceu também Almada Negreiros. Em 1917, Carlos Filipe Porfírio, prestes a lançar o *Portugal Futurista*, apresentou-o, no Martinho da Arcada, a Santa-Rita Pintor.

Grande apreciador das artes e grande conhecedor do meio artístico, era presença habitual em exposições e em peças de teatro, aproveitadas por ele para a elaboração de artigos sobre pintura, sobre textos dramáticos, sobre artistas plásticos, sobre atores e atrizes, que ele publicava em várias revistas, nomeadamente na *Alma Nova* e na *Gazeta dos Caminhos de Ferro*.

Dedicou grande parte do seu labor intelectual ao jornalismo e às traduções que lhe ocupariam muito tempo, o que, logicamente, o afastaria da produção literária. Mas era então assim que os intelectuais ganhavam a vida.

As suas qualidades humanas e literárias eram muito apreciadas pelos seus pares. O nº 1795 da *Gazeta*, de 1 de outubro de 1962, assinalaria as comemorações das suas bodas de ouro jornalísticas, levadas a cabo em Ponta Delgada pelo jornal *Diário dos Açores* (onde iniciara a sua carreira jornalística em 1912), e assinaladas com um jantar de homenagem. O nº 1822, de 16 de novembro de 1963 marcaria a comemoração das bodas de ouro da sua atividade literária. No artigo (de Mário Cardoso) salientava-se o seu humor, a sua cultura, a camaradagem, a educação. Citando os artigos publicados anteriormente no *Diário dos Açores*, faz também referência à elegância com que cultivava a língua «dentro de uma língua está um povo», diria R.B. – 1928: 8), à inspiração e originalidade da sua poesia.

O seu nome seria lembrado pelos seus conterrâneos, em 2011, altura em que a Câmara Municipal de Ponta Delgada o homenageia, atribuindo o seu nome a uma artéria da cidade: Rua José Rebelo de Bettencourt, cita na urbanização do Serrado do Carmo, no Livramento.

No entanto, a maioria da sua vida seria feita fora da ilha natal e do seio da família. Regressaria ao lar para morrer.

3. A OBRA

3.1. POESIA

Ode a Camões, publicado em 1913 pela Tipografia do *Diário dos Açores*, é o seu livro de estreia. Em 1915 surgia o segundo livro, *Canções do Amor e da Terra*, depois *Cantigas* (1917), *Oceano Atlântico* (1934) e *Vozes do Mar e do Vento* (1953).

Do primeiro livro de poesia não encontramos nenhum exemplar nem referências críticas a ele. Do segundo nos deu conta o próprio autor, em *O Mundo das Imagens*, ao relatar-nos o encontro com Teófilo Braga, em 1916, precisamente para lho ofertar. Aproveitou o relato desse encontro para autocriticar a poesia do livro, publicado no ano anterior. Sobre ele, dizia o autor: «Sem unidade e sem estilo, esse livro, longe de marcar uma individualidade, denunciava a indisciplina de uma inteligência que não soubera encontrar ainda na arte um rumo certo e próprio para a minha sensibilidade» (p.29). Revelava também aí as suas influências: «Em todas essas páginas, escritas no entanto com sinceridade, sentia-se bem a influência de todos os poetas que lêra até então e mais me tinham apaixonado, como Junqueiro, pela forma sonora, Augusto Gil, pela delicadeza, Antonio Correia de Oliveira, pela sua religiosidade, e Afonso Lopes Vieira, pelos motivos novos num lirismo novo.» (p. 29).

No entanto, a obra granjearia vários encómios. Por exemplo, o jornal “A Voz do Sul” de Silves chamava-lhe «livro de um poeta a valer»; Maurício Monteiro afirmaria que nele «aparecem quadras perfeitíssimas que rivalizam com as melhores que conhecemos, e que só por si bastariam para lhe valorizar a obra». O “Diário da Madeira” diria que José Rebelo era um poeta que sabia cantar «á lusitana, com alma, com amôr, com sentimento, sem pieguices que irritam e enervam». (1928: pp. 44-45).

Por sua vez, *Cantigas* foi recebido com simpatia por Antero de Figueiredo, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Teresa Leitão de Barros, Ferreira de Castro e Afonso Lopes Vieira. São quadras ao gosto popular:

*Passa o sorriso nos lábios,
Passa o perfume da flôr,
Passa o tempo, passa a vida,
Só não passa o meu amôr!* (p. 16).

*Ó minha terra de encantos
E de encantadas manhãs,*

*Onde as mulheres e as flores
De tão lindas são irmãs! (p. 20).*

Em 1934, a Tipografia Insular publicava *Oceano Atlântico*. Destacamos o poema «Voz de oiro, dedicado à filha» - D. Maria Eduarda Lima Rebelo de Bettencourt Pinto, mãe do poeta Eduardo Bettencourt Pinto:

*Minh'alma é cheia de canto
Da tua voz a falar.
– Nunca te possas calar,
Voz de oiro que eu amo tanto!*

*Com ela, enfim, pude achar
Da vida todo o encanto.
– Marejam em doce pranto
Meus olhos, só de lembrar!*

*Deus queira que eu tenha a sorte
De ouvi-la à hora da morte,
A pedir por mim rezando,*

*Para eu morrer sem sentir,
Como se morre a dormir,
Como se morre sonhando.*

Em 1953 saía a lume as *Vozes do Mar e do Vento*, editado em Lisboa nas Oficinas Gráficas da *Gazeta dos Caminhos de Ferro*. O autor subintitulava o livro de *Antologia Poética*. Retoma alguns poemas das obras anteriores, embora com algumas alterações. A primeira parte é o “Oceano Atlântico”, refundição da obra homónima publicada anteriormente; a segunda, “Cantigas”, como a obra que lhe deu origem; a terceira parte “Ansiedade”. O livro vem ilustrado com um retrato do poeta, num desenho de M. de Souza Gomes, datado de 1943. Dele destacamos o poema inicial «Mar Açoriano», onde R.B. se interroga melancolicamente sobre o significado da vida:

*Quem sou? Para onde vou? Ânasia insofrida!
De que tempos remotos é que eu vim?
Onde começa e quando acaba a vida?
Tudo é vago mistério dentro de mim.*

A paisagem açoriana impõe aí a sua presença de uma maneira insistente, triste, dolente:

Esta paisagem de tristeza e bruma

*Que eu sinto irmã de Antero, o Poeta, o Santo,
Vai-me contando a sua mágoa, e o pranto
Tomba nas minhas rimas uma a uma.*

*Rochedo hirta, de perfil severo,
Sobre as ondas do mar descendo a prumo.
Quem ensinou ao nosso pobre Antero
Que a vida é vã e tudo o mais é fumo?*

A dor do poeta funde-se com a dor do Atlântico:

*Longa, saudosa, anda uma voz chorando...
– Ó mar, eu sou irmão das tuas mágoas!*

*E nos meus versos oiço o ritmo brando
Que eu aprendi com a canção das águas!*

Mas é também a voz do sangue, a sedução do mar:

*Trago em meu sangue, o sangue dos emigrantes.
– Oiço-os de longe em sua voz de além...*

*Não se morre de todo! Por instantes,
Sinto que em mim existe mais alguém!*

Mais do que tudo, é a voz de todo um povo:

*E a minha pena, comovidamente,
Compõe-me os versos que eu, depois, nem sei
Se fui eu que os rimei
Se mos ditou a voz da minha gente!*

Poemas sentidos, ao gosto neorromântico, («muito convencionais», diria Martins; 2008: 86), poemas de quem parte, poemas de ilhéu, como em «*Digo adeus à minha terra*», até porque as saudades andam dentro de nós: «*Tenho saudades da Ilha, / Mesmo antes de ir embora*».

Poemas de quem sofre a paisagem:

A tristeza é irmã desta chuva a tombar...

– Foi numa tarde assim que Antero de Quental,

Desiludido e só, se resolveu matar. (do poema: «Sob a chuva do tédio»).

Não é, contudo, uma poesia obsessivamente triste. Sobretudo quando canta os costumes da terra, como em «*Para queimar na noite de S. Pedro*» ou «*Em louvor do vinho de cheiro*».

Já em “Cantigas” (como a obra homónima), as quadras trazem-nos ecos da voz do povo em glosas. A maioria das vezes resvalam para a tristeza:

Esta vida são dois dias...

(Tão pouco para te amar!)

Ó vida, não corras tanto!

*Ó morte, vem devagar!
(De: «Quem canta seu mal espanta»).*

Mas R. B. é também o poeta do amor, como em «Sol de primavera». Amores infelizes, breves, enganosos «Basta só que ela minta e mais ninguém»), amores não correspondidos («– Para te dar só tenho uma alma em flor, Mas essa não a queres!»). Mas amores maiores que a própria morte:

*Eterno, para além da morte, sim!
– Eu só entendo a vida assim vivida
E entendo o amor, só quando se ama assim!*

(Do poema: Para além da morte)

Eduíno de Jesus tem razão quando afirma que: «Como poeta ficou incólume à influência das estéticas modernistas. Ilhéu exilado no continente, reconstrói, nos seus versos a “paisagem de tristeza e bruma” das ilhas, fala do Amor e da Terra, traduz em cadências nostálgicas as “vozes do mar e do vento” que embalaram a sua adolescência e lhe percutem ainda na concha da memória; ou então exprime o sentimento poético do povo da sua ilha em cantigas simples como as do cancionero popular.» (Dic. Cronológico, p. 468).

Mas, se é verdade que ficou incólume às estéticas modernistas, o mesmo não se pode dizer em relação às do nacionalismo literário. Assim, privilegiou tematicamente a exaltação da gesta dos descobrimentos, dos humildes, dos costumes e tradições da terra, da casa portuguesa, dos arraiais e romarias, das procissões, do mar, da paisagem açoriana.

Couto Viana (2008) diria que «é suficiente tudo quanto deixou impresso para o consagrar poeta. É poeta-poeta, notável pelo seu lirismo português e pela sua arte» (p. 129). Na verdade, conseguiu cumprir o desiderato a que se propunha no seu segundo livro de poemas, *Cantigas* (1917):

*Grande poeta é aquele
que ao rimar o que ele sente,
Deixa em seus versos, chorando,
A Alma de toda a gente! (p. 43).*

3.2 CONTOS

Rebello de Bettencourt publicou ainda, em 1920 (?), na oficina da Rua da Horta Seca, em Lisboa, propriedade do editor Carlos d'Ornelas, o livro de contos *A Feiticeira da Vila*, na coleção «A Grande Novela». Na verdade, o livro contém três contos: “A Feiticeira da Vila”, “O Sapateiro e o

Diabo” e “A Morte do Sacristão”, cada um deles ilustrado com uma ingénua estampa. Embora os títulos dos contos nos pareçam remeter para o conto tradicional oral, a verdade é que eles se aproximam muito do conto fantástico.

Segundo o autor, o livro foi escrito aproveitando «lendas e superstições açorianas», e revela-nos uma outra faceta de R.B.: a de narrador. Os diálogos são fluidos e a prosa está recheada de expressões populares, de apontamentos sobre a vida nas freguesias açorianas. Os temas remetem-nos para o sobrenatural, que o narrador sabiamente prepara, criando para isso a atmosfera inquietante, sombria, propícia ao aparecimento de feiticeiras, de bruxedos e do diabo. Cenários terríficos, quase caricaturais do terror, conseguidos pelo recurso a lugares-comuns da literatura gótica, conferem um certo pendor irónico aos textos, acentuado por finais inesperados, pouco convencionais. Bem estudadas pausas da ação ajudam a criar o devido suspense. Para além disso, R.B. manipula muito bem nestas três narrativas os conhecimentos da literatura tradicional e da literatura fantástica.

3.3. TRADUÇÕES

Na sua labuta pela vida, ver-se-ia forçado a recorrer também às traduções. Traduziu obras como: *O potro vermelho* de J. Steinbeck (1950); *Os Pássaros* de Michelet (s.d.); *La Bandera: Romance* de Pierre Mac Orlan (1955); *Gargântua e Pantagruel* de François Rabelais (tradução e adaptação – 1957). Mas fez também revisões de traduções, como: *Debaixo do céu* de Pearl S. Buck (1967), traduzido por Mário Quintana; *A Casuarina* de W. Somerset Maugham, tradução de Leonel Vallandro (1956?) ou *As Chuvas Vieram* de Louis Bromfield, traduzido por Sousa Júnior (1955).

3.4. ENSAIOS

Entre maio de 1919 e março de 1920, escreveria em Ponta Delgada *Os Novos Escritores. Ensaio de Crítica nacionalista sobre a Arte e as Ideias da Nova Geração*, publicado ainda em 1920. O *Mundo das Imagens* seria publicado em 1928. Em 1929, o *Diário dos Açores* editaria *A Função Social do Teatro*. Em 1942, a tipografia da Gazeta dos Caminhos de Ferro publicava *Teófilo Braga: mestre nacionalista*. Nesse mesmo ano, em que se comemorava o 1º centenário do nascimento de Antero de Quental (a 18 de abril), a Empresa Literária Universal dá à estampa *O Verdadeiro Antero*. Em

1950, novamente na gráfica da Gazeta, sairia *Erico Veríssimo e o Romance Brasileiro*.

Podemos verificar que, também nos ensaios, a sua preocupação fundamental foi para com a crítica nacionalista, a que dedicou uma das suas obras – *Os Novos Escritores*. Nela explica que face à crise de ideias e de valores que então se vivia, a saída era ressuscitar «na nossa alma estrangeirada, a alma nacional, a alma gloriosa e altiva, a alma portuguesa» (p. 11). E o caminho para essa saída passava pela crítica nacionalista: «A crítica tem funções sociais a desempenhar. Só ela, revelando a consciência nacional e impondo às nossas consciências as leis naturais da nossa raça e do nosso sangue, é que nos levará à nossa autonomia moral, com a qual a nossa autonomia política mais se completará e melhor se identificará com a nossa terra.» (p.12).

Aliás, o ressurgimento já se estava a dar em Portugal em várias frentes: na arte, no folclore, na decoração e na arquitetura – o voltar à típica casa portuguesa. Na poesia, com a recuperação dos metros antigos, e na pintura (p.13). Autores de obras bem portuguesas mereceram aí o destaque de R.B.. São eles: Augusto Gil, Afonso Lopes Vieira, António Correia de Oliveira, Antero de Figueiredo e Silva Gaio. A eles consagrou pequenos capítulos da obra.

A última parte foi dedicada à «nova geração» que visava resgatar Portugal das ideias estrangeiras, através de uma nova cruzada: António Sardinha, Álvaro Maia, Luís Chaves, Hipólito Raposo, Aquilino Ribeiro, Luís de Almeida Braga; Luís de Freitas Branco, Domingos Rebelo, Alberto de Monzaraz, Francisco Beliz, António Correia de Oliveira e Carlos Selvagem.

O livro seguinte, *O Mundo das Imagens, Crónicas*, publicado em 1928, granjearia rasgados elogios da crítica. O livro reúne várias crónicas escritas anos antes. A primeira parte, intitulada “Poetas e Prosadores”, inclui artigos sobre oito escritores da preferência do autor (Afonso Lopes Vieira, Câmara Lima, Antero de Quental, Antero de Figueiredo, Teófilo Braga, Santibañez del Rio, João de Barros e Ferreira de Castro); a segunda, “O Café Martinho do meu Tempo” inclui seis artigos sobre a Geração de Orfeu; a terceira, “Como eu Descobri a Inglaterra”, é uma série de sete ensaios sobre aspetos da vida inglesa. No último, “Ao ritmo da pena”, figura apenas um texto: «Sinfonia de inverno», onde faz uma reflexão sobre o ciclo da vida.

Em 1929, o *Diário dos Açores* dava à estampa o livro *A Função Social do teatro. Entrevistas e Comentários*. De facto, é nítida essa divisão bipartida: na primeira, contudo, há não só entrevistas a homens ligados ao teatro, aí cabe também um ensaio à volta de um texto de Eça de Queirós; a outra

– a Conclusão – é uma reflexão sobre o estado do teatro no país, defendendo R.B. a urgência da criação de um teatro nacional que nos colocasse dentro da Europa e que fosse «um instrumento de cultura e de elevação moral» (p. 32).

A gráfica da Gazeta dos Caminhos de Ferro publica, em 1942, *Teófilo Braga, mestre nacionalista com duas cartas íntimas e uma breve antologia poética*. O livro está dedicado à sua terra natal: «À cidade de Ponta Delgada, onde nasceu Teófilo Braga, o homem que acreditou no amor, nos destinos da Pátria e encontrou, na voluptuosa alegria do trabalho, a força com que soube resistir ao proceloso embate da “maior dôr humana”».

Além da biografia de Teófilo que aí traça, salienta a importância da sua obra, nomeadamente no pensamento integralista. Inclui ainda duas cartas do mestre: uma dirigida a D. Maria do Carmo Xavier, então ainda sua noiva (datada de 1866) e outra dirigida a Francisco de Sousa Supico, seu mentor em Ponta Delgada. Finalmente dá a conhecer alguns poemas do autor.

Em 1950, era a vez de publicar o ensaio *Erico Veríssimo e o Romance Brasileiro*, na verdade uma separata da *Gazeta* (nº 1508 de 16 de outubro de 1950). Nas passagens transcritas e comentadas da obra que mais profundamente avalia – *Clarissa* – perpassa uma ternura que nos mostra um homem dotado de uma grande sensibilidade que contrasta com o porte altivo, severo dos seus retratos.

3.5. JORNAIS E REVISTAS

Em 1912, Rebelo Bettencourt começava a sua carreira jornalística, emprestando a sua colaboração ao *Diário dos Açores*, em cuja redação trabalharia. Fundaria ainda e dirigiria em Ponta Delgada o semanário, depois bissemanário e diário, *O Distrito*, e seria redator, de *A Pátria* (Silveira: 230), de Angra do Heroísmo onde, em 1921, Vitorino Nemésio começaria a sua carreira jornalística.

Data de 1914 o início da sua colaboração na revista *Alma Nova*, ainda no primeiro volume, com a rubrica “Pelos teatros” que incluía notícias sobre cinema, teatro, concertos e variedades.

Em 1917 começaria a sua colaboração em *O Século* (que, de resto, terminaria em 1918), jornal então, recordamos, de inspiração monárquica.

Data desse mesmo ano a colaboração no número único do *Portugal Futurista*, número que seria apreendido à porta da tipografia. A revista incluía um artigo seu a elogiar o trabalho de Santa Rita (“Santa Rita Pintor”, pp. 3-

4) e outro sobre "O Futurismo" (pp. 6-9), aliás, como o autor confessa, trata-se de «Interpretações e tradução livre de F.T. Marinetti, Boccioni, Carrá». Ambos os artigos vêm também reproduzidos em *O Mundo das Imagens* (respetivamente: pp. 65-69 e pp. 78-87).

Em 1923, na *Revista Portuguesa* (1923-1924) de Victor Falcão envereda pela crítica literária. A revista, editada em Lisboa, e que integra rubricas de literatura, artes plásticas, música, desporto, mesmo tendo colaborações de autores com sensibilidades diversas, assume o dever de perseguir a renovação na arte e na vida, sem esquecer o tradicionalismo.

Colaboraria ainda no magazine mensal *Civilização* (nomeadamente com um artigo sobre "A ilha da Madeira"), que Ferreira de Castro e Campos Monteiro dirigiram (1928-1939), ao lado de nomes como António Botto, António Ferro, Carlos Queirós, Fernanda de Castro, Fidelino de Figueiredo, Florbela Espanca, Júlio Dantas, Repórter X, Vitorino Nemésio... Em 1929 defenderia, no *Lisboa Galante*, o direito dos pintores modernistas a serem representados no Museu de Arte Contemporânea (Martins, 2008: 86).

Esta presença constante em jornais e revistas portuguesas levou a que os seus méritos jornalísticos fossem valorizados também além-fronteiras. Em 22 de abril de 1931, o jornal *Correio dos Açores*, num artigo intitulado "Rebelo de Bettencourt", citando o *Diário dos Açores*, reportava que ele tinha sido escolhido para correspondente em Lisboa do *Jornal Português*. Era o mais antigo jornal da colónia portuguesa e também o de maior circulação no Brasil. Não lhe poupa elogios o jornal açoriano: «Jornalista brilhante, senhor de uma prosa rica de côr e de ritmo, poeta de emoção e escritor elegantíssimo», são os epítetos. O seu papel seria deveras importante para a região, já que como: «Açoreano devotado, conta o ilustre jornalista organizar no "Jornal Português" páginas especiais sobre os Açores, que serão um belo serviço de propaganda do arquipélago».

Fez ainda parte da redação da *Gazeta dos Caminhos de Ferro* desde 1937 e, a partir de 1954 (nº 1586 de 16 de janeiro) seria um dos seus secretários e depois secretário-geral (a partir do nº 1904 de 16 de abril de 1967 e até ao nº 1932, de 16 dezembro de 1968). Aí colabora com artigos sobre turismo, teatro, literatura, artes plásticas e vida social. Segundo Silveira (1977: 230), colaboraria ainda na revista de turismo *Viagem*. Mas poderíamos ainda referir o *Jornal do Comércio*, *Almanaque dos Açores*, *Revista Insular de Turismo*, *O Diabo*...

Não se pode entender a importância destas colaborações sem se ter em conta a relevância cultural que na época tinham os jornais e as revistas. Na verdade, desde finais do séc. XIX que os jornais proliferavam no país,

beneficiando da função social muito alargada que assumiam. Eram também eles que garantiam a popularidade do nome dos escritores. Num esforço para agradar a todos os públicos, desdobrava-se em múltiplas temáticas específicas. Assim, havia uma ativa imprensa popular, sensacionalista, a par de publicações literárias, científicas e agrícolas... que, entre 1900 e 1930, produziam cerca de 10 revistas por ano (Ramos; 2008: 49-54). É neste contexto que teremos de entender a ação jornalística de R.B., que serviu de base a algumas das suas obras ensaísticas e de veículo divulgador da sua obra. Deu-lhe visibilidade e notoriedade, permitiu-lhe viver da pena.

4.O PENSAMENTO DE REBELO DE BETTENCOURT

Mas, por volta da altura em que RB nasceu (os finais do séc. XIX), tempo de grandes perturbações sociopolíticas, tinha sido também a época em que estudantes, intelectuais e escritores protagonizaram intervenções de indignação e revolta. Os heróis não eram então os militares, mas sim os escritores. Por isso, esse foi um tempo de intensa atividade literária, jornalística, crítica.

Com o advento da República não se perdeu esta dinâmica e não seria de esperar isso, dado o fervor com que a jovem República legislou a favor de mais e melhor educação. A República configurava-se assim, para muitos intelectuais, a consumação de um anseio, a promessa do primado da cultura. E, no início, a República parecia corresponder inteiramente a esses ideais. Mas a ilusão iria durar pouco.

As respostas dadas pelos intelectuais à insatisfação gerada pela falta de resposta da República aos seus anseios podem, em traços gerais, agrupar-se em dois grupos: um de vanguarda (ou, melhor dito, de vanguardas), que visava pôr Portugal na Europa; outro profundamente nacionalista, mais voltado para a recuperação das formas da arte tradicional portuguesa.

E não há dúvida de que o melhor representante das vanguardas e o seu expoente máximo é *Orpheu* (1915). Suspensa a sua publicação no nº 2, o *Portugal Futurista* (1917) de Carlos Profírio inscrevia-se como seu sucessor. Santa Rita, apresentado por Carlos Profírio, no Martinho da Arcada, fala do projeto a Rebelo de Bettencourt. Conta este: «E convidou-me para ser o redator em chefe da nova revista. Mas eu não gostara do galicismo do redator em chefe, delicadamente me recusei a tam subida honra, ale-

gando sêr um ilustre desconhecido, sem obra modernista que me impusesse, mas que não me recusaria a escrever alguns artigos, porque apesar de ter rimado até então uns versos amorudos, dentro dos moldes vulgares, sentia, no entanto a necessidade de se criar uma nova arte para com ela exprimirmos as nossas emoções que eram também novas.» (1928: 58-59). E cumpriu. Escreveu para a novel revista, como vimos: «E no *Portugal Futurista*, publiquei, a pedido de Santa Rita Pintôr, um longo artigo sobre a filosofia futurista, inspirado nas teorias de Marinetti, Carrá e Boccioni». (1928: 79-80).

Sobre essa juventude vanguardista, com quem, num dado momento, se identificou, dirá Rebelo Bettencourt: «...tínhamos da vida uma visão otimista. O nosso otimismo era o segredo da nossa fôrça moral. Santa Rita Pintôr – prégava-nos a energia e a coragem. Almada Negreiros fotografára-se de aviador. E todos, o José Pacheco, o Filipe Porfírio, o Fernando Pessoa e o Víctor Falcão queríamos uma outra vida mais agitada e febril, mais moça e mais europeia, com mais ideias fortes e menos idealismos doentios. Era preciso romper com uma arte velha e amoral, e criar uma outra que fosse o espelho fiel e completo da nossa mocidade intensa. Santa Rita pensou na criação de uma grande revista que nos pusesse em contacto com a Europa. Era preciso destruir para reconstruir de nôvo e era um sonho de reconstrução o nosso. E o *Portugal Futurista*, dentro do seu aparente destrambelhamento, não foi mais do que a afirmação, ruidosa e alacre, duma mocidade generosa que não queria envelhecer, e queria fazer de Portugal uma nação europeia.» (1928: 55). Repare-se no uso da primeira pessoa do plural, que atesta a simpatia que, na altura, as vanguardas despertavam no jornalista micalense. Plural recorrente no ensaio: «Nós, em 1917, acreditávamos em nós, na nossa voluptuosa e otimista juventude. Sêr moço era para nós um dever patriótico. Portugal envelhecido – para remoçar-se precisava da mocidade convicta sincera dos rapazes. E nós, por patriotismo, não só queríamos remoçar Portugal com a nossa juventude, nós queríamos fazer de Lisbôa a cabeça da Europa.» (1928: 54).

A geração a que ele se referia viera fazer a diferença e fazer o país recuperar do atraso cultural: «E um paiz que tem a fortuna de ter tido uma geração de rapazes como foi Santa Rita Pintôr e como é Almada Negreiros – é um paiz quasi do século XX. E já não é mau sêr quasi – porque antes do Almada e do Santa Rita, Portugal, no ramerrão da sua arte, da sua literatura e das suas ideias – ignorava ainda onde ficava a Europa...» (1928: p.74).

Conforme reconheceu na conversa com Santa Rita, Rebelo de Bettencourt não tinha obra modernista. Não tinha, não teve. Mas o espírito renovador entusiasmou-o: «Eu próprio não pude furtar-me ás seduções da filosofia futurista, na qual eu via, com surpresa e com delicia, a arte de sêr eternamente moço, porque naquela idade, com aqueles vinte anos, assustava-me a ideia de envelhecer, muito mais do que a morte.» (1928: 79). Mas, se optou pelo nacionalismo, pelos metros tradicionais, pela exaltação da paisagem, da história, da cultura nacional, isso não lhe nublou o conhecimento. Exaltou as vanguardas, deu-as a conhecer e foi grande admirador dos seus jovens mentores: «Santa Rita Pintôr tinha a faculdade de vêr as coisas d'outra maneira, exatamente como elas deveriam sêr; José d'Almada Negreiros tem o poder de transformar o impossivel numa realidade palpavel, mas Fernando Pessoa tem o dom de pensar, de reduzir a ideias todas as suas sensações. As suas imagens são ainda pensamentos e o proprio ritmo dos seus versos é também uma serie de ideias – ideias postas em musica.» (1920: p.75).

Essa admiração por Pessoa está bem patente em *O Mundo em Imagens*: «Quasi todos os poetas fazem-nos sentir as suas emoções e só elas, e o nosso coração, alheando-se de si mesmo – só estremece com o sentimento alheio. Fernando Pessoa, pelo contrario, faz-nos acordar ao mesmo tempo um novo **mundo de imagens**, que não são dele somente, mas são nossas também.» (Sublinhado meu; p.76). E isso devia-se ao facto de Fernando Pessoa tinha dado à nossa literatura uma dimensão maior, libertando-a de um dos seus principais problemas: «A nossa literatura definhasse no limite estreito das nossas fronteiras, exatamente porque lhe falta um sentido europeu, que, se o tivesse, lhe daria um caracter internacional, embora fosse ao mesmo tempo enraizadamente nacionalista. E é obra de um português europeu a obra lírica de Fernando Pessoa.» (pp. 77-78).

No entanto, não seria pela experiência do futurismo ou de qualquer outra vanguarda que ele optaria. Na verdade, foi mais pela via do nacionalismo literário, sob a égide de António Sardinha, guia do integralismo lusitano, e que ele tanto admirava, numa linha que ele queria que se aproximasse de Afonso Lopes Vieira e de António Correia de Oliveira que ele considera «um dos grandes poetas portugueses da atualidade e um dos poucos que melhor, mais liricamente, exprimem o sentimento lírico da Raça» (*Gazeta dos Caminhos de Ferro*, nº 1622, de 16 de julho de 1955). O importante era respeitar a tradição: «Regressar ao passado é ir pedir aos nossos mortos o conselho e a experiência» (1920: 80). R.B. foi grande de-

ensor do nacionalismo, aproveitando as páginas das revistas em que colaborava. Assim, se na revista *Viagens*, mostrava a beleza geográfica do país, na *Gazeta* não se cansou de mostrar a grandeza de Portugal, quer em termos de paisagem natural e humana (artigos sobre as nossas cidades, sobre as praias), quer em termos histórico-culturais, como os artigos sobre a língua portuguesa e sobre a gesta dos Descobrimentos, sobretudo nos anos mais conturbados da história: os anos da II Grande Guerra. Em 1940, ano dos centenários e da Exposição do Mundo Português, dedicou especial atenção ao nacionalismo em vários artigos. Haveria de lembrar a Revolução de 1640 e o direito que os portugueses ganharam à sua liberdade (*Gazeta*, nº 1297, de 1 de janeiro de 1942). No nº 1263, as marchas de Sto. António foram pretexto para mostrar que o povo português não era um povo «vencido e triste», mas festivo e alegre na candura dos seus divertimentos. Não perde de vista, no entanto, que «o nosso nacionalismo tem a caraterizá-lo o universalismo» (nº 1267). Concomitantemente, defendeu o fortalecimento do caráter para a melhoria da raça, através da educação.

A sua honestidade intelectual, a sua preocupação com a crise com que o país no rescaldo da 1ª Grande Guerra se deparava, levam-no a refletir, a fazer aquilo que ele chama «um ato de consciência» (1920: 11), que, muito embora enformado pelas ideias em voga na sua geração, soa desapassionado, como pretendia. Fá-lo para, por um lado, explicar o pessimismo geral e, por outro, apontar o caminho a seguir por essa nova geração de intelectuais, cujo destino, entendia, era guiar o povo.

CONCLUSÃO

Tocado pelas tendências do pensamento cultural da época, oscilando, por vezes, entre uma e outras, B.R. manteve-se sempre fiel aos seus valores éticos e morais e nunca caiu em extremismos. Acreditava na tolerância e na fraternidade entre os povos. Podemos comprová-lo da *Gazeta*, sobretudo numa entrevista que faz a Mateus Moreno, major, professor no Colégio Militar, sobre a colonização de Angola, onde deixa transparecer a sua simpatia pelas ideias do entrevistado, da bondade da colonização dessa província, do portuguesismo das povoações autóctones, da ideia de que ali era Portugal (nº 1350 de 16 de março de 1944). Com alguma ingenuidade, acreditava na possibilidade de um Império humanizado.

No que diz respeito ao seu ideário político, não escondeu as suas simpatias pelas pessoas, não pela cartilha política. Se saudou, em 1958, a candidatura de Américo Tomás à presidência da República (*Gazeta*, nº1690

de 16 de maio de 1958), se enveredou pela defesa de posições tomadas por Salazar, como o pacto de não-agressão celebrado entre o ditador português e Franco (*Gazeta*, nº1241 de 1 de setembro de 1939) e se assinalou o centenário de João Franco, apontando-o como «uma das grandes figuras do seu tempo» (*Gazeta*, nº 1627, de 1 de outubro de 1955), na verdade não se deixou obnubilado pelo pensamento dominante e, em 1955, assinalaria também o passamento do general Norton de Matos, considerando-o «uma grande figura nacional» (*Gazeta*, nº 1610, de 16 de janeiro). Era ainda um homem dotado de uma sensibilidade enternecedora, como deixa transparecer sobretudo na poesia, mas também em algumas crónicas. Açoriano de nascimento, Rebelo Bettencourt era um homem do mundo. Logo, circunscrevê-lo ao local do seu nascimento, hashear a bandeira de um regionalismo exacerbado, não é prestar-lhe jus. Couto Viana, por exemplo, aponta-lhe um lugar mais destacado no panorama literário nacional: «Rebelo Bettencourt foi um dos autênticos poetas dos Açores. Com suficiente merecimento para ocupar lugar digno na História da Poesia Portuguesa» (p. 128).

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Afonso, J. (1985). *Bibliografia Geral dos Açores*. Angra do Heroísmo: S.R.E.C. – IN-CM.

Alma Nova: revista ilustrada. 1915 - 1929.

Antologia de Poesia Açoriana Do Século XVIII a 1975 (1977), Seleção Prefácio e Notas de Pedro da Silveira. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora.

Bettencourt, J. R. (1915). *Canções do Amor e da Terra*. Porto: Ed. Figueirinhas.

Bettencourt, J. R. (1917). *Cantigas*. Lisboa: s.n. (Imprensa Lucas).

Bettencourt, J. R. (1917). Santa Rita Pintor. *Portugal Futurista*, ed. fac-similada (1982). Estudos prévios de Nuno Júdice e Teolinda Gersão. Lisboa: Contexto Ed.

Bettencourt, J. R. (1917). O Futurismo. *Portugal Futurista*, ed. fac-similada (1982). Estudos prévios de Nuno Júdice e Teolinda Gersão. Lisboa: Contexto Ed.

Bettencourt, J. R. (1920). *Os Novos Escritores. Ensaio de Crítica nacionalista sobre a Arte e as Ideias da Nova Geração*. Angra do Heroísmo: Livraria Editora Andrade.

Bettencourt, J. R. (1928). *O mundo das imagens (crónicas)*. Lisboa: Resurgimento.

Bettencourt, J. R. (1929). *A Função Social do Teatro. Entrevistas e Comentários*. Ponta Delgada: Ed. "Diário dos Açores".

Bettencourt, J. R. (1935). *Oceano Atlântico. Poemas da Terra e do Amor*. Ponta Delgada: Tip. Insular, Ltda.

Bettencourt, J. R. (1942). *Teófilo Braga, mestre nacionalista com duas cartas íntimas e uma breve antologia poética*. Lisboa: Ed. Gazeta dos Caminhos de Ferro.

Bettencourt, J. R. (1950). *Erico Veríssimo e o Romance Brasileiro*. Lisboa: Ed. Rev. "Viagem".

Bettencourt, J. R. (1953). *Vozes do Mar e do Vento. Antologia Poética*. Lisboa: s.e.

Carvalho, R. G. (1979, 1984) — *Antologia Poética dos Açores*. Angra do Heroísmo, Secretaria Regional da Educação e Cultura, 2 vols..

Dicionário Cronológico de Autores Portugueses (1994), org. Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro. Lisboa. Pub. Europa-América. vol. III.

Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português (2008), coord. de Fernando Cabral Martins, Lisboa: Caminho

Enciclopédia Luso-brasileira (1986). Lisboa: Verbo. Vol. 21.

Gazeta dos Caminhos de Ferro. 1902-1971.

Ramos, R. (2008). A Nação Intelectual. *História de Portugal* (dir. de Matoso, J.). Lisboa: Círculo de Leitores, vol. XI.

Rosa, V. (2012). Rebelo de Bettencourt e Fernando Pessoa: Dois poemas publicados no *Diário dos Açores*. *Pessoa Plural*, nº 1 (primavera). Providence: Brown University.

Viana, A.M. C. (2008). Rebelo de Bettencourt, *12 Poetas Açorianos*. Lisboa: Ed. Salamandra.

que ingressou no Ensino Superior Politécnico, tendo começado a lecionar na Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto do Instituto Politécnico da Guarda (IPG). É, desde 2009, Diretora da Escola Superior de Turismo e Hotelaria (ESTH), onde lecionava desde o ano 2000. Faz parte do Conselho Técnico-científico desde 2002, tendo sido, durante cinco anos, presidente deste órgão. Pertence, igualmente, ao Conselho Geral do IPG desde 2008, cargo para o qual foi reeleita em 2012. Desde 2009, é membro do Conselho Superior de Coordenação e do Conselho para a Avaliação e Qualidade do IPG.

Para além da investigação que tem vindo a realizar acerca da obra da escritora Ana Teresa Pereira, também faz pesquisa ao nível da área científica do Turismo, tendo um especial interesse pelo denominado Turismo Cultural. Integra, neste momento, a equipa coordenadora e investigadora do projeto "UDI – Observatório de Turismo da Serra da Estrela", financiado pela Unidade de Investigação para o Desenvolvimento do Interior (UDI) e aprovado pela FCT (Observatório de Turismo da Serra da Estrela – Um Instrumento para a Sustentabilidade do Turismo na Serra da Estrela" | EXPL/ATP-EUR/1530/2012). Tem publicado artigos na área da Literatura Portuguesa e na do Turismo, na qual tem coordenado publicações. É coautora (com António Melo, Gonçalo Fernandes, José Alexandre Martins, Vítor Roque) do livro *POSTOS DE TURISMO DO DESTINO SERRA DA ESTRELA – ANÁLISE DA SITUAÇÃO E FUNCIONALIDADES* (OTSE – Observatório de Turismo da Serra da Estrela, Escola Superior de Turismo e Hotelaria, Instituto Politécnico da Guarda. ISBN: 978-972-8681-49-4, 2013).

É SÓCIO FUNDADOR DA AICL.

- MEMBRO SUPLENTE DA DIREÇÃO

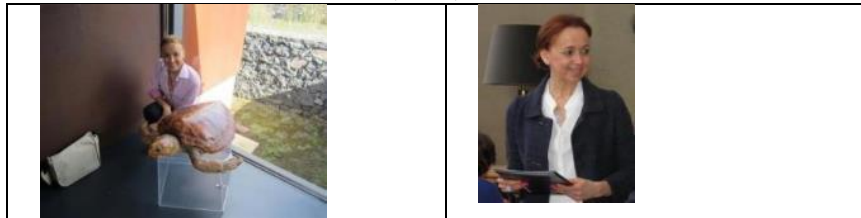
TOMOU PARTE NOS COLÓQUIOS BRASIL 2010, BRAGANÇA 2011, MACAU 2011 E VILA DO PORTO SANTA MARIA, 2011 GALIZA, 2013 SEIA

PERTENCE AO SECRETARIADO EXECUTIVO DO COLÓQUIO

APRESENTA A OBRA "COLETÂNEA DE TEXTOS DRAMÁTICOS AÇORIANOS" DE HELENA CHRYSTELLO E LUCÍLIA ROXO

TEMA 2.2. A PROPÓSITO DO TEXTO 'OS INSUSPEITOS', AS PAIXÕES DE ANA TERESA PEREIRA, ANABELA NAIÁ SARDO, UDI, INSTITUTO POLITÉCNICO DA GUARDA

5. ANABELA NAIÁ SARDO, IPG, GUARDA PORTUGAL



ANABELA OLIVEIRA DA NAIÁ SARDO é doutora em Literatura Portuguesa, mestre em Estudos Portugueses e licenciada em Ensino de Português e Francês. Foi docente do Ensino Secundário de 1986 até 1991, altura em



23



INTRODUÇÃO

No âmbito do tema “A mulher nas letras lusófonas no resto do mundo”, proposto pelo XXI Colóquio da Lusofonia, e no sentido de homenagear “a mulher e as letras”, propomo-nos analisar um texto da escritora portuguesa Ana Teresa Pereira também ela nascida numa perolina ilha atlântica, neste caso no arquipélago da Madeira. O objetivo é apresentar a obra desta escritora, os prémios que lhe foram atribuídos até 2012 e realçar aquela que é uma das suas paixões cruciais, a literatura policial, uma das evidências do carácter autobiográfico dos seus textos.

Ana Teresa Pereira assume, abertamente, a marca autobiográfica das suas narrativas, espaço no qual verte, sem inibição, os seus gostos e paixões, bem como as suas obsessões primordiais: a Literatura, o Cinema e a Pintura. Iremos, a título exemplificativo, trazer a lume o texto “Os insuspeitos”, narrativa inicial de *Histórias Policiais*, um livro publicado em 2006.

A OBRA E OS PRÉMIOS

Ana Teresa Pereira tem vindo a construir, desde 1989, uma obra sólida e coerente que conta com a publicação de mais de trinta títulos, que enumeramos a seguir:

1. *Matar a Imagem* (1989);
2. *As Personagens* (1990);
3. *A Última História* (1991);
4. *A Casa dos Pássaros* (1991);
5. *A Casa da Areia* (1991);
6. *A Casa dos Penhascos* (1991);
7. *A Casa das Sombras* (1991);
8. *A Casa do Nevoeiro* (1992);
9. *A Cidade Fantasma* (1993);
10. *Num Lugar Solitário* (1996);
11. *Fairy Tales* (1996);
12. *A Coisa que Eu Sou* (1997);

13. *A Noite Mais Escura da Alma* (1997/98);
14. *As Rosas Mortas* (1998);
15. *O Rosto de Deus* (1999);
16. *Se Eu Morrer Antes de Acordar* (2000);
17. *Até que a Morte nos Separe* (2000);
18. *O Vale dos Malditos* (2000);
19. *A Dança dos Fantasmas* (2001);
20. *A Linguagem dos Pássaros* (2001);
21. *Intimações de Morte* (2002);
22. *O Ponto de Vista dos Demónios* (2002);
23. *Contos* (2003);
24. *Se Nos Encontrarmos de Novo* (2004);
25. *O Mar de Gelo* (2005);
26. *O Sentido da Neve* (2005);
27. *A Neve* (2006);
28. *Histórias Policiais* (2006);
29. *Quando Atravessares o Rio* (2007);
30. *O Fim de Lizzie* (2008);
31. *O verão Selvagem dos Teus Olhos* (2008);
32. *As Duas Casas* (2009);
33. *O Fim de Lizzie e Outras Histórias* (2009);
34. *Inverness* (2010);
35. *A Outra* (2010);
36. *Los Monstruos; Os Monstros; Les Monstres* – edição trilingue (2010);
37. *A Pantera* (2011);
38. *O Lago* (2011);
39. *As Longas Tardes de Chuva em Nova Orleães* (2013);
40. *A Porta Secreta* (2013).

A obra tem sido reconhecida através da atribuição de prémios e menções honrosas. A escritora madeirense recebeu, em 1989, o Prémio Caminho da Literatura Policial com o seu primeiro livro *Matar a Imagem*. Em 1990, com *As Personagens*, foi distinguida com a menção honrosa do Prémio Revelação de Ficção da Associação Portuguesa de Escritores

²³ PEst-OE/EGE/UI4056/2014 – projeto financiado pela Fundação para a Ciência e tecnologia (FCT).

(APE). Catorze anos mais tarde, em 2004, ganhou o Prémio PEN Clube Português²⁴ de Ficção (ex-aequo)²⁵ com *Se Nos Encontrarmos de Novo* e, em 2007, o Prémio Máxima de Literatura com *A Neve*. Este livro tinha recebido, em 2006, o Prémio Edmundo Bettencourt, atribuído pela Câmara Municipal do Funchal. Em 2010, foi novamente distinguida (de entre cento e quarenta e dois concorrentes), pelo júri do mesmo prémio, com o conto *A Outra*, apresentado sob o pseudónimo Lara Croft. O júri justificou a escolha pela “beleza da história contada, o uso marcadamente literário e pessoal da linguagem, o domínio seguro e original da técnica narrativa, o ritmo narrativo acompanhado de força imagética e dimensão lúdica”. Também, neste mesmo ano, o livro *O Verão Selvagem dos Teus Olhos* ficou entre os dez finalistas²⁶ do Prémio Literário Casino da Póvoa²⁷, que seria atribuído a Maria Velho da Costa com o livro *Myra*.

Em outubro de 2012, Ana Teresa Pereira venceu o Grande Prémio de Romance e Novela da Associação Portuguesa de Escritores (APE) com o livro *O Lago*, publicado nos finais de 2011. A escritora foi uma das cinco finalistas do galardão, de entre as cento e três obras admitidas ao concurso. Este certame é apoiado pela Secretaria de Estado da Cultura, pela Fundação Calouste Gulbenkian, pela Imprensa Nacional Casa da Moeda, pelo Camões - Instituto da Cooperação e da Língua, I. P.²⁸ e pela Sociedade Portuguesa de Autores. Os outros quatro finalistas foram grandes nomes da literatura portuguesa contemporânea, a saber, Maria Teresa Horta,

com *As Luzes de Leonor*; Mário Cláudio, com *Tiago Veiga – Uma Biografia*; Nuno Júdice, com *O Complexo de Sagitário*, e Teolinda Gersão com *Cidade de Ulisses*.

É de realçar a importância da atribuição deste prémio que, ao longo dos anos, já distinguiu, entre outros, nomes maiores da Literatura Portuguesa como, por exemplo, Vergílio Ferreira, António Lobo Antunes, Agustina Bessa-Luís, Francisco José Viegas e José Saramago. José Manuel Gonçalves, membro e porta-voz do júri, declarou que *O Lago* não é uma rutura com a obra da escritora, mas revela uma certa novidade formal e até algum experimentalismo o que agradou ao júri. O que gostámos naquele romance foi de uma certa novidade formal e de um certo experimentalismo, que não é novo na sua obra do ponto de vista estrutural e formal.

Acerca da atribuição deste galardão, António Guerreiro, num breve artigo, publicado em novembro de 2012 e intitulado “A escritora que na semana passada viu o seu último livro premiado pela APE não é facilmente classificável”, reforça o que vários críticos haviam dito sobre Ana Teresa Pereira, ou seja, que a mesma é

um caso singular no panorama atual da ficção narrativa da literatura portuguesa Servem-lhe,

²⁴ PEN (Poetas, Ensaístas e Novelistas) Clube Português - Poesia, Ensaio, Ficção e Primeira Obra.

²⁵ Ana Teresa Pereira e José Tolentino de Mendonça (nascido em 1965, padre, teólogo e escritor português também natural da Ilha da Madeira) foram contemplados, em 2005, com os prémios literários atribuídos pelo PEN Clube Português, nos géneros da ficção e do ensaio, respetivamente.

²⁶ Os escritores finalistas foram sete portugueses, um espanhol, um mexicano e uma brasileira: Inês Pedrosa, por *A Eternidade e o Desejo* (Dom Quixote); Pedro Almeida Vieira, por *A Mão Esquerda de Deus* (Dom Quixote); Mário de Carvalho, por *A Sala Magenta* (Caminho); Maria Velho da Costa, por *Myra* (Assírio & Alvim); Valter Hugo Mãe, por *O apocalipse dos trabalhadores* (QuidNovi); A. M. Pires Cabral, por *O Cónego* (Cotovia); Juan José Millás, por *O Mundo* (Planeta); Ana Teresa Pereira, por *O Verão Selvagem dos Teus Olhos* (Relógio d'Água); Adriana Lisboa, por *Rakushisha* (Quetzal) e Gonzalo Celorio, por *Três Lindas Cubanas* (Quetzal). Foram escolhidos, de entre um conjunto de 160 obras de autores ibero-americanos, por um júri composto por Carlos Vaz Marques, Dulce Maria Cardoso, Fernando J.B. Martinho, Patrícia Reis e Vergílio Alberto Vieira. O prémio foi anunciado a 24 de fevereiro, no primeiro dia da 11.ª edição das Correntes d'Escritas.

²⁷ O Prémio Literário Casino da Póvoa, um galardão internacional, instituído em 2004, premeia autores dos vários países de língua portuguesa e de línguas hispânicas, com obras em 1.ª Edição, editadas em Portugal, excluindo-se as obras póstumas e, ainda, aquelas da autoria de galardoados com o Prémio Literário Casino da Póvoa nos últimos seis anos. Foram vencedores, em edições anteriores a 2010, os seguintes escritores:

- Lídia Jorge, *O Vento Assobiando nas Gruas* (2004);
- António Franco Alexandre, *Duende* (2005);
- Carlos Ruíz Záfon, *A Sombra do Vento* (2006);
- Ana Luísa Amaral, *A Génese do Amor* (2007);
- Ruy Duarte de Carvalho, *desmedida, luanda - s. paulo - s. francisco e volta* (2008);
- Gastão Cruz, *A Moeda do Tempo*, (2009);
- Maria Velho da Costa, *Myra* (2010);
- Pedro Tamen, *O Livro do Sapateiro* (2011).

²⁸ A partir da publicação do Decreto-Lei n.º 21/2012, de 30 de janeiro, o designado Instituto Camões passou a designar-se “Camões - Instituto da Cooperação e da Língua, I. P.” (ICL).

com justeza, estes predicados: prolixa - trinta livros desde 1989, eclética — cultiva uma pluralidade de géneros, obsessiva - nas referências, nos cenários e nas personagens que transitam, com o mesmo nome, de livro para livro. (...) a escritora parece mover-se no mundo da ficção como se ele fosse a sua realidade, até ao ponto em que deixa de haver um interior e um exterior da literatura. (...) as narrativas desta escritora situam-se noutro lado: do lado de um mundo interior obsessivo, inquietante, (...) parece movida por uma hipermemória literária - ou melhor, por um imaginário fornecido pela literatura e pelo cinema (...). (Guerreiro, 2012: s. p.)

Concluindo, sobre Ana Teresa Pereira, podemos afirmar que a avaliação da qualidade e singularidade desta escritora se faz tendo em conta cada um dos seus livros, mas, sobretudo, pelo conjunto de toda a obra publicada. A mesma revela-se pela ousadia de ser diferente.

Para além dos contos, novelas e romances que tem publicado desde 1989, Ana Teresa Pereira tem vindo a colaborar com diversos jornais e revistas (*Público*, *Expresso*, *Diário de Notícias* - Funchal, *Isleña*, *Margem 2*), de que destacamos as crónicas no suplemento *Mil Folhas*, coluna "A Quatro Mãos", do jornal *Público*, as quais nos permitem concluir que o universo temático e imagético das mesmas, bem como de outros textos escritos pela autora, é precisamente o mesmo das suas obras ficcionais. Entre 2000 e 2004, Ana Teresa Pereira assinou a coluna supramencionada ao lado de João Barrento, José Tolentino de Mendonça e Hélder Macedo. Algumas crónicas aí escritas foram agrupadas e publicadas, posteriormente, nos livros *O Ponto de Vista dos Demónios* (2002) e *O Sentido da Neve* (2005).

Fernando Pinto do Amaral, num artigo publicado na página de Camões - Instituto da Cooperação e da Língua, l. P., considera que um dos aspetos mais importantes das transformações que a Literatura Portuguesa tem experimentado, nos últimos vinte e cinco anos, tem sido o declínio da ideia de vanguarda e o desaparecimento dos grupos literários e movimentos que marcaram o século XX até aos anos sessenta e setenta. Nesta perspetiva, os autores contemporâneos (finais do século XX e inícios do XXI) não se apresentam como os arautos de uma mensagem coletiva,

mas, simplesmente, sustentando um ponto de vista pessoal que exprime e dá forma a um universo singular.

Nesse mesmo breve artigo, o crítico literário aponta os principais poetas e prosadores portugueses, desde Sophia de Mello Breyner Andresen e Eugénio de Andrade, que começaram a escrever nos anos quarenta do século XX, até aos escritores mais contemporâneos, que caracteriza numa pincelada, como Rosa Lobato Faria, Helena Marques, Rita Ferro, Domingos Amaral, Rui Zink e Miguel Esteves Cardoso. Refere, finalmente, aqueles que deram, segundo a sua opinião, nova vida à literatura portuguesa nos anos noventa do século passado. É o caso de Pedro Paixão "with his fragmented and anti-rhetorical style"; Inês Pedrosa "who seems to possess a road map of contemporary feelings"; e Ana Teresa Pereira "who lives within a universe of portents"

Esta ideia de uma escritora "que vive dentro de um universo de portentos" era já referenciada por Rui Magalhães no livro *O Labirinto do Medo: Ana Teresa Pereira*. Neste texto, afirma-se que para

se compreender os livros de Ana Teresa Pereira é necessário ir além deles mesmos, ir além da representação que, em cada momento, somos tentados a construir. Ler Ana Teresa Pereira é descer da falsa luz da imagem até à escuridão absoluta onde mesmo o confronto com os nossos próprios fantasmas é ainda uma forma de representação, de desistência, de não-compreensão. (Magalhães, 1999: 9)

Para o professor e filósofo, os "textos de Ana Teresa Pereira são, acima de tudo, fragmentos de um filme impossível que contasse eternamente a mesma história" (Magalhães, 1999: 137). José Guardado Moreira, num breve texto intitulado "A casa dos espelhos", refere-se ao território muito próprio de Ana Teresa Pereira como possuindo

(...) temas fortes muito seus, e uma capacidade inédita de revitalizar géneros ou subgéneros (...). O jogo da escrita, o prazer dos reflexos para sempre sublimados, o permanente reenviar para uma referência literária ou cinematográfica constituem-se nela como materiais de feitura de um mundo aparentemente encerrado em alguns tópicos reconhecíveis, mas que se desdobram constantemente como imagens de

imagens, num número infinito de variações (...) tudo se conjuga para dotar os seus livros de uma atmosfera única (...)." (2001: 108)

Rosélia Fonseca inicia a sua dissertação de mestrado com uma asserção que corrobora a opinião de Rui Magalhães e de outros críticos literários:

a leitura dos livros de Ana Teresa Pereira permite a descoberta de um universo literário que se afasta dos cânones tradicionais e, dentro da moderna literatura, envereda por um mundo interior, onde a diegese é menos importante do que a personagem, onde o ser reclama um mundo, o lado de dentro. (Fonseca, 2003: 7)

CARÁTER AUTOBIOGRÁFICO DA OBRA PEREIRIANA

Duarte Pinheiro, no preâmbulo da sua tese de doutoramento, *Além-sombras: Ana Teresa Pereira*, reconhece que entrar no universo labiríntico de Ana Teresa Pereira

é entrar na casa dos espelhos. Tudo o que o constitui chega até nós, leitores, refletido. (...) As histórias sucedem-se indistintas, como se fossem todas versões de uma só, numa perspetiva autobiográfica, podíamos dizer que são monólogos provenientes do interior da autora para o interior da mesma, num egocentrismo aberto e, ao mesmo tempo, antagonicamente fechado. (Pinheiro, 2010: 2)

Pedro de Barros refere-se à obra pereiriana como “um universo bastante peculiar que ocupa um lugar único no panorama literário português contemporâneo, construído a partir de imagens que se repetem exaustivamente, imagens de uma beleza terrível e fantástica” (Barros, 2010: 5). Acrescenta, ainda, que a leitura de Ana Teresa Pereira desperta “sentimentos de carácter ruinoso” (Barros, 2010: 9) porque, ao nos embrenharmos no seu universo singular

e procedermos à análise cuidada de todas essas imagens que perpassam as obras da autora, verificamos que o próprio processo de descodificação e de interpretação dos textos de Ana Teresa Pereira se assemelha ao ato de vasculhar por entre as ruínas de séculos de uma casa abandonada, onde cada vestígio encontrado se repete incessantemente, suscetível de ser confundido com um outro apenas uns passos mais adiante. Quando postos nos seus lugares (ou onde imaginamos serem os seus lugares), esses vestígios, essas pedras nos escombros em ruínas, constituirão a casa de palavras de Ana Teresa Pereira, o seu universo fantástico e misterioso, de plena valorização da ruína como espaço/tempo de exploração de múltiplos lugares do medo. (Barros, 2010: 5)

Concordando inteiramente com o que acaba de ser referido, e porque, efetivamente, o universo em causa é fantástico e enigmático, ainda que se explorem esses numerosos lugares do medo, como acredita Barros, e talvez também por isso mesmo, parece-nos que existe, na obra em análise, e como já afirmámos em outros textos nossos, uma palavra adequada para definir a escrita pereiriana, que surge várias vezes no seu livro *O Rosto de Deus*²⁹. Esse vocábulo é utilizado para descrever a sensação que provoca a escrita de Tom³⁰, a *personagem* recorrente nas histórias pereirianas, sobre as outras personagens: “encantamento” e condensa, na perfeição, o efeito da escrita de Ana Teresa Pereira sobre os seus leitores: o “importante era o encantamento, ver, sentir...” (Pereira, 1999: 48). Este enlevo face à obra advém dos muitos e diversos aspetos, tópicos recorrentes e fulcrais que podemos sintetizar da seguinte forma:

1. *as suas ficções estabelecem relações variadas com outros textos num intrincado labirinto de citações e apropriações, que constitui um desafio a qualquer esforço de delineação estrutural;*

²⁹ Confirme-se, em *O Rosto de Deus*, nas páginas 48 e 99, por exemplo.

³⁰ Sobre Tom, essa *personagem* enigmática e omnipresente na obra, leia-se a dissertação de Rosélia Fonseca, *A personagem Tom. Unidade e pluralidade em Ana Teresa Pereira*.

2. a profusão de referências literárias e artísticas não têm a ver com a cultura tradicional e a literatura portuguesa;
3. para além da interação constante com outras obras, os textos da autora estabelecem um diálogo problematizante com mais do que um género, diluindo fronteiras, como afirma Patrícia Freitas, e “fundindo tradição erudita com tipologias associadas à cultura popular ou de massas” (2011: 67);
4. a utilização de vocábulos ingleses agregados ao discurso é revelador de uma literatura globalizante e universal que desafia a própria noção de uma literatura nacional;
5. a preponderância de indícios dos géneros policial e fantástico tendo em conta, porém, que existe uma subversão dos motivos emblemáticos do policial, razão que fez emergir a condição fantástica dos seus textos;
6. o facto de o policial se ter constituído como ponto de partida da obra apurou a afirmação de algumas das características mais marcantes da ficção pereiriana, como a circularidade, que delinea o retorno apelante aos mesmos temas, personagens e espaços, facilitando a propagação das versões de uma mesma história;
7. a existência de uma forte componente autobiográfica na produção literária pereiriana.

A última característica elencada verifica-se na transposição das recordações da infância para os seus livros, como a análise dos mesmos mostra e a própria autora atesta, quando confessa:

nasci numa ilha, cresci numa ilha. Há imagens que fazem parte de mim: a neve a cair no Pico do Areeiro, a estrada velha do Seixal num dia de tempestade, o Paul da Serra coberto por um lençol de água; o Paul do Mar que até há alguns anos era um lugar solitário, ‘the edge of the world’. O jardim da Quinta do Palheiro, onde se passam tantas das minhas histórias. Mas também cresci numa casa onde havia gatos e livros, sobretudo livros ingleses. Há imagens de livros que são tão fortes como as outras: a rapariga que se perde de noite nas ruas escuras cheias de nevoeiro e encontra uma loja aberta; a casa

junto à charneca e as quatro crianças que brincam no jardim e cantam ‘Mulberry Bush’. Eu podia passar o resto da vida a escrever a partir dessas duas imagens. (Catalão, 2010: 37)

A propósito da problemática do carácter autobiográfico da obra pereiriana, Duarte Pinheiro fala da “pessoalidade” das histórias de Ana Teresa Pereira; alude à “dimensão que a autora confere a outras histórias para formar as suas”; realça “a linguagem e discurso totalmente novos na nossa literatura e que ela deposita nas suas personagens e narradores”; fala do processo de construção narrativa “que gira em torno das personagens e das imagens literárias, pictóricas e cinematográficas que alimentam a narrativa” e enfatiza o “cariz autobiográfico” das mesmas (Pinheiro, 2010: 24). No nosso texto “Quando a ficção vive na e da ficção”, escrito no início da primeira década de 2000, já nos referíamos a este aspeto autobiográfico da obra pereiriana quando afirmávamos:

Se procurarmos destrinçar o material de que são feitas as personagens (e nos lembrarmos da recorrência obsessiva de determinados temas), parece-nos, acima de tudo, que são construídas de pedaços da própria escritora. São feitas do mesmo material dos seus sonhos e dos seus pesadelos, e das imagens (literárias) que as preenchem, diluindo-se, num todo que as confunde, autor, narrador e personagens, ou melhor, deramando-se nas personagens a essência de que é feita a escritora: ‘todos os livros sou eu própria, o material de que sou feita.’” (Sardo, 2002: s. p.)

Esta constatação será corroborada, anos mais tarde, numa entrevista dada, pela escritora, a Maria Leonor Nunes, na qual afirma: “tudo o que escrevemos é autobiográfico” (Nunes, 2008: 11) e pode ser comprovada ao longo de toda a obra publicada. De entre as referências literárias fundamentais de Ana Teresa Pereira, podemos referir os autores e as obras policiais. A sua paixão pela literatura policial transparece em “Os insuspeitos”, narrativa inicial do livro, significativamente intitulado *Histórias Policiais*, publicado em 2006 e composto pelo texto mencionado e por três novelas, duas das quais (“A noite dá-me um nome” e “A cidade fantasma”) tinham tido uma primeira publicação, na Editorial Caminho, em 1993. A que dá início ao livro intitula-se “Numa manhã fria”.

"Insuspeitos" (páginas 9 a 22) tem o título homónimo da tradução portuguesa do filme realizado, em 1943, por Richard Thorpe (1896 - 1991), *Above Suspicion* e do livro da escritora americana Charlotte Armstrong (1905 - 1969), *O Insuspeito*, um dos dez romances policiais preferidos de Ana Teresa Pereira.

Neste texto, datado de 5 de maio de 2006, Ana Teresa Pereira revela a lista daqueles que considera serem, para si, os dez melhores romances policiais: (1) John Dickson Carr, *The Burning Court, O Enigma da Cripta*; (2) William Irish/*Merried a Dead Man, A Intrusa*; (3) Ellery Queen, *Ten Days's Wonder, Dez Dias de Mistério*; (4) Charlotte Armstrong, *The Unsuspected, O Insuspeito*; (5) Pat McGerr, *Follow as the Night, A Morte Mora no 14º Andar*; (6) Agatha Christie, *Murder is Easy, O Último Suspeito*; (7) Francis Iles, *Before the Fact, Suspeita*; (8) Bill Ballinger, *Portrait in Smoke, Versão Original*; (9) Dorothy L. Sayers, *Strong Poison, Intriga e Veneno*; (10) Nicholas Blake, *The Abominable Snowman, O Homem da Neve*.³¹ Estes escritores norte-americanos, ingleses e irlandeses, todos da primeira metade do século XX, são autores de policiais que influenciaram decisivamente a obra de Ana Teresa Pereira. O texto começa com uma citação que parece, antes de mais, definir a forma muito pessoal como a escritora encara a questão do género, em particular aquele a que se poderá chamar "género policial"³² (na linha dos estudos anglo-saxónicos e do estudo de Maria de Lurdes Sampaio, *História Crítica do Género Policial em Portugal*³³):

(...) para quê discutir a ficção policial? (...) 'ao discutir os romances policiais, não é minha intenção tentar estabelecer regras. Pretendo falar apenas de gostos e preferências pessoais. Há mil e uma maneiras de construir o enredo de um crime e todas estão corretas'. (Pereira, 2006: 9)

³¹ John Dickson Carr (1906 - 1977); William Irish, pseudónimo de Cornell Woolrich (1903 - 1968); Ellery Queen é o nome da personagem ficcional e pseudónimo usado por dois escritores Americanos do século XX: Daniel Nathan/Frederic Dannay (1905 - 1982) e Manfred (Emanuel) Lepofsky/Manfred Bennington Lee (1905 - 1971); Charlotte Armstrong (1905 - 1969); Patricia ('Pat') McGerr (1917 - 1985); Agatha Christie (1890 - 1976); Francis Iles, pseudónimo de Anthony Berkeley Cox (1893 - 1971); Bill Ballinger (1912 - 1980); Dorothy L. Sayers (1893 - 1957) e Nicholas Blake (1904 - 1972); (informação disponível em Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003 - 2012).

³² Como se sabe, é difícil chegar a uma definição de policial, uma vez que as obras que aí se poderão enquadrar têm características híbridas e, ao longo dos tempos,

A Ana Teresa Pereira seduz, acima de tudo, "falar dos seus gostos e preferências pessoais", não lhe interessando definições nem cânones explícitos. O que pretende é divagar sobre os livros que mais a marcaram. Ao mesmo tempo, vai mencionando outros nomes que, embora tenha retirado da sua lista inicial de melhores romances policiais, fazem parte do seu universo referencial. Tal é o caso de *The Moonstone*, de Wilkie Collins, "que considera o melhor e mais longo policial de sempre" (Pereira, 2006: 10); de *The Hound of the Baskervilles*, de Conan Doyle; e de *Le Mystère de la Chambre Jaune*, de Gaston Leroux, "o primeiro romance sobre um crime num quarto fechado" (Pereira, 2006: 10).

Escolhe, pois, *O Enigma da Cripta*, de John Dickson Carr, para encabeçar a sua listagem dando, a seguir, explicações sobre o romance, o escritor, os detetives inesquecíveis que ele criou; o seu romance mais conhecido, *The Hollow Man (Os Três Ataúdes)*; as mulheres dos seus livros "personagens muito fortes, por vezes de uma sensualidade enorme, que as aproxima dos vampiros e das feiticeiras" (Pereira, 2006: 11); e alguns dos livros deste escritor, concluindo que "é possível elaborar uma lista dos melhores policiais só com livros de Dickson Carr" (Pereira, 2006: 11). A seguir, fala de William Irish/Cornell Woolrich, justificando o facto de ter escolhido *A Intrusa* em vez daquele que considera ser um dos melhores livros deste escritor, *O Anjo Negro*, rematando que ambos "são quase metafísicos" (Pereira, 2006: 12) e a "matéria" com que este autor trabalhava eram o suspense, a solidão e a angústia. Sobre Ellery Queen, dá-nos as referências fundamentais: pseudónimo e protagonista dos principais livros que escreveram Frederic Dannay e Manfred Lee. Indica, também, alguns dos seus livros violentos, cruéis e poéticos, em especial *Perigo Oculto* e *A Mansão Negra (The Lamp of God)*, "uma novela perfeitamente mágica passada num cenário de neve" (Pereira, 2006: 13). Logo a seguir, menciona outros livros de Charlotte Armstrong Lewi (como *Veneno - A Dram of Poison*), mas

foram-lhe sendo acopladas etiquetas ou afixos, como por exemplo: policial psicológico; policial histórico; **metaphysical detective fiction**; **romance hard-boiled** ou **noir**. Todorov, no estudo "Typologie du Roman Policier", em vez de avançar com uma definição, propôs uma abordagem a partir de subgéneros: policial clássico, romance de enigma, romance negro e romance de suspense.

³³ A este respeito, leia-se a bordagem feita por Patrícia Freitas no capítulo I, "A vertigem do policial", da dissertação de mestrado **Do Escritor ao Predador: Mistérios e (Re)visões na obra de Ana Teresa Pereira**.

considera *O Insuspeito* como “um dos livros mais belos que [leu na sua] vida” (Pereira, 2006: 13), admitindo que a “história tem algo de conto de fadas” (Pereira, 2006: 13). Acerca de Patricia McGerr, realça uma das características aliciantes de alguns dos seus livros: “começamos por saber quem é o assassino e só no final descobrimos quem é a vítima” (Pereira, 2006: 15). Sobre *A Morte Mora no 14º Andar*, escreve: “Nunca li um policial em que o móbil do crime fosse tão fascinante. E poucas vezes li um livro em que as personagens estivessem tão vivas” (Pereira, 2006: 13). Declara, ainda, neste texto inicial de *Histórias Policiais*, que Agatha Christie “é demasiado conhecida para precisar de uma introdução”.

Ana Teresa Pereira escolheu *O Último Suspeito*, entre muitos outros que identicamente poderia ter considerado, porque o mesmo a “encantou” desde a primeira vez que o leu. No caso de Francis Iles, pseudónimo de Anthony Berkeley Cox, a dificuldade foi optar entre *O Mistério dos Bombons Envenenados* e *Suspeita*. Acaba por escolher *Suspeita* porque é “um livro muito diferente. Sabemos quem é o criminoso logo na primeira página” (Pereira, 2006: 17). No que diz respeito a *Versão Original*, de Bill Ballinger, destaca o facto de o livro ter sido “escrito em dois níveis diferentes” (Pereira, 2006: 18), ou seja, uma narração na primeira pessoa e, depois, uma narração “na terceira pessoa, crua (...)” (Pereira, 2006: 18). Acerca da escritora inglesa Dorothy L. Sayers, evidencia o facto de ter sido a criadora de Lord Peter Wimsey, “um dos detetives mais importantes da ficção policial” (Pereira, 2006: 18). Dos livros do poeta e crítico anglo-irlandês Nicholas Blake/Cecil Day Lewis, Ana Teresa Pereira escolheu *O Homem da Neve* por ser “um belo romance com algumas referências a Henry James, particularmente a *The Turn of the Screw*” (Pereira, 2006: 18), um dos autores e livros mais queridos da escritora.

Tendo terminado a explanação sobre os dez livros da sua lista, que alterou depois de ter lido um ensaio de Dickson Carr, refere-se, ainda, ao “policial negro”, mas para dizer que os autores desse subgénero sempre lhe interessaram pouco, com a exceção de histórias de escritores como Dashiell Hammett, Raymond Chandler ou Georges Simenon. Como se pode ver, a sua lista não inclui nenhum policial contemporâneo. Se o fizesse, teria sido um livro de Minette Walters³⁴, conforme assevera.

³⁴ Desde 1992, Minette Walters (n. 1949) tem cativado leitores e críticos com os seus romances psicológicos “that explore the dark heart beating below a calm surface. (...) Minette’s work has also won crime writing’s top awards, including the Crime Writers’ Association John Creasey award for best first novel for *The Ice House* and the

Neste texto sobre a sua própria obra, as suas afeições e as suas escolhas, não podia faltar Henry James e a menção ao seu “ensaio” *The Art of Fiction*, bem como a declaração concludente da importância das imagens literárias na vida usualmente apelidada “real”: “Elas caminham na rua no meio das outras pessoas: (...), Ellery Queen, Marie Stevens, (...), Lina Aysgarth e Grandy” (Pereira, 2006: 21).

BIBLIOGRAFIA

- CATALÃO, Rui (2010), “Sou capaz de qualquer coisa pelos meus livros”. *Público*, *Ípsilon*, 02 de julho: 36 - 37. ().
- BARROS, Pedro Luís da Cruz Corga de (2010), *Os lugares da ruína em Ana Teresa Pereira*. Dissertação de Mestrado. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- FONSECA, Rosélia Maria Ornelas Quintal (2003), *A personagem Tom. Unidade e pluralidade em Ana Teresa Pereira*. Dissertação de Mestrado. Funchal: Extensão da Universidade Católica Portuguesa.
- FREITAS, Patrícia Ferreira Mota (2011), *Do Escritor como Predador: Mistério e (Re)visões na obra de Ana Teresa Pereira*. Dissertação de Mestrado. Porto: Universidade do Porto.
- GUERREIRO António (2012), “A escritora que na semana a passada viu o seu último livro premiado pela APE não é facilmente classificável.” *Atual*, n.º 2088, 3 de novembro.
- MAGALHÃES, Rui (1999), *O Labirinto do Medo: Ana Teresa Pereira*. Braga: Ed. Angelus Novus.
- MOREIRA, José Guardado (2001), “ Casa dos Espelhos”. *LER Livros & Leitores*, n.º 50, primavera: 108.
- NUNES, Maria Leonor (2008), “O outro lado do espelho”. *JL Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 13 a 26 de agosto: 10 - 11.
- PEREIRA, Ana Teresa,
 (1999) *O Rosto de Deus*. Lisboa: Relógio d’Água Editores, (178 pp.).
 (2006) *Histórias Policiais*. Lisboa: Relógio D’Água Editores, (250 pp.).
- PINHEIRO, Duarte
 (2010) *Além-Sombras: Ana Teresa Pereira*. Tese de Doutoramento. Porto: Universidade Fernando Pessoa.
 (2011) *Além-Sombras: Ana Teresa Pereira*. Fonte da Palavra.

Edgar Allan Poe Award for best crime novel published in America for *The Sculptress*. Five of her novels have been adapted for television”.

SAMPAIO, Maria de Lurdes Morgado (2007), *História Crítica do Género Policial em Portugal (1870 - 1970): Transfusões e Transferências*. Edição de Autor, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

SARDO, Anabela,

(2002), "Quando a ficção vive na e da ficção". Ensaio acerca da obra de Ana Teresa Pereira, *CIBERKIOSK 2002, Livros, Artes, Espetáculos, Sociedade*, 19 de maio. (

(2013), *A Audácia de ser Diferente: a Escrita Obsessiva de Ana Teresa Pereira*. Tese de Doutoramento. Aveiro: Universidade de Aveiro.

6. ANÍBAL RAPOSO, COMPOSITOR, AÇORES



ANÍBAL DUARTE RAPOSO, nasce na freguesia de Relva, concelho de Ponta Delgada, ilha de S. Miguel nos Açores, a 5 de dezembro de 1954.

Faz parte, com José Medeiros, Luís Alberto Bettencourt e outros, de uma geração de cant'autores que nos últimos 30 anos tem renovado a música açoriana com temas e poesia originais que, bebendo fundo nas raízes do cancionero das ilhas sofrem influências dos grandes compositores da música popular portuguesa, da MPB e até da música clássica.

De 1973 a 1978 licenciou-se no Porto em engenharia mecânica tendo à época feito parte da direção do TUP (Teatro Universitário do porto).

De regresso aos Açores em 1978 funda diversos grupos com projeção local tais como o Construção, Rimanço e Albatroz.

Tem atuado em todas as ilhas açorianas, na Madeira, em Portugal continental e no estrangeiro e gravado diversos trabalhos para séries da TV açoriana tais como "O barco e o sonho" e "Balada do Atlântico".

Está representado em discografia diversa com outros autores sendo de salientar os seguintes trabalhos:

- "Maré cheia" com 15 temas originais editado no final de 1999;
- "A palavra e o canto" com 11 temas originais editado em abril de 2006;

- "Rocha da Relva, com 10 temas originais apresentado a 2 de agosto de 2013 em parceria com a banda Connection e com a cantora Vânia Dilac. Este novo trabalho é uma homenagem à terra que o viu nascer e particularmente a um dos locais que mais aprecia, a sua fajã.

O seu último espetáculo foi realizado a 13 de setembro, com as mesmas parcerias, na Praça do Município de Ponta Delgada. Contou com forte adesão do público e com gravação ao vivo da RTP Açores. Tem novo concerto marcado para o início de maio.

Aníbal Raposo tem musicado igualmente grandes poetas açorianos tais como Natália Correia, Emanuel Félix e Álamo de Oliveira.

É membro da Sociedade Portuguesa de Autores desde 1996.

TOMA PARTE (PELA PRIMEIRA VEZ) NA HOMENAGEM DOS 40 ANOS DE ABRIL.

Carregado por Aníbal Raposo <http://www.youtube.com/watch?v=aLyHzTmSPoI&feature=share>

Este é o primeiro video do meu último CD "Rocha da Relva". Espero sinceramente que gostem. Ver em <http://apalavraeocanto.blogspot.pt/> 25 Anos de música Original nos Açores: Tema para Margarida (Aníbal Raposo/Vítor Rui Dóres; arranged by Rafael Fraga: <http://t.co/oHEyoyrBBs>



Ver <http://rochadarelvacd.blogspot.pt/>

7. BARBARA JURŠIČ MINISTÉRIO DO INTERIOR, ESLOVÉNIA



Barbara JURŠIČ n. 1971 Ljubljana, Eslovénia, 20.06.1971 ajsi.disi@gmail.si.

Barbara JURŠIČ n. 1971 em Ljubljana, Eslovénia, onde mora. Licenciada em língua e literatura francesa e espanhola; Mestre em Estudos românicos, especialização em Literatura portuguesa e doutoranda, Univerza v Ljubljani, Filozofska fakulteta, e Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras; Literatura portuguesa ("Metamorfoses da identidade nacional de Portugal na Península Ibérica através da literatura dos séculos XIX e XX"). Tem diploma de estudos de língua e literatura portuguesa, Universidade de Coimbra, curso de interpretação de conferência, Bruxelas, Comissão europeia e vários cursos de tradução técnica.

Tem atuado nas áreas de tradução técnica e literária, bem como em interpretação (simultânea, consecutiva para o Governo esloveno e o português, (Presidente da República da Eslovénia, Primeiro-ministro de Portugal, Presidente da República Bolivariana da Venezuela). Tem trabalhado em jornalismo (revistas e jornais eslovenos e portugueses, Rádio e TV eslovena; muitos artigos escritos ou traduzidos e programas (sobre autores lusófonos e eslovenos, cultura eslovena ou portuguesa). Organizou eventos culturais (p.e. Sarau brasileiro 2012, na Associação de tradutores literários eslovenos), tem feito traduções literárias de português para esloveno: José Saramago, Paulo Coelho, Fernando Pessoa, Irmã Lúcia, António Lobo Antunes, Mia Couto, José Saramago, Gonçalo M. Tavares, Mário de Sá-Carneiro, Bernardo Carvalho e Coletânea do conto português contemporâneo, entre outros.

ARTIGOS PUBLICADOS:

- O fantasma de Ricardo Reis segundo Saramago, Revista Colóquio/Letras. Ensaio, n.º 181, Set. 2012, p. 117-124,

- As personagens femininas em O Ano da Morte de Ricardo Reis, revista TriploV, Lisboa, ISSN: 2182-147X, 2011, número 14,

- Izseljenec kot mrtvec, ki ne najde večnega počitka: kubanska pisateljica Zoe Valdés (sobre a escritora cubana Zoe Valdés e uma entrevista com ela), Delo, 2008,

- Pesmi: Sophia de Mello Breyner Andresen (Obra poética de Sophia), Nova revija, Ljubljana, 2006,

- Preden pisatelj preide v pozabljenje, pripoveduje: švedski Urugvajec Leonardo Rossiello (sobre a obra de Leonardo Rossiello e uma entrevista com ele), Delo, Ljubljana, 2005,

- Pridem domov in sedem k prevodu: priznanje za mladega prevajalca 2005 (entrevista feita comigo quando fui condecorada com o prémio para melhor tradutor jovem), Delo, Ljubljana, 2005,

- Luna potuje počasi, a prepotuje ves svet: poslovenjeni mozambiški pisatelj Mia Couto (sobre a obra de Mia Couto e uma entrevista com ele), Delo, Ljubljana, 2005,

- Med slepoto in lucidnostjo: José Saramago, Vrhunci stoletja 25 (sobre a obra de José Saramago), Delo, Ljubljana, 2004,

- Razmišljanja o primerjalni književnosti: Tânia Franco Carvalhal: O próprio e o alheio (reflexões sobre a obra de Tânia Franca Carvalhal, literatura comparada), Društvo za primerjalno književnost, Ljubljana, 2004,

- Numerosos artigos sobre temas variados para o jornal português A Comarca (Figueiró dos Vinhos, Castanheira de Pera), a partir de 2002, - Ordenador - tradutor?, Publicação da Associação de tradutores técnicos, DZTPS, Ljubljana, 1998,

- Artigos sobre o prémio Nobel José Saramago e o escritor António Lobo Antunes, Delo, 1998.

Tomou parte em várias conferências. É vice-presidente da Associação eslovena de tradutores literários, membro do Comité administrativo e responsável pelas relações internacionais da Associação mencionada e membro do Comité organizativo para Ljubljana, capital do livro mundial, (em 2010), no Município de Ljubljana. Em dezembro de 2005 foi condecorada com o Prémio Nacional de Melhor Tradutor Jovem de 2005, atribuído em Ljubljana, pela tradução do romance Evangelho segundo Jesus Cristo, de José Saramago, e outras traduções do português.

É SÓCIO DA AICL

TOMOU PARTE NOS COLÓQUIOS DE BRAGANÇA 2006, RIBEIRA GRANDE 2007 E LAGOA 2009

TEMA 2.1. METAMORFOSES DA IDENTIDADE NACIONAL DE PORTUGAL NA PENÍNSULA IBÉRICA ATRAVÉS DA LITERATURA DOS SÉCULOS XIX E XX, BARBARA JURŠIČ

[Ver aqui PowerPoint antes de ler artigo](#)

Procurarei observar e analisar as *metamorfoses da identidade nacional de Portugal na Península Ibérica através de algumas obras da literatura oitocentista*.

A identidade nacional, matéria do imaginário coletivo (Benedict Anderson), tem longa história de definição e reconfigurações condicionada pelas circunstâncias históricas (socioculturais e políticas), exprimindo-se na Literatura de um modo mediato e simbólico, modo que perscrutarei através de alguns dos textos mais representativos desse itinerário, assinalando os sentidos das transformações reconfiguradoras.

A identidade nacional portuguesa baseia-se nos assim chamados mitos fundadores, ligados aos acontecimentos históricos e existenciais de composição da nação portuguesa que são relacionados de modo a impô-la como *comunidade eleita*. Além das figuras como o herói nacional Viriato dos tempos romanos, o primeiro rei português D. Afonso Henriques, relacionado com o milagre de Ourique, do século XII, o rei D. Sebastião, desaparecido em Alcácer-Quibir em Marrocos no século de Camões, e outros, o protagonista nos conteúdos míticos é Portugal, um Portugal mitificado.

No ressurgimento do *nacionalismo* no século XIX, os heróis mitificados e, sobretudo, o país inteiro aparecem nas obras literárias dos autores e intelectuais daquela época, que são, para citar alguns, Almeida Garrett, Antero de Quental, Guerra Junqueiro, António Nobre, Cesário Verde e Fernando Pessoa. Nomeadamente os autores românticos sublinhavam nas suas obras a grandeza anterior de Portugal e a decadência da época em que viviam. Portugal aparece na figura de Doido, de um rei decaído, chamado Ninguém. Entre a saga de Camões, onde no final os heróis recebem a recompensa na Ilha dos Amores, e as obras da época romântica pode assinalar-se um itinerário sinuoso da euforia e luminosidade às sombras da vivência e imaginários nacionais.

Neste artigo analisarei duas das grandes obras identitárias do século XIX: **Almeida Garrett: *Frei Luís de Sousa*, e Guerra Junqueiro: *Pátria***. As outras muito significativas que serão tratadas num artigo aparte, são: **Almeida Garrett: *Camões e Viagens na minha terra*, Júlio Dinis: *Os Fidalgos da Casa Mourisca* e Uma Família Inglesa, Eça de Queirós: *A Ilustre Casa de Ramires*, Guerra Junqueiro: *Finis Patriae*.**

Tendo em conta as teorias científicas da identidade e da alteridade, da fenomenologia e antropologia do *eu* e do *outro*, a questão que se põe é como, num espaço geográfico específico, neste caso, na Península Ibérica, Portugal se vê no quadro de uma relação em que o *outro*, vizinha Espanha e, mais tarde, a Europa, se constitui como *espelho* através do qual o próprio se *define* e se *vê definido*.

Será este *olhar em relação* que observarei nalguns dos textos oitocentistas, onde aparece a *narrativa identitária* que se prolonga até ao século XX: as paisagens nacionais são *compreendidas* pela subjetividade dos autores que nelas assinalam motivos, figuras, situações e histórias onde se cristalizam as suas *interpretações* da identidade nacional, uma hermenêutica da cultura evidenciando a tradição e a modernidade, a inovação e os modelos, a relação entre a comunidade e a literatura e entre o *eu* e o *outro* nacionais.

A minha hipótese principal é que a literatura portuguesa, desde os seus princípios medievais até hoje, fica marcada irrecuperavelmente com a sua identidade que tinha sido alicerçada no mito.

No século XIX e parcialmente no século XX literário português, os textos literários influenciaram o processo de formação, de preservação e de revivificação da identidade nacional portuguesa em diferentes épocas de existência da Nação portuguesa (nação, estado, pátria).

A influência do mito durante a história é significativa, o mito tem influenciado a cultura e a literatura e através delas também o aspeto social da nação portuguesa. A questão que se coloca durante a leitura e o estudo dos textos oitocentistas acima mencionados e, se é possível falar no mito de um país inteiro, quer dizer não só no mito sobre Portugal, mas no mito de Portugal. Quem é que neste caso serve de espelho?

Podemos resumir que a literatura portuguesa, desde os seus princípios medievais até hoje, fica fatalmente marcada pela sua identidade, sendo isso evidenciado nomeadamente nas obras dos autores do século XIX e também algumas do século XX. A construção do mito de Portugal foi influenciada pelos factos históricos e pelos heróis históricos mais ou menos mitificados que contribuíram para a formação da identidade nacional portuguesa na Península Ibérica. O mito de Portugal foi revivificado e reconfigurado através da história. As diferentes épocas literárias foram marcadas de diferente maneira por ele. Nos textos literários, o mito de Portugal aparece tratado de ângulos diferentes, dependendo da época em que está tratado. Os autores oitocentistas que foram acima mencionados, tratam

o mito de Portugal ou seja o tema de formação e das reconfigurações da identidade nacional portuguesa na Península Ibérica.

Vamos ver em duas das obras citadas selecionadas, de que modo o século XIX literário português, que se prolonga tematicamente ao século XX, reavalia essa história do imaginário coletivo: quais os traços, temas, figuras e motivos que destaca e quais as narrativas identitárias que se exprimem neles. Para analisar o mito, terei em conta a teorização de Barthes e de José Eduardo Franco.

Elaborei este gráfico baseando-me também nas ideias de Professor José Eduardo Franco que diz o seguinte:

"A elaboração cultural do que chamamos o **complexo mítico da identidade nacionalizante** portuguesa teve lugar na Modernidade com especial incidência entre os séculos XV-XVIII. Discursos de vários géneros (literário, poético, historiográfico, geográfico, etc.) estabeleceram este complexo mitificante em que hoje nos revemos enquanto povo, quer de forma declarada e consciente, quer de forma latente no inconsciente coletivo, mas que se vai manifestando de muitos modos.



A mitificação das origens, as gestas portuguesas engrandecidas epicamente, a sobrevalorização de uma idade de ouro e a visão utópica de uma destinação teleologicamente predita para erguer o Quinto Império do Mundo constituem as quatro dimensões, os quatro pontos de afirmação de sentido histórico que se distinguem. O anticastelhanismo, o anti-islamismo, o antisemitismo e o antijesuítismo constituem os pontos de negação modelados por um discurso propagandístico intenso com implicações condicionantes da leitura da nossa história e dos nossos projetos de viabilidade enquanto país. A ideia Europa, cada vez mais mitificada com o avançar da modernidade e das nossas perdas, funcionará como espelho, palco, meta e modelo, onde procurámos legitimação, reconhecimento credenciado, além de, a dada altura, se torna meta/paradigma crítica do nosso atraso e do nosso desejo de progresso nunca satisfatoriamente alcançado. Os diferentes espaços do império em expansão (Norte de África, Costa Atlântica africana e Oriente; e depois os novamente desejados (Brasil primeiro, África depois) serão os nossos pontos de fuga, saídas almejadas para superar as crises e encontrar uma nova viabilidade para o Portugal."³⁵

Se aplicarmos este esquema ao estudo da literatura, dos textos literários que tratam a identidade nacional, podemos dizer o seguinte: os mitos fundadores são a tradição, a parte do imaginário tradicional de uma nação, neste caso a portuguesa, e influenciaram a criação da identidade, neste caso a identidade nacional portuguesa (vamos ver o particular e o coletivo e como podem tornar-se um só). Uma das influências à identidade nacional é o que Professor Franco chama Ponto de espelho. Quanto ao nosso tema, estes são Espanha e a Europa que, por conseguinte, têm influência sobre a reformulação e a conservação da literatura. A literatura que é sempre uma interpretação subjetiva (também da identidade nacional), influencia a identidade nacional, que pela sua vez, influencia a literatura e onde se destacam as figuras, os motivos, as situações e as histórias.

Encontrei um artigo da Professora Fernanda Abreu da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas de Lisboa, que quero mencionar e citar algumas das frases pela curiosidade e a ligação com a questão das identidades nacionais na Península. O título do artigo é bastante intrigante: "Labirinto da identidade: de como um fidalgo castelhano-manchego foi chamado

³⁵ José Eduardo Franco, *Relatório de agregação, História da cultura portuguesa na época moderna*, Lisboa, 2011

a salvar a Pátria portuguesa". Ela queixa-se do que podemos também constatar das obras literárias estudadas:

"O problema da nossa identidade, a nossa, quero dizer, de Portugal enquanto nação e dos portugueses enquanto povo (...) constitui uma das mais marcantes preocupações da literatura (romance, poesia, teatro) e do pensamento português contemporâneo. O que não deixa de ser singular num país com quase nove séculos de existência. Há mesmo quem veja nessa preocupação, uma característica da cultura portuguesa do nosso tempo. Curiosamente, os nossos vizinhos castelhanos, por exemplo, com uma nacionalidade cuja consolidação política é posterior à nossa não dão hoje mostrar dessa espécie de angústia (ou obsessão) da identidade que, como disse, parece oferecer-se como suporte de uma parte importante da nossa produção literária e ensaística."³⁶

A Professora acha então que os portugueses mostram uma espécie de obsessão quanto à identidade nacional. Mas a questão que se coloca é: porque? Os mitos fundadores não são assaz firmes para assegurarem que a consciência pessoal e nacional não fique abalada? Os portugueses, aparentemente, depois da perda da independência nos finais do século XV, já não creem na nação portuguesa e na possibilidade de ela poder viver sozinha e não só existir, de poder viver bem e sem corrupção, maldade e línguas más. Se calhar não se trata de não saber quem são mas de não quererem aceitar quem são... a imagem dos portugueses – no espelho perante eles mesmos ou perante os outros, quer dizer o mundo, por isso olham incessantemente neste espelho para descobrir que são (como indivíduos e como portugueses).

Eduardo Lourenço no *Labirinto da Saudade* (1978, pp. 82-84) diz que esta "preocupação obsessiva de descobrir quem somos e o que somos como portugueses" nos vem dos românticos. E também que "dos dois países, outrora rivais, o mais quixotesco não é aquele que é o berço do Herói, mas o nosso".³⁷

A Professora Fernanda Abreu diz no seu artigo também que os portugueses "vão também fundir a figura de Dom Quixote com a de Dom Sebastião e chamá-lo a salvar a pátria portuguesa."

As figuras cervantinas de Dom Quixote e Sancho aparecem na literatura oitocentista para expressar o desencanto político e social. (p.e. Almeida Garrett). Pelos traços cavaleiresco e messiânico do imaginário português são, por alguns dos autores do século XIX, fundidos o quixotismo e o sebastianismo. O sebastianismo, que aparece também em *Frei Luís de Sousa*, é, segundo Oliveira Martins, considerado como um elemento primordial para a compreensão da História portuguesa. E também da identidade nacional, constatamos nós. O Messias desejado é sempre evocado numa época difícil, de decadência. (vamos ver que obras surgem agora, nestes tempos nossos de crise).

Vamos, neste espírito, ver agora alguns dos exemplos da literatura do século XIX nos quais encontramos temas ligadas à identidade.

ALMEIDA GARRETT: FREI LUÍS DE SOUSA (1843)

O maior drama romântico português, da autoria de Almeida Garrett, é uma das melhores peças teatrais da literatura portuguesa. Foi representada pela primeira vez em 1843 e publicada no ano seguinte.

Nele encontramos o simbolismo dos 4 **retratos** ou seja imagens de:

1.) *Manuel de Sousa - é nacionalista e deita fogo ao seu palácio o que, metaforicamente, significa: dar exemplo de liberdade, mas, ao mesmo tempo, as chamas devoram o retrato dele. Esta personagem é muito autobiográfica,*

2.) *D. João de Portugal – simboliza a ideia da Pátria,*

3.) *Camões – testemunha do culto camoniano no século XIX, é símbolo de patriotismo, logo no princípio da peça, Madalena aparece com o livro na mão,*

4.) *D. Sebastião – simboliza a ideia da Pátria, como D. João de Portugal, o sebastianismo é visto como uma forma de patriotismo (regresso, promessa, desejo da volta, espera). Testemunhamos, durante o livro todo, de um pressentimento de desgraça, de presença obsessiva de uma espera (o clima de expectativa sebastiânica).*

Os dos pontos 2.) e 4.) ficaram ambos "(...)naquela fatal batalha!"³⁸

As personagens todas são da família que simboliza por sua vez a Pátria e a morte da família (Maria morre duma morte física, Madalena e Manuel

³⁶ Fernanda Abreu: *Labirintos da identidade: de como um fidalgo castelhano-mancheiro foi chamado a salvar a pátria portuguesa. (Da Literatura Comparada ao fado lusíada)*, Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, no .9, 1996, Edições Colibri, p. 188, Lisboa

³⁷ Eduardo Lourenço, *A Espanha e Nós. Nós e a Europa ou as duas Razões*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1988, p. 84

³⁸ Almeida Garrett, *Frei Luís de Sousa*, Editora Europa-América, 10ª edição, 2005, Ato segundo, Cena III, p. 75

de Sousa morrem numa morte social porque vão ao convento), simboliza por sua vez a morte da Pátria.

A acção da obra *Frei Luís de Sousa* remete-nos para uma época mais antiga, mais precisamente para a época do domínio filipino.

Em 1580, Filipe II de Espanha chegou a Portugal depois do seu exército, comandado pelo duque de Alba, ter submetido os últimos focos de resistência no continente. No ano seguinte, foi aclamado rei de Portugal nas Cortes de Tomar com o título de Filipe I, inaugurando um período de dominação espanhola que só terminaria em 1640, quando uma revolta liderada por setores da nobreza fez subir ao trono D. João, duque de Bragança. Foram 60 anos de «união» com Espanha, um destino que talvez parecesse natural, política e economicamente, no enquadramento ibérico da época, mas que se revelou efémero e condenado ao fracasso.

A acção, nos seus traços fundamentais, radica na vida real de Frei Luís de Sousa (*Manuel de Sousa Coutinho*): D. João de Portugal foi dado como morto na batalha de Alcácer-Quibir. Sua mulher, D. Madalena de Vilhena, depois de sete anos de espera, casa com Manuel de Sousa Coutinho. Deste segundo casamento nasceu uma filha, D. Maria. Só Telmo, o velho criado, permanece fiel ao seu antigo amo (D. João) acreditando, por isso, no seu regresso – o que cria um clima de presságio. De facto, numa fatídica sexta-feira, D. João regressa na figura de romeiro, o que naturalmente leva à destruição da família. D. Manuel e D. Madalena decidem professar e a filha acaba por morrer "de vergonha".

FIGURAS:

Madalena tem agouros, pressentimentos, premonições trágicas, ela lê um livro (*Camões*).

"Oh, Telmo. Deus te perdoe o mal que me fazes."³⁹ (comparação com a Pátria).

" (...) depois daquela funesta jornada de África que me deixou viúva, órfã e sem ninguém."⁴⁰ (alusão a batalha de Alcácer-Quibir).

Madalena a Telmo: "E és tu o que andas continuamente e quase por acinte a sustentar essa quimera, a levantar esse fantasma (...)."⁴¹

Ela, com a sua morte social, simboliza a morte da Pátria ou seja, com a sua vida e o seu destino a decadência da Pátria.

Manuel de Sousa Coutinho é uma figura trágica como a mulher dele, Madalena, na situação em que se encontra, todas as virtudes dele não servem para nada, como no caso da Pátria, o seu pai, diz Telmo, foi grande homem, e Portugal já teve grandes homens, grandes pais da Pátria que já não há. Simboliza também o espírito da liberdade e o amor à Pátria que, na situação dada, não chegam para salvá-lo ou salvá-la a ela.

Maria que é filha deles, tem 13 anos (não esqueçamos a simbólica do número!), é a "Voz do povo, voz de Deus"⁴²

Ela evoca D. Sebastião:

" (...) é o outro, é o da ilha encoberta onde está el-rei D. Sebastião, que não morreu e que há de vir, um dia de névoa muito cerrada."⁴³

Ela morre de morte física e simboliza a morte da Pátria e a sua decadência como os pais dela.

D. João de Portugal tem uma simbologia muito forte, significa a alusão a Portugal, a sua presença é constante (mesmo sem quase aparecer), a sua presença/sombra dá sentido a tudo o que se vai passando.

Com as palavras de Telmo: " (...) espelho de cavalaria e gentileza, aquela flor dos bons. Ah, meu nobre, meu santo amo!"⁴⁴ Esta frase levamos aos tempos felizes, tempos de ouro em que Portugal vivia uma época feliz.

"Ninguém"⁴⁵, a palavra dita pelo Romeiro, ressoa como um eco pela peça fora, ele é ninguém, Portugal é ninguém.

Romeiro é uma repetição da página 103. "Ninguém, Telmo; ninguém, se nem já tu me conheces!"⁴⁶, ele é a personagem anterior, ele é a personagem principal e ninguém ao mesmo tempo.

Telmo, o aio, assemelha-se por vezes ao coro da tragédia clássica grega e significa a consciência da família

" (...) não me lembreis de tudo o que eu era"⁴⁷ – alusão ao país inteiro, " (...) tenho cá uma coisa que me diz que, antes de muito, se há de ver quem é que quer mais à nossa menina nesta casa."⁴⁸, este é um agouro,

³⁹ *Ibidem*, *Cena II*, p. 48

⁴⁰ *Ibidem*, p. 49

⁴¹ *Ibidem*, p. 51

⁴² *Ibidem*, *Cena III*, p. 53

⁴³ *Ibidem*.

⁴⁴ *Ibidem*, *Cena II*, pp. 50, 51

⁴⁵ *Ibidem*, *Acto segundo*, *Cena XV*, p. 92

⁴⁶ *Ibidem*, *Acto terceiro*, *Cena III*, p. 103

⁴⁷ *Ibidem*, *Ato primeiro*, *Cena II*, p. 45

⁴⁸ *Ibidem*, p. 47

Quando diz “ (...) vivo ou morto (...)”⁴⁹ fala do marido supostamente falecido de Madalena, D. João de Portugal,

Evoca também o mito, aquele com quem se compara, nesta obra, D. João de Portugal, “ (...) o nosso bravo rei, o nosso santo rei D. Sebastião.”⁵⁰, o fazedor da identidade nacional.

Queixa-se quanto a Madalena e D. João: “Respeito, devoção, lealdade, tudo lhe tivestes, como tão nobre e honrada senhora que sois. Mas amor!”⁵¹

Telmo está sempre a recordar o ex-marido a Madalena. Com a repetição, a simbologia fica ainda mais acentuada e a identidade nacional ainda mais posta em questão.

Por entre os **motivos**, podemos destacar aquele do Ato primeiro: o retrato (em corpo inteiro, de um cavaleiro moço, vestido de preto, com a cruz branca de noviço de S. João de Jerusalém).

Entre os **temas** destacam-se o do amor e da liberdade de amar, o do fatum/destino que é uma ideia ligada ao sebastianismo, messianismo, do agouro e do pressentimento o que significa um nítido regresso às fontes da tragédia grega, porque isto não aparece na fé cristã. (fado, presente 3 vezes⁵²). Um tema muito importante e omnipresente é o da morte: seja a morte real (Maria) ou a social (Madalena e Manuel de Sousa, o País). Morre uma família, morre uma Pátria.

A **verdadeira ação** consiste na progressiva corporização de um espetro (D. João) que se faz personagem na pessoa de Romeiro.

A **figura de escritor** é a de um escritor patriótico que tem o papel de escritor patriótico⁵³, porque a situação no País estava má, vivia-se o período do cabralismo (1842) e a censura proibiu a representação em 1843, por isso a obra foi levada à cena num teatro particular só em 1850.

GUERRA JUNQUEIRO: PÁTRIA (1896)

Esta é a ditosa pátria minha amada.

CAMÕES

Esta obra é uma crítica, uma crítica à crise que “não era simplesmente económica, política ou financeira. Muito mais: nacional.”⁵⁴

As personagens são as seguintes e muito significativas e carregadas de simbolismo já nos seus nomes: um Doido, o Rei, MAGNUS (duque), OPIPARUS (príncipe), CIGANUS (marquês), ASTROLOGUS, IAGO (cão), JUDAS (cão) e VENENO (cão).

Nesta obra, também encontramos o simbolismo dos **retratos**⁵⁵:

- da dinastia de Bragança (é como recordando-se de um escuro passado)

- o Doido que se confronta com o seu fantasma e ancestral Nun' Álvares, e que simboliza a Pátria, dá-se progressivamente conta que o retrato é dele próprio, antes de esta consciência emergir, passa-se por uma fase na qual o individual (o indivíduo) e a coletividade “confluem e se fundem simbolicamente”⁵⁶.

Passo a citar o fragmento ilustrador do que se disse na frase anterior:

“Oh, que figura estranha e luminosa!...

Que aparição aquela!...

E eu já a vi... eu já a vi... lembro-me dela...

Mas onde foi?... Cabeça tonta!... Onde seria?!...

Ah, ah, já me recordo!... quando eu vivia,

Tive assim um parente... um irmão... Um irmão?

Eu nunca tive irmão!...

Oh, que loucura! oh, que loucura!

Mas eu conheço este fantasma... esta figura...

Aquele ar singular de guerreiro e de monge...

Eu conheço-o... Mas onde foi? quando é que foi? Lá muito ao longe...

Muito ao longe... Ora espera!... Já sei! Não era irmão, não era!...

Fui eu próprio!... Fui eu assim!... Fui eu! fui eu! fui eu!

É tal e qual... é exato,

O meu retrato!...

Fui eu!...

Ah, fui eu... um outro eu... que andou no mundo e já morreu!⁵⁷

⁴⁹ *Ibidem*, p. 49

⁵⁰ *Ibidem*, Cena III, p. 53

⁵¹ *Ibidem*, Cena II, p. 50

⁵² *Ibidem*, Acto segundo, Cena X, p. 84

⁵³ *Ibidem*, p. 126

⁵⁴ Guerra Junqueiro, *Pátria*, Lello & Irmão Editores, Porto, 1911, p. 190

⁵⁵ *Ibidem*, Cena VII, p. 51

⁵⁶ Annabela Rita, *Portugal em retratos de fim de século oitocentista (entre Eça e Junqueiro)*. Revista TriploV de Artes, Religiões e Ciências, Número 6, Lisboa, 2010.

⁵⁷ Guerra Junqueiro, *Pátria*, Lello & Irmão Editores, Porto, 1911, Cena XXII, p. 164

O Doido reencontra-se consigo mesmo e reconhece-se, corre de braços abertos ao encontro dele (o fantasma), ao encontro de si mesmo, ao encontro da sua alma "A minha alma! a minha alma!... nova... nova"⁵⁸ que se lhe embebe no corpo. O sofrimento da Pátria assemelha-se ao sofrimento do Cristo durante a crucificação. "Portugal, rei do Oriente"⁵⁹, está escrito ao topo da cruz. Guerra Junqueiro eleva a Pátria ao céu porque diz: "É a Dor o exalta, a Dor o diviniza."⁶⁰ Portugal torna-se uma espécie de mártir mas santificado, divinizado e purificado pelo sofrimento pelo qual está a passar.

Assemelha-o ao **Cristo** ao dizer: "Deus! Abandonas-me!..."⁶¹

Mas, caminha um aldeão com uma criança em direção à cruz... E a esperança renasce. Também a esperança de renascimento do imaginário sebástico e messiânico através dos feitos da criança.

FIGURAS:

O DOIDO: Nesta personagem marcante são reconfigurados a Pátria/Portugal, Camões, Nuno Álvares e D. Sebastião. D. Sebastião, Camões e Dom Quixote partilham a mesma circunstância de ser "loucos". Estes são chamados a salvar a Pátria, o Messias, o Salvador em Portugal ainda não nasceu.

Mas, embora lembrando tantas pessoas, ele queixa-se de já não ter nome:

"Como me chamo... como me chamo?"

Ai! não me lembro ... perdi o nome na escuridão ..."⁶²

Ele surge, no meio de um grande temporal, "enorme, cadavérico, enolto em farrapos, as longas barbas brancas flutuando. Numa das mãos o bordão. Na outra um velho livro em pedaços. Lembra um doido e um profeta, D. Quixote e o rei Lear."⁶³

O bordão simboliza o viajante e o peregrino e as cruzadas onde se lhe acrescentam a cruz e a espada, a espada que aparece no final do relato. A espada, o montante de Nun' Álvares, que é mais do que uma figura um símbolo, encontrada pela criança simboliza a esperança, uma esperança

nova para a nação portuguesa. A criança encontra-a caída e a ergue, e, como diz a Professora Annabela Rita,

"retomando a cena fundadora do ciclo arturiano e a da renovação nacional (Aljubarrota), mas também reescrivendo, no gesto do braço, a transfiguração descrita por Mateus no Novo Testamento e representada por Rafael, onde uma criança hesita entre o assombro e a alienação."⁶⁴

Na cena final, depois da tragédia coletiva, surge a esperança, uma esperança de renascimento do imaginário sebástico, messiânico.

E, servindo-me das palavras de Professora Annabela Rita novamente, "entre a cruz e a espada, a vida e a morte, a guerra e a paz, num campo de batalha e redenção, desolação e assombro, define-se a identidade nacional."⁶⁵

O **tema** principal desta obra é então a crítica a "um povo imbecilizado e resignado, humilde e macambúzio, fatalista e sonâmbulo (...) um clero português, desmoralizado e fatalista, liberal e ateu (...) uma burguesia, cívica e politicamente corrupta (...) ..." ⁶⁶ Neste mar de desgraça humana que é também a desgraça nacional, o autor vê uma luz, uma esperança nas crianças ou seja em aquilo que é novo e incorrupto, com ajuda dos alicerces da nação portuguesa, da história e daqueles que construíram a história e formaram a nação portuguesa e a Pátria.

O autor não deixa de mencionar o ultimato inglês, "um padrão de impecável ignomínia... quando for publicado no Diário do Governo, será um verdadeiro dia de luto,"⁶⁷ e propõe como solução "à morte"⁶⁸ a república.

Estes são só uns dos exemplos, como a identidade nacional ficou influenciada ou remodelada pela literatura e vice-versa e como os mitos fundadores e os imaginários, intimamente ligados à formação da nação portuguesa e à ideia da Pátria (e dela mesma), representam um papel muito importante neste tema crucial que é a identidade nacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

⁵⁸ *Ibidem*, Cena XXIII, p. 168

⁵⁹ *Ibidem*, p. 181

⁶⁰ *Ibidem*.

⁶¹ *Ibidem*, p. 182

⁶² *Ibidem*, Cena III, p. 34

⁶³ *Ibidem*, Cena VI, p. 44

⁶⁴ Annabela Rita, *Portugal em retratos de fim de século oitocentista (entre Eça e Junqueiro)*. Revista TriploV de Artes, Religiões e Ciências, Número 6, Lisboa, 2010.

⁶⁵ *Ibidem*.

⁶⁶ Guerra Junqueiro, *Pátria*, Lello & Irmão Editores, Porto, 1911, pp. 185, 186

⁶⁷ *Ibidem*, p. 213

⁶⁸ *Ibidem*, p. 221

Abreu, Fernanda (1996): *Labirintos da identidade: de como um fidalgo castelhano-manchego foi chamado a salvar a pátria portuguesa. (Da Literatura Comparada ao fado Lusíada)*. Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, no.9, Edições Colibri, pp. 187-199, Lisboa

Almeida Garrett (1986): *Camões*. Comunicação: Lisboa.

Almeida Garrett (2003): *Viagens na minha terra*. Porto editora: Porto.

Almeida Garrett (2004): *Frei Luís de Sousa*. Europa-América, Mem Martins.

Anderson, Benedict (2005): *As comunidades imaginadas*. Edições 70: Lisboa, 3a edição.

Barthes, Roland (1957): *Mythologies*. Seuil, Paris.

Barthes, Roland (1971): *Književnost, mitologija, semiologija*. Nolit, Beograd.

Beckert, Cristina (2008): *Um pensar para o Outro*. Centro de filosofia da Universidade de Lisboa, Lisboa.

Calafate, Pedro (2006): *Portugal como problema, Volumes I, II, III e IV*. Fundação Luso-Americana e Público, Lisboa.

Cerdeira da Silva, Teresa Cristina (1989): *José Saramago: Entre a história e a ficção: uma saga de portugueses*, Dom Quixote, Lisboa.

Costa Lobo, A. de Sousa Silva (2011): *Origens do sebastianismo*. Texto, Alfragide.

Cunha Leão, Francisco da (2007): *Do homem português, ensaios*. Guimaraes editores: Lisboa.

Černigoj, Matej (2007): *Jaz in mi: raziskovanje temeljev socialne psihologije*. IPSA, Ljubljana.

Dias, Jorge (2004): *Os elementos fundamentais da cultura portuguesa*. Imprensa nacional -Casa da moeda, Lisboa.

Dinis, Júlio (1871): *Os fidalgos da casa mourisca*. Empreza Litteraria e Typographica, Porto.

Dinis, Júlio (1875): *Uma família inglesa*. Empreza Litteraria e Typographica, Porto.

Duarte Mathias, Marcello (2001): *A memória dos outros*. Gótica, Lisboa.

Franclim, Sérgio (2009): *A mitologia portuguesa*. Ministério dos livros, Parede.

Franco, José Eduardo, Calafate, Pedro (2012): *A Europa segundo Portugal*. Gradiva, Lisboa.

Franco, José Eduardo (2009): *A dança dos demónios*. Círculo de leitores, Lisboa.

Franco, José Eduardo (2011): *Relatório de agregação, História da cultura portuguesa na época moderna*

Guerra Junqueiro (1911): *Pátria*. Lello & Irmão Editores, Porto.

Guerra Junqueiro (1891): *Finis Patriae*. Empreza Litteraria e Typographica, Porto.

Lourenço, Eduardo (2005): *O labirinto da saudade*. Gradiva, Lisboa, 4a edição.

Martinho, Fernando J.B. (2004): *Literatura portuguesa do século XX*. Instituto Camões, Lisboa.

Nava, Ana Sofia (2003): *O cérebro apanhado em flagrante*. Climepsi, Lisboa.

Pessoa, Fernando (2002): *Os portugueses*. Alma azul, Coimbra.

Pinheiro, Teresa, Cieszynska, Beata, Franco, José Eduardo (2011): *Peripheral Identities*. Pearlbooks, Parede.

Queirós, Eça (1900): *A ilustre casa de Ramires*. Lello & Irmão, Porto.

Quental, Antero de (1996): *Causas de decadência dos povos peninsulares*. Ulmeiro: Lisboa.

Real, Miguel (2012): *A vocação histórica de Portugal*. Esfera do caos, Lisboa.

Rita, Annabela (2003): *No Fundo dos Espelhos. Incursões na cena literária (ensaios)*. Edições Caixotim, Porto.

Rita, Annabela (2004): *Breves & Longas no País das Maravilhas (ensaios)*. Roma Editora, Lisboa.

Rita, Annabela (2006): *Emergências Estéticas (ensaios)*. Roma Editora, Lisboa.

Rita, Annabela (2007): *No Fundo dos Espelhos. Em visita (ensaios)*. Edições Caixotim, Porto.

Rita, Annabela (2012): *Paisagem & Figuras*. Esfera do caos, Lisboa.

Rita, Annabela (2010): *Portugal em retratos de fim-de-século oitocentista (entre Eça e Junqueiro)*. Revista TriploV de Artes, Religiões e Ciências, Número 6, Lisboa.

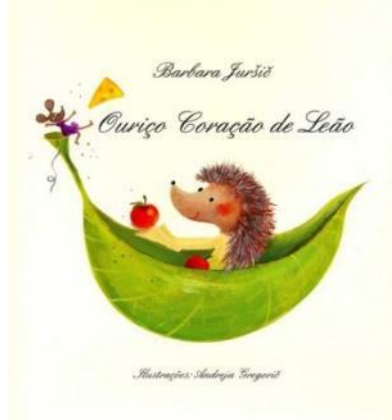
Sanches de Baêna, Miguel, Loução, Paulo Alexandre (2008): *Grandes enigmas da história de Portugal, Vol. I, Ésquilo*, Lisboa.

Saraiva, António José (1995): *A tertúlia ocidental*. Gradiva, Lisboa, 2a edição.

Saraiva, António José, Lopes, Óscar (1992): *História da literatura portuguesa*, Porto Editora, Porto, 16ª edição.

Vargas Díaz-Toledo, Aurélio (2012): *Os livros de cavalarias portuguesas dos séculos XVI-XVIII*. Pearlbooks, Parede.

[LANÇA LIVRO INFANTOJUVENIL "OURIÇO CORAÇÃO DE LEÃO"](#)



[Ver aqui imagens do livro](#)

8. TEREZIJA CVETKA JURŠIČ, ESLOVÉNIA, ASSISTENTE PRESENCIAL

9. BRITES ARAÚJO, ESCRITORA AÇORIANA

Nasci a 2 de março de 1959 em Sta. Cruz da Graciosa, de pai micalense e mãe terceirense. Aos 5 anos, vim com a família para Ponta Delgada, onde fiz toda a escolaridade e onde residi até aos 19 anos.

Em 1982, ingressei nos Serviços de Tráfego Aéreo da que é agora a NAV - Portugal, o que me levou a fixar residência na ilha de Sta. Maria, durante 12 anos.

Licenciei-me em Línguas e Literaturas Modernas, variante de Estudos Portugueses e Ingleses, na Universidade dos Açores, onde fiz também uma pós-graduação em Língua e Literatura Portuguesas e concluí a parte curricular do Mestrado em Cultura e Literatura Portuguesas. Esporadicamente, fui docente contratada de Português e de Inglês, fiz jornalismo, rádio e teatro amador. Ainda aluna do então Liceu Antero de Quental, publiquei um livro de poemas e integrei uma pequena antologia de poetas açorianos. Ao longo dos anos tenho publicado, de forma dispersa, em jornais e revistas, tendo ainda colaborado, como letrista, com alguns músicos dos Açores. Tenho feito, também, algum trabalho de tradução, onde se

inclui a versão inglesa do livro "O Menino Perdido", de Susana Margarido. Após uma ausência de 10 anos, por Braga e pela Madeira, voltei aos Açores e a Ponta Delgada, onde me encontro a residir.



É SÓCIO DA AICL

JÁ TOMOU PARTE NA MESA REDONDA 9 ILHAS, 9 ESCRITORAS

10. CARLOS MATIAS, PORTUGAL, ASSISTENTE PRESENCIAL



É SÓCIO DA AICL

JÁ TOMOU PARTE NO 19º COLÓQUIO NA MAIA 2013

11. CHRYS CHRYSTELLO, AICL – AÇORES/ AUSTRÁLIA



CHRYS CHRYSTELLO (n. 1949-) é um cidadão australiano que acredita em multiculturalismo, e é exemplo do mesmo numa família mesclada de Alemão, Galego-Português e Brasileiro do lado paterno, Português e marrano do materno. Publicou "Crónicas do Quotidiano Inútil, vol. 1" (poesia, 1972). O exército colonial português levou-o a Timor (1973-75) onde foi Editor-chefe do jornal local antes de ir à Austrália adotá-la como pátria. De 1967 a 1996 dedicou-se ao jornalismo (rádio, TV e imprensa) e escreveu sobre o drama de Timor Leste. De 1976 a 1982 desempenhou funções executivas na Eletricidade de Macau e foi Redator, Apresentador e Produtor de Programas para a Rádio Macau/TDM/RTP e jornalista para a TVB - Hong Kong. Depois, radical-se-ia em Sydney (e, mais tarde, em Melbourne). Na Austrália, esteve envolvido na definição da política multicultural. Foi Jornalista no Ministério Federal do Emprego, Educação e Formação Profissional e no da Saúde, Habitação e Serviços Comunitários. Foi Tradutor e Intérprete no Ministério da Imigração e no de Saúde (NSW).

Divulgou a descoberta na Austrália da chegada dos Portugueses (1521-1525, mais de 250 anos antes do capitão Cook) e difundiu a existência de tribos aborígenes falando Crioulo Português há quatro séculos.

Membro Fundador do AUSIT, Chrys lecionou na Universidade UTS, Sydney, Linguística e Estudos Multiculturais. Durante mais de vinte anos foi responsável pelos exames dos candidatos a Tradutores e Interpretes na Austrália (NAATI). Foi Assessor de Literatura Portuguesa do Australia Council, na Universidade de Tecnologia de Sidney (1999-2005), Foi orador em conferências (Austrália, Portugal, Espanha, Brasil, Canadá, Macau – China, etc.). Mentor dos finalistas de Literatura da ACL da University of Brighton no Reino Unido (2000-2012) e Revisor da Universidade de Helsínquia. Consultor do Programa REMA da Universidade dos Açores. (2008-2012).

Salienta a Palestra proferida na Academia Brasileira de Letras em março 2010 com Malaca Casteleiro, Evanildo Bechara e Concha Rousia, organizada pelo então Presidente da ABL, Marcos Vilaça.

Foi admitido a 5 de outubro 2012 como **Académico Correspondente** AGLP (Academia Galega da Língua Portuguesa).

Mantém o interesse no ensino de tradução, multiculturalismo e Inglês.

É Membro do Conselho Consultivo do MIL.

Organiza desde 2001-2002, os Colóquios Anuais da Lusofonia (Porto, Bragança; Seia; Lagoa, Ribeira Grande e Maia (S. Miguel); Vila do Porto (Sta Maria, Açores), Brasil; Galiza e Macau.

É Editor dos **CADERNOS (DE ESTUDOS) AÇORIANOS**, publicação trimestral, online, <https://www.lusofonias.net/acorianidade/cadernos-acorianos-suplementos.html#426-cadernos-e-suplementos-de-estudos-acorianos>

Entre 2006 e 2013, traduziu várias obras de autores açorianos para Inglês, além de excertos em projetos dos Colóquios da Lusofonia.

É SÓCIO FUNDADOR DA AICL E DA AGLP, PRESIDENTE DA DIREÇÃO DA AICL. TOMOU PARTE NOS 20 COLÓQUIOS JÁ EFETUADOS

BIBLIOGRAFIA (e-livros <http://www.scribd.com/cchrystello/shelf>)

2014. Prefácio "O voo do Garajau" Rosário Girão & Manuel Silva, ed. Calendário de Letras AICL http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0807-89672015000300016

2013, Crónicas Austrais 1978-98, 3ª ed. <https://www.scribd.com/doc/3051472/cronicasaustrais>

2012, Trilogia da história de Timor, ed. AICL Colóquios da Lusofonia, ISBN: 978-989-95641-9-0 (Timor Leste O Dossiê Secreto 1973-75 vol. 1, Timor-Leste 1983-92 vol. 2 Historiografia de um repórter, Timor Leste vol. 3 As guerras tribais, a história repete-se (1894-2006) ed. AICL

2012, Crónica do Quotidiano Inútil. Obras Completas (poesia) 5 volumes, 40 anos de vida literária, ed. Calendário de Letras ISBN 9789728985646 <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1001/CRONICA-DO-QUOTIDIANO-INUTIL-VOL-1-5--2012.pdf>

2012, trilogia da História de Timor, vol. 3 As guerras tribais, a história repete-se 1894-2006, 1ª ed. <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1006/TRILOGIA-vol-3-Historia-de-Timor.pdf> https://www.lusofonias.net/index.php?preview=1&option=com_dropfiles&format=&task=frontfile.download&catid=429&id=1006&Itemid=100000000000

2012, trilogia da História de Timor: East Timor - The Secret Files 1973-1975 1ª vol. 3ª ed. <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timore.pdf>

2012, Trilogia da história de Timor, ed. AICL Colóquios da Lusofonia, ISBN: 978-989-95641-9-0 (Timor Leste O Dossiê Secreto 1973-1975 vol. 1, Timor-Leste 1983-1992 vol. 2 Historiografia de um repórter e Timor Leste vol. 3 - As Guerras Tribais, A História Repete-se (1894-2006) ed. AICL Colóquios da Lusofonia, ISBN: 978-989-95641-9-0

2012. Crónica do Quotidiano Inútil. Obras Completas (poesia) 5 volumes, 40 anos de vida literária, ed. Calendário de Letras - ISBN 9789728985646 <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1001/CRONICA-DO-QUOTIDIANO-INUTIL-VOL-1-5--2012.pdf>

2012, vol. 3 da trilogia da História de Timor, As Guerras Tribais, A História Repete-se 1894-2006, 1ª ed. <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1006/TRILOGIA-vol-3-Historia-de-Timor.pdf> , https://www.lusofonias.net/index.php?preview=1&option=com_dropfiles&format=&task=frontfile.download&catid=429&id=1006&Itemid=100000000000

2012, vol. 1 da trilogia da História de Timor: East Timor - The Secret Files 1973-1975 3ª ed. <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timore.pdf>

2012, Tradução “A lonely person is not enough people, the sex and the divine” de Caetano Valadão Serpa

2000, vol. 1 da trilogia da História de Timor: Timor-Leste O Dossiê Secreto 1973-1975, 2ª ed. <https://www.scribd.com/doc/39958581/Timor-Leste-1973-1975-o-dossie-secreto>

2012, volume 2 da trilogia da História de Timor: Historiografia de um repórter - Timor-Leste 1983-1992 DVD <https://www.scribd.com/document/40234122/Timor-Leste-Historiografia-de-um-reporter-vol-2-193-1992> <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timor2.pdf>,

2011, Tradução da Antologia Bilingue de (15) autores açorianos contemporâneos, ed. AICL e Calendário de Letras

2011, Crónica Açores uma circum-navegação vol. 2, ISBN 978-9728-9855-47 Ed. Calendário de Letras

2010, tradução para inglês Guia de Mergulho da Madeira; Guia de Mergulho das Ilhas dos Açores, Ed. VerAçor

2009, Crónica Açores: uma circum-navegação, vol. 1 esgotado, <https://www.scribd.com/doc/39955110/CHRONICACORES-UMA-CIRCUM-NAVEGACAO-DE-TIMOR-A-MACAU-AUSTRALIA-BRASIL-BRAGANCA-ATE-AOS-ACORES-VOLUME-UM-DA-TRILOGIA> https://www.worldcat.org/title/chronicacores-circum-navegacao-de-timor-a-macau-australia-brasil-braganca-ate-aos-acores/oclc/357576846&referer=brief_results,

2009, Crónica Açores: uma circum-navegação, vol. 1, 2009 ISBN 989-8123-12-1 VerAçor

2008, Tradução para inglês de “S. Miguel uma ilha esculpida” Daniel de Sá. Ed. VerAçor.

2008, Tradução de “Ilhas do Triângulo, viagem com Jacques Brel” Victor Rui Soares, VerAçor.

2008, Prefácio e Revisão “A Freira do Arcano, Margarida Isabel do Apocalipse” de Mário Moura, ed. Publiçor, Ponta Delgada

2007, Tradução para inglês “E das pedras se fez vinho” de Manuel Serpa ed. VerAçor,

2007, Tradução para inglês, “Santa Maria Ilha Mãe” Daniel de Sá, ed. VerAçor, Açores,

2005, coautor tradução para português “The Lost painting” Jonathan Harr, ed. Presença

2005, Cancioneiro Transmontano, ed. Santa Casa da Misericórdia Bragança, <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1000/cancioneiro-braganca-2005.pdf> -

2004, tradução para português “A People’s War” de Vo Nguyen Giap, Editora Sílabo Portugal

2004, tradução para português, “Dien Bien Phu” de R. H. Simpson, Editora Sílabo Portugal

2002, tradução de “La familia: el desafio de la diversidad” Adelina Gimeno (castelhano, Psicologia), Instituto Piaget Portugal

2000, Crónicas Austrais - 1978-98 (monografia) 1ª ed. <http://www.ebooksbrasil.org/REB/cronicasCA.rb>, <http://www.ebooksbrasil.org/microreader/cronicasCA.lit>

2000, vol. 1 da trilogia da História de Timor: Timor-Leste O Dossiê Secreto 1973-1975, 2ª ed. www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timorp.pdf,

2000, vol. 1 da trilogia da História de Timor: Timor-Leste The secret files 1973-1975, 2ª ed. <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timore.pdf> ,

<https://www.scribd.com/doc/253855631/East-Timor-the-Secret-Files-1973-1975-Eng> ,

<https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1004/TRILOGIA-VOL-1-East-Timor-secret-file-73-75-eng.pdf>

1999, vol. 1 da trilogia da História de Timor: Timor-Leste O Dossier Secreto 1973-1975, Porto, ed. Contemporânea (Esgotado) 1ª ed. ISBN 10: 972-8305-75-3 / ISBN 13/EAN: 9789728305758 1991-2011 Yawuji Bara e Yawuji Baia Os avós de barra e Avós de Baia, <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1003/Yawuji-Os-Avos-de-Barra-e-os-Avos-de-Baia.pdf>

1985 Crónica X Aborígenes na Austrália <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1002/cronicaX-aborigenes-na-australia.pdf>

1981, Crónica do quotidiano inútil vol. 3&4 (1973-81) poesia, ed. Macau (esgotada) <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1016/cronica-do-quotidiano-inutil-vol.-3-4-.pdf> <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/quotidianoinutil.pdf>, <http://www.scribd.com/doc/77870662/cronica-do-quotidiano-inutil-cqi-Volume-3-4#scribd>

1974, Crónica do quotidiano inútil vol. 2 (poesia) ed. abril 1974 Díli, Timor Português (esgotada) <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1015/cronica-do-quotidiano-inutil-vol.-2-.pdf>

1972, Crónica Do Quotidiano Inútil vol. 1 (Poesia) Porto (Esgotado) <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1017/cronica-do-quotidiano-inutil-vol.-1-1972-original-1%C2%AA-ed-CQI.pdf> <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/quotidianoinutil.pdf> ,

MODERA SESSÕES

INTERVÉM NAS SESSÕES DE POESIA***

***(ver POEMAS INÉDITOS NO FINAL DAS ATAS/ANAIS)

12. CÍCERO V. SANTOS, S. PAULO, BRASIL, PRESENCIAL



É SÓCIO DA AICL

TOMOU PARTE NOS COLÓQUIOS NA RIBEIRA GRANDE 2006 E 2007, EM BRAGANÇA 2007, 2008, 2009, LAGOA 2008 E 2009, BRASIL 2010, MACAU 2011, VILA DO PORTO 2011, LAGOA 2012, GALIZA 2012, SEIA 2013

13. CLARÍCIA EGUTI, UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, BRASIL AS-SISTENTE PRESENCIAL



CLARÍCIA AKEMI EGUTI, é Doutora em Filologia e Língua Portuguesa pela USP, defendeu em 2008 a tese “A oralidade de José Cândido de Carvalho em *O coronel e o Lobisomem*”.

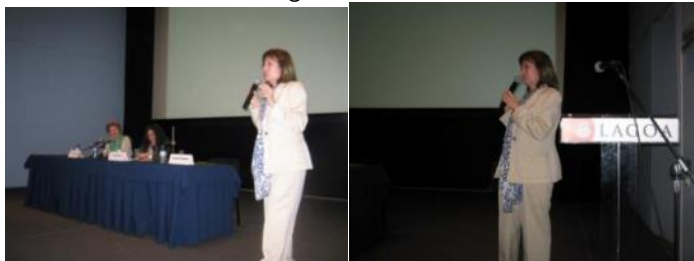
Atuou como professora de Língua Portuguesa na USP e na Universidade Ibirapuera. Atualmente trabalha na Secretaria de Estado da Educação de São Paulo, na Coordenadoria de Gestão da Educação Básica – CGEB.

PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ

14. CONCEIÇÃO ANDRADE, UNI. HARVARD EUA, PRESENCIAL

Conceição Araújo Andrade Formou-se em Antropologia e Francês em 1993 na American University, Washington D.C., e recebeu um diploma de TESOL (Teaching English as a Second Language) em 1998, na mesma Universidade. Lecionou Português no Departamento de Romance Languages and Literature, Faculty of Arts and Sciences, na Universidade de Harvard, Estados Unidos da América do Norte, desde 2010 a 2014.

Nos últimos 30 anos, Conceição Andrade dedicou-se intermitentemente ao ensino da Língua Portuguesa nos Estados Unidos da América do Norte. De 1992-2002, lecionou português no Banco Mundial, Washington D.C., a funcionários trabalhando em Países Lusófonos da África, e publicou vários trabalhos incluindo “Portuguese For Business Travelers”, World Bank (2002).



De 1978-1992, foi instrutora de português em vários Institutos de Línguas, incluindo Languages Learning Enterprises, Language Inc., and Inlingua. Também foi tutora particular de estudantes da Universidade de Harvard, e

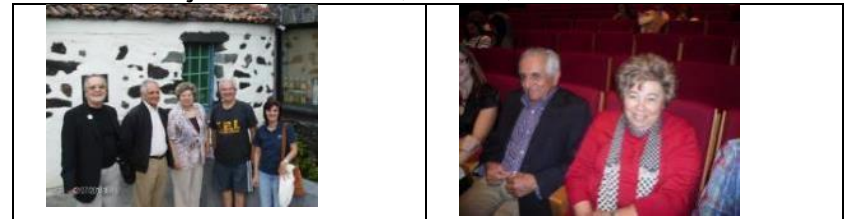
Universidade da Carolina do Norte. Além do ensino, Conceição Andrade trabalhou como tradutora e revisora de Inglês-Português e Português-Inglês de relatórios e documentos oficiais do Banco Mundial, Universidade de Harvard, Universidade da Carolina do Norte, American Friends Service Committee, Ministério das Obras Públicas em Moçambique, e como revisora, desenhadora e analisadora linguística de manuais de treinamento em Booz Allen and Hamilton. Foi intérprete num Tribunal do Estado da Virgínia, e tradutora duma entrevista com o autor Dr. Fernando Namora, para a Fundação Kellogg. Também trabalhou desde 1977-1985 em Bibliotecas, incluindo Widener Library, Harvard University, Biblioteca do Ministério das Obras Públicas (diretora), Moçambique, e na University of North Carolina.

Conceição Andrade foi membro de várias instituições profissionais, incluindo APPEUC (Associação de Professores de Português dos Estados Unidos e Canadá), ATA (American Translators Association), and WATESOL (Washington Area Teaching English as a Second Language).

Nascida nos Açores, está radicada nos Estados Unidos, e também viveu em Moçambique, Índia e Brasil.

PARTICIPOU NOS COLÓQUIOS DA LAGOA 2008 E 2012

15. CONCEIÇÃO CASTELEIRO, LISBOA, PORTUGAL PRESENCIAL



É SÓCIO DA AICL.
ACOMPANHA OS COLÓQUIOS DESDE 2010

16. **CONCHA ROUSIA, AGLP, GALIZA SUBSTITUÍDA PELA ACADÉMICA DA AGLP, MARIA DOVIGO**



CONCHA Rodríguez PÉREZ, Nascida o 04-10-1962, em Covas (Os Brancos, Galiza). Psicoterapeuta. Licenciada em 1995 em psicologia pela Universidade de Santiago de Compostela, *especialidade em psicologia clínica*. Master in Science, Marriage and Family Therapy, Universidade de Maryland, USA, 1999. Tese de graduação intitulada "Multilingualism and psychotherapy".

Secretária da Fundação Academia Galega da Língua Portuguesa e co-fundadora da Academia Galega da Língua Portuguesa em 2008.

Membro da Associação Galega da Língua desde 2004.

Membro da associação Cultural Pró Academia Galega da Língua Portuguesa.

Presidente pela parte galega do Instituto Cultural Brasil Galiza, fundado em 2009, apresentado publicamente em Santa Catarina em março de 2010 e em Madrid em outubro deste mesmo ano.

Membro da Junta Diretiva da Ordem dos Psicólogos da Galiza, e Coordenadora da Comissão Cultural, desde onde, entre outras atividades criou o Prémio Literário 'Rosa de Cem folhas' que vai pela sua quarta edição.



PUBLICAÇÕES:

As Sete Fontes, Romance publicado em 2005, formato e-book pela editora digital portuguesa ArcosOnline Arcos de Valdevez, Portugal.

"**Dez x Dez**" 2006, Antologia poética, Abrente Editora (Galiza).

"**Cem Vaga-lumes**" Obra composta por 16 haikus premiados e publicados pelo Concelho de Ames, ano 2006.

Herança, Conto publicado em 2007 em *Rascunho* (Jornal de literatura do Brasil), Curitiba, Brasil.

Primeira Antologia do Momento Lítero Cultural, em formato digital. 2007, Porto Velho, Brasil.

Nas Águas do Verso. Antologia. 2008, Porto, Portugal.

Antologia do XXII Festival de Poesia do Condado. 2008, Gráficas Juvia.

Poeta, Mostra a tua Cara. Antologia. 2008, RG, Brasil.

Mulheres. Antologia poética. 2011, Mulheres Feministas do Condado, Galiza.

IV Antologia de poesia lusófona. 2012. Folheto, Leiria, Portugal.

Volume 7 da Coleção "**Poesia do Brasil**", XV Congresso Brasileiro de Poesia, em Bento Gonçalves, Rio Grande do Sul, Brasil.

Tem publicado **poemas, contos, crónicas, e outros textos** em revistas galegas como *Agália* ou *A Folha da Fouce*; e em jornais como o *Novas da Galiza*, *Galicia Hoxe*, *A Nosa Terra*, *Portal Galego da Língua*, *Vieiros*, e em brasileiras como *Momento Lítero Cultural*.

Agora Já Não é Nada: Narrativa da desfeita, Lethes 2007. É uma análise do significado da perda das funções que mantinham os espaços comunitários que desapareceram com a desarticulação da cultura tradicional.

Um dia, Publicado em *A Nossa Terra*; 2006. Análise da violência de género.

Mudança de Narrativa Lingüística, Boletim da Academia Galega da Língua Portuguesa 2008.

PRÉMIOS

Prémio de Narrativa do Concelho de Marim, 2004, Galiza.

Prémio de poesia do Concelho Ames, 2005, Galiza.

Ganhadora do Certame Literário Feminista do Condado, 2006, Galiza com o romance "A Língua de Joana C"

Em março de 2010 fez parte da Comitativa Oficial do 13º colóquio da lusofonia, à Academia Brasileira de Letras, onde proferiu uma palestra sobre a participação da Galiza nos Acordos Ortográficos da Língua Portuguesa.

Administradora do blogue republicadarousia.blogspot.com

Foi nomeada Patrona da AICL no 16º Colóquio, Out.º 2011.

É SÓCIO FUNDADOR DA AICL.

TOMA PARTE NOS COLÓQUIOS DESDE LAGOA 2008, BRAGANÇA E LAGOA 2009, BRASIL E BRAGANÇA 2010, MACAU E SANTA MARIA 2011, LAGOA E GALIZA 2012, MAIA E SEIA 2013

PERTENCE AO SECRETARIADO EXECUTIVO DO COLÓQUIO

INTERVÉM NA SESSÃO DE POESIA

17. DANIELA FREGONESE, UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, BRASIL

Daniela Fregonese nasceu em Itapira, SP, Brasil e atua como professora no Colégio Visconde de Porto Seguro em Valinhos, SP, Brasil. Obteve o título de Doutor em Linguística pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Daniela Fregonese, brasileira e italiana, divorciada, nascida em 11.06.1970, em Itapira - SP e residente à Rua Arandu, 89 - Vinhedo, São Paulo, Brasil. Tel: 19-981439096. Correio eletrónico: daniela.fregonese@gmail.com

FORMAÇÃO ACADÊMICA

– **Doutorado** em Letras/Linguística – Área Semiótica e Linguística Geral, pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP). Obtenção do título em 04/04/2005 - aprovada com distinção e louvor.

– **Maîtrise** na área de Literatura e Linguística pela Université de Toulouse le Mirail, França. Obtenção do título em 1/07/1996 (*mention: tres bien*).

– **Bacharelado** em Letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP). Obtenção do título em 01/12/1991.

– **Licenciatura** em Letras pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP). Obtenção do título em 01/12/1991.

É SÓCIO DA AICL

PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ

TEMA 2.4 ANÁLISE DO DISCURSO DAS PERSONAGENS FEMININAS DE MACHADO DE ASSIS: ESCOLHAS LEXICAIS PRIVILEGIADAS, DANIELA FREGONESE, UNIVERSITÉ DE TOULOUSE LE MIRAIL, FRANÇA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

[Ver PowerPoint aqui antes de ler artigo](#)

Através da aplicação de um método matemático-estatístico-computacional especialmente desenvolvido para o tratamento de dados linguísticos, a palestra propõe apresentar os resultados obtidos num corpus de natureza literária - mais especificamente contos de Machado de Assis -, a fim de observar de que modo escolhas lexicais pontuais e objetivas são fundamentais no modo de composição das temáticas centrais e de personagens femininas nos textos do autor. Assim, investiga-se o léxico dos contos, focando-se o comportamento e atuação das personagens femininas nas narrativas e de que modo ideias, desejos, gestos, características físicas e psicológicas tornam-se ingredientes especiais no modo de compor machadiano, nitidamente comprovados pelo desempenho dos itens lexicais no texto. Qual a constituição do discurso das personagens femininas, quais são as estreitas correlações entre as protagonistas, reveladas pela aproximação das variáveis do corpus, e quais os indicativos do caráter de atemporalidade e universalidade do texto machadiano, de modo que espaço e tempo cronológico – Brasil, Rio de Janeiro, século dezenove - em nada prejudicam a composição narrativa, uma vez que o lugar central é ocupado pelo ser humano e seus mistérios, existindo a mesma nuance em todos os textos. O estudo do léxico preferencial dá mostras, ainda, da força expressiva dos vocábulos, visando a determinados efeitos, bem como do cuidado técnico e artístico do autor ao elaborar tais textos. Para tal, levantam-se, em cada conto, grupos lexicais fortemente ligados a núcleos semânticos e, pela técnica da lematização, dentre outras, observam-se as intenções comunicativas e as opções temáticas do autor. Essa nova proposta e diretriz para a interpretação de textos em Língua Portuguesa associa a potência da informática ao embasamento teórico linguístico e contribui, assim, para futuros avanços nas áreas Linguísticas e Literárias.

INTRODUÇÃO

Fundamentando-se no método matemático-estatístico-computacional de André Camlong, Universidade de Toulouse le Mirail, o qual se revela um

importante instrumento para a análise lexical, textual e discursiva, esta pesquisa propõe-se a apontar as mais recentes contribuições da utilização da informática na análise de textos literários.

Utilizamos o programa *Stablex* (2002, versão para PC), desenvolvido em função do método, num *corpus* constituído por oito contos de Machado de Assis. Nosso objetivo é, via aplicação desse modelo de análise, verificar como se dá o processo de construção das personagens e das principais temáticas nos contos selecionados, através de escolhas lexicais privilegiadas; ou seja, percorremos o léxico em busca de itens preferenciais que podem conduzir ao horizonte discursivo almejado pelo autor.

Um olhar, um gesto, um rápido instante de cólera, uma hesitação, uma palavra, um silêncio, um sonho, um desejo – como são concretizados, no texto, esses elementos da narrativa? De que modo o autor os dispõe? Quais são, pois, suas escolhas lexicais e que universo discursivo visam a atingir? Lançando mão de recursos linguísticos e informáticos de pesquisa, abordamos características marcantes na constituição das personagens, bem como a articulação de temáticas fortemente presentes em nosso *corpus*, recorrentes em outros textos do autor, que configuram, pois, sua tendência criativa, ilustrando de que modo o método se revela adequado e eficiente enquanto suporte para o entendimento de aspetos fundamentais da obra machadiana. A proposta deste trabalho é apresentar alguns resultados de um estudo ou análise dos contos de Machado de Assis (1839-1908), que se utilizou de um método estatístico-informático, destinado ao tratamento de dados textuais. Detalhadamente descrito na obra do Prof. A. Camlong (vide bibliografia), tal metodologia revelou-se um importante instrumento para a pesquisa linguística e literária, dando-nos as diretrizes e contribuindo substancialmente para a realização de uma análise objetiva, descritiva e, portanto, científica dos contos estudados.

1 - ESCOLHA E PREPARAÇÃO DO CORPUS TEXTUAL

Na primeira etapa de nossa pesquisa, foi feita a escolha e preparação do *corpus* textual para a aplicação do STABLEX, um *software* especialmente desenvolvido para ser aplicado em textos literários ou não literários. A escolha do *corpus* foi bastante diversificada, resultado de um juízo crítico que procurou levar em conta a permanência, importância e atualidade dos contos, bem como sua representatividade literária: da obra *Papéis Avulsos* (1882) foram escolhidos os contos *O espelho* e *O alienista*; de *Histórias sem data* (1884) selecionamos *Noite de Almirante* e *Cantiga de sponsais*; de *Várias histórias* (1896) os contos *O enfermeiro*, *A cartomante*, *A causa secreta* e *Uns braços* e de *Páginas recolhidas* (1899)

escolhemos *Missa do galo*. Graças ao uso do programa STABLEX, obtivemos elementos, variáveis e resultantes que nos permitiram abordar diferentes aspectos na análise dos contos.

2 - APLICAÇÃO DO MÉTODO E ANÁLISE DAS RESULTANTES

Após a aplicação do STABLEX, textos foram transformados em pequenos léxicos e, em seguida, em tabelas e gráficos, os quais auxiliaram na visualização do vocabulário destacado e, conseqüentemente, na observação da distribuição semântica do conto. Foi dado maior enfoque ao vocabulário preferencial do conto, a fim de que pudéssemos observar a escolha estratégica dos elementos pelo autor para construir seu discurso moral e obter, assim, a adesão do leitor.

A partir de então, realizamos diferentes reagrupamentos dos vocábulos (quer sejam de natureza temática, quer sejam de natureza gramatical), identificando a complexa "arquitetura" ou organização do texto.

No estudo dos contos de Machado de Assis utilizamos, dentre outras, a técnica da lematização, que consiste em reunir ou centralizar elementos lexicais em torno de uma raiz temática (o lema) ou redor de um vocábulo chave. Abaixo encontramos um exemplo de reagrupamento de natureza temática, do conto *A cartomante*:

CAMPO TEMÁTICO DA SUPERSTIÇÃO

Vocábulo	Peso semântico
cartas	11,71
adivinhara	4,78
baralhou-as	4,78
consulta	4,78
consultá-la	4,78
crenças	4,78
mistério	4,27
acreditava	3,73
futuro	3,73

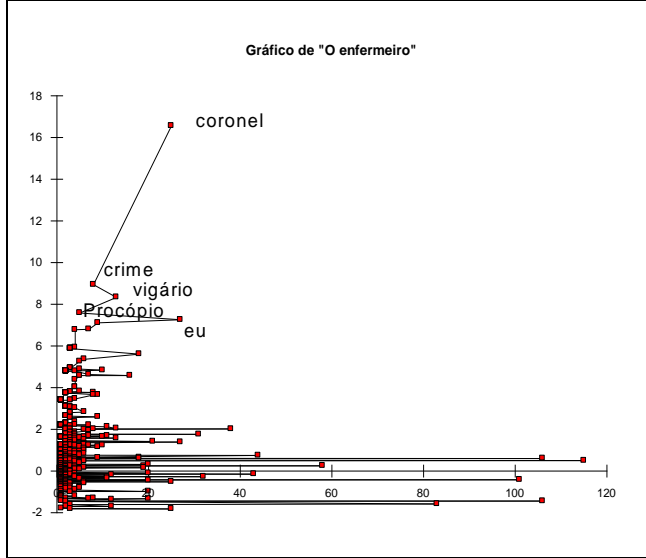
Ao observarmos a tabela acima notamos que os vocábulos agrupados em torno da temática da superstição possuem alto valor semântico, fato que denota a importância de tal tema na trama da história.

Portanto, os resultados estatísticos nos mostram, através dos elementos destacados, que no conto *A cartomante* a temática da superstição é predominante.

No topo das tabelas obtidas com a aplicação do método de Camlong destacam-se, de maneira geral, as personagens centrais e vocábulos que estão intimamente relacionados ao tema central da história. Esses

elementos são classificados de "preferenciais", devido ao alto valor semântico.

Observemos, por exemplo, o gráfico do conto *O enfermeiro*:



Vocábulo	FG	FC	peso
coronel	26	25	16.56
crime	9	8	8.94
vigário	24	13	8.33
Procópio	5	5	7.58
eu	96	27	7.26

Acompanhando o gráfico, encontramos uma pequena tabela onde estão relacionados os vocábulos destacados. O valor FG representa a frequência global, ou seja, quantas vezes o vocábulo aparece em todos os nove contos analisados; FC representa a frequência que o vocábulo aparece no conto em questão e a última coluna nos fornece o valor ou peso lexical do vocábulo.

No gráfico, nomeamos apenas os cinco primeiros vocábulos preferenciais, os quais já são suficientes para nos fazer perceber a importância dos resultados estatísticos: São postas em relevo as personagens centrais, bem como a temática do conto, já que se trata aqui da história, apresentada em forma de confissão, de um rapaz

(Procópio, o "eu" narrador) que assassina um coronel e é perseguido pela própria consciência, pois o crime não se torna público.

Apontamos, assim, alguns exemplos das possibilidades que nos são abertas com a aplicação do método estatístico-computacional. Graças à sua utilização, podemos observar e medir os componentes e estruturas lexicais, descrevendo as variáveis, identificando os principais elementos e transcendendo a matéria das palavras para apreensão do discurso.

Indicado a todos que desejam se entregar à prática literária científica do estudo de textos, e exposto no livro de Camlong de um ponto de vista teórico e prático, o método nos possibilita, portanto, diferentes explorações e abordagens. Desta maneira, a estatística paramétrica, associada à informática, orienta e conduz a pesquisa literária, abrindo novos caminhos e possibilidades aos estudiosos.

3 – A CONSTRUÇÃO DAS PERSONAGENS FEMININAS

O método estatístico de tratamento informático do corpus textual revelou-se um importante instrumento para o estudo científico dos textos literários, já que os resultados obtidos pela análise lexical foram de fundamental importância, conduzindo a pesquisa de maneira muito pertinente.

Desta forma, foi possível realizar uma análise literária objetiva e descritiva dos contos selecionados, partindo dos dados textuais e seguindo o processo de raciocínio indutivo, até chegar ao núcleo do conto, onde se encontra o discurso.

Enfocamos o vocabulário preferencial do autor e utilizamos diferentes técnicas, reagrupando os vocábulos em campos semânticos e gramaticais, observando, por um lado, a escolha dos elementos pelo autor e, por outro, a adequação do método utilizado.

De acordo com nosso estudo, há, nos contos, tipos, pessoas e esboços: revestidas por uma linguagem refinada, temperadas com doses de humor e pessimismo, suficientes para que se crie um mundo paradoxal, que põe a baixo sistemas e doutrinas, revelam-se, nas personagens, dois lados da natureza humana: o lapidado, moralmente aceito, e o animalesco ou instintivo. Sobre a questão dos tipos criados por Machado, Antônio Cândido aconselha:

Não procuremos em sua obra uma coleção de apólogos nem uma galeria de tipos singulares. Procuremos, sobretudo, as situações ficcionais que ele inventou. Tanto aquelas onde os destinos e os acontecimentos se organizam segundo uma espécie de encantamento gratuito, quanto as outras, ricas de significado em sua aparente simplicidade, manifestando,

com uma enganadora neutralidade de tom, os conflitos essenciais do homem consigo mesmo, com os outros homens, com as classes e os grupos. A visão resultante é poderosa... (id.,ib., p.39)

Não se trata, portanto, de uma simples galeria de tipos, mas de personagens em situação.

Como observou Bosi, Machado construiu livremente ora rasgos individuais, ora tipos, ora pessoas. Essa riqueza e variedade do seu realismo, já comparado às conquistas de Proust e de Pirandello, lhe era facultada pela sua capacidade dialética de negar a negação, tomada no sentido que lhe deu Hegel, e que abre e areja por dentro as certezas compactas do determinismo sociológico. (BOSI, 1999, p. 159)

Segundo Bosi, os rasgos individuais aparecem em gestos isolados, em impulsos que não se prendem a determinações fixas. O tipo, com seus caracteres específicos, definidos, possui maior estabilidade e solidez, em troca da ordenação e submissão. A pessoa é a negação dialética do tipo, uma vez que é capaz de refletir, é mais livre e autoconsciente que o tipo e, também, capaz de exercer sua vontade, ainda que não no plano ideal, mas sob efeito das pressões sociais. Há, em Machado, portanto, "mais do que simples inventário: há invenção" (id., ib., p. 160). A ficção machadiana não deve, portanto, ser vista como uma mera coleção de tipos, embora eles estejam também nela presentes.

A explicação de Bosi (id., ib., p. 110), que liga o tom pessimista machadiano ao materialismo clássico, identificando, na composição das personagens – principalmente nos textos a partir de *Papéis Avulsos* –, a passagem da moral dos sentimentos à moral realista e utilitária, parece-nos bem pertinente.

Como vimos durante a análise das oito variáveis do corpus, a "inventividade do romancista permitiu-lhe seguir, graças à mobilidade de seu olhar, os movimentos das pessoas, os cálculos, a luta pela manutenção do status social, bem como os momentos de autoconsciência e de dignidade" (id., ib., p. 160).

Sucessivas gerações de críticos e leitores foram encontrando, pois, diferentes níveis nos textos de Machado. Embora não seja possível, neste momento, aprofundarmos a discussão dos pressupostos, as reflexões sobre pontos polêmicos e cruciais da visão crítica sobre a produção literária de Machado de Assis auxiliam-nos a transpor, com maior facilidade, a ponte que leva ao entendimento dos textos por meio de nossa abordagem de análise lexical, textual e discursiva.

Uma vez que a compreensão desse modo peculiar de compor as personagens e articular as temáticas não pode ser abarcada por um estudo meramente classificador, já que *indivíduo*, *tipo* e *pessoa* configuram, nos textos, uma rede dinâmica de possibilidades, elaboramos uma rede de inter-relações temáticas das variáveis, que não tem a intenção de operar uma classificação, mas de elucidar as articulações temáticas fundamentais na construção das personagens (ora pessoas, ora tipos, ora indivíduos) de nosso corpus.

Retomamos, a partir dessa imagem e da observação das inter-relações entre os textos, a reflexão sobre os principais traços temáticos e discursivos nos textos analisados.

O discurso machadiano nos contos, ao problematizar as relações amorosas, desmistifica o amor romântico e, ao mostrar os desequilíbrios nas famílias, desmistifica a instituição familiar. Os laços mais fortes que unem as personagens não são os de amor ou afeto, mas os de interesse, de motivações egoístas, de simples atração ou de status social – onde está o amor materno, em *D. Benedita*? O texto mostra muito mais o interesse ou preocupação da mãe em casar bem a filha.

Em várias narrativas, o amor romântico é desconstruído – principalmente através da infidelidade –, apontando para a fragilidade dos relacionamentos conjugais. As figuras femininas vêm carregadas de ambiguidade, volubilidade, dissimulação, veleidade, contrariando os pressupostos de entrega total. A mulher que seduz é como a serpente que envolve a presa, ainda que vá chegando de mansinho, como *D. Conceição*.

As tintas são fortes e as pinceladas precisas: as escolhas lexicais revelam que não há, nos textos, sistema perfeito, doutrina perfeita, natureza perfeita, ser humano que escape à sua condição de incompletude. A volubilidade é constituinte das personagens e também se manifesta no nível de construção do narrador.

O casamento não representa uma fonte de felicidade; ele é apenas uma condição social.

O olhar agudo lança uma flechada certa no modelo patriarcal, que não tem, nos textos, valor eufórico ou positivo. Assim, a presença masculina não é marcante como a feminina; pelo contrário, ela ou é fraca, ou ausente. As características que mais se sobressaem, na construção das personagens masculinas, são a ausência, a submissão e a infidelidade: o desembargador Proença, marido de *D. Benedita*, e Meneses, o de *D. Conceição*, são ausentes e infiéis; Galvão mantém um caso extraconjugal

com a amiga da esposa, Andrade é casado e se envolve com uma prostituta, João Carneiro é submisso à sua amante. Eles não têm, ainda, muitos atrativos: Borges é grosseiro e repugnante; Conrado é fraco.

Assim sendo, as esposas se sentem atraídas por outros, ainda que estes nem sejam homens-feitos, como é o caso de D. Severina e D. Conceição. Mesmo quando a sedução não se concretiza, a autoestima feminina é, através do novo envolvimento, recuperada: a personagem volta a si e veste novamente a máscara social. D. Paula nos mostra como é importante mantê-la: não se pode fugir às regras impostas pela sociedade – o padrão de bons costumes não precisa, no entanto, ser estritamente seguido, basta ser incorporado ou representado. A sociedade não passa, portanto, de um grande teatro; a cena social é o palco ou cenário onde atuam as figuras.

Assim, a representação importa mais do que o fato, e as imagens contam mais que a essência: a observação desse mundo paradoxal deve ser, portanto, relativizada. O homem é, muitas vezes, transformado em objeto do homem, e o egoísmo se revela no altruísmo, como vimos em O caso da vara. Nesse conto, é marcante a lei de que, no embate entre os mais fortes e os mais fracos, vencem sempre os primeiros. O nível social reflete, assim, a própria lei da natureza: *instintiva, dura e implacável*.

O problema da identidade ou da relatividade do ser é revelado em O espelho. Nele, o molde ou padrão do comportamento socialmente estabelecido é desmistificado, as doutrinas e modelos caem por terra, uma vez que restringem o espaço da liberdade humana. A força externa como dominadora do comportamento individual, ou o que Machado ironicamente chama de “teoria das duas almas”, é largamente criticada no conto – a história do alferes resgata a ideia da importância do autoconhecimento e da autoconsciência do indivíduo.

Em diversos momentos de sua produção contística, o autor utiliza-se da técnica do desmascaramento, revelando a outra face, a *segunda natureza* de suas personagens. A sensação pessimista ou o desapontamento do leitor provêm justamente da constatação de que tudo aquilo que fora inicialmente apresentado, na narrativa, como bom, belo e verdadeiro, é, na verdade, cheio de imperfeições. A partir dessa constatação, ficam mais nítidas, também, as causas que levaram à cristalização do humorismo e do pessimismo na visão crítica.

Tocamos, então, na questão da *perenidade* da produção machadiana – força suprema dos traços que atravessam, rasgam os séculos, para se fixarem no presente.

Os textos pertencem a obras publicadas num período de cerca de dezesete anos (de 1882 a 1899). Vimos que essa distância temporal ou cronológica em nada afeta o grau de aproximação entre os textos – como comprovado pela aplicação do teste de correlação – nem a força expressiva dos itens preferenciais, que denotam escolhas privilegiadas para a composição dos textos. Além da ligação ou proximidade existente entre os contos, percebemos que eles não se tornam obsoletos, que não envelhecem com o passar do tempo: continuam a nos incomodar em nossa aparente modernidade.

A obra de Machado tem, de fato, caráter inesgotável. A natureza polisêmica acentuada deve-se, principalmente, ao espaço de estabelecimento de sentidos, de significados, que cada texto oferece. Suas temáticas falam diretamente ao homem, tratam de questões que tocam precisamente aspectos da natureza humana e que são, portanto, atemporais e universais. Em suas particularidades, os textos formam um conjunto homogêneo, em que os elementos lexicais da narrativa são brilhantemente dispostos – toda a “orquestra” toca em perfeita harmonia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABREU, Modesto de. *Biógrafos e Críticos de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Academia Carioca de Letras, 1939.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Intr. e notas John Gledson. São Paulo: Hucitec, 1996.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. 9. reimpr. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARROS, Diana L. P. *Teoria Semiótica do Texto*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1997.

BARTHESS, Roland. *O grau zero da escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BOSI, Alfredo (et al.). *Machado de Assis*. São Paulo: Ática, 1982.

BOSI, Alfredo. *Machado de Assis – O enigma do olhar*. São Paulo: Ática, 1999.

BRAGAZZA, Daniela. *Análise textual e discursiva dos contos de Machado de Assis*. Toulouse, 1996. 273 f. Maîtrise – Université de Toulouse le Mirail.

CAMLONG, André; CAMLONG, Claudie. *Les dieux sont morts*. Réflexions sur la génétique du discours. Paris/Toulouse: C.R.I.C et OPHRYS, 1995.

CAMLONG, André. *Esthétique et éthique dans les contes de Machado de Assis*. In: Arquivos do Centro Cultural Português, vol. XXVI. Lisboa/Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1989, p. 681-726.

CAMLONG, André. *Méthode d'analyse lexicale, textuelle et discursive*. Paris: C.R.I.C & OPHRYS, 1996.

CAMLONG, André. *O discurso das figuras e o discurso literário*. Coimbra: Associação Internacional de Lusitanistas e Poitiers, 1998.

CAMLONG, André; BELTRAN, Thierry. *Stablex. Manuel d'utilisation*. Toulouse: API, 1991.

CÂNDIDO, Antônio. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1968. col. Debates 1.

CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

ECO, Umberto. *Interpretação e Superinterpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FAORO, Raymundo. *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FERREIRA, João Martins. *A informática na análise do discurso. França-Flash Tecnologia de Ponta*, São Paulo: CENDOTEC, 1997.

GLEDSON, John. *Machado de Assis: impostura e realismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

MEYER, Augusto. *De Machadinho a Brás Cubas*. *Revista do Livro*. Edição Comemorativa do Cinquentenário da Morte de Machado de Assis, Rio de Janeiro: ano III, p. 9-18, 1958.

MOURÃO, Ronaldo Rogério de Freitas. *O livro de ouro do universo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

ORLANDI, E. P. *A linguagem e seu funcionamento*. As formas de discurso. 4. ed. Campinas: Pontes, 2001.

ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2002.

ORLANDI, E. P. *As formas do silêncio*. No movimento dos sentidos. 5. ed. Campinas: Ed. UNICAMP, 2002.

SCHWARZ, Roberto. *Dois meninas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1998.

SECCHIN, Antonio Carlos (Org.) et al. *Machado de Assis: uma revisão*. Rio de Janeiro: Infolio, 1998.

SODRÉ, Nelson Werneck. *Posição de Machado de Assis*. *Revista do Livro*. Edição Comemorativa do Cinquentenário da Morte de Machado de Assis, Rio de Janeiro: ano III, p. 95-99, 1958.

ZAPPAROLI, Zilda M. *Considerações sobre a utilização de novas tecnologias na análise do léxico do português falado culto de São Paulo*. In: PRETTI, Dino (Org.). *O discurso oral culto*. São Paulo: Humanitas/FFLCH-USP, 1997.

ZAPPAROLI, Zilda M. In: NUNES, J.H. e PETTER, M. *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP/Pontes, 2002.

ZAPPAROLI, Zilda; CAMLONG, André. M. *Do léxico ao Discurso pela Informática*. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2002.

18. EDSON LUIZ OLIVEIRA, FFLCH - Universidade de São Paulo



EDSON LUIZ OLIVEIRA: nasci em São Paulo, a maior cidade lusófona do mundo, sou apaixonado pelas literaturas de língua portuguesa. Para falar somente das atividades desenvolvidas no terceiro milênio, no ano 2000, desloquei-me para o estado de Mato Grosso, como Co-orientador do Mestrado Interinstitucional em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa – num convênio efetivado entre a Universidade de São Paulo e a Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus de Cáceres, às margens do rio Paraguai. Esse programa resultou na qualificação de 13 mestres na área de Letras.

Em seguida fui chamado para ministrar cursos de pós-graduação na área de Literatura Infantojuvenil na cidade de Sinop, norte do estado de Mato Grosso, onde permaneci na categoria de professor convidado, ministrando as disciplinas de Literatura Brasileira e Metodologia Científica.

Em 2005 fui selecionado pelo Ministério da Educação para integrar o grupo de 50 professores enviados ao Timor-Leste, para a implementação do Programa de Qualificação de Docentes e Ensino de Língua Portuguesa.

Em Díli, trabalhei no Ministério de Educação da RDTL e na Universidade

Nacional de Timor-Leste (UNTL), ensinando Português para alunos da Faculdade de Medicina e orientando trabalhos na área de Língua Portuguesa e Culturas Lusófonas.

Infelizmente, os conflitos de 2006 em Timor-Leste motivaram a evacuação do grupo de professores brasileiros para a Austrália, de onde retornei ao Brasil.

Atualmente, desenvolvo pesquisa de pós-doutorado na área das Literaturas Comparadas de Língua Portuguesa, que deverá resultar na publicação do livro “A nascente Literatura de Língua Portuguesa em Timor-Leste”, prevista para o segundo semestre de 2014.

PARTICIPOU EM BRAGANÇA 2005 (4º COLÓQUIO DA LUSOFONIA)

TEMA 2.1. LÍNGUA PORTUGUESA E IDENTIDADE TIMORENSE, EDSON LUIZ OLIVEIRA – UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

[Ver aqui Power Point antes de ler artigo](#)

[Ver filme explicativo do artigo](#)

Os navegantes portugueses chegaram à ilha de Timor no início do século XVI, interessados que estavam no sândalo, árvore que se encontrava em abundância nos bosques daquela ilha da Insulíndia – algo semelhante ao que acontecera no Brasil com o pau-de-tinta. Enquanto os comerciantes portugueses praticavam a exploração daquela madeira exótica, muito valorizada na China, onde era utilizada na confecção de móveis e artefatos de luxo, missionários católicos se estabeleciam no arquipélago, difundindo o cristianismo e ensinando a língua portuguesa. Ao longo do tempo, a exploração sem critérios resultou na quase extinção das árvores de sândalo. Porém, a língua portuguesa e a religião católica permaneceram.

Atualmente, num ambiente de competição linguística, o português tem vantagens a seu favor que não podem ser desprezadas, podendo funcionar como um traço de distinção. Na memória dos fatos da resistência timorense, a língua é sempre lembrada como referência da identidade e traço de diferenciação. Na ocasião da escolha da língua oficial do Estado independente de Timor-Leste, houve um amplo debate sobre qual seria a língua oficial mais indicada para a jovem nação. No entanto, acabou predominando a posição de que o português, juntamente com o tétum, seria a língua que mais poderia contribuir para reforçar a identidade timorense, diferenciando-se de seus vizinhos.

Estamos vivendo momentos importantes para a consolidação da identidade timorense, ao mesmo tempo que Timor-Leste se recupera do choque de modernidade que significou a intervenção da ONU no país durante o período de transição, que resultou numa intensa convivência com a comunidade internacional. Como não poderia deixar de ser, a evolução da consciência nacional timorense deverá resultar, inevitavelmente, na formação de uma literatura diferenciada em língua portuguesa. Evidência disso é o maior de seus poetas: Xanana Gusmão, de nome timorense e sobrenome português.

A TERRA ONDE NASCE O SOL

“Timor Lorosae” é o nome de origem malaia que os timorenses gostam de usar para se referir a seu país, que significa “a terra onde nasce o sol”. Na verdade, esse cognome se refere à parte oriental da ilha, que após tratados de partilha com os holandeses, firmado em 1859, permaneceu como colônia portuguesa até 1975; ficando conhecida internacionalmente como “Timor Português”.

Localizada a mais de 15.000 km da metrópole europeia, a colônia não conseguia se autofinanciar, ficando na dependência de Goa, Macau e mesmo do Brasil, na época do Reino Unido (1815-1822). De tal forma que teve de encontrar formas próprias de sobrevivência.

Devido ao isolamento, Timor Oriental, contrariamente às demais colônias portuguesas, orientou seu comércio mais na direção dos países da região do que para a metrópole. Fato bastante notório, Portugal destinou o essencial das suas energias para suas colônias africanas, especialmente Angola e Moçambique. O nível de vida do Timor português permaneceu muito baixo (US\$ 40 de renda per capita, em 1975, dados da ONU), não diferindo, contudo, do encontrado na parte ocidental (holandesa/indonésia) da ilha. (Waldman, 1997:39)

Não podemos deixar de comparar o método de colonização utilizado pelo portugueses com aquele dos holandeses vigente do outro lado da ilha de Timor, aliás uma temática que, vez por outra, também surge na historiografia brasileira, quando se fala da ocupação holandesa no nordeste brasileiro. Geoffrey Hull faz essa análise comparativa. “Essa comparação é feita e analisada, contextualizando as influências holandesa e portuguesa em suas respectivas colônias, à época, quanto à imposição cultural, linguística e religiosa” (Barbosa, 2013:31).

No estudo da história mundial são bem conhecidas as diferenças entre os modelos de colonialismo holandês e português. O que qualquer pessoa pode observar é que o colonialismo português e holandês produziram tendências opostas nas terras colonizadas. Sem querer simplificar este tema tão complexo, é possível afirmar que os holandeses estavam pouco interessados (pelo menos ao nível político) em se misturar com os povos indígenas. Os holandeses tinham pouca motivação para impor a religião calvinista aos seus súditos. Não fazia parte dos seus projetos obrigar os indígenas a aprender o idioma holandês (na sua vasta colônia os holandeses aprenderam eles mesmos o malaio, e encorajaram o seu uso em todos os sectores). (Hull, 2001:35-36 – in: Barbosa, 2013:31)

O DESPERTAR DA IDENTIDADE

O despertar da identidade timorense é de grande antiguidade. Inicialmente, na luta contra os concorrentes holandeses, um grupo de mestiços trazidos das ilhas de Flores e Solor estava do lado dos portugueses. Eram chamados topasses, filhos dos contatos interétnicos entre portugueses, nativos e escravos vindos de outras possessões portuguesas. Em 1663, com a morte do comandante português, um capitão topasse assume o comando. E assim, esses mestiços, também chamados pelos holandeses de "portugueses pretos" vão se consolidando como um verdadeiro poder local, chegando a expulsar o governador português em 1705 e confrontar os holandeses em 1749, sendo, porém derrotados por estes em Kupang.

Com a mudança da capital de Lifau para Díli em 1769, o Timor Português adquire configurações muito próximas do que é hoje a extensão territorial de Timor-Leste. Aos poucos, as guerras entre os reinos são controladas pela administração portuguesa e a Igreja Católica aumenta sua influência através do implemento da educação, formando uma elite local de falantes do português, constituída principalmente por filhos de autoridades locais (liurais). Assim, decorreram longos anos de convivência administrativa e comercial com os portugueses, durante os quais elementos culturais e religiosos marcaram profundamente o comportamento dos povos que habitavam a parte leste da ilha. Do Brasil, sede do Império entre 1808 e 1822, é trazida a cultura do café que passa a ser o produto número um de exploração comercial de Timor a partir de então.

PROVÍNCIA DE ULTRAMAR

O Estado Novo Português, lançado no entre-guerra, desenvolveria uma política totalitária e colonialista. "O fascismo português, ou salazarismo, iniciou-se em 1932 com a ditadura do ministro das Finanças, António de Oliveira Salazar. O regime caracterizava-se por um conservadorismo de matiz católica, pela feroz repressão aos trabalhadores e às organizações populares e pela determinação em ver nas 'colônias de Ultramar' o cenário privilegiado de um 'papel civilizador' do qual o regime estaria incumbido pela história" (Waldman, 1997:65). Portanto: "Até à mudança de governo em Lisboa, em abril de 1974, Portugal considerava Timor Leste, onde tinha começado a estabelecer a sua administração colonial há mais de quatro séculos, como sua 'província ultramarina'. A Assembleia das Nações Unidas rejeitou essa posição, declarando, em 1960, que os territórios sob administração portuguesa eram territórios sem governo autónomo, de acordo com o teor do Capítulo XI da Carta das Nações Unidas" (Martin, 2001:37).

Tendo como ideia principal que Portugal seria um território "pluri-continental e multicultural", reforçando, assim, seu caráter expansionista. "A publicação do Ato Colonial, em 1930, na altura em que Salazar assumia a pasta do Ministério das Colônias, reforçava as pretensões da política colonial do Estado Novo, afirmando-se, assim, a 'missão histórica' portuguesa no ultramar. As colônias serviam tanto para escoar os produtos da metrópole quanto para fornecer matérias-primas baratas como meio de propaganda, a fim de provar a grandeza do país, daí o grande interesse económico e político por parte da metrópole" (Costa, 2012:73).

O termo "colônias" não era novo em Portugal, sendo usado desde o século XVI, ou até antes disso. Mais tarde, em 1633, passou-se a usar o termo "províncias de ultramar" juntamente com o termo "colônias". Em 1926, os territórios de além-mar passaram a ser reconhecidos apenas como "colônias". Entretanto, em 1951, Salazar passou a usar, oficialmente, a designação de "províncias de ultramar". Essa mudança não foi à toa: como vinha sofrendo duras críticas por parte dos outros países, ao chamar as "colônias" de "províncias" do ultramar, defendia-se com a ideia de que as antigas colônias eram parte integrante de Portugal. (Secco, 2004)

OCUPAÇÃO JAPONESA

Em fevereiro de 1942, tropas japonesas invadiram a ilha, iniciando uma ocupação que duraria três anos e foi um dos períodos mais sangrentos da história de Timor – sendo que, parte da população resistia à ocupação estrangeira, enquanto o Japão prometia a independência do país. “Cerca de 40 mil timorenses morreram durante a Segunda Guerra Mundial apoiando os comandos australianos que combatiam os japoneses” (Chomsky, in: Waldman, 1997:15).

O trágico desfecho da Segunda Guerra Mundial, que resultou na rendição incondicional do Japão, teve como consequências a devolução do território timorense para Portugal; que, no entanto, continuará demonstrando pouco empenho na administração da província de ultramar. Esquecida pelos portugueses, Díli, a capital, apenas nos anos 1960 começou a dispor de luz elétrica, enquanto as zonas rurais do resto do país permaneciam isoladas.

Quanto à vizinha do sul, a gigantesca Austrália, esta somente “começou a dar atenção a Timor quando, em 1947, recebeu relatórios referentes à existência de grande quantidade de jazidas de petróleo no mar. O governo australiano imediatamente tentou entrar em negociação com o governo português a fim de definir a fronteira marítima, com o argumento de que o local onde se encontravam as jazidas estava numa zona que fazia parte da plataforma continental e por isso pertencia à Austrália. Portugal não aceitou os termos de negociação e entregou a exploração do petróleo a empresas privadas” (Costa, 2012:26). Anos mais tarde, em 1978, motivada por razões pragmáticas, a Austrália se tornaria o primeiro país a reconhecer, de jure, a integração de Timor-Leste como parte da Indonésia, mesmo contrariando as resoluções das Nações Unidas e da maior parte da sociedade internacional.

A REVOLUÇÃO DOS CRAVOS

Timor seguia em seu sossegado ostracismo, quando, “em abril de 1974, eclodiu a ‘Revolução dos Cravos’, pondo fim a 42 anos de fascismo.

Sem dúvida alguma, a reconquista das liberdades democráticas em Portugal teve na luta dos povos das colônias sua mais relevante contribuição. É também a partir da guerra anticolonial que podemos entender questões como a solidariedade dos países africanos a Timor” (Waldman, 1997:66).

A “*Revolução dos Cravos*” em Portugal abriu uma nova era para as colônias portuguesas. Portugal reconhecia agora as obrigações definidas no Capítulo XI e, em julho de 1974, foi aprovada uma lei

revogando a definição anterior de “província ultramarina” e aceitando o direito das colônias à autodeterminação, incluindo a independência. Em julho de 1975 foi aprovada uma lei que providenciava a constituição de um governo de transição em Timor Leste, para preparar a eleição de uma assembleia popular em 1976. Previa o término da soberania portuguesa em outubro de 1978 (Martin, 2001:38).

Foi também durante os anos 1970, que nasceram os primeiros partidos políticos em Timor. Antes disso, os nacionalistas timorenses tiveram que superar o isolamento e a repressão da ditadura salazarista; à medida que tomavam conhecimento das lutas empreendidas pelos movimentos de libertação nas colônias portuguesas da África. “Estudantes timorenses travaram, em Lisboa, contatos com o Partido Africano para a Independência da Guiné e Ilhas de Cabo Verde (PAIGC), com o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) e com a Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo).

Os timorenses assimilaram as experiências destas organizações, procurando adaptá-las à sua realidade” (Waldman, 1997:46).

Infelizmente, esse despertar político durou muito pouco, pois a Indonésia invadiu o país que dava os primeiros passos rumo à independência, em 1975.

LÍNGUA PORTUGUESA E RESISTÊNCIA

Com suas 16 línguas nativas – entre as quais, o português seria apenas mais um dos muitos idiomas estrangeiros que disputam espaço no ínfimo território timorense. Mas a verdade é que a língua portuguesa tem um caráter muito especial para os timorenses. É em português, ou em tétum, a língua franca nacional, que o “poeta-guerrilheiro” Xanana Gusmão se comunicava com seu povo nos dias heroicos da Resistência Timorense. Embora ele também fale muito bem outros idiomas e tenha se casado com uma mulher australiana. A Santa Missa, ritual importante na vida dos timorenses, também é comumente rezada em tétum ou em português. Os documentos da Resistência Timorense, igualmente, foram escritos em sua maioria em língua portuguesa, que aliás é a língua utilizada regularmente no Parlamento Nacional da RDTL nos dias atuais.

Por outro lado, os timorenses possuem formas de expressão próprias muito antigas, transmitidas oralmente nas diversas línguas faladas no território. O tétum, considerado há muito tempo a “língua franca” de Timor, é

também, a que possui mais textos escritos pelos timorenses, depois do português e do inglês. O fato da cultura timorense ser fundamentada na tradição oral não poderá nunca ser desprezado. Pois, não é raro no Timor um acontecimento ter mais do que uma versão: a história oficial e outras tantas histórias que se contam nos cafés de Díli, nas reuniões de amigos, nas Knuas.⁶⁹

Hoje, apesar de sua superfície terrestre de apenas 19.000 km², a meia ilha de Timor-Leste é uma amálgama de culturas que somente agora, no período pós-independência, começa a compreender o que significa ser uma nação. Um grande desafio para um país tão pequeno; pois:

Uma cultura nacional nunca foi um simples ponto de lealdade, união e identificação simbólica entre compatriotas. Ela é também uma estrutura de poder cultural, que, por meio de 'dispositivos discursivos', procura suprimir toda diferença cultural como meio para impor uma hegemonia cultural mais unificada. As diferenças culturais têm que ser esquecidas para forjar essa identidade nacional mais homogênea, ou seja, os diferentes grupos étnicos, culturais e classes sociais que dividem internamente a nação. Neste sentido, os silêncios das narrativas identitárias nacionais justificam-se na necessidade de uniformizar, manter a unidade do tecido social. Distante das divisões e contradições internas, a nação pode impor-se como comunidade de lealdades. Para tal, as diferenças e divisões internas são representadas como se fossem unificadas pelo poder cultural, ou seja, representa-se como sendo constituídas por um povo único, com língua, religião, passado, costumes e tradições comuns. (Hall, 2001:59-60)70

Desde o início do período de reconstrução nacional, vem sendo desenvolvida uma política linguística muito interessante de revitalização gradativa do português como língua de instrução nas escolas de Timor-Leste. Porém, a implementação dessa nova política linguística representa um grande desafio para o país – por uma série de razões: na maioria das vezes, somente aqueles professores que concluíram a educação secundária antes de 1975 falam razoavelmente o português. Os demais, compondo a vasta maioria de professores, foram educados em língua indonésia. Assim, os alunos que estudam com professores os quais não possuem, eles próprios, proficiência em português, estão menos aptos a atingir o domínio da

língua portuguesa, como se esta fosse uma língua estrangeira. Afinal, o português é apenas a terceira ou quarta língua para muitos estudantes timorenses. Também, aquelas crianças que a língua materna não é o tétum terão que aprendê-la primeiro. Embora sendo a língua materna de apenas 16% da população, o tétum se tornou a língua franca para muitos outros, com a vantagem de não apresentar grande dificuldade de aquisição.

Interessa-nos discutir essas questões de identidade, na medida em que nos ajuda a compreender o que está ocorrendo hoje em Timor-Leste. Depois da independência, muitos timorenses que viviam no exílio retornaram para casa, trazendo cada qual uma bagagem cultural diferente, a qual vão agora compartilhar com os outros timorenses que ficaram no país, como comenta a jornalista e escritora Ângela Carrascalão:

Entre os que vieram da Austrália, os de Portugal, os de outros países de língua portuguesa e os de dentro a que se acrescentam os timorenses que estudaram e viveram na Indonésia, cada grupo interiorizando os hábitos do respectivo país de acolhimento. De entre os cambiantes, talvez seja de realçar a propensão para o uso da língua com a qual cada grupo melhor se identifica. Por isso se explica que Timor-Leste seja uma autêntica babel a que não escapam as instituições públicas e os próprios ministérios, com a elaboração e difusão de documentos oficiais conforme a língua da preferência dos que têm poder decisório ou dos que intervêm na elaboração dos documentos, a maior parte das vezes ignorando-se as duas línguas oficiais, de entre as quais uma, o tétum, é também língua nacional. (Carrascalão - Blog 07/12/2006, Permalink).

RELIGIÃO CATÓLICA E LÍNGUA PORTUGUESA

Como vimos, "A evangelização, iniciada no século XVI, foi o primeiro 'marco civilizatório' da colonização. Sob proteção da coroa portuguesa, frades dominicanos estabeleceram a primeira colônia europeia permanente em Timor" (Waldman, 1997:43). A assimilação dos costumes portugueses foi lenta e nunca foi uniforme em todo o território. "Não se sabe exatamente de quando data o costume dos régulos que se convertiam ao catolicismo se declararem vassallos d'El-Rei de Portugal; mas, seja

69 Knuas, unidade populacional que nas montanhas do Timor-Leste corresponde a uma aldeia.

70 Citado por Jérri Roberto Marín, in: Abdala Jr./Scarpelli, Marli (orgs.) Portos Flutuantes, trânsitos ibero-afro-americanos. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004, p. 335.

como for, é claro que antes do terceiro quartel do século XVII tal vassalagem, a existir, era sobretudo simbólica e honorífica, pois continuava a não haver qualquer autoridade portuguesa permanente em Timor" (Matos, 2006:5 – citado por Barbosa, 2013:29). A partir daí, desenvolveu-se uma forma de cristianismo muito própria de Timor; uma vez que como atesta Geoffrey Hull tal conversão não teria sido forçada e dava margem a um peculiar sincretismo religioso.

Os portugueses chegaram à ilha de Timor com a finalidade – embora não totalmente realizada durante o período colonial – de converter toda a população ao catolicismo. Embora seja de notar que a conversão não foi forçada (como havia sido em Goa e Malaca), a maioria dos régulos timorenses aceitou o batismo, recebendo nomes portugueses e títulos aristocráticos. Em muitos reinos a bandeira portuguesa tornou-se um lúlic (objeto sagrado), guardando e adorado em casas sagradas. (Hull, 2001:36 – citado por Barbosa, 2013:32)

Já no final do século XX, no período da ocupação indonésia, conforme os conflitos se acirravam, e a causa timorense parecia definitivamente perdida, "a grande maioria dos timorenses voltou-se para o catolicismo como forma de preservar sua identidade, numa clara recusa dos valores do novo colonizador. Como afirmou o bispo de Díli, d. Ximenes Belo, ao jornal *O Clarim*, de Macau (edição de 13/08/83), "trata-se de uma resolução generalizada de um povo que procura em nós a defesa de sua identidade" (Waldman, 1997:36). Houve momentos de grande politização da religião.

Colocada em uma situação de confronto direto com o Vaticano e também com os católicos indonésios – em larga medida favoráveis à tese da integração – a Igreja timorense sustenta divergências com setores ditos "laicos" da resistência, para os quais a Igreja se mostraria demasiado compassiva e aquiescente. Contudo, em nenhum momento tais divergências afetam a compreensão de que a Igreja mantém um compromisso explícito na defesa dos direitos do povo maubere. Isto porque, para o povo maubere, independentemente de posicionamento do papa ou da postura da Igreja local, o catolicismo é em si mesmo um símbolo por excelência de sua identidade. (Waldman, 1997:88-89)

Na esteira da ocupação indonésia, o espaço conquistado pelo catolicismo se amplia. Com a necessidade de se diferenciar culturalmente

do invasor, de maioria muçulmana, os timorenses se apegam ao catolicismo. Tanto que, Timor-Leste é hoje, juntamente com as Filipinas, as duas únicas nações asiáticas de maioria cristã. Além da língua portuguesa é a religião católica o que mais diferencia o timorense de seus vizinhos. Assim, mesmo aqueles que não falavam português recorriam aos padres e às mães na hora de desespero. As missas, por sua vez, eram comumente rezadas em tétum, língua amplamente difundida entre a população mais humildes.

António Duarte de Almeida e Carmo questiona: "Estarão os timorenses, de fato, convertidos à fé católica, ou o surto de batismos não significará mais do que a forma encontrada para escapar ao genocídio, refugiando-se à sombra protetora da Igreja que sempre os acolheu de braços abertos?" E ele mesmo responde:

Para responder corretamente a esta questão fundamental, há que saber distinguir conversão de catequização, que são estádios diferentes no itinerário da fé. O convertido é aquele que aceita o essencial da mensagem, aquilo a que se chama o "fundamental cristão" e se dispõe a viver em conformidade com as suas exigências, jogando nisso todo o seu ser — o que pode ir até ao sacrifício da própria vida. A este fundamental cristão a Igreja primitiva chamava o kerigma, que corresponde ao cerne do que mais tarde veio a ser fixado e desenvolvido no Credo. Por seu lado, a catequese (Didaké) desenvolve as implicações do fundamental cristão, procurando esclarecer as verdades da fé, doutrinando os já convertidos. [...] Ao ver como os timorenses reagiram perante as atrocidades da guerrilha após o referendo, sem ódio nem vingança, ao testemunhar como rezavam nas montanhas onde se haviam refugiado com os filhos mas também com as imagens que puderam salvar, não restam dúvidas de que estamos perante um povo convertido, embora ainda com grandes necessidades a nível de catequese. É nesse sentido que se pode dizer que Timor é ainda paradoxalmente "terra de missão", embora já com amplas provas dadas em termos de fidelidade à sua fé cristã. (Carmo, 2002)

No período pós-conflito, quando se tenta estabelecer uma política visando um Estado laico, a questão religiosa mais uma vez se politiza conforme nos conta Pazeto, Senior Advisor da ONU para Planejamento da Educação no Ministério da Educação de Timor-Leste (2011:262):

Com a restauração da Independência e a criação do novo País, a tradição da Igreja Católica, ao longo dos quase cinco séculos naquele país, teve que se adequar ao advento da Constituição no novo Estado [...] O Plano de Implementação do Currículo para a Educação Primária, aprovado em outubro de 2004 pelo Conselho de Ministros (25/02/05), que vem sendo experimentado desde janeiro de 2005, em 32 escolas do 13 Distritos, ao referir-se à educação religiosa no currículo da educação primária, assim se expressa: “o ensino da Religião é estipulado individualmente por cada escola, sem prejuízo do horário das disciplinas obrigatórias. Como disciplina facultativa, a Religião não conta na avaliação, nem é condição para aprovação ou passagem de ano” (Pazeto 2011:262).

Entretanto, naquele mesmo ano de implementação dessa nova política de ensino laicizante, uma significativa parte da comunidade religiosa timorense não se conformou com as diretivas propostas e deu início a uma série de manifestações em que reivindicavam a anulação das medidas.

Foram protagonistas desse movimento, em março de 2005, os Bispos Católicos, dirigentes de Instituições Religiosas, de escolas e lideranças comunitárias e de algumas lideranças políticas, que se notabilizaram por organizar e concentrar em torno de 5.000 pessoas vindas de todas as comunidades e regiões do país, por mais de 20 dias seguidos, em frente ao Palácio do Governo, com manifestações de protesto contra as medidas que vinham sendo implementadas. (Pazeto, 2011:263)

Esses acontecimentos evidenciam o quanto a religião católica é uma questão sensível na comunidade timorense, constituindo-se como fator identitário de grande apelo popular. Como bem demonstra a forma sui generis que assumiu essas manifestações: “Diariamente, às 4:00 horas da manhã tinha início a concentração em frente ao Palácio do Governo, cujo término após às 22:00 horas. Ao longo desse período, a programação era preenchida por orações, cânticos religiosos, relatos, pronunciamentos e manifestações públicas, denunciando a intervenção do Estado na educação escolar” (Pazeto, 2011:263-264).

Nesse contexto, algumas questões ainda permanecem em aberto: a disseminação do catolicismo durante o período dos conflitos fazia parte da resistência ao invasor – será que agora com a volta à normalidade os timorenses continuarão fiéis ao credo católico? – Além disso, em Timor-Leste, como na África de língua portuguesa, as igrejas evangélicas, especialmente as de origem brasileira, também estão em franca expansão. Como irão reagir os timorenses frente a essa nova realidade?

O ARQUIVO DA RESISTÊNCIA E A IDENTIDADE NACIONAL

José Mattoso, intelectual de origem portuguesa, radicado no Timor-Leste, é o grande ideólogo da identidade timorense. Por isso não poderíamos deixar de ouvi-lo. Como pensador do momento pós-colonial, ele tem plena consciência das limitações impostas pela herança colonial:

Um dos maiores problemas culturais dos países de origem colonial é, como se sabe, o questionamento da sua identidade. Com efeito, a maioria deles retomou as fronteiras traçadas pelos países colonizadores. Estas, por sua vez, nem sempre correspondiam a fronteiras étnicas; resultavam de acordos e compromissos políticos definidos pelos interesses europeus. Mas a marca dos colonizadores, concretizada sobretudo na língua e nos hábitos administrativos, permaneceu, e a maioria das fronteiras coloniais perpetuou-se, mesmo quando eram arbitrárias. Daí resultaram frequentes conflitos étnicos que ainda hoje ensanguentam vários países africanos e asiáticos. Muitos têm de se sujeitar à dolorosa prova que consiste em resolver pela força as contradições que opõem entre si as componentes étnicas do território, apoiadas em recursos econômicos ou militares desiguais, sustentadas ou não por forças imperialistas de outros países que procuram explorar conflitos internos em função dos seus próprios interesses. (Mattoso, 2012)

Mattoso focaliza em *O Arquivo da Resistência e a Identidade Nacional*⁷¹ o caso específico de Timor-Leste, que não foge desse parâmetro:

Timor não escapa a esta problemática. Tem um traçado fronteiro imposto pelo arbítrio das vicissitudes coloniais, sofreu as violências da guerra civil e os horrores de uma longa dominação estrangeira, o seu governo não parece ser capaz de vencer a oposição

71 *Timor-Leste (Memória)*, disponível em: <http://amrtimor.org/drt/index.php> em: 22/10/12.

ou a resistência passiva à língua e à estrutura administrativa que escolheu. Depois de ter ultrapassado de uma forma quase milagrosa a prova da dominação estrangeira, tem agora de demonstrar que a sua consciência de identidade é suficientemente forte para resolver os conflitos internos, de base étnica e de base política, e para sustentar uma cultura própria face às culturas hegemónicas que o rodeiam, nomeadamente a indonésia e a australiana. (Mattoso, 2012)

A VONTADE DE SER INDEPENDENTE

Matoso (2012) também analisa o significado que a luta pela independência teve na formação de uma consciência nacional timorense:

A prova do suporte popular à luta pela independência, está feita de uma maneira exemplar: foi ela que sustentou a luta armada e que deu a uma meia dúzia de guerrilheiros sem armas nem dinheiro a capacidade para enfrentar durante vinte e quatro anos dezenas de milhares de soldados com armamento pesado, treinados pela maior potência militar do mundo. Foi ela que fez do slogan «Pátria ou morte» um princípio tragicamente verdadeiro, dezenas de milhares de vezes demonstrado por outras tantas humilhações, assassínios, torturas, violações. A vontade popular de ser independente é, pois, um facto bem demonstrado, sem que seja preciso perguntar se os seus protagonistas sabiam porquê.

Atualmente, vários idiomas circulam no universo cultural timorense. A professora de língua portuguesa Jerusa Gharcia da Missão Brasileira explica: É bastante comum encontrarmos jovens que falam português conosco, o inglês com seus colegas australianos, o indonésio com seus colegas de escola, o tétum com timorenses comuns e o dialeto particular com seus pais, avós e tios". (Gharcia, 2006, p. 54) O tétum também era utilizado para a comunicação de pessoas de diferentes regiões, porém o seu uso se difundiu durante a invasão indonésia, com o consequente deslocamentos de populações e a adoção deste idioma nos cultos católicos. "A adoção do tétum como língua oficial da Igreja Católica de Timor foi em parte responsável por essa rápida propagação, adoção e efetiva utilização pelos timorenses. Dessa forma, o tétum funciona com língua veicular, como se pôde constatar, por exemplo, nos momentos em que pessoas de procedências diversas conversam informalmente, a língua utilizada é o tétum – daí ser reconhecida como língua de coesão nacional" (Brito,

2010:8 – citada por Barbosa, 2013:36). Com a sua notável lucidez, Mattoso disserta sobre o fenómeno da identidade nacional num contexto multicultural, como é caso do Timor-Leste:

O nascimento de um país novo suscita um problema ao mesmo tempo interessante e difícil, quando se trata de o estudar do ponto de vista da identidade nacional. Pergunta-se, então, se trata de um fenómeno natural ou artificial, isto é, se foi precedido por fenómenos coletivos que obrigam a distinguir o povo do território em causa dos de outros territórios, ou, pelo contrário, se é sobretudo o resultado de um conjunto de atos voluntários decididos por um conjunto minoritário de indivíduos. Todavia, o problema não se pode resolver por meio desta alternativa elementar. Por um lado, é inevitável admitir que o fenómeno da identidade nacional tem sempre de se revelar de forma diferenciada: o fenómeno tem graus, o que quer dizer que não há apenas uma forma de identidade; esta pode ser mais clara ou mais obscura, sem por isso deixar de existir. Por outro lado, a proclamação da independência é ela própria um momento muito importante do processo de conscientização coletiva da identidade, embora não seja suficiente para lhe garantir as forças, nem a sua clareza. Por outras palavras, a relação entre independência e identidade não é uma relação necessária; normalmente uma e outra complementam-se, mas a sua inter-relação não é mecânica. (Mattoso, 2001:6)

O caso de Timor-Leste é interessante como exemplo de como a cultura e a tradição pode se transformar em arma política: "De um lado, o imperialismo do Estado Indonésio, onde a força externa tem raízes no sofrimento dos muitos povos sob o seu domínio. Do outro, uma pequena Nação que encontra na evocação clandestina do seu passado comum com os valores da cultura portuguesa um alimento para a autoafirmação da sua identidade" (Viriato Soromenho Marques, in: Gusmão, 1994:XI). Nas palavras do político português Mário Soares (in: Gusmão, 1994:XIV), na apresentação do livro de Xanana Gusmão, *Timor Leste, um povo uma pátria*:

Os indonésios pensaram que a violência sobre a população e o isolamento do pequeno território – bem como o alheamento internacional – forçariam à rendição. Supuseram que o tempo jogava a seu favor. Enganaram-se! Não contaram com a resistência timorense – encarnada por homens da estirpe de Xanana Gusmão – nem com a serena afirmação de identidade linguística e religiosa

de um Povo, que encontrou uma referência irrecusável na serena mas firme fidelidade de um apóstolo da verdade, como Monsenhor Ximenes Belo.

Era o futuro da língua portuguesa em Timor-Leste que estava também em jogo quando o às 21 horas do dia 3 de setembro de 1999, sexta-feira, em Nova Iorque, o Secretário-Geral Kofi Annan informou o Conselho de Segurança das Nações Unidas sobre o resultado da Consulta Popular em Timor-Leste:

Assim, a 30 de agosto de 1999, num ato de coragem e determinação, o povo de Timor Leste saiu à rua em grande número para votar na consulta popular, exprimindo a sua vontade sobre o futuro do Território. Os votos expressos foram já contados e Comissão Eleitoral já avaliou todas as reclamações relevantes e validou os resultados do processo de consulta popular. Por isso, no cumprimento da tarefa que me foi confiada pelos Acordos de 5 de maio, cabe-me anunciar que o resultado da votação é de 94.388, ou 21,5 por cento, a favor, e 344.580, ou 78,5 por cento, contra a autonomia especial proposta. (Annan in: Martin, 2001:28)

Uma vez que a autonomia significaria a anexação ao Estado unitário da Indonésia, ainda que com direito à uma suposta autonomia – o que consequentemente significaria o golpe final para a permanência da língua portuguesa no Timor-Leste. Enquanto a independência significava um futuro de autodeterminação não somente territorial, mas sobretudo cultural. Ainda que isso ainda houvesse de custar caro para a população timorense – uma vez que o anúncio do resultado da votação seria “o sinal para que a violência estalasse em todo o Território, fazendo com que centenas de pessoas fossem mortas, edifícios destruídos numa escala sem precedentes e que quase toda a população fosse deslocada” (Martin, 2001:29).

Os sofrimentos foram muitos, mas no final o povo timorense conquistou o que mais desejava – ser independente, restando agora a consolidação dessa independência tão duramente conquistada.

Todavia a independência política, sobretudo de países jovens, não é um fato definitivo. As independências ganham-se e perdem-se. A prova do seu enraizamento é o tempo. Uma independência recente é sempre ameaçada. Mesmo que permaneça como fato político, pode extinguir-se como fato cultural. No mundo de hoje já não há colônias, mas o colonialismo cultural e econômico podem fazer da independência uma farsa. Mas devemos esperar que um

país que lutou com tanto sacrifício e tanta tenacidade pela sua independência, lute agora com a mesma determinação pela consciência cultural da sua identidade.

Dentre as diversas componentes da consciência de identidade, a história coletiva do povo é, sem dúvida, a mais importante. No caso de Timor, é óbvio que a Resistência constitui o fato histórico mais importante da sua curta história. Por outro lado, é também aquele que melhor representa a consciência coletiva. Está na memória de toda a gente, envolveu pessoalmente quase todos os Timorenses, traduz-se em muitos e muitos episódios que demonstram o seu caráter popular. (Mattoso, 2012)

A memória dos povos são tão frágeis quanto a memória individual, por isso é tão importante registrar esses fatos, para que não se percam.

Trata-se, porém, de um fato expresso por uma memória frágil, enquanto não for escrito. Num país com 54 % de habitantes com menos de 15 anos, pode-se esvaír em poucas dezenas de anos. Se os Timorenses querem, de fato, manter a convicção forte de que merecem a independência, têm de escrever tão depressa quanto possível a história da sua luta. E se a não podem escrever toda de uma vez, em poucos anos, têm, pelo menos, de guardar cuidadosamente os seus testemunhos escritos (e também o maior número possível de testemunhos orais, por meio de gravações vídeo e áudio). O Arquivo da Resistência, organizado com as fotografias e documentos escritos e áudio que até hoje foi possível recolher, por iniciativa e sob os auspícios do Presidente Xanana Gusmão tem, é claro, a função de preservar a memória da ação coletiva de que Timor-Leste nasceu como país independente. (Mattoso, 2012)

Nesse sentido, Mattoso cita como exemplar o empreendimento da Fundação Mário Soares que apoia a preservação do Arquivo da Resistência:

Ao colocar consideráveis recursos pessoais e técnicos ao serviço deste empreendimento, a Fundação Mário Soares entende prestar um serviço importante a Timor-Leste. A sua colaboração foi decisiva para recuperar uma documentação muito importante, porque provém do próprio Comando da Luta e se conserva bastante completa, nas suas componentes essenciais, para os anos 1991 a 1999, mas que corria sérios riscos de desaparecer em breve, dadas as condições físicas em que foi guardada. Além disso, a Fundação re-

colheu uma grande quantidade de documentos de várias procedências para poder completar, com documentos dos anos 1975 a 1991, os dados fornecidos pelo arquivo do Comando da Luta. Ao mesmo tempo, a Fundação criou as melhores condições de acesso para que essa documentação possa ser historicamente interpretada da maneira mais prática e mais rápida. Resta apenas o problema de selecionar os documentos que contêm matérias sensíveis e aos quais só pode haver acesso dentro de alguns anos. Como é evidente, este é um problema político cuja resolução cabe apenas aos órgãos políticos de Timor-Leste. (Mattoso, 2012)

Os episódios que envolveram a conquista da independência de Timor-Leste são fatos excepcionais que marcaram o Pós-Guerra Fria, sendo o Timor-Leste a primeira nação do século XXI, esses fatos devem ficar na memória ainda por muito tempo, não somente para aqueles diretamente envolvidos no conflito; mas como acontecimentos notáveis, a serem inscritos na história mundial.

*Mas o valor dos Documentos da Resistência Timorense não resulta apenas de ser uma fonte essencial para a história e a identidade de Timor-Leste. A Resistência do seu povo é um dos fatos mais impressionantes da História contemporânea. É um dos raros casos históricos de uma ação genuinamente popular com efeitos políticos de âmbito mundial, cujos pormenores e componentes se podem estudar com grande detalhe. Faz já parte da memória de toda a Humanidade.*⁷²

Daí a importância de uma historiografia e de uma literatura que se dedique a escrever e interpretar esses fatos excepcionais. E se essa historiografia e essa literatura forem escritas em português, tanto melhor para nós, habitantes desses espaços da língua portuguesa. E nesse caso, não importa que Timor Leste seja um Estado pequeno, com uma pequena população – pois, como bem nos coloca Sérgio Vieira de Mello, em seu pronunciamento de improviso, na ocasião da abertura da Assembleia Constituinte do Timor Leste:

É verdade que Timor Leste será um Estado pequeno, tanto em tamanho como em população. É também verdade que, durante os primeiros anos de independência, Timor Leste enfrentará muitos desafios internos, econômicos, sociais e políticos, na tentativa de consolidar

as conquistas do período de transição. Mas a grandeza de uma nação não é medida por seu tamanho geográfico, nem pelo número de seus cidadãos, ou pelo valor de seu PNB (Produto Nacional Bruto). A grandeza de uma nação está baseada nos ideais sob os quais ela é fundada, o caráter de seu povo, e sua visão do mundo. Considerando estes parâmetros, penso que Timor Leste tem o potencial para tornar-se uma das grandes nações do mundo" (Mello, in Marcovitch, 2004:128).

Naturalmente, cabe aos timorenses construir essa grande nação, escrevendo a sua própria história, criando uma literatura que a represente. Porém, vale lembrar que – “Mais do que emblema da resistência do povo timorense, a atividade literária em língua portuguesa constitui hoje manifestação simbólica da forma como ele se imagina com nação, pela mediação de seus escritores (Abdala – in Garmes, 2004, 108). Nesse contexto, essa produção literária de língua portuguesa em Timor-Leste ganha uma autêntica representatividade como parte do macrosistema literário; que inclui toda a comunidade lusófona, da qual também nós, brasileiros, fazemos parte.

CHOQUE DE MODERNIDADE

A evolução da consciência nacional timorense deverá resultar, inevitavelmente, na formação de uma literatura diferenciada em língua portuguesa. Atualmente, estamos vivendo momentos importantes para a consolidação da identidade timorense, ao mesmo tempo que Timor-Leste se recupera do choque de modernidade que significou a intervenção da ONU no país, durante o período de transição, levando uma intensa convivência com a comunidade internacional.

Culturalmente, esperamos que as experiências de outras literaturas de língua portuguesa sirvam de exemplo para o caso da nascente literatura de língua portuguesa em Timor-Leste. Pois, como diz Rita Chaves: “Num mundo que a contaminação colonial povoou de colisões e desacertos, a literatura será uma das vias escolhidas para a formação de um mosaico capaz, ao menos, de sugerir alguma noção de unidade. Como um processo de auto-indagação, o seu exercício será um caminho para

⁷²Timor-Leste (Memória), disponível em: <http://amrtimor.org/drt/index.php> em: 22/10/12.

a construção da identidade de uma nação que mal começa a ser imaginada". (Chaves, 1999:30) Palavras, ditas no contexto africano de Angola, mas que, sem prejuízo algum, podem ser transplantadas para o ambiente multicultural timorense.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abdala Jr., Benjamin. *A história literária e o ensino das literaturas de língua portuguesa*, in: Maria Nery Garcez / Rodrigo Leal Rodrigues (orgs.) *Homenagem das literaturas de língua portuguesa ao Professor Antônio Soares Amora*. S. Paulo: Academia Lusíada de Ciências, Letras e Artes, CEP, USP, 1997.

Barbosa, Damares. *Roteiro da literatura de Timor-Leste em língua portuguesa*. Tese de Doutorado. São Paulo: FFLCH-USP, 2013.

Chaves, Rita. *A formação do romance angolano, entre intenções e gestos*. São Paulo: Coleção Via Atlântica, FBLP, USP, 1999.

Costa, Letícia Villela Lima. *Metáforas do mosaico: Timor Leste em Ruy Cinatti e Luís Cardoso*. Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo na área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa. São Paulo, 2012.

Gusmão, Xanana. *Timor Leste, um povo, uma pátria*. Lisboa: Ed. Colibri, 1994.

Hull, Geoffrey (2001) "Língua, identidade e resistência", in: Camões, Revista de Letras e Culturas Lusófonas. Lisboa, No. 14, p. 88.

Marcovitch, Jacques (org.). Sérgio Vieira de Mello, pensamento e memória. São Paulo: EDUSP / Saraiva, 2004.

Martin, Ian (2001) *Autodeterminação em Timor Leste, as Nações Unidas, o voto e a intervenção internacional*. Lisboa: Livros Quetzal.

Mattoso, José (2012) *Timor-Leste – Memória*. Disponível em: <http://amrtimor.org/art/index.php>

Mattoso, José (2001) "Sobre a identidade de Timor Lorosa'e", in: Camões, Revista de Letras e Culturas Lusófonas. Lisboa, N°. 14.

Pazeto, Antonio Elizio. "Conflito entre Estado e Igreja em Timor-Leste: a questão da Educação Religiosa nas escolas públicas"; in: Maurício Aurélio dos Santos, *Experiências de Professores Brasileiros em Timor-Leste, Cooperação Internacional e Educação Timorense*. Florianópolis: Editora da UDESC, 2011.

Waldman, Maurício/SERRANO, Carlos. *Brava gente de Timor, a saga do povo maubere*. São Paulo: Xamã Editora, 1997.

19. EDUARDO BETTENCOURT PINTO, ESCRITOR, CANADÁ,



EDUARDO BETTENCOURT PINTO nasceu em Gabela, Angola, em 1954. Tem ascendência açoriana pelo lado materno. Cresceu em Luanda e saiu do país em setembro de 1975.

Fixou residência no Zimbabué e depois em Ponta Delgada, Açores. Vive no Canadá desde 1983.

Publicou vários livros de poesia e ficção. Alguns deles: *Menina da Água* (1997), *Tango nos Pátios do Sul* (1999), *Casa das Rugas* (2004) e *Travelling with Shadows/Viajar com Sombras* (2008 POESIA) edição bilingue (português e inglês). Posteriormente publicou o livro de poesia *A cor do Sul nos teus olhos*.

Está representado em várias antologias e livros coletivos em Portugal, Brasil, Angola, Inglaterra, Estados Unidos, Canadá e Letónia.

É editor da revista online de artes e letras *Seixo review*, presentemente com a edição suspensa.



A sua poesia está traduzida para Inglês, Castelhana, Galego, Catalão e Letão. Organizou e publicou Nove Rumores do Mar - Antologia de Poesia Açoriana Contemporânea (1996). É membro do P. E. N Clube Português.

Recebeu o Prémio Nacional Bienal Copa 2008, instituído pelo Congresso Luso-Canadiano.

BIBLIOGRAFIA:

POESIA:

Emoção; Ponta Delgada, Açores, 1978.

Razões, Ponta Delgada, Açores, 1979.

Poemas, (c/ Jorge Arrimar); Ponta Delgada, 1979. 2ª Ed., Tipografia Martinho, Macau, 1993

Mão Tardia; Gaivota, SREC, Angra, Açores, 1981. (**Prémio Revelação do suplemento cultural Contexto do jornal Açoriano Oriental**).

Emersos vestígios; Sete-Estrela, Mira, 1985. 2ª Edição, Seixo Publishers, Pitt Meadows, Canada, 1994.

A Deusa da Chuva; Gaivota, SREC, Angra, Açores, 1991. (**Prémio Mário de Sá-Carneiro da Association Portuguese Culture et Promotion, St. Dennis, France, 1988**; para o original «Regresso do olhar»).

Menina da Água; Éter/Jornal da Cultura, Ponta Delgada, Açores, 1997.

Tango nos pátios do sul; Seixo Publishers, Pitt Meadows, 1999.

2ª Edição, revista e aumentada; Campo das Letras, Porto, 2001.

Um dia qualquer em junho; Instituto Camões, col. Lusófona, Lisboa, 2000.

Travelling with Shadows/Viajar com Sombras, 2008

Ficção:

As Brancas Passagens do Silêncio; Signo, Ponta Delgada, 1988.

Sombra duma rosa - contos; Edições Salamandra, Lisboa, 1998.

O príncipe dos regressos - narrativas; Edições Salamandra, 1999.

A casa das rugas - romance; Campo das Letras, Porto, 2004.

Antologia (organização):

Os Nove Rumores do Mar - Antologia da Poesia Açoriana Contemporânea; Seixo Publishers, Pitt Meadows, 1996.

2ª Edição, Instituto Camões, Coleção Insularidades, Lisboa, 1999.

3ª Edição, Instituto Camões, Coleção Insularidades, Lisboa, 2000.

Antologia (Bilingue) Autores Açorianos Contemporâneos, ed. Calendário de Letras/AICL, VN de Gaia, 2011

TRADUÇÃO:

Oito poemas de J. Michael Yates; apresentação e tradução com Rosa Pinto, Sete-Estrela, Mira, 1985.

É SÓCIO DA AICL.

PARTICIPOU NOS COLÓQUIOS MACAU 2011, SANTA MARIA 2011, LAGOA 2012 E GALIZA 2012 COMO CONVIDADO ESPECIAL NA HOMENAGEM CONTRA O ESQUECIMENTO

TEMA 1.3. REBELO DE BETTENCOURT EM BUSCA DA MEMÓRIA (fotobiografia)

Poeta, ensaísta e jornalista, Rebelo de Bettencourt, natural da ilha de S. Miguel, Açores, representa para mim mais do que uma figura literária: é o avô que conheci num dia longínquo de Lisboa, entre a porta branca da minha infância e os ruídos de uma cidade estranha.

Voltava a Angola no amanhecer da guerra colonial, no amargo ano de 1961. Nesses dias de espera pelo Príncipe Perfeito para regressar a Luanda, o meu avô apareceu para nos conhecer e dizer adeus. Marcou-me profundamente esse encontro. Sobretudo porque foi o único contacto que tivemos.

Rebelo de Bettencourt: em busca da memória é o depoimento visual de uma figura que ainda se debruça, com afeto e mistério, sobre um brevíssimo momento da minha vida.

(TRABALHO FINAL NÃO ENVIADO DENTRO DOS PRAZOS)

INTERVÉM NA SESSÃO DE POESIA



20. EVANILDO CAVALCANTE BECHARA, ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, AICL, PATRONO DOS COLÓQUIOS DESDE 2007 -



EVANILDO CAVALCANTE BECHARA nasceu no Recife, a 26 de fevereiro de 1928. Quinto ocupante a Cadeira nº 33, eleito em 11 de dezembro de 2000, na sucessão de Afrânio Coutinho e recebido em 25 de maio de 2001 pelo Acadêmico Sérgio Corrêa da Costa. Evanildo Cavalcante Bechara nasceu no Recife (PE), em 26 de fevereiro de 1928.

Aos onze para doze anos, órfão de pai, transferiu-se para o Rio de Janeiro, a fim de completar sua educação em casa de um tio-avô.

Desde cedo mostrou vocação para o magistério, vocação que o levou a fazer o curso de Letras, modalidade Neolatinas, na Faculdade do Instituto La-Fayette, hoje UERJ, Bacharel em 1948 e Licenciado em 1949.

Aos quinze anos conheceu o Prof. Manuel Said Ali, um dos mais fecundos estudiosos da língua portuguesa, que na época contava entre 81 e 82 anos. Essa experiência permitiu a Evanildo Bechara trilhar caminhos no campo dos estudos linguísticos.

Aos dezassete, escreve seu primeiro ensaio, intitulado Fenômenos de Intonação, publicado em 1948, com prefácio do filólogo Lindolfo Gomes.

Em 1954, é aprovado em concurso público para a cátedra de Língua Portuguesa do Colégio Pedro II e reúne no livro Primeiros Ensaios de Língua Portuguesa artigos escritos entre os dezoito e vinte e cinco anos, saídos em jornais e revistas especializadas. Concluído o curso universitário, vieram-lhe as oportunidades de concursos públicos, que fez com brilho, num total de onze inscritos e dez realizados. Aperfeiçoou-se em Filologia Românica em

Madri, com Dámaso Alonso, nos anos de 1961 e 1962, com bolsa oferecida pelo Governo espanhol.



Doutor em Letras pela UEG (atual UERJ), em 1964. Convidado pelo Prof. Antenor Nascentes para seu assistente, chega à cátedra de Filologia Românica da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UEG (atual UERJ) em 1964.

Professor de Filologia Românica do Instituto de Letras da UERJ, de 1962 a 1992.

Professor de Língua Portuguesa do Instituto de Letras da UFF, de 1976 a 1994.

Professor titular de Língua Portuguesa, Linguística e Filologia Românica da Fundação Técnico-Educacional Souza Marques, de 1968 a 1988.

Professor de Língua Portuguesa e Filologia Românica em IES nacionais (citem-se: PUC-RJ, UFSE, UFPB, UFAL, UFRN, UFAC) e estrangeiras (Alemanha, Holanda e Portugal).

Em 1971-72 exerceu o cargo de Professor Titular Visitante da Universidade de Colônia (Alemanha) e de 1987 a 1989 igual cargo na Universidade de Coimbra (Portugal).

Professor Emérito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1994) e da Universidade Federal Fluminense (1998).

Doutor Honoris Causa da Universidade de Coimbra (2000).

Distinguido com as medalhas José de Anchieta e de Honra ao Mérito Educacional (da Secretaria de Educação e Cultura do Rio de Janeiro), e medalha Oskar Nobiling (da Sociedade Brasileira de Língua e Literatura).

Foi convidado por acadêmicos amigos para candidatar-se à Academia Brasileira de Letras, na vaga do grande Mestre Afrânio Coutinho, na alegação de que a instituição precisava de um filólogo para prosseguir seus deveres estatutários no âmbito da língua portuguesa.

É o quinto ocupante da Cadeira nº 33 da Academia Brasileira de Letras, eleito em 11 de dezembro de 2000, na sucessão de Afrânio Coutinho e recebido em 25 de maio de 2001 pelo Acadêmico Sérgio Corrêa da Costa. Foi Diretor Tesoureiro da Instituição (2002-2003) e Secretário-Geral (2004-2005).

Criou a Coleção Antônio de Moraes Silva, para publicação de estudos de língua portuguesa, e é membro da Comissão de Lexicologia e Lexicografia e da Comissão de Seleção da Biblioteca Rodolfo Garcia.

Entre centenas de artigos, comunicações a congressos nacionais e internacionais, escreveu livros que já se tornaram clássicos, pelas suas sucessivas edições.

Diretor da revista *Littera* (1971-1976) – 16 volumes publicados; da revista *Confluência* (1990-2005) – até agora com 30 volumes publicados.

Orientador de dissertações de Mestrado e de teses de Doutorado no Departamento de Letras da PUC-RJ, no Instituto de Letras da UFF e no Instituto de Letras da UERJ, desde 1973.

Membro de bancas examinadoras de dissertações de Mestrado, de teses de Doutorado e de livre Docência na Faculdade de Letras da UFRJ, no Instituto de Letras da UERJ e em outras IES do país, desde 1973

Membro de bancas examinadoras de concursos públicos para o mestrado superior no Instituto de Letras da UFF, no Instituto de Letras da UERJ e no Departamento de Letras da USP, desde 1978.

Foi Diretor do Instituto de Filosofia e Letras da UERJ, de 1974 a 1980 e de 1984 a 1988;

Secretário-Geral do Conselho Estadual de Educação do Rio de Janeiro, de 1965 a 1975;

Diretor do Instituto de Educação do Rio de Janeiro, de 1976 a 1977;

Membro do Conselho Estadual de Educação do Rio de Janeiro, de 1978 a 1984;

Chefe do Departamento de Filologia e Linguística do Instituto de Filosofia e Letras da UERJ, de 1981 a 1984;

Chefe do Departamento de Letras da Fundação Técnico-Educacional Souza Marques, de 1968 a 1988.

Membro titular da Academia Brasileira de Filologia, da Sociedade Brasileira de Romanistas, do Círculo Linguístico do Rio de Janeiro. Membro da

Société de Linguistique Romane (de que foi membro do Comité Scientifique, para o quadriênio 1996-1999) e do PEN Clube do Brasil.

Sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Internacional da Cultura Portuguesa.

Foi eleito por um colegiado de educadores do Rio de Janeiro, uma das dez personalidades educacionais de 2004 e 2005.

A convite da Nova Fronteira integra o Conselho Editorial dos diversos volumes do Dicionário Caldas Aulete.

Em 2005 foi nomeado membro do Conselho Estadual de Leitura do Rio de Janeiro e da Comissão para a Definição da Política de Ensino, Aprendizagem, Pesquisa e Promoção da Língua Portuguesa, iniciativa do Ministério da Educação.



Dentre suas teses universitárias contam-se os seguintes títulos:

- A Evolução do Pensamento Concessivo no Português (1954),
- O Futuro em Românico (1962),
- A Sintaxe Nominal na Peregrinatio Aetheriae ad Loca Sancta (1964),
- A Contribuição de M. Said Ali para a Filologia Portuguesa (1964),
- Os Estudos sobre Os Lusíadas de José Maria Rodrigues (1980),
- As Fases Históricas da Língua Portuguesa: Tentativa de Proposta de Nova Periodização (1985).

Autor de duas dezenas de livros, entre os quais a *Moderna Gramática Portuguesa*, amplamente utilizada em escolas e meios acadêmicos, e diretor da equipe de estudantes de Letras da PUC-RJ que, em 1972, levantou

o corpus lexical do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, sob a direção geral de Antônio Houaiss.

É professor da UERJ e da UFF, membro da ABL e patrono dos Colóquios da Lusofonia desde 2007.

Foi nomeado ACADÉMICO CORRESPONDENTE DA ACADEMIA GALEGA DA LÍNGUA PORTUGUESA em outubro 2012.

É SÓCIO FUNDADOR DA AICL.

TOMOU PARTE NOS COLÓQUIOS DE BRAGANÇA 2007, 2008, 2009 E 2010, LAGOA 2008, 2009 E 2012, BRASIL 2010, MACAU E SANTA MARIA 2011, GALIZA 2012 E MAIA 2013.

[Ver ilustração da apresentação aqui](#)

Poliglota na sua própria língua, Evanildo Bechara, patrono da AICL desde outubro 2007 Por Clara Becker -



Evanildo Bechara defende que o aluno deva ser poliglota em sua própria língua. “Ninguém vai à praia de fraque ou de chinelo ao Municipal”, diz.

21. FRANCISCO MADRUGA, EDITORA CALENDÁRIO DAS LETRAS

FRANCISCO FERNANDES MADRUGA, nascido em Mogadouro, Distrito de Bragança a 6 de maio de 1957, vive em Vila Nova de Gaia desde os 4 anos, foi sócio fundador das Editoras Campo das Letras, Campo da Comunicação, do Jornal *Le Monde Diplomatique* edição portuguesa e da Empresa de Comércio Livreiro, distribuidora da Editorial Caminho. Foi membro da Comissão Organizadora do III Congresso de Trás-os-Montes e Alto Douro. Trabalhou no Jornal Norte Popular e foi colaborador permanente do jornal A Voz do Nordeste. Teve colaboração regular nos Jornais Nordeste, Mensageiro de Bragança e Informativo. Editou em colaboração

com a Revista BITÓRÓ a Antologia Novos Tempos Velhas Culturas. Foi fundador do Fórum Terras de Mogadouro e responsável pela respetiva revista. Foi membro da Direção da APEL - Associação Portuguesa de Editores e Livreiros durante 2 mandatos. Foi Fundador da Calendário de Letras, projeto Cultural onde desenvolve a sua atividade profissional. Convidado a estar presente no colóquio de 2009 foi selecionado em 2010 para ir ao Brasil, e em 2011 a Macau. A partir daí foi nomeado Editor Residente dos Colóquios na tarefa de divulgar e buscar parcerias editoriais, e apresentar uma pequena mostra com exemplares de autores contemporâneos portugueses e açorianos ligados aos colóquios (Anabela Mimoso, Cristóvão de Aguiar, Chrys Chrystello, Vasco Pereira da Costa, Rosário Girão, Helena Chrystello, etc.). É o editor da Antologia (monolingue) de Autores Açorianos Contemporâneos de Helena Chrystello e Rosário Girão, e da sua versão bilingue (Português-Ingês). É também o editor da Coletânea de textos dramáticos açorianos e da Antologia 9 ilhas, 9 escritoras.



É SÓCIO FUNDADOR DA AICL E PRESIDENTE DO CONSELHO FISCAL
TOMOU PARTE NOS COLÓQUIOS DA LAGOA E BRAGANÇA 2009, BRASIL E BRAGANÇA 2010, MACAU E SANTA MARIA 2011, LAGOA E GALIZA 2012, SEIA 2013. ORGANIZA A MOSTRA DE LIVROS

22. GRAÇA B CASTANHO, UNIVERSIDADE DOS AÇORES

MARIA DA GRAÇA BORGES CASTANHO n. na Maia, s Miguel, Açores, a 3/9/1960, é detentora de vasto currículo académico em Metodologia do Ensino da Literatura Portuguesa e do Português como Língua Materna, 2ª Língua e Língua Estrangeira, bem como na área do Património Oral, Estudos do Género e Multiculturalismo. Graça Castanho possui um pós-doutoramento, realizado na Harvard University, com uma investigação sobre o ensino do Português em Moçambique. Possui doutoramento na Universidade do Minho com uma tese sobre o Ensino da Leitura através do Currí-

culo. Tem um mestrado na Lesley University, tendo apresentado o 1º trabalho de investigação realizado nas Escolas Oficiais Portuguesas dos EUA, e licenciatura em Línguas Modernas Português-Inglês na Universidade dos Açores. Para além da docência exercida na Universidade dos Açores desde 1995, Graça Castanho conta com uma carreira profissional pautada por experiências ricas e diversificadas, nos diferentes níveis de escolaridade e em várias áreas de intervenção social, quer no país quer na diáspora lusa. Foi, na Embaixada de Portugal em Washington DC, Conselheira para o Ensino Português nos EUA e Bermuda, 1ª Coordenadora do Plano Nacional de Leitura, a convite do então Ministro da Educação, Professor David Justino, Vereadora da Cultura da Câmara Municipal de Ponta Delgada. Cofundadora e Presidente do Instituto de Educação e Ensino, autora e coordenadora do suplemento "A Língua Portuguesa em Destaque" do jornal Açoriano Oriental, formadora credenciada pelo Conselho Científico da Formação Contínua, desde 1993, nas seguintes áreas: Português/Língua Portuguesa, Literaturas (portuguesa, infantil e juvenil), Pedagogia e Didática, Conceção e Organização de Projetos Educativos, Didática Geral, Práticas de avaliação do rendimento escolar e Ensino do Português no Estrangeiro. Graça Castanho foi, em 1996, responsável científica pela elaboração do programa de língua e cultura portuguesas a oferecer aos deportados, oriundos dos EUA e Canadá, tendo em 1997, em resultado de investigação realizada junto deste grupo, apresentado uma comunicação em Bruxelas sobre o percurso académico dos deportados açorianos nos países de acolhimento. Como Vereadora da Cultura da Câmara Municipal de Ponta Delgada, Graça Castanho, em 1998, organizou a I Semana Multicultural dos Açores (e crê-se que a primeira de Portugal), na qual participaram todas as comunidades estrangeiras radicadas no arquipélago no vasto programa de atividades que incluiu palestras nas escolas sobre os países e comunidades imigrantes, exposição de artefactos das comunidades estrangeiras, visitada pelas escolas de S. Miguel, expressão artística (música, dança, artesanato, "a hora do conto" de histórias de várias nações) e jantar multicultural.

Foi Diretora Geral da Direção Regional das Comunidades da Presidência do Governo Regional dos Açores (setembro 2010 - novembro 2012)

Autora de literatura infantojuvenil e de livros e artigos da especialidade; palestrante em mais de uma centena de congressos, fóruns e simpósios;

Foi ainda Visiting Post-doctoral Scholar, na Harvard Graduate School of Education; formadora de docentes de língua, literatura e cultura portuguesas em Portugal e na diáspora. É investigadora da presença açoriana

e da língua portuguesa no mundo lusófono; orientadora de teses de mestrado e doutoramento no país e no estrangeiro e docente universitária de licenciaturas e de mestrados.



PARTICIPOU NOS COLÓQUIOS (RIBEIRA GRANDE 2006 E 2007, LAGOA 2008)

QUER COMO ORADORA QUER COMO REPRESENTANTE DO GOVERNO REGIONAL

É SÓCIO DA AICL.

APRESENTA DOIS TEMAS

TEMA 2.4 - CELEBRANDO OITO SÉCULOS DE LÍNGUA PORTUGUESA, MARIA DA GRAÇA BORGES CASTANHO, UNIVERSIDADE DOS AÇORES

INTRODUÇÃO

No ano em que a língua portuguesa completa oito séculos da sua existência, este é o momento e o espaço certos para uma justa homenagem não só pela longevidade, mas também pelo papel aglutinador de culturas e povos que a mesma tem vindo a desempenhar. A data que assim o determina é 1214 e o documento em causa é o Testamento de D. Afonso II que se encontra na Torre do Tombo e se constitui como um texto de grande valor histórico e linguístico, uma vez que nos possibilita estudar e perceber a evolução natural do idioma luso (Araújo, 2003). Apesar de mais recentemente ter sido descoberto um texto totalmente escrito em Português, datado de 1175 (Notícia de Fiadores que se encontra no Mosteiro de São Cristóvão de Rio Tinto, maço 2, documento 10), os estudiosos continuam a considerar o Testamento de D. Afonso II, datado de 27 de junho de 1214, o marco do início da Língua Portuguesa escrita. A leitura do mesmo não é totalmente perceptível aos leitores do português moderno, uma vez que são muitas as palavras e expressões que desapareceram do

léxico ou ganharam novos sentidos com o passar dos séculos. Atentemos, pois, num excerto da versão original do Testamento de D. Afonso II:

“En o nome de Deus. Eu rei don Afonso pela gracia de Deus rei de Portugal. seendo sano e saluo.temēte o dia de mia morte. a saude de mia alma. e a proe de mia molier raina dona Orraca. e de meus filios. e de meus uassalos. e de todo meu reino fiz mia mada per que de pos mia morte.mia molier e meus filios e meu reino. e meus uassalos. e todas aquelas cousas que Deus mi deu en poder. sten en paz e en folgãcia. Primeiramente mado que meu filio infante don Sancho que ei da raina dona Orraca agia meu reino entregamente e en paz. e ssi este for morto sem semmel: o maior filio que ouuer da raina dona Orraca: agia o reino entregamente e en paz. e ssi filio barõ nõ ouuermos: a maior filia que ouuermos: agia o. e ssi no tẽpo de mia morte meu filio ou mia filia que deiuer a reinar nõ ouuer reuora: segia en poder ra raina sa madre e meu reino segia en poder da raina e de meus uassalos ata quando agia reuora. e ssi eu for morto: rogo ao apostooligo, come padre esenior e beigio a terra ante seus pées que el receba em sa comēda. e so seu difindemēto a raina e meus filios. e o reino. e ssi eu e a raina formos mortos: rogoli e pregoli que os meus filios e o reino segião em sa comēda”.

Numa proposta de reescrita do Testamento de D. Afonso II, feita por Araújo (2003), com base no trabalho do filólogo Vasconcelos Leite, assim pode ler-se:

“Em nome de Deus. Eu, rei D. Afonso, pela graça de Deus rei de Portugal estando são e salvo, temendo o dia da minha morte, para a salvação da minha alma e para proveito de minha mulher, a rainha D. Urraca e de meus filhos e de meus vassalos e de todo o meu reino, fiz meu testamento para que depois de minha morte, minha mulher e meus filhos e meu reino e meus vassalos e todas aquelas coisas que Deus me deu para governar estejam em paz e em tranquilidade. Primeiramente mando que meu filho, infante D. Sancho, que tenho da rainha D. Urraca assumo o meu reino inteiramente e em paz. E se este morrer sem deixar descendentes, o filho mais velho que houver da rainha D. Urraca tenha o meu reino inteiramente e em paz. E se não tivermos filho homem, a filha mais velha que tivermos, assumo o reino. E se no tempo da minha morte, meu filho ou minha filha que deve reinar não tiver idade, esteja o reino em poder da rainha, sua mãe. E meu reino siga em poder da rainha e de meus vassalos até quando cheguem à idade. E se eu morrer, rogo ao papa, como padre e senhor e beijo a terra ante seus pés para que ele receba sob sua guarda e sob sua

proteção a rainha e meus filhos e meu reino. E se eu e a rainha morrermos, rogo e peço que meus filhos e o reino sigam sob sua proteção.

A fim de podermos contextualizar, no tempo, o documento apresentado, importa perceber o historial da língua portuguesa, ainda que em traços bastante gerais.

UM ESBOÇO DA HISTÓRIA DA LÍNGUA

Desde os tempos da sua formação, bem como durante o seu desenvolvimento e consolidação até à contemporaneidade, a Língua Portuguesa tem passado por inúmeras transformações, em consequência de diferentes influências por via de contactos com outros povos, culturas e línguas.

Estudos recentes revelam que o substrato linguístico dominante no ocidente peninsular está intimamente relacionado com as línguas antigas do Mediterrâneo Oriental, como o ugarítico, o acádio, o hebraico antigo ou o assírio, idiomas próximos entre si, geralmente denominados de “língua fenícia”. Sabe-se, hoje, que essa foi a língua que acompanhou os povos que migraram ao longo do Mediterrâneo no decurso de milhares de anos desde o Neolítico, tendo chegado à Península Ibérica. A atestar esta teoria encontramos a toponímia, os regionalismos e a própria história das línguas portuguesa, castelhana, catalã, e até mesmo a provençal.

Com base neste novo conhecimento, há que reequacionar a classificação do português como língua latina. O latim era a língua dos conquistadores da Ibéria, mas não do seu povo. A atestar esta tese, existem vários estudos. No século XIX, deve-se ao Cardeal D. Francisco de S. Luiz Saraiva a publicação do “Glossário de Vocábulo Portuguezes Derivados de Línguas Orientais e Africanas Exceto a Árabe”, no qual se demonstra que muitas palavras do português encontram paralelo no hebraico antigo, no caldaico e mesmo no persa. Também Moisés Espírito Santo publicou um estudo sobre o tema, fazendo valer a teoria que os povos da Península Ibérica, conquistados por Roma, tinham uma língua própria de base fenícia e hebraica. Mais recentemente, Almeida (2013), num livro dedicado à História da Língua Portuguesa, desmistifica a origem de um vasto número de vocábulos e reforça a ideia que a língua portuguesa é de origem fenícia e que essa matriz se encontra presente até aos nossos dias na forma como falamos e escrevemos.

À roda do II milénio a.C., as vagas migratórias nos países da Europa Ocidental, no sentido leste-oeste, terminaram, passando os mesmos a ter contacto permanente com outras línguas de povos de origens diversas, nomeadamente os celtas que se instalaram na Europa Central, ocupando, entre

o II e o I milénios a.C., várias outras regiões e, no século III a.C., mais de metade do continente europeu. Dependendo das zonas que ocuparam, os celtas conheceram várias denominações: celtiberos na Península Ibérica, gauleses na França, bretões na Grã-Bretanha, gálatas no centro da Turquia, etc. Fruto das invasões romanas, os territórios ocupados pelos celtas começaram a diminuir e com isto sofreram as línguas célticas, reduzidas ao longo dos séculos às extremidades ocidentais da Europa – Irlanda, Grã-Bretanha e Bretanha francesa. Na Península Ibérica, apenas na Galiza sobreviveu a língua céltica, onde se manteve até ao século VII d.C.

Surge, assim, o período românico da língua portuguesa cuja origem entronca na modalidade falada do latim. A partir de 218 a.C. até ao século IX, a língua falada na região é o romance, uma variante do latim que constitui um estágio intermediário entre o latim vulgar e as línguas latinas modernas (português, castelhano, francês, etc.).

No período que vai de 409 d.C. a 711, povos de origem germânica invadem a Península Ibérica. As consequências da presença destes povos na língua falada pela população não é uniforme, iniciando-se assim um processo de diferenciação regional cujo rompimento definitivo irá desencadear-se mais tarde, originando o surgimento de duas línguas distintas na Península Ibérica.

A partir de 711, dá-se a invasão moura. Em consequência, o árabe é adotado como língua oficial nos territórios conquistados, apesar de a população continuar a falar o romance. No século XI, com a Reconquista, protagonizada pelos cristãos, os árabes são expulsos para o sul da península, dando origem aos dialetos moçárabes, a partir do contacto do árabe com o latim. Na mesma altura, o galego-português consolida-se como língua falada e escrita da Lusitânia. Em galego-português são escritos os primeiros documentos oficiais e textos literários não latinos da região, como os cancioneiros (coletâneas de poemas medievais).

Acompanhando o avanço dos cristãos para o sul, os dialetos do norte misturam-se com os dialetos moçárabes do sul, começando o processo de diferenciação do português em relação ao galego-português. Assim surge o Português Arcaico, fruto da separação entre o galego e o português, simbolicamente reforçado com a independência de Portugal em 1179, a expulsão dos mouros em 1249 e a derrota em 1385 dos castelhanos que tentaram anexar o país.

Foi precisamente neste período de grande agitação sociopolítica e de riqueza linguística que o Testamento de Dom Afonso II foi escrito, dando

conta da caminhada de autonomização da língua portuguesa. Do documento conservam-se, até à data, dois testemunhos: um em Lisboa, na Torre de Tombo, outro em Toledo. Foi o primeiro de três testamentos que o rei redigiu. Este foi, contudo, o único lavrado na 'scripta' portuguesa que na altura se estava a desenvolver na corte. Foi só em 1290, no reinado de D. Dinis, que o Português foi decretado língua oficial do reino de Portugal.

A partir do séc. XVI, com o Renascimento e os descobrimentos surge o português moderno, sendo o Cancioneiro de Garcia de Resende (1516) considerado o marco do seu início. Em 1536, dá-se a normatização da língua com a criação das primeiras gramáticas por Fernão de Oliveira e João de Barros (Instituto Camões). Desde então, a história da língua portuguesa passou a contar-se não apenas a partir do território nacional, mas sim numa dimensão internacional. O Português, a primeira língua da globalização, passou a ser falado em todos os continentes.

CONCLUSÃO

Com oito séculos de existência, o português conta atualmente com 250 milhões de falantes. É uma das principais línguas do mundo - a sexta língua materna e a terceira europeia com mais falantes, depois do Inglês e do Espanhol. Idioma de portugueses, brasileiros, africanos e asiáticos, é reconhecido como o meio de comunicação privilegiado nos países lusofalantes. Atuando em territórios descontínuos, a língua apresenta grande diversidade interna, consoante as regiões e os grupos que a usam. Se há quem pense que todos estes fatores contribuem para a vulnerabilidade da língua e para a diferenciação entre o Português Europeu e o Português Brasileiro, os estudiosos defendem que é devido à diversidade e descontinuidade que a Língua Portuguesa é uma das principais línguas internacionais, com todos os requisitos para ser considerada Património da Humanidade (Castanho, 2010).

Trata-se de uma língua portadora de longa história que dá voz e alma a diversas identidades culturais e literaturas. A sua existência alargada resulta de grandes movimentos humanos e feitos inigualáveis na história do mundo. O português é, hoje, a língua oficial de oito nações em quatro continentes:

- Angola (10,9 milhões de habitantes)
- Brasil (185 milhões)
- Cabo Verde (415 mil)
- Guiné-Bissau (1,4 milhão)
- Moçambique (18,8 milhões)

- Portugal (10,5 milhões)
- São Tomé e Príncipe (182 mil)
- Timor Leste (800 mil).

Para além destes países, há ainda que considerar as diásporas de todos eles, onde milhões de pessoas comunicam em Português noutros quadrantes do planeta (Castanho, 2009; Castanho, 2013). Se considerarmos toda esta pluralidade de situações em que a língua é posta em prática, importa lembrar também o vasto leque de denominações que acompanham o idioma luso: Língua materna; Língua oficial e administrativa; Língua cultural ou secundária; Língua de minorias falantes do português; Base de múltiplos Crioulos; Língua Estrangeira; Segunda Língua; Língua de Herança, etc.

Apesar das múltiplas funções e da dispersão geográfica, a que o espaço intercontinental obriga, o português falado em Portugal, no Brasil e em África, tem mantido a sua unidade por vontade dos povos lusofalantes. A língua tem sido, sem dúvida, o mais poderoso elo de ligação entre os povos que a falam e assim se manterá enquanto houver vontade política das partes envolvidas. A este respeito, o linguista português Eduardo Paiva Raposo (1984: 592) adianta:

A realidade da noção de língua portuguesa, aquilo que lhe dá uma dimensão qualitativa para além de um mero estatuto de repositório de variantes, pertence, mais do que ao domínio linguístico, ao domínio da história, da cultura e, em última instância, da política. Na medida em que a percepção destas realidades for variando com o decorrer dos tempos e das gerações, será certamente de esperar, concomitantemente, que a extensão da noção de língua portuguesa varie também.

Língua oficial de organizações de grande relevo a nível internacional, das quais se destacam a União Europeia e o Mercosul, o Português tem vindo, nas últimas décadas, a afirmar-se como língua com potencial económico e valor político a não descurar na definição dos destinos da humanidade. Merece, por todos estes motivos, uma celebração condigna dos seus oito séculos de existência.

Para este efeito foi criada a Associação 8 Séculos de Língua Portuguesa, com o Alto Patrocínio da Presidência da República, cabendo a esta instituição, em parceria com o Camões e outras instituições nacionais e internacionais, organizar um conjunto vasto de atividades que visam celebrar a data quer no país quer noutros espaços de Língua Portuguesa. Para além das iniciativas governamentais, por todo o mundo lusófono preparam-se eventos alusivos ao tema, cabendo a nós a coorganização de um encontro em Manaus, por altura do jogo EUA-Portugal, o qual irá dar visibilidade

à data comemorativa e à importância do Português como língua de referência a nível mundial.

BIBLIOGRAFIA

Almeida, F. (2013). A Origem da Língua Portuguesa. Lisboa: Chiado Editora.

Araújo, D. (2003). Uma leitura lexico-semântica do Testamento de D. Afonso II. Paraíba: Universidade Federal da Paraíba.

Castanho, M. (2013). A língua portuguesa na América do Norte e a força das comunidades na sua promoção e valorização. Comunicação proferida na Portuguese Language & Cultures Conference XXIV. Cambridge, Massachusetts: Lesley University. 6 de abril.

Castanho, M. (2010). A língua portuguesa: Património Mundial. Palestra proferida por altura da Celebração de Elevação da Ribeira Grande a Cidade. Ribeira Grande: Teatro ribeiragrandense. 29 de junho.

Castanho, M. (2009). O Português no Roteiro das Línguas Europeias mais Ensinadas nos EUA: A Ação da Conselheira de Ensino em Washington DC. Cambridge, Massachusetts: Portuguese World Language Institute.

Instituto Camões. História da Língua Portuguesa em Linha.

Moisés Espírito Santo (1989). Fontes Remotas da Cultura Portuguesa. Lisboa: Assírio & Alvim.

Raposo, E. (1984). Algumas observações sobre a noção de "língua portuguesa", Boletim de Filologia, 29, 592.

Vasconcelos Leite, José de. Lições de Filologia Portuguesa. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1959.

TEMA 2.4 - UNIVERSAL DESIGN FOR LEARNING – TEACHING PORTUGUESE WORLDWIDE UM PROJETO INTERNACIONAL PARA A PROMOÇÃO DO PORTUGUÊS, M^a DA GRAÇA BORGES CASTANHO - UNIVERSIDADE DOS AÇORES

[Ver PowerPoint antes de ler artigo](#)

INTRODUÇÃO

Quer as escolas quer o ensino ministrado nas mesmas têm como missão formar toda a população estudantil e não apenas os alunos e alunas com mais recursos intelectuais. Em consequência disto, o grande desafio da educação atualmente é garantir o sucesso académico, nomeadamente junto dos indivíduos que, à partida, estariam condenados ao insucesso. Nesta linha de raciocínio, surgiu nos EUA um conceito inovador, denominado Universal Design for Learning, criado pelo Center for Applied Special Technology (CAST), que tem revolucionado a forma como se ensina e

como se encara a aprendizagem.

Associado a esse conceito, foi criado o projeto internacional *Universal Design for Learning – Teaching Portuguese Worldwide (UDL-TPW)* que visa contribuir para o sucesso do ensino do Português a nível mundial. Para o efeito, temos vindo a explorar a ferramenta eletrónica do "Book Builder", disponibilizada pelo CAST, a qual permite a publicação de textos de tipologias diferentes, passíveis de serem utilizados, em qualquer parte do mundo, por docentes e estudantes, envolvidos no processo de ensino e aprendizagem da língua portuguesa.

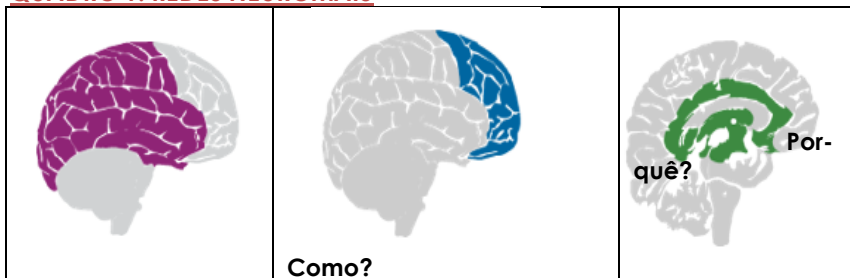
Na nossa comunicação, iremos

- (1) explicitar o conceito de "Universal Design for Learning",
- (2) apresentar o projeto internacional supramencionado e
- (3) explicitar, em jeito de conclusão, os benefícios do projeto para o ensino do Português.

UNIVERSAL DESIGN FOR LEARNING (UDL)

O paradigma educacional apresentado pelo UDL assenta nos últimos estudos realizados na área da neurociência. Dizem-nos as investigações do foro cognitivo que a aprendizagem se processa em três redes neuronais (cf. Quadro 1): a rede do reconhecimento que nos permite identificar o que estamos a aprender (o quê?); a rede estratégica que nos orienta sobre o modo como aprendemos (como?); e a rede afetiva da aprendizagem que se prende com a motivação e o interesse que dão sentido às aprendizagens e fazem com que os aprendentes mantenham os níveis de entusiasmo pelas tarefas e sejam capazes de as completar com sucesso (porquê?).

QUADRO 1. REDES NEUROMAIS



Segundo o modelo de UDL, estas redes neuronais são a base dos três princípios norteadores da prática pedagógico-didática a ter em conta por toda a classe docente, independentemente da disciplina lecionada.

Neste sentido, para que a aprendizagem se efetive com sucesso os/as docentes devem proporcionar diferentes meios de apresentação dos conteúdos; formas diversificadas de ação e expressão e múltiplas estratégias de autoenvolvimento (cf. Quadro 2).

QUADRO 2. PRINCÍPIOS BÁSICOS DE UDL

Apresentação	Expressão & Ação	Autoenvolvimento
Garantir vários meios de apresentação da informação, por forma a garantir que todos os alunos e alunas tenham acesso aos conteúdos a adquirir. Devem, assim, os/as docentes apresentar a informação com recurso a texto escrito, texto áudio, canções, jogos, gráficos, textos icónicos, experiências, etc.	Proporcionar meios múltiplos de ação e expressão, para que os alunos e alunas possam aprender e expressar o que sabem em diferentes registos. Poderão explicar oralmente, escrever, desenhar, pintar, cantar, miudar, dançar, dramatizar, etc.	Oferecer estratégias que garantam o autoenvolvimento da classe estudantil, alimentando a motivação e o interesse nas aprendizagens e tarefas e garantindo a consecução das mesmas com sucesso.

Estes princípios ajudam professores e professoras a elaborarem metas, métodos, recursos pedagógico-didáticos e propostas de avaliação de forma personalizada, correspondendo às especificidades dos/das aprendentes e à variabilidade existente nos contextos formais e informais de educação. Ao apresentar a informação com recurso a vários meios de apresentação, os docentes estão a corresponder aos diferentes tipos de inteligência e às diferentes formas de aprender. Os/as docentes que apostam apenas em textos escritos, recorrendo, preferencialmente, aos manuais, podem estar a dificultar ou a limitar a aprendizagem de indivíduos que melhor aprendem fazendo ou vendo fazer. Por outro lado, há alunos e alunas que não conseguem explicar o que sabem sobre determinado conteúdo, oralmente ou por escrito, mas isto não significa que não tenham obtido algum tipo de conhecimento sobre o assunto. Se lhes for dada a possibilidade de se expressarem através de outros meios, talvez consigam transmitir o seu conhecimento. Aqui reside, então, a importância de proporcionar à classe a possibilidade de se expressar de diferentes formas. Para que o sucesso seja uma realidade, os/as docentes devem manter os

níveis de autoenvolvimento dos/as aprendentes, quer seja através da simplificação ou subdivisão das tarefas (*scaffolding*), quer através de mecanismos que mantenham a motivação, o interesse e o empenho na realização com sucesso das atividades propostas. Atendendo à variabilidade existente na sala de aula, há, ainda, que atender aos alunos e alunas com necessidades educativas especiais, de natureza física, cognitiva ou mental, para quem existe um vasto leque de equipamentos adaptados e recursos informáticos, que ajudam indivíduos que, à partida, não tinham quaisquer condições de aprendizagem a interagir com o conhecimento e retirar prazer desse processo. Para muitos destes indivíduos, mais uma vez, o texto do manual não serve as suas necessidades formativas, exigindo-se, por isso, aos/às docentes que adequem as suas estratégias, metodologias, equipamentos e materiais às especificidades dos alunos e alunas. Por esta via, o mesmo conteúdo deverá ser apresentado à classe em diversos suportes, com equipamentos adequados às necessidades dos aprendentes.

O PROJETO INTERNACIONAL UDL-TPW

Dado o sucesso que o UDL ganhou a nível internacional, foi criado o projeto *UDL – Teaching Portuguese Worldwide*, iniciado em 2012, pelas seguintes instituições: CAST, Portuguese World Language Institute, Lesley University, Governo Regional dos Açores, através da Direção Regional das Comunidades, e a Universidade dos Açores. A assinatura do memorando de entendimento teve lugar no CAST em fevereiro de 2012. De acordo com o protocolo, o projeto em apreço visa promover a colaboração internacional, no âmbito do desenvolvimento de recursos pedagógico-didáticos, ao serviço de todas as situações de ensino/aprendizagem do idioma luso a nível mundial. Com tais recursos promovemos e viabilizamos o interesse na língua portuguesa, dando a oportunidade aos/às aprendentes de conhecer de forma mais aprofundada o rico património cultural dos vários países e comunidades de língua portuguesa. Para atingir esta missão, os objetivos do projeto são:

1. Contribuir para a valorização e expansão da língua portuguesa, garantindo a sua internacionalização e consolidando o seu estatuto de língua global.
2. Aumentar as possibilidades de acesso a recursos pedagógico/didáticos com qualidade e culturalmente adequados, concebidos à luz dos

princípios do desenho universal (UDL), com vista à melhoria dos processos de ensino aprendizagem da língua portuguesa.

3. Estimular o entendimento e conhecimento interculturais entre os diversos povos de língua portuguesa no mundo.

4. Aplicar os princípios do UDL à aprendizagem da língua portuguesa, com base em conteúdos das diversas áreas do saber, nos domínios da oralidade, leitura, escrita e funcionamento da língua.

5. Garantir oportunidades de interação a nível global aos/às alunos/as e docentes de língua portuguesa na perspetiva de língua materna, língua oficial, segunda língua, língua de herança e língua estrangeira.

Na perspetiva de que os/as docentes devem explorar os conteúdos com recurso a múltiplos meios de apresentação, os/as colaboradores/as têm utilizado o Bookbuilder (<http://bookbuilder.cast.org>), uma ferramenta versátil e flexível, a qual facilita a produção de recursos diversificados que permitem diversas atividades, dando resposta à variabilidade que caracteriza todas as populações escolares. A partir desta ferramenta, os/as utilizadores/as têm criado livros em Português, complementados por um vasto conjunto de opções pedagógicas, a saber leitura automática dos textos, perguntas sobre o texto, imagens, assistentes, hiperligações, glossário, jogos, vídeos e até, em algumas situações, língua gestual.

No âmbito do projeto Universal Design for Learning – Teaching Portuguese Worldwide (UDL-TPW), o Bookbuilder oferece um interface para português. Para a sua utilização, após entrada no bookbuilder, basta clicar em Português na parte superior direita do ecrã. Os livros completos devem ser publicados na Biblioteca Pública do Book Builder. Depois de clicar no botão de Livro Completo, o participante deve seguir para Criar e Editar Livros (na esquerda) e selecionar Publicar na tabela abaixo do Título do Livro. Caso haja concordância com as condições apresentadas, deve-se prosseguir em Publicar na Biblioteca Pública. Presentemente são na ordem de uma centena os livros publicados em português cujas temáticas e tipos de texto são bastante diversificados. Há textos que visam ensinar a ler, outros tratam questões de história, geografia, matemática, ciências, etc. Para além de cobrirem várias áreas do saber, os livros já publicados obedecem a vários níveis de dificuldade linguística, permitindo a sua exploração em vários contextos de ensino do português: como língua materna, língua estrangeira, segunda língua, língua de herança, entre outros.

CONCLUSÃO

O projeto que temos vindo a apresentar constitui uma mais valia para o ensino do português a nível mundial. Os benefícios para os seus participantes são inúmeros, o que tem justificado uma grande adesão de escolas e universidades de vários países. Sumariamente adiantamos as seguintes vantagens:

- As escolas participantes, respetivos docentes e populações escolares, terão a oportunidade de projetar o seu trabalho a nível mundial, contribuindo para a valorização do nosso maior património cultural comum - a língua portuguesa.
- Aos/às docentes participantes será oferecida formação no âmbito (1) dos princípios orientadores de UDL, assim como no uso de ferramentas disponíveis na plataforma eletrónica do CAST, preparadas para o efeito, as quais irão facilitar o trabalho a desenvolver junto de populações escolares diversas, onde impera a variabilidade e (2) do Ensino da Língua portuguesa na sua complexidade e diversidade (língua materna, língua oficial, L2, língua de herança e língua estrangeira).
- Os/as docentes e estudantes terão acesso a recursos, elaborados de acordo com os princípios de UDL e apresentados em múltiplas opções didáticas, os quais irão facilitar os processos de ensino/aprendizagem formais ou informais.
- Os/as estudantes e docentes terão a oportunidade de criar e publicar numa plataforma eletrónica os trabalhos realizados no âmbito do seu currículo escolar, nas diversas áreas do saber, apostando nas novas tecnologias ao serviço da internacionalização da língua portuguesa no contexto mundial.

A Universidade dos Açores, certa de que está a dar um importante contributo à qualidade do ensino do Português, ministrado nos países de língua portuguesa e no estrangeiro, tem apostado neste projeto, através do envolvimento dos alunos e alunas da licenciatura e mestrado em educação do pré-escolar e 1º ciclo, bem como da coordenação das escolas que, em Portugal, têm participado nesta dinâmica.

A confirmar a relevância do nosso esforço, destacamos a notícia publicada no final de 2013, por parte da Graphite (uma entidade ao serviço da Common Sense Media – <http://www.graphite.org/>) que posicionou a ferramenta que temos vindo a explorar, o Book Builder, na lista das cinco melhores ferramentas para a classe estudantil (**5 Tech Tools for Writing and Blogging**). Esta informação, contida em <http://www.graphite.org/website/cast-udl-book-builder>, atesta bem a relevância deste projeto que permite aos alunos e alunas escreverem e partilharem livros. Neste momento

contamos com mais de duas dezenas de iniciativas realizadas em torno deste projeto em Portugal e no estrangeiro, entre as quais destacamos:

- A formação especializada de elementos do projeto em Book Builder no CAST, EUA.
- A organização do Congresso Internacional de Universal Design for Learning, que organizamos, na Universidade dos Açores, nos dias 6 e 7 de setembro de 2011.
- A tradução em português, para linguagem paritária, do vídeo UDL at a Glance em <http://www.youtube.com/watch?v=ltMJO6ciksl>, tendo nós introduzido pela primeira vez na história do CAST a língua gestual como recurso alternativo à aprendizagem.
- A participação no XXIV Congresso de Língua e Culturas Portuguesas: Bridging the Past with the Present and the Future. Contributions, Connections & Communities, que decorreu nos dias 6 e 7 de abril, na Lesley University, Cambridge, Massachusetts, EUA.
- A participação na II Conferência Internacional sobre o Futuro da Língua Portuguesa que decorreu, na Faculdade de Letras, a 30 de outubro de 2013, em Lisboa.
- A organização da Oficina de Trabalho sobre Dificuldades de Aprendizagem: Como Construir o Sucesso Escolar, que decorreu na Universidade dos Açores a 24 de julho de 2013.
- A apresentação do projeto à União Europeia, no âmbito do programa ERASMUS+, que visa disponibilizar formação a professores do espaço europeu sobre UDL e Book Builder.

Porque o futuro do ensino está intimamente ligado ao recurso às novas tecnologias, cremos vivamente que este projeto será uma mais-valia para o ensino do Português que, pelo mundo fora, tem sido ministrado com comprovadas limitações ao nível do material oferecido.

ACTFL - American Council for the Study of Foreign Language. Disponível em <http://www.actfl.org>. Acesso em 1 de março de 2014.

CAST Center for Applied Special Technology.

Graphite. Disponível em <http://www.graphite.org/website/cast-udl-book-builder>. Acesso em 20 de fevereiro de 2014.

UDL Bookbuilder Website. Disponível em <http://bookbuilder.cast.org/sources.php?p=media>. Acesso em 1 de março de 2014.

UDL at a Glance. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=ltMJO6ciksl>. Acesso em 25 de março de 2014.

23. HELENA ANACLETO-MATIAS, ISCAP, IPP PRESENCIAL

hanacleto@iscap.ipp.pt; mhelenamatias@hotmail.com

HELENA ANACLETO-MATIAS, Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Instituto Politécnico do Porto.

Desde 1993 que é docente na área de Línguas e Culturas do Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Instituto Politécnico do Porto. Licenciada (1988), Mestre (1997) e Doutoranda (desde 2008) na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Helena Anacleto-Matias completou uma pós-graduação como intérprete de conferências (Universidade de Genebra, 1989), enquanto bolsista do Parlamento Europeu, e outra pós-graduação em Estudos Norte-Americanos (Smith College – EUA, 1990), com uma bolsa Fulbright. Publicou artigos em Portugal, Chipre e Países Baixos nas áreas da Linguística, Estudos Interculturais, Literatura, Tradução e Interpretação e publicou o seu primeiro livro “Emma Lazarus – Vida e Obra” na Editora Cão Menor, em 2008. Como pontos altos de comunicações apresentadas em congressos internacionais destacam-se Singapura (2002), Santiago de Compostela (coautoria, 2003), Bélgica (2006, 2011), Chipre (2007), Valência (2008), Brasil (2010) e Macau (2011). Esteve igualmente em mobilidade Erasmus na Universidade Nicolau Copérnico, em Toruń – Polónia (2009). O seu interesse pelos Estudos Lusófonos tem vindo a crescer desde que participou no IX Congresso da Associação das Universidades de Língua Portuguesa (AULP – Viseu, 2001). Ensina Português como Língua Estrangeira no Porto (1992/93) e em Bruxelas (2006/2007).



É A DÉCIMA NONA VEZ QUE PARTICIPA NOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA (DESDE 2003 EM BRAGANÇA). É SÓCIO FUNDADOR DA AICL E SECRETÁRIA DO CONSELHO FISCAL
PERTENCE AO SECRETARIADO EXECUTIVO DO COLÓQUIO

24. HELENA CHRYSTELLO, EB 2,3 MAIA & AICL



HELENA CHRYSTELLO, Vice-presidente da direção, membro dos comités científico e executivo dos colóquios desde o primeiro colóquio da lusofonia, preside ao secretariado e é moderadora de sessões. Helena Chrystello tem uma licenciatura em Ensino, variante de Português – Francês e mestrado em Relações Interculturais, subordinado ao tema Da Língua à Interculturalidade: um estudo de caso pela Universidade Aberta; curso superior de secretariado do Instituto Superior de Línguas e Administração (ISLA), Lisboa; Certificat Pratique de la Langue Française, Université de Toulouse – Le Mirail e Certificado de Aptidão Profissional – Bolsa Nacional de Formadores, Instituto do Emprego e Formação Profissional. Lecionou, desde 1976/1977 e durante vários anos no ensino básico, secundário e profissional (coordenadora de cursos e da PAP – Prova de Aptidão Profissional). Foi assistente na Escola Superior de Educação de Bragança, na área científica de Língua Francesa (2002/2005) e supervisora de estágios.

Foi tradutora da PNN-LUSA, Sydney, proporcionando serviços de apoio de tradução, interpretação e comunicação social, nos campos linguístico, literário e técnico em congressos (1995-2005). Foi tradutora de Francês Técnico de programas para cursos técnico-profissionais da CICOPN (1986/1988).

Participou e foi oradora em vários congressos nacionais e internacionais (Espanha, Canadá, Brasil e Macau), com trabalhos publicados em atas e revistas científicas da especialidade.

Membro da ACT/CATS ‘Association Canadienne de Traductologie’ e da SLP (Sociedade de Língua Portuguesa).

Membro nomeado do júri do Prémio Literário da Lusofonia (anual) de 2007 a 2009 e do 1º Prémio Literário AICL Açorianidade 2013 – JUDITE

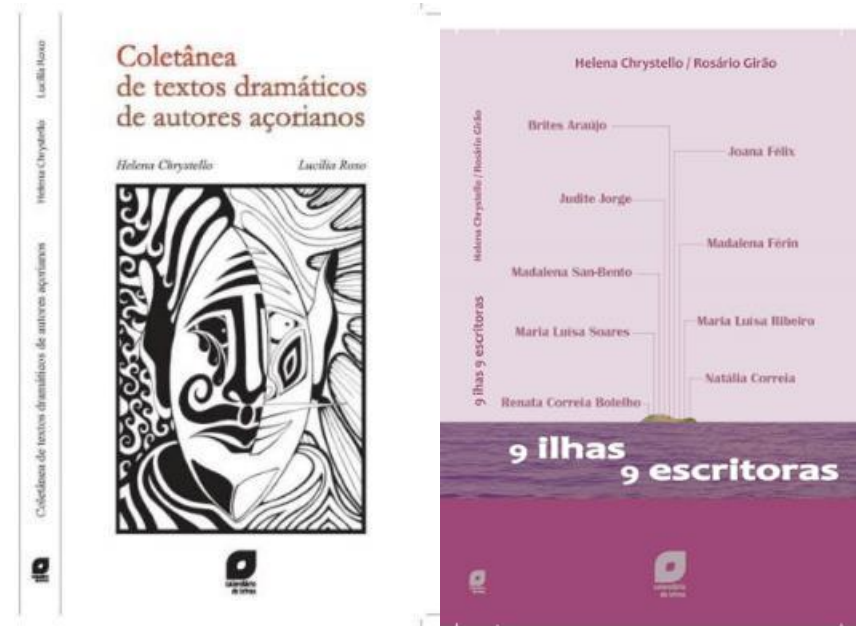
JORGE. Coautora com a Professora Doutora Maria Rosário Girão dos Santos (Universidade do Minho) da ANTOLOGIA DE (17) AUTORES AÇORIANOS CONTEMPORÂNEOS incluída no Plano Regional de Leitura e cuja edição bilingue (PT-EN) de 15 autores, foi lançada no 16º colóquio. Lançou no 19º colóquio a edição monolíngue da Antologia em dois volumes.

Na EB 2,3 da Maia é Coordenadora do Departamento de Línguas e exerce funções de Avaliadora do Desempenho Docente. Apresentará nova obra sobre dramaturgia açoriana e a antologia "9 ilhas 9 escritoras açorianas".

É SÓCIO FUNDADOR DA AICL. É VICE-PRESIDENTE DA DIREÇÃO TOMOU PARTE EM TODOS OS 20 COLÓQUIOS LIDERA O SECRETARIADO EXECUTIVO DO COLÓQUIO MODERA SESSÕES E APRESENTA DUAS OBRAS QUE SÃO PROJETOS AICL E EM QUE É COAUTORA:

"COLETÂNEA DE TEXTOS DRAMÁTICOS AÇORIANOS" (HELENA CHRYSTELLO E LUCÍLIA ROXO) APRESENTAÇÃO POR ANABELA SARDO

"9 ILHAS, 9 ESCRITORAS" (HELENA CHRYSTELLO E ROSÁRIO GIRÃO) APRESENTAÇÃO POR LOURDES ALFINETE



25. JOANA FÉLIX, ESCRITORA AÇORIANA



RETIRADO DE DIÁRIO INSULAR 15 SETEMBRO 2013

JOANA FÉLIX desde o berço que se habituou aos serões culturais em casa. Filha de Emanuel Félix, um dos mais importantes poetas açorianos, segue os trilhos da poesia.

Quando ainda era criança, Joana Félix apreciava a azáfama que regularmente existia em sua casa durante os serões, em que eram convidadas figuras da cultura da Terceira ou com visitantes como Adriano Correia de Oliveira ou Carlos Paredes.

Recorda-se, também, quando o pai – Emanuel Félix, um dos maiores poetas açorianos de sempre – a cativava lendo poesia como quem conta uma história para dormir.

Com toda a ambiência cultural que fervilhava na casa da família Félix em Angra do Heroísmo, o encontro de Joana Félix com a escrita foi inevitável. *“Comecei a escrever muito cedo, tinha seis anos de idade. O meu pai encontrava coisas escritas por mim escondidas dentro de livros. No meu primeiro livro estão várias coisas que escrevi quando era criança e que foram publicadas exatamente como tinham sido feitas nessa altura”*, referiu. Os primeiros poemas de Joana Félix foram publicados em jornais como o extinto “Direto”, cuja redação ficava na mesma rua onde residia.

Desde cedo que começou a habituar-se a conviver com as comparações entre a sua escrita e a do pai, situação que, segundo confessa, nunca a incomodou. Sempre teve consciência da responsabilidade de escrever poesia, sendo filha de Emanuel Félix que foi um grande escritor, mas sempre procurei percorrer o meu caminho sem nunca deixar de ter em conta esse facto. *“Desde cedo que dei a conhecer aquilo que escrevo porque concordo com quem diz que a poesia, ou outra forma de arte, não deve estar escondida numa gaveta”*, afirmou.



Apesar de a realidade em termos afetivos e geográficos da ilha estar patente na sua poesia, Joana Félix assegura que não existem limites para a sua escrita.

“Tal como acontecia com o meu pai, por vezes levanto-me a meio da noite para escrever ou fazer apontamentos de coisas que me ocorrem.

Sinto necessidade de registar essas ideias que surgem de um momento para o outro”, disse.

Quando lhe perguntamos se a obra poética de Emanuel Félix não tem sido esquecida desde a sua morte em 2004, Joana Félix responde afirmativamente sem hesitar.

“Custa-me que a sua obra esteja um bocado esquecida. É óbvio que ainda existem pessoas interessadas em mantê-la viva, mas é um facto que hoje ouve-se falar pouco dela e isso entristece-me um bocadinho”, adiantou.

Numa altura em que se edita cada vez menos livros de poesia e os textos de novos autores açorianos são pouco divulgados, recorda que é importante não desistir porque *“a palavra escrita é muito importante”*.

Nesse sentido, Joana Félix refere que é fundamental que as pessoas que têm gosto pela escrita publiquem os seus trabalhos, até porque hoje existem muitos recursos para isso com as potencialidades que a internet tem para oferecer. *“Não me importo que ‘usem e abusem’ dos meus textos porque a arte deve ser partilhada”*, referiu.

Aponta como lacuna o facto de não haver, presentemente, na Terceira, muitos espaços onde se possam realizar recitais de poesia, uma vez que poderia ser uma via para despertar o interesse das pessoas por essa e outras formas de expressão escrita.

Depois de ter editado o seu primeiro livro com o título “Palavras que eu disse”, integrou uma antologia de poesia da Chiado Editora e prepara uma nova publicação de textos.

PAUSA NA PINTURA

Para além da escrita, Joana Félix tem dedicado algum do seu tempo à pintura, outra vertente da arte que também mereceu interesse do seu pai, que exerceu a sua atividade durante muitos anos na área do restauro de obras de arte.

“Tal como aconteceu com a escrita, comecei a fazer desenhos muito nova porque tinha acesso aos materiais que me pai me arranjava para pintar. O meu irmão (Emanuel Félix Júnior) era muito melhor do que eu nessa área, mas lá em casa quase toda a gente gostava de pintar”, referiu. No entanto, confessa que nos últimos tempos a pintura tem ficado um pouco de lado, ao contrário do que acontece com a escrita.

“No desenho e na pintura, quando se fica muito tempo parado, perde-se o jeito, por isso espero voltar a essa atividade em breve até porque começo a ter saudades dos pincéis e das tintas”, afirmou. Joana Félix admite

que na sua poesia existe muito do que faz na pintura através do jogo de cores e das imagens e que as duas formas de expressão de artes se podem complementar. (Retirado de Diário Insular 15 setembro 2013)

JOANA FÉLIX foi uma das autoras selecionadas para a Antologia "9 ilhas, 9 escritoras" da AICL de Helena Chrystello e Rosário Girão]

ESTEVE PRESENTE PELA PRIMEIRA VEZ NO 17º COLÓQUIO LAGOA 2012 FARÁ PARTE DA MESA REDONDA 9 ILHAS, 9 ESCRITORAS

(VER CADERNO AÇORIANO Nº 20 <https://www.lusofonias.net/acorianidade/cadernos-acorianos-suplementos.html#>)

26. JOÃO COSTA SIMÕES CHRYSTELLO, AICL, SECRETARIADO, ASSESSOR TÉCNICO DOS COLÓQUIOS

JOÃO Costa Simões CHRYSTELLO (n. 1996). Membro supranumerário dos Colóquios. Frequenta o 11º ano da Escola Sec. da Ribeira Grande (Humanidades). Desde 2008 em Bragança tem-se mostrado um excelente assessor técnico, responsável – entre outras atividades - pela gravação e verificação das Atas/Anais em CD/DVD e milhentas pequenas coisas invisíveis que ele consegue por a funcionar, nas áreas tecnológicas (desde conversão de obscuros tipos de ficheiros e programas ao roaming dos telemóveis/celulares). Desde 2008 desempenha funções de sonoplasta e lumino-técnico, além de prestar um inestimável apoio informático a todos os oradores, às sessões culturais paralelas e à organização dos colóquios. A ele se devem capas e gravações dos CD e vídeo homenagens s.

PERTENCE AO SECRETARIADO EXECUTIVO DO COLÓQUIO



BRAGANÇA 2009



FLORIPA 2010



- MACAU 2011



LAGOA 2012



MAIA 2013



MAIA 2013

PARTICIPOU EM BRAGANÇA 2008, LAGOA 2009, BRAGANÇA 2009, BRASIL 2010, BRAGANÇA 2010, MACAU 2011, SANTA MARIA 2011, LAGOA 2012, MAIA 2013, SEIA 2013

[A ANIMAÇÃO PRODUZIDA EM 2011 PARA A APRESENTAÇÃO DA AICL](#)

27. JOÃO MALACA CASTELEIRO, ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA. PATRONO DOS COLÓQUIOS DESDE 2007

JOÃO MALACA CASTELEIRO licenciou-se em Filologia Românica em 1961, e doutorou-se em 1979, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, com uma dissertação em Sintaxe da Língua Portuguesa.

É, desde 1981, professor catedrático na mesma faculdade. Tem lecionado e coordenado a cadeira de Sintaxe e Semântica do Português, no âmbito da licenciatura, e vários seminários nas áreas da Sintaxe, Léxico e Didática, no âmbito do mestrado.

Foi diretor de investigação do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, conselheiro científico do Instituto Nacional de Investigação Científica e presidiu ao Conselho Científico da Faculdade entre 1984 e 1987. Tem coordenado e colaborado em diversos projetos de investigação e de edição, em Portugal e no estrangeiro, em articulação com organismos como o Conselho da Europa, os Serviços de Educação do Governo de Macau e o Ministério da Educação, entre outros.



É professor convidado na Universidade da Beira Interior, no Departamento de Artes e Letras. É membro da Academia das Ciências de Lisboa, desde 1979, e foi até 2009 presidente do seu Instituto de Lexicologia e Lexicografia. Ao longo da sua carreira de professor orientou já mais de meia centena de teses de doutoramento e de mestrado.

Ganhou o Grande Prémio Internacional de Linguística Lindley Cintra, da Sociedade de Língua Portuguesa, em 1981, agraciado pelo Governo Francês com o grau de Cavaleiro das Palmas Académicas, em 1986.

A sua bibliografia, iniciada com a tese de licenciatura em 1961, é constituída por muitas dezenas de estudos dedicados à linguística e à lexicologia. Editou obras como A Língua e a Sua Estrutura, A Língua Portuguesa e

a Expansão do Saber, *Nouvelles perspectives pour l'enseignement du portugais en tant que langue étrangère*, A Língua Portuguesa em África e A Língua Portuguesa no Oriente: do séc. XVI à Atualidade.

Foi o coordenador do Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea e o responsável pela versão portuguesa do Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Tem participado em congressos e conferências, dentro e fora do país, apresentando e publicando textos científicos.

Assumiu funções institucionais:

Conselheiro Científico do Instituto Nacional de Investigação Científica, ao longo de 20 anos, Presidente do Conselho Científico da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa ou Presidente da Academia das Ciências de Lisboa desde 1991.

Para além da sua intensa e produtiva atividade docente, tem dedicado a sua carreira ao estudo da sua língua, e a sua extensa obra de investigação inclui inúmeros livros e artigos científicos.



Assumiu também a responsabilidade por Projetos de Investigação de grande importância, como Português Fundamental, Estruturas Lexo-Gramaticais do Português Contemporâneo, o Dicionário eletrónico do Português Contemporâneo ou o Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea. Tem colaborado na qualidade de Professor Visitante ou de Professor Convidado com diversas instituições, nomeadamente a Universidade de Macau, e dirigido várias Teses de Mestrado e Doutoramento.

O reconhecimento dos seus méritos e do seu trabalho traduz-se em especial no respeito que académicos de todo o mundo têm demonstrado pela sua obra, pelos inúmeros convites para que participe em Conferências e Seminários Internacionais, recebeu do governo Francês o Grau de Cavaleiro da Ordem das Palmas Académicas, julho de 1998. A 26 de abril de 2001 foi agraciado pelo Senhor Presidente da República Portuguesa com o Grau de Grande Oficial da Ordem do Infante D. Henrique. **É patrono**

dos Colóquios da Lusofonia desde 2007 e um convicto defensor da adoção do Acordo Ortográfico de 1990 em cuja conceção participou.

Foi nomeado ACADÉMICO CORRESPONDENTE DA ACADEMIA GALEGA DA LÍNGUA PORTUGUESA em outubro 2012.

É SÓCIO FUNDADOR DA AICL. E PRESIDE À ASSEMBLEIA-GERAL TOMOU PARTE EM TODOS OS COLÓQUIOS DESDE 2007

INTERVIRÁ NA MESA DAS ACADEMIAS

28. JOÃO PEDRO PORTO, ESCRITOR AÇORIANO



J P Porto nasceu nos Açores

(1984). Tendo maturado em seio de escritores e músicos, tornou-se leitor compulsivo, dedicando-se, também, desde muito cedo, ao piano, com o qual acabou por estabelecer uma relação da mais pura dependência. A paixão fulminante pela Psicanálise fê-lo ingressar no Instituto de Psicologia Aplicada, tendo completado os estudos com o grau de Mestre.

Do seu percurso académico, regista-se o interesse pela análise de objetos culturais e a escrita de monografias avaliadas com as mais elevadas distinções, de entre as quais se destaca uma autópsia psicológica a Antero de Quental e uma tese compreensiva acerca da psicopatia e do poder na literatura e no cinema do século XX. Sobressai, também, a tutoria de mestres como Frederico Pereira e Coimbra de Matos e a práxis sob a tutela da Comandante Sandra Henriques no Hospital da Marinha Portuguesa.

Já na ilha, pertenceu à comissão instauradora do primeiro colégio da região com mais de doze anos integrados de escolaridade, tendo contribuído para a criação do seu primeiro projeto educativo. Dedicou-se, depois, e até hoje, à prática clínica privada. Com a sua rubrica, viram-se já

editados dezenas de artigos em diversos jornais de grande tiragem, bem como contos e poemas em revistas e suplementos literários.

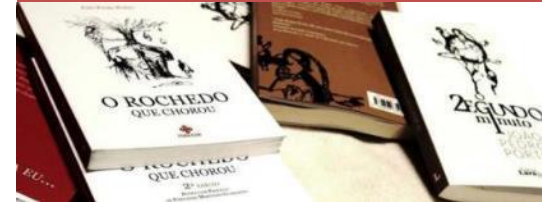
Desde o ano de dois mil e onze, o autor publicou três romances: *O Rochedo que Chorou* (Publiçor, 2011), *O Segundo Minuto* (Letras Lavadas, 2012) e *Porta Azul para Macau* (Letras Lavadas, 2014); e um conto: *O Homem da Mansarda* (Seixo Publishers, 2014).

A sua escrita de dimensão marcadamente surrealizante, as suas compulsivas alusões ao simbólico e a distinta estrutura que confere às narrativas, têm encontrado um assinalado reconhecimento.

Nos seus dois primeiros romances, prepondera a dinâmica entre a poesia, a prosa e a expressão gráfico-pictórica.

Em *Porta Azul para Macau*, o autor adere à trama romanesca, encaixilhada em palco teatral. Transversais às suas narrativas, irreverentes ao tempo, estão os temas da solidão intelectual, do amor como redenção, da loucura e da sanidade, do real e do imaginário, e muitos outros humanismos.

ESTEVE PRESENTE NA LAGOA 2009 MAS PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ



TEMA 1.3. APRESENTAÇÃO DE NOVA FICÇÃO PORTA AZUL PARA MACAU DE

JOÃO PEDRO PORTO

Breve comentário acerca da desconstrução do ato criativo e da estrutura estética da obra.

Explanção da (des)estruturação orgânica da narrativa – *O mirone que piscava os olhos: das micronarrativas ao holismo de um romance*

Breve leitura da obra.

APRESENTAÇÃO DO ROMANCE PORTA AZUL PARA MACAU

Pelo fim do primeiro trimestre do ano de dois mil e doze, às últimas horas do dia, véspera de retorno, eu e Eduíno de Jesus, trilhávamos por Alfama, atentando a lajes de calçada manhosas, a gatos de hercúleas proporções e a canadas dantescas. Um Dante, outro Vergílio. Entre nós, um sujeito incorpóreo de sessenta anos chamado Tempo. Procurávamos uma galeria de arte, onde se suspendiam as obras fabulosas de Cruzeiro Seixas.

A seu devido tempo, lá a encontrámos. No fim do périplo, em jeito de agradecimento e porque o tinha à mão, deixei, endereçado a Seixas, um exemplar de uma segunda edição do meu primeiro romance.

Nunca sonhei, nem surrealmente, que esse gesto incitasse o eco. Eis que, meses depois da epopeia, um embrulho arquetizado a fio de cordel e letra aparentemente codificada, engasgava a portinhola do correio. Vinha do Estoril e, no remetente, lia-se: Artur Seixas. No seu interior – foi manobra difícil o desatar de tão bem conjurado embrulho –, uma serigrafia e uma carta, que agora se pendura na parede em frente à minha mesa de escrita. Não me querendo adiantar acerca dos conteúdos da carta – que justamente justificam a sua presença sobre a tal escrivãzinha –, tenho de me debruçar sobre a serigrafia *Projeto para um Tejo à Nossa Medida*.

Desconhecedor dos anos em que eu, então residente do Colégio Pio XII e Ispiano, percorria, todas as alvas, a Avenida da Liberdade em direção ao autocarro nos Restauradores, com destino a Santa Apolónia e baixa Alfama, Cruzeiro Seixas havia-me oferecido uma visão de um Tejo acima do nível atual – à nossa medida, portanto. Uma Lisboa inundada, galgada pelas águas. Precisamente, dos Restauradores ao Marquês. Eis um bom formato para um quinto império – pensei.

Quando Nabucodonosor II sonhou com uma estátua profética, dividida em cinco partes, fê-la com os pés de barro, quais fundações venezianas tornadas incertas pelas húmidas ondulações do tempo e das monções dos humores. Esse seria o Quinto Império. É bem sabido que todos os impérios têm em si as térmitas de asa que levam à ruína dos sonhos, das utopias – sobre isto já nos tínhamos debruçado. Desta feita, o império acontece, como todos aconteceram, sob o dístico encapsulado do fascismo de uns Corvos e da rigidez redutora e dogmática da institucionalização, numa Lisboa tornada arquipélago por desonra e vergonha, e num rilhãfoles esquizofímico e umbilical. No primeiro cenário, as sete colinas da Capital tornam-se as sete ilhas da Carta de Valsequa. No segundo, a instituição é uma ilha só por si.

Estremada da Razão numa oitava ilha, mais alta e portanto mais apta a ser acervo dos desprezados. Em ambos os constructos cénico – temporais, uma porta azul esconde as tais térmitas de asa. Quanto aos Corvos, chamo-os também de devoradores, por homenagem a um pequeno texto de Resendes Ventura – *Poesia ou Nada* – onde o autor aponta que «O poeta, o verdadeiro poeta, cria e recria o Mundo, revelando-lhe a alma e procurando-lhe sentido. Aqueles dos homens que se entregam a

devorá-Lo, em vez de criá-Lo, não O vão conseguir aniquilar. Serão eles os aniquilados. Sempre o foram”.

É bom que saiba, caro leitor, em jeito de desengano, que tudo o que aqui se passa é puro embuste espetaculoso, nascido, em jeito de parto partilhado, tanto da tela de Seixas, como da frase: «No destino, o mar não existe. Só rios», de Eduardo Bettencourt Pinto, no seu fabuloso *O Príncipe dos Regressos*; ou, do mesmo: «Passamos pelo tempo, cumprindo-nos», n’*As Brancas Passagens do Silêncio*; ou, também, de um brilhante bosquejo de Lisboa, por João de Melo, no seu *Homem Suspenso*. Dela, cidade, diria ser «A ilha de pedra, entre o azul do céu e do mar».

Num ocasionado instante, o último, em conversa datada, confessava-se de benquereres por Madrid. Respondi-lhe, imberbe, que Madrid não tinha mar, e que, justamente por isso, preferia Lisboa, que a bem ver, também não o tinha. O escritor, mais sazonado, respondeu-me mui habilmente que já lá tinha posto um, referindo-se ao seu *O Mar de Madrid*. O açoriano suporta em si o mar. Assim o fazem todos os que, nas suas castas de ilhéus – seja pela soledade que se sente entre a pele e o demais que não seja também pele, ou pela condição geográfica de se pertencer a ilhas, sempre – riscaram na página a sua condição. Quanto a isto, melhor se expressava Balzac em *Des Artistes*; nestes termos: «O artista não está ele próprio no segredo da sua inteligência. Opera sob o império de certas circunstâncias cuja reunião é um mistério. Não se pertence (...) e, se tenta [escrever], não é ele (...), é o seu duplo, o seu sócia; aquele que monta a cavalo, faz calembures, tem vontade de beber, de dormir e só tem espírito para inventar extravagâncias».

A pergunta a fazer, suponho, é: o que é verdade na ficção? Nestas extravagâncias. Podíamos mesmo ampliar a pergunta: o que é verdade na realidade? Se ambas – ficção e realidade – se prendem à circunstância, aos olhos e aos seus senhores, será que existe verdade? A busca pela verdade é, no entanto, o que nos aproxima, tanto da realidade como da ficção. Se o Neurótico se aferrolha ao real, e se o Psicótico das amarras se liberta, podemos dizer talvez que a escrita e a leitura – movimentos semelhantes aos da respiração pulmonar ou das síncope cardíacas – tendem para uma irrecusável loucura. A realidade é, por vezes, apenas a loucura mais fácil de acreditar – ou a menor loucura, se assim o entendermos. Cria-se aqui, pois, uma paralaxe da leitura. Cada um que para as letras olhar, vê-las-á de forma diferente, medidas a diferentes retoques cognitivos. Diria Ernesto Rodrigues, em prefácio para Vergílio Alberto Vieira, que «a sugestão inaugural é, pois, ler do princípio ao fim, que nunca foi má solução».

Tenta-se, pois, aqui, criar outros de nós próprios. Jorge de Sena, no fabuloso *Ser do seu Post-Scriptum*, fala de uma cansada expectativa ansiosa de ser apenas ele; pois, desta expectativa procura-se fugir criando outras. Serão essas as metarrealidades de que falam os protagonistas, eles próprios produtos alternativos. Facilmente seriam silhuetas distorcidas de O'Neill, Cesariny, José-Augusto França e outros antineorrealistas inconformistas. Num outro exercício de paralelismos e convulsões pós-desmembramentos, remeto-me, também, para estórias relatadas pelo meu Avô, Fernando de Lima, membro edificador do Círculo Literário Antero de Quental. Numa geografia tornada outra, com apelidos distintos, vivem-se linhas de realidades idas – não fosse a memória do conto também uma realidade alternativa por si própria.

A metarrealidade será, pois, apenas um avolumar de variações. No fundo somos tão mutáveis que acabamos sendo muitos. No texto que prefacia *O Banqueiro Anarquista*, de Pessoa, K., Sine Nomine Vulgus, diz-nos: «...foram-se aviltando as gerações, os intelectuais, os futuristas, os dadaístas (se algum houve), os surrealistas do nosso pequeno Parnaso; nunca sendo capazes de assumir o seu sofrimento, as suas angústias, as suas contradições – e eram tantas! (...) Há séculos que o Homem torturado (...) procurou manifestar-se um outro, uns outros (...) O esforço consagrado deste trabalho quixotesco e o único aplaudido pela sociedade é a arte, o artista». Pela arte somos, portanto, muitos. Sempre em acervo. Sempre em formato onírico. Hélder Macedo, em entrevista à *Ler*, diz que «o nosso mundo fantasmagórico é muitas vezes tão poderoso, se não mais, quanto o mundo real».

Concluo, então, que a falar-se de alternativas, que se fale em idioma onírico; metafórico. Nietzsche, Schopenhauer e Eduardo Lourenço, tomando Gracián como um crítico pessimista da representação, assistem a sua visão de que a essência do real e do teatro de sombras humano é metafórica. E a metáfora subsiste na linguagem, portanto, descobrir a verdade da linguagem, num exercício lacaniano, é descobrir o sentido de todas as coisas. Não querendo ir a subterrâneos – Como o diz Agustina Bessa-Luís, sobre Kafka –, tento não me render à parábola óbvia, se bem que, há de perdoar o leitor, por vezes o calcanho escapa e roça um outro: como ter passado gázeo pelo escaparate, após o escrito consumado, e ver, qual ressurgimento de imagem damasiana, a conexão poeniana na tradução errónea de *Usher* para oficial de diligências. Borges di-lo-ia uma referência livresca, se em diálogo com um si próprio mais velho; mas talvez o maior erro da literatura atual mais desencantada seja a falta de uma

perspetiva propositadamente universalizada, consciente das suas heranças; e é inegável que todas as heranças são coisas ferventes, que ora nos queimam as mãos, ora as aquecem.

Abro as páginas desta peça com Fitzgerald pois naquele mesmo romance, diz o autor, fazendo-se personagem, que «(...) era o *confidente dos sofrimentos secretos de homens atormentados e obscuros.*» Será impossível não partilhar este autorretrato. Em considerações tomadas sobre o precipício, debruçado na amurada das primeiras linhas, atentei rescrever de memória, no mesmo lugar, António Ramos Rosa, no seu *O Aprendiz Secreto*: «*Tudo será construído no silêncio, pela força do silêncio, mas o pilar mais forte da construção será uma palavra. Tão viva e densa como o silêncio e que, nascida do silêncio, ao silêncio conduzirá.*»; e arrematar com Hamlet: «*O Resto é o Silêncio.*» *Ganhou o americano, porque nenhuma outra frase condensará tão bem o produto final do que vos aqui apresento.*

Tudo isto dito, na estória que, não despropositadamente, versa sobre silêncios e gerações e os perigos das não-correções, chispa-se a todas as referências, tentando a impossibilidade do original – que, a bem ver, etimologicamente, vem do verbo nascer. E o que nasce é sempre novo, por mais genésicas que tenha. O episódio do Masarda tornado batel e o poema que lhe serve de ré foram publicados no primeiro número do suplemento literário do *Jornal Terra Nostra, Artes & Letras*, coordenado por Vamberto Freitas e Álamo Oliveira. Daí se avolumou a ideia do inconformista da Mansarda. Também a relação entre um narcolético e uma rapariga de insónias foi amoldada de um outro texto encomendado por Nuno Costa Santos. Nada holístico será ilhéu solitário, e nenhum arquipélago se disporá por algo que não ilhas. Ambiciona-se, pois, o parto distócico de algo novo, de uma ideia que se quer agigantada na maturação. Ainda nesta senda e, quanto à estrutura teatralizada, descobri post-redação, que se assemelhava a *O Amor do Soldado*, de Jorge Amado. Da leitura aos nove anos, concluo, deixou-se ficar a estrutura literário-teatral em estado latente, até emergir, duas dezenas de anos passadas.

Termino esta nota de apresentação como me despeço logo no início da trama: *Resta-me acautelar que o Narrador, sem parcimónia, será um outro de mim. Não desejo contaminar, os espetadores, com ego-e outros ísmos próprios de quem põe gipsófilas em torno de uma rosa.*

29. JOHN J BAKER, UNIVERSIDADE DE PITTSBURGH, PENNSILVÂNIA, EUA ASSISTENTE PRESENCIAL



JÁ TOMOU PARTE NO 17º NA LAGOA 2012 E 19º COLÓQUIO NA MAIA

30. JOSÉ JORGE DE MELO, AUTOR AÇORIANO

Nasci em Ponta Delgada em outubro de 1942. Sou do signo Balança e revejo-me em algumas características desse signo:

- aprecio todas as formas da arte;
- a liberdade e a aventura;
- sou irónico, ativo e procuro a dignidade;
- melindro-me quando ferem o meu orgulho;
- por princípio não desconfio de ninguém;
- sou cordato, diplomata, gentil e
- tenho gostos refinados.

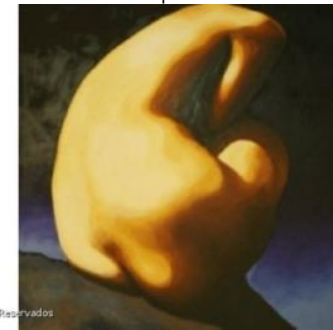


Estudei em Ponta Delgada onde tirei o Magistério Primário e lecionei durante quatro anos. Prestei o serviço militar no Continente e suportei dois anos de guerra colonial na Guiné-Bissau, onde fui agraciado com uma

Cruz de Guerra de 3ª Classe. Seguidamente, frequentei em Lisboa o Instituto Superior Técnico e formei-me em Eletrotecnia.

Trabalhei quarenta anos em Telecomunicações e constituí várias firmas em Portugal, uma em Angola, uma no Zimbábue e outra na Polónia; algumas de efémera duração e outras com sucesso. Ao longo destes anos tive oportunidade de me deslocar aos quatro cantos do mundo e considero que tive uma vida aventurosa.

Reformei-me aos 67 anos. Tinha duas filhas e plantado várias árvores, fal-



tava-me escrever um livro. © Direitos Reservados

Apresentação da Pessoa e da Obra

Dediquei-me então a essa tarefa, gostei e publiquei:

- em 2009 "Sonhos de Emerenciana" (romance);
- em 2010 "Ver Santa Maria por um Canudo" (romance);
- em 2011 "As Bocas do Mundo" (romance);
- em 2013 "Registo de Viagem: Rota Moçambique e África do Sul" (um misto de relato de viagem, romance e crónica);
- em 2014 "Sem Rumo e sem Rima" (poesia).

Antes da publicação desta última obra várias pessoas apreciaram as minhas poesias, outras houve que as condenaram. Uma das críticas que recebi rezava: " - Este trabalho vai enegrecer o bom-nome que já conquistaste!" Fiquei surpreendido, porque desconhecia que tinha ganho bom-nome como escritor. Independentemente do que fosse e movido pela curiosidade decidi enfrentar o desafio; e publiquei os versos.

janeiro, 5 de 2014

JOSÉ JORGE DE MELO, APRESENTAÇÃO DA PESSOA E DA OBRA

Ex.mos Dirigentes da Associação Internacional dos Colóquios de Lusofonia;

Minhas Senhoras; e
Meus senhores;

Pertenço ao grupo dos sócios mais recentes desta Associação e quero aproveitar a oportunidade que me concederam de falar a esta distinta assembleia, para me apresentar: tentar dizer-vos quem sou e o que faço.

Nasci em Ponta Delgada em outubro de 1942 e sou do signo Balança. Revejo-me em algumas características desse signo:

- aprecio todas as formas da arte,
- a liberdade e a aventura;
- sou irónico, altivo e procuro a dignidade;
- melindro-me quando ferem o meu orgulho;
- por princípio não desconfio de ninguém;
- sou cordato, diplomata, gentil e
- tenho gostos refinados.

Estudei em Ponta Delgada onde tirei o Magistério Primário e lecionei durante quatro anos. Vivi 21 anos deambulando por São Miguel, alimentando sempre o desejo de ir conhecer outras terras. Coimbra para mim era um sonho. Em setembro de 1964 parti para Lisboa para ir cumprir o serviço militar. Estive 3 meses em Tavira, 3 meses em Mafra e regresssei a São Miguel onde estive 9 meses no Quartel dos Arrifes. Quando julgava que tinha escapado ao Ultramar, fui mobilizado para a Guiné-Bissau, onde suporrei dois anos de guerra na qualidade de atirador de infantaria e fui agraciado com uma Cruz de Guerra de 3ª Classe.

Os dois anos de guerra foram extremamente marcantes nos campos cultural, ideológico e de experiência de vida. Durante cerca de 30 anos recusei-me a falar sobre o que passei por lá. Era um período para esquecer. Os heróis eram aqueles que tinham emigrado ilegalmente para França para escapar à vida militar. Interroguei-me muitas vezes se não teria sido um cobarde por me ter deixado ficar e seguir o caminho que me pareceu mais seguro e correto. Só muito recentemente ganhei forças para falar abertamente sobre os acontecimentos de guerra dos quais fui um dos autores. Apesar de Coimbra ter sido um sonho para mim, decidi-me por Lisboa e fui frequentar o Instituto Superior Técnico. Formei-me em Electrotécnica e trabalhei quarenta anos em Telecomunicações. Constituí várias firmas em Portugal, uma em Angola, uma no Zimbábue e outra na Polónia; algumas de efêmera duração e outras com sucesso. Tive oportunidade de me deslocar aos quatro cantos do mundo, conhecer outras terras e outras gentes; e considero que tive uma vida aventureira. Por isso fazem muito

sentido para mim os versos de Cecília Meireles, uma poetisa de sangue açoriano, embora tenha nascido no Brasil.

*"Pus o meu sonho num navio
E o navio em cima do mar;
- Depois, abri o mar com as mãos,
Para o meu sonho naufragar.*

*Minhas mãos ainda estão molhadas
Do azul das ondas entreabertas,
E a cor que escorre dos meus dedos
Colora as areias desertas.*

*O vento vem vindo de longe,
A noite se curva de frio;
Debaixo da água vai morrendo
Meu sonho dentro de um navio...*

*Chorarei quanto for preciso,
Para fazer com que o mar cresça,
E o meu navio chegue ao fundo
E o meu sonho desapareça.*

*Depois, tudo estará perfeito:
Praia lisa, águas ordenadas,
Meus olhos secos como pedras
E as minhas duas mãos quebradas."*

Reformei-me aos 67 anos. Tenho duas filhas, plantei várias árvores e faltava-me escrever um livro. Dediquei-me, então, a essa tarefa; e quando o fiz regresssei a São Miguel. Na realidade eu nunca tinha abandonado a ilha porque durante a minha ausência todos os anos a visitei. Optei por escrever romances porque sou um romântico e propus-me a relatar algumas histórias de família que aumentei e ficcionei:

- em 2009 "Um País de Floreanos - Sonhos de Emerenciana";
- em 2010 "Um País de Floreanos -Ver Santa Maria por um Canudo;
- em 2011 "Um País de Floreanos -As Bocas do Mundo"

Foi uma série que ainda não terminou, mas que interrompi por estratégia; e assim:

- em 2013 Publiquei "Registo de Viagem: Rota Moçambique e África do Sul" (um misto de relato de viagem, romance e crónica); e

- em 2014 "Sem Rumo e sem Rima" (poesia).

Antes da publicação desta última obra várias pessoas apreciaram as minhas poesias, outras houve que as condenaram. Uma das críticas rezava: " - Este trabalho vai enegrecer o bom-nome que já conquistaste!" Fiquei surpreendido, porque desconhecia que tinha ganho bom-nome como escritor. Independentemente do que fosse e movido pela curiosidade, decidi enfrentar o desafio; e publiquei os versos.

Ao fim de cinco anos de experiência como escritor amador, cheguei à conclusão que ser escritor não é tarefa fácil, porque:

- Tive imensa dificuldade em conseguir que os editores portugueses se interessassem pelo meu primeiro trabalho, "Sonhos de Emerenciana", tanto foi que a primeira edição foi de autor.

Quando finalmente consegui assinar contrato com um editor-distribuidor e os meus livros foram colocados nas grandes cadeias livrarias, fiz-me comprador e verifiquei que os mesmos não passaram dos depósitos para as bancas de vendas.

Se eu encarasse esta atividade como um negócio, a atitude correta seria deixar de escrever; ou então, investir uma soma considerável para criar uma cadeia editora, distribuidora e publicitária, onde os meus livros ocupariam uma pequena parcela. Mas não quero correr mais riscos.

Vou continuar a escrever enquanto me der prazer;

E publicar o que escrevo, por vaidade.

No entanto, não deixo de pensar que o escritor amador não tem apoios, não recebe críticas ao seu trabalho e luta com imensas dificuldades.

Eu só recebi críticas escritas das pessoas que colaboraram na revisão dos textos, na elaboração dos prefácios, ou que fizeram o favor de fazerem as apresentações públicas das publicações. São o que eu chamo de: críticas obrigatórias, não espontâneas. No entanto, tenho recebido outras verbais.

A crítica é fundamental para um escritor quer seja ou não favorável, porque é o retorno do seu trabalho. Quero aproveitar a oportunidade para agradecer publicamente aos que se debruçaram sobre as minhas obras e me ajudaram no seu lançamento:

Madalena San – Bento, Maria de Lurdes França Machado, Jacqueline Torres, Maria Manuela Teixeira, Rui Rocha Melo, Salomé Horta e João Luís Tavares Silva, que dedicaram algum do seu tempo a ler e a criticar os meus escritos;

Idalinda Ruivo, uma senhora fantástica, a quem agradeço as suas críticas implacáveis, a generosidade da sua disponibilidade e a revisão atenta e cuidada que exerce sobre os meus textos.

Nair Odete da Silva Pacheco, minha esposa, pela sua crítica tenaz, terrífica, e perfeccionista.


Albano Moniz Furtado, Elmiro Machado Azevedo e Manuel Constantino Moniz Resendes, grandes contadores de histórias.

Também quero agradecer à Câmara Municipal de Ponta Delgada, à Biblioteca Regional de Faro, às Casas dos Açores do Norte, de Lisboa, e do Algarve que me têm apoiado nos eventos de lançamento das minhas publicações.

Para terminar e para ficarem com uma ideia mais exata da minha pessoa, digo-vos que aqui onde me veem, vestido com a minha pele de branco cru, flutuo num espaço infinito, sem referencial, sem bússola e sem quadrante, sem âncora e sem leme, sem quilha ou cabrestante. Não vejo estrelas, nem mares, nem chãos; porque neste meu universo de ideias só eu existo. Estou aqui há uma eternidade e tenho ainda outra eternidade para aqui estar. Não compreendo o Absoluto, o Infinito, a Vida, a Matéria, Deus, o Tempo, e o Nada. E quando digo "compreender" faço-o no significado total da palavra: conhecimento total, integral e perfeito, o que significa estar habilitado a comandar, modificar e manipular. Julgo que só compreenderia o Infinito se eu próprio fosse infinito e tivesse o poder de lidar, no mesmo pé de igualdade, com os outros infinitos. Também não compreendo a teoria da relatividade que demonstra que os referenciais, o tempo e as dimensões físicas não são fixas e uniformes; diminuem quando a velocidade aumenta. É bem conhecida a história do astronauta que se perde no espaço e regressa cinquenta anos depois. Encontrou todos os da sua geração bastante velhos enquanto para ele só tinham passado meia dúzia de anos, porque tinha circulado próximo da velocidade da luz. Matematicamente, aumentando a velocidade para infinito, o tempo encaminha-se para zero, bem como as dimensões dos corpos. Trata-se de uma verdade dos nossos dias, matemática, perfeitamente demonstrável, mas que não compreendo. Julgo que Einstein usou as variáveis que conhecemos atualmente, mas acredito que devem existir variáveis que o Homem desconhece; Porém estou plenamente convicto: que eu próprio com todo o meu universo de ideias, quando entrar no capítulo das velocidades astronómicas, vou ser reduzido a Nada.

Porque é isso que eu sou: - Nada!

março, 18 de 2014



31. JOSÉ SOARES, JORNALISTA AÇOR-CANADIANO



(José Soares) de Abrantes Reis (Ponta Delgada, São Miguel, Açores - 1948).

Jornalista e investigador.

Formação em Comunicação Social e História.

Foi presidente regional do partido liberal do Quebeque.

Diretor do referendo de 1995 para a soberania do Quebeque.

Candidato ao parlamento europeu pelos Açores no Partido Democrático do Atlântico (PDA).

Fundador de vários jornais: *COMUNIDADE* (1973); *O MENSAGEIRO* (1985); *JORNAL NACIONAL* (1992); Cofundador do *AÇORES 9*, (2007) jornal com a maior tiragem jamais efetuada nos Açores – 50 mil exemplares por edição, do qual foi diretor editorial até 2010.

Foi delegado da RDP/RTP em Otava e dirigiu inúmeros órgãos de comunicação social. Produziu rádio e foi apresentador de televisão durante vários anos.

Conferencista e cronista há longos anos, José Soares tem atrás de si um longo rasto de material escrito em diversas publicações nacionais e estrangeiras.

Por convite do então diretor João Manuel Alves, inicia uma crónica semanal no decano *AÇORIANO ORIENTAL* na Ilha de São Miguel, nos Açores, sob os temas *BARCOS DE PALHA*, *PEIXE DO MEU QUINTAL*, *HAJA SAÚDE* e *LUSOLOGIAS*, atingindo popularidade pela prosa simples e direta.

Foi considerado por Osvaldo Cabral, Jorge Nascimento Cabral e outros, como o mais acutilante articulista da altura.

A 20 de novembro de 2011 foi homenageado pelo Presidente do Governo da Região Autónoma dos Açores, Carlos César.

É SÓCIO DA AICL

PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ MAS ESTEVE PRESENTE NA RIBEIRA GRANDE EM 2007, LAGOA 2009 E MAIA 2013
PERTENCE AO SECRETARIADO EXECUTIVO DO XXI COLÓQUIO



LANÇA O LIVRO “CRÓNICA DOS REGRESSOS” COM PREFÁCIO DE CARLOS CÉSAR, EX-PRESIDENTE DO GOVERNO REGIONAL DOS AÇORES E POSFÁCIO DE VAMBERTO FREITAS

TEMA 1.3. UMA FREGUESIA, UMA FAMÍLIA LATIFUNDIÁRIA E DOIS NOMES - FRANCISCO D'ATAYDE MACHADO DE FARIA E MAYA, JOSÉ SOARES, JORNALISTA, AÇORES

INTRODUÇÃO

Francisco de Ataíde Machado de Faria e Maia (Ponta Delgada, 22 de setembro de 1876 — Ponta Delgada, 29 de abril de 1959), frequentemente grafado F. d'Atayde M. de Faria e Maya, foi um intelectual e historiador açoriano. Licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra, foi inspetor escolar, professor liceal e político. Entre outras funções, presidiu à Câmara Municipal de Ponta Delgada e foi senador eleito para o Congresso da República. Deixou publicada uma extensa obra historiográfica.

Republicano e democrata convicto. Em 1921 foi eleito senador independente no Congresso da República em representação do distrito de Ponta Delgada, revelando-se um acérrimo defensor da autonomia açoriana. Apresentou um arrojado projeto de lei para a *Autonomia Administrativa dos Distritos Açorianos* o mais marcante nessa matéria em todo o período da Primeira República Portuguesa.

Apoiou o Golpe de 28 de maio de 1926, considerando-o uma solução ordeira transitória para a instabilidade da Primeira República, mas rejeitou a institucionalização da ditadura e o Estado Novo. No período imediato

ao golpe, quando ainda acreditava no rápido retorno da democracia, publicou diversos escritos retomando as temáticas autonomistas.

Já em pleno Estado Novo, foi um dos participantes mais ativos no Primeiro Congresso Açoriano, realizado em Lisboa no ano de 1938. Foi também autor de um relatório da Comissão para o Aproveitamento Turístico da Ilha de São Miguel, que depois de aprovado pelo Ministro do Interior deu origem aos diplomas que enquadraram as primeiras iniciativas no campo do turismo nos Açores.

Em 1943 foi escolhido para o cargo de presidente da Câmara Municipal de Ponta Delgada.

Foi um escritor incansável e jornalista, deixando uma vasta obra publicada, com destaque para o campo da História. Também deixou importante contribuição dispersa por numerosos periódicos açorianos.

UMA FREGUESIA, UMA FAMÍLIA LATIFUNDIÁRIA E DOIS NOMES

A freguesia do Porto Formoso foi conhecida até ao início do Século XX como Freguesia de Nossa Senhora da Graça, cuja padroeira ainda hoje é venerada na sua igreja. Após o desembarque das forças Liberais no Pesqueiro da Achadinha, Nordeste, sob o comando do 7º conde de Vila Flor (1831), o combate feriu-se nas encostas do vale que da Ribeira do Limo e Cerrado Novo sobem até à Ladeira da Velha aqui mesmo ao lado, tendo as forças miguelistas sido vencidas, abrindo o caminho à conquista da Ilha pelos Liberais. O Combate da Ladeira da Velha foi um recontro travado, no contexto da Guerra Civil Portuguesa (1828-1834), a 3 de agosto de 1831, entre as forças liberais vindas da ilha Terceira e forças da guarnição da ilha de São Miguel, fiéis a Miguel I de Portugal.

A freguesia de Porto Formoso dependeu fortemente e durante muito tempo, da mão-de-obra na indústria do chá. A história desta famosa planta e a sua difusão no norte desta Ilha, está ligada a uma das maiores famílias latifundiárias dos Açores: Os Faria e Maia, cujos seguintes membros estão entre alguns dos que se notabilizaram:

- **Francisco Machado de Faria e Maia**, 1º visconde de Faria e Maia, terratenente e político e cujo nome consta numa das ruas da Freguesia de Porto Formoso.
 - Augusto Caupers Machado de Faria e Maia, filho do anterior, empresário e político;
 - Francisco Caupers Machado de Faria e Maia, irmão do anterior, professor liceal e político;

- Ernesto do Canto Faria e Maia, mais conhecido por Canto da Maia, escultor e figurinista.

- Mariano Augusto Machado de Faria e Maia, político;
- Vicente Machado de Faria e Maia, 2.º Visconde de Faria e Maia, político.

- Bernardo do Canto Machado de Faria e Maia, clérigo e político.
Bernardo do Canto Machado Faria e Maia (Ponta Delgada, 21 de junho de 1797 — Ponta Delgada, 13 de junho de 1841) foi um clérigo e político açoriano, que entre outras funções foi governador temporal e visitador-geral do bispado de Angra e deputado às Cortes da Monarquia Constitucional Portuguesa. Foi uma das figuras chave na implantação do regime liberal na ilha de São Miguel e no controlo do poder eclesiástico açoriano por parte do novo regime. Terminada a Guerra Civil, em 1834 o Dr. Bernardo Faria e Maia foi eleito deputado às Cortes pela Província Oriental dos Açores. Participou nos trabalhos parlamentares da I Legislatura (1834-1836) da Monarquia Constitucional Portuguesa, revelando-se como de inclinação cartista, posição que manteve até ao fim da vida. Na ação parlamentar não teve papel relevante, mas a sua passagem pela política contribuiu para iniciar uma importante "dinastia" política no seio da família Faria e Maia que persistiria por cerca de um século. Foi seu herdeiro político o seu sobrinho Francisco Machado de Faria e Maia, depois 1º visconde de Faria e Maia.

- Duarte Machado de Faria e Maia, pintor;

Duarte Machado de Faria e Maia (Ponta Delgada, 10 de junho de 1867 — Ponta Delgada, 3 de novembro de 1922), mais conhecido pelo nome artístico de Duarte Maia, foi um pintor açoriano da corrente naturalista que deixou interessantes registos da vida rural micalense e francesa. Oriundo de uma família abastada da ilha de São Miguel, dispôs de desafogo financeiro suficiente para poder seguir o seu interesse pela pintura e para poder viver sem necessitar de trabalho remunerado. Em 1887, muito jovem, partiu para Paris, onde adquiriu uma formação eclética que depois se refletiria na sua obra. A sua obra não teve grande projeção nacional em vida, mas marca o aparecimento da pintura de temática açoriana.

Francisco de Atayde Machado de Faria e Maya, nasceu em Ponta Delgada a 22 de setembro de 1876 e aí terminou a sua existência a 29 de abril de 1959. Era filho do morgado José Inácio Machado de Faria e Maia (1793-1881), um dos mais ricos proprietários da ilha de São Miguel, e de Maria do Carmo de Mendonça Valadares de Matos e Góis de Albergaria Caupers, filha de Pedro José Caupers, o último donatário das Flores e do Corvo.

Era sobrinho do eclesiástico e deputado Bernardo do Canto Machado de Faria e Maia (1797-1841) e irmão do também deputado Mariano Augusto Machado de Faria e Maia (1843-1917).

Muito jovem foi enviado para Lisboa, onde estudou no Colégio dos Nobres. Ao casar a 21 de dezembro de 1837 com uma sua tia paterna, Teresa Clara de Jesus Cardoso Machado de Faria e Maia, filha da morgada Helena Vitória Máxima da Câmara e Noronha Machado Faria e Maia e do seu segundo marido, o desembargador Vicente José Ferreira Cardoso da Costa, reuniu aos já avultados bens paternos os de outro ramo igualmente abastado da família, o que o tornou num dos mais ricos proprietários da ilha de São Miguel e por consequência dos Açores.

Foi um intelectual e historiador açoriano.

Licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra, enveredou pela carreira pública como inspetor escolar, depois como professor liceal e influente político. Presidiu à Câmara Municipal de Ponta Delgada e foi senador eleito para o Congresso da República. Deixou publicada uma extensa obra historiográfica.

Concluiu os seus estudos secundários no Liceu de Ponta Delgada, matriculando-se no ano de 1896 no curso de Direito da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, formando-se em 1901. Nos seus tempos de estudante conviveu com alguns dos futuros vultos da cultura portuguesa, entre os quais Teixeira de Pascoaes e Afonso Lopes Vieira.

No regresso a Ponta Delgada foi nomeado inspetor escolar distrital e depois professor do Liceu Nacional de Ponta Delgada.

Viajou com a família por diversos países europeus, com destaque para a Suíça, publicando um interessante relato de viagem que o coloca entre os melhores autores açorianos de literatura de viagens.

Republicano e democrata convicto, na sequência da proclamação da República Portuguesa, em 1910, foi nomeado presidente da comissão administrativa encarregue de governar a Câmara Municipal de Ponta Delgada, iniciando uma carreira política ligada ao campo republicano mais conservador. Em 1921 foi eleito senador independente no Congresso da República em representação do distrito de Ponta Delgada, revelando-se um acérrimo defensor da autonomia açoriana. Apresentou um arrojado projeto de lei para a Autonomia Administrativa dos Distritos Açorianos o mais marcante nessa matéria em todo o período da Primeira República Portuguesa. Apoiou o Golpe de 28 de maio de 1926, considerando-o uma solução ordeira transitória para a instabilidade da Primeira República, mas

rejeitou a institucionalização da ditadura e o Estado Novo. No período imediato ao golpe, quando ainda acreditava no rápido retorno da democracia, publicou diversos escritos retomando as temáticas autonomistas. Já em pleno Estado Novo, foi um dos participantes mais ativos no **Primeiro Congresso Açoriano**, realizado em Lisboa no ano de 1938. Foi também autor de um relatório da Comissão para o Aproveitamento Turístico da Ilha de São Miguel, que depois de aprovado pelo Ministro do Interior deu origem aos diplomas que enquadraram as **primeiras iniciativas no campo do turismo nos Açores**.

Em 1943 foi escolhido para o cargo de presidente da Câmara Municipal de Ponta Delgada. Foi um escritor incansável e jornalista, deixando uma vasta obra publicada, com destaque para o campo da História. Também deixou importante contribuição dispersa por numerosos periódicos açorianos. Compilou um relatório da sua ação como inspetor escolar numa das suas primeiras publicações, que intitulou **Em Prol da Instrução** (Ponta Delgada, 1909).

Ernesto do Canto Faria e Maia nasceu em Ponta Delgada, a 15 de maio de 1890, filho de António Cardoso Machado de Faria e Maia, o filho mais novo de Francisco Machado de Faria e Maia, 1.º visconde de Faria e Maia, e de Maria Ernestina Leite do Canto, filha do intelectual e historiador Ernesto do Canto. Esta origem familiar deu-lhe o desafoço financeiro e o ambiente culto e estimulante que lhe permitiram desde cedo enveredar por uma carreira totalmente voltada para as artes. Canto da Maia apontaria como determinante a influência de sua mãe, uma mulher culta e com grande apreço pela carreira artística do filho.

Francisco Machado de Faria e Maia (homónimo paterno)

[N. Matriz, Ponta Delgada, 24.5.1841 – 15.4.1923] Era filho de Francisco Machado de Faria e Maia e de Teresa Clara de Jesus Cardoso Machado de Faria e Maia. Seu pai foi o 1.º Visconde de Faria e Maia, título criado por D. Carlos I por decreto de 16 de abril de 1891. Casou, em 1873, com Mariana da Silveira Gago da Câmara. Do enlace nasceram seis filhos, dos quais destacamos Jacinto Gago Machado de Faria e Maia e Amâncio Gago da Câmara de Faria e Maia e formou-se bacharel pela Universidade de Coimbra em 1863.

Foi reitor do Liceu de Ponta Delgada, onde exerceu também as funções de professor de Filosofia. Dedicou todos os seus honorários para instituir o «Prémio Faria e Maia», que distinguiu os melhores alunos.

Foi o primeiro conservador do registo predial de Ponta Delgada e procurador à Junta Geral do Distrito pelo círculo da Ribeira Grande, em 1895 e

foi deputado às cortes monárquicas, durante vários anos, pelo Partido Regenerador. Elevado ao pariato, em 1891, interveio na respetiva Câmara sobre questões de particular interesse para os Açores como, por exemplo, a questão do monopólio do álcool (1891).

Em Coimbra conviveu com alguns dos grandes vultos da sua geração, nomeadamente com Antero de quem foi íntimo amigo, acerca de quem escreveu vários artigos, demonstrando amplas qualidades literárias. Também Antero dedicou alguns versos a seu amigo Francisco, como, por exemplo, o poema «Contemplação», inserto na obra Poesia Completa.

Contemplação

*Sonho de olhos abertos, caminhando
Não entre as formas já e as aparências,
Mas vendo a face imóvel das essências,
Entre ideias e espíritos pairando...*

*Que é o mundo ante mim? fumo ondeando,
Visões sem ser, fragmentos de existências...
Uma névoa de enganos e impotências
Sobre vácuo insondável rastejando...*

*E d'entre a névoa e a sombra universais
Só me chega um murmúrio, feito de ais...
É a queixa, o profundíssimo gemido*

*Das coisas, que procuram cegamente
Na sua noite e dolorosamente
Outra luz, outro fim só pressentido...*

Antero de Quental, in "Sonetos"

Fontes:

- Secretaria da Cultura Açores;
- Direção Regional da Cultura, Centro de Conhecimento dos Açores;
- Wikipédia;
- Enciclopédia Açoriana.

32. JUDITE JORGE, ESCRITORA AÇORIANA,
JUDITE MARIA JORGE DA SILVA, nasceu em 1965 em Pontas Negras, Pico (Açores).

Aos 17 anos publicou em PDL a coletânea de poesia "Ainda não o silêncio".

Em 1986 publicou a coletânea "setembro e outras estações". Em 1987 recebeu o Prémio Revelação de Ficção da APE (As. Port de Escritores) pela obra em prosa "Notas para um discurso de amor".

Em 1992 ganhou o Prémio Nunes da Rosa com a obra "Permanências". Em 2001 publicou o seu primeiro romance "Afetos de Alma" (Publicações Dom Quixote). Foi deputada (PSD) entre 2002 e 2009

CONDECORAÇÕES E LOUVORES

- Prémio Revelação APE - Associação Portuguesa de Escritores - 1987
- Prémio Açores Rádio - 1991
- Prémio Açores Novela - 1991
- Bolsa de Criação Literária IPLB, 1999

OBRAS PUBLICADAS

- "Ainda Não o Silêncio", (Poesia)
- "setembro e Outras Estações", (Poesia)
- "Permanências", (Novela)
- "Notas Para Um Discurso de Amor", (Novela)
- "Afetos de Alma", (Romance)
- "Fadas", (Poesia) - e-book



FOI HOMENAGEADA NO 1º PRÉMIO LITERÁRIO AICL AÇORIANIDADE 2013

DESCANSO - Judite Jorge, Poema do Dia 59.wmv - YouTube

▶ 1:59 ▶ 1:59

www.youtube.com/watch?v=7D7qngQFDZM

Dec 22, 2011 - Uploaded by Despetequesuas1Dito por Fátima Sousa e comentários de Eunice Gomes e Urbano Bettencourt. // ...

PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ

FARÁ PARTE DA MESA REDONDA 9 ILHAS, 9 ESCRITORAS



33. KATHARINE F. BAKER / BOBBY J. CHAMBERLAIN, Ph.D., UNIVERSIDADE DE PITTSBURGH, PENNSILVÂNIA, EUA



KATHARINE F. BAKER, tradutora, é natural de Berkeley, Califórnia, EUA, de origem açoriana no lado paterno.

Formou-se na Universidade da Califórnia-Berkeley, ganhou um Mestrado na Universidade de Maryland-College Park, e estudou Português na Universidade de Pittsburgh na Pensilvânia.

Com Diniz Borges traduziu em inglês o romance *I No Longer Like Chocolates* de Álvaro Oliveira [2006], o livro *My Californian Friends: Poetry* de

Vasco Pereira da Costa [2009], e (também com Bobby J. Chamberlain, Ph.D.) a pequena história *The Portuguese Presence in California* de Eduardo Mayone Dias, Ph.D. [2009]; com Dr. Chamberlain o ensaio "1,500 Visas Via a Volcano" de Álvaro Oliveira no livro *Capelinhos: A Volcano of Synergies* de Tony Goulart [2008]; e, com Sandy Ventura os poemas de Gabriela Silva no livro *Ilha* [2007].

Acabou os primeiros rascunhos das traduções do romance *Sorriso por dentro da noite* de Adelaide Freitas (com Dr. Chamberlain e Diniz Borges), da peça *Bocas de mulheres* e da poesia *andanças de pedra e cal* (os dois de Álvaro Oliveira); e acaba de começar a traduzir o livro de ensaios *O peso do hífen* de Onésimo T. Almeida, PhD.

Contribui para a "Maré Cheia" no jornal californiano *Tribuna Portuguesa*, à revista semestral *AndarLHAgem* e ao website das Comunidades (RTP). Criou e atualiza os websites www.inolongerlikechocolates.com / www.mycalifornianfriends.com.

JÁ TOMOU PARTE NO 17º COLÓQUIO DA LUSOFONIA NA LAGOA 2012 E 19º COLÓQUIO NA MAIA 2013

TEMA 3. "DRAMA! INTRIGAS! VACAS!" COMPARAÇÃO DE FAMÍLIAS MULTIGERACIONAIS DE LEITEIROS DO SÉCULO XX, IMIGRANTES DA ILHA TERCEIRA AO CONDADO TULARE NA CALIFÓRNIA, NOS ROMANCES LAND OF MILK AND MONEY [TERRA DE LEITE E DE DINHEIRO] DE ANTHONY BARCELLOS E JÁ NÃO GOSTO DE CHOCOLATES [I NO LONGER LIKE CHOCOLATES] DE ÁLAMO OLIVEIRA. KATHARINE F. BAKER E BOBBY J. CHAMBERLAIN, Ph.D.:

[Ver PowerPoint aqui antes de ler artigo](#)

O autor açor-americano Anthony Barcellos escreveu o romance *Land of Milk and Money* (2012) com a intenção de preservar a grande riqueza de histórias familiares sobre as experiências dos seus avós imigrantes e os descendentes deles no Vale de São Joaquim na Califórnia.

Escrito em forma de ficção, com os nomes das personagens e certos pormenores alterados para protegerem a privacidade, trata-se da saga dum casal português da ilha Terceira nos Açores que, pouco antes do fim da primeira grande onda de emigração da Europa, recebeu de parentes já radicados nos Estados Unidos a *carta de chamada* que permitiu a imigração com os três filhinhos. Instalaram-se no condado de Tulare, onde durante várias décadas educaram as crianças e trabalharam muito para estabelecerem uma leitaria bem-sucedida. No entanto, logo depois da

morte da primeira geração, os descendentes começaram a fazer guerra uns contra os outros, sendo a herança de um grande legado um ponto de

Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia
XXI colóquio – São Miguel, Açores, Portugal – 26 Abr 2014

Drama! Intrigas! Vacas!



Comparação de famílias multigeracionais de leiteiros do século XX, imigrantes da ilha Terceira ao condado de Tulare na Califórnia, nos romances *Land of Milk and Money* de Anthony Barcellos & *Já Não Gosto de Chocolates* de ÁlamO Oliveira

Katharine F. Baker ~ Bobby J. Chamberlain, Ph.D.
University of Pittsburgh ~ Pittsburgh, Pennsylvania ~ USA
katharine.f.baker@gmail.com ~ chambln@pitt.edu

discórdia amarga.

Barcellos já escrevera o primeiro rascunho do *Land of Milk and Money* antes de ler a tradução inglesa de Diniz Borges e Katharine F. Baker do romance *I No Longer Like Chocolates* [Já Não Gosto de Chocolates] do autor açoriano ÁlamO Oliveira – a saga ficcional duma outra família terceirense que, pouco antes do início da segunda grande onda de imigração açoriana, recebeu sua própria carta de chamada que possibilitou a sua imigração aos Estados Unidos, onde também trabalharam muito para criarem os filhos e estabelecerem uma operação de produção leiteira de sucesso no condado de Tulare.

Ao ler o romance de Oliveira, Barcellos observou que “os conflitos intergeracionais são naturais em todas as famílias, com as famílias de imigrantes tendo o agravante adicional de transição cultural, que pode alienar as gerações com mais eficácia do que meras diferenças de idade. Desta forma, os conflitos [nos dois romances] não são meramente ‘típicos’ mas quase ‘estereotípicos’”. Mas apesar do património comum dos autores, as famílias respetivas (tanto verdadeiras como fictícias) responderam de maneiras distintas às pressões da cultura americana predominante para os imigrantes se assimilarem. A família do *Land of Milk and Money* instalou-se quase de maneira relativamente tranquila numa existência americana, com o patriarca a considerar as transformações geracionais como esperadas e naturais. Por outro lado, o patriarca do *Já Não Gosto de Chocolates* lutou incessantemente contra a assimilação. O seu descontentamento com a decisão de imigração foi exacerbado pela adaptação

cada vez mais amarga à vida americana da mulher e especialmente dos filhos – um processo que, apesar de todo o seu sucesso comercial, atacou e degradou a essência da sua própria identidade e autoimagem.

TEMA 3. “DRAMA! INTRIGAS! VACAS!” COMPARAÇÃO DE FAMÍLIAS MULTIGERACIONAIS DE LEITEIROS DO SÉCULO XX, IMIGRANTES DA ILHA TERCEIRA AO CONDADO TULARE NA CALIFÓR-NIA, NOS ROMANCES *LAND OF MILK AND MONEY* [TERRA DE LEITE E DE DINHEIRO] DE ANTHONY BARCELLOS E *JÁ NÃO GOSTO DE CHOCOLATES* [I NO LONGER LIKE CHOCOLATES] DE ÁLAMO OLIVEIRA. KATHARINE F. BAKER E BOBBY J. CHAMBERLAIN, Ph.D.:

SLIDE 1: TITLE PAGE

Os romances *Land of Milk and Money*, de Anthony Barcellos, e *Já Não Gosto de Chocolates*, de ÁlamO Oliveira, narram as sagas fictícias mas autênticas de duas famílias que saíram da ilha Terceira nos Açores durante o século vinte. Estabelecendo-se por coincidência a poucos quilómetros uma da outra no Vale de São Joaquim na Califórnia, cada família se esforçou por construir ao longo dos anos uma leitaria próspera. Apesar de possuírem semelhanças marcantes, os romances diferem um do outro quanto ao seu estilo e substância.

SLIDE 2: PROPOSED BOOK COVERS FOR LMM

Barcellos inicialmente intitulou o seu romance de *Dear Dairy*, um trocadilho na expressão *Dear Diary* utilizado nos diários pessoais, que encaixava com o sítio rural do livro e a sua estrutura como uma série de vinhetas distintas. Mas o editor do manuscrito propôs *Land of Milk and Money*, um jogo de palavras irónico baseado na para onde Moisés conduziu os Israelitas, “Terra de Leite e Mel” sobretudo por causa das oportunidades agrícolas que existiam quando o melhor solo do estado ainda era barato e disponível. Depois da mudança de título a editora ofereceu três opções.

SLIDE 3: BARCELLOS & OLIVEIRA BOOK PRESENTATIONS

Quando Barcellos escrevia o seu primeiro romance ainda não tinha nenhum conhecimento de um cânone literário Luso-Americano, muito menos de que o seu livro em breve pertenceria a ele. Era um escritor lido e experiente – tendo sido jornalista, tinha escrito uma dissertação doutoral e coescrito um livro didático. Mas ainda não publicou nenhuma obra de ficção. A única figura literária Lusodescendente de quem tinha conhecimento era o falecido John Dos Passos.

Embora Barcellos tivesse morado na Califórnia quase toda a vida, enquanto escrevia o manuscrito ainda não tinha ouvido falar do preeminente escritor açoriano ÁlamO Oliveira – nem do seu romance traduzido

por Diniz Borges e por mim, *I No Longer Like Chocolates*, que versa sobre a vida de uma família terceirense que imigrou para o condado de Tulare uma geração mais tarde e estabeleceu uma operação de produção leiteira bem-sucedida, e cuja estrutura familiar também desmoronou.

SLIDE 4: TERCEIRA MAP

Os Barcellos – e os seus alter-egos fictícios, os Franciscos – saíram de São Bartolomeu para a Califórnia na década de vinte, nos fins da primeira grande onda de emigração açoriana. Qualquer esperança de voltarem para a terra natal acabou não se realizando. A família de Álamo Oliveira emigrou do Raminho à Califórnia na segunda grande onda.

SLIDE 5: TULARE COUNTY MAP

Mas durante várias décadas Álamo passou tempo considerável na Califórnia porque a família dele estabeleceu-se mais tarde na região de Tipton, oito quilómetros a oeste. Os avós de Barcellos estabeleceram-se perto de Porterville no sudoeste do condado de Tulare. Além dessas cidades, alguns episódios dos dois romances se realizaram em Tulare e Visália.

SLIDE 6: FRANCISCO FAMILY TREE

Barcellos afirma que, para o contador de histórias “tudo pode ser verdadeiro na ficção”. Por isso, quando vários parentes insistiam em que preservasse histórias familiares, deu ao livro a forma de um romance, em vez de não ficção. Alterando nomes e pormenores para proteger a privacidade – e inventando histórias para melhorar o desenvolvimento de personagens e preencher lacunas no enredo – ele narra a saga de um casal português, que recebeu a *carta de chamada* que permitiu a imigração com a filha e os dois filhos.

SLIDE 7: BARCELLOS FAMILY FARM, 1970

Na Califórnia, os Barcellos educaram os filhos, trabalharam muito para estabelecer uma leitaria típica do Vale de São Joaquim, e prosperaram. Depois das mortes da primeira geração, os descendentes travaram guerra amarga uns contra os outros sobre a herança desse legado. A sua luta emoldura o romance *Land of Milk and Money*.

SLIDE 8: TULARE COUNTY COURTHOUSE

O viúvo da falecida filha da matriarca se ressentia de não ter recebido a sua “devida parcela” do espólio embora os filhos dele tivessem recebido heranças consideráveis. Tentou anular o testamento. Barcellos caracteriza a avó como “o eixo da família, o centro vital, sem a qual a família desmoronou. Uma velha astuta”, o seu testamento obrigou os dois filhos a colaborarem como coexecutores do espólio. O filho mais velho, menos competente do que o seu irmão, “estava profundamente magoado por não

ter podido dar as cartas, mas não foi por acaso que a mãe tivesse resolvido a cortar-lhe as asas. A batalha deixou cicatrizes que permanecem até hoje”.

SLIDE 9: COVER ART FOR CHOCOLATES

Os Silva de *Já Não Gosto de Chocolates* levavam uma vida não muito diferente daquela da vila natal de Álamo Oliveira. Mas o patriarca José, inspirado pelo pároco, sonhava em se estabelecer na Califórnia para que ele, a sua mulher Maria de Fátima e especialmente os seus quatro filhos, com idades de nove a dezassete anos, pudessem desfrutar de uma vida melhor. O Padre Meneses pregava:

“Sabeis como todos gostamos da América. Tantos dos nossos andam por lá e mandam águias de ouro, roupas, candins, gamas, chocolates”... [José] ouvia aquela lista de riquezas e só fixava os chocolates. Adorava chocolates americanos e nunca os comera. Apenas lhes adivinhava o sabor.

Armados com uma *carta de chamada* que permitia a imigração, obtida através de uma tia já radicada na Califórnia, os Silva, “, partiram com o destino à América”. Primeiro moraram numa *trela* de alumínio sem ar condicionado. Os pais e os filhos mais velhos trabalhavam muito em trabalhos braçais, enquanto os dois filhos mais novos se matricularam numa escola. Aos poucos a família, que já se tinha renomeado “Sylvia”, ia prosperando. Mas para a angústia do agora-Joe, Mary e os filhos iam adotando cada vez mais os costumes americanos, sobretudo declarando a sua independência da tradicional autoridade do pai açoriano. Afinal, Joe chegou a ficar tão indignado com a América que já não gostava nem dos seus chocolates.

SLIDE 10: COVERS, SIXTY ACRES & A BARN, THROUGH A PORTAGEE GATE

A entrega a uma editora do seu manuscrito por Barcellos levou-o a realizar um estudo da literatura Luso-Americana. Quando ele leu a descrição do romance de Alfred Lewis *Sixty Acres and a Barn*, também ambientado no Vale de São Joaquim, temia que o *Land of Milk and Money* não acrescentasse nada a um tópico que Lewis já tinha tratado; no entanto, Barcellos descobriu que a sua perspectiva mais restrita tratava mais de angústias individuais que de uma família multigeracional. A escrita de Charles Reis Félix, exemplificada no *Through a Portagee Gate*, surpreendeu Barcellos por causa da semelhança do estilo episódico; observou que, se o tivesse lido antes, teria achado que o seu próprio romance fora influenciado por Félix – mas o mesmo estilo era natural para os dois.

SLIDE 11: PHOTOS OF COMMENTERS

Não é nenhuma surpresa para a crítica Karen Davis que as famílias tenham ficado amargamente divididas. Mesmo numa área tão pequena como os Açores, as pessoas variam. A primeira geração sonha com regressar à terra natal, enquanto a terceira não pode conceber a vida de volta às ilhas. As pessoas ainda são pessoas: o filho inepto que quer ser dono da fazenda, teria sido o mesmo nas ilhas como na Califórnia. Davis observa que Barcellos trata de *saudades* dos Açores em forma de retrospectivas, enquanto a nostalgia dolorosa do patriarca de Álamo permeia o seu romance. Esta dicotomia – somos portugueses ou americanos? – pervaga ambos os livros. Surgem corolários: qual é a nossa pátria? vamos voltar para lá? e como seria? No *Land of Milk and Money* a última pergunta fica sem resposta, enquanto no *Chocolates* é respondida quase desastrosamente. Gerações diferentes olham para as coisas de maneira diferente, a falarem línguas diferentes. Para aqueles que cresceram em mundos estranhos, a lacuna torna-se um abismo.

A mariense-californiana Helen Cunha Kerner comenta as referências religiosas de Álamo. Os Silva são José e Maria de Fátima – e o seu filho mais velho António foi nomeado em homenagem ao santo padroeiro de Portugal. Quando Joe se muda para um asilo de idosos, lamentando a morte da sua amada Mary, a sua enfermeira pessoal Rosemary é tão semelhante que Joe a acredita enviada dos céus; ela ilumina a existência escura dele. A camisola de linho que Maria de Fátima usou na noite do casamento torna-se um Santo Sudário para Joe. A única nota de esperança de Joe é que o seu tempo lá lhe dá a clareza de visão e uma “mente aberta” para aceitar as coisas que outrora desprezava – um filho gay morto pela SIDA, a síndrome de Down de um neto – e para prepará-lo para pôr de lado o seu cajado na presença do seu anjo da guarda no seu derradeiro momento. O romance termina com Rosemary: “E sumiu-se pelo corredor do hospital. Sem deixar pegadas nem sombras.”

Vamberto Freitas descreveu o *Land of Milk and Money* assim: “quase uma retomada bíblica dos mais velhos temas humanos, irmãos contra irmãos, clã contra clã – nada como as partilhas de propriedade e dinheiro para manifestar todo o nosso veneno, inveja e [...] a ganância”.

Barcellos comenta que “os conflitos intergeracionais são naturais, tendo as famílias de imigrantes o agravante adicional de transição cultural, que pode alienar as gerações com mais eficácia do que meras diferenças de idade. Desta forma, os conflitos [nos dois romances] não são meramente ‘típicos’ mas quase ‘estereotípicos’”. No entanto, Barcellos considera o pa-

triarca no *Land of Milk and Money* um fatalista que percebeu que a mudança era inevitável e que poderia frustrar os seus planos mais almejados, especialmente os de voltar à Terceira. No entanto, ele aceitou o que ficava além do seu próprio controlo e optou por viver da maneira mais positiva possível.

O autor californiano Julian Silva nota que “ironicamente, no final do livro, é o segundo filho do segundo filho que justamente leva os negócios familiares, e a regra de primogenitura. Por outro lado, o patriarca do Álamo nunca poderia parar chutando contra o destino, e aceitar as mudanças inevitáveis que a vida na América tem forjado na sua família. Por isso a sua situação ficou drenada da sua existência. Ambos os patriarcas foram efetivamente exilados da sua amada ilha – mas um encontrou um novo lar, enquanto o outro tentou mas não conseguiu construir uma fortaleza contra a cultura americana.”

SLIDE 12: TITLE PAGE

Se algum dia o *Land of Milk and Money* for traduzido em português, sem dúvida Álamo Oliveira gostaria de ler a saga de Anthony Barcellos de uma outra família de imigrantes terceirenses no condado de Tulare.

34. KATIA REGINA PESSOA, SECRETARIA DO ESTADO DA EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO BRASIL, ASSISTENTE PRESENCIAL

PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ

35. LAURA AREIAS, CLEPUL, UNIV DE LISBOA



LAURA AREIAS, nasceu em Portugal. PhD, Tulane University, Louisiana.

De 1884 a 2011: Leitora do Instituto Camões em Budapeste, Copenhaga, Nova Orleães (EUA); Professora convidada em Baucau (Timor Leste) e Porto Rico. Obra publicada sobre Fernando Pessoa, Cesário Verde, e a expressão literária da insularidade num atlântico lusófono. Conferências,

artigos em revistas e livros de circulação internacional, sobre temas portugueses, brasileiros e africanos. Membro da AIL desde 1999, fundadora da International Society for Luso-hispanic Humor Studies em Filadélfia, 1996/7 e integra ao Grupo 6 do CLEPUL desde 2008. Adaptadora e encenadora de textos literários para Teatro de Fantoques.

É SÓCIO DA AICL. PARTICIPOU NO 19º COLÓQUIO EM 2013 NA MAIA
TEMA 1.3. MURMÚRIOS COM VINHO DE MISSA, DE ÁLAMO OLIVEIRA:
UM GRANDE ROMANCE SOBRE A SOLIDÃO

Álamo teve este manuscrito na gaveta por muito tempo. A sua feitura está intencionalmente datada por ele na última página: Raminho 2004,5,6.

Mais que o explicável, sendo um autor conhecido, com qualidade comprovada nos vários géneros. Agora que o livro foi finalmente editado, sete anos depois, aí está a razão da demora: é um livro polémico que toma em defesa um tema tabu, na moda. E mata dois coelhos de uma cajadada: justifica, de vários ângulos, as relações entre um homem ou mulher mais velha com um jovem, vulgo pederastia, e a talhe de foice, discorre sobre a mordação do celibato dos padres, vergastando ideias controversas do catolicismo, como essa privação a que os obriga, em nome do mesmo Deus que deu as funções de procriar a todo o ser vivo sexuado. Não é, todavia um livro sobre pedofilia nos termos em que a psiquiatria, a psicologia, a definem.

O romance de Álamo Oliveira apresenta uma tese, explicitada e apoiada na Tese de Mestrado da personagem Jonathan, orientada pela Professora Lucília: a “pedofilia” quando consentida, não é crime mas aprendido. E cria duas situações em que prova exatamente o contrário por que esse alegado “abuso” ou perversidade se dá às avessas: o abusado é o alegado pedófilo ou pedófila. Não estamos a falar de violação de menores, e o Padre Raul frisa isso muito bem!

MURMÚRIOS COM VINHO DE MISSA, DE ÁLAMO OLIVEIRA: UM GRANDE ROMANCE SOBRE A SOLIDÃO - LAURA AREIAS, UNIVERSIDADE DE LISBOA
LAREIAS@FL.UL.PT

Álamo teve este manuscrito na gaveta por muito tempo. A sua feitura está intencionalmente datada por ele na última página: Raminho 2004,5,6. Mais que o explicável, sendo um autor conhecido, com qualidade comprovada nos vários géneros. Agora que o livro foi finalmente editado, sete anos depois, aí está a razão da demora: é um livro polémico que toma em defesa um tema tabu, na moda. E mata dois coelhos de uma cajadada:

justifica, de vários ângulos, as relações entre um homem ou mulher mais velha com um jovem, vulgo pederastia, e a talhe de foice, discorre sobre a mordação do celibato dos padres, vergastando ideias controversas do catolicismo, como essa privação a que os obriga, em nome do mesmo Deus que deu as funções de procriar a todo o ser vivo sexuado. Não é, todavia um livro sobre pedofilia nos termos em que a psiquiatria, a psicologia, a definem. O romance de Álamo Oliveira apresenta uma tese, explicitada e apoiada na Tese de Mestrado da personagem Jonathan, orientada pela Professora Lucília: a “pedofilia” quando consentida, não é crime mas aprendido. E cria duas situações em que prova exatamente o contrário por que esse alegado “abuso” ou perversidade se dá às avessas: o abusado é o alegado pedófilo ou pedófila. Não estamos a falar de violação de menores, e o Padre Raul frisa isso muito bem! Todas as circunstâncias, cenários e personagens têm um referente real. A cidade, A Universidade, o ambiente académico, os professores e estudantes, o círculo de Amigos, os amores – tudo isto o autor conheceu pessoalmente e com eles conviveu *realmente*, mais que uma vez. Depois pegou nas situações e administrou-as às suas conveniências, e às criaturas moldou-lhes os caracteres a seu bel-prazer, exagerou aqui, contemporizou acolá, como é direito que assiste ao criador artista. Há uma Professora ao serviço da política de expansão e do conhecimento da língua e cultura portuguesa, demasiado *nonchalante* para a Missão que tem em mãos. Há uma instituição portuguesa, o IC, que paga mal, renegando a Leitora para um bairro negro de periferia – o que extravasa e complica a ficção porque a designação desse instituto corresponde à realidade, mas os seus Leitores nos USA, de facto não passam por essa penúria. Bem podem habitar no bairro da Universidade onde há professores, estudantes, gente branca, preta, mulata e morena, porque Nova Orleães é um cadinho de povos europeus, africanos, acadianos, latino-americanos, com grande componente da América Central. Aliás isso foi visível na prontidão com que se organizou um avião inteiro de víveres, mantimentos, medicamentos, e técnicos de saúde, quando houve uma catástrofe ecológica na Nicarágua, nos anos 90. Tudo o que toca a dinheiros, neste quadro na Luisiana é tido por baixo, por Álamo. O Márcio recebeu uma bolsa para estudar nos USA, que não chega para viver (é difícil de admitir que os USA dessem visto J1 se o estudante não provasse possuir meios de subsistência). Em questões de estética: a casa, a maneira como se vestem, o que comem, exceto a brilhante aluna lésbica, correspondem a um estereótipo negativo que na Europa se

faz dos americanos. Todos estes e outros senãos, passam facilmente despercebidos a um leitor desarmado, logo obcecado pelo alvo a crivar: a pedofilia. Há ocasiões em que, estou em crer, Álamo fez certas adaptações para melhor corresponderem ao que em Portugal se tem por nota de tese de MA, uma certa confusão de Licenciatura e Mestrado... destas e outras situações apercebe-se, todavia, o leitor avisado, eventualmente académicos ou estudantes, experimentado nesses percursos.

O casal Prof.^a Lucília/Márcio, tem o seu correspondente no outro: Padre Raul/José Carlos, de seu falso nome, - "pedofilia" nas versões masculina e feminina. A preponderância e o estatuto social e económico, a diferença abissal de idades, correspondem em ambos os casos. A generosidade, bastante ingenuidade, e solidão – a solidão ilhoa a acumular com a que é imposta no sacerdócio – que caracterizam Lucília e P. Raul, são igualmente pagas com mentira, extorsão, traição, fuga e cobardia.

Álamo Oliveira vingou-se bem de um certo "Márcio" que conheceu: fê-lo passar por todos os graus da vergonha: mentiroso, ladrão, chumbou-o por faltas, envolveu-o na droga, deu-lhe uma filha muda e ainda o fez voltar pela segunda vez, na penúria e cheio de filhos, mendigando à Professora "maternidade". Ela, como o Padre: ambos enfrentam a prole da incúria do seu ex-amado.

Chegados aqui podemos apontar então os pomos da discórdia para a Crítica: a condescendência, pelo menos, com a pedofilia. A acusação da solidão/celibato dos padres como culpa de um pecado que não é, por estes, reconhecido como tal: a violação da castidade, independente do objeto do desejo (consigo próprio ou com outrem do mesmo sexo ou não). Qual prova que melhor refuta a ideia de pecado ou a condenação social do ato se não a de que o traidor é o ser/objeto amado e não o que ama, aconselha, acompanha, ajuda e protege? – poética e sinteticamente escrito por A. Botto, citado por Jonathan: "Gosto de fedelhos, vou-lhes ao cú, dou-lhes conselhos". "Não há ilhas inocentes" – é a acusação dos que a conhecem por dentro: Álamo/escritor, Raul, Lucília – que se compadeçam com paisagens paradisíacas, não mais que paisagens. À mercê de sismos, enchentes, ventos ciclónicos e os consequentes racionamentos, receios medos, desejos de fuga, estas nove cagadelas de moscas espalhadas pelo Atlântico (imagem de A. Oliveira em *Contos com desconto*)⁷³ determinam nos seus filhos uma vivência onde o sobrenatural, o humano,

o animal, a natureza e o sexo se regem pelas mesmas regras: tudo acontece porque está ali ao pé. Por isso neste romance, há desejos, apalpões, murmúrios e sexo por todos os lados. Tudo pela conveniência da emergência, da urgência, da proximidade, das leis orgânicas que dividem a natureza em ciclos, em cios seja mulher, homem, panasca, padre ou galinha. Só a sociedade com as suas leis antinaturais não se compadece desse determinismo. Tão natural que serve de explicação à solidão acrescida pela distância, pela imposição do sacerdócio, sem escolha. Essa teve-a a Professora, que não se conformou com a exiguidade de consciências e da geografia. E quis a aventura. Quando nos dizem: mas que sorte!... tens corrido o mundo" ou a outra versão com um toquezinho de maldade: "que sorte: andas sempre a passear!". Nem imaginam o quanto de preparação científica, de coragem e de abnegação isso nos custa. Tudo vale a pena, e cada partida anuncia uma chegada a outro lugar onde deixámos uma parte de nós... não morremos um pouco a cada partida – como diz a canção, – revivemos e ganhamos em cada chegada. Se a personagem Professora não é um modelo de virtudes, Álamo, todavia, premeia-a com uma morte santa, que é um achado na economia do romance, castigando mais uma vez Márcio que fica contrariado com a filha, da qual se julgara livre entregando-a um dia à guarda de Lucília, agora de volta à sua tutoria. Márcio soma mais um predicado: é mau Pai.

Profundamente conhecedor da vivência ilhoa, o autor esmera-se na conceção da personagem Raul – no seu apostolado, na sua luta contra os elementos naturais como o grande sismo de 1980 que destruiu a Terceira, na sua capacidade de recomeçar, de perdoar, de ser indulgente com o Amor – amar pessoas, independentemente do sexo. Muito do que se depreende nas relações dos dois protagonistas com terceiros, é serem uma panaceia para a sua solidão: Raul tolera-lhes a falta de diálogo, a falta de higiene - que é uma das suas maiores preocupações assim como matar-lhes a fome - a monotonia, em nome de uma companhia assídua, uma espécie de "esposa" submissa e calada. Os argumentos que já serviram a Raul e a Jonathan para tolerar, o amor/sexo indistintamente do género, são agora na Professora Lucília uma bandeira da sua autodeterminação: *Apetece-me subir ao púlpito da rua e gritar que, se pudesse, caçava todos os prostitutas, machos e fêmeas, para afogá-los com o seu próprio sexo. Fazia-o sem remorsos. Estou farta da inocência piedosa da*

⁷³ Álamo Oliveira, *Contos com desconto*, Lisboa, IAC, 1991, p. 11

*maldade ser acarinhada judicialmente em nome de valores morais e imorais que alimenta essas quadrilhas de falsos meninos e meninas que usam a sua angelicidade para lançar, no poço do sofrimento, os que lhe deram pão e afeto. Está Bem! Posso ser presa. Mas não me lixem. A minha iniciação sexual deu-se quando eu quis e não quando alguns quiseram. Porque..., quem cala consente. Eu não consenti. E consenti. Por isso, renovo a minha homenagem a todos e a todas que, sendo mais velhos, me ensinaram a descobrir os prazeres do corpo. Sem essa gente, revelada sob o escuro de palheiros e de atafonas; sob a proteção de silvados e campos de milho; sob o aconchego de noites em camas partilhadas por acaso, seria uma pobre de espírito, sem alfabetização sexual que me valesse. Ah, como vos amei, pela paciência e generosidade! Como vos amo pelas gratas memórias que me deixaram!*⁷⁴

FINALMENTE, o romance é um portento de estrutura e de escrita. O escritor habituou-nos à sua capacidade de ser sarcástico sem ofender... recordem-se pelo menos as pequenas narrativas, *Contos com desconto* e *Com perfume e com veneno*. Quando Álamo entra pelos meandros de igrejas e sacristias, santidade e conventos, o riso torna-se irreprimível no "Perfume da santa" (quando ao morrer e exala uma flor do ânus que mata todas as freiras, ou as desgraças intestinais do Joaquim Sacristão), no "Coreto" só para citar dois exemplos do seu sarcasmo inofensivo. Neste seu último romance, torna-se também um narrador autocrítico nas notas de roda pé: criador de metáforas pirosas (ex. a bailarina da Gulbenkian ou os dentes do ratinho do Disney), entre outros mimos... Um sarcasmo sadio e ironia associam-se especialmente quando se trata de cenas com figuras eclesiásticas ou ligadas à Igreja, na Ilha que Álamo tão bem conhece.

O CAPÍTULO III narra a estreia e a vivência do P.e Raul na sua primeira Paróquia, Manadas. O sacristão e a Menina Francisquinha compõem o quotidiano miserável de 700 almas enclavadas pelas rochas, face ao mar. Cada um com as suas atribuições que garantem o brilho dos atos litúrgicos, onde "se não fossem os nevoeiros, mais os ventos ciclónicos e as chuvas da praxe, bem se poderia dizer que era um lugar paradisíaco"⁷⁵.

O senhor Guarda, seu consultor e companheiro dos dias de folga, é mais um contributo para a amálgama do trivial com o sobrenatural, com a santidade: na pesca, nas conversas e nos silêncios, no jogo e na merenda de

pão fresco com queijo da ilha e regavam tudo com vinho de cheiro. Depois, bebiam um cafezinho também de produção local e uma aguardente made in adega do senhor Guarda (sic) [que não vem em itálico pelo que Álamo sugere maliciosamente, como costuma, que já é nosso] com efeitos terapêuticos: aliviava dores de dentes, de barriga e resfriados; maltratava silêncios sem referência ou sem motivo; resolvia azares financeiros e pragas de burra peideira; curava amores com mau-olhado; secava borbulhas adolescentes e cornos imprevisíveis"⁷⁶. A graça não está na enumeração caótica até ao absurdo. Estará antes no exagero dos poderes de tal aguardente que, por diversos processos, curava tão variados males. Por tudo o que ficou dito, a densidade humana das duas narrativas que se vão cruzando, a crueza da vida nas franjas de um Portugal recôndito, o bom sarcasmo que perdura desde obras anteriores, a crítica fundamentada na vanidade de crenças desumanas, estou com o Prof. Assis Brasil quando considera esta a obra-prima de Álamo Oliveira e a ele, um dos mais importantes escritores da língua comum de toda a lusitanidade [contracapa], num grande romance sobre a solidão.

REFERÊNCIAS

Oliveira, Álamo, *Contos com desconto*, IAC, 1991

-----, *Com perfume e com veneno*, Lisboa, Salamandra, 1997

-----, *Murmúrios com vinho de missa*, Ponta Delgada, Letras Lavadas, 2013

36. LOURDES MAGALHÃES, GRACIOSA, AÇORES, PRESENCIAL

Participa pela primeira vez

37. LUCIANO PEREIRA, PROFESSOR COORDENADOR, ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO, INSTITUTO POLITÉCNICO DE SETÚBAL, LUCIANO J DOS SANTOS BAPTISTA PEREIRA, luciano.pereira@ese.ips.pt

Licenciado em Línguas e Literaturas Modernas (Português/Francês); Mestre em Literaturas Medievais Comparadas; Doutor em Línguas e Literaturas Românicas

- Provas Públicas para Professor Coordenador

⁷⁴ Álamo Oliveira, *Murmúrios com vinho de missa*, Ponta Delgada, Letras Lavadas, 2013p. 116

⁷⁵ Idem, p. 93

⁷⁶ Idem, p. 98



1. Comunicações e artigos:

- *L'interculturel, l'audiovisuel et l'enseignement des langues*
- *As cores da língua portuguesa como expressão de cultura*
- *A cultura açoriano-catarinense na obra de Frankelin Cascaes*
- *Paiva Boléu e a cultura açoriano-catarinense.*
- *A representação da Ilha na literatura de temática açoriana*
- *A representação da Arrábida na literatura portuguesa*
- *O contributo africano para o fabulário de língua portuguesa*
- *O cavalo e o touro nos fabulários, nos bestiários e no imaginário popular*
- *Os contributos mitríacos no culto do Divino Espírito Santo e algumas das suas expressões na literatura tradicional*

2. Ensaios:

- *O universo do imaginário*
- *Os bestiários franceses do Século XII*
- *O bestiário e os contos tradicionais portugueses*
- *A fábula em Portugal*

3. Unidades Didáticas para alunos do Ensino Complementar da Língua Portuguesa na Alemanha (em colaboração):

- *A cidade*
- *O mundo das línguas*

EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

- Professor do Ensino Secundário. (Setúbal, 1982/1986)
- Formando, Orientador pedagógico, Assistente, Professor Adjunto e Professor Coordenador (Escola Superior de Educação de Setúbal, 1986/2010)
- Colaborador da Divisão do Ensino do Português no Estrangeiro da Direção Geral de Extensão Educativa (1990/1995)

- Coordenador do Ensino da Língua e Cultura portuguesas - Embaixada de Portugal em Bona (1995/1996)
- Coordenador do Departamento de Línguas da Escola Superior de Educação de Setúbal (2002/2005 e 2010)
- Vice-Presidente do Conselho Diretivo (2005-2008)

SÓCIO FUNDADOR DA AICL –

MEMBRO DO CONSELHO FISCAL

PERTENCE AO SECRETARIADO EXECUTIVO DO XXI COLÓQUIO

TOMA PARTE NOS COLÓQUIOS DESDE O PRIMEIRO EM 2002

INTERVÉM NA SESSÃO DE POESIA

TEMA 1.3. “A ROSA NÃO TEM PORQUÊ.” HOMENAGEM A UMA POETISA VULCÂNICA. LUCIANO PEREIRA, PROFESSOR COORDENADOR, ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO, INSTITUTO POLITÉCNICO DE SETÚBAL

[Ver PowerPoint aqui antes de ler artigo](#)

1. BIBLIOGRAFIA

Maria Eduarda Faria da Rosa é a filha mais nova de uma fratria de quatro irmãos, três irmãos e uma irmã, filhos de José Garcia da Rosa e de Maria Lourenço Faria. Nasceu no Areeiro – Capelo, na Ilha do Faial – Açores a 29 de setembro de 1947. Dos dez aos vinte anos, viveu na Horta onde desenvolveu as suas atividades escolares no colégio de Santo António, no Magistério Primário e no Liceu. Em 1968, rumou ao continente onde frequentou o curso de Filologia Românica na Faculdade de Letras de Lisboa, assim como um mestrado em Literatura Comparada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova.

Foi professora de Línguas Portuguesa e Francesa, profissão que exerceu em Lisboa e em Wiesbaden na Alemanha. Em 1976/1977, lecionou na Escola Preparatória Manique Intendente Em 1977/1978, na Escola Secundária em Rio Maior. Em 1978/1979, na Escola Preparatória Barbosa du Bocage em Setúbal. Em 1979/1980, na Escola Preparatória de Caldas da Rainha, ano durante o qual também viveu os ternos mistérios da maternidade, quis o destino que viesse a ser mãe de uma menina.

De 1980 a 1987, foi professora na Escola Preparatória de Beja e na C+S, Santiago Maior, chegando até a lecionar Literatura Infantil no Magistério da mesma cidade onde virá, a partir de 2000, a desenvolver uma atividade editorial com José Francisco Pereira, de seu pseudónimo Al-Zei.

De 1987 a 1999, lecionará na Escola Preparatória Luísa Todi em Setúbal. Em 1999 desloca-se durante uma semana à Ilha de São Jorge, para festejar o 25º aniversário do 25 de abril, a convite da Escola Secundária das Velas. Aí, realiza uma exposição de pintura e uma sessão de leitura do seu livro “A guardadora de tesouros e a vara-de-ouro” (1998).

Não resistiu ao apelo das Ilhas e das raízes e regressa nesse ano ao arquipélago para lecionar na Escola Básica 2+3 da Horta. Por várias vezes fez, em público, questão de afirmar que vivia para aprender o Amor, a Beleza e a Liberdade (Os trabalhos de Psique, 1994).

Cidadã empenhada na ternura e no amor pela natureza e pela terra, pessoa que nunca se acomodou e tantas vezes incomodou pela sua coragem, pelo seu talento e pelo seu bom gosto. Professora, amada e estimada por alunos, por colegas e amigos a quem dedica as suas obras que oferece generosamente com delicadas e ternurentas dedicatórias.

Mulher de uma sólida cultura clássica, e possuidora de uma rara sensibilidade estética, não deixa de se enternecer pela simplicidade da cultura e da sabedoria popular como está bem patente em algumas quadras e alguns versos incluídos na sua obra *A guardadora do tesouro e a vara-de-ouro*:

“Vai-te embora papão negro,
Deixa a baga do loureiro,
Deixa dormir o menino,
O seu soninho primeiro...” (1998: 15)

“Josezito
Já te tenho dito
Que não é bonito
Andares-me a enganar
Chora agora Josezito
Chora que me vou embora
Para não voltar...” (1998: 17)

“Os cavalos a correr
As meninas a aprender

Qual será a mais bonita
Que se deve esconder” (1998: 24)

“Como é linda a minha terra
Ao despertar a alvorada
Canta o pastor sobre a serra
O hino da madrugada...” (1998: 28)

“Quem adora o impossível
Que esperança pode ter?
Vive numa saudade
Goza pena até morrer.” (1998: 35)

Na sua escrita convivem as mais virulentas erupções eróticas com a expressão do mais profundo misticismo ilhéu e logo profundamente português. A autora convoca tanto Virgílio, Apuleio, Luciano, como mergulha na contemplação do divino Espírito Santo, de um Criador feito menino, anunciando a salvação. A sua escrita vivida evoca Luís de Camões, Fernando Pessoa, e o excelso Professor Agostinho da Silva. Natália Correia não poderia deixar de estar presente, mais inesperada será a voz de um Angelus Silesius, ao afirmar a inconsistência da procriação em relação ao radical conceito da geração: “**A rosa é sem porquê, assim como a o supremo valor ascético do isolamento e da solidão**: “Die Einsamkeit ist Not, doch sei nur nicht gemein, / So kannst du überall in einer Wusten sein ” (A solidão é sofrimento mas se não te isolares / Poderás estar em toda parte num deserto.)⁷⁷

2. OS TRABALHOS DE PSIQUE (1994?)

A autora dispôs dezasseis pérolas poéticas e a reprodução de alguns dos seus trabalhos plásticos, com recurso a diversas técnicas. Estamos perante uma glorificação das imagens enquanto linguagem da alma, um hino à Beleza⁷⁸. O primeiro funde imagem e texto. Evoca-se a escrita musical, as formas abstratas, as cores, de fogo e de terra: “Do vulcão sai a rosa”.

⁷⁷ Rosa, Maria Eduarda Faria da (1994?) – Os trabalhos de Psique

⁷⁸ Este amor pela imagem convoca expoentes universais sem nunca os citar. Lembremos apenas Baudelaire: “J'ai pétri de la boue et j'en ai fait de l'or : Glorifier le culte des images (ma grande, mon unique, ma primitive passion.)” (1968: 638) Em

1960, René Hyghe, teve a coragem de afirmar que, de facto, só a arte podia ser a linguagem da alma: “Aussi est-il temps de poser la question de l'art e de l'âme, de l'art langage de l'âme.” (p.5).

O segundo é uma linda “canção dedicada a uma cotovia” que a autora descobrira num borrão antigo:

*“Cotovia, cotovia,
Estavas lá e eu não te via.*

*Dentro de mim escondida
Cantava ao anoitecer
Uma cotovia ferida:
Cantava até morrer.*

*Longas noites eu perdi
A tentar ouvir seu canto,
Abraçada ao meu manto
Gotas amargas verti.*

*Um dia sem esperar,
Encontrei-a num borrão
Auscultar-lhe a pulsação
Tinha brilho no olhar.”*

Todos os outros poemas, excluindo Aljôvar, são sonetos de grande virtuosismo, engenho e arte, na maior parte em verso decassílabo, considerado pelos clássicos o mais belo e grave. As distribuições rimáticas variam tal como variam os temas, embora de uma extrema coesão. O amor é uma expressão do prazer e da dor, dos sonhos e dos medos, da irrupção da libido e do voo do espírito, da esperança, do desejo e do Desejado. A terra, a água, o fogo e o ar rodopiam num processo de criação quase xamânico. Presente-se a ilha em cada poema, em cada verso, em cada letra. O vulcão sai das entranhas da terra e das entranhas do ser. Intenso, o cheiro a maresia inunda cada página. No mar alto, turbilhões engolem os navios em sobressalto. Brilha o basalto, o enxofre e o magnete até à explosão.

Reverbera “a palavra precisa”. Inicia-se o jogo do amor, com esperança apesar do perigo:

“(…) O jogador avança com vigor/ Temendo o perigo do exagero./ A jogadora joga com pudor/ Aqueles dados que tem ao dispor/ E a esperança relança o seu tempero. (VIII. Esperança e perigo no jogo do amor)

O jogo do amor é o jogo da palavra. A palavra reinventa-se para expressar o desespero, o abandono e as lágrimas de sofrimento e de paixão:

“III. DESESPERO

*Sinto-me morrer: não há alimento.
O meu corpo está por amor sedento.
Tudo à volta é aborrecimento.
Respiro a rigor, falo com o vento.*

*Não aguento mais este grão tormento.
Quem me ouve e vem dar um certo alento?
Nesta esquina há apenas lamento.
E eu a precisar de contentamento.
(…)”*

“IV. ABANDONO

*(…)
As assas ergue sem nenhuns ruídos
Esse deus dos mais subtis e sabidos
De todos talvez o mais sedutor.*

*Psique agarra-lhe um pé e envolvidos
Vão os dois pelos ares esbaforidos.
Ela em terra cai. Voa o condor.”*

“V. ALJÔFAR

*(…)
Lágrimas pérolas crescem
Do orvalho da mulher
Refresque-se quem souber
Que as dores também florescem.*

*Fonte jorrando amor
Em que a sede se esquece!
Manta fofa que me aquece
Dando alento, são vigor.”*

“XI. SECARAM AS LÁGRIMAS

*Secaram as lágrimas que correram,
Todo o outono. Gordas, silenciosas,
Cavalgando marés vivas, hircosas,
Negro e pútrido lodo removeram.*

Os velhos rancores emudeceram

*E as arrogantes raivas escabrosas
Outrora incontroláveis, clamorosas,
De tanto intrigante furor morreram.*

*Meu barco baloiça em rio frio,
De horizonte nublado e fugidio.
Vazio é a deliciosa fonte.*

*Em letargia não choro nem rio.
Cautelosamente acendo o pavio
Da vela que me servirá de ponte."*

3. A GUARDADORA DO TESOURO E A VARA-DE-OURO (1998)

Terminado em Setúbal no Equinócio da primavera de 1996, dedicado à mãe e à filha, foi publicado em 1998, o livro é uma obra de memórias, enriquecido com velhas fotografias de família e de paisagens deslumbrantes. "A autora lança um olhar nostálgico e fascinante sobre a sua infância vivida no microcosmo da ilha do Faial. São memórias (autobiográficas) de sonhos e sortilégios, de medos e angústias, de aventuras e desventuras, que surgem do fundo dos tempos como uma aparição de ternura e felicidade dessa infância enquanto paraíso perdido."⁷⁹ As memórias de uma vida, vivida com intensidade, delicadeza e paixão.

O livro é um percurso, uma viagem que vem do fundo dos tempos, tempos de sacrifícios, privações, alegrias e dores, até a um presente tranquilo e sereno, onde se percebe a sabedoria do magno professor Agostinho, evocado desde a parte inferior da página reservada à dedicatória: "*Dará Portugal ao mundo/ em céu de amor e de espanto /seu Império do Divino/ Divino Espírito Santo.*"⁸⁰ A autora termina a sua obra prestando uma sentida homenagem ao sotaque e à ímpar filosofia alentejana que se confronta com um real que nunca é definitivo e que se vai construindo, com ternura, amor e paciência, no respeito pela natureza e pelas secretas leis do Universo: "*Ela pedia-me para não falar à açoriana. Eu retorquia com um sorriso de agrado pelo seu sotaque alentejano (...). Cantámos juntas*

uma canção alentejana: «Eu sou devedor à Terra/ A Terra me está devendo/ A Terra me pague em vida/ Que eu pago à Terra em morrendo.» (1998: 89)

O existencialismo próprio da cultura alentejana é, justamente, comparado com a velha sabedoria oriental: "*O bambu mantém-se ereto e não há ventos que o abatam nem forças que contrariem a sua harmonia. La Fontaine não se esqueceu de valorizar tamanha lição.*"⁸¹ A autora relembra o poeta chinês, Lao-Tze, traduzido pelo amigo Agostinho: "*o princípio do Tao é o que acontece por si mesmo*"; "*a quietude domina o movimento*" (1998: 90) e termina referindo a linda história que relata a forma como um músico, ermita e sábio, conseguiu tocar uma harpa que um poderoso mago havia criado a partir de uma esplendorosa árvore por se ter sentido tão cativo da sua beleza:

"O imperador perguntou ao sábio músico: - Como puseste a tocar esta harpa com tanta felicidade, quando os melhores músicos da corte a experimentaram durante semanas sem nada conseguirem? - É simples, falei-lhe do seu vale, daquele que a viu nascer, da erva que crescia a seus pés, do chilrear dos pássaros seus amigos, da corrente de água que refrescava os seus pés no verão, da torrente de luar nos seus ramos..." (1998: 90, 91)

Um belíssimo poema antecede os doze capítulos da obra. Doze, tal como o número dos apóstolos, os meses do ano,... Afinal não será qualquer obra autobiográfica uma viagem no espaço e no tempo:

*"Tranquila bolina a mãe-ilha no
oceânico regaço.
Dos seus seios eretos a ambrósia,
guardada outrora pelos deuses no
seu interior, jorra abundante e perfumada, alimentando os filhos
em horas de cansaço.
Cuidado, porém! Enfurecem-se-lhe
por vezes as entranhas!
Desse furor, o que perdura, no
entanto, é Beleza!"*

A obra enraíza-se num passado bem distante são quatro ou cinco gerações que são invocadas, a ilha e a sua história, ora sedutora, acolhedora e sensual, ora trágica, dramática e medonha. As idas e vindas, ao longo dos séculos, provocadas pelos caprichos da natureza são razão suficiente

⁷⁹ Vítor Rui Soares. Texto apresentado na contracapa de **A guardadora do tesouro e a Vara-de-ouro** (1998)

⁸⁰ Agostinho da Silva. Quadras inéditas, Ulmeiro

⁸¹ La Fontaine (1993) - Fábulas. Lisboa: Minerva, p. 110

para invocar terras do Brasil, da América e do Canadá. Mas é à Serra-Mãe, a mística Arrábida que a autora dedica o seu penúltimo capítulo. O regresso à ilha faz-se com o Alentejo no coração.

Cada um dos doze capítulos possui um título latino e a sua tradução, dando a obra a estrutura e dignidade das obras clássicas. Percebemos que estamos perante uma espécie de epopeia dos simples em que o maravilhoso cristão convive com o imaginário pagão. Os pobres e os simples elevam-se ao nível dos heróis. As narrativas, meio históricas, meio lendárias, contam uma gesta, a gesta de um clã, um clã que cruza os mares, que enfrenta monstros medonhos, assim como a ira ou a benevolência dos elementos e dos deuses.

I. INSULA:GNATA VENUSTISSIMAE INSULAE

Ilha: nascida da graciosíssima ilha (1998: 9)

Este primeiro capítulo é dedicado às origens, às raízes, às gerações mais próximas:

“Sempre que volto a este lugar onde nasci, recordo inefáveis histórias vividas e ouvidas dos nossos antepassados. (...) Cinco quilos e tal pesava o teu tio quando nasceu, um moço de cabelo tão loiro que mais parecia um nórdico puro que um filho de tão misturadas raças. Nesse caldo multicolor é farta a gente da ilha, sobretudo em sangue flamengo e árabe. (...) No meio das dores do parto, a tua avó lembrara a sua mãe, na mesma altura também grávida do seu décimo segundo filho.” (1998: 9)

II. MONS FLAMMAS ERUCTANS

Monte vomitando chamas (1998: 33)

O capítulo recorda a coragem e a bravura dos antepassados, das gerações que enfrentaram os tremores de terra, a ira do vulcão e os perigos do mar:

“Foi entre 1671 e 1672. Os tremores de terra começaram a 20 de setembro – mês propício a desgraças – e as freguesias mais afetadas foram a Praia do Norte e o Capelo. A Ribeira Brava, hoje Ribeira do Cabo, ficou toda destruída até a Ermida da Nossa Senhora da Esperança. A nossa família a partir de fevereiro, teve que se refugiar numa barraca construída em palha. Era impossível alguém do Capelo manter-se em casa. Os abalos eram cada vez mais fortes. (...) O Capitão-mor Jorge Goulart Pimentel veio até cá numa romagem, implorando ao Divino Espírito Santo que afogetasse aquele dragão devastador e infernal. E não é que o fogo parou antes de alcançar as vinhas?! «Milagre», gritaram todos, «Foi o Espírito Santo!» O referido Capitão-mor acabou por sustentar durante dois dias duzentas pessoas pobres que depois foram enviadas para o Brasil. O bezerro que iria

servir de alimento no bodo do próximo domingo do Espírito Santo foi ladeado de lava e ficou intacto.” (1998: 34)

Recorda-se uma visita do rei Dom Carlos e da rainha Dona Amélia e um ramo de flores oferecido por uma menina desdentada de seis anos ao Presidente da República Craveiro Lopes que prometera ao povo uma escola que só fora construída trinta anos depois, quando já não existiam crianças suficientes para a encher.

III. CAELUM MUTARE

Mudar o céu (1998: 41)

Volta-se a falar dos duzentos do Capelo e da Praia do Norte que foram enviados para o Brasil e que se terão instalado na ilha de Santa Catarina, onde se terão miscigenado com outros grupos étnicos, eventualmente africanos e, com toda a certeza, tupis-guaranis: *“Entre eles, contavam-se três irmãos da Praia do Norte, O Lourenço, o Francisco e o Leonel, uma família com mistura de Dutra e Vargas. Um deles é teu avô para trás de trisavô.”* (1998: 41) Leonel casou e teve filhos, Getúlio Vargas é seu descendente, sangue do seu sangue. A sorte não bateu à porta dos dois outros: *“Lourenço tinha deixado o coração preso a uma jovem da Praia do Norte.”* (1998: 48) E regressou com a uma caixa de Pandora nas mãos para oferecer à sua amada, o que não os impediu de terem uma menina e serem felizes. O outro, teve um triste destino: *“Instalou-se na Horta. Os tostões que tinha acumulado, depressa os gastou com as raparigas da má-vida. Não fosse o Leonel do Brasil a sustentar-lhe a velhice, teria morrido como um cão abandonado.”* (1998: 44)

IV. AVI MATERNI

Avós maternos (1998: 45)

Depois da erupção do vulcão dos Capelinhos os bisavós maternos foram para terras do Canadá, terras às quais nunca se adaptaram:

“A saudade da Praia do Norte era tão intensa que acabaram por voltar, embora já sem a casa da Passagem onde todos os filhos nasceram.” (ibidem)

V. GRANATA

Abundante em grãos (1998: 47)

A infância da narradora é evocada por uma certa saturação em relação à escola: *“Andava farta da escola. Já sabia tudo da terceira classe mas não podia passar para a quarta por falta de idade.”* (ibidem) A memória do modo como a burguesia ignorante sabe humilhar as crianças do povo pelas suas formas de falar e como as humilhações podem ser sérios motivos para desenvolver o espírito da pesquisa e da investigação:

“ – Olhe como ela fala! «botei!»! A forma correta é «deitei!»! Senti-me tão mal, tão sem defesas, tão magoada com aquele comentário! Nada respondi mas nunca desisti da investigação, (...) Uns anos depois ensinaram-me que era o povo que fazia a língua. (ibidem) Os cheiros da infância não se esquecem: “O cocoruto era habitado por vacas mirando a senda do infinito e perfumando a terra de bosta com cheiro a mantraste, aroma mais harmonioso que o de bergamota, tarragon, ormanthus, rosa, jasmim, ylangue, junquilha e acordes de pêssego.” (1998: 49); “Quando penso nela, cheiro o frango com debulho de linguiça e pão, e peixe assado no forno de lenha com sabor a cominhos, vejo bonecos de bolacha que com a doçura nos fazia, saboreio as maçãs azedas com perfume adamascado, raiadas de vermelho (...)” (1998: 51, 52)

VI. CARPE DIEM

Aproveita o dia (1998: 53)

“Todos na nossa família e cada um à sua maneira procurava sistematicamente o prazer.” (ibidem) O desporto, a música, o canto e dança são lembrados com quadras e versos populares: “Havia também serenatas!” (1998: 54)

VII. FURNUS

Forno (1998: 57)

Se o olfato prevalece em “Granata”, com as lembranças dos cheiros dos frutos e das flores; a audição permite gozos supremos em “Carpe Diem” com as felizes memórias dos divertimentos musicais e em “Furnus” aconchegamo-nos com o calor das brasas e o prazer alimentício metafórico do espaço simultaneamente social e uterino por excelência. “O forno da casa Silva fornecia à família um dos maiores e úteis atrativo.” (1998: 57); “Um senhor que lá trabalhava e dormia sem ganhar nada, pegava numa brasa na mão e levava-a ao cigarro para o acender, tal como na magia primitiva e no xamanismo em que o homem-medicina podia tocar nas brasas e produzir calor no próprio corpo de tal modo que não sentia frio.” (1998: 57, 58)

VIII. TERRAE MOTUS

Tremor de terra (1998: 59)

“A um tremor de terra seguia-se outro e outro. Três dias e três noites sem quase parar Mais de duzentos sismos registados! Todas as pessoas estavam assustadas com aquele estremecer súbito e intenso como se Posídon tivesse decidido bater insistentemente com o seu tridente no fundo do mar. E quando um deus se zanga, é mesmo de temer!” (ibidem)

O vulcão dos Capelinhos deixou uma marca indelével em todos os que o viveram. Sentimentos contraditórios provocados pelo belo horrível, pela raiva incontida e desmesurada daquela que nos acostumamos a venerar como mãe ternurenta e providencial: “Trinta e cinco anos depois, cantei este espetáculo de beleza e horror:

Vulcano acordou irado
Revoltoso decidiu,
Com um rangido malvado,
Dar à terra longo estio.

Seus urros eram tão fortes
Tão horrendos seus tremores,
Que em agoirentas sortes
Vestiu a noite de horrores.

Homens mulheres e crianças
Quedavam-se com a dor;
Bradando aos céus alianças,
Implorando o Redentor.

(...)
E Vulcano deliciado
Com sua obra de fulgor
Vomitava aliviado
Regalado com o esplendor:

Mas o povo sábio e manso
Não se deixou perturbar,
Fazendo, em seu descanso,
Serenatas ao luar.” (1998: 68-69)

IX. ASCENSUS ARDUUS

Subida árdua (1998: 73)

Depois da tormenta a bonança, a reconciliação, volta a ternura, a calma, a fresca beleza da Natureza que convida ao amor: “A Praia do Norte ao fundo era um presépio de frescura e brancura recomposto depois do vulcão dos Capelinhos. Os campos até os cedros ostentavam os matizes de verde e azuis. Manchas brancas e pretas das vacas pintalgavam a lasciva, licenciada e vicejante paisagem. Perante tal beleza, unimos os corpos o mais que pudemos satisfeitos e agradecidos em simbiose com a Natureza.” (1998:74)

X. SOLUTIO

Dissolução (1998: 75)

A narradora regressa à infância para revelar-nos um pouco mais da sua cosmo vidência, da sua religião, da sua fé:

"Foi na Igreja do Capelo, no mês de outubro, que me batizaram. Consta que chorei quando o padre me pôs o sal na boca e me deitou água sobre a cabeça. Orgulho-me de ter reagido de forma tão saudável ao desagradável da situação. Já não tiveste a sorte de provar este salso sabor. Deixa lá, cada um se batiza naquilo que quer. Quis deixar-te a liberdade de o fazeres se o desejares, embora me basta saber-te batizada na religião da Natureza que era sagrada e da qual a humanidade se desviou e aniquilou principalmente nesta época dominada pelo homo mechanicus. A ela temos que voltar, respeitando a vida em todas as suas manifestações." (ibidem)

"LACRIMAE, SUSPIRIA ET CACHINNOS COMMOVERE.

Lágrimas, suspiros e gargalhadas eram as três formas pelas quais as três mulheres que viviam na casa da minha infância se exprimiam." (1998: 76) Numa estrutura social agressivamente patriarcal, a mãe e a irmã do pai mandam e a mulher do pai chora, suspira e obedece: *"As gargalhadas eram a manifestação mais ruidosa e estridente da emoção na casa das Silvas. Eram a expressão do estilhaçar da torre do ser em calhaus rolantes e lustrosos de desafio ao medo do incognoscível." (1998: 77)*

"BALNEUM AB IRATO.

O que caracteriza a juventude bem formada sempre foi o idealismo, a generosidade, o gosto intransigente pela justiça, a revolta que até pode levar a querer fazer justiça pelas próprias mãos:

"Estava no sexto ano do Liceu. Terminou o primeiro período, no final de 1965. Fui ver as notas à pauta e o que vejo? Um dez a Português quando só tinha tido bons nos testes. Apoderou-se de mim uma tão grande fúria daquelas que nos fazem espumar de raiva ou desejar matar." (1998: 77)

"DIVINA LEVATIO

Para as mulheres, a revolução das mentalidades não apenas lhes deu ou lhes devolveu a voz, como lhes devolveu o corpo, o prazer e a iniciativa. A escrita, mais do que caracteristicamente feminina, torna-se expressão do desejo e do prazer, potente e poderosa, sensual e sexualmente assexuada:

"Á medida que o texto adquire uma certa potência deixa de ser característico de homem ou de mulher. (...) Eu própria vou sentindo uma parte neutra do meu ser – a terra prometida da força, e a terra de ninguém do sexo."⁸²

"A piscina natural do Varadouro foi se esvaziando aos poucos. Todos recolhiam aos abrigos noturnos. Só eu permanecia naquele lago salgado e morno, incapaz de abandonar tão delicioso manjar. Ele permanecia só encostado às pedras negras crespadas da beira-mar, indiferente ou recolhido quiçá no sossego que o momento nos dava. Cobria-nos um cheiro a iodo adocicado e a pele beijada por Zéfiro teimava em secar, cheia de ondas de sal. Como se um anjo nos sobrevoasse, ele olhou-me nos olhos, retirei subtilmente o fato que pus em cima de uma pedra do lado oeste da piscina, pois assim aproveitava para dizer adeus ao astro luminoso que se aproximava do tálamo e descobrir Vesper. Chamei-o com um aceno de cabeça. Ele acedeu. Retirou as roupas e, liberto, deixou-se deslizar pelos cabos daquele útero terreno-marinho." (1998: 78, 79)

"MARE

É o mar que desafia a imaginação, é o mar que convida para o desconhecido é o mar que nos trás o mundo e que nos aproxima dos outros. Alimenta-nos e de nós se alimenta: *"Sempre a ver o mar passei a maior parte da vida. Embalou-me a infância e alargou os horizontes da minha imaginação. Ao contemplá-lo, tinha a certeza que o mundo era imenso de fantasia." (1998: 80).*

Navios, iates e barcos de pesca trazem outras gentes, outras histórias, a oportunidade de uma dança, de aprender e praticar línguas, de lembrar Moby Dick e o Capitão Gancho:

"Quando era pequena, segredava ao mar mensagens que imaginava iriam ter a ignotos sítios. Na minha cabeça passavam pessoas e circunstâncias, histórias verdadeiramente de encantar, exorbitantes de sonho." (1998: 82)

"RIVULI

No inverno, as chuvas renovam os seres e a natureza sedenta que, com avidez, se deixa fecundar. A imaginação erótica atinge o seu aos e a alma delira: *"Na minha cabeça imaginava Eros nascendo na água do Ganges, fruto do esperma de Shiva, depois do protesto dos outros deuses por ele não fazer outra coisa a não ser foder com a Parvati. (1998: 83)*

⁸² Maria Gabriela Llansol. – Um falcão no punho cit. Por Lima, Isabel Pires de (coord.) (2001) – Vozes e Olhares no feminino.

XI. Veni Creator Spiritus

VINDE ESPÍRITO CRIADOR (1998: 85)

No dia de Pentecostes, sobe-se à Serra-mãe, à frente vai a bandeira vermelha com a pomba branca, leva-se um amigo, partilha-se pão água e vinho. Visita-se a cela de Frei Agostinho, e na lapa de Santa Margarida, acende-se velas sobre os rochedos e coroa-se as crianças com coroas de mirto. Canta-se hinos ao Menino Imperador, a criança eterna que vive em cada um de nós e dá-se voz à poesia, invoca-se os poetas, os santos e os sonhadores:

“*«Os amigos da terra». «Os amigos de Alex» ... Quantas siglas à volta da amizade! Pois os amigos do Agostinho, um geronte sábio, também começaram a encontrar-se. E a trazer «outro amigo também», pois quantos mais melhor.*

O Zeca já tinha praticado na cidade sadina (a «sem muros nem ameias») com «gente igual por dentro e por fora»?), e o Espírito Santo é para todos. Era o dia de Pentecostes de 1991. Tu andavas longe...” (ibidem)

XII. INSULA ITERUM

De novo a ilha (1998: 89)

De volta à ilha, mãe e filha seguem de mãos dadas a José Eduardo. A calma, a serenidade restabelecida, mãe e filha conversam amigavelmente, fala-se dos sotaques das diferentes ilhas e do sotaque alentejano. José ouve em silêncio José nada diz: “*Seguimos de mãos dadas ao José Eduardo, uma do lado esquerdo, outra do direito, num gesto de proteção e afeto.*” (ibidem)

4. CORAÇÃO DO MAR (2006)

“Coração de mar” é uma semente que sai para o mar através do Mississipi, a autora, por razões ficcionais fá-la sair do rio Amazonas. Pode flutuar durante dois anos antes de chegar às praias dos Açores. Feijão do mar ou fava do mar são os nomes que o povo açoriano lhe dá. Na obra de Maria Eduarda, a semente é portadora de uma mensagem. Passa pelo mar das Caraíbas, pelo mar dos Sargaços, fala com tubarões, enguias, atuns, cagarros... Mergulha no fundo do mar onde se confronta com a velha e lendária Atlântida. Trata-se de uma obra para jovens, pelo tom, pelos ambientes, pelos temas, pelo imaginário, ora realista ora maravilhoso. Trata-se de uma obra recheada de exotismos, saberes enciclopédicos e mistérios. O percurso realizado é uma viagem marítima, metáfora de uma iniciação.

O amor pela natureza e pelo planeta estão plasmados na semente com a forma de coração. A história-ficção está repleta de rigorosas informações científicas, e de rigorosas informações lendárias e históricas. O

mesmo amor pelo saber, a mesma fé no destino, um mesmo rumar para o futuro, para uma era marcada pelo coração do mar, pelas assas do sonho, pelo espírito elemental, santo, que funde as almas de todos os seres vivos e de todos os elementos criados e não gerados.

A história começa como qualquer história sagrada. Mais do que para uma fábula, prepara-nos para uma parábola. Tem mais de mito ou de lenda do que de conto. A primeira página da obra, anterior à da dedicatória, tão simples e familiar: “À minha neta Beatriz”, e que relembra o ano do centenário do nascimento do Professor Agostinho da Silva e do quinto centenário da morte de Cristóvão Colombo (2006: 5), apresenta uma única citação: “O Ocidente está a perder os seus mitos” C. G. Jung.” Parábola pelas suas alusões religiosas: “*Era o dia do Pescador, José e Maria passeavam-se no Porto Velho do Varadouro, baía acolhedora e guardadora de afetos, na ilha do Faial.*” (2006: 9) Fábula porque a natureza possui uma alma. O mundo vegetal e animal expressam os seus sentimentos, contam a sua história, exibem e valorizam o dom da palavra: “- Não estou a perceber nada! A semente afinal fala?! (...) – Sou um feijão do mar e venho de muito longe – respondeu prontamente a semente, suspirando com um leve estremecer.” (2006: 11)

Os espaços referidos são bem reais, com uma descrição simultaneamente poética e realista:

“- *Nasci no norte do Brasil na floresta da Amazónia. Cresci numa enorme vagem verdinha. Vivia muito feliz rodeada de animais simpáticos, tão simpáticos que nenhum me comeu. (...) A floresta da Amazónia estende-se pelos lados do rio Amazonas que tem um comprimento de mais de 6.000 km. É uma floresta tropical muito rica em árvores de folhagem persistente e raízes adventícias. É admirável a grande variedade de árvores, arbustos e fetos que há nela! Há trepadeiras que, com as suas lianas suspensas, atingem o cume das árvores e, na altura da florescência, a floresta parece um jardim suspenso. Nasci numa dessas trepadeiras. Quando flor, já intuía o balancear do ritmo do universo. O saber estar. O respeitar a lei universal.*” (2006: 11, 12)

As referências históricas são tão precisas quanto as referências espaciais e bem significativas do ponto de vista cultural: “*Vi à minha direita a cidade de Belém com tantas marcas dos portugueses que, sem querer, me lembrei do Jesuíta Padre António Vieira «o imperador da vossa língua» nascido há quase quatrocentos anos. Admiro-lhe aquele espírito protetor dos índios e denunciador dos colonos na sua relação escravizante com eles.*” (2006:

14, 15); "Na ilha de S. Salvador, lembrei-me naturalmente de Cristóvão Colombo. Que emoção deve ter sentido quando avistou aquela ilha e a pisou pela primeira vez em 12 de outubro, há 514 anos!" (2006: 24) As referências ao maravilhoso pagão relembram-nos as mitologias das grandes epopeias:

"- Sou Téthys, mulher do Oceano. Venho vaticinar-te um bom futuro. Vais vagar por esse mar fora. Vais sofrer algumas privações, mas vou fazer com que te recebam bem no sítio onde tiveres que ficar." (2006: 17);

"Das profundezas ferventes do meu inconsciente fluíam imagens que eu agora visionava de lutas com dragões-baleias e autênticos monstros marinhos como o Adamastor, a comprovar que entre a res cogitans e a res extensa de Descartes há na verdade um lugar onde o mundo é representado. Sentia-me a tomar consciência desse reino intermediário, o do simbólico, ao mesmo tempo que me ia adaptando a uma nova situação da minha vida. Com mais lucidez, tentava arquitetar uma solução. Imaginava-me Pégaso subindo das águas para um céu de liberdade, voando com uma nuvem branca e veloz até ao paraíso. Também me imaginava uma sereia-peixe cantando ao polvo de modo a entontecê-lo magicamente." (2006: 33)

A cultura popular irrompe a par da erudição: "Devia estar a uns 1000km da costa africana. A água era temperada. Até aqui não tinha sentido frio. Comecei a ouvir uns sons trinados num instrumento de cordas. Eram sons de bandolim. Vozes de crianças entoavam: «Deixa passar esta linda brincadeira» ..." (2006: 31); "Numa noite, olhei a Lua clara e redonda. Vi a sorrir e cantou-me: «Dorme, dorme, minha menina, / Embalada pelo vento. / Sou uma lamparina / Para te dar alimento.»" (2006: 34)

A passagem pela baía de Guantánamo acorda, com bastante subtilidade, alguns dos nossos maiores fantasmas, receios e vergonhas da nossa História contemporânea: "Era assim um abrigo agitado, paradoxalmente inseguro onde nunca se sabe se vai haver um minuto de sossego." (2006: 18) O registo poético acompanha toda a obra, desde o seu início até ao seu fim, fazendo irrupções como vulcões imergindo do mar:

"Os azuis do céu clareavam o mar, ligeiramente agitado. As gaivotas brincavam pachorrentas, fazendo voos lentos por sobre os calhaus circundantes à praia. Praia? Uns restos de areia dos tempos do vulcão dos Capelinhos, quase a extinguirem-se. Aquele recanto de pedras roladas, muito

bojudas tem um ar agreste. Aquele casal habitualmente dava uma volta por ali, não fosse a magia do mar deitar fora algum tesouro, uma pedrinha mais brilhante recheada de olivina ou um troncozinho de urze endurecido pelo sal e pelo sol." (2006: 9);

A voz da lua era doce como o mel. Enquanto me preparava para dormir, pensava naquele sustento de luz. Que mais poderia pedir à vida? A corrente empurrava-me para sul. E eu pensava nas margens do coração. Sempre que abandonamos um lugar e nos estabelecemos noutra, o coração balança entre as memórias do lugar anterior e o presente. É um sentimento de saudade. No fundo, acho que retemos as vivências essenciais como se um fio de ouro corresse no meio de um rio. O rio somos nós. Sempre em mutação. O fio de ouro é o que se apura do todo vivido." (2006: 34,35);

"Será que nos devemos contentar com a nossa sorte? Durante esta viagem tenho-me interrogado muito sobre esta questão. Haverá um destino cósmico? Será que me estava destinada esta demanda? Mas sigo em busca de que Graal perdido? Para onde me levam estas águas? Que fulgurações me poderão aclarar por dentro? – Perguntas às quais ninguém sabe responder – atestou Maria." (2006: 45);

"Estava num salão aquático com portas escavadas em rochas repletas de corais: cogumelos gigantes, fusos amarelos que brilhavam como ouro e flores de cores garridas das quais se destacava o vermelho. As esponjas também davam uma tônica de antiguidade ao espaço. Havia mais do que um compartimento. As salas estavam atapetadas com algas que lhe davam um ar aveludado e um tom de verde-escuro de faia." (2006: 53); "José e Maria olharam-se em silêncio. Uma brisa doce marcava presença como ar sorridente, que, evoluindo-se levava consigo aquele sentimento triste e alegre, ampliando-o no Universo. Maria pensou: «Hei de guardar esta semente para um neto ou neta que a vida no futuro me há de dar.»" (2006: 72)

5. PART & ILHA (2008)

Não fosse o conto *Vagas de lume* (2008: 41) que recorda a tragédia da guerra colonial e as heroicas operações Vagô⁸³, com o desvio de um

⁸³ Título de uma obra para jovens de Henrique Galvão, escrita em 1952, numa das piores prisões do regime fascista, o Aljube; trata-se de uma fábula tornada romance

que denuncia o poder absoluto do ditador. Vagô é um belo exemplo de literatura comprometida, uma apaixonante história de um tigre heroico que resiste no seu

avião que fazia a rota de Casablanca para Lisboa, e Dulcineia⁸⁴, com o assalto e ocupação do paquete Santa Maria, façanha protagonizada por vários resistentes portugueses e espanhóis, entre os quais Humberto Delgado, o General sem medo, e mais uma vez o intrépido Henrique Galvão; a obra seria, toda ela, uma homenagem à mulher. Oito contos que retratam a condição feminina. O real cruza-se com o maravilhoso, a dor e o sofrimento com o prazer e a sensualidade, o medo com a coragem, as pulsões individuais com as responsabilidades sociais, a solidariedade com a solidão, ... Histórias de hoje e do passado, sempre presentes, sempre adequadas, sempre pertinentes.

Maricota (2008: 7) conta a aparição de uma estranha mulher-sereia, com sotaque brasileiro, numa gruta a beira-mar: "«Por favor, não me faz mal!», continuou a mulher a tremer, com os olhos escuros a saírem da toca original." (2008: 8) António Baleeiro, estava só e, estupefacto, não resistiu à curiosidade de saber a sua origem e como viera ali parar. Como vivia só recolheu-a, e fez dela a sua mulher: "Os dias foram passando e no colchão fofo de palha, o corpo de António foi-se habituando ao corpo quente e sensual da mulher. Afinal na Bíblia estava escrito que o homem não se quer só." (2008: 17).

Mariana - O desejo de raiz (1998: 19)

Mariana é uma órfã cuja mãe, Amélia, ignobilmente violada pelo patrão morrera três dias depois de a confiar à roda dos enfeitados: "«Anda cá Amélia, não te esquives!» sussurrara D. Januário, de olhar guloso sobre aquela moça, parida na Ilha, cheia de energia, salivando como se saboreasse a presa, no meio das árvores do quintal." Protegida por Aurora, acabará por ir viver para Lisboa onde se tornou operária numa multinacional, onde se casou e tivera um filho. Mariana nunca esquecerá as suas raízes. Sabia que o pai morrera velho e que o irmão se tinha formado em Coimbra. Sentiu a necessidade de regressar às origens para fazer contas com o passado mas, junto da campá do pai, não sentira nem ódio, nem amor, apenas indiferença.

A Matriarca, Marisa e Marilua (1998: 31)

Marilua era filha de Marisa e de Manuel que se haviam apaixonado e tido aquela filha antes de ele ir para a tropa. De regresso tiveram mais dois filhos mas a bebida tomou conta de Manuel, de forma que o transformara

num homem mau e violento. Marisa apaixonara-se por um outro homem mas a mãe, guardiã da vela ordem social, decidiu tirar os netos à filha. "A vossa mãe é uma puta" (2008: 34) Marisa passou a vida a tentar contactar com os filhos. A matriarca passou a vida a escondê-los e a difamar a filha junto dos netos para sua protecção. Um dia Marilua recebeu uma carta de Carnaxide de que se transcreve aqui o terceiro parágrafo: "Tua mãe passou a vida suspirando por se encontrar contigo. Morreu com muita pena que isso não tivesse acontecido. Antes de morrer, deu-me este caderno e pediu-me para to enviar quando soubesse onde estavas. Ficou aqui sepultada." (2008: 39)

Visitação (1998: 53)⁸⁵

"Não fora há um século e meio a dádiva do Cônsul Dabney, contava minha bisavó, e teríamos morrido todos à fome. Parece que esta terra está condenada a marcos tenebrosos que a agitam ciclicamente de modo a alterar-lhe o vestuário e até as entranhas. Arrebatadoras vergastadas da natureza! Assim foi com a febre paratifoide daí a meio século: ia deixando a terra sem gente! E meio século depois, veio um vulcão lançar a sua raiva sobre estes campos e sobre nós. Até me arrepiou quando lembro aqueles tempos! O medo que senti encerrei-o na caixa de Pandora bem juntinho da esperança mal subi as escadas do avião que nos levou para os Estados Unidos da América." (2008: 53)

O conto começa com uma grata recordação e sentida homenagem a família Dabney que espalhou pela ilha bem-estar, humanismo e solidariedade. A narradora, emigrante em Rhode Island, agora reformada, voltou às origens para matar saudades com uma tia que decidiu ficar. Mais uma vez, assiste-se a um exercício de memória que atira-nos para uma infância repleta de alegrias e de sofrimentos: "E naquele dia em que fizeste a comunhão solene e o vestido ficou todo sujo de areia do vulcão." (2008: 54). É precisamente um passeio a pé até ao vulcão que lhe vai avivar ainda mais a memória: "A desgraça maior aconteceu quando eu tinha 12 anos. Foi o Luizinho a vítima, antes mesmo de enfrentar a baleia. Dia 4 de março. O mar estava tão enraivecido, tão transtornado que amaldiçoava quem se atrevesse a desafia-lo. O Luisinho afoitou-se e o mar esfacelou-o de en-

território à opressão da fome da seca e do homem. A obra retrata a sociedade totalitária e os seus mecanismos de opressão. Era o sol de Abril a querer raiar.

⁸⁴ Nome do idealizado amor de Dom Quixote, obra do magno autor castelhano, Miguel de Cervantes.

⁸⁵ 2ª edição; 1ª edição: in Contos, Vulcão dos Capelinhos, Faialentejo, 2002.

contro às rochas. Havia gritos de desespero, lancinantes como as sete espadas cravadas no coração da Senhora da Igreja da Praia do Norte." (2008: 61)

Bernarda - A peregrinação do mistério (1998: 69) Bernarda é uma gatinha que nasceu de uma ninhada de seis nomeio do bucólico vale dos flamengos. O conto inicia com o encanto inicial de todo o que é pequeno:

"I. O encanto do início" (1998: 69) e continua com o triste desfecho que constitui o abandono dos pequenos seres que a pobreza não pode alimentar: "

II. Dona do seu destino (1998: 73). Bernarda, agarrou no seu destino com garras e dentes e lá se conseguiu orientar até encontrar dois pequenos templos, um era um Império do Espírito Santo, o outro era uma ermida dedicada a Santo Amaro, padroeiro dos naufragos. Precisamente no lugar em que Quitéria foi assolada pelo remorso: "

III. O Remorso (1998: 76) - Naufrágio era o que se podia dizer do estado de espírito de Quitéria que, umas horas antes também passara pelo mesmo sítio. Ao olhar para o Império do Espírito Santo lembra-se da verdadeira mensagem bem portuguesa: comida para todos. Nas sopas do Espírito Santo nem os animais eram esquecidos. E ao pensar em Santo Amaro sentiu um tremendo remorso do que acabara de fazer." (ibidem) A fábula termina com os conselhos de um rato e o recomeço de uma vida que pregue sob o signo do maravilhoso que tantas vezes se torna real pela forças misteriosas da mãe natureza que também sabe operar os seus milagres: "

IV. Recomeço (1998: 79) Mas do que ninguém esperava era que Bernarda sem gravidez se tivesse instalado também na casota a amamentar os filhos das outras gatas. «Será possível Bernarda ter criado leite sem gravidez?» - perguntei a um médico. «Sim», foi a resposta. Só vendo para crer!" (2008: 86)

Aprender a ajudar a parir (1998: 87) e Natal solitário, Natal solidário (1998: 101)⁸⁶

"Todo o começo é difícil. Mas o sábio povo costuma dizer que o que custa é começar." (ibidem)

Os dois últimos contos retratam o dia-a-dia da mulher contemporânea. O primeiro revela-nos os pensamentos de uma professora - escritora, quase desiludida pelas atitudes dos seus alunos que, com ar sempre enojado,

não mostram qualquer interesse pela sua língua, pela sua cultura pelos livros, em suma, pelo humanismo e pelo ser.

Cruzam-se pesadelos com sonhos e antigas experiências gratificantes: a mulher que não sabe como ajudar a parir aquela criança que, do signo dos Peixes, conquistará o Reino do Amor; a semente que volta à terra para germinar, o fruto que depende da qualidade da terra; o passeio pela Arrábida com alunos que se deixam apaixonar pelas elegias de Frei Agostinho da Cruz; a exposição do brinquedo da criança africana organizada pela OIKOS, a prodigiosa criatividade que sublima os desperdícios tornando-os arte e prazer; o dia do livro infantil que conseguiu conquistar mais um leitor. Aquele leitor pelo qual tudo terá valido a pena, tudo vale a pena.

Afinal, talvez o mais difícil não seja começar mas: "Aceitar que não se pode forçar a aprender quem não quer, (...)" (2008: 99).

O último conto relata o desespero de uma mulher que, após ter esperado na estação da Rodoviária de Setúbal pela filha para, com ela, poder passar a noite de Natal, vê a filha se afastar, no preciso momento do início da consoada, para, com o pai, ir passar o Natal com a numerosa família que vive em Lisboa: "Queres ir com o pai para casa dos tios? A filha sem hesitar disse que sim. A mãe gelada, recolheu uma lágrima e ficou silenciosa." (2008: 104)

6. BIBLIOGRAFIA

- ALLEAU, R. (1989) – *La Science des Symboles*. Paris, ed. Payot.
- APULEIO (1978) – *O Burro de ouro*. Editorial Estampa.
- BACHELARD, Gaston (1957) - *La poétique de l'espace*. Presses Universitaires de France.
- BAUDELAIRE (1968) – *Oeuvres complètes*. Paris Editions Seuil.
- BRAGA, Teófilo (1973) *La Fontaine – Fábulas*. Lisboa: Minerva.
- BRUNEL, Pierre (dir.) (1988) – *Dictionnaire des Mythes Littéraires*. Éditions du Rocher Jean- Paul Bertrand.
- CAMÕES, Luís de (1973) – *Lírica*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- CARVALHO, Ruy Galvão de (1979) - *Antologia Poética dos Açores*. vol. II. Angra do Heroísmo. Secretariado Regional da Educação e Cultura.
- CASTRO, Orlando (1995) – *Açores Realidades Vulcânicas*. Porto.
- CENTENO, Yvette e FREITAS, de Lima (Coordenação) (1991) - *Espaço – Cidades, Ilhas, Jardins*. Lisboa, Editorial Estampa.

⁸⁶ 1ª Publicação em "Tribuna das Ilhas" (24/31 dezembro de 2004).

- CHEVALIER Jean, GHEERBRANT, Alain (1982) – *Dicionário dos Símbolos*. Editorial Teorema.
- ELIADE, Mircea (1963) – *Aspetos do Mito*. Edições 70.
- ELIADE, Mircea (1977) – *Tratado de História das Religiões*. Lisboa, Edições Cosmos.
- FREITAS, Vamberto (s.d.) – *O Imaginário dos Escritores Açorianos*. Edições Salamandra.
- HAMILTON, Edith (1983) – *A Mitologia*. 3.ª Ed. Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- HUYGHE, René (1960) *L'Ârt et L'Âme*. Paris: Flammarion.
- JUNG, Carl G. (1964) – *O Homem e seus Símbolos*. Editora Nova Fronteira.
- LIMA, Isabel Pires de (2001) – *Vozes e Olhares*. Edições Afrontamento.
- MOUTINHO, Viale (org.) (1975) – *O Amor na poesia Portuguesa*. Porto.
- NOLDING, Marta (1997) – *Influência Gnóstica na literatura Portuguesa*. Lisboa: Fundação Lusíada.
- OVIDE (1966) *Les Métamorphoses*. Paris.
- PAVÃO, J. Almeida (1988) – *Constantes de Insularidade numa definição de Literatura Açoriana* in: *Conhecimento dos Açores Através da Literatura*. IX Semana de estudos dos Açores. Angra do Heroísmo. Instituto Açoriano de Cultura.
- PESSOA Fernando (1981) – *Obra Poética* – volume único. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.
- PESSOA Fernando (1986) – *Obra em Prosa de Fernando Pessoa*. Portugal, Sebastianismo e Quinto Império. Publicações Europa América.
- PIMENTEL, Fernando Vieira (1988) – *“A ilha e o Mundo” de Pedro da Silveira: Vontade e destino* in: *Conhecimento dos Açores Através da Literatura*. IX Semana de estudos dos Açores. Angra do Heroísmo. Instituto Açoriano de Cultura.
- PLATÃO (1950) – *Œuvres complètes II* – traduction nouvelle et notes par Léon Robin. Éditions Gallimard.
- RÉGIO, José (1993) – *O Príncipe com Orelhas de Burro*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- ROSA, Maria Eduarda Faria (1994?) – *Os trabalhos de Psique*. Edição da autora.
- ROSA, Maria Eduarda Faria (1998) – *A Guardadora do Tesouro e a Vara-de-Ouro*. Angra do Heroísmo: BLU edições.
- ROSA, Maria Eduarda Faria (1998) – *Part & ilha*. Horta: FaiAlentejo.
- ROSA, Maria Eduarda Faria (2006) – *Coração do Mar*. Horta: FaiAlentejo.

- ROSA, Maria Eduarda Faria e Al-Zéi (Investigação, pesquisa e recolha) (2001) – *Capelo*. Horta: FaiAlentejo.
- ROSA, Maria Eduarda Faria et alii (2002) – *Vulcão dos Capelinhos*. Contos. Horta: FaiAlentejo.
- SANTOS, Luís Carlos dos (1996) – *Do Convento*. Livraria Uni Verso Editora.
- SILVA, Agostinho de (1996) – *Reflexão*. Lisboa: Guimarães.
- SILVEIRA, Pedro da (1977) – *Antologia de Poesia Açoriana – do século XVIII a 1975*. Lisboa, Sá da Costa.
- VIANA, Mário Gonçalves (Ensaio preambular e org.) (s.d.) – *O amor na Literatura Portuguesa*. Porto: Domingos Barreira.

38. LUCÍLIA MACHADO ROXO, EBI MAIA, AÇORES, ASSISTENTE



Licenciada em português-francês pela UTAD, trabalhou em várias escolas do continente e nas Lajes do Pico, Flores, Faial.

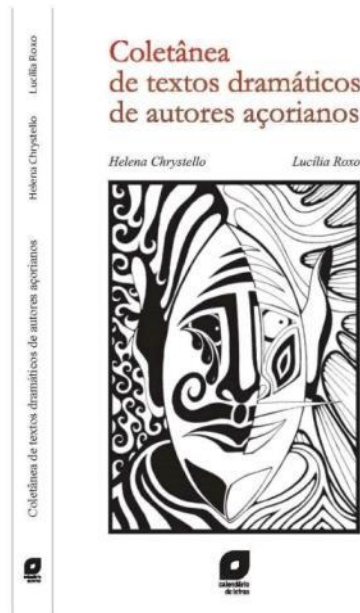
Atualmente está na EBI da Maia (S Miguel, Açores)

Participou, como atriz, na representação do «Frei Luís de Sousa» de Almeida Garrett em Vila Pouca de Aguiar.

Participou na organização de uma Tertúlia em homenagem a Miguel Torga na Universidade de Trás os Montes e Alto Douro.

Foi membro fundador do Teatro de Giz da Horta, tendo aí colaborado em vários espetáculos, *Era uma vez um dragão...* foi primeiro trabalho do Teatro de Giz, o grupo apresentou um espetáculo para crianças de Manuel António Couto Viana realizando também a tradução de alguns Sketches ovo+5=lonesco de Ionesco

TOMA PARTE PELA PRIMEIRA VEZ NA APRESENTAÇÃO DA COLETÂNEA DE TEXTOS DRAMÁTICOS DE AUTORES AÇORIANOS, DE QUE É COAUTORA



ISBN. 9789728985837

39. MADALENA SAN-BENTO, ESCRITORA AÇORIANA



MADALENA SAN-BENTO nasceu em Ponta Delgada, ilha de S. Miguel (Açores) em 1966. Atualmente reside na Ribeira Grande. Ali lecionou o segundo ciclo do Ensino Básico. Licenciou-se em História na Universidade dos

Açores, em 1989. Nesse mesmo ano foi premiada pela Secretaria da Juventude e Recursos Humanos com o conto "Chuva de Cinzas".

Em 1994, ganha o prémio Vitorino Nemésio promovido pela Secretaria Regional da Educação e Cultura com o romance "Os Expostos".

além de várias colaboração com a Imprensa regional, em apontamentos e contos diversos, publicou "Esta Santa Casa", ensaio e crónica de cunho sociocultural e histórico, sobre a Santa Casa da Misericórdia da Ribeira Grande (1997).

Em 2005 publicou, pelo Instituto Cultural de Ponta Delgada o romance "Diário das Mulheres Toleradas" (prémio atribuído e patrocinado pela Secretaria Regional da Cultura).

Em 2013 lançou o livro "da Anunciada" sobre a personagem ribeiragrãdese Madre Teresa da Anunciada.



PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ

FARÁ PARTE DA MESA REDONDA 9 ILHAS. 9 ESCRITORAS

40. MARA LÚCIA DAVID, SECRETARIA DO ESTADO DA EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO BRASIL, ASSISTENTE PRESENCIAL
PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ

41. MARCOS RODRIGUES FERREIRA, SECRETARIA DO ESTADO DA EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO BRASIL, ASSISTENTE PRESENCIAL



Mestre em Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Especialista em Língua Portuguesa (UNICAMP), Licenciado e Bacharel em Letras pela Universidade de São Paulo (USP). Na Diretoria de Ensino da Região de Mogi das Cruzes atuou como professor coordenador do Núcleo Pedagógico assessorando professores de Língua Portuguesa participantes das ações de formação continuada. Como coordenador pedagógico, elaborou e executou projetos de leitura e escrita que envolveram alunos e professores dos anos iniciais e finais do ensino fundamental e também do ensino Médio. Foi mediador e cursista de cursos a distância pelas plataformas Moodle, Prometeus, Brain Honey (AVA EFAP).

Atualmente, participa da Equipe Técnica de Currículo da Coordenadoria de Gestão da Educação Básica (CGEB), Secretaria Estadual de Educação de São Paulo, atuando como membro da Equipe Curricular de Língua Portuguesa, dando assessoria técnica e pedagógica (on-line e presencial) às escolas e Diretorias de Ensino da rede pública estadual de São Paulo.

PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ

42. MARIA DE LOURDES MATIAS, Portugal, PRESENCIAL



**SÓCIO DA AICL
TOMOU PARTE NO 19º COLÓQUIO MAIA 2013 E NO 20º EM SEIA 2013**

43. MARIA DOVIGO, ACADÉMICA CORRESPONDENTE DA AGLP, GALIZA



[Maria Dovigo: «Temos de quebrar a dualidade entre a língua da natureza e a língua da civilização, ideia que orienta o 'decreto do plurilinguismo'»](http://pplingua.org/agal/agal- hoje/2845-maria-dovigo- lte- mos-de-quebrar-a-dualidade-entre-a-lingua-da-natureza-e-a-lingua-da- civilizacao-ideia-que-orienta-o-decreto-do-plurilinguismo)
«Tive a sorte de ser aluna de António Gil Hernández, cujo magistério tanto me marcou». <http://pplingua.org/agal/agal- hoje/2845-maria-dovigo- lte- mos-de-quebrar-a-dualidade-entre-a-lingua-da-natureza-e-a-lingua-da- civilizacao-ideia-que-orienta-o-decreto-do-plurilinguismo>

Segunda, 27 setembro 2010 09:04

PGL - Maria Seoane Dovigo é uma corunhesa a residir no Portimão onde descobriu África. É embaixadora do Algarve na Galiza e da Galiza no Algarve. Sendo criança achava que elas falavam em castelhano e os adultos em galego e quando cresceu, isso viu-se a corroborar.

PGL: Maria Seoane Dovigo nasceu, curiosamente na Corunha. No entanto, o teu apelido não é o que parece, não é?

Maria Dovigo: Pois não. Parece "do Vigo", mas não é. Só descobrimos a origem do nosso apelido através do facebook. Uma prima minha contactou com um Dovigo apaixonado pela genealogia que tinha feito a nossa árvore até 1550. Soubemos por ele que procedemos duma família sefardita que fugiu da sua Sefarad depois do decreto de expulsão dos judeus dos Reis Católicos e se assentou na República de Veneza, onde havia liberdade de cultos. O étimo do apelido é Ludovico. O engraçado é que com estas pesquisas também encontramos um outro apelido dos catalogados como de "judeu-conversos".

PGL: Sendo teus pais galeguistas educaram-te em castelhano. Por quê?

MD: Para me proteger. Não se pode explicar sem contextualizá-lo no tempo e no lugar em que os meus pais e eu nascemos: eles durante a Guerra Civil, eu, uns anos antes da morte de Franco e todos na Corunha. A minha mãe foi muito castigada na escola por falar na língua da sua mãe e sempre perguntava por quê. A única resposta era: "Tienes que hablar bien". Nunca perdoou que lhe sujassem a sua inocência de criança obrigando-a a cantar o "Cara el sol" todas as manhãs, nem que lhe roubassem o conhecimento do seu próprio país. A família de meu pai tem suficientes feridas da repressão franquista sobre as quais já nem falo: não são difíceis de imaginar. Pelos anos em que eu comecei a frequentar a escola, que tinha um professorado que não ocultava o seu franquismo, a minha mãe sabia que eu iria ser discriminada, e muito, se falasse em galego e não quis que passasse por essa experiência. Nunca saberei se a história seria diferente se tivesse nascido dez ou mesmo cinco anos mais tarde. Na escola não havia rasto de galego para além das palavras que os alunos dizíamos nas nossas frases (todos éramos filhos de pais galego-falantes).



E a Galiza era só o nome duma região com quatro províncias entre as muitas outras que repetíamos diariamente com o ponteiro da professora sobre o mapa de Espanha. Nada mudou até 1982, quando recebemos o nosso primeiro professor de galego (passados os anos e sabendo como era a minha escola, pergunto-me o que é que ele não terá passado na altura).

Naquilo sobre o que a minha mãe tinha um poder que ninguém lhe podia roubar, no mundo dos afetos, aí sim se exprimia em galego. Falando há uns dias sobre esta pergunta com a minha irmã, ela lembrou-me a cantiga com que me arrolava para adormecer: "Esta menina tem sono,/ tem-me ganas de dormir,/ tem um olhinho pechado/ e o outro não o pode abrir". A cantar nunca aprendi noutra língua que não fosse o galego. Deve ser o território inexpugnável da minha raça (no sentido em que a minha avó utilizava o termo, os traços da família que se refletiam na nossa alcunha: as cotovias). Não havia concerto de grupos que cantassem em galego ao que a minha mãe não me levasse, nem manifestação pelos direitos do nosso país no qual ela não participasse (nelas aprendi o nosso hino), palestra sobre cultura galega à que ela não fosse sempre comigo da mão, sempre dizendo-me: "Não te esqueças nunca disto que estas a viver". Ela queria recuperar como fosse a pátria que lhe tinham negado e fez essa viagem comigo.

O primeiro livro que ela comprou foram as obras completas de Rosalía de Castro naquela velha edição de Aguilar e depois um livro que tinha as biografias de Rosalía, Emilia Pardo Bazán e Concepción Arenal. O seu esforço por conhecer a história do país estava muito ligado à sua consciencialização como mulher, intuição que me parece bastante acertada. Pelos muitos anos que o meu pai trabalhou na que foi centenária tipografia Roel da Corunha, em casa não faltavam exemplares de revistas e livros em galego ou sobre a Galiza que eles editavam.

Com tudo isso à minha volta, lembro ter o pensamento de que as crianças falávamos em castelhano e os adultos em galego, e que quando eu crescesse também falaria em galego. A minha intuição de menina fez-se realidade. Com este ambiente foi natural que nalgum momento eu restabelecesse o fio da transmissão da língua. Foi quando lhe ouvi a um professor de galego do liceu (bem diferente da escola) dizer-nos que a responsabilidade de que os nossos filhos falassem em galego era inteiramente nossa. Foi uma pedrada na minha consciência. Voltei à casa falando em galego e foi como se nunca tivesse falado noutra língua, até hoje.

PGL: O teu acesso à estratégia reintegracionista foi por meio de dois professores, não é?

MD: Sim, fundamentalmente através de dois professores do liceu. Também tive a sorte de que a minha irmã fosse aluna de Elvira Souto na escola de Magistério. Ouvia o que a minha irmã comentava sobre o reintegracionismo e essas ideias andavam à minha volta. Depois, no primeiro ano do liceu, uma professora emprestou-me um livro em português, o Bichos de

Miguel Torga e levou-me a ver uma peça de teatro da companhia Arte Livre do Brasil.

Não lembro ter tido nunca a ideia de que falava uma língua diferente do português. Simplesmente me parecia que tinham uma outra pronúncia, como os meus primos da Argentina, e que não tinham os castelhanismos do galego que ouvia na Corunha. Depois tive a sorte de ser aluna de António Gil Hernández, cujo magistério quer sobre a literatura, que era a disciplina que ele lecionava, quer sobre a linguística, tanto me marcou.

PGL: Casaste com um homem algarvio e moras em Portimão desde há anos. Como este facto influenciou a tua visão da língua?

MD: Foi mais um degrau no conhecimento da nossa língua. Não mudou a visão que tinha dela. Alargou-a é mais. Habituei-me a ouvir a nossa língua com as suas variadíssimas pronúncias, pôs-me em contacto com essa grande esperança que para mim é o Brasil e descobriu-me um continente que desconhecia completamente, que é África. A esse contacto também ajudou a origem do meu marido, que, embora "geneticamente" algarvio, nasceu e cresceu em Casablanca, as muitas conversas que tenho tido com colegas vindos das antigas colónias e o contacto diário que tenho com os meus alunos africanos.

PGL: Estás apaixonada pelo Algarve. Aliciavas os nossos leitores e leitoras para visitar aquelas terras?

MD: O Algarve é uma região dum carácter muito vincado. Não é por acaso que os reis se Portugal se faziam chamar "rei de Portugal e dos Algarves". Sempre recomendo evitar as vilas mais turísticas, pois podem ficar com a ideia de que isto está colonizado pelo inglês. Eu gosto especialmente da metade ocidental, o Barlavento (o Algarve divide-se em Barlavento e Sotavento como se fosse um barco), pelos trechos ainda virgens do seu litoral de falésias. É uma paisagem feita pelo mar, o vento e o sol, esse sol tão intenso que não deixa espaço às sombras.

No início estranhei imenso, mas agora entranhei mesmo, seguindo o ditado português. E depois convidaria-os a que conhecessem o rasto dos dois momentos históricos que mais marcaram a história do Algarve: a época do reino muçulmano (deliciem-se com os doces algarvios e leiam os nomes dos lugares, que têm uma sonoridade herdada duma outra língua: o próprio nome do Algarve, que significa "ocidente", Aljezur, Bensafim, Silves, Alcoutim, Odiáxere...) e a época dos descobrimentos. Era no Algarve que o Infante D. Henrique tinha a sua escola de navegantes. Vejam a belíssima rosa dos ventos que está dentro da fortaleza de Sagres,

visitem a cidade de Lagos, que tem o triste privilégio de ter o primeiro mercado de escravos africanos e também o de ser a última terra portuguesa que pisou o rei D. Sebastião antes de se perder na batalha de Alcáçsser Quibir.



PGL: Como reagem os teus concidadãos quando lhes mostras a tua galeguidade? Sentem curiosidade?

MD: Tenho vivido todos os tipos de reações, desde os que me chamam separatista por dizer que sou galega, até o extremo contrário, os que pensam que Portugal nunca deveria ter deixado Galiza para trás. Normalmente com os colegas do norte sempre surge uma simpatia espontânea, como a de dois vizinhos que se encontram longe da casa e até gostam de encontrar semelhanças entre o seu português nortenho e as variantes galegas.

Tem-me acontecido muitíssimas vezes uma situação estranha. Aqueles que conhecem a Galiza perguntam-me de que lugar da Galiza sou. Eu respondo: da Corunha. Correção imediata: "ah!, de La Corunha". Eu levo na brincadeira e digo que essa é a cidade do presidente da câmara. Mas houve um caso em que ia tendo uma surpresa bastante desagradável. Quando casei, a conservadora do registo civil pensou que o nome de "A Coruña" que aparecia no meu assento de nascimento era um erro e eu tive de alertá-la para que na minha certidão de casamento não aparecesse "La Coruña" como lugar de nascimento.

Já não é pouco ter de engolir o ñ. Ora, o L é que é demais. Nesse dia lembrei à conservadora que a toponímia oficial da Galiza era a galega e que simplesmente respeitasse o que aparecia no documento oficial que

eu apresentava. Apesar de alguns episódios e comentários que nunca teria esperado viver e ouvir em Portugal, prefiro ficar com todos os testemunhos de carinho e interesse pelo nosso país que recebi.

Um colega que passava todos as férias de verão em Muros, um outro que tinha lido o Sempre em Galiza pela admiração que sentia por Castelão, um outro que conhecia muitíssimos versos de Rosalía, uma colega da Póvoa do Lanhoso com quem tive longas conversas sobre as falas minhotas ou o meu próprio marido, grande apreciador de palavras especificamente galegas e do nosso sentido do humor. Para além disso, o meu marido também é reintegracionista e tem menos compreensão do que eu com a ignorância de muitos dos seus compatriotas sobre a Galiza. Já me tem repetido várias vezes aquela expressão portuguesa de "Defende a tua



dama".

PGL: Por que o Brasil é um bom trunfo?

MD: Por três razões: os brasileiros não têm os preconceitos sobre nós que não poucos portugueses têm, não têm esse princípio que parece lei em Portugal de "não querer incomodar a Espanha" e muito menos ideias iberistas e porque é o país com mais falantes de português. Não compreendo a atitude de muitos portugueses de medo a perder o seu domínio sobre a língua. Lembro uma discussão sobre o Acordo Ortográfico que vi na RTP entre o professor Carlos Reis e o professor Vasco Graça Moura. "Mutatis mutandis" parecia uma discussão entre um isolacionista e um reintegracionista. O que verifico na prática, por exemplo dos professores da minha escola, é que ninguém está a seguir o Acordo.

PGL: O facto de seres filóloga, dá alguma perspetiva especial à tua visão da questão da língua?

MD: Com certeza. Dá-me conhecimento sobre as histórias das línguas, sobre a etimologia das palavras, que me faz perguntar-me por que a nossa língua "oficial" é a única língua romance que escreve "género" com uma letra inicial diferente ao do seu étimo latino, sobre todos os âmbitos da linguística... Dá-me argumentos fundamentados para defender a estratégia reintegracionista.

PGL: Que visão tinhas da Agal? que esperas dela?

MD: Tinha a visão duma associação que leva três décadas defendendo a norma internacional para a nossa língua e que tem publicado textos básicos para explicá-la e difundi-la sem qualquer apoio oficial. Não espero dela nada que não me tenha dado já em todos estes anos em que segui o seu trabalho. Sou eu a que quer participar ativamente nos avanços da nossa língua e deixar de ver tudo ao longe e, modestamente, oferecer a experiência que me deram os anos que levo em Portugal.

PGL: Por onde achas que deveria transitar a estratégia reintegracionista para avançar socialmente?

MD: Acho que temos de continuar o nosso trabalho de dar a conhecer esta mais-valia da nossa língua. Quem não se convence sozinho das vantagens desta estratégia é por preconceitos. Eu tenho a esperança de que, entre os que somos falantes comprometidos com a língua, se estenda cada vez mais a ideia de que é absurdo ter este tesouro da Lusofonia à nossa frente e negar-se a explorá-lo. Surpreende-me é a quantidade de pessoas que dão o passo mais difícil, reconhecer que falamos a mesma língua que milhões de pessoas no mundo, e depois não dão o passo mais fácil, que é levar essa ideia à prática usando a grafia internacional da nossa língua.

Para além disso, parece-me muito importante que divulguemos uma terminologia culta para todos os âmbitos da nossa vida. Custa, mas se continuamos a "ingresar" dinheiro no banco em vez de o "depositar", se escrevemos em "ordenadores" e não em "computadores", se "levantamos" atas em vez de "lavrá-las", se temos "xaquecas" e não "enxaquecas" e ou tantos outros exemplos mais que poderia dar, nunca conseguiremos a tal hegemonia social para o galego que procuramos.

Sei que a nossa língua se está a deteriorar pelas suas bases, mas é pela mesma razão: porque nas conversas quotidianas precisamos cada vez mais do castelhano para sermos compreendidos. Para além disso, insisto na terminologia culta porque temos de quebrar as dualidades ideológicas entre galego e castelhano. Circula por algumas páginas um vídeo muito bonito que se chama "Para que serve o galego". Tirando uma referência ao uso da nossa língua nas novas tecnologias e à ligação com a

Lusofonia (que poderia pôr em prática com outra ortografia), todas as demais palavras que se veem na gravação dizem respeito à natureza, aos afetos ou ao âmbito familiar. Acho bem apelar aos nossos sentimentos. Mas também gostava que dissesse que serve para pedir um registo criminal (não um galeguizado "certificado de penais"), para redigir pareceres médicos, para fazer a escritura da casa... Todos os que querem que o galego seja a língua nesses âmbitos, mesmo na norma da Xunta, têm muitas histórias para contar. É o tal "galego para objetores de consciência" do que falava o professor Carvalho Calero.

Não é suficiente com que a nossa língua seja língua familiar e de cultura (e oxalá não se percam esses usos). Temos de quebrar de vez essa dualidade entre a língua da natureza e a língua da civilização, que é uma das ideias que orientam o atual "decreto do plurilinguismo". Se calhar temos é questionar essa dualidade, que para além de me ter um certo ar patriarcal (que está no próprio termo de "língua materna", tão justamente atacado por muitos linguistas), deixa a Natureza fora da História e da civilização, como se fosse um refúgio para o homem urbano, quando a Natureza faz parte, por vezes como protagonista principal, da História e da civilização. E nós, galegos, temos uma longa experiência que o demonstra. Ou não é a exploração até a destruição dos nossos recursos, do nosso meio, uma das constantes da história da Galiza desde a sua desapareição de facto como território soberano? Mas isso já é outra conversa.



PARTICIPOU NO 19º COLÓQUIO EM OURENSE, GALIZA 2012

44. MARIA DE LURDES TEIXEIRA MOREIRA ALFINETE ASSISTENTE PRESENCIAL



Ex-Adjunta para a Cultura e Assuntos Sociais, da Câmara Municipal da Ribeira Grande, na ilha de São Miguel (2008 e 2013).

Maria de Lurdes Alfinete, de 36 anos de idade, é licenciada em Português e Inglês, via ensino, pela Universidade dos Açores. É professora de Língua Portuguesa, sendo efetiva do quadro da Escola Básica 2.3, da freguesia da Maia. Fez ainda parte do executivo da Junta de Freguesia da Matriz da cidade da Ribeira Grande e pertence à Assembleia Municipal.

PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ

APRESENTA "9 ILHAS, 9 ESCRITORAS" (HELENA CHRYSTELLO E ROSÁRIO GIRÃO) NA MESA REDONDA 9 ILHAS, 9 ESCRITORAS

45. MARIA LUÍSA RIBEIRO, ESCRITORA AÇORIANA,



Maria Luísa da Cunha Ribeiro nasceu em 1960, em Angra do Heroísmo, nos Açores. Tem dois livros de poemas publicados e participa em antologias e revistas literárias nacionais e estrangeiras.

É membro do P.E.N. Clube Português. Alguns dos seus poemas têm sido traduzidos para castelhano, italiano, inglês e letão. Em 1985 ganhou o 1º prémio num concurso literário para jovens, promovido pela Direção Regional de Cultura, com o manuscrito *Fogo Branco*, publicado em maio de 1986, com o n.º. 47 da coleção "Gaivota" (capa de Jorge Bettencourt e arranjo gráfico de Álamo de Oliveira). Foram editados apenas 1000 exemplares que esgotaram rapidamente. Tem sido poeta da sombra.

De si diz: «*sinto pudor e guardo o que escrevo; não gosto de sessões de lançamento de fato e gravata; gosto de estar na sombra; gosto de estar no nevoeiro; a única maneira que tenho de falar de mim é escrevendo*».

Tem poemas seus incluídos em duas antologias de poetas açorianos (*Pai, a sua bênção* e *On a Leaf of Bleu, Bilingual Anthology of Azorean Contemporary Poetry*).

Também escreve contos. Publica esporadicamente em revistas literárias como *Alhucema*, *Storm-magazine* e *Seixo Review* ou em jornais regionais.

Em 2004 fez uma *Ex-Posição de poesia*, no Centro Cultural de Angra, intitulada "Uma pequena porção de noite".

Em março de 2005 a editora Dauro, de Granada, publicou o seu segundo livro *Outros Frutos*, incluído na conhecida coleção Ex-Líbris e que reúne poemas de 2003 em versão bilingue.

Desde junho de 2006, Luísa Ribeiro, dá vida ao blogue [Um Abismo](#).

Sépia com mar ao longe (biografia)

Nasci no segundo andar numa casa numa rua da cidade de Angra, onde não havia o perfume das laranjeiras, nem o cheiro a relva acabada de lascar. Uma casa com janelas viradas para outras janelas de outras casas iguais; casa de muitas tias, com Pai e Mãe e onde a única sombra me era dada pela magia dum irmão mais velho – irmão que me enchia os olhos de livros e medos. E foi neste meu pulsar de criança que se espalhou a luz e que, num segredo noturno, fui procurando as curvas das palavras que melhor desenhariam um fecundo percurso de lágrimas.

Aprendi o monólogo. E, sem nunca deixar a cidade onde nasci, limitei-me a passar por estes enigmáticos canais – veias da vida – exibindo sempre o desejo de transformar beliscões em carícias e de, ao fazê-lo, ir dando ao papel o verdadeiro encontro com a existência.

Não fiz mais do que me agarrar à lua, para espalhar o sangue e receber as pedras e brincar ao fogo e acumular as raízes e alcançar a infância

dos filhos. Sou aquilo que o tempo exige que eu registe: quando encontro a claridade procuro a sombra para descobrir o desassossego e quando encontro o desassossego, procuro a claridade para perseguir a sombra.

E neste vento, às vezes tempestade, passei quatro décadas sustentando a ilha num eterno passeio entre a terra que me gerou e a terra que me receberá, num dia de sépia com mar ao longe.

[BLOG DE LUÍSA RIBEIRO](#)

**PARTICIPOU NO 20º COLÓQUIO, SEIA 2013
FARÁ PARTE DA MESA REDONDA 9 ILHAS, 9 ESCRITORAS**

46. M^ª ZÉLIA BORGES, UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE



MARIA ZÉLIA BORGES é Mestra e Doutora em Letras/Linguística pela Universidade de São Paulo. Exerceu o magistério durante cinquenta anos. Depois de lecionar na rede pública e particular no nível básico e médio em Minas Gerais e São Paulo, foi professora titular de Linguística no Programa de Pós-Graduação e na Faculdade de Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, onde lecionou durante trinta e quatro anos. Destaca-se em sua produção: participação em congressos nacionais e internacionais; pesquisa e publicação de artigos, bem como livro com estudos em Lexicologia e sobre peculiaridades do português do Brasil. Agora, aposentada, trabalha apenas naquilo que lhe dá prazer: pesquisas de léxico, de vocabulário, enquanto namora sua terra, Portugal e Açores, nesta ordem.

É SÓCIO FUNDADOR DA AICL.

TOMOU PARTE NA RIBEIRA GRANDE 2006 E 2007, EM BRAGANÇA 2007, 2008, 2009, LAGOA 2008/2009, BRASIL 2010, MACAU 2011, VILA DO PORTO 2011, LAGOA E GALIZA 2012, SEIA 2013.



TEMA 1.3. CRISTÓVÃO DE AGUIAR, ESCRITOR AÇORIANO, VISCERALMENTE ILHÉU, MARIA ZÉLIA BORGES – UPM

Cristóvão de Aguiar é:

1. Escritor insigne, sucesso de crítica, com produção respeitável, que cuida ingentemente de seu mister. Ausculta a crítica e a opinião de amigos e mestres, procurando responder à expectativa de seus leitores.

2. Visceralmente ilhéu, sai da Ilha, mas leva-a consigo em suas idas e vindas. Sai da Ilha, mas a Ilha não sai dele, tanto que a chama sempre de “minha Ilha”.

3. Em sua obra define e demonstra, por inúmeras vezes, deslumbramento e alubrimento. Nas frequentes vezes em que os dois estados de ânimo se juntam, conduz seus leitores a um estado de graça.

Circunscrita que fico nos limites de tempo e espaço de que disponho nestes Colóquios, seria muito difícil tratar os muitos aspetos de sua obra. Limitar-me-ei, portanto, aos itens dois e três desta síntese. Procurarei demonstrar isto a partir de uma terceira leitura de sua trilogia *Relação de bordo I, II e III*. Possivelmente incluirei observação encontrada em algum outro de seus trabalhos. Foi tal leitura o presente que me dei em dezembro de 2012 e de 2013.

DESENVOLVIMENTO DO TÓPICO 2: ESCRITOR VISCERALMENTE ILHÉU

Um poeta mineiro de Coromandel afirma: “o que eu trago de Minas em mim é este sonho de subir montanhas e garimpar estrelas” (Pereira 2002:146).

Cristóvão de Aguiar é, também, incansável e permanente garimpeiro de estrelas. Garimpa-as não só na montanha, mas também no mar de sua Ilha. Porque leva, para todo lado, sua Ilha dentro do peito, pôde escrever, em Dunname, nos confins da Guiné, num destacamento militar “conside-

rado um dos piores destacamentos daquela zona, sem as mínimas condições para se viver como gente: água bichenta, instalações em abrigos feitos de bidões de gasolina, cheios de pedregulhos, o teto coberto de troncos e por um oleado”.

Pois foi neste lugar que escreveu, em 19/10/65, em obra que apresenta como “diário ou nem tanto ou talvez muito mais”: “*Eis-me aqui, disparando bombas de palavras no concentrado silêncio da noite. Eis-me aqui, tentando pescar estrelas no poço aberto do firmamento*” (1999: 52).

Drummond, também poeta de minha terra, tem afirmação, tornada truismo entre nós, de que o mineiro sai de Minas Gerais, mas Minas não sai do mineiro.

O dito drummondiano bem se aplica ao escritor açoriano, trocando-se Minas Gerais por Açores. Aliás, Frias, em palestra proferida em 2000, compara o autor em pauta também a Guimarães Rosa e a Ulisses, para apresentar *Relação de Bordo II*: “*Afinal, Cristóvão de Aguiar é, como Guimarães Rosa foi, um sertanejo universal, um açoriano universal, e universal é seu trajeto de Ilha e de Mar. Tão universal, que encontra num dos primeiros heróis épicos da literatura ocidental a gênese da simbiose que o compõe. Também Ulisses é uma personagem feita de Mar e de Ilha*” (2005: 208).

Se acreditarmos que o mundo é uma aldeia global, como queria o canadense McLuhan, pensaremos também que, ao falar de, em, sobre e para nossa cidade, estaremos falando falar de, em, sobre e para o mundo todo.

A freguesia em que Cristóvão de Aguiar veio ao mundo é por ele bem alargada, porque inclui toda a Ilha de São Miguel, melhor dizendo, todas as Ilhas dos Açores e todo o mar. Mais do que um lugar, a Ilha do nosso Cristóvão é um ser vivo, capaz de sentir dores e fazer doer; é feita de carne, é mulher, é a amada.

Conseguí sentir a força da ilha e do mar que se entranha no poeta, no escritor e no povo português, de um modo geral, quando me vi, extasiada diante do mar, pela primeira, vez nos Açores e na Madeira. Acredito ter, então, compreendido melhor a afirmação portuguesa de que “navegar é preciso, viver não é preciso”. De fato, a ilha atrai o viajante para si e logo aponta para o mar que o chama fortemente.

Frias explicou bem a sobreposição ela/ilha, mulher/ilha ao dizer: “a sobreposição das duas figuras nodais do diário, Ela e Ilha – sobreposição que o autor condensa de modo exemplar ao referir-se a ela como a sua ‘ilha de carne’, encontra porventura a sua maior afinidade na forma primitiva de Ela que em latim se grafa *Ilia*” (2005: 204).

Cristóvão ressalta muitas vezes tal superposição:

A Ilha é uma mulher enfeitiçada e vingativa. Não perdoa a quem dela se aparta. Enche-se de ciúmes. (M: 110)⁸⁷

De qualquer modo, tenho a íntima noção de que já está a transformar-se [a escrita] num ajuste de contas comigo mesmo e com a Ilha, que trago atravessada não sei bem aonde, ou, melhor ainda, como lá escrevi a dado passo, que se me reverteu em pedra alojada na vesícula” (RB I: 398).

A segunda citação aparece datada de 18/11/87 na obra desenvolvida como diário. Menos de um mês após, em 16/12/88, contente durante apresentação de outro livro seu (*Passageiro em trânsito*), em Coimbra, insiste na metáfora da Ilha empedrada dentro de si:

“[...] meu anterior nascimento ocorrido há tempo numa marítima falha vulcânica de uma Ilha que trago há tempo na vesícula a guisa de pedra esquinada e já amadurecida [...]” (RB I: 421).

Uma vez que sua Ilha está sempre em seu pensamento, em seu coração e empedrada em sua vesícula, ele a personifica e assim conversa com ela 08/03/95, registrando sua conversa em RB II (2004: 208-09)

Celebrando-se hoje, Ilha minha, o teu dia internacional, eis-me acostado ao cais da festa com uma enxárcia tecida de estrelas e uma bússola de agulha apontada ao Sul. Venho por beijos testemunhar-te a desnecessidade de dedicar esta ou outra data para te solenizar, Ilha de meus sonhos inteiros. Em cada minuto cultivo a tua presença revelada no mais sagrado recanto de mim, evoco-te e invoco-te, procuro no âmago das palavras sem grande pressa de e achar. Sei de ciência antiga que tens o dom da onipresença. Eis a razão por que zarpo em demanda das palavras, armado de uma certeza anterior e interior de que habitas numa delas, a mais lavada de sol. Busco-te na esperança de que continues presidindo à celebração do rito de vida nem sempre tecida com linhas de alegria... (E-book: 18/92)

Fala recorrentemente de sua terra natal, Pico da Pedra, onde nasceu “em plena Rua Direita” (RB: 14). De tal maneira tem a ilha entranhada que a responsabiliza por seus acertos, malogros e dores.

Assim registra seu fado de ilhéu peregrino, de andariho, vendo-se como a seu pai, ao iniciar seu livro *Passageiro em trânsito*:

“la e vinha, de manhã e à tarde.[...] Numa outra Ilha embarcado. Não seria antes por espírito de aventura ou de bandeirante? Quase todo ilhéu nsce com essa sina. Ou de emigrante?” (2004: 9).

Sua aldeia, Pico da Pedra, aparece com o nome de Tronqueira nos livros *Marilha* (com 80 ocorrências) e *Raiz Comovida* (com 18 ocorrências) Tal quantidade de ocorrências desse segundo nome, em cada um dos dois livros, aparece na contagem automática do E-book.

Para verificar que os dois nomes se apõem à mesma localidade, fui procurar coincidências nas duas obras:

1. *Posiciona-se Tronqueira geograficamente, no mundo físico: “desviada a um quilômetro e meio do mar”* (RC: p. 208); *“fica a léguas de lonjura de Vila Franca do Campo”* (M: 35). Todavia, posiciona-se também na emoção:

O éden não está ainda perdido. Eu é que, contrariando as leis do tempo e do templo, nele me fui deixando perder, preso do encantamento de cada súbito recanto, do amanhescente sobressalto de cada colina... É nesses esconderijos que reclino os sonhos, e meus dedos apascentam os segredos de uma Ilha que eu vejo saindo em corpo inteiro da genuína limpidez de teus olhos. (RB II: 52-52)

2. Tronqueira possui ruas com nomes iguais aos às ruas de Pico da Pedra: Rua do Norte e Rua 24 de Agosto, por exemplo;

3. Entre os nomes de seus fundadores está o da família Moniz “[...] em casa da senhora D.Taveira (D. Taveira Moniz) , da família dos Monizes, primeiros que fundaram a nossa freguesia há mais de três séculos” (M: 88);

4. A Freguesia não se situa à beira-mar, mas sim entre montanhas, embora o poeta bem quisesse vê-la próxima do mar:

Grande lástima foi, Tronqueira minha, não te ter sobrado uma gravilha de ânimo para desceres a Tua ladeira empinada, chegares ao mar e molhares os pés gretados de raízes de não permanecer. Qui-seste demorar-te no parágrafo único do teu estatuto de terra interior, interiorizada um quarto de légua da muralha atlântica [...] (M: 172)

⁸⁷ A indicação das obras de Cristóvão será feita com iniciais do título, seguidas do número da página. Quando a citação for feita a partir do E-book, usarei sua própria marcação, isto é, número da página seguido do número total de páginas.

5. Ao procurar confirmação de que Tronqueiras seja nome ficcional de Pico da Pedra, encontrei-a ainda em *Marilha*, p. 172, também em explicação poética:

[...] a ilha que procuro não consta de nenhum mapa, nem de qualquer roteiro, portulano ou carta de curso de nau capitânia naufragada em mar de lembrança em que não se toma pé. [...] Sou cartógrafo diplomado em outras cartografias; a geografia que me sobrevive aprendia nas entrelinhas dos caminhos cruzados, nos ausentados acidentes de terreno, tropeçando me caindo e erguendo-me; sei por isso que Tronqueira existe e me existe, não importa que os mapas, as cartas e os roteiros sejam omissos. Tronqueira é Ilha e pedaço de Ilha; Ilha no ventre sagrado de outra Ilha esquecida de se parir, cafurna de desvairados ventios que dos penetrais das águas se açulam e nela fundaram seu reino, império absoluto, desde que a Ilha é mundo, outro mundo...

Cristóvão joga com a palavra ilha e com a palavra mar, no mesmo livro, em parônimos e aliterações felizes que colorem e imprimem musicalidade ao seu texto:

Mar, Ilha; Ilha, Mar. Dois polos de quinhoadas solidão pelo mundo e suas partes em silêncio repartida. Mar, Ilha. E quem ousaria adivinhar por que misteriosa transformação ortoépica não teriam ambos evoluído, semanticamente, para Marilha (o mar marulha ou mari-lha?), depois para Marília, nome de mulher, o teu, igualmente de sismo e de ciclone sitiado num nordeste só meu? Herdei-o de um setembro de vindima muito escassa. Alforrento... (M: 172)

Não posso deixar de comentar o trabalho poético de Cristóvão, aqui também filólogo, consciente dos recursos de que se vale em seu texto ao acrescentar-lhe antonímia quando introduz, no fim do parágrafo, o adjetivo *alforrento*. Com efeito, a noção de liberdade que há em *alforria* faz visível contraste com o participio sitiado (*sitiado num nordeste só meu*), isto é “cercado de tropas que atacam, coagido, forçado”. Ainda mais que o adjetivo, “com o sufixo *-ento* (formador de adjetivos intensificados (‘com muito de, abundante em’), do latim (*-entus, a, um*)”, com a mesma função intensificadora” (DH).

E já que falei em aliterações, vejo-as prazerosamente em toda a obra de Cristóvão, a par de jogos com significados diversos de uma mesma palavra como em (RB I: 328); “*não descansei, após o regresso da guerra, enquanto não os* (alguns poemas de livrinho malhado pela crítica) *dei a lume – se os tivesse dado ao lume, teria sido um atitude mais acertada.*” De fato

dar a lume significa publicar, diferentemente de *dar ao lume*, isto é, entregar ao fogo para queima. Aliterações e assonâncias, bem como rimas, são frequentes tanto na obra diarística quanto na de ficção.

Na diarística, temos, por exemplo: “*Coimbra é uma cidade onde as lendas florescem tão naturalmente como as lêndas nas cabeças dos lentes.*” (NRB: 25”); “*flácidos flocos de palavras [...] fecundam mortalha da página*”(NRB: 27).

E na ficção temos: “*Os lúbricos cães e as cadelas aluadas ululam lugubremente à Lua... Os lú-bri-cos... a-lu-a-das...u-lu-lam... lu-gu-bre-men-te... Lu-a...*” (PT: 5/10) Sobre este caso de aliteração comenta logo abaixo: “*Desde os Oaristos de Eugénio de Castro, este á ainda o melhor exemplo de aliteração que se conhece em teoria da literatura.*” (idem). Em TT: 8/376 encontra-se: “[...] *a tuna ataca, em ternário valsante, uma cançoneta a condizer.*”

Rimas encontradas: “*irrompe-se do mar, escorrendo em gotículas de luar* (NRB: 51). Em *Catarse*: 30, há uma rima pitoresca, logo seguida de aliteração: “*Nesse tempo, homens que não fumavam e burros que não zurravam para pouco prestavam. Sequência parecida (rima-aliteração) aparece também: “costumava brincar para depois brindar “em direção à foz ou ao fim”* (NRB : 50).

Parece que os açorianos gostam mesmo de aliterar até mesmo em seus topônimos. Veja-se, por exemplo, o nome de uma pousada na Ilha de São Miguel: Solar de Lalém.

Cristóvão continua visceralmente ilhéu, visceralmente picareto, no registro da fala de suas personagens. De tal modo assim procede que, em *Raiz comovida*, nas páginas finais, apõe um glossário precedido da seguinte observação: “*Dão-se a seguir os significados de alguns açorianismos, arcaísmos e americanismos utilizados o longo do texto, além de outros termos que, embora pouco usados no Continente, eram de uso corrente nos Açores, particularmente na Ilha de São Miguel.*”

Para citar, uns poucos exemplos:

Araçá – fruto brasileiro cultivado nos Açores;

Açucrim (ice-cream) e Ailende (island) – sorvete e ilha, respetivamente;

Calafona (de Califórnia) – luso-americano em geral;

Derremunho (redemoinho) – confusão;

Guerarauei (get out away);

Láricá – lá e cá;

Pica-porte e pitafe (pica-porta e epitáfio) – aldraba e defeito, respectivamente

Zanguizarra – tumulto, algazarra.

Há ainda outra ilha de sua predileção. A Ilha do Pico. Canta-a como sendo a mulher amada.

Canta o Pico como sendo a montanha onde Deus entregou o decálogo a Moisés. Nem data apõe ao trecho da NRB: 276 em que a ela se refere, acrescentando apenas “Todas as datas servem”. A tal ponto esta Ilha o deslumbra que a vê como mulher amada diante de quem que não acha palavras para descrevê-la:

A Ilha do Pico faz as vezes da mulher amada. Desvende-se aos poucos em erótico vagar [...] E nunca se chega, nem se precisa, o cerne do feitiço, para que haja um cada vez mais intenso afeto de persegui-la e ânsia de desvendá-la. [...] Meio encoberta, meio desnuda, sempre ataviada de cheiros exóticos, faz com que se abram as narinas do cio. Colhem os olhos as tonalidades indefiníveis de seus roxos azuis, o cinza entorrescado de seus mistérios, seus verdes percorrendo toda a escala cromática, vertidos na paleta primigênia de que se serviu o Criador para matizar a tela da Natureza. [...] A Ilha do Pico não consente palavras. Só o silêncio lhe poderá dar voz. A Ilha do Pico nasceu para ser amada sem palavras. Descrevê-la ou defini-la é roubar-lhe a dimensão apocalítica que lhe pertence. Amo-a sem o empecilho da palavra. Amo-a com os olhos, os ouvidos, as narinas abertas ao cio de seus aromas. Amo-a com sentidos conhecidos e desconhecidos, a imaginação em fogo. Amo com vísceras do corpo e da alma.

Por isto fez dela sua atual morada lá ficando pelo menos metade do ano, passando a outra metade em Coimbra. Há quem diga que ele é passageiro sempre: para o Pico, seu lugar de eleição; para Coimbra, onde foi mestre; para Lisboa, onde vive sua amada; para a região de Boston, Estados Unidos, onde vive boa parte de sua família e estão enterrados seus pais. Cristóvão é sempre um passageiro em trânsito. Sorte nossa é que ele tenha passado também por nossas vidas

DESENVOLVIMENTO DO TÓPICO 3: DESLUMBRAMENTO, ALUMBRAMENTO E ESTADO DE GRAÇA, EM CRISTÓVÃO DE AGUIAR.

1. DESLUMBRAMENTO.

Em *Nova Relação de Bordo*, Cristóvão procura distinguir e definir dois conceitos: *alumbramento* e *deslumbramento*. E o faz ao relatar sua procura de uma palavra adequada para expressar seu estado de ânimo durante uma viagem em 28/02/93. É um trecho um pouco longo, mas interessa-me sobremaneira:

Penso numa palavra, uma única, que consiga reunir todo o fim de semana – mania que têm os poetas de procurar a palavra exata que diga a totalidade, o absoluto. Salta-me uma, insípida. [...] Semantema aguado, mas agarro-me a ele e soletro-o baixinho [...] alumbramento. Sinto-me alumbrado. Em chegando a casa, hei de certificar-me do exato e profundo significado do lexema. Em que medida se desvia de deslumbramento. Penso que não terá o mesmo sentido sentir-se alguém alumbrado ou deslumbrado. Abro agora o dicionário e leio: 'alumbramento: inspiração sobrenatural, iluminismo'.

E o poeta Manuel Bandeira a caucionar: *um dia eu vi uma moça nuinha no banho/ Fiquei parado o coração batendo/ Ela se riu/ Foi o meu primeiro alumbramento. Deslumbramento – leio a seguir – 'fascinação, encanto, maravilha, cegueira, obcecação'. Prefiro o primeiro. Sinto-me alumbrado Trago-a nua no coração. Continuo alumbrado. Ferido de alumbramento. Nem sei distinguir o instante absoluto, se aquele em que me senti em ascese, se quando o rio correu inteiro em seus olhos e eu pus à minha conta um casal de gaivotas desatinadas, rumando para o Oeste de tantos sonhos. Vem chegando a Lua. Entra-me pela janela. Traz o bojo tão pejadinho. O ventre de Nossa Senhora do Ó... NRB: 23/24.; E-book 20-21/95.*

O DH assim regista os significados do verbete *deslumbramento*: ato ou efeito de deslumbrar(-se); deslumbre **1.** Turvação da vista causada por excesso de luz, brilho ou por outros fatores (p.ex., vertigem). **2.** Derivação: sentido figurado. Estado de espírito de quem é tomado por viva admiração; encantamento. Ex.: O *deslumbramento* do menino era visível **2.1.** Derivação: por extensão de sentido. Objeto de admiração, aquilo que provoca fascínio ou sedução; encanto, maravilha Ex.: O panorama era um *deslumbramento*. **3.** Derivação: sentido figurado. Perturbação do entendimento; alucinação, obcecação.

À procura de explicação que o distinga do vocábulo *alumbramento*, fico com parte do que o DH diz sobre *entusiasmo*: “estado de exaltação do espírito, de comoção profunda da sensibilidade”.

Trechos colhidos em Cristóvão, onde o autor fala expressamente em deslumbramento:

Coimbra teve em mim o efeito de um tremor de terra dos mais elevados da escala Richter. Foi um deslumbramento e uma bebedeira constantes, que me deixavam os miolos em calda de pimenta. RBI: 84/230.

[...] o incêndio na Universidade dos Açores é um deslumbramento dantesco. RB II: 28.

O grande deslumbramento veio, sobretudo, daquela lua cheia pregada no céu da praia amadrinhando o nosso permanecer um com o outro, naquele doce e espreguiçado prolongamento do verbo que não pede nada, nem sequer um complemento, dada a sua índole intransitiva... RB II: 157.

Apresento, a seguir, trechos que assinalei para exemplos de deslumbramento e que submeto à discussão de meus pares:

(Ouvindo a leitura de poemas de Manuel Alegre, por um colega de república de estudantes) Ficamos com a sensação de que nos encontrávamos perante uma poesia tão diferente daquela a que estávamos acostumados, revolucionária e lírica ao mesmo tempo, com uma linguagem poética tão encantatória, que nos encheu o íntimo não sei de que energia e entusiasmo. Dava vontade de sair por aí tocando os sinos que cada homem tem no coração. RB I: 34-35.

Não, não me enganei. Em estado febricitante e de quase levitação, raro se engana quem se encontra em conjugação com os astros e consigo. E era a música de sua voz demorando-se como mel fino nas papilas da língua, e eu sem saber onde meter tanta emoção junta. RB II: 99

Nela (numa árvore jacarandá) só existem flores apaixonadas de azul. A cor com que foi pintado o além do sonho... (NRB: 99).

2. ALUMBRAMENTO.

Para alumbramento o DH dá definições menos satisfatórias. Com efeito, o primeiro significado que apresenta é o obsoleto:

1. Diacronismo: antigo. engano do espírito ou da mente; ilusão. Os outros significados que aparecem são mais figurados: **2** Derivação por extensão de sentido: Sopro criador; revelação, inspiração. **3.** Derivação: sentido figurado. Estatística: Pouco usado. Estado de quem

se deslumbra; maravilhamento. Em busca de sinonímia, sugere: “ver sinonímia de *inspiração*”.

O Grande Dicionário da Porto Editora nem registra tal palavra. Mas Cristóvão busca seu significado no dicionário inominado, que aparece anteriormente, junto com a definição de deslumbramento: “*inspiração sobrenatural; iluminismo*” (NRB: 23).

De minha parte, procuro diferenciá-lo, usando, em parte, o conceito de entusiasmo: “*estado de exaltação do espírito, de comoção profunda do pensamento; alegria intensa, viva; júbilo*”. Deste modo, *deslumbramento* seria mais aplicável a sensações, enquanto *alumbramento* diria respeito a sentimento, a pensamento.

Trechos com a palavra alumbramento na obra de Cristóvão:

O trecho de NRB datado de 01/05/94, em Coimbra, é de interpretação mais difícil porque pejado de informações paralelas. Trata da lembrança de um comboio que partiu e o deixou sozinho “em meio a um cais ausente de mar”:

Sozinho, na companhia da fome e da sede de querer ter partido. Fiquei atrás, os olhos habitados de sua presença e de um trecho do Douro, rio excessivo, navegado ao princípio da tarde sob um sol encomendado a Baco. O quase iate a motor das caves anfitriãs só serviu o percurso das três pontes, soube a pouco, o suficiente para se ficar sugerido de outras maiores grandezas graníticas e transmontanas. Miguel Torga bem nas sabe, descobriu-as escavando em si próprio e lá as tem procurado devolver aos versos em palavras alucinadas como bagas de fogo. Naveguei-a mais a Ela. Houve quem notasse o alumbramento mútuo. (E-book 65/70)

O E-book arrola cinco ocorrências desta palavra. Quatro destas ocorrências podem ser vistas nas definições das palavras *alumbramento* e *deslumbramento*, transcritas anteriormente. Nesta mesma definição transcrita, há também quatro ocorrências do vocábulo *alumbrado*.

Pelos vistos, principiou o mês da melhor maneira, a voz de ela garantindo-lhe um tom de primavera – ou não fosse o seu nome o de uma flor. (RB II: 86)

(Ainda com o nome da amada): *Semeio o seu nome (como é imensa de azul a primeira sílaba do seu nome) em alegretes que o mar namora nas horas enlouquecidas do sonho que ao dia se consagra. Colho-o no tropel de flores na rota secreta da palavra que o cria e nomeia.* (NRB: 51)

Trazia nos olhos aquele brilho que a Amizade foi ao longo dos anos amassando de estrelas e de outros corpos cadentes. (RB II 129)

Há certas manhãs em que se emerge do sono com cócegas de luz. A seguir vem o sonho e submerge tudo. Despertei bafejado pela disposição poética e anímica. Não a senti a meu lado. Invoquei-a ou inventei-a. A saudade continua sendo a madrinha. (NRB: 65)

A Ponta da Madrugada diante dos olhos. Nós ambos atravessados daquela alegria soluçada de claridade. (RBI: 66)

3. ESTADO DE GRAÇA

O DH assim define em o sintagma estado de graça: "1. Rubrica: teologia. Condição daquele que recebeu a graça divina 2. Derivação: por extensão de sentido, sentido figurado. Uso: informal. 2. Estado de quem se sente extremamente feliz".

Aqui, defino a palavra, livremente, como o conjugado harmonioso de *alumbramento* com *deslumbramento*. A meu entender, a definição perfeita da locução encontra-se no Salmo 103, na tradução da Vulgata. Para meu uso, porém, opto por uma versão de Joseph Gelineau, jesuíta francês, versão que sei de memória, pois era a dos corais de minha juventude: "O vinho ao homem torna alegre, e o branco pão a força traz, e a vida a estuar é o seu canto".

Na primeira procura de tal conceito em Cristóvão, uma leitura desavisada da capa final do livro *Catarse* levou-me a um descaminho. Cristóvão falava do estado de graça de governantes em começo de mandato como um estado febril. Cheguei a comentar o fato com o autor, alegando que o estado de graça se aproximaria mais do conceito de nirvana, definido no DH como "estado permanente e definitivo de beatitude, felicidade e conhecimento".

Tal estado só pode ser muito diferente de estado febril. De fato estado de ânimo de governante em início de mandato está muito mais para ledó engano, para febre muito alta que pode levar a delírio. Para meu alívio vi que lera mal a escrita de Cristóvão. Mais do que alívio, encontrei alegria mesmo relendo o trecho abaixo em *Raiz Comovida*. Nele, nosso autor fala de *deslumbramento*, mas, de fato, o que vemos são palavras que lembram as do Salmo 103:

De novo a ressuscitada voz do Ti José Pascoal ilumina-me os adormecidos recantos da memória e vem guiar-me no labirinto desta escrita. Estendo-lhe aqui a minha voz fraterna, e assim, voz na voz,

rompemos juntos numa aventura que decerto nos levará ao ignorado e deslumbrante reino onde a palavra se há de tornar no pão e no vinho da nossa fome e da nossa sede, não para saciá-las, mas para as irem vivificando. (RC: 67)

Podemos encontrar ainda outros trechos que falam do estado de graça:

Vinha da garagem do autocarro a pé, e como sempre que ando a escrever um livro, completamente alheio a tudo, como se estivesse fora deste mundo. É o estado de graça pleno, que me visita muito de vez em quando. (RB I: 401)

Nele aprendi (no caminho que me apontaste, apontas) que o suor é a moeda de troca, porque a paz é uma conquista. E a tranquilidade. E a liberdade. Sinto que hei de merecê-las, merecer-te. Não foras tu e não teria esta ligação quotidiana com a escrita. Se ela por vezes arrepela o cascão da ferida, outras é lenimento sobre certas pústulas. Depois de por no papel o que atrás ficou, sinto-me leve, em estado de graça pleno. (RB II: 81)

Sou uma borboleta encandeada pela luz que dela nasce. Bebo-lhe as palavras e no fim fico bêbedo, mas feliz. Tão feliz que tropeço nelas e nem sei o que digo. Nestes instantes de graça, tanto gostava eu de lhe captar os pensamento e de lhe transmitir os meus. (RB I: 95)

Ao fim de minha exposição chego a pensar que meus pares poderiam censurar no meu texto a pletora de citações. Escuso-me, porém, alegando que: se posso falar do autor com sua própria palavra, cristalina e inspirada, porque iria cansar meus ouvintes com um arremedo conspurcado? Ao contrário disto, prefiro mesmo caminhar com Cristóvão repetindo com ele e para ele palavras do *Motivo* de Cecília Meireles, palavras de puro estado de graça:

*Eu canto porque o instante existe
E a minha alegria está completa.
Não sou alegre nem sou triste:
Sou poeta.*

*Irmão das coisas fugidias,
não sinto gozo nem tormento.
Atravesso noites e dias
No vento.*

Se desmorono ou se edifício,

Se permaneço ou me desfaço,
– não sei, não sei. Não sei se fico
Ou passo.

Sei que canto. E a canção é tudo.
Tem sangue eterno a asa ritmada.
E um dia sei que estarei mudo.
– mais nada. (1967: 103)

– * –

Abreviações e siglas

DH	Dicionário Houaiss
M	Marilha
RB	Relação de Bordo
NRB	Nova Relação de Bordo
PT	Passageiro em Trânsito
RC	Raiz Comovida
TT	A Tabuada do Tempo

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Cristóvão de & AGUIAR, (2007) – *A Tabuada do Tempo*, a lenda narrativa dos dias. Coimbra: Almedina.

——— (2012) – *Catarse*, diálogo epistolar em forma de romance. Coimbra: Lápis de Memórias.

——— (2005) – *Marilha*, sequência narrativa. Lisboa: Dom Quixote.

——— (2003) – *Raiz Comovida*, trilogia romanesca. Edição revista e remodelada. Lisboa: Dom Quixote.

——— (1999) – *Relação de Bordo (1964-1980)*, *Diário ou nem tanto ou talvez muito mais*. Porto: Campo das Letras.

——— (2000) – *Nova Relação de Bordo II (1989-1992)*, *Diário ou nem tanto ou talvez muito mais*. Lisboa: Dom Quixote. Os três volumes de *Relações de Bordo* também em E-book. São Paulo: Cultura, 2014.

——— (1994) – *Passageiro em Trânsito*, *Novela em espiral* ou romance de um ponto a que se vai sempre acrescentando mais um conto. Lisboa: Salamandra. Também E-book. São Paulo: Cultura,.

FRIAS, Joana Matos (2005) – “Relativo a Bordo II” in *Homenagem a Cristóvão de Aguiar 40 anos de vida literária*. Coimbra: Faculdade de Letras/Universidade de Coimbra.

McLuhan, Herbert Marshall (1971) – *Os meios de comunicação como extensões do homem*. 3ª ed. Trad. de Décio Pignatari: São Paulo, Cultrix.

MEIRELES, Cecília (1967) – *Cecília Meireles*: Obra poética em um volume. Rio de Janeiro: Aguilar.

PEREIRA, Wilson (2002) – *A pedra de Minas*: poemas gerais. Brasília: L.G.E ed.

SOARES, Pe. Matos (trad). (1955) – *Bíblia Sagrada* traduzida da Vulgata. São Paulo: Edições Paulinas.

47. MÁRIO MOURA, DOUTORANDO EM HISTÓRIA NA UNIVERSIDADE DOS AÇORES, AÇORES



Mário Moura nasceu na Ribeira Grande, São Miguel (Açores), onde reside e onde exerce funções na Câmara Municipal da Ribeira Grande.

Estudou em França e nos EUA. Lecionou no ensino secundário e universitário. Licenciou-se em História (Via Científica), no Rhode Island College, EUA, em 1983. Mestre em Museologia e Património desde 1997, pela Universidade Nova Lisboa. É membro da Phi Alpha Theta, (Ass. de Historiadores norte-americanos e países anglófonos), do I.C.O.M., da A.P.O.M. e da APA: Ass. Profissional de Arqueologia. Ganhou o Lullac Award, uma bolsa de estudos na Brown University, EUA, em 1983, uma Bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian - 1995 (programa de estudo em Espanha e Mértola) e recebeu um voto de louvor da Assembleia Municipal da Ribeira Grande pelo estudo, recolha e exposição do espólio cultural do concelho em 1986.

Atualmente é Doutorando em História do Atlântico na Universidade dos Açores, investigando a vida e a obra de um médico, natural da Ribeira Grande, republicano católico, conservador. Foi dos principais líderes da primeira República.

Apresentou o primeiro esboço em Macau no 15º colóquio e depois da última publicação, apresentou sete trabalhos no âmbito da parte curricular do doutoramento, dos quais seis dedicados ao chá, consultáveis *online* no site da Universidade dos Açores. Publicou trabalhos científicos em revistas de Museologia sobre o Arcano. No Açoriano Oriental, 2012, colaborou com 3 trabalhos: um sobre os Moinhos, outro sobre o Arcano e outro, sobre o Presépio Movimentado do Sr. Prior no Jornal Terra Nostra duas série de artigos. Colabora, de há quatro anos a esta parte, no jornal Expresso das Nove, e também com o Correio dos Açores e Portuguese Times: com uma série que se destina ao livro Duas Vidas (Manuel Raposo Marques e José Nunes da Ponte). Mantém dois blogues, sobre um, em que atualiza-a sua produção histórica e é colaborador assíduo do Recantos das Letras.

OUTROS LIVROS PUBLICADOS PELO AUTOR:

Cacos falantes: azulejos de corda seda e de aresta das terras do ex-mosteiro de Jesus da Ribeira Grande (1998)

Azulejos setecentistas da Capela-mor da Igreja de Nª Sr.ª da Estrela, Ribeira Grande, Açores (1998)

A casa de João Vieira Jordão: capitalista, proprietário e «brasileiro»: azulejos oitocentistas micaelenses da Cerâmica Leite Pereira? (1999)

Arcano da Ribeira Grande, (1999).

Memórias do presépio da Ribeira Grande, (1996).

Memórias dos Moinhos da Ribeira Grande: um percurso terrestre à terra dos moinhos de água, (1997).

A "Mã" da água, a "santinha" e a água que dorme: acessos à mentalidade dos moleiros da Ribeira Grande, (1999).

Casos Falantes: azulejos de corda seca e de aresta das terras do ex-mosteiro de Jesus da Ribeira Grande, (1998).

Andanças dos Irmãos Botelho (2006)

Nascimento de uma Paróquia (2009)

A Freira do Arcano, Margarida Isabel do Apocalipse" ed. Publiçor, Ponta Delgada, Açores (2010)

Cinco Vidas (2010)

TOMOU PARTE NOS COLÓQUIOS DA RIBEIRA GRANDE 2006, LAGOA 2008, 2009, BRAGANÇA 2010, MACAU 2011

TEMA 2.7. ONZE TEMPOS DO CHÁ NOS AÇORES. (PROPOSTA DE ESBOÇO) POR MÁRIO MOURA DOUTORANDO DA UNIVERSIDADE DOS AÇORES



Prezi.exe

Apresentação em

i [Dois textos sobre chá](#)

Para organizar os tempos que decorrem entre o ano de 1801 e o de 2014, propõe-se a sua divisão em onze tempos. 1801, ano em que o Capitão Geral dos Açores, D. Antão de Almada escreve ao rei, dando-lhe conta da existência da planta de chá na ilha Terceira, sugerindo a sua preparação, e 2014, ano em que se vive a esperança da sua expansão. Para dividir estes tempos, recorre-se à literatura dos primeiros passos do chá nos Açores. Cruzamos textos jornalísticos, de arquivo, livros, folhetos, anúncios publicitários e imagens. Sabendo de antemão que, ainda que seja uma ferramenta necessária, toda e qualquer cronologia é, além de discutível, provisória. Apesar de antes de 1801 crescer chá espontaneamente na ilha Terceira e em outras ilhas dos Açores, apesar de, já perto do arranque do chá em São Miguel, a Associação Agrícola da Terceira ter pedido à sua congénere em São Miguel - a Sociedade Promotora Micaelense - sementes, apesar ainda de ter havido cultivo e produção na ilha do Faial, apesar de ter havido cultivo em todo o distrito de Ponta Delgada, a partir da segunda metade do século XIX, o chá é essencialmente uma produção da Ilha de São Miguel. E, se quisermos, quase do concelho da Ribeira Grande.

Há ainda a reter que, em simultâneo com a aposta no chá, apostara-se forte no ananás, no tabaco e no álcool. E que se atravessava uma grave crise económica a nível geral dos Açores, devido às doenças da vinha e da laranja. Como consequência, assistia-se a um forte surto emigratório. Daí, talvez, a explicação para a menor velocidade na implementação da indústria do chá?

1.º TEMPO: DA ESPONTANEIDADE ÀS PRIMEIRAS TENTATIVAS (1801-1873):

Para compreender este primeiro tempo, melhor será dividi-lo em três momentos. Um primeiro, supostamente longo, anterior a 1801,⁸⁸ do qual

⁸⁸ Arquivo dos Açores, vol. XIII, Ponta Delgada, 1983, pp.515-516, Carta do Conde de Almada, Capitão-Geral dos Açores, em Angra, datada de 11 de junho de 1801.

pouco ou nada sabemos; outro, que irá de 1801 a cerca 1820, durante o qual torna-viagens do Brasil ou de outras partes do Império Colonial Ultramarino português ou de outra potência europeia, não se sabe ao certo, trouxeram para os Açores, não se sabe para que ilhas, sementes e estacas⁸⁹; ainda outro, que partirá de cerca de 1820 a 1873, em que vieram sementes e estacas do Brasil e de outras partes⁹⁰. Neste último período, houve tentativas, por parte de alguns cultivadores, de produzir chá. Neles, inclui-se, entre outros pouco ou mal conhecidos, José do Canto. Este primeiro tempo é caracterizado pelo desconhecimento inicial do chá e pela procura final de um 'método preciso para o fazer chegar à sua última perfeição'. No final deste período, houve mesmo quem tentasse, sem sucesso, produzi-lo. Antes da vinda dos dois primeiros chineses, havia quem cultivasse e tentasse produzir chá nos Açores. Mau chá: '(...) os proprietários de plantas metiam em frascos algumas folhas tenras, e quando bem murchas com elas faziam chá. Por muito acre não se podia tomar.'⁹¹ Era

⁸⁹ Persuasão, 15 de abril de 1874; Francisco Maria Supico, As Escavações, vol. III, 1995, p. 1024: 'Foi isto por 1820, pouco mais ou menos. Indicamos esta data por se saber que Jacinto leite, veio a terra natal a tomar posse de um morgado em que sucedera por morte de seu irmão mais velho, e pretendia voltar para a capital do Brasil, onde D. João VI e a sua corte demoraram alguns anos além daquele. A planta primitiva vegetou sozinha por largo tempo. Multiplicou-se, depois o seu proprietário, como se noticiou, porém, sem utilidade prática, por se ignorar inteiramente a arte de preparar o chá.'

⁹⁰ Francisco Maria Supico, As Escavações, vol. III, ICPD, 1995, p. 1031 : '(...) João do Sousa Canto, mais conhecido por morgado João Soares dos Pinheiros, que um homem que fora seu criado trouxera do Brasil a semente da camélia do chá, para o presentear com ela, e a semeou nas suas propriedades de Santo António, deste Concelho, de onde algumas plantas passaram para a grande propriedade das Capelas de António Lopes Soeiro de Amorim (...).'

⁹¹ Francisco Maria Supico, As Escavações, vol. III, ICPD, 1995, p. 1031. Arquivo Brum da Silveira – José do Canto, CARTA DIRIGIDA A EDMOND GOËZE POR JOSÉ DO CANTO, 1866.04.10; Almanaque Açores, 1928, Propriedade da Livraria Andrade, Angra do Heroísmo, 1927, pp. 125-130: '(...) O sr. José do Canto comunicou-nos também o seu plano de proceder a plantações de chá e quis ouvir-nos sobre o assunto (...) por intermédio do professor Decaisne, que mantinha relações diretas com a China, pôs-se Canto em contacto com algumas firmas comerciais dali [onde precisamente na China?]. Pediu que lhe remetessem sementes em grande quantidade [Portanto, antes de 1866] bem como uma determinada porção de plantio que, para uma viagem tão longa, foi necessário acondicionar em caixas de sistema 'ward.'Enquanto as preciosas encomendas vinham em viagem, foi preciso cuidar de tudo para as receber e, decorridos poucos meses, estava povoado um pequeno

tempo de experimentar a sério. De passar da iniciativa individual desgarrada para a iniciativa associativa: a Sociedade Promotora da Agricultura Micaelense.

2.º TEMPO: DE QUEM SOUBESSE ENSINAR (1873-1878):

Um primeiro momento: Decisão e contratação de técnicos⁹². Tendo em conta as condições, foram ponderados vários locais (Japão, Índia, Brasil e China) e um número variável de práticos. A escolha final recaiu em Macau e em dois chineses⁹³. Em simultâneo: cultivo de campos experimentais, montagem de fábrica e divulgação de literatura sobre o chá. Foi criado um fundo destinado à experiência do chá, depositado na Agência do Banco Lusitano⁹⁴. Além disso, foi nomeada uma comissão de acompanhamento⁹⁵. Era tempo de preparar a vinda de quem 'lhes prescrevesse aquele método preciso para o fazer chegar à sua última perfeição'.

viveiro colocado em situação apropriada e em terreno cuidadosamente preparado. As sementes, mal chegarem, foram logo dispostas em canteiros. As plantas que, viajando em pequenas caixas, tinham perdido a maior parte da folhagem, completaram a vegetação interrompida e os seus rebentos foram plantados por estaca ou enxertados em camélias. Assim decorreram aproximadamente (129) dois anos até se proceder à plantação definitiva (...).'

⁹² BPARPD, Atas das Assembleias Gerais da SPAM, 1851-1887, Acta de 30 de novembro de 1873, fls. 35 v-36. Proposta do Dr.. Ernesto do Canto subscrita por quinze sócios, entre os quais: Nicolau António Borges; Francisco de Abranches; Barão da Fonte Bella; Guilherme Read Cabral; Francisco Jerónimo Coelho e Sousa; João Machado de Faria e Maia; Luís Botelho de Gusmão; Presidente/Governador Civil: Conde da Praia da Vitória; Secretário: Andrade Albuquerque.'

⁹³ BPARPD, Acta da Sessão de 16 de setembro 1876.

⁹⁴ Persuasão, 29 de março de 1876; Francisco Maria Supico, As Escavações, vol. III, 1995, p. 1024.

⁹⁵ Gabriel de Almeida, Manual do Cultivador e Manipulador do Chá, 1892, p. 18: 'A sociedade tinha já montado convenientemente uma fábrica para a exploração do chá, começando os ensaios logo a 15 do mesmo mês. (...) A sociedade encarregou de estudar o fabrico de chá, Rafael de Almeida [irmão de Gabriel de Almeida], e nomeou uma comissão para dirigir estes trabalhos, presidida pelo ilustrado micaelense o sr. Dr. Caetano d'Andrade Albuquerque [em 1881 e depois em 1887 levaria a proposta de lei de proteção, que havia sido redigida por José do canto, então, Presidente da Junta Geral, e aceite, como deputado nacional eleito pelo círculo de Ponta Delgada. O relator desta comissão, que apresenta relatório na reedição do livro de Frei Leandro do Sacramento, é Ernesto do Canto, proponente da aposta

3.º TEMPO: DO APRENDER AO PRIMEIRO ARRANQUE (1878-1879):

Sem pôr de parte que alguns sócios da SPAM pudessem ter uma estrutura de transformação da folha do chá, a primeira fábrica que trabalhou com êxito, pelo menos o chá preto, foi montada em Ponta Delgada, na sede da Sociedade Promotora da Agricultura Micaelense. Em antigas dependências do Convento de Nossa Senhora da Conceição (depois sede do Governo Civil). Portanto, na freguesia de São José. Os chineses trouxeram consigo utensílios, sementes e estacas. Porém, já antes, havia na ilha, sementes, estacas e chá plantado. E, estamos em crer, utensílios de manipulação. Não se sabia muito bem como usá-los. A tecnologia veio de fora: do trabalho de Lau-a-Pan, o chinês contratado. Sendo a técnica rudimentar, a aprendizagem foi rápida. O progresso, ainda que de modo incipiente, já se revelava no texto do relatório da comissão da SPAM de finais de 1879. E na observação de Rafael de Almeida (publicada na *A Persuasão*), secretário da SPAM. Ou ainda, presume-se, no folheto que a SPAM publicou em 1879⁹⁶. Ainda em abril de 1878, acabada a primeira safra, a direção da SPAM começou a planear a seguinte promovendo 'o ensino não só às pessoas que voluntariamente desejam aprender os processos práticos d'este trabalho, como também a alguns trabalhadores a quem se pague para esta aprendizagem.' Na mesma reunião, José do Canto, sempre atento e atualizado, apresentou a terceira edição de um livro saído naquele mesmo ano de 1878 intitulado '(...) *The Cultivation and Manufacture of Tea*.' Era seu autor o Tenente Coronel Edward Money. Alegava

do chá em 1873], cavalheiro dedicado aos progressos agrícolas do arquipélago e que muito se empenhou na realização destes ensaios.'

⁹⁶ *Persuasão*, Ponta Delgada, 30 de abril de 1879, p.

⁹⁷ BPARPD, Atas da Direção da SPAM, sessão de 28 de abril 1879, fls. 62v, 63 e 63v, 64 e 64v.

⁹⁸ BPARPD, Atas da Direção da SPAM, sessão de 13 de julho 1879, fls. 64v, 65 e 65v.

⁹⁹ *Persuasão*, Ponta Delgada, 21 de abril de 1880, p. 3: 'Chá de S. Miguel, (análise) – Os ensaios começados em 1878, pela Sociedade de Agricultura Micaelense, para introduzir a cultura e produção do chá em S. Miguel, dão todas as esperanças de terem pleno êxito, quando a experiência ensinar quais os melhores processos a seguir. A vinda de dois chinas, contratados por aquela sociedade, foi o modo prático de resolver aquele problema, que pode influir na riqueza futura não só desta ilha, mas ainda nas demais dos Açores. Por intervenção de Mr. Fouqué, foi analisada em Paris uma amostra do chá preto, em 1879; o resultado da análise feita por M. Schu-tzemberger, professor do colégio de França, é o seguinte: (...) São os dois químicos de opinião que a análise revela qualidades de um excelente chá, como igualmente

José do Canto que aquela obra trazia '(...) importantes esclarecimentos para a simplificação dos processos da Manipulação do chá.' A Direção resolveu '(...) fazer encomenda (...) porque (...) acrescentar(ia) bastante (a) o que já sabíamos pela [obra] de Samuel Ball (...)'. Pretendia-se, '(...) nas próximas experiências ensaiar' os sistemas que Money aconselhava⁹⁷. Ainda os dois chineses não se haviam ido embora, a 13 de julho de 1879, antes ainda da segunda safra, querendo a SPAM 'habilitar (...) gente da terra na manipulação do chá, deu chá a manipular. O resultado foi excelente, em nada (...) inferior, antes pelo contrario, julga-o superior ao chá feito pelos Chins (...)'.⁹⁸ Os da terra, quase em simultâneo com os dois chineses, produziram '(...) alguns quilos de chá (...)'. Era pois tempo de passar à produção local.

4.º TEMPO: DO SEGUNDO ARRANQUE (1879-1882):

Era tempo ainda da SPAM: tempo associativo. Tempo do método chinês artesanal. Este tempo de impulso de grupo, de 1879-1882, é marcado pela tentativa de lançar as bases da futura indústria. É nele que se fazem provas de gosto do chá preto produzido, quer no *Club Micaelense* quer no *Club Lisbonense* e se enviam amostras para laboratórios de França e de Inglaterra⁹⁹. O chá micaelense passa com distinção estas primeiras provas. Tenta-se alcançar, sem êxito, legislação protetora de estímulo à nova indústria¹⁰⁰. Reedita-se a obra de Frei Leandro¹⁰¹, e, por ser de custo mais

o prova o sabor da infusão. A maior parte do chá do comércio contém mais de 2 a 3 por cento de teína, que é o seu princípio ativo característico. Arquivo dos Açores.'

¹⁰⁰ Junta Geral do Distrito de Ponta Delgada, sessão de 1880, pág. 11 e 12. O que iria servir à proposta que foi levada ao Parlamento Nacional por Caetano de Andrade, começou por ser uma proposta de José do Canto. Três propostas de José do Canto para proteção e incentivo ao chá: Legislação adequada, apoio das Câmaras, prémios aos melhores produtores.

¹⁰¹ BPARPD, SPAM, Sessão de 5 de fevereiro de 1879, fls. 68v, 69 e 69v: Presidência do Vice-presidente o Exmo. Dr. José do Canto (...) O Exmo. Relator da comissão do chá Dr. Ernesto do Canto apresentou e leu o relatório d'esta Comissão sobre as experiências que se fizeram durante a colheita do anno findo, o qual mereceu a aprovação da Assembleia Geral, que resolveu se mandasse publicar nos jornaes mais importantes d'esta Ilha, e que se imprimisse como introdução á reimpressão que também resolveu se fizesse do folheto sobre colheita e Manipulação de chá publicado no Rio de Janeiro em 1824, por Frei Leandro do Sacramento (...) Deliberou

acessível, publica-se um folheto¹⁰². Prosseguem-se, na nova safra, a novas experiências, pois a do chá verde, na primeira, não dera muito resultado¹⁰³. Vendem-se plantas de chá¹⁰⁴. Distribui-se chá pelos sócios¹⁰⁵.

Surge uma notícia, depois dos chineses virem, de encomenda de utensílios de preparar o chá. E conseguir novas sementes. A 15 de abril de 1880, uma nova reunião da direção da SPAM dedicada também a assuntos relacionados com o impulso da pretendida indústria do chá, dá-nos a entender que já antes haviam feito pedidos nesse sentido. Porém, caso tardassem, o sócio José Bensaúde, em carta enviada à direção, sugeria que se chegasse à Índia através da Inglaterra¹⁰⁶. Entretanto, enquanto não vissem, na mesma reunião José do Canto pede que lhe aluguem '(...) vários utensílios para a manipulação do chá nas suas propriedades (...)'. A SPAM, empresta-lhe '(...) gratuitamente (...) todos os utensílios que pretende', porque '(...) lhe deve importantes auxílios e serviços (...)'. Mas, a SPAM desejosa de que se continuasse a aperfeiçoar '(...) a manipulação do chá entre nós (...)', iria divulgar que a quem quisesse '(...) manipular chá,' a SPAM forneceria '(...) os utensílios e a respetiva oficina.¹⁰⁷ É a prova de que José do Canto começa a fabricar chá em 1880? Se assim for, a seguir à primeira fábrica da SPAM (oficina como aqui se diz), seguiu-se uma segunda de José do Canto. Onde? Já na Ribeira Grande? A 11 de outubro daquele mesmo ano de 1880, na reunião daquele dia da direção da SPAM, dá-se conta de que José do Canto oferecera à SPAM '(...) 10:000 plantas de chá (...)'. A Direção decidira vendê-las '(...) a 30 rs. (...) cada.' Seriam preferidos os sócios, que teriam um desconto de 5 por cento.¹⁰⁸ Neste tempo, já se observa uma primeira e pouco expressiva produção. Quase para consumo próprio. Era tempo de acelerar e de passar à iniciativa individual.

reduzir a 20 rs cada a planta de chá, e que se desse a qualquer socio que requisitasse alguma amostra de chá, logo que a Direcção entenda que o pode fazer, sem deixar desprevenida a Sociedade de todas as qualidades do chá manipulado (...)

¹⁰² Persuasão, Ponta Delgada, 30 de abril de 1879, p. 4: 'Na sociedade de Agricultura Micaelense, vende-se um folheto tratando da manipulação do chá pelo preço de 120 réis.'

¹⁰³ Persuasão, Ponta Delgada, 14 de maio de 1879, p. 3: 'Chá. Começou a colheita do chá, e na sociedade de Agricultura desta cidade prosseguem as experiências para o aperfeiçoamento da sua manipulação.'

¹⁰⁴ Persuasão, Ponta Delgada, 9 de abril de 1879, p. 4: 'Plantas de chá a 30 réis cada uma. Rua da Arquinha n.º 71'.

5.º TEMPO: DE ARRANQUE INDIVIDUAL (1882-1891)

Na ata do dia 19 de janeiro de 1882, 'afim de satisfazer aos pedidos dos sócios que os desejam possuir', que não o podiam fazer em nome próprio, 'pela oficialidade dos meios de comunicação', ficara decidido '(...) encomendar para a China (...) vários jogos de aparelhos para manipulação e preparo do chá.'

Dá-se assim um novo impulso na passagem da fase associativa da SPAM para a fase individual dos associados. Ou mesmo não associados. Ainda que na fase anterior houvesse sócios, tais como José do Canto, que o fizessem por sua conta. Ou ainda que a SPAM continuasse o seu interesse prático pelo chá. Que se terá, entretanto, passado, entre o pedido de 15 de abril de 1880 e este? Não terá chegado a encomenda? Terá chegado e trata-se de uma nova encomenda? Quem eram estes sócios? Os irmãos José e Ernesto do Canto. Ernesto fizera a proposta em 1873 e fora relator da comissão de acompanhamento ao trabalho dos chineses em 1878. José era um dos principais entusiastas do chá e, segundo Fátima Sequeira Dias, já em 1880, tinha fábrica. O primo José Jácome Correia, por aquela altura ou mais tarde, teria a fábrica de chá Condessa, na Ribeirinha. Os irmãos Augusto Ataíde Corte Real da Silveira Estrela e Luís de Ataíde Corte Real da Silveira Estrela Francisco Machado de Faria e Maia. O primeiro, teria a fábrica do Pico do Refúgio, em Rabo de Peixe, o segundo, a fábrica da Mafoma (mais tarde conhecida assim), na Ribeira Seca. O Dr. Vicente Machado de Faria e Maia, que teria uma das primeiras fábricas e era cunhado dos irmãos Silveira Estrela. O Dr. Agostinho Machado de Faria e Maia Júnior. Que, pelo nome, deverá ser parente de Vicente. O Dr. José Pereira Botelho, Alberto de Freitas da Silva e Manuel Augusto Hintze Ribeiro.

Todos desejavam '(...) 1 jogo completo de peneiras com tachos sem peneiros à exceção do Exmo. Luís de Ataíde que deseja(va) 2 paylom'. Mas

¹⁰⁵ BARPDP, SPAM, Sessão de 8 de maio de 1881, fls. 73 e 73v: '(...) que se distribua pelos Socios o chá em bom estado existente na Sociedade nomeando-se uma comissão encarregada da distribuição que ficou composta dos Exmos. Srs. Conde da Silva (Dr. Francisco) Vaz Pacheco de Castro e de mim José Maria Raposo d'Amaral Junior. (...)'

¹⁰⁶ BARPDP, Atas da Direção da SPAM, sessão de 15 de abril de 1880.

¹⁰⁷ BARPDP, Atas da Direção da SPAM, sessão de 15 de abril de 1880.

¹⁰⁸ BARPDP, Atas da Direção da SPAM, sessão de 11 de outubro de 1880, fls. 70v, 71 e 71v, 72.

a SPAM queria continuar a manter a sua fábrica, por isso, encomendou '2 jogos completos com tachos e peneiros (...).¹⁰⁹' A 11 de janeiro, A Persuasão dá conta de que a SPAM, 'no jardim da sede (...), na rua da Canada, n.º 18,' pusera à venda 'plantas de chá'¹¹⁰. Já em 1883, segundo carta escrita em 1884, José do Canto enviara chá seu para uma feira na cidade de Lisboa, a qual só se realizaria em 1884. Neste entretanto, por falta de cuidados, o chá perdera-se. O *Diário de Portugal*, um jornal de Lisboa, publicou uma crítica dura às qualidades do chá de José do Canto. Na resposta, José do Canto dá-nos conta de que existiam vários produtores na ilha. De que eles em breve iriam produzir mais e de que produzir chá era tão fácil como seria qualquer atividade doméstica¹¹¹. Diz-nos Gabriel de Almeida que se começou a vender chá 'de produção e fabricação micaelense' no ano de 1884¹¹². E, no entanto, em 1883, o jornal *A República Federal*, que se publicava em Ponta Delgada, desconhecedor, certamente, do que se preparava nos bastidores, estranhava que '(...) nunca mais se ouvi(ra) falar em trabalhos nesse sentido (chá).' Reputando-o de 'utilíssimo' incentivava 'que se promovesse e ativasse a criação dessa indústria' porque 'poderia, no futuro,' aliviar 'as desastrosas consequências da nossa miséria atual.' Isso se, 'algum monopolista a não empolgasse em proveito exclusivamente seu.'¹¹³ O primeiro anúncio conhecido de venda de chá produzido em S. Miguel data de 17 de março de 1886. Vem no *Diário de Anúncios*¹¹⁴ e no *Diário dos Açores*¹¹⁵. 'É de chá das propriedades do 'Sr. Vicente Machado Faria e Maia.' Quem o vende é 'Francisco Cabral (...) no Largo da Graça, n.º 34.'

Na semana seguinte, Supico, no jornal *A Persuasão*, acrescentaria pormenores úteis ao nosso trabalho. Ei-los: '(...) tem tido grande procura.' Isto porque aquele novo chá era 'muito superior ao bom que aqui se vende importado do estrangeiro.' Repare-se neste outro pormenor: 'O sr. Dr. Vicente Machado é um dos cavalheiros que mais cuidados consagra a esta cultura e dos que a têm em maior escala.' É, pois, em 1886, um de vários cultivadores. E continua augurando que, 'dentro em pouco a ilha de S.

Miguel, não só não precisará importar este artigo, mas estará habilitada a exportar grandes quantidades'. Escreve mais: '(...) esta indústria auspiciase bastante remuneradora.' Dizia que: '(...) pode(ria) vir a influir muito vantajosamente na economia do nosso distrito.'¹¹⁶

Onze meses depois, novo anúncio, de novo produtor de chá: Luís Ataíde Corte Real. Vem no *Diário de Anúncios*: 'Chá Micaelense, da propriedade de Luís Ataíde na mercearia de Vasconcelos & Irmão, no largo de Camões, n.º 40 a 42, vende-se deste chá; sendo preto a 2\$400 réis o quilo, e verde a 3\$000 réis.'¹¹⁷ Pouco depois, sobre o mesmo produtor, escreve Supico: '(...) Encarecem-se muito as qualidades do chá exposto à venda (...) Não admiramos que seja excelente, porque o sr. Ataíde é um dos mais esclarecidos preparadores do nosso chá.'¹¹⁸ Portanto, além de Vicente Faria e Maia e de José do Canto, aparece-nos o cunhado do segundo: Luís Corte Real. Mas existem outros, só que não são nomeados.

Para proteger a indústria do chá que arrancava, em 1887, em sessão do Parlamento Nacional de 9 de julho de 1887, Caetano de Albuquerque leva de novo uma proposta destinada a proteger e a incentivar o chá local. Desta vez, consegue que haja uma segunda leitura. E obtém o concurso dos deputados açorianos Jacinto Cândido, Castelo Branco e Sousa e Silva. Mas, tal como em 1881, não passa¹¹⁹.

6.º TEMPO: DE ACELERAÇÃO (1891-1913):

Com José do Canto e a sua fábrica da Caldeira Velha, na Ribeira Grande, passa-se da tecnologia artesanal chinesa dos três tempos anteriores, de 1878 a 1891, à primeira fábrica usando alguma maquinaria. Primeiro, em finais do ano de 1891, vieram dois novos chineses¹²⁰. Depois, já em junho de 1893, 'começou a funcionar a máquina (...) para a fábrica de manipulação de chá do sr. José do Canto, na vila da Ribeira Grande.' Supico escreve: 'Dizem-nos que esta máquina seca e enrola três quilos de chá por hora.'¹²¹ Era já tecnologia inglesa: um motor vertical a vapor da

¹⁰⁹ BPARPD, Atas SPAM, Ata de 19 de janeiro de 1882, fls. 74v e 75.

¹¹⁰ Persuasão, Ponta Delgada, 11 de janeiro de 1882, p. 4.

¹¹¹ A Persuasão, Ponta Delgada, 16 de julho de 1884, p. 3, carta de José do Canto Ponta Delgada, 17 de junho de 1884.

¹¹² Gabriel de Almeida, *Manual do Cultivador e Manipulador do Chá*, 1892, p. 22

¹¹³ *A República Federal*, Ponta Delgada, 8 de maio de 1883, p. 2

¹¹⁴ *Diário de Anúncios*, Ponta Delgada, quarta-feira, 17 de março de 1886, p. 3.

¹¹⁵ *Diário dos Açores*, Ponta Delgada, quarta-feira, 17 de março de 1886, p. 3.

¹¹⁶ Persuasão, 24 de março de 1886, p. 3.

¹¹⁷ *Diário de Anúncios*, Ponta Delgada, 4 de fevereiro de 1887, p. 3.

¹¹⁸ A Persuasão, Ponta Delgada, 16 de fevereiro de 1887, p. 4.

¹¹⁹ Sessão Parlamentar Nacional de 15 de março de 1881

Francisco Maria Supico, *As Escavações*, vol. III, 1995, p. 1030.

¹²⁰ A Persuasão, Ponta Delgada, 16 de dezembro de 1891, p. 3.

¹²¹ A Persuasão, Ponta Delgada, 28 de junho de 1893, p. 3.

firma Marshall and Sons, mais enroladores acionados manual e mecanicamente vindos da Inglaterra. Em 1900, já José do Canto falecera, a fábrica ampliar-se-ia.¹²² A pauta aduaneira de 1892 confere alguma proteção ao chá açoriano¹²³. Em 1893, os conhecimentos técnicos eram reconhecidos mesmo a nível nacional. O Ministro da Marinha, pretendendo ensaiar a cultura de chá em Angola, pede a José do Canto 'sementes, plantas e instruções'¹²⁴. Em 1895, a tecnologia local do chá amadurecera. Cristóvão Moniz, ao referir-se a ela, diz: '(...) se [o Minho ou outra qualquer parte do nosso país] intentar tão vantajosa empresa, não haverá já precisão de recorrer para tanto aos filhos do celeste Império, porque, à voz de Portugal, acudirão os – Michaelenses.¹²⁵ Trata-se, sem dúvida, do atestado informal da maioria no domínio da tecnologia do chá pelos da ilha.

A 18 de maio de 1895, no edifício SPAM, com visível satisfação, a Associação promove uma exposição industrial. Entre outras indústrias, surgem nos expositores de chá. Inclusive, prováveis novas fábricas de chá. O catálogo da exposição de 1895 apresenta-nos três cultivadores que produzem chá, dois já nossos conhecidos - o dr. Vicente Machado de Faria e Maia e Luiz Ataíde Júnior - e um novo - Frederico Augusto Serpa. Frederico Augusto Pamplona Serpa casara com uma senhora Estrela. Portanto, tinha ligações a Luís e a Vicente. Em 1896, estava já enraizado o chá na toponímia local, o padre Egas Moniz propõe a designação de rua do Chazeiro (hoje rua do Ouvidor) para uma rua da Conceição da Ribeira Grande¹²⁶. Para impedir a diminuição da pauta mínima de importação de chá estrangeiro 'em 1900, pelo Governador do Distrito [Ponta Delgada] é levada ao Ministro das Obras Públicas uma representação da SPAM [Sociedade Promotora da Agricultura Michaelense] em que se pedia para se

não diminuir na pauta mínima o direito de importação do chá estrangeiro pois: 'quando se tornou óbvia a vantagem desta cultura, se aumentou o número de indivíduos que cultivam e se começou a tornar numa esperança risonha para os habitantes desta ilha, ela fica ameaçada duma concorrência mortífera ao diminuir-se o direito de imposto na Alfândega sobre o chá estrangeiro.¹²⁷ Supico, em 1903, menciona cinco fábricas já anteriormente referidas, a saber: 'Herdeiros de José do Canto [Conceição: Fábrica Canto]; Visconde Faria e Maia [Ponta Delgada: Fábrica Faria Maia]; José Bensaúde [Ponta Delgada: Fábrica Bensaúde]; Frederico Augusto Serpa [Ribeira Seca: Fábrica Frederico A. Serpa]; Luís Ataíde Corte Real da Silveira Estrela [Ribeira Seca: Fábrica Mafoma].' Não fica por estas 5 já referidas e acrescenta, agora sem a da SPAM e a da Gorreana, cinco novas fábricas: 'Francisco de Bettencourt [Fenais da Ajuda: Fábrica dos Fenais da Ajuda]; Marquês de Jácome Correia [Matriz: Fábrica Condessa]; José Maria Raposo do Amaral [Ribeira Seca: Fábrica Barrosa. Ou Ginetes?]; Dr. Manuel Maria da Rosa [Arrifes: Fábrica Flor da Rosa]; Augusto Ataíde Corte Real [Rabo de Peixe: Pico do Refúgio].' Portanto, contava feitas, cinco mais cinco: 10¹²⁸. Refira-se que Augusto Corte Real era irmão de Luís, cunhado de Vicente e aparentado a Frederico Serpa. Portanto, entre as dez fábricas, quatro seriam de Estrelas. Mais tarde, os Bettencourt associar-se-iam, por casamento, aos Estrela, e muito mais tarde, os Gago da Câmara e Hintze também. Entre 1903 a 1913, mantém-se o número de fábricas. Continua a introdução de alguma maquinaria. Existem 10 com alguma maquinaria e outras 37 sem qualquer tipo de maquinaria. Dá-se o início de exportações planeadas para fora da ilha, continente e estrangeiro¹²⁹. É de 1909 o primeiro anúncio conhecido de um comerciante no continente.

¹²² A Persuasão, Ponta Delgada, 4 de abril de 1900, p. 3.

¹²³ António Hintze Ribeiro, Do chá dos Açores, Livro do Primeiro Congresso Açoreano, de 8 a 15 de maio de 1938, Jornal da Cultura, 2.ª edição, 1995, p. 3781892: Proteção do chá nas pautas aduaneiras

Pauta de 1892/ art.º 344/ Chá / Quilo 1000 reis ouro.'

¹²⁴ Persuasão, Ponta Delgada, 31 de maio de 1893, p. 3: '(...) O sr. Ministro da marinha pensa em ensaiar a cultura do chá em algumas propriedades da província de Angola. Para a levar a efeito o seu plano escreveu ao ilustre micalense sr. José do Canto, pedindo-lhe sementes, plantas e instruções.'

¹²⁵ Cristóvão Moniz, A Cultura do Chá na ilha de S. Miguel, Administração do Portugal Agrícola, Lisboa, 1895, p. 107.

¹²⁶ Estrela Oriental, III série, Padre Egas Moniz, Nome das Nossas Ruas, Suplemento Conceição, janeiro de 2003, fl. 16.

¹²⁷ Margarida Vaz do Rego Machado, A cultura do chá na ilha de S. Miguel como ponte de ligação ao Oriente, ...pp. 19-20.

¹²⁸ Não menciona a fábrica da SPAM, que entretanto, fora, como sugerimos, desmantelada. Nem menciona ou omite a fábrica da Gorreana. Por que razão o terá feito? Por ser de pequena dimensão? Talvez por ter sofrido as obras em 1898? Por ser algo ocorrido muito recentemente? Ou por outra razão que desconhecemos.

¹²⁹ Segundo Aníbal Cabido, sem fazer conta ao chá consumido localmente e o enviado em encomendas postais para as outras ilhas e o continente português, de acordo com dados da Alfândega de Ponta Delgada, a quantidade aumentou de 1898, 5.498 quilos, para 63 673, em 1911 (p. 35); e as importações, para o mesmo período, de chá estrangeiro, baixaram de 3 330 kg em 1898, para 435 kg, em 1907.

Trata-se de Júlio de Carvalho, do Porto, na avenida da Boa Vista 'Chá. Desejo receber amostras e preços./Compro todo o ano e qualquer porção.¹³⁰ Aníbal Cabido, em 1913, além de 38 fábricas pequenas não especificadas, adianta 9 fábricas para a ilha de São Miguel. Uma das possíveis não especificadas, poderá ser uma pequena fábrica do pai de Amâncio Faria e Maia, antepassada da fábrica Porto Formoso, toda manual, no dizer do filho. Cabido, em 1913, descreve o tipo de euforia ilusória do chá na ilha: '(...) apesar das esperanças que dava a nova cultura para até certo ponto concorrer para o equilíbrio económico do distrito, abalado pelas últimas crises agrícolas, não teve ela grande desenvolvimento (...)'. (p. 16) Isto por 'se limitarem os mais ricos cultivadores ao emprego de sementes de arbustos relativamente novos (...) os menos abastados preferem dedicar-se a culturas cuja produção tem lugar logo no fim do primeiro ano em que as sementes são lançadas à terra.' (p. 16)

Cabido, seguramente com opinião formada em resultado de diálogos com um conhecido ligado ao setor e ao próprio resultado do seu inquérito, diz que 'a cultura e a indústria do chá tem-se mantido, e, durante algum período, chegou a desenvolver-se sob a proteção pautal¹³¹.' Se alguma vez (não diz qual) 'desaparecer essa proteção, os efeitos produzidos irão juntar-se à crise bem acentuada que há anos (...)'. (p. 13) se sentia. Esta crise era, em parte, motivada, continua ele, 'pelo custo dos salários dos trabalhadores micalenses comparados com o dos trabalhadores chineses¹³².'

7.º TEMPO: DE BALANÇO: ENTRE A EUFORIA E O MEDO (1913-1932):

¹³⁰ A Persuasão, Ponta Delgada, 29 de julho de 1908, p. 3.

¹³¹ Junta Geral do Distrito de Ponta Delgada, sessão de 1880, pág. 11 e 12.

¹³²Relatório apresentado à Sociedade Promotora d'Agricultura Michaelense, pela sua Direcção, no dia 10 de Dezembro de 1847, *O Agricultor Michaelense*, Janeiro de 1848, n.º 1, fl. 21: *Pondo no papel o que viu, a comissão, ou o responsável pelo relato, resumiu: 'poderemos produzir em S. Miguel chá preto susceptível de ser consumido no nosso paiz, e no estrangeiro (...)'. Mas atenção, apenas, 'se a sua cultura e manipulação poderem competir com o baratíssimo trabalho manual dos chineses.'* O problema do chá verde ficaria para mais tarde.

¹³³ 'A Fábrica de Chá Porto Formoso, fundada por Amâncio Machado Faria e Maia, laborou entre os anos 20 e os anos 80. Em 1998, os atuais proprietários iniciaram as obras de recuperação da fábrica, de interesse no Património Industrial da Região.'

Amâncio Faria e Maia, escrevendo, possivelmente na década de cinquenta, (mas sendo o trabalho publicado na década seguinte), diz lembrar-se '(...) de que (o) pai chegou a ter em armazém a produção de quatro anos ... guerra de 1914-18 produziu uma euforia de que resultou para meu Pai um bom negócio: a venda do chá armazenado...Porém como a fabricação de meu Pai era toda manual, passou a vender a folha verde às fábricas Gorreana e Bensaúde que a disputavam pela sua qualidade.' Para este período, de 1921 a 1930, contamos, em parte, com a informação proveniente da tradição oral, de monografias e de Anuários e Almanques, sem se conhecer a data exata de cada fábrica, é de crer que duas novas fábricas tenham surgido ou aumentado neste período: a primeira, ainda nos anos vinte, seria a do Porto Formoso, no Porto Formoso¹³³, a segunda, já nos anos trinta, talvez mesmo trinta ou até pouco antes (falta-nos mais dados), seria a da Seara, nas Sete Cidades¹³⁴.

8.º TEMPO: DO MEDO À EXPANSÃO (1932-1960):

O medo do chá moçambicano de 1932: Já em 1932, quase no início da ameaça, Cristóvão Moniz, o primeiro especialista local que se refere ao chá, diz que '*por tal forma se tem desenvolvido que já hoje [1932] pode ser considerada como das mais importantes [culturas agrícolas?] da ilha pelo chá de finíssima qualidade e esmerada preparação que oferece, em abundância ao Continente e as outras ilhas com resultados económicos (...)*'; segundo que é ainda é dado esperar do alargamento desta cultura

¹³⁴ Já em 1930: No fundo Raposo do Amaral (informação da Dr.ª Maria de Lurdes França): 'Chá Seara: 20 460-20462, 20467, 20470 (1930-1940)'. Em 1932, surge um anúncio publicitário desta fábrica. Testemunho de Rui Álvares Cabral, 8 de Abril de 2013: começa a 16 de Novembro de 1933, um Copiador daquela Fábrica. Segundo consta terá sido mecanizada, usando a máquina que servia para abrir o túnel das Sete Cidades. Conforme observei Domingo, dia 19 de Maio de 2013, e fotografei, segundo placa colocada no local do túnel, saída para o lado dos Mosteiros, a obra foi concluída em 31 de Dezembro de 1937. Pelo que, a ter sido aquela máquina, e a ter sido necessária até ao final, só poderá ter ido para a Seara após aquela data. Uma das máquinas que observei na Seara, tem a data de 5 de Março de 1936: será esta?, Jorge Arruda, Verde azul : Sete Cidades: lendas, contos e factos / Jorge Arruda. - [Ponta Delgada]: Ed. do autor, 2012, pp. 62-64.

que muito convidativa é por valorizar terrenos fracos a meia encosta impróprios por natureza para os cereais e onde vicejam graciosamente os chazeiros como em seu país natal.¹³⁵

Que fizeram os açorianos (micalenses) entre a publicação da legislação pautal favorável às exportações de chá de Moçambique até à altura do I Congresso em 1938? Uma resposta de peso vem logo em maio de 1934. António Hintze Ribeiro dá uma entrevista ao jornal nacional República que, pela sua clara importância e repercussão, terá sido transcrita no *Açoriano Oriental*, para depois vir em o *A Razão*¹³⁶. Era, pois, tal a sua pertinência. A entrevista começa por referir a aposta no turismo e a criação da *Sociedade Terra Nostra*, que, além de ir inaugurar o Hotel nas Furnas a 1 de agosto, tinha outros objetivos: desenvolvimento das indústrias agrícolas, embelezamento de ruas, construção de parques e jardins, melhoramentos nas Furnas e Sete Cidades, criação de um Stand de informação turística no cais. Quanto ao objetivo de desenvolvimento agrícola, propunha-se a dita empresa *Terra Nostra* (o seu Presidente era Vasco Bensaúde, também ele, tal como o entrevistado, dono de uma fábrica de chá), desenvolver o tabaco, a beterraba e o chá. Entre outros. Refira-se que ambos tinham interesses investidos nas outras culturas.

Destacando o chá, adianta que o de 'São Miguel é excelente, mas não usufrui a proteção que tem, por exemplo, o açúcar colonial.' Continua a referir, agora, o açúcar, em particular, 'outro curioso aspeto do nosso problema agrícola: as ilhas poderiam produzir açúcar em boas condições de qualidade e preço, para exportar para o continente. Mas não podem produzir nem exportar devido à enorme proteção dispensada ao açúcar colonial.' Pior ainda: 'cujas culturas são exploradas na maior parte por companhias inglesas.' Também refere o tabaco. Diga-se que estes pontos irão ser defendidos mais tarde no I Congresso Açoriano em 1938.

Outras das medidas por ele preconizadas situam-se no âmbito do desenvolvimento da cultura do trigo e da indústria dos laticínios. Os laticínios, diz

ele, para a produção de manteiga e queijo. Mas, para promover a agricultura e o turismo, eis o busilis da questão, era necessário desenvolver os transportes e a política de preços dos transportes. Entretanto, uma outra fábrica, no Papa Terra, em Ponta Delgada, de Mariano Miranda, surge num anúncio publicitário de 1939. Em 1940: 'Mariano Miranda.¹³⁷ São introduzidas melhorias nas fábricas existentes. A partir desta altura, vamos ter que nos apoiar na tradição oral e nos Almanques e Anuários.

É de cerca de 1938, segundo o filho do dono da fábrica António Pontes, no início da rua do Tornino de Baixo, n.º 4 (Rua Madre Teresa da Anunciada, n.º 4), na Ribeira Seca¹³⁸. Isto, traduz uma dinâmica local anterior e posterior à ameaça. Numa nota detalhada intitulada Produção de diversos géneros agrícolas no Distrito de Ponta Delgada no ano de 1951-1953, dá-se conta de que, em 1913, existiam perto de 50 cultivadores; em 1949, 37; em 1950, 40; em 1951, 44; em 1952, 43; e em, 1953, 62. No entanto, nesta mesma nota, vê-se que o chá não era o produto mais valioso ou aquele que ocupava maior área.¹³⁹ Para uma melhor percepção do que afirmámos, aconselha-se a leitura do trabalho de outro seminário.

Se dúbidas restassem acerca da reação ou continuação dos projetos dos produtores locais para além da década de trinta, vejamos os exemplos seguintes. Em finais de outubro de 1941, a fábrica Visconde Faria e Maia, que laborara até então em condições menos vantajosas na cidade de Ponta Delgada, recebe autorização legal do Governador Civil do Distrito Autónomo de Ponta Delgada para se deslocalizar para a Quinta do Tanque, no Cabouco, Lagoa¹⁴⁰. É provável que já lá estivesse antes, pois uma reprodução fotográfica de 1941, a estar correta, já a dá no Cabouco¹⁴¹. Existiam 17 fábricas registadas oficialmente até 31 de dezembro de 1949¹⁴². Diz, exatamente, assim: 'Estabelecimentos Industriais sujeitos a registo do Trabalho Industrial Registados até 31-12-1950/Fábricas de Chá.'

Até melhor prova, não devemos atribuir este elevado número de fábricas de 1949 a um aumento no número das mesmas de 1930 a 1949 - seria uma

¹³⁵ Cristóvão Moniz, Açores Agrícola, in Ínsula, setembro e outubro de 1932, escrito em Lisboa, julho de 1932, pp. 34 e 40.

¹³⁶ António Hintze Ribeiro, o que é preciso fazer de útil no arquipélago açoriano, *A Razão*, 20 de maio de 1934, n.º 43, II série. Esta nota foi-nos facultada pelo Dr. Hermano Teodoro, a quem agradecemos.

¹³⁷ Almanaque Açores para 1941, 34º ano de publicação, coordenado por Manuel Joaquim de Andrade, Propriedade da Livraria Editora Andrade, Angra do Heroísmo, 1941, p. 15

¹³⁸ Testemunho de António Manuel Machado Rocha Pontes, 72 anos, 4 de Junho de 2013.

¹³⁹ Grémio da Lavoura do Distrito de Ponta Delgada, Relatório, Balanço e Contas da gerência, 1952-1954, [s.p.]

¹⁴⁰ José Amaral, A Fábrica de Chá Visconde Faria e Maia, Quinta do Tanque – Cabouco, 2011, p. 28.

¹⁴¹ Duarte Melo et al, Chá em S. Miguel. Cultura e Vivências, 2012, p. 36.

¹⁴² Boletim da Junta Geral do Distrito Autónomo de Ponta Delgada. – 1.º Trimestre de 1951, pp. 205-215.

consequência do aperto no registo oficial obrigatório das existentes. Ou em condições de existir. Tratava-se de fazer cumprir a lei de 1922? É provável. De 1930 para 1949, há uma diferença de 7 fábricas.

9.º TEMPO: DOS AVISOS AO DECLÍNIO (1960-1984);

O primeiro aviso conhecido vem de um homem da terra, Amâncio Faria e Maia, o produtor de Chá Porto Formoso. Já em 1959, ou em ano anterior ou posterior. Mercado Comum. Incertezas. Pelo que se deve ler este trabalho com atenção redobrada. Escreve ele: *'sucede presentemente que o preço de custo do quilo de chá, incluído nele uma renda da terra e juro de capital empregado na fábrica, é igual ou melhor do que os preços realizados por grosso. Calcula-se que o facto se deve à incerteza sobre as consequências da nossa participação no Mercado Comum, e ainda aos resultados do Plano de Fomento e política de salários (...).'*

Apela a um entendimento dos interessados, à união dos produtores: *'(...) o que tudo terá de ser contrabalançado na medida do necessário pela conjugação dos esforços dos produtores agremiados (...).'* A este respeito, aprofunda a questão:

Percebendo que a indústria se teria de modernizar, algo que Cabido referira 46 anos antes, escreveu: *'(...) principalmente pela assistência permanente dos técnicos agrícolas, naturalmente indicados (...).'* E, outro, *'bem como do financiamento, a prazo necessário, para libertar o armazenista do pesado encargo e risco de manter stocks consideráveis. A assistência comercial técnica é, pois, indispensável, e indicados estão para tal as casas especializadas.'*¹⁴³

Em suma, Amâncio, que fundara a fábrica Porto Formoso por volta de 1930, alertara para a falta de união dos produtores; a pequena dimensão das suas explorações, a pequena unidade fabril, a concorrência feroz entre todos. Não havia associação de produtores de chá como havia para os produtores de ananás.

Um segundo diagnóstico: Carter. No verão de 1966, R. W. Carter, provavelmente um 'tea broker' inglês, que veio, talvez a convite oficial, à ilha estudar as fábricas e o fabrico de chá, fala de 5 fábricas¹⁴⁴. O relatório daquele mesmo ano de 1966, da sua autoria, especifica-nos as cinco.¹⁴⁵ Seja por que motivos fosse, o número de fábricas ativas descia na década de sessenta. Quais? Vejamos: 1 - Gorreana; 2- Barrosa; 3 – Mafoma; 4 – Porto Formoso; 5 – Canto. Em relação ao Inquérito de 1964, desaparece (ou não menciona) a fábrica do Visconde Faria e Maia.

Como ponto de discussão, Carter lança 5 hipóteses:

1- *A continuarem as plantações no estado de então, os produtores lucravam pouco e iriam preocupar-se constantemente com a falta de mão de obra. Estava-se, é bom esclarecer, num período de forte emigração para o estrangeiro e de ida para os diversos cenários da guerra colonial. Isto seria a continuação da decadência.*

2- *Acabavam com as plantações e mudavam para outra cultura. Seria uma pena depois de tantos anos e de tantos esforços.*

3- *Cada um por si, cada um gastava um capital considerável na re-plantação com melhores variedades de chá e no reequipamento das fábricas com maquinaria moderna. O custo individual seria proibitivo não se justificando pela pequena extensão de terra plantada.*

4- *Obtenção de um plantador experimentado para ensinar os princípios modernos de cultivo e fabrico. Poderia ser um primeiro passo a dar.*

5- *Obter este conhecimento de fonte externa e conseguir meios de financiar os melhoramentos. Parece-lhe a melhor solução. (p. 6)*

Acha que, para que a 'cultura do chá venha a ter uma posição comercial atualizada é urgentemente necessário o conhecimento das técnicas modernas e que atualize a maquinaria das fábricas.' (p. 4) Se se fizer isso, repete-se, *'não há razão para o chá de S. Miguel não ser tão bom ou melhor do que o fabricado, por exemplo, em Moçambique.'* (p. 4). Em 1988, o panorama das fábricas de chá ficou reduzido à fábrica da Gorreana.

10.º TEMPO: DE RECUPERAÇÃO E ESPERANÇA (1984-2000)

brought his wife, who was a Sydney girl, and two small daughters (...).' A ser este RW Carter de 1948 o mesmo que o nosso de 1966, estamos perante um 'tea broker' inglês experimentado nos chás da Índia e do Pacífico e Austrália em 1948. Com filhos pequenos em 1948, setembro, é provável que, 18 anos depois, fosse o mesmo que visitou as 5 fábricas de chá d S. Miguel. Devo esta nota à Dr.ª Maria de Lurdes França.

¹⁴⁵ R.W. Carter, Relatório de uma visita às plantações de chá no verão de 1966, Serviços de Desenvolvimento Agrário de S. Miguel.

¹⁴³ Amâncio Machado de Faria e Maia, Esboço Histórico da Indústria Agrícola do chá em S. Miguel, Insulana, vol. XV, ICPD, 1959, p. 431

¹⁴⁴ The Argus (Melbourne, Vic.: 1848 - 1957), Saturday 4 September 1948, page 3: "However high prices soared in the event of the Government removing the tea subsidy, I believe that when rationing ends there will be an enormous rise in Australia's consumption of tea," said Mr R. W. Carter, an English tea broker yesterday. Mr Carter, who arrived from Calcutta in the Talma yesterday, said that in India consumption of tea had risen from 70 million lb in 1938 to 180 million last year. (...) Mr Carter has

Entretanto, os serviços oficiais começavam a movimentar-se. Segundo Artur Magalhães informa, já em 1984 os Serviços de Desenvolvimento Agrário, na boa tradição e pegada da SPAM, “(...) com o objetivo de fomentar a cultura do chá em S. Miguel, que desde há anos atrás se encontrava em manifesto declínio, decidiu tentar a recuperação da cultura através da introdução de novas técnicas.”¹⁴⁶ Prossegue a nota, dando-nos conta que ‘os trabalhos tiveram início em 1984, com a limpeza da zona cedida para o efeito, inclusivamente a poda, com vista a resultados na campanha de 1985.’

Artur Lúcio Fernandes Magalhães, de Moçambique, onde fora, durante quatro décadas, gerente de fábricas de chá, veio para S. Miguel depois da descolonização. Teve de fazer um estágio e um relatório de estágio para poder aceder à categoria de técnico auxiliar. Ele é o homem que faz a ligação a Moçambique¹⁴⁷.

Em finais de janeiro de 1988, foi plantada pela primeira vez, no Posto Agrícola da Ribeira Grande, (hoje Iroa; situa-se na rua do Rosário, freguesia Matriz) ‘a primeira parcela da variedade Índia.’ (p. 142) Em 1990, foi a vez de experimentar as Sete Cidades e o Chá Canto (na Conceição, da Ribeira Grande).’ Nos anos oitenta foi introduzida a colheita mecânica¹⁴⁸.

11.º TEMPO: TEMPO DO CHÁ FAZ BEM À SAÚDE

Os Serviços de Desenvolvimento Agrário da Ilha de São Miguel, desde então, têm campos experimentais na área da Ribeira Grande e nas Sete Cidades com chá de origem da Índia. Que produzem e mandaram experimentar laboratorialmente, conforme relatório apresentado em congresso internacional em 2011¹⁴⁹. Hoje, segundo a engenheira Clara Estrela Rego, junho de 2013, também está em Santana, Ribeira Grande.

O que se sabe é que, em 2013, graças ao fim da associação de culturas (menor espaço entre regos de chá onde se aproveitava para cultivar outras novidades), graças à seleção genética de chazeiros (pés de camélia sinensis), da poda mecânica, da apanha mecânica, chega-se a apanhar no mesmo período 9 a 11 vezes, conforme o tempo, e da mecanização

em geral, alegam produzir 2000 kg por hectare¹⁵⁰. Antes apanhava-se 3 a 4 vezes no ano entre abril e setembro.

Falamos de 2012. São produzidos anualmente, segundo vem num periódico local, 50 toneladas distribuídas, 32 toneladas pela Fábrica Gorreana e, pela Fábrica Porto Formoso, entre 12 e 14. É também e essencialmente um produto turístico. No caso da Gorreana, 47% da produção destinou-se em 2012 ao mercado açoriano, trinta e tal por cento ao continental e o restante ao estrangeiro. Em relação ao estrangeiro, a França destacou-se, seguida da Alemanha. No caso da Fábrica Porto Formoso, 60% das vendas ocorrem na própria loja da fábrica. O restante nos Açores e em lojas gourmet¹⁵¹. **Mário Moura, março 29**

48. MARLIT BECHARA, RIO DE JANEIRO, BRASIL, PRESENCIAL -



É SÓCIO FUNDADOR DA AICL.
PARTICIPA DESDE 2007 NOS COLÓQUIOS

¹⁴⁶ Artur Magalhães, Relatório de estágio do curso técnico auxiliar de agricultura, Ponta Delgada, 1993, p 146.

¹⁴⁷ Testemunho de Clara Estrela Rego, 17 de junho de 2013.

¹⁴⁸ Maria Inês Mansinho, Plantações de chá em São Miguel: continuidade e mudança, in Sulco, Manheim, Deere & Company, vol. 22, (1993-1994), n.º 89, pp. 23-24.

¹⁴⁹ C. Rego, L. Paiva, E. Lima, J. Batista, Experimental study of the processing conditions effects on the azorean theanine content from camellia sinensis, International Food Congress, Novel approaches in food industry, NAFI 2011.

¹⁵⁰ Testemunho José António Pacheco, Fábrica de Porto Formoso, 11 de maio de 2013.

¹⁵¹ Produzidas 50 toneladas de chá por ano em São Miguel, Açoriano Oriental, 14 de maio de 2013, p. 13.

49. NEIDE FERREIRA GASPAR, UNIVERSIDADE SÃO PAULO, BRASIL, ASSISTENTE PRESENCIAL



NEIDE FERREIRA GASPAR é Bacharel em Língua Inglesa e Literatura pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, é Mestre em Letras pela Universidade de São Paulo, Brasil, e está concluindo o Doutorado na mesma Universidade, sob a orientação da Profa. Dra. Zilda Maria Zapparoli. Tem vasta experiência no ensino de Língua Inglesa, tanto no ensino regular como em escolas de idiomas, nos setores público e privado.

Atualmente, é professora de Prática de Tradução para o Inglês em cursos de Extensão universitária promovidos pela *Coordenadoria de Gestão, Extensão e Aperfeiçoamento (COGEAE)* da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Na qualidade de membro da Equipe Técnica de Currículo da *Coordenadoria de Gestão da Educação Básica* da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, organiza e supervisiona ações voltadas à formação de professores, tais como cursos, oficinas e videoconferências, além de criar, produzir e revisar materiais didáticos.

Entre suas preferências acadêmicas está o estudo de temas relacionados à Análise do Discurso e à Tradutologia. Em sua tese de Doutorado, propôs um método para a Crítica de Tradução que combina o método matemático-estatístico-computacional de análise de textos de André Camlong com algumas proposições apresentadas na obra *La traduzione totale*, de Peeter Torop, escrita originalmente em russo e traduzida para o italiano por Bruno Osimo.

As obras escolhidas para análise foram as duas traduções para o francês do romance "Gabriela, cravo e canela", de Jorge Amado.

PARTICIPOU JÁ NO 20º COLÓQUIO EM SEIA 2013

50. NORBERTO ÁVILA, DRAMATURGO AÇORIANO, ASSISTENTE PRESENCIAL



NORBERTO ÁVILA nasceu em Angra do Heroísmo, Açores, a 9 de setembro de 1936. De 1963 a 1965 frequentou, em Paris, a *Universidade do Teatro das Nações*. Criou e dirigiu a revista *Teatro em Movimento* (Lisboa, 1973-75). Chefiou, durante 4 anos, a Divisão de Teatro da Secretaria de Estado da Cultura; abandonou o cargo em 1978, a fim de dedicar-se mais intensamente ao seu trabalho de dramaturgo. Traduziu obras de Jan Kott, Shakespeare, Tennessee Williams, Arthur Miller, Audiberti, Husson, Schiller, Kinoshita, Valle-Inclán, Fassbinder, Blanco-Amor, Zorrilla e Liliane Wouters.

Dirigiu para a RTP (1º Canal), a partir de novembro de 1981, a série de programas quinzenais dedicados à atividade teatral portuguesa, com o título de *Fila 1*. As obras dramáticas de Norberto Ávila, maioritariamente reunidas na coletânea *Algum Teatro* (20 peças em 4 volumes, Imprensa Nacional - Casa da Moeda) têm sido representadas em diversos países: Alemanha, Áustria, Bélgica, Brasil, Coreia do Sul, Eslovénia, Espanha, França, Holanda, Itália, Portugal, República Checa, Roménia, Sérvia e Suíça. www.norberto-avila.eu / www.pt.wikipedia.org/wiki/Norberto_Ávila_oficinadesrita@gmail.com

É SÓCIO AICL

TOMOU PARTE NO 19º COLÓQUIO MAIA 2013 E 20º EM SEIA 2013

TOMA PARTE NA APRESENTAÇÃO DA COLETÂNEA NA EBI DA MAIA DIA 24



51. PATRÍCIA DIAS DE MELO PEQUENO, PRESENCIAL CONVIDADA



Patrícia Gaspar Dias de Melo Nunes Pequeno (neta de José Dias de Melo) tem Mestrado em *Ciências da Documentação e da Informação*, Pós-Graduação em *Ciências Documentais e da Informação*, Pós-Graduação em *Gestão e Conservação da Natureza* (Pré-Bolonha), e Licenciatura em *Biologia*. Trabalhou na organização e coordenação do **Suplemento Especial sobre Dias de Melo** comemorativo do octogésimo oitavo aniversário do nascimento do escritor no *Jornal Açoriano Oriental: Dias de Melo de Véspera* – Introdução ao suplemento do dia 8 de abril com textos de Patrícia Dias de Melo e de Nuno Costa Santos; Suplemento **-Dias de Melo Pela Proa: Os Amigos e a Família Também**. (7-9 de abril 2013)

- Professora contratada E. S. Antero de Quental 2012

- Colaboração com a **Comissão Nacional da UNESCO 2008-2010**
- Professora contratada EBI Secundário de Nordeste e Escola Básica 2,3 de Capelas; 1998-2000;
- Professora contratada e representante do grupo disciplinar e de diretora de turma, Escola Básica 2,3 Canto da Maia. 1994-1996
- Participou em vários seminários, ações de formação e conferências ao longo dos últimos quinze anos.

52. PATRÍCIA KONDO, UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, BRASIL



PATRÍCIA ELISA KUNIKO KONDO KOMATSU.

Trazida pelos meus pais do Japão para o Brasil, fui viver na Amazônia, onde aprendi as primeiras palavras do português brasileiro com a professora da escolinha rural e conversando com os vizinhos da comunidade agrícola onde morava. Tanto foi o meu entusiasmo por este idioma que resolvi estudar Letras na Universidade de São Paulo. Por outro lado, nunca abandonei o interesse pela cultura japonesa, tanto que meu trabalho de mestrado discute a situação dos imigrantes japoneses durante a Segunda Guerra Mundial – quando esses imigrantes foram constrangidos a renunciar a aprendizagem do japonês, que se tornou proibido no Brasil como língua de instrução pelo então ditador Getúlio Vargas. Tive ocasião de analisar os arquivos daquela época, fazendo observações sobre o português paulista falado pelos imigrantes japoneses e agentes de polícia (DE-OPS-SP). Entre idas e vindas, reparti meu tempo entre Tóquio e São Paulo, sempre em contato com a comunidade nikkei no Brasil; também colaborei com a Agência de Cooperação Internacional do Japão (Jica) e ministrei aulas de português no Japão.

Outra área de meu interesse é o Direito, tendo cursado também graduação nessa área; sendo que agora, em meu futuro projeto de doutoramento, pretendo discutir questões de Direito Linguístico. Assim, alinhando

as minhas duas principais áreas de interesse, estou desenvolvendo pesquisas sobre questões de políticas linguísticas do português no Oriente, com destaque para o português falado pelos trabalhadores brasileiros no Japão, abordando as dificuldades que esses imigrantes brasileiros têm de educar seus filhos em escolas bilíngues.

PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ

TEMA 2.1. HISTÓRIA SOCIAL, POLÍTICA E A EXPANSÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA NO ORIENTE, PATRÍCIA KONDO – UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO **Ver Power Point aqui antes de ler artigo**

Ao contrário do que imaginam alguns, podemos afirmar que a língua portuguesa se encontra numa fase de expansão no Oriente. Destacamos aqui três territórios linguísticos onde a língua portuguesa marca sua presença: Japão, Macau e Timor-Leste. É interessante notar que esses territórios têm uma história de contatos com a língua portuguesa que remonta ao século XVI. No entanto as razões da expansão atual é bem outra, envolvendo outros atores, ainda que os territórios sejam basicamente os mesmos. No Japão, são poucos os vestígios que ficaram dos tempos em que Nagasáqui era um porto lusitano e a religião católica ali vicejava. Mas ainda é possível ouvir-se o português sendo falado nas ruas de Tóquio, principalmente pelos imigrantes brasileiros (decasséguis), que com suas famílias constituem um grupo de falantes do português bastante significativo.

Em Macau, assim como na China Continental, a procura pelo aprendizado da língua portuguesa vem crescendo, graças ao interesse do Governo chinês, que está apostando no comércio com os países de Língua Portuguesa, como o Brasil e os PALOP – considerados um mercado promissor. O Timor-Leste, por sua vez, é uma jovem nação (2002) que tem o português como uma de suas duas línguas oficiais, ao lado do tétum, ambas garantidas pela Constituição. A partir daí, uma interessante política de revitalização da língua vem sendo implementada, contando com a colaboração de Portugal e do Brasil.

1. JAPÃO

Em 1549, seis anos depois da chegada dos comerciantes portugueses, o missionário jesuíta Francisco Xavier desembarcava no Japão no porto de Kagoshima, ao sul do Japão, na região de Kyūshū. Para se ter uma ideia da abrangência do projeto evangelizador da Companhia de Jesus, vale

a pena lembrar que naquele mesmo ano, também chegava à Bahia como parte da comitiva de Tomé de Souza, primeiro governador-geral do Brasil, um grupo de jesuítas chefiado pelo padre Manoel da Nóbrega que teria grande influência na colônia americana.

Naquele momento, o Japão vivia um período de construção nacional com o fim das guerras feudais; enquanto o comércio com a China havia sido interrompido por causa dos ataques de piratas denominados wakō. Daí a janela de oportunidade que os portugueses não deixaram de aproveitar em termos comerciais. Dessa maneira, juntamente com o comércio vem a religião católica, provocando profundo abalo na vida espiritual dos japoneses, que até então haviam se limitado aos ensinamentos religiosos orientais, como o xintoísmo, budismo e confucionismo. Mesmo o islamismo, prática religiosa que teve origem no Médio Oriente e atingiu a Índia e partes do sudeste Asiático não chegou até as ilhas japonesas, daí a estranheza que pode ter causado nos primeiros tempos a religião cristã no Japão.

Seis anos depois da chegada dos primeiros lusitanos a Tanegashima, precisamente a 15 de agosto de 1549, dia da Ascensão de Nossa Senhora, desembarcavam no porto de Kagoshima, feudo de Satsuma, no extremo sul da ilha de Kyūshū, de um junco chinês, três europeus em trajes até então não vistos no Japão: eram sacerdotes jesuítas, chefiados por Francisco Xavier, com suas batinas escuras. No começo do seu contato com os padres jesuítas, muitos nipônicos acreditavam que a nova religião vinda da Índia, representava uma nova seita do budismo. Alguns ouviram a pregação de Xavier e se converteram, julgando tratar-se o Cristianismo efetivamente uma nova seita budista. (Yamashiro, 1989:52)

Em seguida, Francisco Xavier resolve se dirigir a Kyōto, centro do poder no Japão, para discutir com as maiores autoridades do país a sua missão religiosa. "Ele perspicazmente percebeu que o meio mais eficiente de difundir o Cristianismo entre o povo japonês era começar pelas altas esferas" (Yamashiro, 1989:52). De fato, ele consegue um prodígio de 1.000 conversões, com a ajuda de seus companheiros jesuítas e do primeiro cristão japonês, Paulo da Santa Fé, que encontrou Xavier pela primeira vez em Malaca e aprendeu o português em Goa, servindo de intérprete e guia nas andanças pelo Japão.

Nagasáqui, na costa oeste de Kyūshū, foi o porto escolhido pelos navegantes portugueses para fazer parte das rotas de comércio lusitanas.

Assim, com o tempo essa cidade se tornou também a capital do Cristianismo no Japão. O trabalho catequista dos jesuítas prossegue, ao mesmo tempo que se constroem novas igrejas, santas casas de misericórdia, escolas e seminários.

Por volta de 1580, o número de cristãos japoneses atinge 150 mil, contando com 200 igrejas. Para formar religiosos que auxiliassem na missão o padre Valignano cria um colégio em Macau, que na época era o principal centro do comércio lusitano no leste asiático. O colégio jesuíta de Macau foi inaugurado em 1593 e destinava-se a formar futuros missionários jesuítas que deveriam atuar não só no Japão como na China e Indochina.

Porém, em 1587, inesperadamente o poderoso daimyô Toyotomi Hideyoshi baixa um edito ordenando a todos os barões feudais que expulsassem os missionários católicos de seus domínios. No seu espírito surgiu a suspeita de que os sacerdotes estrangeiros, não somente visavam a conversão do povo japonês à religião cristã, como procuravam estabelecer o poder político lusitano e/ou espanhol nas ilhas nipônicas. Deve ter tido conhecimento do que aconteceu na Índia, Malaca e Filipinas.

Suspeita-se que, como tivesse terminada a campanha de pacificação de Kyûshû, contando com a colaboração de daimyôs cristãos, o potentado não precisasse mais do apoio dos padres jesuítas. Pode ter contribuído para esse desfecho também a intriga dos protestantes ingleses e holandeses, num prolongamento da disputa religiosa que fervilhava na Europa naqueles dias e, evidentemente, refletia a decisão calcada sobre interesses comerciais.

Mas, a pregação do evangelho não seria facilmente intimidada, prosseguindo e até se intensificando, apesar das medidas de repressão adotadas por Hideyoshi. Pois, além dos jesuítas, outros missionários católicos também partem para o Japão, como os franciscanos, dominicanos e agostinianos. Eles entram clandestinamente no país onde permanecem sob a proteção de devotos fiéis, escondendo-se em pequenas aldeias.

Entre intrigas e conflitos com o clero budista, de grande influência no Japão, causados sobretudo por diferentes visões de mundo, o Cristianismo começa a ser contestado. Pois: "Em seus fundamentados doutrínarios, o evangelho de Cristo é mais liberal do que as religiões tradicionalmente praticadas no país. A própria concepção de um Deus onipotente parece uma temeridade à mentalidade ultra feudal do xogunato, portanto, tal conceito representa séria ameaça à suprema autoridade absoluta do xogum" (Yamashiro, 1989:74). É nesse contexto que a 10 de agosto de 1622, cinquenta e cinco católicos foram crucificados ou executados à

espada em Nagasáqui, no que ficou conhecido como o "grande martírio".

Enquanto isso, na Europa, a Espanha entrava em guerra contra a Holanda, o que repercutiu em diversos pontos do mundo, inclusive no Brasil, com a invasão holandesa na Bahia e depois em Pernambuco (1624-54). Isso se deu porque naquele período, com a união dinástica entre Portugal e Espanha o Brasil ficava subordinado à política internacional ditada pela Espanha, que baniu o comércio com os holandeses. Estes, por sua vez, fundam a Companhia das Índias Orientais para competir com comércio português no Oriente.

No Brasil e em Angola forças luso-brasileiras conseguem expulsar os holandeses, porém no Oriente os holandeses se saíram melhor, conseguindo conservar a sua feitoria de Dejima, em Nagasáqui, que fica subordinada ao governador-geral holandês sediado em Batávia (Jacarta). Iniciando-se para eles um período de prosperidade no Oriente, em detrimento dos portugueses. Acabam finalmente por conseguir a exclusividade sobre o comércio com o Japão. Lá permanecendo, mesmo durante o período de isolamento do país, período em que Nagasáqui passou a ser o único porto autorizado para o comércio com o Ocidente, enquanto os holandeses eram os seus únicos beneficiários. O comércio com o exterior se restringe ao máximo e as embarcações portuguesas são proibidas de entrar nos portos do Japão. Inicia-se assim o período denominado *sakoku* (país fechado), que duraria 260 anos. Quanto a religião católica, sob o regime da dinastia Tokugawa são tomadas medidas ainda mais rigorosas em seu prejuízo.

Com a expulsão dos missionários e comerciantes portugueses em 1639 os contatos foram interrompidos pelo menos até a Era Meiji (1868-1912). No entanto, fingindo seguir as práticas budistas, muitos japoneses cultuam secretamente a doutrina cristã para escapar da repressão.

Na clandestinidade, o catolicismo sobrevive no Japão dos Tokugawa, cultuado às escondidas, por famílias de algumas áreas de Kyûshû. E ressurge na era Meiji, com o fim do regime feudal e a instituição da liberdade religiosa. Mas, é preciso ver os acontecimentos no Japão no contexto das rotas do oriente. Macau, por exemplo, cidade portuária no sul da China, situada a pouca distância de Hong Kong, cresceu e prosperou com o desenvolvimento do comércio com o Japão. Os navios portugueses procedentes da Índia chegavam a Nagasáqui, passando por Malaca e Macau. Assim como, quando os jesuítas e seus seguidores são expulsos do Japão é em Macau que eles se refugiam.

1.1 O PORTUGUÊS BRASILEIRO

Atualmente, são poucos os vestígios que permaneceram daqueles tempos em que Nagasáqui era um porto lusitano e a religião católica ali vicejava. A realidade agora é bem outra e o português que se ouve nas ruas de Tóquio é falada principalmente pelos imigrantes brasileiros (decaissé-guis). Estima-se que haja por volta de 200 mil trabalhadores brasileiros no Japão, constituindo com suas famílias um grupo de falantes do português tão significativo quanto o de Macau ou mesmo Timor-Leste. Embora esse número seja flutuante, oscilando conforme a demanda por trabalhadores estrangeiros e as crises internacionais.

O que motivou o deslocamentos desse falantes do português para o Japão, a partir de 1980 foram motivos pessoais e a situação econômica por que passava o Brasil naquela década. Segundo o Ministério das Relações Exteriores (MRE):

O principal fator a impulsionar a emigração, pelo lado brasileiro, foi a situação econômica adversa enfrentada pelo País no final da década de 1980 e início da de 1990. A busca por melhores condições de vida pautou o próprio perfil da nascente comunidade brasileira no Japão: tratava-se de população no auge da vida produtiva, que viajava com o objetivo de trabalhar, economizar e retornar ao Brasil em futuro próximo. Contudo, à semelhança da história de seus avós, que vieram para "fazer a América" com a intenção de logo regressar ao país natal, muitos compatriotas terminaram por fixar-se no Japão. (Itamaraty, 2014)

A partir daí, formou-se uma comunidade brasileira concentrada principalmente na região sudeste do Japão, onde se localizam as fábricas de algumas das principais montadoras japonesas de veículos, segundo o Itamaraty (2012) a distribuição dessa população é a seguinte em termos geográficos: Aichi (50.529 compatriotas), Shizuoka (29.668), Mie (13.324), Gunma (12.194) e Gifu (11.530). Essa comunidade, apesar de ser composta em sua maioria de descendentes de japoneses (nikkeis) emigrados para o Brasil a partir de 1908, não se encontra homogeneamente integrada à sociedade japonesa atual, possuindo suas necessidades e objetivos próprios. A educação dos filhos num ambiente bilíngue é apenas um dos problemas sensíveis enfrentados pelos brasileiros residentes no Japão. Pois,

dos 190 mil compatriotas residentes no Japão, cerca de 23% tem até 19 anos. Essa grande proporção de crianças e adolescentes traz desafios tanto para as famílias que pretendem retornar ao Brasil, pois precisam preparar esses jovens para ingressar em universidades e no mercado de trabalho do País, quanto para os que pensam em ficar no Japão, onde o domínio do japonês é fundamental. (Itamaraty, 2104)

Portanto, essa comunidade tem necessidades linguísticas específicas que o poder local procura atender na medida do possível. Embora existam pelo menos 90 escolas dedicadas ao ensino bilíngue para os filhos de brasileiros, não há políticas públicas explícitas para atender às necessidades dessa população. O governo brasileiro abriu o "Escritório Experimental Casa do Trabalhador Brasileiro", em Hamamatsu, como uma iniciativa pioneira do Ministério do Trabalho e Emprego do Brasil em parceria com o Ministério das Relações Exteriores, com a seguinte finalidade de levar mais informação e apoio aos trabalhadores brasileiros que vivem no Japão. "Na Casa, os brasileiros encontram um atendimento individualizado, oferecido em português e podem esclarecer dúvidas sobre direitos e deveres trabalhistas no Japão e no Brasil, programas de capacitação profissional, mercado de trabalho brasileiro e japonês ou serem encaminhados a serviços especializados no Japão" (MTE, 2014). Esse projeto também facilitará que o governo brasileiro se aproxime mais da comunidade de trabalhadores brasileiros no Japão, suas necessidades e conhecimento da legislação trabalhista. Essa iniciativa do governo brasileiro vem bem a calhar, num momento difícil para a comunidade de trabalhadores estrangeiros no Japão, pois muitos trabalhadores são obrigados a retornarem ao Brasil.

O número de trabalhadores brasileiros no Japão caiu 6,3%, ou 6.386 pessoas, com o mês de outubro de 2013, registrando 95.505 pessoas, anunciou o Ministério do Trabalho e Bem-Estar japonês. Além disso, os peruanos mostraram uma pequena queda de 0,3% para até 23.189 pessoas. Estes números foram publicados em 31 de janeiro pelo ministério, o relatório é feito anualmente desde 2007, quando o governo japonês obrigou as empresas nacionais sempre informar quando contratam estrangeiros. De acordo com o ministério, no total, existem atualmente 717.504 trabalhadores estrangeiros, um aumento de 5,1% em relação ao mesmo mês de 2012. (International Press, 2014)¹⁵²

Nesse contexto, o futuro dessa comunidade é incerto, uma vez que, a partir da crise internacional que teve início em 2007, o número de trabalhadores brasileiros no Japão está diminuindo.

Os decasséguis, ou trabalhadores temporários, foram as primeiras vítimas dos efeitos da recessão no Japão. Dos 317 000 brasileiros lá instalados, estima-se que entre 38 000 e 51 000 terão de retornar ao Brasil até o fim do mês que vem. A premência da volta não é resultado apenas da perda do emprego, que deve atingir pelo menos 30 000 brasileiros até março, quando termina o ano fiscal japonês. Boa parte dos decasséguis vive com a família em apartamentos providenciados pelas empregadoras que lhes arrumam trabalho – e que são responsáveis pelo repasse dos seus pagamentos. Como elas descontam diretamente dos salários o valor dos aluguéis, com o fim do emprego e do ordenado os decasséguis perdem também o seu teto. (Magalhães, Revista Veja – 25/02/2009)

Porém, mesmo com a crise internacional e a diminuição da demanda por trabalhadores estrangeiros no Japão, os brasileiros são a segunda maior força de trabalho estrangeira. Portanto, espera-se que com a superação da crise, esse número deva se estabilizar.

Quanto ao ensino do português no Japão, além dos cursos de português como segunda língua, há os cursos nas universidades de Sophia (Tóquio) e algumas Universidades Federais e de Línguas Estrangeiras (Tóquio e Osaka). No Japão, existem várias escolas dedicadas ao ensino dos filhos dos trabalhadores brasileiros. Atualmente são cerca de 44 escolas brasileiras homologadas, 17 não homologadas e 11 parcialmente homologadas, segundo dados da Embaixada Brasileira no Japão, sendo que neste ano ocorreram diversas fusões de escolas devido a diminuição do número de alunos em decorrência do retorno de várias famílias para o Brasil. Sendo que nove escolas são reconhecidas pelo governo Japonês como miscellaneous school. (Sakamoto, 2012)

Mesmo assim, são muitas as dificuldades enfrentadas pelas crianças brasileiras residentes no Japão para dominar a linguagem num contexto de bilinguismo, falando português em casa e japonês na escola.

Nascidas de uma necessidade concreta, as escolas brasileiras não foram pensadas para enfrentar as muitas implicações de uma criança bilíngue. As primeiras escolas brasileiras no Japão foram criadas para que os filhos dos trabalhadores tivessem um lugar para ficar, isto por que o fator trabalho/economia é o mais importante – é um pensamento que se irradia na comunidade. A escola cumprindo o papel da família no quesito cuidar.

Há casos de crianças brasileiras que passaram por essa experiência no Japão, cujos pais descendentes de japoneses que já tinham uma vivência de falar japonês em casa, mas falavam português na escola brasileira. No Japão, esse ambiente linguístico foi invertido – passaram a falar português em casa e japonês na escola.

Há diversas escolas brasileiras no Japão dedicadas aos filhos dos imigrantes brasileiros, mas muitos pais acabam por optar pela escola japonesa, uma vez que o curso é gratuito e seus filhos mais cedo ou mais tarde terão que enfrentar a sociedade japonesa e o contexto da cultura local.

A situação dessas crianças pode ficar ainda mais complicada, quando os pais são obrigados a retornar para o Brasil e enfrentar novamente a escola brasileira, num novo desafio social e cognitivo, como acontece com a família de alguns trabalhadores temporários brasileiros.

Do ponto de vista antropológico, o bilinguismo pode ser cultural, quando se domina as duas culturas ou bilinguismo com renúncia da própria identidade, quando se abandona a cultura da língua materna e se adota os valores culturais e sociais relacionadas à segunda língua (L2).

2. MACAU

Os navegantes portugueses alcançaram o sul da China, por volta de 1516, sendo que primeiro posto comercial foi estabelecido em Macau em 1557, como o primeiro porto a viabilizar regularmente o comércio oceânico entre a China e a Europa. A partir daí, tem início uma longa história de trocas de mercadorias, mas não só isso. Trocas culturais também ocorreram, inclusive com a introdução de uma nova língua e uma nova religião no contexto asiático. Seguiram-se quatro séculos de contatos ininterruptos, até a transferência de soberania de Macau para a República Popular da China (RPC) que se deu em 20 de dezembro de 1999.

Atualmente, respeitando a “Declaração Conjunta Sino-Portuguesa sobre a Questão de Macau” que entrou em vigor na ocasião da transferência da administração portuguesa para a Região Administrativa Especial de Macau (RAEM), vinculada à China, o português permanecerá como língua oficial, ao lado do cantonês, até o ano de 2049; embora seja falado apenas por uma minoria linguística. A questão é controversa, mas o fato é que a nossa língua é ali legalmente protegida e ensinada em respeito à legislação estabelecida. Assim, pode-se dizer que atualmente, “a região vive uma fase de transição, em que o português volta a ganhar importância e, ainda que timidamente, a recuperar o seu espaço. Esse fato pode,

em um futuro próximo, tornar Macau o grande centro difusor da língua portuguesa para toda a Ásia” (SIPLE, 2014).

No século XVI, preocupados em ganhar os corações dos macaenses, os padres católicos não apenas se dispuseram a aprender a língua chinesa como também promoveram o ensino da língua portuguesa. A partir daí, desenrola-se um verdadeiro intercâmbio cultural entre a Ásia e a Europa. A fachada do Colégio de São Paulo é apenas um dos monumentos erguido nos primeiros tempos desse intercâmbio; ali em pé desde 1594 – sendo hoje uma das atrações turística mais visitadas da cidade de Macau. Portanto, o ensino da língua portuguesa feito pelos jesuítas pode ser considerado como tendo sido bem-sucedido; ao menos até a expulsão desses religiosos, em 1762, decretada pelo Marquês de Pombal. O governo, por sua vez, passa a assumir o ensino em Macau somente a partir dos últimos anos do século XIX. “Por este período, é instituída uma escola de instrução primária elementar para os chineses. Neste contexto, haveria dois espaços que se desenvolveriam no futuro: um deles são os cursos de difusão da língua portuguesa e o outro, as escolas luso-chinesas” (SIPLE, 2014). Em nível universitário, o ensino da língua portuguesa a data de referência é 1980, quando foi fundada a Universidade da Ásia Oriental, hoje Universidade de Macau. Em 1990, foi aberto o Departamento de Estudos Portugueses, tornando-se um núcleo para a formação de professores de Português como Língua Não-Materna (PLMN). Mesmo assim, temos que reconhecer que a língua portuguesa em Macau é patrimônio de uma minoria.

2.2 PANORAMA ATUAL

Presentemente, a Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) comporta uma população de mais de 550.000 habitantes; dos quais 90 % são chineses ali nascidos e imigrantes provenientes da China Continental. Entretanto a cidade guarda uma configuração sociopolítica e cultural *sui generis* em função da presença da comunidade portuguesa, historicamente no território desde o século XVI; além de imigrantes vindos mais recentemente das Filipinas, da Tailândia e Rússia; assim como de países africanos lusófonos (PALOP). Em contrapartida, a miscigenação entre portugueses e asiáticos deu origem a uma comunidade multiétnica que são os popularmente conhecidos como os “filhos da terra”.

Há a comunidade macaense, descendentes de portugueses e asiáticos, principal grupo de usuários de uma variante local do português (Baxter, 2009) e que são também falantes de Cantonês. Há a comunidade portuguesa – a mais expressiva –, a de Goa, Damão e Diu, as dos PALOP cuja base é norma europeia, e um pequeno grupo de falantes nativos da norma brasileira. (SIPLE, 2014)

Além disso, como herança do período da administração portuguesa, há um significativo número de chineses que trabalham no setor público, sendo que muitos deles estudaram em escolas cuja língua veicular era o português. Embora, nas interações cotidianas o português tenha perdido o seu papel como veículo de comunicação, a procura pelo seu aprendizado vem crescendo na China continental e em Macau, graças ao interesse do Governo chinês, que está apostando no comércio com os países de Língua Portuguesa, como o Brasil e os PALOP – considerados um mercado promissor.

Nesse contexto, o conhecimento da língua portuguesa pode ser uma vantagem para os interessados em entrar para o mercado de trabalho. Pode-se mesmo dizer que Macau tornou-se uma ponte entre a China e os países de língua portuguesa; inclusive tendo o Brasil, como porta de entrada para os países do Mercosul; Portugal, como porta de entrada para os países da Comunidade Europeia e, não menos importantes: os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, como porta de entrada para o continente africano.

2.3 PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA

Segundo a Sociedade Internacional de Português Língua Estrangeira (SIPLE, 2014), as instituições dedicadas ao ensino da língua portuguesa em Macau são as seguintes:

Instituições em que o português é língua veicular:

- Escola Portuguesa de Macau;
- Seção portuguesa de duas escolas oficiais da RAEM – as escolas Luso-Chinesas – uma escola primária e uma escola secundária;
 - Licenciaturas e Mestrados do Departamento de Português e uma Licenciatura da Faculdade de Direito da Universidade de Macau;
 - Curso de Tradução do Instituto Politécnico de Macau;

- Curso de Administração Pública do Instituto Politécnico de Macau;
- Cursos de licenciatura da Universidade Aberta da Ásia Oriental.

Instituições em que o português está restrito apenas à sala de aula como disciplina de LNM:

- Departamento de Português da Universidade de Macau e Instituto Politécnico de Macau – que oferecem cursos de PLNM para toda a comunidade académica;
- Universidade São José;
- Escolas oficiais da RAEM – as escolas Luso-Chinesas – do Jardim de Infância ao Secundário;
- Instituto Português do Oriente;
- Instituto de Formação Turística;
- Centro de Difusão de Línguas da Direção dos Serviços de Educação e Juventude; e várias escolas particulares, que recebem subsídios do governo quando incluem o português em seus currículos, ainda que como língua de opção.

3. TIMOR-LESTE

O contato dos europeus com as populações que habitavam a ilha de Timor data igualmente do século XVI – no mesmo contexto em que se deu o comércio com a China e o Japão. Sendo que o que buscavam ali os comerciantes era o sândalo, salúífero e cheiroso, que acabou por ser celebrizado nos versos de Camões:

*Ali também Timor, que o lenho manda Sândalo, salúífero e cheiroso; Olha a Sunda, tão larga que ùa banda Esconde pera o Sul dificultoso;*¹⁵³

O comércio dessa árvore aromática foi bastante explorado, principalmente como mercadoria a ser renegociada com os chineses Segundo Oliveira (2014:30):

enquanto os comerciantes portugueses praticavam a exploração daquela madeira exótica, muito valorizada na China, onde era utilizada na confecção de móveis e artefatos de luxo; missionários católicos se estabeleciam no arquipélago, difundindo o cristianismo e

ensinando a língua portuguesa. “Ao longo do tempo, a exploração sem critérios resultou na quase extinção das árvores de sândalo. Porém, a língua portuguesa e a religião católica permaneceram.

Colocando-se no espaço simétrico entre dois grandes oceanos, o Pacífico e o Índico, Timor-Leste faz fronteira terrestre com a Indonésia a oeste; enquanto, ao sul, possui uma extensa fronteira marítima com a Austrália. Seu território consiste na metade de uma ilha contando apenas 18.899 quilômetros quadrados de extensão – aproximadamente do tamanho de Sergipe (21.852 km), um dos menores estados brasileiros. Entretanto, apesar de sua pequenez, Timor-Leste é, por natureza, um território muito diversificado, quer do ponto de vista linguístico, quer do ponto de vista cultural.

Geograficamente falando, “Timor é de origem vulcânica. A ilha integra o chamado ‘Anel de Fogo’, área de intensa atividade sísmica que bordejia os países banhados pelo Pacífico. Nas suas proximidades há uma fossa oceânica ativa” (Waldman, 1997, p. 28). Assim, o país enquadra-se no denominado sudeste Asiático, enquanto do ponto de vista étnico e cultural apresenta mais semelhanças com as ilhas vizinhas da Melanésia, o que o colocaria na Oceania.

Também eram vários os grupos etnolinguísticos, que devido ao terreno acidentado, pouco se comunicavam entre si.

“Nestes ‘nichos ecológicos’, ‘compartimentos territoriais’ fechados em maior ou menor grau, se estabeleceram diversas populações em fluxos sucessivos ao longo de milhares de anos. O vínculo desta diversidade ambiental com a cultural é indiscutível” (Waldman, 1997, p. 29).

A grande quantidade de línguas nativas ali faladas, tornou ainda mais difícil o contato entre a população e os comerciantes portugueses. Sendo que, alguns grupos permaneceram isolados nas montanhas, manifestando grande apego ao lugar em que habitavam.

“O leste-timorense, em princípio animista, situa-se no Universo de acordo com determinadas tradições (transmitidas oralmente), com os antecedentes ou antepassados míticos do grupo, com uma série de forças ou espíritos e com um forte sentimento de pertença ao seu grupo” (Marcos, 1995:16, in: Costa, 2012:22).

Com todas essas dificuldades de mobilidade e comunicação,

Portugal demorou a implantar um plano de colonização efetivo em Timor. A distância da metrópole, a falta de colonos, de recursos

153 Camões, *Os Lusíadas*, Canto X, 134, 1927, p.484.

e o fato de ter sido uma colônia administrada por outra colônia (Goa e depois Macau) são alguns dos motivos para essa demora. O fato é que Timor sempre foi uma colônia deficitária e, consequentemente, muito onerosa para Portugal. Podemos dizer que Timor só não ficou completamente abandonado graças aos missionários, que se estabeleceram na ilha por volta de 1556. A partir daí deram-se os primeiros contatos dos timorenses com a religião católica. (Costa, 2012:12)

Nos 300 anos que se seguiram, a concorrência entre portugueses e holandeses pelo domínio do comércio de sândalo veio a reforçar a divisão entre os dois grandes blocos étnicos – o que acabou por resultar no arranjo geopolítico hoje estabelecido: a parte oriental da ilha, ex-colônia portuguesa, constitui atualmente a República Democrática de Timor-Leste (RDTL); enquanto a parte ocidental se integrou à Indonésia, logo após a Segunda Guerra Mundial.

No entanto, ao longo do período colonial não foi fácil a penetração da língua portuguesa no interior da ilha de Timor. Pode-se dizer que a religião católica foi mais bem-sucedida em sua disseminação na sociedade timorense do que a língua vernácula. Na verdade a língua portuguesa era falada, predominantemente, por uma elite ligada à administração portuguesa cujos filhos estudavam em seminários ou escolas mantidas pela Igreja Católica.

Infelizmente, no momento em que Portugal propunha a descolonização, a Indonésia invade o território, chegando mesmo a proibir a difusão do idioma. A partir daí, desenha-se uma verdadeira política de engenharia linguística. Além de abrir uma universidade de língua indonésia, foi montado um aparato de comunicações de massa, exposições de filmes, jornais, rádio e televisão.

Ao mesmo tempo que aplicavam a sua estratégia política linguística os indonésios faziam tudo para discriminar e erradicar toda mídia que não fosse em Bahasa indonésia. Os livros encontrados em Díli durante o período de ocupação eram escritos em língua indonésia, suprimindo as necessidades curriculares de as crianças, que eram obrigadas a frequentar as escolas indonésias. É evidente que, juntamente com a língua vinha toda uma ideologia, num invólucro de modernidade, que para os timorenses era uma grande novidade.

Por outro lado, os timorenses também tinham as suas estratégias linguísticas para fazer frente ao genocídio cultural. "a destruição resultante da invasão fez despertar no Povo a sabedoria para a transformação numa

arma eficiente de defesa e de resistência". Os líderes da resistência timorense escolheram como Língua Nacional de Timor a Língua Portuguesa. É aí que entra a astúcia política dos timorenses, pois, como bem coloca Benjamin Abdala:

A língua do antigo colonizador tornou-se, assim como o catolicismo, nessa ambiência de marcada polarização política, veículo de expressão libertária contra o genocídio físico e cultural promovido pela ditadura indonésia, que invadiu o país em 1975. [...] Expressar-se em português no Timor Leste, nesse sentido, tornou-se símbolo de identidade nacional dos mauberes e um índice de subversão para a repressão política indonésia, que chegou a proibir até o ensino da língua portuguesa nesse país." (Abdala, in: Garmes, 2004:104)

Com relação à população em geral, pode-se dizer que a política linguística dos indonésios foi bastante eficiente, fundando uma universidade de língua Bahasa indonésia, introduzindo os seus currículos nas escolas do ensino elementar e médio, difundindo a língua indonésia através de modernos meios de comunicações.

É óbvio que 24 anos de ocupação indonésia constituíram uma ruptura significativa nos 500 anos de História de contatos europeus [...] Através da linguagem, especialmente, e em consequência do sistema escolar indonésio, os habitantes de Timor-Leste foram esclerizados acerca da sua identidade indonésia. Escusado será dizer que a História de Timor foi, sem transição, incorporada na História nacional da Indonésia. [...] escusado será dizer que o encerramento da última escola portuguesa em Díli, no rescaldo do massacre de Santa Cruz, em novembro de 1991, o português se tornou uma língua proibida. Efetivamente, sob o regime indonésio, o Bahasa indonésio tornou-se oficializado e língua franca, pelo menos entre os timorenses e não timorenses (Gunn, 2001:22).

Ao que tudo indica, não fosse a reviravolta política que estaria reservada para o final da década de 90, a situação parecia estar consumada; transformando-se na 27ª. "província" indonésia, conforme os planos de Jacarta, Timor Leste era obrigada a aceitar todo o aparato administrativo e político da Indonésia, além de incorporar os códigos de comportamento e a ideologia do regime. Por exemplo,

Outra forma de resistência cultural encontrada pelos timorenses foi uma ampla difusão do tétum como língua franca entre as populações;

“o tétum é um fator de coesão, de identificação, o que em tempos remotos não acontecia; as pessoas não falavam tétum porque não tinham o costume de se deslocar. Ironicamente, a guerra trouxe, de certa forma, uma união, pois devido a ela houve mais deslocamentos de pessoas, que tinham que se comunicar entre si e para tal tiveram que aprender o tétum” (Costa, 2012:47).

Além disso, o tétum também passou a ser utilizado como idioma litúrgico nas missas em todo o território timorense. Esse fato acaba por fortalecer o português como língua de referência – uma vez que o tétum é uma língua em estreito contato com o português, de onde retira a maioria dos termos técnicos e neologismos. Em Timor, diferentemente da maioria dos países coloniais, as marcas culturais do colonizador terminaram objeto de requalificação positiva. Além do catolicismo, a língua portuguesa, virtualmente proibida pelos invasores indonésios, teve seu papel realçado nas lutas de resistência, constituindo a “língua oficial” de Timor-Leste.

São comuns, no seio do povo, nomes e sobrenomes de origem lusitana. Patronímicos como Moniz, Pereira, Lobato, Mendes, Pires, Costa, Gusmão, Silva, Sousa, Coutinho, Gonçalves, Amaral, Mendonça e Araújo estão largamente disseminados na população. O português constitui-se tradicionalmente no idioma dos segmentos instruídos e das camadas urbano-cristianizadas do país. Foi a língua mais utilizada nos informes da resistência em uma das que os timorenses utilizam em seus contatos com o mundo.

“Para plena satisfação dos que prognosticam para o português um papel linguístico de certa importância no contexto da “globalização”, a resistência maubere tem insistido no papel central da língua portuguesa em um Timor-Leste independente. O português atuaria como um dos mais tenazes suportes da identidade nacional timorense, diferenciando-o dos milhões de falantes do Bahasa na Indonésia/Malásia e do inglês em muitos dos países próximos” (Waldman, 1997:36).

Ramos-Horta, por sua vez, que acabara de ganhar o Prêmio Nobel da Paz, declarava em 1996: *“defendemos a reintrodução do português como língua oficial porque ainda há milhares de timorenses que falam o português e porque Timor-Leste simplesmente não poderia sobreviver como indenidade específica sem o português. É o português que garante a identidade de Timor-Leste, é o português que nos diferencia da região, é português que nos permite comunicação, ligação e solidariedade com*

um espaço maior, que é o espaço lusófono” (Folha de São Paulo, 21/10/1996, in: Waldman, 1997:37)

O escritor timorense Luís Cardoso, também, tem opinião semelhante quanto à escolha da língua portuguesa como língua oficial da República Democrática de Timor-Leste:

É uma questão político-estratégica para Timor. Um Estado falar português é mais vantajoso do que falar Bahasa politicamente. Isso permite manter uma identidade e a coisa mais correta que se fez foi isso. Não é do ponto de vista saudosista, como muitos portugueses pretendem fazer crer, “eles gostam de nós, têm saudades de nós”. Não! Os timorenses, quando escolheram, sabiam por que queriam aquilo, porque queriam a língua portuguesa. Do ponto de vista de sobrevivência do Estado timorense, foi o melhor que se podia fazer. Se tivesse utilizado a língua inglesa, também seria pior, porque a Austrália estava ali ao lado, passado o tempo e Timor ainda não tinha essa identidade. (Entrevista, em Costa, 2012, anexos)

Da mesma maneira que os brasileiros, os angolanos e os moçambicanos chegaram ao ponto de desenvolver sua própria versão da língua portuguesa; *“Em Timor, devemos chegar a esse ponto, mas isso exige um tempo. Eu acho que deve-se andar num sentido em que o tétum e o português, que já está a se fazer agora, caminhem para um ponto de comunhão.”* Como já vem acontecendo: *“O tétum que se vai falar em Timor é um tétum com uma grande quantidade de vocábulos portugueses. E por que não podemos falar um português, digamos assim, tetunizado?”* (Cardoso, in: Costa, 2012)

Luís Cardoso sente-se mais confortável escrevendo em português. A língua portuguesa tem um significado especial para ele. *“Foi um gosto especial que fui criando: eu fui alimentando isso ao longo dos anos, e agora tive uma oportunidade e comecei a escrever.”*

Assim, ele manifesta uma relação afetiva muito grande como o idioma: *“É como se estivesse casando com a língua portuguesa, quer dizer foi uma escolha minha pessoal. A gente casa com quem a gente quer e eu casei-me com a língua portuguesa embora eu consiga dizer que minha materna é o tétum, mas a língua portuguesa é a língua com a qual eu me casei”.* (Idem) 154

Para D. Carlos Filipe Ximenes Belo, bispo de Díli nos tempos da resistência timorense, a língua portuguesa foi ao mesmo tempo uma janela para o mundo e um fator de preservação da identidade nacional:

Num mundo globalizado, o atual panorama da existência de 4 Línguas em Timor (Tétum, Português, Inglês e Bahasa Indonésia), é enriquecedor e vantajoso. Pois cada Língua é uma janela aberta para o Mundo. Por outro lado está o orgulho da preservação da própria identidade nacional. E aqui vale a mensagem do Poeta: “A minha Pátria é a minha língua” (Fernando Pessoa) (Notícias sic – para notícias da AICL – Colóquios da Lusofonia. Em 08-03-14)

Portanto, Timor-Leste é um caso especial: a jovem nação resultou de um doloroso processo de independência, iniciado em 1974, acabando por optar pelo português como uma de suas duas línguas oficiais, ao lado do tétum, ambas garantidas pela Constituição. Não obstante, o país não é um caso isolado de ocorrência do português no Oriente. Timor-Leste também é membro integrante da CPLP desde 2002. A partir daí, uma interessante política de revitalização da língua vem sendo implementada, contando com a colaboração de Portugal e do Brasil.

Como vimos no caso de Macau, Japão e finalizando com Timor-Leste, com base na história social antiga e recente e os dados populacionais sobre esses três territórios linguísticos, podemos dizer que a língua portuguesa continuará tendo, num futuro próximo, seu espaço de destaque nesse espaço emergente que é o leste Asiático.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abdala, Benjamin (2004) “Timor, nos horizontes da língua portuguesa”, In: GARMES, Hélder (org.). *Oriente, engenho e arte*, Coleção Atlântica. São Paulo: Alameda.

Costa, Leticia Villela Lima (2012) *Metáforas do mosaico: Timor Leste em Ruy Cinatti e Luís Cardoso*. Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo na área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa. São Paulo: FFLCH-USP.

Gunn, Geoffrey (1999) *C. Timor Loro'Sae: 500 anos*. Macau: Livros Oriente.

Martins Janeira, Armando (1970) *O impacto Português sobre a civilização japonesa*. Lisboa: Dom Quixote.

Sakamoto, Tarô (1965) *Nippon-shi (História do Japão)*, Tóquio: Editora Yamakawa.

Oliveira, Edson Luiz (2014) *A nascente literatura de língua portuguesa em Timor-Leste*. São Paulo: FFLCH-USP (inédito).

Yamashiro, José (1989) *Choque luso no Japão dos séculos XVI E XVII*. São Paulo: IBRASA.

Waldman, Maurício/SERRANO, Carlos (1997) *Brava gente de Timor, a saga do povo maubere*. São Paulo: Xamã Editora.

SÍTIOS NA INTERNET

SIPLE (2014) – Sociedade Internacional de Português Língua Estrangeira.

International Press (2014) “Trabalhadores brasileiros no Japão reduziram 6,3% em 2013”.

MTE - Escritório Experimental Casa do Trabalhador Brasileiro em Hamamatsu – http://www3.mte.gov.br/casa_japao/

Magalhães, Naiara. “Desemprego interrompe o sonho decasségui” Revista Veja, edição 2101, 25/02/2009.

Ximenes Belo, Carlos Filipe Bispo (2014) *A Língua Portuguesa em Timor-Leste*. Disponível em: Notícias sic – para notícias da AICL – Colóquios da Lusofonia, em 08/03/14.

Ministério das Relações Exteriores. Blog Diplomacia Pública. Laços de amizade, confiança e respeito: a comunidade brasileira no Japão.

53. PAULA LIMÃO, UNIVERSIDADE DE PERUGIA, ITÁLIA. DE-PAIVA@ALICE.IT; DEPAIVA@UNIPG.IT



PAULA CRISTINA DE PAIVA LIMÃO é Licenciada em História na Faculdade de Letras de Lisboa (1991);

Mestrado em História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa (FLUL) – 1995.

Assistente do Departamento de História (FLUL) de 1992 a 1996;

Assistente de investigação na Universidade Europeia (IUE) em Florença de 1996 a 1998;

Leitora do Instituto Camões (de 1998 a 2001) e

Leitora reitoral (de 2001 a 2007) na Faculdade de Letras e Filosofia da Universidade de Perugia;

Ricercatrice na Universidade de Perugia desde 2007, onde leciona Língua e Linguística portuguesa e desenvolve atividade de investigação no âmbito da linguística contrastiva.

É SÓCIO DA AICL

TOMOU PARTE NOS COLÓQUIOS DA LAGOA 2009 E BRAGANÇA 2010

TEMA 2.1. EMIGRAÇÃO E IDENTIDADE LINGUÍSTICA: O CASO DO “PORTINGLÊS”.
(TRABALHO FINAL NÃO ENVIADO DENTRO DOS PRAZOS)

**54. (ANTÓNIO) PEDRO TEIXEIRA e
55. PAULO PEIXOTO, EBI MAIA**

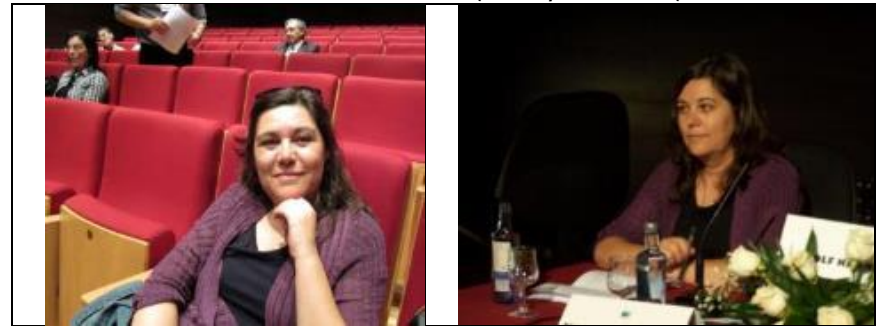


JÁ PARTICIPARAM NO 19º COLÓQUIO, MAIA 2013 COM UM POEMA MUSICADO DE ÁLAMO OLIVEIRA E OUTRAS COMPOSIÇÕES.

TOMAM PARTE NA HOMENAGEM DOS 40 ANOS DE ABRIL COM UM QUINTETO MUSICAL



56. PERPÉTUA DOS SANTOS SILVA, CIES/ISCTE-IUL, PORTUGAL



Perpétua Santos Silva é socióloga, investigadora do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia – CIES/ISCTE-IUL, na linha de investigação “Desigualdades, Migrações e Territórios”.

Desenvolve o seu trabalho sobre a realidade de Macau, tendo as suas teses de mestrado e de doutoramento tratado a temática da língua portuguesa nesta Região.

As suas principais áreas de interesse são: metodologias de investigação, sociologia da cultura, sociologia da língua, etnicidade, migrações e identidades. Tem desenvolvido investigação sobre a temática da língua e da cultura portuguesas em Macau.

É SÓCIO DA AICL.

PARTICIPOU EM BRAGANÇA 2009, 2010, MACAU 2011, GALIZA 2012, MAIA 2013

PERTENCE AO SECRETARIADO EXECUTIVO DO COLÓQUIO

TEMA 1.8 LÍNGUAS DE USO E USO DA LÍNGUA PORTUGUESA EM MACAU, PERPÉTUA S SILVA CIES/INVESTIGADORA ISCTE-IUL/ DOCENTE NA ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO – I. P. SANTARÉM

[Ver aqui PowerPoint antes de ler artigo](#)

Em Macau a língua de uso corrente mais falada é o cantonês não sendo a língua portuguesa uma língua de uso generalizado e encontrando-se, aparentemente, em posição pouco vantajosa quando considerado o peso das outras línguas em presença no território.

Contudo, como é amplamente conhecido, o número de estudantes de português aumentou significativamente após a transferência do exercício

de soberania e na China Continental é cada vez maior o número de instituições de ensino superior a apresentar o português na sua oferta de formação.

Procuraremos dar a conhecer os espaços, as situações e a frequência de utilização da língua portuguesa em Macau na atualidade, considerando, também, a perceção que os aprendentes, maioritariamente de origem chinesa, têm quanto à posição do português no panorama linguístico regional.

1. INTRODUÇÃO

Desde a constituição de Macau como Região Administrativa Especial da República Popular da China, em 1999, que a temática da língua portuguesa naquela Região tem vindo a conhecer um interesse crescente – não obstante o seu número de falantes maternos, ou como primeiro língua, ser diminuto sendo a língua de uso corrente mais usada o cantonês e encontrando-se o português, aparentemente, em posição pouco vantajosa quando considerado o peso de outras línguas em presença no território.

São vários os fatores que têm levado a que cada vez maior número de indivíduos procure aprender o português, em Macau e na China, sendo as razões de ordem económica e o valor percebido quanto à utilidade da língua em contextos mais alargados as principais razões apontadas por aqueles que têm vindo a desenvolver lógicas de aproximação à língua portuguesa.

Já nos ocupámos, em comunicações anteriores aos Colóquios da Lusofonia, de tais razões e de algumas representações manifestadas pelos estudantes de português na RAEM. Procuraremos, desta vez, dar a conhecer alguns espaços, situações e frequência de utilização da língua portuguesa em Macau na atualidade, considerando, também, a perceção que os aprendentes, maioritariamente de origem chinesa, têm quanto à posição do português no panorama linguístico regional.

A informação apresentada decorre de um trabalho de investigação mais amplo, do qual resultou a apresentação da dissertação de doutoramento da autora, submetida a provas públicas em 2012, de que se apresentam agora apenas alguns dados ilustrativos da utilização que os estudantes de português fazem desta língua, em alguns cenários possíveis. Os dados apresentados foram recolhidos através de inquérito por questioná-

rio aplicado a estudantes em várias instituições de ensino de Macau (foram tratados 1639 questionários), tendo posteriormente sido revalidada a informação com recurso a metodologias qualitativas, nomeadamente através da realização de entrevistas, constituição de grupos de discussão e observação direta.

2. ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DA POPULAÇÃO INQUIRIDA: CONTEXTOS FAMILIARES E GRAU DE FAMILIARIDADE COM A LÍNGUA

Não obstante a predominante componente chinesa na composição da população, Macau configura uma realidade pluriétnica e multilingue, sendo, portanto, importante tentar perceber de que forma é que essa realidade se espelha no universo dos nossos inquiridos através de uma leitura dos seus contextos familiares.

Tendo em conta a importância que o ambiente familiar e do meio onde os indivíduos se inserem pode ter no que respeita à adoção e utilização de uma língua tentou-se conhecer a situação linguística familiar, procurando estabelecer o *grau de familiaridade* dos estudantes com a língua portuguesa, equacionando, igualmente, origens territoriais e, sendo o caso, permanência das suas famílias em Macau.

A designação de uma língua segundo o *grau de familiaridade* normalmente expressa-se em termos de língua materna (LM), língua segunda (L2) e língua estrangeira (LE). Esta terminologia, aparentemente simples e de fácil operacionalização, poderá revelar-se menos natural e clara do que parece à partida, principalmente quando os conceitos são aplicados a contextos multilingues como é o caso de Macau.

A noção de LM pode referir-se a várias e diferentes situações: a(s) língua(s) que cada um de nós aprendeu em primeiro lugar; a(s) línguas com a(s) qual(is) nos identificamos como falantes nativos ou pela(s) qual(is) somos identificados por terceiros; a(s) língua(s) que conhecemos melhor ou a(s) que mais usamos. Não é, necessariamente, uma língua única, nem a língua da mãe e, por vezes, não corresponde sequer à língua de nenhum dos ascendentes.

Quanto à noção de *língua estrangeira*, desde logo, uma mesma língua, num mesmo espaço, pode apresentar-se como língua estrangeira para uns enquanto para outros não o é, podendo ser língua materna ou língua segunda, pelo que o conceito se refere à língua que é *percebida como estrangeira por cada indivíduo, relativamente à qual pode existir uma ou*

várias das seguintes situações: distância material, que pressupõe distanciamento geográfico, dificuldade de contactos directos com falantes nativos; distância cultural, relacionada com diferentes estilos de vida e circunstâncias socioeconómicas, ideológicas e religiosas; distância psicológica entre os falantes da língua enquanto LE e os falantes nativos da mesma língua e, por último, a distância linguística, considerada em termos de famílias de línguas, podendo as diferenças ser ao nível da fonética, do léxico, da sintaxe e da forma de escrita (Defays, 2003:30).

A língua segunda situar-se-á entre a LM e a LE, sendo um conceito que surge frequentemente por referência à situação linguística pós-independência de países que foram colonizados e nos quais se continua a usar a língua do país colonizador, sendo muitas vezes usada como língua de escolarização, não podendo considerar-se o grau de familiaridade de um considerável número de indivíduos com a mesma nem em termos de LM nem de LE.

Nenhuma das três noções poderá ser considerada como suficientemente clara e ilustrativa das várias situações possíveis. Alguns autores propõem, por isso, outras formas de diferenciação na relação dos indivíduos com as línguas que conhecem. Uma proposta que nos parece particularmente interessante é a que aborda esta questão introduzindo quatro critérios:

- 1) considerando a *cronologia* de aquisição das línguas – primeira, segunda, terceira...;
- 2) considerando o uso de cada língua – corrente, familiar, profissional; veicular...;
- 3) considerando uma certa *hierarquia* entre línguas – principal, secundária;
- 4) considerando uma *topologia* das línguas – local, nacional, internacional, de origem, de adoção (Ager, 1997:25).

De certa forma, usamos aqui um entendimento que faz apelo a aspetos de uma e de outra abordagem. Questionámos os indivíduos no que respeita à LM considerando-a como a primeira língua aprendida em contexto familiar, tentando posteriormente compreender qual ou quais as línguas de uso de cada inquirido e o uso específico que fazem do português.

De acordo com a informação recolhida [Tabela 1], fácil seria afirmar que os nossos inquiridos têm, maioritariamente, como LM o cantonês (70.0% dos casos) e que o português é a LM apenas para 8.2% dos alunos que responderam a esta questão. Os restantes 21.8% dividem-se, basicamente, entre o mandarim (11.3%), outros dialetos chineses (5.0%) e a combinatória de

duas variantes da língua chinesa (1.9%) o que, na realidade, faz aumentar o conjunto dos que têm a língua chinesa como LM que passaria a ser de 88.2% do total.

TABELA 1 – LÍNGUA MATERNA

Língua materna	Alunos inquiridos		
	N	%	% acum.
Chinês (cantonês)	1137	70.0	70.0
Chinês (mandarim)	184	11.3	81.3
Chinês (outros dialetos)	81	5.0	86.3
Bilingue (em Chinês)	31	1.9	88.2
Português	134	8.2	96.4
Bilingue (português/cantonês)	22	1.4	97.8
Bilingue (chinês/outra)	3	0.2	98.0
Inglês	12	0.7	98.7
Outra da Ásia	14	0.9	99.6
Outra	7	0.4	100.0
Total	1625	100.0	
N/r, inv.	14		

Fonte: IQ aos estudantes de portugueses

Não obstante todos os perigos decorrentes da utilização do termo, surge como evidente que o português será uma LE para a generalidade dos estudantes. Agrupando os nossos inquiridos em três categorias de acordo com o grau de familiaridade com a língua portuguesa [Tabela 2], encontramos aqueles que a declararam como língua materna (PLM) e que correspondem a 8.2% dos casos; os que a declararam como língua materna a par do cantonês (PCLM), 1.4%, e os que a não declararam como língua materna (PLNM) e que representam a esmagadora maioria dos casos – 90.4%.

TABELA 2 – GRAU DE FAMILIARIDADE COM A LÍNGUA PORTUGUESA

Língua materna	Alunos inquiridos		
	N	%	% acum.
PLM	134	8.2	8.2
PCLM	22	1.4	9.6
PLNM	1470	90.4	100.0
Total	1626	100.0	
N/r, inv.	13		

Fonte: IQ aos estudantes de portugueses

Fizemos a análise da composição linguística das famílias de acordo com estas mesmas categorias, tendo-se percebido que há deslocamento entre a língua materna do inquirido e a língua materna dos seus ascendentes, e que tal se verifica quer em relação à língua portuguesa quer em relação

à língua chinesa, se tivermos em consideração, por exemplo, as diferenças registadas para “outros dialetos chineses” entre o aluno e os pais, e entre os pais e os avós.

Em relação à perda da língua portuguesa como língua materna, tal pode constatar-se não só pelo número inferior de casos que a declararam mas também pelo facto de nos alunos que se enquadram na categoria PLNM [Tabela 3], embora em número não muito significativo, podermos verificar que declararam o português como língua materna de pais e avós. Os dados apontaram, ainda, para o facto de a língua portuguesa surgir mais por via paterna do que por via materna.

TABELA 3 – LÍNGUA MATERNA NA FAMÍLIA (ESTUDANTES COM PLNM)

LM	Pai		Mãe		Avô Pat.		Avó Pat.		Avô Mat.		Avó Mat.	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
cantonês	990	68.5	1012	69.6	772	59.3	811	61.8	797	61.3	818	62.5
mandarim	187	12.9	191	13.1	171	13.1	171	13.0	190	14.6	185	14.1
Chinês (outros)	170	11.8	174	12.0	253	19.4	254	19.3	238	18.3	245	18.7
Bilingue (Chinês)	26	1.8	25	1.7	18	1.4	18	1.4	17	1.3	19	1.5
Português	38	2.6	9	0.6	56	4.3	32	2.4	24	1.8	5	0.4
Bilingue (PT/cant.)	5	0.4	5	0.3	4	0.3	1	0.1	3	0.2	3	0.2
Bilingue (chinês/outra)	2	0.1	2	0.1	1	0.1
Inglês	3	0.2	4	0.2	4	0.3	2	0.2	6	0.5	5	0.4
Outra Ásia	19	1.3	25	1.7	17	1.3	17	1.3	19	1.5	21	1.6
Outra	6	0.4	8	0.6	5	0.4	7	0.5	6	0.5	8	0.6
Total	144	100.	145	100.	130	100.	131	100.	130	100.	130	100.
N/r, inv.	6	0	5	0	1	0	3	0	0	0	9	0
	24		15		169		157		170		161	

Fonte: IQ aos estudantes de português

Ao colocar em evidência a LM do inquirido com a LM declarada para os pais e efetuando o mesmo exercício relativamente a pais e avós percebeu-se que: a) a referência à língua portuguesa surge para um número mais elevado de casos (238 contra os 134 anteriormente identificados), o que demonstra que alguns dos inquiridos perderam esta língua como LM; b) a maior parte dos inquiridos (70.5%) declara que os seus contextos familiares são linguisticamente mistos; c) a língua portuguesa surge nas famílias

bilingues ou multilingues principalmente por via paterna (51.5%); d) o português perde-se como LM para um considerável conjunto de inquiridos: 3 indivíduos em famílias monolíngues e 75 em famílias bilingues ou multilingues, o que representa 32.9% dos alunos oriundos de famílias em que pelo menos um dos seus elementos tem o português como LM.

Encontrámos, ainda, embora em número muito reduzido, 3 casos em que o português é adotado pelo aluno como língua materna, em famílias monolíngues – tendo, um caso, declarado o crioulo cabo-verdiano como língua materna dos seus ascendentes, e os restantes indicado que foram educados por portugueses. A situação contrária também se verifica, igualmente para 3 casos, em que sendo as suas famílias monolíngues em português o aluno perde esta língua como língua materna. Nesta situação encontram-se alunos provenientes da África do Sul.

Parece existir alguma tendência para considerar que o facto de o português ser adquirido por via paterna se constitui como fator facilitador para o seu abandono enquanto LM, uma vez que, teoricamente, a criança interagindo mais com a mãe apreende com maior probabilidade a língua que esta domina, no caso em estudo principalmente o cantonês, facto que explicaria em larga medida a aquisição da língua chinesa em detrimento da língua portuguesa.

Comparando as famílias monolíngues e as famílias multilingues percebe-se, imediatamente, que, de facto, é nas famílias mistas que esta a situação de perda tem maior incidência. No entanto, a representação enunciada parece ser contrariada quando verificamos que o português como LM tanto se perde no caso dos alunos em que surge por via paterna como no caso daqueles em que surge por via materna (em 59.3% dos alunos no primeiro caso e em 53.3% no segundo).

Seguindo o mesmo raciocínio para o pai e para a mãe dos inquiridos relativamente aos avós, respetivamente paternos e maternos, podemos constatar que os números se aproximam mais da representação que associa a perda da língua portuguesa como LM à sua “herança” por via paterna. No entanto, mais do que confirmar esta representação o que podemos verificar é a origem “paterna” (independentemente da situação de perda ou de manutenção) da língua portuguesa nestas famílias.

Considerando a composição monolíngue ou bilingue dos núcleos familiares, pudemos perceber que, comparativamente aos alunos, se inverte a tendência registada, pois apesar de se poderem encontrar famílias mistas do ponto de vista linguístico – 29.8% no caso do pai e 26.5% no caso da

mãe – a maior parte dos pais dos alunos vem de famílias monolíngues e que, destas, no que respeita ao lado materno cerca de metade não são de origem portuguesa.

Nas famílias bilingues ou multilingues é marcadamente pela via paterna que surge a referência à língua portuguesa, com uma proporção ainda mais expressiva: 76.5% no caso do núcleo familiar do pai e 76.7% no caso da mãe dos inquiridos. Aparentemente há aqui alguma correspondência com o que nos foi sendo referido de que seriam sobretudo os homens portugueses (ou lusodescendentes) a casar com mulheres chinesas e que a situação contrária se verificava com menor frequência, sendo esta uma situação que se tem vindo a alterar.

O que parece importante salientar é que, não obstante o facto de o português como LM surgir nas famílias dos alunos maioritariamente pelo lado paterno, as situações de perda ou manutenção indiciam mudanças nos comportamentos linguísticos independentemente da via de origem do português na família.

Destacamos, também, de que quer entre aqueles que considerámos na categoria PLM, no sentido de *próximos* da língua portuguesa por via familiar, quer entre os que considerámos na categoria PLN, no sentido de *afastados* da língua portuguesa pela mesma via, se pode encontrar uma multiplicidade de situações em termos de origens e, seguramente, também em termos de relações de pertença a grupos que não podemos, nem é nosso objetivo, aqui avaliar.

É clara a predominante componente chinesa seguida, embora a grande distância, da portuguesa e chinesa e da portuguesa, sendo evidente que existe correspondência entre origens e a matriz linguística equacionada em termos de grau de familiaridade – *próximos* e *afastados*.

Apesar do maior número dos inquiridos estar agrupado numa mesma categoria – a chinesa – é importante lembrar, a este propósito, o que alguns autores nos dizem, como Cabral e Lourenço, quando se referem aos *três grupos étnicos tradicionais* (macaenses, chineses e portugueses) e à larga maioria chinesa da população em Macau: *consideramos os chineses como um grupo étnico principal, ainda que estejamos conscientes da existência de diferenciação étnica no seio do amplo domínio definido*

pelo termo “chinês” como categoria geral (1993:36), escondendo-se, portanto uma grande heterogeneidade sob a ampla categoria “chineses”.

Não é sobre a língua chinesa o nosso trabalho, não pretendemos proceder à subdivisão deste grupo estruturada por referência a um eixo étnico-linguístico, nem temos indicadores que nos permitam apresentá-lo desta forma¹⁵⁵, mas consideramos importante ter presente e destacar que a sua composição interna pode ser extremamente complexa.

Considerando que o nível de agregação apresentado dificilmente poderá ter utilidade operatória agruparemos numa só categoria todos os indivíduos que têm o português como língua materna, independentemente da sua origem, bem como aqueles que a adotaram e, ainda, os que pertencendo a famílias de origens múltiplas têm esta língua como materna para pelo menos um dos seus ascendentes, ainda que alguns dos inquiridos tenham perdido a língua portuguesa como língua materna. Consideramos que, do ponto de vista do grau de familiaridade com a língua estarão aqui incluídos os falantes de PLM e PL2, eventualmente mais *próximos da língua portuguesa*, e que designaremos de forma genérica por **lusófonos**. Uma outra categoria, incluirá aqueles que, teoricamente, estarão mais *afastados da língua portuguesa*, e que na sua maioria corresponderão aos casos dos estudantes de PLE. Uma vez que estamos aqui a falar de situações de *proximidade* e *afastamento* em relação à língua portuguesa, poderemos ainda considerar questões que se prendem com tempos de permanência no território tomando como hipótese que aqueles que se encontram sujeitos ao ambiente da língua, os chineses de Macau ou *chineses-macaenses*, poderão ser mais recetivos ou permeáveis às questões portuguesas. Equacionamos, portanto, a possibilidade de existir uma relação entre permanências mais prolongadas no território e atitudes, representações e expectativas mais favoráveis em relação às componentes língua e/ou cultura portuguesas.

Trabalhando os indicadores de local e tempo de residência, no conjunto dos indivíduos previamente classificados na categoria mais ampla, percebemos que esta se pode dividir em quatro subcategorias: **chineses de Macau**, **chineses em Macau**, **chineses da China Continental** e **outros**.

¹⁵⁵ Conhecendo à partida a realidade de Macau no que respeita à língua chinesa, questionámos os inquiridos diretamente sobre o cantonês (predominante) e o mandarim (oficial) deixando todos os outros dialetos (ou línguas...) agrupados na classi-

ficação genérica “outros dialetos chineses”. No que respeita à naturalidade, apenas se isolaram as regiões administrativas especiais – Macau e Hong Kong – deixando-se todas as outras regiões contidas na designação “China Continental”.

Em termos globais, no primeiro grupo todos os estudantes são naturais de Macau assim como os respetivos pais e, em grande parte dos casos, também os avós; predomina o cantonês como língua materna e Macau como local de residência para a esmagadora maioria dos elementos da rede familiar.

Os segundo e terceiro grupos poderiam facilmente confundir-se um com o outro, pois na verdade ambos serão de origem chinesa encontrando-se em Macau. Existem, no entanto, algumas diferenças: no que respeita à língua materna no grupo aqui designado por *chineses da China Continental*, destacam-se o Mandarim e outros dialetos chineses, nenhum elemento da rede familiar apresenta Macau como local de nascimento, residindo uma parte dos inquiridos na China Continental e situando-se o tempo de residência dos que declararam residir em Macau num intervalo de duração que vai de 1 semana a 5 anos, sendo o local de residência referido para pais e avós outro que não Macau – na quase totalidade China Continental. Quanto aos inquiridos que foram incluídos na categoria *chineses em Macau*, prevalece o cantonês como língua materna embora se verifique, no caso dos avós, que outros dialetos chineses têm já alguma expressão; um número significativo de inquiridos já nasceu em Macau¹⁵⁶ sendo a China Continental a apresentar-se como o local de nascimento francamente mais referido no conjunto dos ascendentes.

Todos os inquiridos aqui classificados residem em Macau bem como a larga maioria dos pais, situando-se, para a maior parte destes, o tempo de permanência entre há 20 e 29 anos, enquanto os avós, maioritariamente, se encontram a residir na China. Na categoria *outros* foram incluídos todos os restantes casos e, na sua maioria, correspondem a indivíduos oriundos de outros países asiáticos. Serão estas as categorias que, a partir de agora, usaremos na apresentação de resultados.

TABELA 4 – CATEGORIAS POR CARACTERÍSTICAS COMUNS SEGUNDO AS ORIGENS

Lusófonos	CDM	CEM	CHC	Outros					
238	14.5	418	25.5	683	41.7	266	16.2	34	2.1

Fonte: IQ aos estudantes de português

Em termos de proporção no conjunto da população inquirida, os *lusófonos* correspondem a 14.5%, os *chineses de Macau (CDM)* a 25.5%, os *chineses em Macau (CEM)* a 41.7%, os *chineses da China Continental (CHC)*

a 16.2%, englobando os restantes 2.1% o conjunto de indivíduos aqui classificados em *outros*.

3. USO DA LÍNGUA PORTUGUESA E PERCEÇÃO DA SUA POSIÇÃO EM MACAU

No que respeita ao uso de línguas, uma parte muito significativa dos nossos inquiridos (76.3%) afirmou usar regularmente mais do que uma língua, situação que é comum em todas as categorias criadas de acordo com as origens dos respondentes, sendo clara a correspondência entre a língua materna e a língua de uso corrente indicadas.

TABELA 5 – LÍNGUA PRINCIPAL DE USO CORRENTE

Língua pri-meira	Lusófonos		CDM		CEM		CHC		Outros		Totais	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Chinês (cantonês)	107	45.0	37	91.3	58	87.8	33	13.0	1	48.5	111	69.9
		9.6	7	33.8	3	52.2	6	3.0	6	1.4	6	100.0
Chinês (mandarim)	4	1.0	12	1.8	18	71.9	198	12.4
		2.0	6.1	2	91.9	100.0
Chinês (outros dialetos)	5	0.8	5	2.0	10	0.6
		50.0	50.0	100.0	
Bilingue (em chinês)	3	1.3	17	4.1	49	7.4	28	11.1	3	9.1	100	6.3
		3.0	...	17.0	...	49.0	28.0	3	3.0	3	100.0	
Português	105	45.1	4	12.1	109	6.8
		96.3	3.7	...	100.0	
Bilingue (PT/cantonês)	13	5.6	7	1.7	5	0.8	1	0.4	26	1.6
		50.0	...	26.9	...	19.2	3.8	100.0	
Bilingue (chinês/outra)	1	0.4	7	1.7	8	1.2	3	1.2	19	1.2
		5.3	...	26.9	...	42.2	15.8	100.0	
Inglês	3	1.3	1	0.2	2	0.3	1	0.4	5	15.2	12	0.8
		25.0	...	8.3	...	16.7	8.3	5	41.7	12	100.0	
Outra da Ásia	0	5	15.2	5	0.3
		100.0	...	100.0	
Outra	1	0.4	1	0.1
		100.0	100.0	
Totais	233	100.0	41	100.0	66	100.0	25	100.0	3	100.0	159	100.0
		14.6	3	25.9	4	41.6	3	15.9	3	2.1	6	100.0

Nota: percentagens em linha, referentes ao indicador “língua”; percentagens em coluna referentes ao indicador “origens”

Fonte: IQ aos estudantes de português

A seguir ao cantonês, que é língua corrente para 69.9% dos inquiridos, surge o mandarim (12.4%) e o português (6.8%), predominando o cantonês

¹⁵⁶ Por tal não se verificar em relação ao pai e à mãe não foram classificados em *chineses de Macau*, uma vez que nessa categoria foram incluídos, pelo menos, os inquiridos que corresponderão à segunda geração em Macau.

nas categorias CDM e CEM, o mandarim na CHC e o português na categoria *lusófonos*, embora, neste caso, entre os indivíduos que a constituem se verifique uma divisão em termos equitativos entre o cantonês e o português (respetivamente, 45.0% e 45.1%), situação que não ocorre em nenhuma das outras categorias e línguas.

Registamos, ainda, a situação de bilinguismo português/cantonês cuja expressão, sendo francamente mais significativa na categoria *lusófonos* (50.0%) não deixa de se verificar entre os CDM (26.9%) e CEM (19.2%). A língua inglesa surge em 0.8% dos casos como a primeira língua mais usada e corresponde, maioritariamente, a inquiridos classificados na categoria *outros* [Tabela 5].

Questionámos, igualmente, os inquiridos relativamente ao uso corrente de outras línguas, o que acontece na maioria dos casos – 1301 estudantes afirmam usar correntemente uma segunda língua e 998 uma terceira. Entre os que indicaram usar correntemente uma segunda e terceira língua é o inglês a língua francamente mais usada, referida por 80.9% dos respondentes, sendo o mandarim e o português apresentados por, respetivamente, 28.0% e 24.4% dos casos.

Pode afirmar-se que, pela correspondência entre língua materna e língua de uso corrente, é possível, em Macau, a cada um usar a sua língua constituindo-se, aparentemente, o inglês como a língua de mediação entre grupos de diferentes línguas, assim como parece clarificar-se que entre os que foram classificados como *lusófonos* se encontrarão não só os falantes maternos desta língua mas, também, os que em termos de grau de familiaridade com a língua se podem considerar de *português língua segunda (PL2)*. Para além de PLM e PL2, o português afigura-se como a terceira língua de uso entre os nossos inquiridos, depois do inglês e do mandarim. Feita a descrição, genérica, do panorama linguístico dos inquiridos, no que particularmente respeita ao português, importa conhecer as situações e a frequência de utilização desta língua. Uma primeira leitura permite perceber, desde logo, que a língua portuguesa é uma língua do espaço de aprendizagem e que, fora deste círculo, a sua utilização parece bastante reduzida; mesmo quando usada fora do contexto de sala de aula é com os professores que apresenta maior índice de frequência [Tabela 6].

TABELA 6 – USO DA LÍNGUA PORTUGUESA 157

Situação	Sempre		Frequentemente		Raramente		Nunca		S+F	R+N
	N	%	N	%	N	%	N	%		
Com familiares	95	10.9	104	11.9	156	17.9	516	59.2	22.8	77.1
Em casa	85	9.8	113	13.0	215	24.7	458	52.6	22.8	77.3
Com amigos fora do local de trabalho e da escola	105	11.8	216	24.3	357	40.1	212	23.8	36.1	63.9
Com professores (fora das aulas)	283	32.3	225	25.7	282	32.2	87	9.9	58.0	42.0
Nas aulas	387	43.4	340	38.1	136	15.2	29	3.3	81.5	18.5
Em situações do dia-a-dia	60	6.9	198	22.6	409	46.7	208	23.8	29.5	70.5
No desempenho da atividade profissional	30	12.9	75	32.2	90	38.6	38	16.3	45.1	54.9

Fonte: IQ aos estudantes de português; S+F – Sempre e Frequentemente; R+N – Raramente e Nunca

Fazendo uma análise por categoria os dados apontam no sentido que já havia sido identificado (a cada grupo a sua língua), confirmando-se a situação esperada de que é entre os *lusófonos* que, em todas as situações, o uso do português apresenta frequências mais elevadas.

Os resultados apurados sugerem uma utilização da língua portuguesa segmentada em três espaços de relações, o doméstico ou familiar, o círculo de amigos e o círculo profissional, ficando a língua portuguesa ausente das situações do quotidiano.

TABELA 7 – USO DA LÍNGUA PORTUGUESA (MÉDIA SEGUNDO A ORIGEM)

Situação	Lusófonos	CDM	CEM	CHC	Outros
Com familiares	1.82	3.57	3.83	3.87	3.20
Em casa	1.98	3.50	3.72	3.62	3.00
Com amigos fora do local de trabalho e da escola	1.90	2.89	3.17	3.07	2.35
Com professores (fora das aulas)	1.40	2.38	2.61	2.26	2.42
Nas aulas	1.44	1.94	2.01	1.61	1.68
Em situações do dia-a-dia	2.13	3.07	3.22	3.05	2.63

¹⁵⁷ Equacionado o domínio da língua, através da autoavaliação feita pelos próprios alunos em cruzamento com o nível de ensino que frequentam e com a indicação dada sobre há quanto tempo estudam português, verifica-se que 55.8% dos nossos

inquiridos forneceu informação que permite considerar que lhes será possível utilizar a língua portuguesa, ainda que com níveis de proficiência variados.

No desempenho da atividade profissional	2.44	2.58	2.68	*	*
---	------	------	------	---	---

Escala: 1- sempre; 2 – frequentemente; 3 – raramente; 4 – nunca

* número de casos irrelevante

Fonte: IQ aos estudantes de português

Pela descrição efetuada no ponto anterior, já ficou clara a existência de um contexto familiar de utilização do português. Deixemos, então, algumas notas relativamente a um outro espaço de utilização da língua – o dos amigos. Um lugar-comum em relação a Macau é o de que as suas *comunidades vivem de costas voltadas* sendo reduzidos os pontos de contacto num espaço em que, apesar de multilíngue, *as várias línguas, com exceção do inglês, só são geralmente usadas dentro dos grupos étnicos que as falam* (Grosso, 1999:22), sendo, precisamente, a barreira linguística o aspeto que serve de justificação para uma ausente ou pouco frequente convivência intergrupos.

Não nos é possível aqui identificar redes de relacionamento social nem o papel que a língua portuguesa poderá, ou não, assumir em espaços de convivência. Não obstante, refira-se que, em relação aos amigos, é no grupo dos *lusófonos* que esta língua é usada, sempre ou frequentemente (média = 1.90), neste círculo de relações e no grupo dos *outros* em que surge com valores próximos (média = 2.35), situação que raramente ocorre nas restantes categorias (média para CDM = 2.89, para CEM = 3.17 e para CHC = 3.07).

Embora sem a pretensão de elucidar quanto ao fechamento ou abertura das redes de relações entre diferentes grupos, não podemos deixar de referir que não atribuímos qualquer determinismo à variável língua no que respeita à comunicação entre indivíduos que poderão integrar diferentes grupos, recusando aceitar que seja este, de facto, o aspeto a assumir maior peso nas relações interétnicas ou na sua ausência, vindo esta a confirmar-se, desenvolvidas no território. Se o inglês serve como língua mediadora noutros círculos de relação, não há razão nenhuma para que o mesmo não aconteça no círculo de amigos.

Vejam, agora, entre aqueles que declararam usar a língua portuguesa no campo profissional a utilização que da mesma fazem. Entre os inquiridos que desenvolvendo uma atividade profissional se encontram em situação de poderem utilizar a língua portuguesa contam-se 235 indivíduos (25.6%) e, destes, 60.9% encontra-se a trabalhar no setor público e 39.1% no setor privado.

No conjunto, 16.1% declara não usar a língua portuguesa no desempenho da sua atividade profissional, verificando-se esta situação com maior incidência entre os que trabalham no setor privado. Quanto àqueles que

declararam o seu uso, em ambos os setores a língua é usada, quer na forma escrita, quer falada [Tabela 8].

TABELA 8 – USO DA LÍNGUA PORTUGUESA NA ATIVIDADE PROFISSIONAL

Situação	Público		Privado		Total	
	N	%	N	%	N	%
Responder oralmente a utentes do meu serviço	59	45.4	21	33.3	80	41.5
Comunicar oralmente em reuniões de trabalho	23	17.7	8	12.7	31	16.1
Ler e escrever documentos	77	59.2	18	28.6	95	49.2
Traduzir para outras línguas documentos escritos em português	37	28.5	8	12.7	45	23.3
Traduzir para português documentos escritos noutra língua	29	22.3	3	2.3	32	16.6
Comunicar com pessoas de outros países	22	16.9	14	22.2	36	18.7

Usa a língua portuguesa	130	92.9	63	70.0	193	83.9
Não usa a língua portuguesa	10	7.1	27	30.0	37	16.1
Total	140	100.0	90	100.0	*230	100.0

* 5 não-respostas

Pergunta de resposta múltipla, somatório de colunas não tem de ser igual a 100%
Fonte: IQ aos estudantes de português

As tendências identificadas encontram, mais uma vez, correspondência com o que nos foi sendo transmitido, nomeadamente pelos alunos do Instituto Português do Oriente (IPOR), relativamente a experiências profissionais e ao uso da língua portuguesa no âmbito das mesmas.

De acordo com estes estudantes, é no domínio da escrita (escrever e ler documentos) que fazem maior uso da língua portuguesa sendo menos frequentes as situações em que se confrontam com a necessidade de a usarem na sua expressão falada. Como é evidente nem todos os nossos inquiridos e nem todos os estudantes com quem conversámos desenvolvem atividades em que têm de contactar com o público, mas nos casos em que isso acontece foi sempre salientado que atualmente se fala menos, porque há menos utilizadores de língua portuguesa a recorrer aos serviços, mas que permanece a obrigatoriedade de escrever e ler em português, o que levanta, obviamente, a questão da frequência com que os nossos inquiridos se deparam com cada uma das situações e, também, com a área de atividade em que se encontram a trabalhar uma vez que existem domínios onde, seguramente, não se dirigem nem falantes de português nem de qualquer outra língua mas que, frequentemente, produzem documentos em língua portuguesa. A título de exemplo, nos casos dos estudantes que indicaram trabalhar no setor das obras públicas as referências à

utilização do português na expressão falada são quase nulas, em contrapartida os que indicaram trabalhar no domínio jurídico, nomeadamente nos tribunais, afirmam que é prática diária.

Desafiamos, a quem ler este trabalho, a entrar na página eletrónica do Governo de Macau, ou na de qualquer serviço público da Região. Podemos ser mais ou menos críticos quanto a erros ortográficos que, seguramente, vamos encontrar mas a informação está lá, disponibilizada em ambas as línguas oficiais, atualizada e acessível a todos.

Uma das queixas frequentes, em relação à informação em língua portuguesa, é a do atraso com que a mesma é disponibilizada relativamente à língua chinesa o que, nomeadamente para a imprensa, causa alguma perturbação e, conseqüentemente, atraso na passagem da informação para os seus públicos leitores.

O Governo de Macau, com o objetivo de promover a transparência da governação e com vista a tornar a relação entre a imprensa e a Administração mais célere, criou a figura de porta-voz, sendo o titular deste cargo bilingue em português e chinês. Um nosso amigo que trabalha num jornal de língua inglesa explicou-nos que, para o jornal, era uma vantagem ter entre os seus colaboradores jornalistas de língua portuguesa uma vez que assim tinha melhor e mais rápido acesso à informação oficial¹⁵⁸.

No que respeita a campanhas públicas, e concretamente relacionadas com questões importantes como é o caso dos assuntos que se prendem com a saúde pública, tivemos a oportunidade de verificar que as mesmas decorrem em ambas as línguas, às quais se passou a acrescentar o inglês – seja na rádio, televisão ou jornais, seja nos cartazes informativos e com objetivos preventivos que podemos encontrar pela cidade; são exemplos, entre muitos, as campanhas de prevenção da febre de dengue ou, mais recentemente, as relativas à Gripe A.

FIGURA 1 – IMAGENS DE CAMPANHAS OFICIAIS



Não há dúvida de que, efetivamente, a língua portuguesa é usada no setor público, sendo-o, como parece ter ficado claro, em todos os serviços, tendo embora perdido a sua posição de principal língua de uso.

Uma breve referência, ainda, em relação aos que se encontram na posição de utentes dos serviços e que aos mesmos se dirigem sendo falantes maternos da língua portuguesa. Conversando com alguns interlocutores sobre este assunto, detetam-se, como é evidente, posições divergentes – enquanto uns enaltecem o facto de se manter o português em todas as áreas e serviços sendo, segundo afirmaram, possível tratar de qualquer assunto usando a língua portuguesa, outros garantem que se vive a situação contrária.

Ainda que, em muitos casos, nos tenha sido referida a ausência progressiva da língua portuguesa nos serviços públicos, a verdade é que quando questionávamos diretamente por situações concretas os exemplos eram escassos e o esforço para recordar algum era grande. É bem verdade que, de acordo com o que observámos diretamente, em muitas situações a probabilidade dos nossos interlocutores terem recorrido, à partida, à língua inglesa é muito elevada e por isso é difícil perceber se a língua portuguesa poderia ou não ter sido usada nas referências que genericamente fizeram ao assunto.

Existindo a representação de que os funcionários não sabem falar português, os portugueses quando se lhes dirigem não usam a língua portu-

¹⁵⁸ Por vezes encontramos situações curiosas, como foi o caso por altura da apresentação das primeiras LAG do novo Chefe do Executivo, em Abril de 2010, tendo

o Governo de Macau feito publicar no jornal local de língua inglesa Macau Daily Times a síntese das LAG em língua portuguesa.

guesa, concretiza-se assim a ausência de comunicação nesta língua, alimenta-se e amplia-se a representação de que a mesma não é falada – uma espécie de profecia que se cumpre por si própria.

Que lugar atribuir, então, à língua portuguesa em Macau? Uma das questões colocadas no inquérito por questionário pretendia, precisamente, perceber em que posição os inquiridos colocam a língua portuguesa na relação com outras línguas e em diferentes espaços e escalas geográficas de utilização: na RAEM, na RPC, na Ásia, na Europa e numa dimensão ainda mais vasta, no quadro mundial. Com o objetivo de perceber em que posição os estudantes colocavam a língua portuguesa, solicitámos aos inquiridos que procedessem a uma hierarquização de diferentes línguas, entre as quais se encontravam as línguas mais faladas no mundo e algumas línguas regionais. Os resultados apurados permitem perceber que os respondentes atribuem, maioritariamente, a quarta posição (43.5%) à língua portuguesa em Macau, embora para 21.5% esta língua seja também considerada a terceira mais útil e, para 14.9%, mesmo a segunda. No que respeita à utilidade do português no contexto europeu, sendo o valor mais elevado encontrado na quinta posição (23.7%) as opiniões dividem-se entre a segunda (17.0%), a terceira (12.4%) e a quarta (19.3%) posições; situação equivalente pode encontrar-se no que respeita à atribuição de uma posição à língua portuguesa em termos internacionais – surgem com maior número de ocorrências a quarta (16.1%), a quinta (15.4) e a sexta (12.2%) posições.

TABELA 9 – POSIÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Posição	Macau		Europa		Mundo	
	N	%	Pos.	%	Pos.	%
1ª	6	0.7	21	3.0	1	0.1
2ª	120	14.9	119	17.0	46	6.6
3ª	173	21.5	87	12.4	84	12.1
4ª	349	43.5	135	19.3	112	16.1
5ª	106	13.2	166	23.7	107	15.4
6ª	20	2.5	55	7.9	85	12.2
7ª	6	0.7	19	2.7	66	9.5
8ª	2	0.2	22	3.1	48	6.9
9ª	4	0.2	13	1.9	34	4.9
10ª	3	0.2	10	1.4	29	4.2
11ª e +	14	1.7	52	7.4	82	11.8
Total	803	100	699	100	694	100

Fonte: IQ aos estudantes de português

De forma resumida: dos inquiridos que responderam a cada um dos indicadores propostos, 72.0% considera que a língua portuguesa se encontra entre as 7 mais úteis no mundo e 75.4% entre as 5 mais úteis na Europa; 80.6% coloca-a entre as primeiras 4 em Macau. Estando entre os inquiridos um conjunto de indivíduos portugueses e lusófonos, que se declararam de famílias monolíngues em português, pensar-se-á, não surpreende que seja atribuída uma posição vantajosa a esta língua até porque, como vimos, não obstante o domínio da língua chinesa e o recurso à língua inglesa, estes alunos declararam usar, na generalidade das situações, o português.

Fomos, então, verificar a ascendência dos inquiridos que colocam a língua portuguesa em Macau na segunda e na terceira posições e constatámos que, no primeiro caso, 19.2% são de origem mista portuguesa e chinesa e 60.0% são de origem chinesa, no segundo caso, 23.1% são de origem portuguesa e chinesa e 62.4% são de origem chinesa. Os indivíduos de ascendência exclusivamente portuguesa, na sua maioria, colocam o português na quarta posição (responderam 38 de 42), não se podendo considerar, portanto, que sejam os que apresentam uma percepção mais favorável da sua própria língua. Mas significam estas conceções menos favoráveis que os portugueses ou, em sentido mais alargado, os lusófonos não valorizam a língua portuguesa e a sua presença em Macau?

O facto de encontrarmos entre portugueses e macaenses algumas lógicas que podem considerar-se de afastamento ao português não invalida que noutros campos não possam apresentar outro tipo de atitude, desenvolvendo até práticas de militância no que respeita à língua e à cultura portuguesas em Macau.

4. BREVES NOTAS CONCLUSIVAS

É clara a componente chinesa na composição dos públicos estudantis de língua portuguesa em Macau, facto que se reveste da maior importância nos diferentes modos de relação com esta língua naquele espaço geográfico. Ainda assim, fica também evidente a composição mista de alguns agregados familiares dos alunos, sendo clara a ascendência de origem portuguesa nalguns agregados. Não obstante a diversidade étnica e linguística, percebeu-se que é possível aos vários grupos em presença usarem a *sua própria língua* mas que se faz, igualmente, recurso ao uso de um conjunto de outras línguas entre as quais a portuguesa; no que respeita ao uso de línguas, o inglês surge como a língua de mediação entre grupos de diferentes línguas. No que particularmente respeita ao português, é uma língua cujo uso aponta para uma segmentação em três principais

espaços de relação: o doméstico ou familiar, o das relações entre amigos e o das relações profissionais. Em relação a este último círculo, o profissional, o português perdeu a sua posição de principal língua de uso sendo substituída pela língua chinesa, situação que decorre naturalmente da transferência da Administração de Portugal para a República Popular da China. Ainda assim, é no setor público que o recurso à língua portuguesa no campo das atividades profissionais é mais significativo, sendo usada principalmente na sua forma escrita. Percebeu-se, ainda, que os estudantes têm uma clara percepção da posição da língua portuguesa no contexto internacional.

5. BIBLIOGRAFIA

Ager, Dennis (1997), **Language Policy in Britain and France: The Processes of Policy**, London, Continuum International Publishing Group - Academic and Professional.

Cabral, João de Pina e Lourenço, Nelson (1993), *Em Terra de Tufões. Dinâmicas da Etnicidade Macaense*, Macau, Instituto Cultural de Macau.

Defays, Jean Marc (2003), *Le français langue étrangère et seconde. Enseignement et apprentissage*, Pierre Mardaga Éditeur.

Grosso, Maria José (1999), "O discurso metodológico do ensino do português em Macau a falantes de língua materna chinesa", Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Texto policopiado.

SILVA, Perpétua Maria dos Santos - A língua e a cultura portuguesas a Oriente: análise ao caso de Macau [Em linha]. Lisboa: ISCTE-IUL, 2011. Tese de doutoramento. ISBN 978-989-732-223-5.

57. RAFAEL CARVALHO, COMPOSITOR, AÇORES - A VIOLA DA TERRA



<http://www.freewebs.com/violadaterra/apps/blog/>

RAFAEL COSTA CARVALHO nasceu na Ribeira Quente a 22 de setembro de 1980. Em 1992 aprendeu os primeiros acordes no Violão com o Pai e,

em 1994, aprendeu a tocar Viola da Terra com Carlos Quental e no ano seguinte já começou a dar formação na Escola de Viola da Terra da Ribeira Quente. Atualmente é responsável pela Escola de Viola da Terra e Violão da Ribeira Quente que já formou, nos últimos 16 anos, dezenas de músicos que têm assegurado a continuidade dos grupos e tradições que existiam na Freguesia e estavam em vias de se extinguir.

É formador da Escola de Viola da Terra do Grupo Folclórico da Fajã de Baixo. Formou em 2005 com Ricardo Melo e Ana Medeiros o trio Musica Nostra com o qual lança o primeiro trabalho discográfico em 2010 "Cantos da Terra". O mesmo grupo atua em 2008 no X Aniversário da Orquestra Regional Lira Açoriana, num Concerto inédito para Orquestra e Viola da Terra. Este grupo também já atuou em 8 das 9 Ilhas dos Açores, tendo ainda atuado em Bruxelas por duas vezes, no Teatro da Trindade e na FNAC do Colombo e Alfragide.

Exerce funções docentes (professor provisório) de Viola da Terra, desde o ano letivo 2008/2009, no Conservatório Regional de Ponta Delgada. No presente ano letivo tem 15 alunos de Viola da Terra, o maior número de inscrições naquela disciplina na última década.

Está a desenvolver o primeiro Programa Mínimo de Viola da Terra Micaelense para o Conservatório Regional de Ponta Delgada, da Iniciação ao V Grau, no presente ano letivo. Concluiu o Curso Básico de Viola da Terra no Conservatório Regional de Ponta Delgada, tendo sido o primeiro músico Micaelense a submeter-se a exame de V Grau de Viola da Terra.

Participou no I Encontro de Violas de Arame, de 11 a 13 de setembro de 2009, em Castro Verde, representando os Açores com a Viola da Terra. Estiveram também presentes Pedro Mestre (Viola Campaniça), José Barros (Viola Braguesa) e Vítor Sardinha (Viola de Arame - Madeira), e organizou em 2010, no Conservatório Regional de Ponta Delgada, o II Encontro de Violas de Arame com a presença também do tocador de Viola Brasileira Chico Lobo. Em 2010 participa no Projeto Azorecombo - Transmutações para Viola da Terra num Concerto para Viola da Terra e Música Eletrónica onde tocou com @c (Miguel Carvalhais e Pedro Tudela) e Vítor Joaquim. Em junho de 2010 é convidado para tocar na Inauguração da Exposição "A arte do Violeiro", no Museu de Vila Franca do Campo, pelo Dr. Rui de Sousa Martins, tendo ao Violão o tocador Dinis Raposo e ainda Carlos Estrela à Viola da Terra. É o responsável e Diretor Musical da Orquestra de Violas da Terra formada em fevereiro de 2011 e que conta atualmente com 30 elementos.

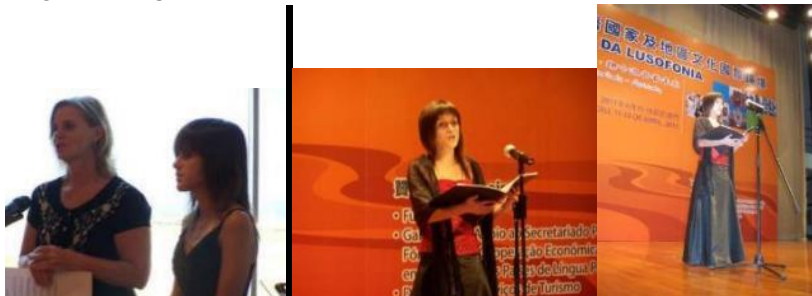
Organizou com a Associação de Juventude Viola da Terra o I Encontro de Violas Açorianas a 2 e 3 de setembro de 2011 que envolveu a presença de tocadores de 5 Ilhas dos Açores, Flores (José Serpa), Graciosa (António Reis), Pico (Orlando Martins), Terceira (Lázaro Silva) e São Miguel (Rafael Carvalho). Um evento que a Viola aguardou cerca de 5 séculos nos Açores para que se concretizasse. É responsável pelo site www.violada-terra.webs.com. Lançou a 3 de fevereiro de 2012 o seu primeiro trabalho a solo "Origens", numa homenagem a temas tradicionais da Viola da Terra mas contendo, pela primeira vez na história da Viola Micaelense, 5 temas originais. Em 2013 lançou o livro "Método para Viola da terra"



APRESENTA RECITAL A SOLO DE VIOLA DA TERRA

JÁ TOMOU PARTE NA SESSÃO DE ABERTURA DO COLÓQUIO NA LAGOA EM 2009 E NO 19º COLÓQUIO DA MAIA EM 2013.

58. RAQUEL BEATRIZ DE LIMA MACHADO - CONSERVATÓRIO REGIONAL DE PONTA DELGADA



RAQUEL MACHADO nasceu em Ponta Delgada, em 1987. Ingressou no Conservatório Regional daquela cidade açoriana aos seis anos de idade, onde foi aluna da Prof.ª Irina Semiónova e completou o 8º Grau de Piano com a classificação de 18 valores.

Enquanto aluna daquela instituição, participou em diversas audições, recitais e concertos, como solista ou integrando grupos de música de câmara e coro.

Em julho de 2009 terminou a Licenciatura em Música – Variante de Piano, na Universidade de Aveiro, na classe de Piano da professora Nancy Lee Harper e na classe de Música de Câmara do professor António Chagas Rosa.

Em dezembro de 2009 recebeu o Prémio Caixa Geral de Depósitos – Melhor finalista da Licenciatura em Música, numa cerimónia que teve lugar no Auditório da Reitoria da Universidade de Aveiro.

Participou em diversos master classes com os pianistas Massimiliano Valenti, Rudolfo Rubino, Mário Laginha, Paulo Pacheco, Sofia Lourenço, Miguel Borges Coelho, e Sergei Milstein.

No âmbito dos Cursos Internacionais de Música de Guimarães, trabalhou Música de Câmara sob a orientação de António Saiote.

Em 2007 participou no recital de encerramento do Congresso Europeu de Professores de Piano (ESMAE, Porto), e no mesmo ano atuou na Sessão Solene Comemorativa da Elevação da Ribeira Grande a Vila, que decorreu no Teatro Ribeiragrãndense.

Em 2006 ingressou na Lira Açoreana, sendo a primeira pianista desta orquestra constituída por jovens músicos açorianos.



Enquanto membro do coro do Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro participou em diversos concertos, dos quais se destacam a Missa da Coroação (Mozart), Requiem (Brahms), A Criação (Haydn), a Nona Sinfonia (Beethoven), Sinfonia Coral (Beethoven) dirigida pelo maestro António Saiote e onde foi solista o pianista António Rosado. Atualmente ensina no Conservatório Regional de Ponta Delgada. Como

soprano, apresentou-se pela primeira vez como solista em maio de 2010 no Teatro Micaelense (S. Miguel – Açores), interpretando a *Missa Breve* de Delibes e *Alleluia* de Mozart.

Atualmente faz parte do Grupo Bruma Ensemble.

É SÓCIA DA AICL

FOI CONVIDADA DOS COLÓQUIOS A BRAGANÇA 2010, MACAU 2011 E VILA DO PORTO (SANTA MARIA) EM 2011, MAIA 2013, ATRAVÉS DO APOIO DA DIREÇÃO REGIONAL DAS COMUNIDADES E ESTEVE PRESENTE NO 20º COLÓQUIO EM SEIA 2013.

ATUA COMO SOPRANO NOS DOIS RECITAIS

59. ROLF KEMMLER, UTAD VILA REAL/ALEMANHA



Rolf Kemmler, Natural de Reutlingen (Alemanha), é investigador da área da historiografia linguística do Centro de Estudos em Letras (CEL) da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD, Vila Real), financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, desde julho de 2009.

Doutorado em Filologia Românica (Dr. phil.) pela Universidade de Bremen em 2005 (Alemanha), com a tese intitulada *A Academia Ortográfica Portuguesa na Lisboa do Século das Luzes: Vida, obras e atividades de João Pinheiro Freire da Cunha (1738-1811)*, publicada em 2007.

*Investigador do Centro de Estudos em Letras (CEL) da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia

Mestre (M.A.) em Filologia Românica desde 1997 pela Eberhard-Karls Universität de Tübingen (Alemanha) com uma tese intitulada *Esboço para uma História da Ortografia Portuguesa* (publicada em 2001 como artigo na revista *Lusorama* sob o título «Para uma História da Ortografia Portuguesa: o texto metaortográfico e a sua periodização do século XVI até à reforma ortográfica de 1911»).

Com grande número de publicações dedicadas à disciplina da historiografia linguística desde 1996, é especialista nas áreas da história da ortografia da língua portuguesa desde o século XVI e da história da gramatografia portuguesa e latino-portuguesa dos séculos XVI-XIX.

Rolf Kemmler é membro do Instituto Cultural de Ponta Delgada (ICPD) e do Instituto Açoriano de Cultura (IAC).

É SÓCIO FUNDADOR DA AICL.



TOMA PARTE NOS COLÓQUIOS DESDE BRAGANÇA 2010, MACAU E SANTA MARIA 2011, LAGOA E GALIZA 2012, MAIA 2013, SEIA 2013 PERTENCE AO SECRETARIADO EXECUTIVO DO XXI COLÓQUIO

TEMA 2.4. A RECEÇÃO DE A WINTER IN THE AZORES AND A SUMMER AT THE BATHS OF THE FURNAS (1841) NA IMPRENSA CONTEMPORÂNEA, ROLF KEMMLER /ALEMANHA/(VILA REAL)**

[Ver PowerPoint aqui antes de ler artigo](#)

1 INTRODUÇÃO

(FCT). Sócio do Instituto Cultural de Ponta Delgada e do Instituto Açoriano de Cultura.

No ano de 1841, publicou-se em Londres uma obra bastante abrangente em dois volumes, intitulada *A Winter in the Azores and a Summer at the Baths of the Furnas*. Resulta a obra dos diários do médico inglês Joseph Bullar e do seu irmão, o advogado Henry Bullar, que passaram o inverno 1838/1839 na ilha de São Miguel. Depois de terem passado o verão de 1839 nas Furnas, ainda chegaram a visitar algumas das restantes ilhas do arquipélago. Como acontece em obras congêneres, também neste conjunto de livros, os autores oferecem um manancial de observações e comentários sobre o arquipélago, que se devem a observações e juízos pessoais dos autores. Em continuação de estudos já realizados sobre obras anteriores, pretendemos apresentar no presente âmbito como as observações dos autores sobre as terras e gentes dos Açores foram acolhidas pela imprensa britânica de especialidade em 1841.

2 OS AUTORES E AS SUAS OBRAS

No rosto da obra, os autores identificam-se da seguinte maneira: «Joseph Bullar, M.D. and Henry Bullar, of Lincoln's Inn». Esta referência explícita informa que Joseph Bullar (1808-1869) era médico,¹⁵⁹ ao passo que Henry Bullar se identifica como jurista formado, que exercia a advocacia como membro do "Lincoln's Inn of Court".¹⁶⁰

A seguir, reparamos na seguinte dedicatória:

TO

JOHN BULLAR,

OF SOUTHAMPTON,

THESE VOLUMES

ARE MOST AFFECTIONATELY DEDICATED

¹⁵⁹Para além disso, costumam ser-lhe atribuídas as obras *Evening thoughts: By a Physician* (Bullar 1850) e *Thoughts of a Physician, being the second series of "Evening thoughts"* (Bullar 1868), as quais, como pertinentemente constata Armando Côrtes-Rodrigues (em Bullar / Bullar 1986: XI) constituem «[...] uma série de ensaios [...]».

¹⁶⁰Veja-se a informação fornecida por Côrtes-Rodrigues (em Bullar / Bullar 1986: X).

¹⁶¹Baseada numa fonte contemporânea, Calado (1988: 241-242) localiza os interesses intelectuais de Joseph Bullar nos interesses que este terá herdado do pai: «Henry Dayman remarks upon the influence of Joseph's father, John Bullar, who was a widely respected school-master, and undertook his son's education until he left home to begin his medical studies: "... it may be said that Joseph owed much of that breadth and independence of view which distinguished him in after life to the early training of a father, who was himself a man of large mind, sholarlike [sic!] in his tastes and pursuits, charitable in his principles, and free from all sectarian narrowness...»).

BY

THE AUTHORS (Bullar / Bullar 1841, I: [v]).

Se bem que o faça de forma algo implícita, a natureza íntima da dedicatória permite a conclusão de que John Bullar era o pai dos autores, também eles naturais e residentes na cidade de Southampton, na costa sul da Inglaterra. Como professor de escola na mesma cidade,¹⁶¹ o referido John Bullar foi autor de um número considerável de algumas obras de divulgação, dedicadas à teologia e à história local.¹⁶²

No que respeita à autoria, em trabalhos anteriores de vários investigadores já foram aventuradas hipóteses contrárias,¹⁶³ podendo Joseph Bullar provavelmente ser identificado como o autor principal entre os dois autores, isto enquanto se parece confirmar também alguma colaboração da parte do irmão Henry.

3 A OBRA

O diário de viagem intitulado *A Winter in the Azores and a Summer at the Baths of the Furnas* chegou a ser publicado em Londres, por John van Vorst, um editor de origem neerlandesa que vivia em Londres. Trata-se da obra mais volumosa do género que até à altura tinha chegado a ser publicada, pois ocupa dois largos volumes de ix, 375 páginas (Volume 1) e x, 390, [III] páginas (Volume 2). No paratexto inicial, os autores fornecem a seguinte explicação da génese da obra:

ADVERTISEMENT.

The following pages contain a transcript from the Journals of an Invalid and his companion, who, in search of a warm and equable cli-

¹⁶²Entre estas obras queremos destacar as obras históricas *A Companion on a Tour Round Southampton* (Bullar 1799) e *A historical and picturesque guide to the Isle of Wight* (Bullar 1806), que tiveram sucessivas reedições ao longo das décadas seguintes, à semelhança do que acontece com a obra *A companion in a visit to Netley Abbey*, de 1800, que em 1818 já se encontrava na quinta edição (Bullar 1818).

¹⁶³Assim Calado (1988: 233), que, no entanto concede que também o outro irmão terá colaborado no texto do diário da viagem: «It is difficult to determine the extent of Henry's collaboration, but there is certainly evidence of his contribution to the account [...]». Mas Armando Côrtes Rodrigues (em Bullar / Bullar 1986: XI) chega a outra conclusão ao constatar de forma algo categórica: «Se o autor em algumas passagens usa nas narrações o plural, o que também se poderia explicar por forma literária, de muitas outras se depreende claramente que foi só Joseph Bullar quem redigiu todo este precioso diário [...]»).

mate, spent the Winter of 1838-39 in the Island of St. Michael's, the Summer at the Baths of the Furnas, and visited in the Spring the neighbouring Islands of Fayal, Pico, St. George's, Flores, and Corvo.

The main object which the Authors have kept before them has been to convey to others, as clearly and faithfully as they were able, their own impressions of what they saw during an eight months' residence among these almost unknown islands; and they have been content to allow these impressions to stand in the somewhat unfinished form of extracts from their Journals, in the hope that notes made on the spot might have a greater truth about them than more finished recollections composed at home.

No apology, however, is needed for the excellent wood-cuts with which these volumes are illustrated. The merit of converting coarse and hasty sketches into engravings of great delicacy and spirit is wholly due to Mr. Fussell, who first reduced and drew them in pencil on the wood, and to Mr. Thompson, and his clever daughters, who afterwards engraved them. In thus transforming their rough materials, these artists have sacrificed no single characteristic truth to effect or picturesqueness (Bullar / Bullar 1841: vii-viii).

Ficamos a saber que a obra se deve aos diários de viagem de um doente (invalid) e do seu companheiro, que, em procura de um clima ameno vieram ao arquipélago para escapar ao áspero clima da Inglaterra. Na realidade, os autores não chegam a afirmar aqui quem é o doente e quem o companheiro, mas Kathleen Calado (1988: 235) argumenta de maneira convincente, baseada na obra *The Beloved Physician, a Memoir of the late Dr. Joseph Bullar* da autoria de Henry Dayman (Southampton, 1869),¹⁶⁴ que a pessoa doente não era ninguém mais do que o próprio Joseph Bullar.

Dado que os autores referem o desejo de divulgar para os leitores o que viram ao longo dos oito meses em que estiveram no arquipélago, cabe grande interesse às suas observações sobre o arquipélago e os seus habitantes. No entanto, para fazer uma primeira abordagem da obra, julgamos pertinente dedicar alguma atenção à questão como a obra dos irmãos Bullar chegou a ser acolhida na imprensa contemporânea em 1841, mais exatamente quais foram as opiniões que podemos encontrar nos reviews, nas resenhas que se encontram em revistas anglófonas nos meses imediatamente a seguir à publicação dos dois volumes.

4 A WINTER IN THE AZORES NA IMPRENSA PERIÓDICA DE 1841

A publicação efetiva da obra, nos seus dois volumes, é noticiada pela primeira vez na entrada de 10 de maio de 1841, do repertório publicitário *Bent's Monthly Literary Advertiser: Register of Books, Engravings, Music, &c.*, que antes de reproduzir o título da obra e a referência ao editor, fornece a seguinte informação:

In Two Vols., 8vo, price 28s, with Illustrations, from Sketches taken on the spot by the Author» (MLA 1841: 65).

Mesmo que esta entrada seja desprovida de uma data exata de publicação (como acontece, embora raramente, em outros casos), a própria natureza do *Monthly Literary Advertiser* (que somente noticia a saída do prelo das obras referidas) leva a crer que a obra tenha sido publicada em data próxima da impressão daquela publicação periódica, ou seja, nos primeiros dias de maio de 1841.

Imediatamente a seguir à sua publicação, a obra chegou a ser alvo a algumas resenhas, muitas delas datadas de julho de 1841.

Na sua 'new and improved series', a revista mensal *The Monthly Review* (1749–1845) chega a dedicar-se à obra no âmbito de um artigo intitulado «The Azores and Madeira» em julho de 1841, tecendo no mesmo âmbito observações à obra *Madeira Illustrated* de Andrew Picken (1840). Logo no início das cerca de quatro páginas que dedica à obra, o resenhador anónimo não poupa críticas aos nossos autores:

Concerning the Azores, we do not find much that is new, excepting what relates to some of the changes introduced by Don Pedro's reforms, and some slight advances as to the comforts or accommodations of life. The Bullars, too, have rather a wire-drawing habit as journalists; or perhaps, we should more properly characterize them as observers of everything; their good temper and constant desire to be pleased investing trifling matters with interest to them, and which they do not fail to impart to the reader. Such is the effect of good faith and unaffected feeling. In a word, they have written two agreeable volumes, chiefly because they are in possession of agreeable minds and temperament. The matter is slight, but not wearisome: the pictorial illustrations admirably help out with the more characteristic parts of the narrative (MR 1841: 388).

¹⁶⁴Infelizmente ainda não tivemos acesso a esta obra, aliás bastante rara.

Por um lado, o resenhador critica que os dois volumes dos irmãos Bullar somente apresentariam poucas novidades (deixando de lado aquelas que foram introduzidas pelo Liberalismo na década de 1830). Por outro lado, o crítico censura a atitude dos autores que os leva a anotar com minúcia tudo que observavam e que lhes parecia digno de atenção.¹⁶⁵ A seguir, entremeadado com uns breves comentários da sua autoria, o crítico cita (sem referência às páginas onde foram retirados) alguns largos trechos relacionados com a colheita das laranjas¹⁶⁶ e a embalagem das mesmas na Ribeira Seca (em 27 de dezembro de 1838),¹⁶⁷ assim como o natal em Vila Franca do Campo¹⁶⁸ e, enfim, um cortejo funerário em Vila Franca em 14 de fevereiro de 1839.¹⁶⁹

O autor termina os seus apontamentos sobre a obra dos irmãos Bullar ao aproveitar a observação crítica que os autores fazem neste âmbito sobre o papel do sacristão no enterro,¹⁷⁰ para fazer a seguinte constatação sobre o clero micaelense:

The holy orders in St. Michael's are any thing but what their profession would indicate. The volumes which from time to time have passed through our hands, having the Azores for their subject, left upon our minds a lasting idea of the ignorance and the licentiousness of the nuns and monks; nor do the Messrs. Bullar convey a more favourable impression. We suppose that the strippings and demolition, to which these religious orders were subjected by Don Pedro, has produced poverty without contrition or amendment. Their ignorance and indolence could hardly admit of increase (MR 1841: 391-392).!!!

Não deixa de ser interessante, como o autor manifesta a sua atitude crítica perante o clero católico micaelense, não só por causa das informações fornecidas pelos irmãos Bullar. Visto que anteriormente a 1841 somente havia três livros inteiramente dedicados ao arquipélago, não deixa

de ser impressionante o preconceito maciço que se tinha formado entre intelectuais britânicos da época.

Também no número de julho da revista mensal *The Churchman's Monthly Review* (1841-1847) encontramos uma resenha anónima, desta vez ao longo de cinco páginas e meia. No início das suas considerações, o resenhador classifica a obra como um «[...] lively and entertaining, though occasionally somewhat too flippant volume [...]» (CMR 1841: 395), mas acrescenta o seguinte:

For there are no variations of style, or manner, or sentiment, by which we may distinguish between the student of Coke-upon-Littleton, and the disciple of Æsculapius. The book is a very amusing, and we doubt not a very accurate description of the group denominated the Azores, or Hawk Islands, which geographers have been sometimes inclined to reckon as belonging to Europe, yet about which Europeans, or at least Englishmen, knew less, until the publication of these volumes, than about many of the remotest clusters of the great Southern sea, (CMR 1841: 395).

Neste trecho, o resenhador realça a natureza divertida do livro, mas não pode deixar de reconhecer a utilidade da obra, por esta fornecer um grande número de informações sobre o arquipélago que antes não era do conhecimento dos ingleses.¹⁷¹

Também nesta resenha, vemos reproduzido parte do trecho relativo ao cortejo funerário em Vila Franca de 14 de fevereiro de 1839 (Bullar / Bullar 1841, l: 174-177) – desta vez ao indicar explicitamente a última página do excerto. Mas o que interessa ainda mais neste contexto são as palavras com as quais o resenhador introduz a cena funerária:

Though very frequent reference is made to the state of religion in these islands, it must be gathered from incidental sketches, rather than any

¹⁶⁵ Parece evidente que será precisamente esta mesma atenção aos detalhes relacionados com a vida micaelense a açoriana oitocentista que tornaria a obra dos irmãos Bullar tão valiosa para os historiadores dos séculos XX e XXI.

¹⁶⁶ cf. MR (1841: 389) e o texto original em Bullar / Bullar (1841, l: 99).

¹⁶⁷ cf. MR (1841: 389-390) e o texto original em Bullar / Bullar (1841, l: 94-97).

¹⁶⁸ cf. MR (1841: 390-391) e o texto original em Bullar / Bullar (1841, l: 88-90).

¹⁶⁹ cf. MR (1841: 391) e o texto original em Bullar / Bullar (1841, l: 174-176).

¹⁷⁰ cf. Bullar / Bullar (1841, l: 175-176): «The sexton was as sextons have been since Shakspeare's time, and will be henceforward, a merry fellow that had "no feeling of his business." When the corpse was lowered into the grave by the bearers, he

jumped clown on it, tucking it up and arranging the grave clothes, as if he had been putting it to bed, and then, with a final squeeze to the arms, sprang out of the hole, shovelled a few light spadefuls on the body in an impatient way, handed his tool to the bystanders, (each of whom threw earth into the grave), and, when they were satisfied, began the business of ramming down and filling up».

¹⁷¹ É neste âmbito que o resenhador faz referência explícita à *History of the Azores* de Thomas Ashe (1813), cuja perceção distorcida da realidade açoriana foi recensado de forma muito crítica na revista trimestral *The Quarterly Review* (QR 1814), recensão esta da qual o presente resenhador chega a citar alguns excertos.

systematic description. Our authors paint with equal liveliness and humour, whether they use the pencil or the pen; and their outlines of the rural clergy, though improved, as they tell us, by the artist, must have been executed on the spot – they are the letter-press embodied and impersonated, as this again is itself a portrait to the mind. Who can read, without almost realizing, as though he were present at it, the following scene (CMR 1841: 396).

Mesmo que não fique completamente neutro perante a técnica narrativa, o resenhador parece legitimar a natureza diarística do relato dos irmãos Bullar, que faz com que as suas observações sejam de natureza mais ocasional e menos regular. Daí resulta que reconhece a natureza realística com a qual os viajantes descreveram o episódio. Outra cena funerária, realizada nas Furnas em 7 de junho de 1839,¹⁷² que o resenhador volta a citar parcialmente ao indicar a paginação errada (vol. ii, p. 135) suscita simultaneamente a sua admiração (pela descrição), como chega a chocá-lo (pelo conteúdo):

We have in the second volume a still more graphic account, if possible, and rendered more interesting by the power of contrast. We are reminded, as we look upon it, of the hand which could better have realized the scene on canvass than any of mortal man [...] (CMR 1841: 397).

¹⁷²Bullar / Bullar (1841, II: 154-155): «The clerk lighted and dealt round six lanky tapers to the men in gowns, held one himself, handed the greasy mass-book and the water-brush to the priest, and, putting down that functionary's hat between his legs, stood erect, crucifix in hand, prepared to say the responses. The priest muttered through the prayers within three minutes, while the taper-holders twisting round and about to save their tapers from the draughts of wind that threatened to blow them out, grinned and jested with the bystanders at the straits in which they were placed. – "Refuse not gold", says an old divine, "though it come from an earthen pot"; and, accordingly, the holy-water, in a broken and bandaged white pipkin, was handed to the priest, who ended by dipping into it his small white brush and freely sprinkling the corpse. The body was lowered, – three idle children, sitting on the heap of fresh mould, amused themselves by rolling the earth upon the body, – the people talked, – the clerk threw away the holy-water as if it were nothing worth, collected his tapers, hastily blowing them out lest the parish wax should be wasted, – the priest walked behind the grave-yard gate, pulled the surplice over his head, lowered the black gown down to his feet, handing them to the clerk in return for his hat; and making a mean jest on the old woman, "who was much more quiet now" (muito mais quieta) "than she had been down yonder", (pointing to the village), shook himself into his

O conteúdo da descrição do funeral nas Furnas motiva o resenhador a tecer umas conclusões críticas sobre a maneira como os religiosos açorianos exercem a sua profissão:

Such being the loose and perfunctory manner in which the Azorean clergy perform church offices, we shall hardly expect to find the laity very exact or precise in their attention to church duties. They are, however, both priests and people, very particular in regard to confession, which is to the Romish Church what the doctrine of justification by faith is to the Protestant – articulis stantis vel cadentis ecclesiae. On the regular practice of this, by all persons above seven years of age, the "blind guides" insist, and they who are led by them into the ditch dare not disobey. Though a grave matter, however, in itself, they treat it, according to our authors, lightly enough (CMR 1841: 397-398).

Ao manter-se declaradamente crítico face à fé católica, o resenhador não aproveita somente a ocasião para denunciar o comportamento dos padres, mas também dos próprios fiéis, cujos hábitos de confissão são alvo de descrição pelos autores.¹⁷³

A seguir a estes e mais alguns trechos que visam fornecer uma impressão da população dos Açores, o resenhador termina com a seguinte avaliação final da obra, que, enfim, acaba por recomendar os dois volumes por causa da redação agradável, isto apesar de alguma leviandade ocasional, que tem como contrapeso momentos de pensamentos profundos:

short blue jacket, and turned up the lane. The gravedigger [...] filled and rammed the grave, – the gate was locked, and with crucifix and flags, bier, prayerbook, gowns, tufted cap, and yellow-white surplice, the bearers moved merrily down the narrow lane to put away their paraphernalia until another villager should be summoned to his last long home. The only person at all affected or serious at the burial was a middle-aged, docile-looking man, probably the son of the deceased, who shed a few unfeigned tears while the grave was filling, and stood for some time gazing on the spot, and thinking, perhaps, that he had never felt the value of a mother till she came to be laid in the grave).

¹⁷³Bullar / Bullar (1841, I: 202): «This is the time for general confession. A woman, who came to-day with her sick child, had just returned from "making a clean breast" in the principal church. She confesses once a year; others confess twice; others three times; and those, she said, who were "very good", four times. I asked her what questions the priest put to her. She laughed, hesitated, and at length said that he inquired whether she was faithful to her husband? what lies she had told in the past twelve-months? what she had stolen, and of whom? whether she had slandered others? and how often she had cursed and sworn, or called on the "diabo"? All this she told him, I fancy, without mental reservation, and appeared light-hearted and relieved».

If amusement is desirable, which shall excite the mind without leaving a sensation of unprofitableness behind it, we scarcely know how it could be presented in a more agreeable form than these lively volumes, which, for this purpose, we cordially recommend. If, on the one hand, there are occasional instances of levity, of which we could have desired the absence, there are, also, indications of deep thought and religious feeling, which are far above the ordinary standard of tourists [...] (CMR 1841: 399).

Na revista trimestral de resenhas *The British Critic, and Quarterly Theological Review* (1793–1843) encontramos somente um breve parágrafo de julho de 1841 que se refere à nossa obra:

"A Winter in the Azores", by J. Bullar, M.D. and H. Bullar, of Lincoln's Inn, (Van Voorst), is written in a light amusing style, with numerous pretty sketches, both by pencil and pen. It gives a pleasant account of the people, and describes their religious customs with as much sympathy as one expects from a good-natured traveller of the liberal school (BC 1841: 250).

Depois de realçar o estilo ligeiro e divertido e o aspeto gráfico da obra, o resenhador refere a descrição dos açorianos pelos irmãos Bullar. É na segunda frase que vemos um reflexo da orientação religiosa da revista, já que o resenhador faz questão de referir «dá uma conta agradável do povo, e descreve os seus costumes religiosos com tanta simpatia como se espera de um viajante bem-humorado da escola liberal» [tradução RK]. Mesmo que esta avaliação possa ter sido de interesse para os leitores da revista que estavam interessados em publicações e questões religiosas, não parece justo reduzir a obra de Joseph e Henry Bullar às descrições que fizeram por ocasião de manifestações da religião nos Açores...

Também no número de julho de 1841, a revista trimestral de resenhas *The Westminster Review* (1824-1914) inclui um trecho relativamente breve sobre a obra dos irmãos Bullar no capítulo «Voyages and Travels»:

A WINTER IN THE AZORES, AND A SUMMER AT THE BATHS OF THE FURNES. By J. Bullar, M.D., and H. Bullar, of Lincoln's Inn. 2 vols. 8vo. Van Voorst, 1841.

THE Azores are rarely heard of excepting one, St Michael's, and that only when applied to oranges; yet they appear to merit the attention of the consumptive and delicate of our own islands more than any place except, perhaps, Madeira; and if much resorted to, they might prove superior to Madeira itself. In climate they are equal, which is tantamount to saying that they possess one of the finest on the earth; they

are rather nearer to us; and are further removed from the disagreeable winds that blow over from Africa. They are volcanic, like Madeira, but, unlike that island, they possess much more than a narrow belt of cultivated land round the coast, and have much better means of raising the best food of all descriptions. They can also boast of their own little Cheltenham and Baths, in various hot and cold medicinal springs. They are at least equally picturesque with Madeira, and from their number offer much greater variety of scenery. In government and people they are alike, being Portuguese islands, peopled chiefly by Portuguese, though Madeira possesses the advantage of a larger body of English merchants and dealers. The Portuguese inhabitants are equally ill-governed, ignorant, superstitious, indolent, and mendacious, and we will add, equally simple-minded and good-natured. The habit of receiving invalids in Madeira has created several lodging houses and various conveniences which cannot be expected in the Western Islands; and in Madeira, probably, the invalid would suffer less from want of cleanliness in the natives and habitations, from the indifferent quality of the food and wretchedness of the cookery, and from the difficulty of procuring many of the comforts and conveniences of England, – evils which frequently render a departure from home of questionable advantage to the invalid.

The work of the Messrs Bullar gives a complete account of the Western Islands; and as one writer is a physician and the other an invalid, the qualities of the islands for consumptive patients are properly tested and explained. But these volumes are not a mere Invalid's book. They are a fresh, racy account of an interesting and little known group of islands, by two educated, intelligent, and right-feeling men, who appear to have kept minute journals with no premeditated view of publication. The numerous little wood-cuts from the authors' sketches also form an agreeable addition to the interest of the narrative (WR 1841: 502).

Neste texto, o resenhador aproveita para oferecer um apanhado de informações essenciais sobre os Açores por serem mal conhecidos, e termina ao constatar que a obra dos irmãos Bullar estaria a fornecer um relato completo sobre o arquipélago, baseado em observações adequadas de dois homens de bem. Não deixa de ser curioso que encontramos aqui a referência de que um dos escritores seria o médico e o outro o doente (ou seja, Henry Bullar), interpretação esta que ainda hoje se encontra frequentemente em publicações que fazem referência à obra e aos seus autores.

5 CONCLUSÕES

Uma das obras da literatura de viagens oitocentista que desde sempre tem angariado mais interesse, quer no seu texto original, quer entre os leitores da tradução, publicada em forma de livro por João Hickling Anglin em 1949,¹⁷⁴ na realidade a volumosa obra intitulada *A Winter in the Azores and a Summer at the Baths of the Furnas* há já muito tempo é um clássico do género. Apesar disso, persistem muitos aspetos que não foram estudados, tais como o impacto que os dois volumes chegaram a fazer na imprensa de especialidade da época.

Como acabámos de ver, não somente as obras de referência bibliográfica como *Bent's Monthly Literary Advertiser*, que na época serviam para notificar os livreiros de livros saídos do prelo, mas especialmente as revistas de resenhas, cujo papel era a divulgação e discussão de obras publicadas, a poucos meses da impressão da obra estavam interessadas em dedicar recursos e espaço à obra, discutindo o seu conteúdo, as suas vantagens e as suas desvantagens.

Entre estas publicações de especialidade, as resenhas que encontramos nas respetivas edições das revistas *The Monthly Review* e *The Churchman's Monthly Review* são as mais elaboradas, pois ocupam-se ao longo de várias páginas com alguns dos aspetos mais visíveis da obra. No entanto, ficamos a perceber que, mesmo que os resenhadores pretendam fazer transparecer um ar de objetividade, nem sempre conseguem manter essa postura face às realidades açorianas, ou seja, face às práticas do catolicismo açoriano oitocentista que os irmãos Bullar atestam no resultado das suas viagens pelo arquipélago – menos ainda, claro, quando entra em jogo a agenda político-religiosa das próprias revistas. Já nas últimas duas publicações que analisámos, nomeadamente no *The British Critic*, and *Quarterly Theological Review* e no *The Westminster Review*, os artigos relativos à obra dos irmãos Bullar são bastante mais sucintos.

Para além das revistas de 1841 que acabámos de referir (e que todas, curiosamente, datam de julho daquele ano) parece-nos seguro supor que possa ainda existir um número bastante mais elevado de revistas com resenhas da obra do que conseguimos localizar até ao momento. Assim, sem qualquer pretensão de exaustividade, já podemos no presente âmbito

apontar para alguns artigos que foram publicados em 1842, no ano a seguir ao da publicação da obra em questão, nomeadamente,

em janeiro de 1842: *The Christian Examiner and General Review* (CEGR 1842);

em agosto de 1842: *Dublin University Magazine* (DUM 1842);

em dezembro de 1842: *The Gentleman's Magazine* (GM 1842).

Parece, enfim, evidente, que a consulta e o estudo de estas, como de outras resenhas contemporâneas da obra dos irmãos Bullar, que futuramente ainda vierem a ser localizados, podem facultar-nos, não somente com uma cada vez melhor perceção do prestígio de que gozava a obra dos irmãos Bullar no mundo anglófono da época, mas também com uma compreensão de como as suas afirmações sobre os Açores e os seus habitantes eram percebidos naquele espaço cultural.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BC (1841) = «(Notices of books)», em: *The British Critic, and Quarterly Theological Review* 30 (July, 1841), págs. 244-252.

Bullar, John (1799): *A Companion on a Tour Round Southampton: Comprehending various particulars, ancient and modern, of New Forest, Lymington, Christchurch, Romsey, Bishop's Waltham, Titchfield, & c, and a Tour of the Isle of Wight. With notices of the Villages, Gentlemen's Seats, Curiosities, Antiquities, &c, occurring in the different roads described*, Southampton: Printed and by T. Baker, and sold also by the neighbouring country booksellers, and G. Wilkie, London.

Bullar, John (1806): *A historical and picturesque guide to the Isle of Wight*, Southampton: Printed by and by Baker and Fletcher; Sold also in London, by T. Ostell, and J. Harding.

Bullar, John (1820): *Historical Particulars Relating to Southampton*, Southampton: Printed by and for T. Baker; Sold also by I. Fletcher, Southampton.

Bullar, John (1818): *A companion in a visit to Netley Abbey: To which is annexed, Mr. an Keate's Elegy*, Southampton: Printed by and for T. Baker; Sold by Fletcher; Sold also in London, By Longman, Hurst, Rees, Orme, and Brown.

Bullar, Joseph (1850): *Evening thoughts: By a Physician*, London: John van Voorst.

¹⁷⁴Desde 1946 até 1948, parte da obra já tinha sido publicada pelo tradutor, sendo repartida em vários artigos na revista *Insulana* (Bullar / Bullar 1946-1948).

- Bullar, Joseph (1868): *Thoughts of a Physician, being the second series of "Evening thoughts"*, London: John van Voorst.
- Bullar, Joseph / Bullar, Henry (1946-1948): «A winter in the Azores», tradução do inglês por João Hickling Anglin, em: *Insulana* II/2-3 (1946), págs. 425-440, II/4 (1946), págs. 629-667, III/1 (1947), págs. 65-103, III/2 (1947), págs. 274-323, III/3-4 (1947), págs. 421-462, IV/1 (1948), págs. 72-101, IV/2-3 (1948), págs. 195-235 IV/4 (1948), pág. 540; Literatura de viagens
- Bullar, Joseph / Bullar, Henry (1949): *Um inverno nos Açores e um verão no vale das Furnas*, tradução do inglês por João Hickling Anglin, com um prólogo de Armando Côrtes-Rodrigues, Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada.
- Bullar, Joseph / Bullar, Henry (1841): *A Winter in the Azores and a Summer at the Baths of the Furnas*, vol. I, London: John van Voorst [vol. II com as mesmas referências bibliográficas].
- Bullar, Joseph / Bullar, Henry (1986): *Um inverno nos Açores e um verão no vale das Furnas*, tradução do inglês por João Hickling Anglin, com um prólogo de Armando Côrtes-Rodrigues, Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada.
- Calado, Kathleen J. Mundell (1988): «Prescription, description: a doctor-invalid and his brother explore the Azores», em: *Arquipélago: História* (Número Especial) ISSN 0871-7664, págs. 233-245,
- Câmara, Nélia (2014): «Um olhar sobre quatro autores que falam dos Açores em três livros: Televisão e internet limitam viajantes de hoje na descoberta dos lugares que os do século XIX encontravam nas ilhas», em: *Correio dos Açores* 3003 (23 de janeiro de 2014), pág. 2.
- CEGR (1842) = «ART. III. – A Winter in the Azores, and a Summer at the Baths of the Furnas. By JOSEPH BULLAR, M. D., and HENRY BULLAR, of Lincoln's Inn. 2 vols. 8vo. London: John Van Voorst, Paternoster Row. 1841», em: *The Christian Examiner and General Review* 31 (January, 1842, third series, volume 13), pp. 319-348.
- CMR (1841) = «A Winter in the Azores, and a Summer at the Baths of Furnas, By Joseph Bullar, M.D., and Henry Bullar, of Lincoln's Inn. London: Van Voorst, 1841», em: *The Churchman's Monthly Review* (July, 1841), pp. 395-400.
- Dayman, Henry (1869): *The Beloved Physician, a Memoir of the late Dr. Joseph Bullar*, Southampton: Sharland.
- DUM (1842) = «A Winter in the Azores», em: *Dublin University Magazine* 116 (August, 1842), pp. 227-233.
- GM (1842) = «A Winter in the Azores, &c. By Jas. Buller, M.D. and H. Buller, 2 vols. 1841», em: *The Gentleman's Magazine* 18 (December, 1842), pp. 620-623.
- Leite, João [Emanuel Cabral] (1990c): «Os Açores vistos por estrangeiros no século XIX: "um inverno nos Açores e um verão no Vale das Furnas"», em: *Boletim Cultural e Informativo da Casa dos Açores do Norte* 31, pp. 14-15.
- MLA (1841) = «Works now first published», em: *Bent's Monthly Literary Advertiser: Register of Books, Engravings, Music, &c.* 440 (May 10, 1841), págs. 65-68.
- MR (1841) «The Azores and Madeira», em: *The Monthly Review* 11/II (July 1841), pp. 388-397.
- Picken, Andrew (1840): *Madeira Illustrated by Andrew Picken, with description of the Island*, edited by Dr. James Macaulay, M. A., [London:] Published by the author at Day & Haghés and Hodgson & Graves.
- QR (1814) = «ART. XIII. History of the Azores, or Western Islands; containing an Account of the Government, Laws, and Religion; the Manners, Ceremonies, and Character of the Inhabitants; and demonstrating the Importance of these Valuable Islands to the British Empire. London. 1813.», em: *The Quarterly Review* 11 (April, 1814), pp. 190-203.
- WR (1841) = «Travels», em: *The Westminster Review* 36 (July-October, 1841), pp. 502-507.

60. ROZELI ALVES, SECRETARIA DO ESTADO DA EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO BRASIL, ASSISTENTE PRESENCIAL



ROZELI ALVES, Mestre em Educação: Psicologia da Educação pela PUC-SP. Bacharelado e licenciatura em Letras - Português e Inglês, pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

Especialista em currículo e avaliação na área de Linguagens da Coordenadoria de Gestão da Educação Básica. Experiência como docente em Língua e Literaturas Brasileira e Portuguesa, Língua e Literaturas Inglesa e Americana.

Atua na elaboração de materiais didáticos e na formação continuada de profissionais da educação em cursos presenciais e a distância.

PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ

61. SUSANA TELES MARGARIDO, ESCRITORA AÇORIANA, ASSISTENTE PRESENCIAL



PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ

62. TIAGO ANACLETO-MATIAS, PARLAMENTO EUROPEU, BRUXELAS, BÉLGICA, MODERADOR ASSISTENTE PRESENCIAL

TIAGO ANACLETO-MATIAS é mestre em Tradução e Interpretação Especializadas (2008), licenciado em Tradução Especializada (2002) e bacharel em Línguas e Secretariado (2000) pelo Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Politécnico do Porto (ISCAP), tendo sido aluno na Escola Superior de Comércio e Gestão (*Handelshøjskole Syd*) de Esbjerg – Dinamarca, em 1998, ao abrigo do Programa *Erasmus*.

Possui uma pós-graduação em Tradução para Legendagem pelo Instituto Superior de Assistentes e Intérpretes do Porto (2004).

As suas publicações são nas áreas dos Estudos da Tradução e da Linguística Aplicada.

Tem igualmente cooperado desde 2008 no apoio ao secretariado em diversos Colóquios da Lusofonia, nomeadamente nos Açores, Bragança e Brasil.

Desde 2004 que é funcionário efetivo do Parlamento Europeu, em Bruxelas.



É SÓCIO FUNDADOR DA AICL E SECRETÁRIO DA DIREÇÃO PARTICIPA DESDE O 1º COLÓQUIO

63. VAMBERTO FREITAS, UNIVERSIDADE DOS AÇORES



Vamberto Freitas

Vamberto Freitas nasceu nas Fontinhas, Ilha Terceira, em 1951. Emigrou com a família para os EUA em 1964, onde se formou em Estudos Latino-Americanos pela California State University, Fullerton, em 1974. Foi correspondente e colaborador do suplemento literário do *Diário de Notícias* (Lisboa) durante largos anos. Desde 1991 é Leitor de Língua Inglesa na Universidade dos Açores, tendo entretanto publicado inúmeros estudos críticos e ensaios sobre as literaturas norte-americana e açoriana. Para além da sua já considerável obra sobre estes temas e áreas de estudo, tem ainda

publicado algumas traduções, principalmente da poesia de Frank X. Gaspar, e continua a colaborar em vários periódicos do arquipélago e da Diáspora com textos de crítica literária e cultural. No Brasil, tem colaboração no suplemento *Cultura do Diário Catarinense* e na revista *Cartaz: Cultura e Arte*, ambos de Florianópolis, Santa Catarina, assim como no *Jornal de Letras*, Rio de Janeiro. Ao longo dos anos, participou em congressos e colóquios em Portugal, nos Estados Unidos, Canadá e Brasil. De 1995 a 2000, coordenou o *Suplemento Açoriano de Cultura (SAC)* do *Correio dos Açores*, e de 2003 a 2006, dirigiu o *Suplemento Atlântico de Artes e Letras (SAAL)* da revista *Saber Açores*. Faz parte desde há alguns anos do Conselho Consultivo da *Gávea-Brown: A Bilingual Journal Of Portuguese-American Letters And Studies* e da Comissão Editorial do *Boletim Do Núcleo Cultural Da Horta*. Lançou recentemente o seu décimo livro de ensaios, *Imaginários Luso-Americanos e Açorianos: do outro lado do espelho*.

APRESENTA O LIVRO "CRÓNICA DOS REGRESSOS" DE JOSÉ SOARES

64. VÂNIA DILAC, CANTORA, MOÇAMBIQUE,



VÂNIA DILAC nasceu em Moçambique, é residente há muitos anos em S. Miguel, onde nos últimos tempos tem integrado diversos projetos culturais. Dotada de um invulgar timbre e presença tendo merecido as mais positivas críticas.

ATUA NA SESSÃO COMEMORATIVA 40 ANOS DE ABRIL

65. ZÉ NUNO DA CÂMARA PEREIRA, ARTISTA PLÁSTICO CONVIVADO, AÇORES

ZÉ NUNO DA CÂMARA PEREIRA, Nasceu em 1937, na Ilha de Santa Maria, Açores, licenciado em Pintura pela Escola Superior de Belas Artes de Lisboa. Artista residente no Centro de Arte Moderna em 1985-86 e bolseiro da

Fundação Calouste Gulbenkian e da Fundação Luso-Americana (1987-88).

Durante este período frequentou o Center for Advanced Visual Studies do M.I.T. - Massachusetts Institute of Technology, Cambridge USA.



Além das exposições individuais e coletivas que participou, destacam-se os seguintes prémios:

- **1984** "O Futuro é já hoje?" - Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian. 1ª Bienal dos Açores e Atlântico - Menção Honrosa da SREC.
- **1986** III Exposição de Artes Plástica da Fundação Calouste Gulbenkian.
- AICA-Philae – 1º Prémio da Associação Internacional de Críticos de Arte. Artista do ano.
- **1987** Prémios SEAT atribuídos às figuras que se destacaram nas diferentes áreas de intervenção social do país.
- **2000** Prémio Domingos Rebelo - Direção Regional da Cultura, Açores.

Está igualmente representado naquilo que se designa como Arte Pública:

- Paredes descobradas no altar-mor e na entrada da Igreja Matriz de Almada, a convite do Arquiteto Nuno Teotónio Pereira.
- Instalações/Homenagens a Goethe e Fernando Pessoa, Círculo de Leitores, Lisboa.

- Relevos da entrada e envolvente da escadaria da Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada e teto do Teatro Faialense, a convite do Arquiteto José Lamas.
- Paineis de Azulejos, Escola Secundária de Lagoa, São Miguel.
- Paineis de Azulejos, Jardim dos Corte-Reais, Angra do Heroísmo.
- Jardim de Pedra para as Vinhas do Pico (candidatas a Património da Humanidade).
- Escultura Pública "Áxis", Pousada Castelinho de S. Sebastião, 2006



FOI CONVIDADO DOS COLÓQUIOS SEM SANTA MARIA 2011 E GALIZA 2012.

TERÁ EM EXPOSIÇÃO NO HOTEL VISTA DO VALE ARTE SUA
VER CADERNO DE ESTUDOS AÇORIANOS Nº 21 DEDICADO A JOSÉ NUNO DA CÂMARA PEREIRA

FARÁ PARTE DA MESA REDONDA 9 ILHAS, 9 ESCRITORAS REPRESENTANDO A SUA FALECIDA IRMÃ MADALENA FÉRIN

66. ZECA MEDEIROS, ARTISTA AÇORIANO

José Medeiros, popularmente conhecido como **Zeca Medeiros** nasceu em Vila Franca do Campo, 1951. É músico, compositor, ator e realizador português. Natural da ilha de São Miguel, nos Açores, começou a sua carreira musical tocando a bordo do paquete "Funchal", no início da década de 1970. Cumpriu o serviço militar em Angola durante a Guerra Colonial, experiência traumática que haveria de marcar boa parte da sua obra cinematográfica e musical. Algum tempo após cumprir o serviço militar, iniciou o seu trabalho para a RTP, entrando para os quadros da estação, em Lisboa, percorrendo um longo trilha de várias aprendizagens, desde as VTPs até Assistente de Realização. Trabalhou na emissora durante cerca de trinta anos.

A abertura da televisão nos Açores fez com que regressasse ao arquipélago, onde deu início à sua carreira de realizador. As suas séries televisivas ficaram na memória coletiva como referências do cinema na televisão pública portuguesa: "*Mau Tempo no Canal*", "*Xailes Negros*" ou "*Gente Feliz com Lágrimas*" foram obras que realizou e para que compôs as respetivas bandas sonoras. Em alguns casos, dando voz a outros intérpretes, como Mariana Abrunheiro, Minela, Susana Coelho ou Vera Quintanilha.

A aposta na produção de ficção para televisão na região açoriana produziu ainda obras como "*Balada do Atlântico*", "*O Barco e o Sonho*", "*O Feiticeiro do Vento*", "*A Ilha de Arlequim*" e "*O Sorriso da Lua nas Criptomérias*".



Em 1978 gravou os singles "*Pedrada no Charco*" e "*Vida Roseira*".

Em 1995, o álbum "**Feiticeiro do Vento**" foi nomeado para o "Prémio José Afonso".

Apesar de sempre ter estado ligado a espetáculos de música que iam desde o popular ao tradicional, escolhendo visuais de certa forma formais, pelas ilhas açorianas ou mesmo pelo continente, só no ano de 1999 editou o seu primeiro disco de longa duração: "*Cinefilias e Outras Incertezas*", que veio a ser nomeado para o "Prémio José Afonso" daquele ano.

O seu trabalho "*Torna-Viagem*" recebeu o "Prémio José Afonso" em 2005.

Em 19 de abril de 2007, no Coliseu Micaelense, na edição dos "Prémios Açores Música 2006", onde vários artistas açorianos foram galardoados em várias categorias, recebeu o "Prémio Carreira - Prestígio".

Discografia

Singles

- 1978 - "*Pedrada no Charco / Dia de Chuva na Cidade*"
- 1978 - "*Vida Roseira*"

Álbuns

- 1983 - "*Rimando Contra a Maré*"

- 1986 - "Alabote!"
- 1986 - "Xailes Negros" (EP)
- 1995 - "Feiticeiro do Vento"
- 1998 - "7 Cidades, a Lenda do Arcebispo"
- 1999 - "Cinefilias e Outras Incertezas"
- 2004 - "Torna-Viagem"
- 2010 - "Fados, Fantasmas e Folias"

Bandas Sonoras

- 1986 - "O Barco e o Sonho"
- 1986 - "7 Anos de Música"
- 1986 - "Mau Tempo no Canal"

Colaborações

- 1986 - "Toadas do Vento Ilhéu"
- 1995 - "Danças e Folias" (Brigada Victor Jara)
- 1995 - "Ópera do Bandoleiro" (Carlos Clara Gomes / Trigo Limpo)
- 1996 - "Caminhos" (Dulce Pontes)
- 1996 - "Alma" (Ala dos Namorados)
- 1997 - "Encontros" (João Loio)
- 1997 - "A Voz e a Guitarra" (Vários artistas)
- 1997 - "Balada do Atlântico"
- 1998 - "Cantigas de Amigos" (João Balão e José Moz Carrapa)
- 2009 - "MDLXIII" (In Peccatum)

TOMA PARTE NA HOMENAGEM DOS 40 ANOS DE ABRIL.

PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ

Ouçã aqui Canção do Medo (José Medeiros | arranged by Rafael Fraga): <http://t.co/jfeVH4m0N5> / <http://t.co/X3Ju1fQQ19>



25 Anos de música original nos Açores - 2010
CD/DVD pack | music recorded at Teatro Micaelense, Azores (Portugal)



Minela e Zeca Medeiros - "Bons olhos te vejam" do disco "cinefilias e outras incertezas"

<http://www.youtube.com/watch?v=l0MjsujQDi8&feature=youtu.be>.
Música e letra: José Medeiros Arranjo de Ricardo J. Dias António Pinto:
Guitarra de 12 cordas Marino de Freitas: Baixo acústico ..

25 Anos de música Original nos Açores: Bailado da Garça (José Medeiros | arranged by Rafael Fraga): <http://t.co/X5plpNphnA>
http://www.youtube.com/watch?v=BgfdxQDg_Ag

67. ZILDA ZAPPAROLI, UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, BRASIL

Zilda Maria Zapparoli nasceu em Itu, São Paulo, Brasil, em 2 de agosto de 1945. É professora associada aposentada junto ao Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), instituição em que obteve os títulos de Mestre, Doutor e Livre-Docente, e onde continua desenvolvendo atividades de pesquisa e orientação no Curso de Pós-Graduação em Linguística, área de Semiótica e Linguística Geral, linha de pesquisa

A Linguística e suas interfaces com outras ciências. Foi professora assistente da área de Linguística Românica de 1980 a 1994, junto ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da FFLCH-USP.



Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Linguística Informática, Linguística de Corpus e Linguística Aplicada, atuando principalmente nos seguintes temas: Linguagem e Tecnologias, Informática e Ciências Humanas, Análise Informatizada de Textos, Pesquisas Baseadas em *Corpora*, Educação a Distância, Processamento de Língua Natural, Análise do Discurso Oral, Lexicologia, Fonética e Fonologia.

Tem mais de quarenta anos de atuação em Linguística Informática, com tese de doutorado, tese de livre-docência, pós-doutorado na Universidade de Toulouse II e trabalhos publicados na área.

É líder do Grupo Interdisciplinar de Pesquisas em Linguística Informática, certificado pela Universidade de São Paulo e cadastrado no Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil do CNPq em 2002.

É consultora *ad hoc* do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq –, da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP – e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

Integrou comissões e colegiados na USP, destacando-se os trabalhos relativos ao processo de informatização da FFLCH-USP, enquanto Membro da Comissão Central de Informática da USP e Presidente da Comissão de Informática da FFLCH-USP por cerca de treze anos.

É SÓCIO DA AICL

TOMOU PARTE NO 16º COLÓQUIO EM VILA DO PORTO 2011 E 17º NA LAGOA 2012

TEMA 2.4. STABLEX: UMA FERRAMENTA LINGUÍSTICO-COMPUTACIONAL PARA TRATAMENTO E ANÁLISE DE CORPORA, ZILDA MARIA ZAPPAROLI, PROFESSOR SÊNIOR UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, BRASIL

Tema: Lusofonia no Mundo – Língua, Linguística e Literatura

Subtema: Ensino e Currículos. Corpus da Lusofonia

[Ver aqui PowerPoint antes de ler artigo](#)

[Ver demonstração do artigo em animação](#)

RESUMO

A exploração de textos em formato eletrônico (*corpora* eletrônicos) por programas de análise linguística abre inúmeras possibilidades aos estudiosos da linguagem e impõe novas diretrizes ao ensino e à pesquisa de línguas naturais nos mais diversos campos de investigação, desde o léxico e a gramática até o texto e o discurso. Este trabalho tece considerações sobre a ferramenta linguístico-computacional para tratamento e análise de *corpora* STABLEX (André Camlong e Thierry Beltran, Université de Toulouse II) e sobre o método de análise de textos para o qual serve de instrumento. O programa STABLEX foi desenvolvido especialmente para análises linguísticas – indexação de textos, tratamento estatístico de léxicos, extração de seqüências e concordâncias: STA – de *statistique*, TAB – de *tableaux*, LEX – de *lexique* e T...EX – de *texte*. Por contemplar uma confluência de áreas – Linguística, Matemática, Estatística, Computação –, o programa facilita e otimiza não somente a busca, organização e quantificação, mas também a análise de dados linguísticos: apresentando-se como instrumento para análise lexical em uma perspectiva de discurso, já realiza uma análise preliminar dos dados a partir de um tratamento lexical quantitativo, de forma a submeter ao analista do discurso informações em bases seguras, porque pautadas em procedimentos objetivos, para a sua tarefa de interpretação a partir dos pressupostos teóricos adotados. O programa STABLEX foi desenvolvido em função de um modelo de análise lexical, textual e discursiva – *método matemático-estatístico-computacional de análise de textos* de André Camlong. O método é fundado na matemática e na estatística paramétrica (estatística descritiva); é técnica eficiente para o estudo descritivo, objetivo e indutivo do texto; permite a análise quantitativa do léxico, que indica apontamentos para a análise textual e discursiva. Assim sendo, o método e a sua ferramenta respondem, de forma satisfatória, às necessidades do pesquisador cujo objeto de trabalho é o texto e o discurso.

INTRODUÇÃO

Para o tratamento e análise de *corpora*, objeto deste artigo, as tecnologias computacionais constituem indispensáveis recursos.

Uma das conclusões do *XX Colóquio da Lusofonia*, por sugestão de José Lopes Moreira Filho, durante a sua comunicação, foi a criação de um *Corpus da Lusofonia*, no âmbito do *Grupo Interdisciplinar de Pesquisas em Linguística Informática*, com o propósito de não apenas gerar *corpora* de textos em língua portuguesa dos diversos países lusófonos, mas sobretudo de disseminar o uso de ferramentas computacionais para o tratamento e análise de textos, bem como de desenvolver novos métodos de análise para o processamento de língua natural e o aprendizado de máquina.

Com a intenção de oferecer uma contribuição a estudos do *Corpus da Lusofonia*, o presente artigo destaca o uso de tecnologias informatizadas para a exploração de textos em formato eletrônico (*corpora* eletrônicos), tecendo considerações sobre uma ferramenta linguístico-computacional para tratamento e análise de *corpora* – STABLEX (André Camlong e Thierry Beltran, Université de Toulouse II) – e sobre o método de análise de textos para o qual serve de instrumento – *método matemático-estatístico-computacional de análise de textos* (ou *método quantiquantitativo de análise de textos*) de André Camlong.

Está prevista, também, a busca de uma interação com estudiosos do *Corpus de Referência do Português Contemporâneo* (CRPC)¹⁷⁵, pelo oferecimento de *corpora* e para troca de experiências do uso de métodos e técnicas informatizados no tratamento da informação linguística.

O método e sua ferramenta vêm sendo aplicados, no Brasil, principalmente por pesquisadores do *Grupo Interdisciplinar de Pesquisas em Linguística Informática*¹⁷⁶, grupo certificado pela Universidade de São Paulo e cadastrado no *Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil do CNPq* em 2002. Os resultados são descritos em trabalhos relativos à análise dos seguintes *corpora*: (a) *Corpus de Discursos Oraís - Português Falado de São Paulo* (Zilda Maria Zapparoli); (b) *Corpus de Discursos Literários - Fernando*

Pessoa (João Martins Ferreira); Machado de Assis (Daniela Fregonese Bragazza); Realismo Fantástico (Neide Ferreira Gaspar); Guimarães Rosa (Márcia Angélica dos Santos); Crítica de Tradução (Neide Ferreira Gaspar); (c) *Corpus de Discursos Bíblicos - Epístolas de São Paulo* (Edenis Gois Cavalcanti); (d) *Corpus de Discursos Públicos - Greve da Educação em Pernambuco, 1987-1990* (Maria Cristina Hennes Sampaio); (e) *Corpus de Discursos Escolares* (Luís Rogério da Silva).

1 O PROGRAMA STABLEX

Desenvolvido por André Camlong e Thierry Beltran (Université de Toulouse Le Mirail) e fundamentado em um método de análise lexical, textual e discursiva de autoria de André Camlong, o programa STABLEX permite ao usuário o processamento de textos (TEX) para a confecção de léxicos (LEX), a partir dos quais e por meio de uma macroacoplada ao programa, geram-se tabelas (TAB) estatísticas (STA). Foi, então, criado especialmente para aplicações linguísticas – processamento automático de textos, geração de léxicos, indexação, extração de sequências e concordâncias, lematização e tratamento estatístico.

Construído inicialmente para a plataforma *Macintosh* (Toulouse, Teknea, 1991), conta, a partir de 2004, com a sua versão para ambiente PC (São Paulo, Pirus Tecnologia, 2004), que inclui novas funções estatísticas para a análise de textos.

Por contemplar uma confluência de áreas – Linguística, Matemática, Estatística, Computação –, a sua utilização facilita e otimiza não somente a busca, organização e quantificação, mas também a análise de dados linguísticos. Possibilita, assim, um tratamento quantiquantitativo de textos: apresentando-se como instrumento para análise lexical em uma perspectiva de discurso, já realiza uma análise preliminar dos dados a partir de um tratamento lexical quantiquantitativo, de forma a submeter ao analista do discurso informações em bases seguras, porque pautadas em dados cientificamente descritos, para a sua tarefa de estudo do texto e do discurso.

¹⁷⁵ O CRPC é um vasto *corpus* eletrônico sobretudo da variedade europeia do Português e de outras variedades (Brasil, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Goa, Macau, Timor-Leste), abrangendo diferentes tipos de textos escritos (literário, jornalístico, técnico, científico, didático etc.) e de transcrições de gravações de registros oraís - formal e informal – de diferentes tipos de

interação: monólogos, diálogos, conversas, telefonemas, leituras, homilias etc. O CRPC contém textos da segunda metade do século XIX até 2006, embora a maioria dos textos seja posterior ao ano de 1970. Disponível em: <http://www.clul.ul.pt/pt/referencias/183-reference-corpus-of-contemporary-portuguese-crpc>.

¹⁷⁶ Site: <<http://www.fllch.usp.br/dl/li>>.

A análise quantitativa de textos é ponto de partida para a análise qualitativa. Assim sendo, esse programa responde, de forma satisfatória, às necessidades do pesquisador cujo objeto de trabalho é o texto e o discurso.

Destaca-se o fato de o programa ter sido desenvolvido em função de um modelo de análise lexical, textual e discursiva - *método matemático-estatístico-computacional de análise de textos*, ou *método quantiquantitativo de análise de textos*, de André Camlong. Trata-se, por conseguinte, não apenas da aplicação de um programa computacional, mas, de forma mais ampla, de um programa que serve de ferramenta para um método de análise de textos.

2 O MÉTODO QUANTIQUALITATIVO DE ANÁLISE DE TEXTOS

Apresentando-se como instrumento para análise lexical em uma perspectiva de discurso, o método de análise de textos de André Camlong, descrito nas obras *Méthode d'analyse lexicale textuelle et discursive* (CAMLONG: 1996) e *Do Léxico ao Discurso pela Informática* (ZAPPAROLI; CAMLONG: 2002), é fundado na matemática e na estatística paramétrica (estatística descritiva); é técnica eficiente para o estudo descritivo, objetivo e indutivo do texto; permite a análise quantiquantitativa do léxico, que indica apontamentos para a análise textual e discursiva; pressupõe o emprego do programa STABLEX. Trata-se, pois, de um método que põe ferramentas informáticas, matemáticas, estatísticas e gráficas a serviço da descrição de léxicos e de textos e da análise do discurso, algumas vezes corroborando, outras corrigindo e orientando a leitura do texto.

A estatística paramétrica reúne três componentes básicos: a aritmética, para calcular, determinar e controlar; o cálculo algébrico, para medir, comparar e integrar; a representação geométrica, para visualizar, memorizar e raciocinar. A utilização conjunta desses três componentes descreve a composição do léxico, a partir da qual se pode entrever a constituição do discurso. O texto é o ponto de referência – todas as operações estatísticas partem do texto e, por sua vez, refletem o texto – e o léxico é o veículo que leva ao conhecimento do discurso – as escolhas preferenciais dos itens lexicais, reveladas pelo seu valor, correspondem à orientação discursiva.

Não se podem, pois, tirar conclusões com base em tratamentos puramente quantitativos, visto não haver relação entre alta frequência e valor preferencial de um item lexical (valor decorrente do seu papel na constituição textual e discursiva). Há uma comunicação constante entre as duas informações, a numérica (quantitativa) e a textual (qualitativa): a estatística ajuda o estudioso a penetrar no universo linguístico e a descrevê-lo de modo mais exato.

3 O STABLEX NO TRATAMENTO E ANÁLISE DE CORPORA

A fim de que o *corpus* possa receber tratamento estatístico, a aplicação do STABLEX pressupõe uma preparação¹⁷⁷ dos textos em função dos objetivos do estudo – tarefa manual, que exige tempo e cuidado –, como a uniformização gráfica do texto e a reconstituição de sintagmas referenciais por meio do traço de união, a fim de preservar a unidade referencial, para evitar, no processamento, mais de uma entrada para o mesmo item lexical.

O tratamento e análise de *corpora* pelo STABLEX inclui:

(a) levantamento lexical, com constituição de léxicos de frequência e de tabelas de distribuição de frequências – cálculo aritmético – tratamento quantitativo;

(b) constituição de léxicos preferenciais, normais e diferenciais, a partir de tabelas de desvios reduzidos – cálculo algébrico – tratamento quantiquantitativo;

(c) aplicação de testes estatísticos – normalidade de distribuição lexical, correlação, entre outros – tratamento estatístico;

(d) extração de sequências textuais. Esses resultados dão a conhecer o léxico por meio de uma descrição lexical quantiquantitativa.¹⁷⁸

Para exemplificar os recursos do programa, utilizam-se resultados do processamento efetuado com *corpus* do português falado culto de São Paulo, constituído de quatro variáveis (textos) – T1, T2, T3, T4 –, reunidas de acordo com o sexo e com as condições extraverbiais de interação dialógica – entrevistas (situações formais) e conversações (situações informais). O estudo foi publicado no terceiro volume do *Boletim da Academia Galega da Língua Portuguesa*, segundo trimestre de 2010, editado em Santiago de Compostela.

¹⁷⁷ Com base em Camlong, 1996:9-12.

¹⁷⁸ Sobre os procedimentos utilizados para a geração de léxicos, vocabulários e tabelas, consultar Camlong, 1996 e Zapparoli, 2002.

3.1 O TRATAMENTO QUANTITATIVO

3.1.1 DOS TEXTOS AOS LÉXICOS DE FREQUÊNCIA

A partir dos textos utilizados para a análise, geram-se, inicialmente, três léxicos de frequência por meio de uma operação que consiste no levantamento automático exaustivo dos itens lexicais das variáveis em estudo, em que, respeitada a distribuição entre elas, os itens lexicais são classificados por ordem alfabética – *léxico alfa* –, por ordem crescente de frequência – *léxico cata* – e por ordem decrescente de frequência – *léxico delta*. Os léxicos relacionam, na primeira coluna, a ordem de classificação; na segunda, os itens lexicais; na terceira, a frequência total (no *corpus*) e, nas demais, a frequência por variável, ou seja, a distribuição da frequência total pelas variáveis em estudo.

Destaca-se o fato de as listas originárias da análise de textos pelo STABLEX exibirem o léxico do *corpus* e dos textos que o integram – e não apenas do *corpus* como um todo, caso de alguns programas –, o que facilita uma visão contrastiva do todo – *corpus* – em relação às partes – textos que integram o *corpus* – e das partes em relação ao todo, bem como das partes entre si.

A observação dos dados fornecidos por esses léxicos não oferece informação relativa ao valor do item lexical na construção do texto e do discurso. São dados brutos, puramente quantitativos, que retratam, apenas, o recenseamento dos itens lexicais com sua frequência absoluta (número real de ocorrências) no *corpus* e nas variáveis, não sendo, pois, suficientes para uma descrição científica do *corpus* em virtude da diferença de extensão de cada texto.

A título de exemplificação, segue uma pequena amostra do Léxico Delta (início e fim da listagem): a classificação por ordem decrescente de frequência põe em relevo o vocabulário gramatical nas altas frequências (*eu, de, que* etc.), seguido pelo vocabulário nocional, em que se destaca o temático (*avisam, bahia, dificuldade* etc.), com os hápax¹⁷⁹ no final da listagem. O Léxico Delta mostra a preferência do ponto de vista da massa lexical (frequência de emprego).

¹⁷⁹ Hápax são itens lexicais com frequência 1 numa variável e 0 nas demais.

TABELA 1 – LÉXICO DELTA

Ordem	Léxico	Total	T1	T2	T3	T4
1	eu	504	158	157	108	81
2	de	370	127	70	90	83
3	que	368	97	106	84	81
2138	avisam	1	0	1	0	0
2139	bahia	1	0	0	0	1
2140	dificuldade	1	0	1	0	0

3.1.2 DO LÉXICO DELTA ÀS TABELAS DE DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIAS (TDF)

Integrada ao Stablex, há uma macro do software Excel responsável pelas etapas seguintes.

A partir do léxico delta, é criada a Tabela de Distribuição de Frequências¹⁸⁰ –, que conserva, na matriz, apenas os dados numéricos da população lexical recenseada nos textos, representando, pois, a massa lexical, o *status* da população estudada (cálculo aritmético – tratamento quantitativo).

Apresenta-se, a seguir, uma amostra da TDF das quatro variáveis (início e fim da listagem), onde se lê: na primeira coluna, a ordem de classificação de 1 a 75, correspondendo à ordem decrescente da segunda coluna; na segunda, as frequências de emprego arranjadas por ordem decrescente: da mais elevada – 504 para o item *eu*, conforme léxico delta, que lista os itens classificados por ordem decrescente – à mais baixa – os itens de frequência 1 (ou hápax); na terceira, o número de itens referentes a cada frequência, conforme a contagem feita no léxico delta; na quarta, o número total de ocorrências da linha, que é o produto dos dados das duas colunas precedentes, ou seja, o produto das frequências pelo número correspondente de itens, que é também a soma dos efetivos registrados nas colunas seguintes; nas quatro colunas seguintes, a distribuição das ocorrências, isto é, o número de ocorrências de cada variável.

A parte superior da tabela traz os totais e os valores de “p” (probabilidade de ocorrência de cada item lexical em cada variável) e de “q” (probabilidade contrária).

¹⁸⁰ Sobre os procedimentos utilizados para a geração da TDF, consultar Camlong, 1996:28.

TABELA 2 – TABELA DE DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIAS

Textos: 4			Totais: 11357	3084	2923	2654	2696
Linhas: 75			p	0,272	0,257	0,234	0,237
			q	0,728	0,743	0,766	0,763
Ordem	Frequência	Número	Ocorrência	T1	T2	T3	T4
1	504	1	504	158	157	108	81
2	370	1	370	127	70	90	83
3	368	1	368	97	106	84	81
73	3	132	396	87	113	88	108
74	2	367	734	166	187	169	212
75	1	1211	1211	326	281	307	297

Um exame paralelo entre a TDF e o Léxico Delta permite a identificação dos itens lexicais. Assim: 504 *eu*, 370 *de*, 368 *que*... (leitura vertical da primeira e segunda colunas do Léxico Delta) até 326 itens próprios de T1, 281 de T2, 307 de T3, 297 de T4 (leitura horizontal da última linha da TDF).

Observe-se que, se considerados o início e o fim da tabela, a relação entre as colunas 2 e 3 inverte-se: no início, há uma quantidade menor de itens lexicais para uma frequência de emprego elevada; no fim, um número elevado de itens lexicais para uma frequência de emprego baixa, decorrendo, daí, a importância dos itens lexicais de frequência 1 e dos hápax. É importante reportar-se ao Léxico Delta para a identificação dos itens lexicais de mesma frequência de emprego.

A observação dos dados da TDF não oferece, também, informação relativa à importância dos itens lexicais nos textos. Trata-se, apenas, do *status*, quer dizer, da população lexical recenseada.

Tendo em vista a diferença de extensão de cada texto, os dados brutos fornecidos pela TDF (cálculo aritmético), dado retratarem, simplesmente, a distribuição dos itens lexicais pelas variáveis, não são suficientes para uma descrição científica do *corpus* e, por isso, não permitem fazer nenhuma comparação, nem formular nenhuma hipótese. Nessa perspectiva, é preciso transformar a *Tabela de Distribuição de Frequências* (tratamento quantitativo) em *Tabela de Desvios Reduzidos* (tratamento qualitativo).

¹⁸¹ Para a confecção das tabelas de desvios reduzidos, consultar Camlong, 1996:34-35.

3.2 O TRATAMENTO QUANTIQUALITATIVO

3.2.1 DAS TABELAS DE DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIAS ÀS TABELAS DE DESVIOS REDUZIDOS (TDR)

A transformação da Tabela de Distribuição de Frequências em Tabela de Desvios Reduzidos¹⁸¹, ou seja, a redução dos dados brutos em dados medidos e proporcionalmente dimensionados, fornece os meios científicos para uma descrição do *corpus*. Essa transformação é feita pela aplicação da estatística paramétrica (cálculo algébrico) ao tratamento do *corpus*.

Criada a partir da TDF, na TDR todos os itens lexicais são medidos com a mesma unidade, a do desvio padrão¹⁸², em relação a um centro de gravidade – o ponto de equilíbrio –, em que a média é reduzida a zero (cálculo algébrico – tratamento quantitativo).

A TDR dá, pois, o valor lexical, um valor algébrico do desvio reduzido (Z). A partir desse cálculo, todos os dados mantêm uma estreita relação de dependência: a parte em relação ao todo e vice-versa.

Assim sendo, enquanto a massa lexical, número de ocorrências ou de frequências de emprego dos itens lexicais do *corpus* recenseado, é um número absoluto, reproduzido na TDF, o valor lexical, um valor algébrico do desvio reduzido (Z), dado pela TDR, é uma medida pontual, calculada em relação a um centro de gravidade – o ponto de equilíbrio –, em que a média é reduzida a zero.¹⁸³

Segue uma amostra da TDR das quatro variáveis, onde se lê: na primeira coluna, a ordem de classificação de 1 a 75, correspondendo à ordem decrescente da segunda coluna; na segunda, o número de frequências de emprego, arranjadas por ordem decrescente (extraídas da TDF); na terceira, o número total de desvios reduzidos na linha (ou das quatro variáveis), correspondentes às frequências de emprego; nas quatro colunas seguintes, o número de desvios reduzidos de cada variável em relação às frequências de emprego.

No cabeçalho da tabela, calculam-se a soma dos desvios reduzidos (ΣZs) do total e das variáveis, o desvio reduzido médio (Z Médio), que é a soma dos desvios reduzidos dividida pelo número de linhas, o quadrado do Z Médio (Khi2) e a normalidade da distribuição lexical.

¹⁸² Medida de dispersão dos valores de uma variável em torno de sua média – medida universal por excelência.

¹⁸³ Em matéria de estatística descritiva, o centro de gravidade é reduzido a zero.

Enquanto as leituras verticais, coluna por coluna, referem-se à especificidade de cada variável a partir de uma descrição do conjunto, as leituras horizontais, linha por linha, dizem respeito à comparação entre as variáveis, permitindo a comparação das diferenças ou das preferências de emprego de itens ou de grupos de itens de um texto a outro.

A visão combinada dos dois eixos – vertical e horizontal – fornece os traços comuns e os traços distintivos entre os textos que integram o *corpus*.

A exploração exaustiva dos valores da TDR, classificando-se o Z em ordem crescente ou decrescente pelo *corpus* e pelas variáveis, permite avaliações contrastivas do todo em relação às partes e das partes em relação ao todo.

Na TDR, como o cálculo do Z é feito a partir da TDF, portanto, por frequências observadas no *corpus*, tem-se o Z por item, quando há um único item para uma dada frequência, ou o Z por conjunto de itens que se relacionam pela mesma frequência no *corpus*, quando há mais de um item para a mesma frequência.

Neste caso, para discriminar-se o valor do Z de cada item, usa-se a técnica da discriminação (desagrupamento de itens), recurso disponível na macro do *Excel* que acompanha o programa STABLEX.

Para determinar o valor de cada item lexical, recorre-se, então, à Tabela de Valores Lexicais, que dá a distribuição preferencial dos itens lexicais.

TABELA 3 – TABELA DE DESVIOS REDUZIDOS – TDR

		Total	T1	T2	T3	T4
$\Sigma(Zs)$		-0,319	3,728	5,430	0,112	9,365
Z Médio		-0,004	0,050	0,072	-0,001	0,125
Khi2 Normalidade		0,023	0,002	0,005	0,000	0,016
1,000						
Ordem	Frequência	Desvio Reduzido	T1	T2	T3	T4
1	504	-0,178	2,117	2,780	-1,029	-4,046
2	370	-0,056	3,101	-3,000	0,434	-0,591
3	368	-0,023	-0,343	1,346	-0,246	-0,779
73	396	0,067	-2,320	1,274	-0,539	1,653
74	734	0,129	-2,765	-0,161	-0,220	3,276
75	1211	0,073	-0,184	-2,017	1,630	0,643

3.2.2 AS TABELAS DE VALORES LEXICAIS (TVL) – LÉXICOS PREFERENCIAIS

As Tabelas de Valores Lexicais resultam do cálculo do desvio reduzido de todos os itens lexicais de cada variável. Obtido pela aplicação da técnica da discriminação do valor de cada item lexical em função do conjunto da variável e do *corpus*, o léxico preferencial dá a distribuição preferencial dos itens lexicais, ou seja, a ordenação dos itens lexicais por ordem decrescente de preferência de emprego no texto (ordem decrescente de desvios reduzidos), o que significa relacioná-los pelo seu valor na constituição do texto e do discurso. O léxico preferencial revela a arquitetura de cada texto, seus itens lexicais preferenciais, seu eixo temático: todo desvio reduzido positivo acusa um uso privilegiado; em torno da média reduzida a zero, um uso normal; negativo, um uso rejeitado. Daí, as noções estatísticas, respectivamente, de vocabulário preferencial ($Z \geq +1,96$ ou $+2$), vocabulário básico (Z entre $-1,96$ e $+1,96$) e diferencial ($Z \leq -1,96$ ou -2).

Esses vocabulários permitem-nos destacar as temáticas na zona preferencial, as gramáticas específicas nas zonas preferenciais igualmente, assim como o léxico representativo da expressão banalizada, o suporte da temática, nas zonas básicas.

Do mesmo modo, destaca-se, nas zonas básicas, o suporte gramatical básico.

As TVL revelam, pois, a estratificação do léxico, pondo em relevo as características de emprego dos itens lexicais e destacando os elementos fundamentais da estrutura temática e articuladora do discurso.

Daí o valor dos itens lexicais e as escolhas preferenciais que revelam corresponderem à orientação discursiva.

Para melhor discernir as características dos textos em estudo, importa, ainda, observar outras variedades de vocabulário. Assim, além das variedades de vocabulários que correspondem à estratificação do léxico em zonas de acordo com os empregos preferenciais dos itens lexicais, podem-se considerar três outros tipos: (a) vocabulário exclusivo (ou particular) – itens exclusivos de uma dada variável; (b) vocabulário de exclusão – inexistente na variável considerada (em comparação com as outras variáveis), reunindo, pois, itens lexicais ausentes numa variável, mas presentes em outra ou em outras variáveis; (c) vocabulário específico – vocabulário de síntese que, em função de finalidades do estudo, obedece a critérios

de reagrupamento de itens (por associação léxica, semântica ou temática) pela técnica da lematização¹⁸⁴, com o cálculo do valor do novo vetor obtido.

Uma amostra do léxico preferencial da variável T1 (partes inicial e final de cada tipo de vocabulário) é apresentada a seguir. Relacionam-se, nas listas, cinco tipos de colunas: a primeira refere-se à ordem de classificação; a segunda – do léxico – registra os itens lexicais; a terceira, a sua frequência no total do *corpus*; a quarta, a sua frequência na variável; e a quinta, o seu valor lexical – valor pelo desvio reduzido; assinalam-se os vocabulários em que se subdivide o léxico – preferencial, básico e diferencial.

TABELA 4 – LÉXICO PREFERENCIAL DA VARIÁVEL T1

Ordem	Léxico	Total	T1	Valor
VOCABULÁRIO PREFERENCIAL				
1	muito	135	78	8,000
2	gosto	50	38	7,766
3	trabalho	27	23	6,780
97	ambiente	21	10	2,109
98	posso	11	6	2,043
99	acho	50	20	2,042
VOCABULÁRIO BÁSICO				
100	também	54	21	1,939
101	ao	22	10	1,930
102	tipo	7	4	1,784
823	três	13	1	-1,578
824	bom	32	4	-1,864
825	pode	16	1	-1,880
VOCABULÁRIO DIFERENCIAL				
826	ano	23	2	-1,990
827	os	49	7	-2,025
828	éh	29	3	-2,035
837	era	29	1	-2,870
838	ela	39	2	-3,093
839	você	81	5	-4,246

3.3 O TRATAMENTO ESTATÍSTICO – APLICAÇÃO DE TESTES ESTATÍSTICOS

Pelas limitações de espaço, limita-se a abordar, aqui, a aplicação dos testes de normalidade da distribuição lexical e de correlação.

3.3.1 TESTE DE NORMALIDADE DA DISTRIBUIÇÃO LEXICAL DAS VARIÁVEIS

A normalidade da distribuição lexical das variáveis é determinada pelo teste do Khi 2 de Fisher, realizado a partir da TDR, em que cada variável é considerada de modo independente em relação ao todo. O Khi 2 é a soma do quadrado do desvio reduzido médio das variáveis em estudo. Para calcular-se o Khi 2, primeiro é calculada a soma dos desvios reduzidos (Z) para cada variável, dividindo-se a soma pelo número de linhas e, depois, é calculado o quadrado, para ser feita a soma das variáveis. Todos esses cálculos e os gráficos correspondentes são automaticamente efetuados pela macro. A normalidade da distribuição lexical está exposta no cabeçalho da TDR, Tabela 3, e representada graficamente na figura seguinte.

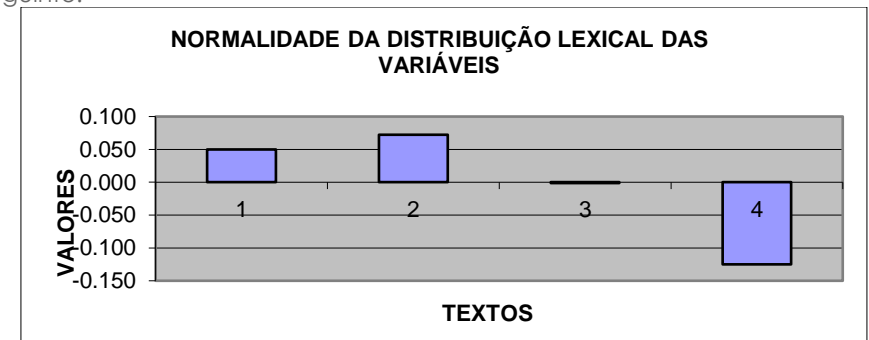


Figura 1 – Normalidade da Distribuição Lexical das Variáveis

Interpretam-se os resultados com a ajuda da Tabela do Khi 2 de Fisher¹⁸⁵. Se a distribuição lexical das variáveis se insere na faixa de variação, trata-se de distribuição normal e centrada, indicando um *corpus* equilibrado e homogêneo. Quanto mais próximas do zero estiverem as variáveis, mais normais e centradas.

O gráfico da normalidade da distribuição lexical das variáveis também salienta a qualidade da distribuição lexical de cada variável: é a observa-

¹⁸⁴ Recurso disponível na planilha 5 da macro do **Excel** que acompanha o STABLEX.

¹⁸⁵ Tabela do Khi 2 de Fisher: Zilda; Camlong, 2002: anexo 3; Camlong, 1996: 48.

ção dos desvios reduzidos médios com base nos valores da Tabela Normal¹⁸⁶ (centrada reduzida) que indica a qualidade de cada uma das variáveis, em função da percentagem dos itens que estão centrados em torno da média.

É preciso, ainda, justificar, plenamente, as razões da ligação entre as variáveis. Nesse caso, é utilizado o método estatístico de correlação entre as variáveis.

3.3.2 TESTE DE CORRELAÇÃO ENTRE AS VARIÁVEIS

Para medir, discriminar e interpretar a natureza exata das ligações e das diferenciações lexicais entre as variáveis, isto é, para avaliar uma variável a partir do conhecimento exato de outra – grau de dependência e independência das variáveis (análise vetorial da TDF) e, por consequência, a partir daí, para reconhecer e justificar as razões textuais e discursivas, aplica-se o método estatístico de correlação entre as variáveis¹⁸⁷.

Em outros termos, o estudo da correlação das variáveis, ou seja, o estudo da relação do léxico de uma variável em relação ao léxico de outra ou de outras variáveis, realizado a partir da TDF, destaca a imagem representativa da configuração espacial do *corpus*, permitindo representar graficamente, quer dizer, geometricamente, o espaço ocupado por cada variável. A tabela 5 expõe os resultados da aplicação do teste de correlação ao *corpus* de estudo.

TABELA 5 – CORRELAÇÃO ENTRE AS VARIÁVEIS

T1	T2	T3	T4	
Coeficiente médio de correlação	0,945	0,950	0,956	0,945
1,000	0,929	0,954	0,898	
0,929	1,000	0,931	0,940	
0,954	0,931	1,000	0,940	
0,898	0,940	0,940	1,000	

3.4 A EXTRAÇÃO DE SEQUÊNCIAS TEXTUAIS

A extração de sequências textuais (ou seja, de recortes discursivos, ou concordâncias, ou listas de itens lexicais em seus contextos no *corpus*) –

ferramenta do *Stablex* – faz-se por recurso aos textos, em função de finalidades de estudo. O recurso aos textos para a extração de sequências permite o estudo mais preciso da significação discursiva de itens ou conjunto de itens.

A título de exemplificação, segue recorte discursivo do item *né?*, extraído da variável T1, o qual exhibe, também, marcadores conversacionais.

Ah isso é difícil de responder, né? Ahn... basicamente, veja bem, eu... eu... eu estudo, leio e trabalho; meu horário, não muito regular, porque as aulas variam; ahn quer dizer, às vezes, tenho aula... começa às duas; ahn ahn ahn às vezes, é de manhã; quer dizer... e variam muito o horário, mas, basicamente, a minha vida é... é... é estudar e... e dar aula, né?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ferramenta informática já é parte constitutiva das pesquisas que envolvem o tratamento de *corpora* linguísticos, e a matemática, pelo viés da estatística paramétrica, a fornecedora dos elementos analíticos necessários à compreensão do discurso.

Tendo em vista a extensão e a finalidade deste tipo de texto, buscou-se dar mostras das possibilidades de análise de textos pelo programa STABLEX, ferramenta do método quantiquantitativo de análise de textos de André Camlong, desenvolvida especialmente para aplicações linguísticas, que faz mais do que simplesmente acelerar e facilitar o trabalho de tratamento de textos: fornece, de forma confiável e segura, porque embasada por métodos e critérios científicos, indicadores para uma análise das características temáticas e da estrutura argumentativa do discurso, algumas vezes, reforçando, outras orientando hipóteses prévias.

É na avaliação dos resultados que entra o papel do pesquisador, cuja sensibilidade não é substituída por máquinas ou técnicas, mesmo as mais aperfeiçoadas.

BIBLIOGRAFIA

¹⁸⁶ Camlong, 1996: 53.

¹⁸⁷ Procedimentos para o cálculo dos coeficientes e matriz de correlação estão expostos em Camlong, 1996:83-124.

BIBER, Douglas; CONRAD, Susan; REPPEN, Randi (1998). *Corpus Linguistics - Investigating Language Structure and Use*. Cambridge: Cambridge University Press.

BRAGAZZA, Daniela Fregonese (2005). *SUBLIMES PORMENORES: escolhas lexicais privilegiadas na composição das personagens e das temáticas em contos de Machado de Assis*. São Paulo. Tese (Doutorado em Letras - Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. /Disponível na Coleção Didática da Biblioteca Central da FFLCH/USP/.

CAMLONG, André (1996). *Méthode d'analyse lexicale textuelle et discursive*. Paris: C.R.I.C. & OPHRYS.

CAMLONG, André; BELTRAN, Thierry (2004). *Stable version PC*. São Paulo: Pirus Tecnologia.

CAVALCANTI, Edenis Gois (2005). *A Estatística e a Semiótica: imbricação de olhares sobre textos neotestamentários*. São Paulo. Dissertação (Mestrado em Letras - Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. /Disponível na Coleção Didática da Biblioteca Central da FFLCH/USP/.

GASPAR, Neide Ferreira (2013). *Estudo das traduções para o francês de Gabriela, cravo e canela a partir de um diálogo entre Camlog e Torop*. São Paulo. Tese (Doutorado em Letras - Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. /Disponível na Coleção Didática da Biblioteca Central da FFLCH/USP/.

GASPAR, Neide Ferreira (2005). *Mágico, Fantástico, Maravilhoso: em busca dos elementos constituintes de um realismo onírico*. São Paulo. Dissertação (Mestrado em Letras - Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. /Disponível na Coleção Didática da Biblioteca Central da FFLCH/USP/.

MARTINS FERREIRA, João (2000). *O Discurso de Fernando Pessoa em Mensagem*. São Paulo. Tese (Doutorado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. Disponível em <<http://www.artemusical.com/martinsferreira>>.

SAMPAIO, Maria Cristina Hennes (2002). *Democracia, cidadania e produção de um espaço público democrático em tempos de globalização: práticas discursivas entre Estado-Sociedade no movimento grevista da educação em Pernambuco (1987-1990)*. São Paulo. Tese (Doutorado em Letras - Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas,

Universidade de São Paulo. /Disponível na Coleção Didática da Biblioteca Central da FFLCH/USP/.

SANTOS, Márcia Angélica dos (2008). *Quando as veredas se encontram: diálogos entre a Estatística e a Semiótica em uma abordagem de seis contos de Guimarães Rosa*. São Paulo. Tese (Doutorado em Letras - Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. / Disponível na Coleção Didática da Biblioteca Central da FFLCH/USP/.

Zapparoli, Zilda Maria; Camlong, André (2002). *Do Léxico ao Discurso pela Informática*. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 256 p. + CD-ROM.

Zapparoli, Zilda Maria (2006). Análise lexical, textual e discursiva: uma abordagem quantitativa. In: I CONGRESSO INTERNACIONAL, I., Universidade de Navarra, Pamplona, 2002. *Actas - I*. Pamplona: Arco / Libros, pp. 835-849.

Zapparoli, Zilda Maria (1997). Considerações sobre a utilização de novas tecnologias na análise do léxico do português falado culto de São Paulo. Preti, Dino, org., *O discurso oral culto*. São Paulo: Humanitas Publicações - FFLCH/USP. pp. 151-173. (Projetos Paralelos, v.2).

Zapparoli, Zilda Maria (2009). *Sistema CorPor - versão desktop*. Disponível em: <<http://www.corpor.flch.usp.br>>.

ZAPPAROLI, Zilda Maria (2010). Tratamento de corpora informatizados por programas de análise linguística para estudos do português falado de São Paulo. *Boletim da Academia Galega da Língua Portuguesa*. Santiago de Compostela: Academia Galega de Língua Portuguesa, n. 3, p. 87-112. ISSN 1888-8763.

Zapparoli, Zilda Maria (2002). Um pouco da história da análise informatizada do léxico no Brasil. Nunes, José Horta; Petter, Margarida, orgs., *História do Saber Lexical e Constituição de um Léxico Brasileiro*. São Paulo / Campinas: Humanitas / Pontes, pp. 223-253.

9. POESIAS ESCOLHIDAS (AUTOR CHRYS CHRYSTELLO)

574. SOLETRAS AUTONOMIA, 2013 CHRYS

ilhas de névoas e gaze
de novelões e conteiras
do verde e do azul
ó gente de basalto
quem canta a tua gesta?

terras de maroiços
cais de rola-pipas
mar imenso abraçado
lacerado por vulcões

ilhas de bardos e músicos
republicanos presidentes
poetas, pintores e artistas
anteros, nemésios e natálias

quem te liberta das grilhetas
do passado feudal
da escravatura da fé
do atavismo ancestral?

soletras autonomia
gaguejas liberdade
titubeias emancipação
com laivos de insubmissão
como a irmã galiza
cícias um 25 de abril
que tarda em chegar

594. AUTONOMIAS NOMINAIS, 2013 **SU MARGARIDO**

“para saberes quem te governa descobre quem não podes criticar”
Voltaire

hoje acordei sem voz
sem mãos,
sem pés
sem coração.

habito nove ilhas de mil cores
arquipélago de mil autores
num fiasco de autonomia
pobreza sem alegria

na independência poucos confiam
em busca de subvenções porfiam
melhor é ficar mudo e quedo
viver dos subsídios esmoleres
submissos e acomodados
pobres despreocupados

servos enfeudados
ingénuos explorados
na eterna espera de Godot
de um Mandela que não nasceu

assim se explicam os açores
ilhas de mil e uma dores

579. BANDEIRA POR DESFRALDAR, 2013 **LUCIANO**

quero cantar armas e brasões assinalados
faustos doutrora que poucos igualaram
em vez de chorar corruptos governantes
dilatando pátrias vetustas

quero cantar navegadores e descobertas
missionários e colonizadores
em vez de chorar vendedores de pátrias
de troicas estrangeiras marionetas

quero cantar guerras e batalhas
expulsões de castelhanos e mouros
em vez de chorar um país vendido
à especulação bancária e ao IV reich

quero cantar a vizinha galiza livre
celta, orgulhosa, ancestral
em vez de chorar a repressão
e extermínio por castela

quero cantar liberdade, igualdade e fraternidade
em vez de chorar esta escravatura
o silêncio e o medo sem futuro
que nos impõem
até que alguém sem hesitações
nem temores
se erga e vá
desfraldar a bandeira dos açores

510. LANCHA DO PICO 2011 **CHRYS**

lá vem a lancha
lá vem
traz imigrantes, viajantes

memórias vãs por limar
da terra, do fogo
do tempo sem prazo
da fome e do medo
das socas de milho
das pedras por maroiçar

votaram com os pés
fizeram-se ao mar
sem botes nem baleias
para a lonjura das amercas
novas vinhas por esmoutar

voltam abonados
impantes de dólas
sem sueras nem albarcas
ao rossio do mar
lampeiros, apatacados
emigrantes mendigos
de memórias por aparar
perderam as terras
ganharam o mar

lá vem a lancha
 lá vem
a bordo não traz ninguém
picarotos perdidos
 como só esta ilha tem

comem e bebem
reveem parentes
 e gente de bem
perdidos em tempos idos
repetem saudades dos entes
sabe-se lá de quem

apadrinham festas e procissões
pagam dízimos e promessas
missas por alma de quem partiu

emigrados em amarcanas missões
lágrimas da ilha que os repeliu
do sangue fizeram vinho
do magma medraram uvas

em terra de rola pipas
debouçam bocainas, traveses e jarões
plantam casas e novos luxos
nas ilhas vazias de gente
com leiva de memórias idas
musgo de antepassados
à espera de filhos e netos
sem regressos nem partidas

lá vem a lancha
 lá vem
vazia
 já não traz ninguém

504. VOLITANDO 2011 SU MARGARIDO

vieram os deuses
plantaram ilhas
onde dantes havia água
nasceu a ilha-mãe,
havia a mãe-ilha, outra era marilha,
uma a ilha menina, outra ilha-filha
nove irmãs
filhas de poseidon e de afrodite
nascidas da espuma do mar
nos montes verdes
rugia o dragão
cuspiam chamas
tremia o chão
secavam ribeiras
vomitavam magma
chovia o trovão
de thor filho de odin
esquecido das gentes e animais
pobres escravos e colonos
amanhadores de rochas e fomes
desbravadores de minguas
crentes e temerosos
orando promessas seculares
criam no destino sentindo-se culpados
ainda hoje penam
liberdades que não pagam dízimos
votam com os pés da emigração
a libertação de todas as cangas

mas voltam sempre
romeiros em promessas várias
açorianos até ao tutano
sem alforrias nem autonomias
perenes escravos destas ilhas
escrevem a história que poucos leem.

534. AÇORIANICES 2011 LUCIANO

disseram para falar de hortênsias
plantar a palavra mar e algum sal
lugares comuns de bruma
azáleas, camélias, novelões,
confeiras, milhafres e cagarros
e assim se cria um escritor açoriano

houve mesmo quem acreditasse
autores nasceram assim
nas ilhas e na estranja
ganharam prémios, foto no jornal
o governo pagava e promovia
era uma primeira açorianidade

desta janela de neblina
avisto o mar em desalinho
mas sem hidranjas
nem açores a esvoaçar
nem vacas alpinistas
não terei nome no basalto

cantarei o arquipélago da escrita
sem títulos nem honrarias
sem adjetivos telúricos
sem versos de rima quebrada

não é açoriano quem quer
mas quem o sente.

545. SAL 2012 CHRYS

sempre que vou ao mar
na boca fica-me um travo a sal
sempre que vou à galiza
os lábios falam-me de portugal

e em goa, timor ou macau
no brasil ou cochinchina
nunca me sinto mal
sândalo, cravinho e canela
arroz-doce, bebinca, balachão
a língua que nos une tem sal
nela me deito e me deixo vogar
nesse oceano da lusofonia
sem ventos nem adamastores
navegam todas as naus
todos irmãos num só mar
bandeiras do mundo sem passaporte
esta a nossa cantiga de embalar
sonhos, utopias por provar.

517. A ILHA DE TODOS OS MEDOS 2011 SU MARGARIDO

uma ilha pode ser de todos
onde quer que se habite
viver na ilha é quase um naufrágio
respirar sob as águas turvas
viajar através do corpo submerso
vir à tona turbulenta
partir da ilha sem sair dela
levá-la para mundos outros
recriar a origem em qualquer destino
crenças, festas e procissões

uma ilha pode ser de todos
mas só alguns a usufruem
poucos exibem como passaporte
sem pudor de regionalismos
atraso, incultura, insucesso
secular canga feudal, ancestralidade
alheados na negação da açorianidade
vencendo na escrita fora da ilha
arrogância, ostracismo, solidão
sotaques polidos, discursos em vão

uma ilha pode ser de todos
deneguem anátemas e maldições
contra ilhanizados e açorianizados
albardem-se oportunistas da literatura
acoutados em rótulos de ocasião

enjeitem escritores renegados
tertúlias de Lisboa a Coimbra
promovam-se os que se não promovem
pedreiros do magma e lava
que sentem o que escrevem
que redigem a alma única
sabor a mar e terramotos

uma ilha pode ser de todos
merece-a quem a habita
uma ilha pode ser de todos
os livros a quem os lê
a escrita a quem a fabrica
em relação de bordo¹⁸⁸
na ilha de nunca mais¹⁸⁹
raiz original e comovida¹⁹⁰
com lágrimas de gente feliz¹⁹¹
estude-se a cor ciclame¹⁹²
na distância deste tempo¹⁹³
quando Deus Teve Medo De Ser Homem¹⁹⁴
e era o príncipe dos regressos¹⁹⁵
em a sombra de uma rosa¹⁹⁶
quando havia almas cativas¹⁹⁷
no contrabando original¹⁹⁸
estava o mar rubro¹⁹⁹
de histórias ao entardecer²⁰⁰

exaltem e reeditem
o lavrador de ilhas²⁰¹
nas escadas do império²⁰²
marinheiro com residência²⁰³
plantador de palavras vendedor de lérias²⁰⁴

¹⁸⁸ Cristóvão De Aguiar

¹⁸⁹ Fernando Aires

¹⁹⁰ Cristóvão De Aguiar

¹⁹¹ João De Melo

¹⁹² Maria De Fátima Borges

¹⁹³ Marcolino Candeias

¹⁹⁴ Daniel De Sá

¹⁹⁵ Eduardo Bettencourt Pinto

¹⁹⁶ Eduardo Bettencourt Pinto

¹⁹⁷ Roberto De Mesquita

¹⁹⁸ J. Martins Garcia

que foi ao mar buscar laranjas²⁰⁵
e eu fui ao pico e piquei-me²⁰⁶
à boquinha da noite²⁰⁷
nos silos do silêncio²⁰⁸
em a ilha grande fechada²⁰⁹

era desta açorianidade
que vos queria falar
medram poetas nestas ilhas
contistas, ensaístas,
novelistas, romancistas
narradores contadores,
dramaturgos, sonhadores

deixai-me hastear a bandeira deste povo
e gritar o que lhe vai na alma
uma ilha pode ser de todos
onde quer que se habite
ninguém a ama ou deseja
como os que nela se querem
sejam nascidos e vividos,
ou apenas trasladados
com raízes que nenhum machado cortará
colhendo flores que só o poeta cantará
voando quimeras que só o vate sonhará

uma ilha pode ser de todos
onde quer que se habite
deixai que a chame minha
quero-a só para mim
mãe de todas as filhas
mar de todas as ilhas

¹⁹⁹ Dias De Melo

²⁰⁰ Fernando Aires

²⁰¹ J H Santos Barros

²⁰² Vasco Pereira Da Costa

²⁰³ Urbano Bettencourt

²⁰⁴ Vasco Pereira Da Costa

²⁰⁵ Pedro Da Silveira

²⁰⁶ Álamo Oliveira

²⁰⁷ Dias De Melo

²⁰⁸ Eduíno De Jesus

²⁰⁹ Daniel De Sá

ela pode ser de todos
a ilha de todos os medos

563. QUANDO MORRER, 2012 LUCIANO

quando eu morrer
não declare nada
que eu não tivesse dito
não elogie nem critique

quando eu morrer
não vá ao meu velório
nem mande flores
escreva uma frase lapidar
e publique-a

quando eu morrer
faça uma festa
leia um poema meu
beba um bom champanhe francês
fume um cubano
seja politicamente incorreto
como eu seria

quando eu morrer
sem ver luz ao fim do túnel
vou esquecer muitas coisas
mas pedirei à minha mulher
que me construa novo taj mahal

564. POLIR SÓIS COM UMA PENEIRA 2012 CHRYS

polir textos é como arear pratas
dissipa-se a sujidade
mas o fulgor que resta
cintila com menor valia

polir amizades é como sacudir o pó
com a gentileza de uma pena
nada se perde nem se transforma
basta um gesto, um telefonema
uma SMS, uma mensagem
talvez apenas um *like* no Facebook
como se fosse natal todos os dias

polir matrimónios é complicado
questão de sorte e perícia
em panos de fina seda
como limar diamantes em bruto
pode quebrar a agulha ou o casamento
e em vez de 24 ficam 6 quilates

polir países é arriscado
as limas devem ser amoladas
à prova de lóbis e desgovernos
cortam-se as esquinas angulosas
talham-se as aparas mais finas
em areias de fina brancura

é como ir ao alfaiate do tempo
encomendar um fato por medida
para dar com a cor do cabelo
ir ao barbeiro do futuro
fazer a barba que não se tem
e há o risco de cortar o país todo
talhar pessoas
trinchar tradições
sem memória
nem história
serrar distritos, fender concelhos
encurtar fronteiras até ao mar
até finar portugal em praias e arribas

polir palavras é bem mais fácil
corta-se uma folha de papel em a4
verifica-se a tinta nos tinteiros
gravam-se caracteres como granito
basalto, quartzo ou ametista
lavram-se sulcos como rios
erguem-se sombras como montanhas
sombras de marés vivas ou mar chão
deixa-se a marinar em banho-maria
leva-se ao lume brando com pitada de sal
junta-se pimenta a gosto e louro e basilicão
retira-se do fogo e serve-se a gosto

sempre ansiei ser poeta
navegar em utopias

escrever cardápios de vida
imensos e belos como o oceano
livres e úteis como o ar
na solidão dos mares açorianos

617. GEOMETRIAS, 2013 SU MARGARIDO

a elipse veio à janela
mordaz sorriu com malícia
lenta, descreveu um círculo
com um dichote brejeiro
triangulou um piscar de olho
e numa hipérbole sensual
com uma risada estrídula
sentou-se quadrada no meu colo

571. CÂNTICO QUÂNTICO AÇORIANO, 2013 LUCIANO

se os escritores soubessem física quântica
saberiam como as suas obras se disseminam

uma partícula associada à sua antipartícula
um anti-b-mesão associado ao b-mesão
mas deteriorando-se mais depressa que o b-mesão
no meio da maléfica antimatéria
vagueando pelo universo pluriverso

se os escritores soubessem física quântica
viveriam todos nos açores
pois é aqui que o alter ego é a chave
da maior questão da existência
como nasceu e como vai morrer
este nosso universo

515. A NAU SEM ESCORBUTO 2011 CHRYS

arribou nesta praia deserta
a nau sem escorbuto
sem mastro nem pendão
sem carga nem marinhagem
sem especiarias do oriente
nem arroz do sião ou malaca
sem pérolas de ormuz
nem diamantes da índia

sem cavalos das arábias
nem marfim das áfricas
fora de cochim a meca
de ternate a timor
sem compradores
nem lusitanos feitores

nesta açoriana praia deserta
longe do mar eritreu
há mouros e judeus conversos
cristãos por batizar

os senhores dos açores
ocupam lugares de proa
a barlavento das gentes
não vieram de calecute
nem estiveram em cipango
não cuidam da pimenta do reino
da noz-moscada, do cravo-da-índia
do açafraão, anis, gengibre e canela
não foram a banda, ceilão ou malucas

os senhores dos açores,
que não é terra de gentios
chamam-lhe sua e de mais ninguém
como samorim a regem
feitos marajás em palácios
ofertam bugigangas aos nativos
promessas vãs e eleitorais

sentado na ameia
frente à seteira
em castelo sem pendão
envio migas de letras
a todos sem literário pão
crónicas avulsas de vidas vividas
pecados sem perdão

e o povo sem saber da fome
do frio que aí vem
das vacas que se foram
do leite que não mungiram
dos campos que não araram
das colheitas que não comeram

feliz vota nos que prometem
sempre a mesma solução

lá fora há guerras sem pátrias
mutilados e estropiados
cá já temos sem-abrigo
drogaditos e malfeitores
assaltantes, meliantes
económicos dissabores
da troica que tudo leva
e cobra dívidas que herdamos
de tantos ditos senhores

não há santos que nos valham
nem procissões e andores
preces e velas acesas
romeiros de todas as dores
somos um povo infeliz e abúlico
sem sonhos nem destemores
vergados ao duro peso
de vis especuladores

da história magnânima nem sombras restam
nem bardos nem cantores
nem escribas dedicados

o povo sofrendo medos
erros grosseiros
enganos ledos
sem naus nem caravelas
sem espadas nem aduelas
sem especiarias nem língua franca
cantando fados a tétis com paixão
com futebol e telenovelas
e fé sem outra afeição

o povo escravo de novo
sofre consternado
às dívidas acorrentado
à mingua de dízimos e outros enfados
sem contar os créditos mal parados
come demagogia e paga iliteracia
santa liberdade e democracia
chora lágrimas de crocodilo

lendo jornais desportivos
com as letras aprendidas
nas novas oportunidades

o povo sofrendo fomes e enfermidades
vendia os anéis e comia os dedos
emigrava quando podia
queixava-se da sorte caipora
temia do governo as novidades

a geração rasca a parva passara
timidamente na crise despontara
bancos enriqueciam na austeridade
à custa da plebe e do suor já suado
de brandos costumes acostumado
não descera às ruas este povo
faltava-lhe força e inteligência
nem era gleba de novo
antes novos ricos da indigência

ancorada a nau fmi de novos reis
em terra de pagãos e infiéis
não daria berloques aos nativos
apenas a chibata e o chicote
as grilhetas de trabalhos cativos
sem abrigo nem culote

e um poeta solitário
no alto do seu castelo
gritava a bom gritar
mas não o ouviam as massas
sem perder tempo para se educar
e acreditavam nos seus donos
compradores de votos
com promessas a acenar
o jardim à beira-mar plantado
há muito inculto e estiolado
ia fenecendo devagar
sem gente para o cuidar
e dos vindouros muitos virão
dizer que o poeta pressagiava
o fim desta bela nação.

573. FADOS E SAMBAS, 2013 SU MARGARIDO

ser ilhéu é um fado triste
entoado como um samba alegre
cantigas ao desafio
cantoírias desgarradas

os corpos e as palavras
pintam realidades inesperadas
todos ficam todos partem
em dia de são vapor
tão longe sempre perto
em calafonas e canadás

ser ilhéu é um fado triste
entoado como um samba alegre
manta remendada de nove cores
tapete voador da saudade
sementes da memória
nas paredes do tempo
rasgando o silêncio
mundos mágicos sem chave

e eu ilhéu de abril
filho de muitas ilhas
choro este fado

588. AS 4 IDADES DO HOMEM, 2013 LUCIANO

adoro as quatro idades do homem
infante de sonhos húmidos
mil e um futuros sem pressas
adolescente de sonhos psicadélicos
a pressa do futuro que se pode perder
a meia idade de sonhos pesadélicos
com a lentidão de quem viveu
a necessidade de contemplar o vivido
reviver conquistas esquecer amarguras
na última etapa sem sonhos délicos
sem medos e sem futuro
esperando encontrar a alma
sem alzheimer nem demências

576. ONDE OS AÇORES NÃO VOAM, 2013 CHRYS

tu que nasceste açoriano
nem vais acreditar
onde os açores não voam

não bebi café em ouarzazate
não fui aos 2 mil anos de persépolis
não cacei leões na gorongosa
não comi chicharrinhos em rabo de peixe
não vi pedra nem os budas de bamiyan
nem vi índios de roraima
não fumei ganza nas praias de goa
nem fui em adoração a katmandu
nunca cheguei a machu picchu
nem a hotel de gelo nórdico
nadei na areia branca em dili
em cheoc van em coloane
em bondi de sydney
em kuta beach de bali
em pattaya tailandesa
no bidé das marquesas de s. martinho do porto
na praia azul de espinho
nas águas límpidas de daydream island
nas areias de byron bay
banhei as mãos em tijuca
as cataratas do niágara molharam-me
vi o sol a pôr-se na lapónia
e a nascer em bobonaro
vi sóis, luas, mares e céus
no faial, pico e flores
e nas 3 ilhas santas dos açores
nadei em rotnest island
comi em fremantle
dormi em towal creek comara
vivi em prahran e falls creek
waverley, centennial park
maroubra, coogee e randwick
cottesloe e claremont
lecidere em dili
leiria, tomar e mafra
campo lindo, maria pia e amial
sou de bragança sem lá ser parido
sou australiano sem lá ter nascido

carrego frações da galiza e do brasil
de cristãos novos e alemães
minhotos e marranos
das cruzadas até áfrica
onde nunca estive

e de todos esses locais
que terás de buscar num mapa
encontrei as tuas ilhas
nelas serei açoriano até morrer.

646. ENQUANTO DORMIAS A NOVA ESCRAVATURA CHEGOU, 2013 LUCIANO

nenhum de nós é livre
enquanto ao teu lado
 houver fome
 miséria
 desemprego
hoje são os outros
amanhã serás tu
passaram 40 anos

nenhum de nós é livre
enquanto abril não se cumprir

590. A ALMA DOS POETAS, 2013 CHRYS

não sei da alma dos poetas
nem mesmo da do ramos rosa
não conheço o cheiro da poesia
nem mesmo do nuno júdice
nem sei a cor de qualquer verso
nem mesmo do alexandre o'neill
perco-me em mayakovsly
visito o uivo de allen ginsberg
por entre as denúncias de daniel filipe
e os alertas de lawrence ferlinghetti

não sei da alma dos poetas
não sei nem dos poetas
emigraram todos desgostosos
fugiram envergonhados

desta escravidão que nos impõem
destas grilhetas invisíveis

meros robôs em mundos alternativos
comandados à distância
dentro de um jogo de computador
a que insistimos em chamar vida
e alguém joga com ela
sem o sabermos

não sei da alma dos poetas
não sei dos poetas
não sei da vida
mas conheço muitos poetas
e perco-me nas suas obras

sei do álamo oliveira
do vasco pereira da costa
de eduardo bettencourt pinto
do urbano bettencourt
do eduíno de jesus
do emanuel félix
da brites araujo
da joana Félix
judite jorge
luísa ribeiro,
luísa soares
madalena férin
renata correia botelho
e tantos outros e outras

mas a minha alegria maior
é chamar-lhe amigos
a todos os que ainda estão vivos

620. AO ÁLAMO OLIVEIRA, 2013 LUCIANO

nesta modorra matinal
parado na contemplação de mar
lendo murmúrios com vinho de missa ²¹⁰
ignoro os corpos e as areias
olvido copos e sereias

²¹⁰ Álamo Oliveira, 2013

e imagino que o mundo acabou
pode ter sido um asteroide
ou tsunami ou vulcão
e nós aqui na calma açoriana
sem saber nem sentir
continuamos a fruir a vida

se o mundo acabasse agora
não daríamos conta
nem o padre raúl nos salvava
nem a professora lucília o narrava

627. À BRITES ARAÚJO, 2013 CHRYS

imagino a brites araújo
de cravo na mão e bandeira na outra
gritando a plenos pulmões
que esta liberdade é merecida
que a rua é dos poetas
que o 25 de abril não é de todos
mas será sempre para todos
mesmo para aqueles que o negam

imagino a brites araújo
de manifesto na mão e megafone na outra
declamando a poesia da liberdade
as conquistas irreversíveis
e sei que ela estará lá
quando os esbirros vierem
feitos controladores do pensar
sei que abrirá o peito às balas

e o sangue que jorrar
será poema e arma
e o corpo desvanecido
será escudo e estandarte
para que a liberdade não morra
nem haja estertor do povo
com ela será 25 de abril sempre

que ninguém nos cala
e a voz dos poetas
troca mais que a da bala

541. JOANA FÉLIX POETA FELIZ QUE NÃO FÉNIX 2012 CHRYS

joana caminhava
nas areias negras
carregando a cruz pesada
dos sapatos do pai escritor
não deixava pegadas
na leveza do seu ser
era onda era maré
maremoto de palavras
figura gentil e frágil
caravela de mil descobertas
era ela quem escrevia amor
nas entrelinhas do pai
acordou e era poeta
na leveza do seu ser
por mérito próprio
nascera de novo
joana de mil sorrisos
porto de mil abrigos
cais de mil partidas
estas as palavras que eu disse
e joana se fez livro e partiu
à descoberta do mundo
que era seu como o infinito
neste rio sem margens
nascido na praia com aban
trazia nos cabelos a brisa do mar
e nos lábios as cerejas geladas do japão
dizia que depois de escritas as palavras tinham vida
mas ainda não tinha aprendido a vivê-las
com os anjos que habitam na terra

625. RIBEIRA SUBMERSA (À MARIA LUÍSA SOARES), 2013 LUCIANO

aqui nos moinhos
sem submersa ribeira
revisito os poemas
palavras gémeas
doutras águas

a vida em imagens curtas
no paradoxo do ser-não-ser

reinvento o espanto
nas rédeas do vento
na memória da ribeira
que já não ruma ao mar

587. AÇORES UMA ANTOLOGIA NO FEMININO, 2013 CHRYL

eram mulheres de capote
de xaile ou manto pela cabeça
súbditas do feudalismo
escravas dos seus maridos
rainhas das cozinhas e das preces
na lavoura, na pesca e no demais
sempre silentes e resignadas
iletradas e crentes
submissas e humildes
hoje no século xxi são a voz
são a palavra e o canto
aqui honramos a sua obra
salvé judite jorge, joana félix,
renata correia botelho, natália correia,
madalena férin, madalena san-bento
brites aráujo, luísa ribeiro, luísa soares
nove mulheres, de prosa e poemas
nove escritoras para nove ilhas
a voz atlântida libertada

507 TANTO MAR (AO VASCO) [2011] LUCIANO

tanto mar
e não cabem nele
os teus fogos ocultos
tanto mar
e nele flutua
a tua prosa
entre nuvens escrevo
pairando sobre as ilhas
te deram vida
sustento
inspiração
tanto mar
tanta montanha
vulcões por trepar

marroços por construir
baleias por capturar
no teu pequeno bote
prenúncio de liberdades
cravos e rosas
espinhos
espigas
da prainha do pico
à heroica angra
ao choupal das letras
pescador de palavras ilhíadas
lavrador de poemas
tanto mar
e não cabem nele
teus livros por acabar.

523. A PAZ ZEN DO EDUARDO (BETTENCOURT PINTO) 2011 CHRYL

não esqueço as tuas palavras
o tom suave das tuas falas
lavrador de verbos
com medo de ferir as terras
arando sentenças
como se fossem seres vivos
estás de bem contigo e com o mundo
pacifista de vocábulo fácil
nem na imagética és agressivo
entras a medo
como quem pede desculpa
e sais fotografando
sorrateiro para não incomodar o ar
que respiras sem sofreguidão
tens o sofrimento e a dor
em sulcos profundos na alma
reclusos da poesia
que ainda não escreveste
prisioneiros invisíveis
carregas a dor de muitos mundos
oculta em véus diáfanos

falas mansamente para não ofender
lentas palavras na construção do mundo
não acalentas raivas ocultas
dialogas com as tuas fotos
condescendes com os humanos
partilhas a felicidade
de estar e de ser
únicas certezas que transportas
mas também sorris
como a criança que não foste
como o adolescente que não pudeste ser
como o jovem adulto que te obrigaram a viver
convertes mágoas em alegrias
partos difíceis e resignados
alquimias de amarguras

das aves sabes o voo tangencial
das plantas o ciclo vital
das ondas que são o teu leito
avistas as estrelas que te alimentam

a poesia é questão de minorias
só os privilegiados leem
menos ainda a entendem
dizem que escrevê-la é fácil
mas difícil é o que fazes
vives a poesia no teu dia-a-dia
a ti, irmão da palavra
obrigado por acreditares
em ti, como em Gedeão
o sonho comanda a vida
(ah! como eu gostava
de ser poeta
viver outras vidas

utopia).

589. A DAMA DE GAZE (A DANIEL DE SÁ NA SUA MORTE), 2013 LUCIANO

a dama de gaze veio na bruma
sorradeira, silente, sem avisos
com passos de veludo
e mensagem nas mãos
trazia apenas um título
escritor, maia

assim, sem mais delongas
sem discutir nem tergiversar
levou o autor
ficamos todos mais pobres e sós

teremos de o reler
e de novo cavaquear
terçar argumentos

e quando a bruma voltar
lembraremos o daniel de sá
que a dama de gaze levou

**521. PITT MEADOWS KWANZA AÇORES, AO EDUARDO BETTENCOURT PINTO 2011
CHRYS**

nasceste na savana com pés de basalto e lava
viveste na terra dos grandes desertos da áfrica meridional
mas o teu rio é kwanza que acaba aos pés de luanda
terra de surf na bela baía
teu nome é de magma ancestral
nasceste do fogo e da água
com raízes na ilha-mãe que buscas entender
teu nome não é pradaria em pitt meadows
mas belos trígais na british columbia
zona alagadiça de deltas e lagos
maple ridge e o rio pitt são teus parceiros
mas não esqueces o calor de áfrica
nem a humidade arquipelágica
divides a vida entre amores e pátrias distantes
fazes da escrita uma fotografia
já que não retratas a poesia
mas algo nos une que não as palavras
o mar imenso que nos separa

644. AO CRISTÓVÃO DE AGUIAR 2011 LUCIANO

descobriram no pico
maroiços milenares
piramidais construções
corredores ocultos
sem origem nem fim conhecido
falaram de fenícios, cartagineses

gente da pré-história
mas a verdadeira pirâmide
é a universal biblioteca
da nova alexandria
reside mais a norte
em s miguel arcanjo
numa atulhada falsa
é lá que todas as noites
os livros se põem a dançar
partilham baíhos e saber
da universidade da açorianidade
trocaram impressões
dão conselhos e citações
sob o olhar grave e atento
do cristóvão de aguiar

529. HOMENAGEM A NATÁLIA CORREIA 2011 CHRYSS

hoje
decididamente
vou escrever um poema
dedicado aos feriados
que nos roubaram
decreto
que todos os dias
feriados sejam abolidos
os dias da semana
também
e para não esquecermos
tais dias e feriados
se comemorem todas as datas
ao domingo

e seja domingo todos os dias

(e se nos convertermos ao catolicismo
não poderemos trabalhar ao domingo)

*em homenagem a Natália Correia –
Poema destinado a haver domingo
Deixem ao dia a cama de um domingo
Para deitar um lírio que lhe sobre.
E a tarde cor-de-rosa de um flamingo
Seja o teto da casa que me cobre*

*Baste o que o tempo traz na sua anilha
Como uma rosa traz abril no seio.
E que o mar dê o fruto duma ilha
Onde o Amor por fim tenha recreio.*
Natália Correia, Poesia Completa, Publicações Dom Quixote 1999

624. PERMANÊNCIAS (À JUDITE JORGE), 2013 LUCIANO

esta gente daqui e dali
até do litoral onde já fui
tem todo o tempo do mundo
nas permanências da judite jorge

esta gente daqui e dali
tem o respeito e o medo
o isolamento e a distância
onde estudar é um gólgota
contra tudo e todos até à fuga

esta gente daqui e dali
só tem futuro fora da ilha
mesmo sem sair dela

nas permanências da judite jorge
esta gente daqui e dali
viaja um roteiro belo
no difícil equilíbrio das agruras

esta gente daqui e dali
entre ter e ser
ficar e partir
tece a açorianidade

572. DEZOITO ANOS DEPOIS (À NI), 2013 CHRYSS

quando te conheci
cheiravas a flores silvestres
hoje sabes a frutos maduros
entretanto houve primaveras nos olhos
e outonos nas mãos
e os sois que passaram não encobriram as nuvens
e as luas que despontaram não pararam as marés
e os eclipses foram fugazes

como esta vida que prolongamos
enquanto nos deixarem viver

559. ALABOTE 2, 2012 (AO VASCO E AO EDUARDO) LUCIANO

o mar de novo
e sempre
as ondas e a espuma
sem sabor a maresia
esperma salgado do atlântico
não se vive sem mar
numa ilha

622. ESTE TEMPO 14/8/2013 LUCIANO

este tempo
que voa sob meus pés
é neto do tempo
que não deambulava
na minha juventude

509 (MARIA NOBODY, 2011) CHRYS E LUCIANO A DUAS VOZES

maria nobody
de todos ninguém
de alguém
de um só
maria nobody
com body de jovem

maria só minha
assim te sonho
assim te habito

maria nobody
de todos ninguém

maria nobody
mãe
amante
mulher
minha maria

maria nobody
de todos ninguém
nem sabes a riqueza
que a gente tem

maria nobody
de todos ninguém

maria só minha
dos filhos também
maria nobody
mais ninguém tem.

(ouça aqui a versão musicada por Ana Paula Andrade tocada em Seia 2013: <https://www.lusofonias.net/documentos/sons-e-poesia-col%C3%B3quios/1358-20%C2%BA-2013-seia-6-m%C3%BAsica-poema-maria-nobody-2-de-chrys-chrystello.html>)



ATAS/ANAIS 2014

XXI COLÓQUIO DA LUSOFONIA
TERRACE CAFÉ O MOINHO, PORTO
FORMOSO, S. MIGUEL, AÇORES



XXI COLÓQUIO DA LUSOFONIA – AICL
ISBN: 978-989-8607-03-4

A LUSOFONIA ATLÂNTICA

MOINHO TERRACE CAFÉ, PRAIA DOS MOINHOS, PORTO FORMOSO, SÃO MIGUEL, AÇORES
24 – 27 ABRIL 2014